DECRETO Nº 303, de 30.07.1962 ..... **16**
Aprova o Regimento da Comissão de Promoção de Oficiais *16*

DECRETO Nº 666, de 28.07.1964 ..... **18**
Baixa o Regulamento de Promoções de Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo (R-16) *18*

DECRETO Nº 780. de 2.10.1964 ..... **23**
Acrescenta parágrafo ao artigo 6º e dá nova redação ao artigo 24 do Decreto nº 666, de 28.7.1964 (R-16) *23*

DECRETO Nº 030-N, de 12.12.1969 ..... **23**
Regulamenta a concessão do Salário-Família *23*

DECRETO Nº 481-N, de 21.11.1973 ..... **25**
Complementa a estrutura básica do Conselho Estadual de Trânsito, constante da Lei nº 2.482, de 24.12.1969, e dá outras providências *25*

DECRETO Nº 866-N, de 20.07.1976 ..... **26**
Regulamenta a Casa Militar *26*

DECRETO Nº 1.522-E, de 06.09.1977 ..... **30**
Dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares das Praças e dá outras providências *30*

DECRETO Nº 1.567-E, de 26.12.1977 ..... **31**
Institui e regulamenta a Medalha "Mérito Militar" da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo e dá outras providências *31*

DECRETO Nº 1.568-E, de 26.12.1977 ..... **32**
Institui e regulamenta a Medalha "Vasco Fernandes Coutinho" da Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências *32*

DECRETO Nº 1.569-E, de 26.12.1977 ..... **34**
Institui e regulamenta a Medalha "Valor Policial Militar" da Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências *34*

DECRETO Nº 1.124-N, de 31.03.1978 ..... **36**
Estende o Regulamento de Promoções de Praças aos Músicos e Corneteiros da PMES *36*

DECRETO Nº 1.221-N, de 28.10.1978 ..... **37**
Regulamenta o regime de trabalho do funcionário estudante, disposto nos arts. 74, inciso XXV e 176 da Lei nº 3.200/1978. ..... *37*

DECRETO Nº 1.315-N, de 11.06.1979 (REVOGADO) **37**
Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Espírito Santo *37*

DECRETO Nº 1.419-N, de 10.06.1980 ..... **37**
Institui o Prêmio Escolar "Soldado Aldomário Falcão" *37*

DECRETO Nº 1.421-N, de 16.06.1980 ..... **38**
Institui o Prêmio Escolar "Cel Francisco Eugênio de Assis" *38*

DECRETO Nº 1.432-N, de 11.08.1980 ..... **38**
Transforma e organiza a Diretoria de Pessoal *38*

DECRETO Nº 1.484-N, de 13.11.1980 ..... **38**
Dispõe sobre o Auxílio-Natalidade e Auxílio Especial por Adoção *38*

DECRETO Nº 1.499-N, de 12.12.1980 ..... **40**
Aplica à PMES o Auxílio-Natalidade e Auxílio Especial por Adoção *40*

DECRETO MUNICIPAL Nº 6.273, de 01.04.1981 ..... **40**
Institui premiação ao Aluno Soldado que mais se distinguir no CFSd *40*

DECRETO Nº 1.529-N, de 03.04.1981 ..... **40**
Dispõe sobre o Regulamento de Movimentação para Oficiais e Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo e dá outras providências *40*

DECRETO Nº 1.611-N, de 30.12.1981 ..... **44**
Regulamenta a Lei nº 3.449/1981, que cria o FUNREPTRAN *44*

DECRETO Nº 2.371-N, de 01.06.1982 ..... **46**
Transfere para a Polícia Militar do Estado o cadastramento do seu pessoal *46*

DECRETO Nº 1.655-N, de 08.06.1982 ..... **46**
Regulamenta a Lei nº 3.459/1982, que concede Pensão Especial aos beneficiários do policial militar da ativa e dá outras providências. *46*

DECRETO Nº 1.680-N, de 16.08.1982 ..... **47**
Aprova Quadro de Pessoal Civil da Polícia Militar do Espírito Santo, sob Regime da CLT *47*

DECRETO Nº 1.690-N, de 28.10.1982 ..... **50**
Regulamenta a concessão do 13º Salário-Férias *50*
- *A expressão "13º salária-férias" foi substituída por "13º vencimente", pelo art. 1º da Lei nº 4.752, de 08.01.1993* *50*

DECRETO Nº 2.569-E, de 06.05.1983 ..... **51**
Cria a Companhia de Polícia Feminina (Cia P Fem) *51*

DECRETO MUNICIPAL Nº 6.654, de 03.08.1983 ..... **51**
Institui premiação para Cursos de Formação da Polícia Militar *51*

DECRETO Nº 1.812-N, de 31.10.1983 ..... **51**
Regulamenta o estágio de estudantes nos Órgãos da Administração Pública Estadual *51*

DECRETO Nº 1.818-N, de 17.11.1983 ..... **53**
Dispõe sobre o afastamento de servidores para fins que menciona *53*

DECRETO Nº 1.854-N, de 09.02.1984. ..... **53**
Altera o Decreto nº 1.812-N/1983 ..... *53*

DECRETO Nº 1.942 – N , de 03.10.1984 ..... **53**
Institui a Medalha "SESQUICENTENÁRIO" *53*

DECRETO Nº 2.125-N, de 12.09.1985 ..... **54**
Regulamenta a função do Corpo de Bombeiros *54*

DECRETO Nº 2.145-N, de 24.09.1985 ..... **62**
Regulamenta a agregação do policial militar e o "exercício de função de natureza policial militar ou de interesse policial militar" *62*

DECRETO Nº 2.184-N, de 27.11.1985 ..... **62**
Institui o Hino Oficial da PMES: "A Canção do Soldado Capixaba" *62*

DECRETO Nº 3.382, de 20.10.86 ..... **63**
Dispõe sobre a concessão de bolsa de estudos aos alunos de Curso de Formação Profissional *63*

DECRETO Nº 2.420-N, de 27.02.1987 ..... **64**
Dispõe sobre o pagamento do 13º Salário-Férias *64*
- *A expressão "13º salário-férias" foi substituída por "13º vencimento", pelo art. 1º da Lei 4.752, de 0.01.1993* *64*

DECRETO Nº 2.438-N, de 04.05.1987 ..... **64**
Dispõe sobre solicitações de informações pela PGE *64*

DECRETO Nº 2.444-N, de 27.05.1987 ..... **64**
Disciplina horário de trabalho no Serviço Público Estadual *64*

DECRETO Nº 2.447-N, de 02.06.1987 ..... **65**
Institui a obrigatoriedade e disciplina a declaração de bens pelo servidor público, e dá outras providências *65*

DECRETO Nº 2.490-N, de 12.08.1987 ..... **66**
Determina a remessa à SEAR da relação contendo o nº de diárias concedidas *66*

DECRETO nº 95.247 – de 17 .11.1987 ..... **66**
Regulamenta a Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, que institui o Vale-Transporte, com a alteração da Lei nº 7.619, de 30 de setembro de 1987 ..... *66*

DECRETO Nº 2.541-N, de 21.10.1987 ..... **69**
Proíbe o tráfego de veículos do Estado nos fins de semana e feriados e nos horários noturnos *69*

DECRETO Nº 2.612-N, de 27.01.1988 ..... **70**
Dispõe sobre Modelos de Cédulas de Identidade do Pessoal da Polícia Militar e dá outras providências *70*

DECRETO Nº 2.568-N, de 14.12.1987 ..... **71**
Estabelece normas para emissão, comercialização e utilização do Vale Transporte na aglomeração urbana da Grande Vitória. *71*

DECRETO Nº 2.633-N, de 28.03.1988 ..... **72**
Regulamenta o Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, Instituído pela Lei nº 4.006/1987 ..... *72*

DECRETO Nº 2.728-N, de 06.12.1988 ..... **79**
Regulamenta a Lei nº 4.100/1988, que institui a obrigatoriedade da declaração de bens pelo servidor público estadual *79*

DECRETO Nº 2.770-N, de 09.03.1989 ..... **80**
Regulamenta a investidura em cargo ou emprego público *80*

DECRETO Nº 4.889-E, de 05.09.1991 ..... **80**
Institui o Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes e dá outras providências. *80*

DECRETO Nº 3.238-N, de 04.10.1991 ..... **82**
Altera o Decreto nº 2.978/1968. ..... *82*

DECRETO Nº 3.268-N, de 06.12.1991 ..... **82**
Altera do Decreto nº 666/1964. ..... *82*

DECRETO Nº 3.317-N, de 24.02.1992 ..... **83**
Reorganiza a Polícia Militar do Espírito Santo *83*

DECRETO Nº 3.388-N de 06.08.1992 ..... **85**
Institui a medalha "Primado da Saúde" *85*

DECRETO Nº 3.405-N, de 04.09.1992 ..... **87**
Dispõe sobre as matérias que o Departamento de Imprensa Oficial publicará gratuitamente no Diário Oficial *87*

DECRETO Nº 3.406-N, de 04.09.1992 ..... **87**
Dispõe sobre a padronização dos atos administrativos relativos a pessoal do Serviço Civil do Poder Executivo publicados no Diário Oficial *87*

DECRETO Nº 3.410-N, de 14.09.1992 ..... **88**
Dispõe sobre a compra de animais para a Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências *88*

EMENDA REGIMENTAL Nº 005/92,de 23.10.92 ..... **89**
Competência para processar e julgar *89*

DECRETO Nº 3.508-N, de 07.04.1993 ..... **89**
Cria o Brasão de Armas da PMES *89*

DECRETO Nº 5.472-E, de 12.04.1993 ..... **90**
Cria a Comissão de Controle de Produtos Perigosos no Estado do Espírito Santo *90*

DECRETO Nº 3.547-N, de 18.06.1993 ..... **90**
Dispõe sobre a Gratificação de Magistério *90*

DECRETO Nº 3.552-N, de 29.06.1993 ..... **90**
Institui normas complementares do cerimonial público *90*

DECRETO Nº 3.577-N, de 10 de agosto de 1993 ..... **95**
Dispõe sobre Gratificação de Atividade de Saúde *95*

DECRETO Nº 3.659-N, de 21.02.1994 ..... **95**
Altera o Decreto nº 1.812-N/1993 ..... *95*

DECRETO Nº 3.666-N, de 17.03.1994 ..... **95**
Aprova o Regulamento do Comando Geral da Polícia Militar *95*

DECRETO Nº 3.678-N, de 12.04.1994 ..... **96**
Inclui no Decreto nº 666/1964, restrição de benefícios para determinadas promoções. *96*

DECRETO Nº 3.739-N, de 15.08.1994 ..... **96**
Número de personalidades agraciadas na data comemorativa do aniversário do HPM. *96*

DECRETO Nº 3.788-N, de 12.12.1994 ..... **96**
Atribui, mensalmente o Vale-Refeição aos servidores militares da ativa *96*

DECRETO Nº 3.815-N, de 24.02.1995 ..... **97**
Dispõe sobre a ação conjunta de fiscalização a ser desenvolvida pela Secretaria de Estado da Fazenda, Prefeitura Municipal e Secretaria de Estado da Segurança Pública *97*

DECRETO Nº 3.820-N, de 16.03.1995 ..... **97**
Revoga as disposições contidas no Decreto nº 3.777-N/1994 ..... *97*

DECRETO Nº 3.821-N, de 16.03.1995 ..... **98**
Aprova Quadro de Organização da Polícia Militar *98*

DECRETO Nº 3.831-N, de 06.04.1995 ..... **98**
Suspende as locações ou renovações de contrato de aluguel de veículos de qualquer natureza. *98*

DECRETO Nº 3.833-N, de 19.04.1995 ..... **99**
Constitui comissão especial de análise das normas e procedimentos da fiscalização e acompanhamento físico-financeiro de convênios, contratos, acordos e ajustes celebrados com os órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual *99*

DECRETO Nº 3.850-N, de 25.05.1995 ..... **100**
Aprova o Quadro de Organização da PMES. *100*

DECRETO Nº 3.853-N, de 06.06.1995 ..... **100**
Altera o Decreto nº 666/1964 ..... *100*

DECRETO Nº 3.854-N, de 06.06.1995 ..... **100**
Precedência funcional do Coronel QOPM Diretor de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo *100*

DECRETO Nº 6.467-E, de 11.04.1995 ..... **100**
Dispõe sobre as solicitações para liberação de recursos do Tesouro para pagamento de servidores, revoga o Decreto nº 5.907-E/1994, e dá outras providências *100*

DECRETO Nº 3.870-N, de 24.07.1995 ..... **103**
Dispõe sobre modelos de cédulas de identidade da Polícia Militar *103*

Decreto nº 3.882-N, de 25.08.1995 ..... **104**

DECRETO Nº 6.534-E, de 10.08.1995 ..... **104**
Obriga aos Órgãos do Poder Executivo a observância de medidas de contenção de gastos públicos *104*

DECRETO Nº 6.710-E, de 26.04.1996 ..... **105**
Dispõe sobre os procedimentos em local de acidente de trânsito *105*

DECRETO Nº 3.990-N, de 31.05.1996 ..... **108**
Dispõe sobre identificação de veículos pelo Poder Executivo *108*

DECRETO Nº 3.991-N, de 03.06.1996 ..... **108**
Regulamenta a Lei Complementar nº 77/1996 ..... *108*

DECRETO Nº 3.993-N, de 17.06.1996 ..... **109**
Regulamenta a Lei Complementar nº 72/1995, que cria o FUNREPOM *109*

DECRETO Nº4.071, de 14.01.1997 ..... **111**
Aprovado o Quadro de Organização da PMES *111*

DECRETO Nº 4.091-N, de 27.02.1997 ..... **111**
Torna sem efeito o Decreto nº 4.089-N/1997 ..... *111*

DECRETO Nº 4.092-N, de 27.02.1997 ..... **111**
Institui o Documento único de Arrecadação – DUA *111*

DECRETO FEDERAL Nº 2.196, de 04.03.1997 ..... **112**
Dispõe sobre o Conselho nacional de Segurança Pública – CONASP, e dá outras providências *112*

DECRETO Nº 6.934-E, de 20.03.1997 ..... **112**
Delega ao Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos a competência para proceder as autorizações de afastamento dos servidores, para cumprimento de mandato classista em associação de classe, sindicatos, federação e confederação *112*

DECRETO Nº 4.095-N. de 21.03.1997 (REVOGADO) **113**
Regulamenta os arts. 53 a 56 da Lei Complementar nº 46/1994 ..... *113*

DECRETO Nº 4.096-N, de 21.03.1997 ..... **113**
Fixa data limite para término de cessão de servidores do Poder Executivo Estadual a outros Órgãos *113*

DECRETO Nº4.099-N, de 24.03.1997 ..... **114**
Normatiza os pagamentos de valores em atraso oriundos de revisão de proventos, publicação de promoções e etc *114*

DECRETO Nº 4.101-N, de 08.04.1997 ..... **114**
Altera o Decreto nº 4.096-N/1997 ..... *114*

DECRETO Nº 4.115, de 19.05.1997 ..... **115**
Regulamenta a Lei nº 5.294/1996, que instituiu o Programa de Incentivo ao Desligamento Voluntário no Serviço Público – PDV *115*

DECRETO FEDERAL Nº 2.222, de 08.03.1997 ..... **116**
Regulamenta a Lei nº 9.437/1997, que institui o Sistema Nacional de Armas – SINARM; estabelece condições para o registro e para o porte de arma de fogo; define crimes e dá outras providências *116*

DECRETO FEDERAL Nº 2.243, de 03.06.1997 ..... **120**
Dispõe sobre o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas *120*

DECRETO Nº 4.135-N, de 03.07.1997 ..... **141**
Aprova Quadro de Organização da PMES (inclui Cel QOPM na DS) *141*

DECRETO Nº 4.144, de 28.07.1997 ..... **141**
Institui Fórum Estadual de Segurança e Educação de Trânsito – FEST *141*

DECRETO Nº 4.155-N, de 20.09.1997 ..... **141**
Altera o Decreto nº 3.547/1993, que dispõe sobre Gratificação de Magistério na PMES. *141*

DECRETO Nº 2.327, de 23.09.1997 ..... **142**
Dispõe sobre a coordenação do Sistema Nacional de Trânsito, composição do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN, e dá outras providências. *142*

DECRETO Nº 4.170-N, de 02.10.1997 ..... **142**
Regulamenta o art. 20 da Lei nº 5.361/1996. ..... *142*

DECRETO Nº 4.176-N, de 08.10.1997 ..... **144**
Institui o cadastramento anual dos servidores estaduais aposentados, civis e militares da administração direta do Poder Executivo Estadual e pensionistas. *144*

DECRETO Nº 7.058-E, de 29.10.1997 ..... **145**
Fica instituído o Comitê Estadual do Reserva do Biosfera do Mata Atlântica do Estado do Espírito Santo *145*

DECRETO Nº 3.784, de 06.11.1997 ..... **146**
Regulamenta a Lei Municipal nº 1.413/1997. que autoriza o custeio de alimentação e combustível para as Polícias Militar e Civil *146*

DECRETO Nº 4.190-N, de 26.11.1997 ..... **147**
Dispõe sobre a liberação de veículos apreendidos na operação de transporte coletivo irregular de passageiros, em ações do Convênio firmado entre CETURB/GV, DETRAN/ES e PMES *147*

DECRETO Nº 4.201-N, de 24.12.1997 ..... **147**
Fixa o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio para o exercício de 1998 ..... *147*

DECRETO Nº 4.207-N, de 30.12.1997 ..... **147**
Dá nova redação a dispositivos do Decreto nº 666/1964 ..... *147*

DECRETO Nº 4.210-N, de 08.01.1998 ..... **148**
Dá nova redação a dispositivos do Decreto nº 2.728-N/1988. ..... *148*

DECRETO Nº 4.214-N, de 15.01.1998 ..... **148**
Dispõe sobre regulamentação dos prazos para início dos Cursos de Adaptação Peculiar previstos na Lei nº 5.575/1998 ..... *148*

DECRETO Nº 4.222- N , de 28.01.98 ..... **148**
Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 5567, de 07 de janeiro de 1998, que instituiu a complementação de aposentadoria e pensão para os servidores públicos segurados do Regime Geral de Previdência Social e dá outras providências. *148*

DECRETO Nº 4.235-N, de 05.03.1998 ..... **150**
Precedência funcional do Coronel QS (Diretor de Saúde) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, ... *150*

DECRETO Nº 4.240-N, de 09.03.1998 ..... **150**
Aprova QO da PMES, retirando o Cel QOPM da DS *150*

DECRETO Nº 4.246-N, de 23.03.1998 ..... **150**
Aprova os dísticos do Curso de Polícia Interativa *150*

DECRETO Nº 4.251-N, de 27.03.1998 ..... **150**
Aprova o Regimento Interno do Conselho Superior de Gestão da Segurança Pública – CONGESP, criado e incluído pela Lei complementar nº 99/1997. ..... *150*

DECRETO 4.252-N, de 27.03.1998 (REVOGADO) **153**
Dispõe sobre recrutamento e seleção através de concurso público na administração pública estadual de valores para contratação de profissionais que atuem no processo seletivo e dá outras providências *153*

DECRETO Nº 4.246-N, de 23.03.1998 ..... **153**
Aprova os dísticos do Curso de Polícia Interativa *153*

DECRETO Nº 4.258-N, de 14.04.1998 ..... **153**
Aprova normas que disciplinam procedimentos de sistema de administração de material nos órgãos da Administração Direta... *153*

DECRETO Nº 2.532, de 30.03.1998 ..... **156**
Dá nova redação ao §1º do art. 28 do Decreto nº 2.222/1997. ..... *156*

DECRETO Nº 7.126-E, de 24.04.1998 ..... **156**
Institui o grupo de trabalho para propor a regulamentação do Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado do Espírito Santo *156*

DECRETO Nº 4.270-N, de 30.04.1998 ..... **156**
Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Policia Militar do Estado do Espírito Santo *156*

DECRETO Nº 4.265-N, de 22.04.1998 157
Fica instituído o Projeto de Desenvolvimento e Implantação do Sistema Integrado de Administração dos Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo – SIARHES..... 157

DECRETO Nº 7.132-E. de 07.05.1998..... 158
Altera o Decreto nº 1.568-E/1997 158

DECRETO Nº 4.289-N, de 15.06.1998 158
Provimento de acesso dos órgãos do Poder Executivo Estadual à INTERNET 158

DECRETO Nº 4.294-N, de 01.07.1998 158
Altera o Decreto nº 1.522-E/1977 158

DECRETO Nº 4.295-N, de 02.07.1998.(REVOGADO)..... 159
Dá nova redação ao art. 2º do Decreto nº 866-N/1976..... 159

DECRETO Nº 7.220-E, de 29.07.1998 159
Dispõe sobre a instituição de Comissão para o fim de promover a integração das ações necessárias ao processo de municipalização do trânsito 159

DECRETO Nº 7.238-E, de 11.08.1998 159
Cria o Programa Estadual de Proteção a Vítimas e Testemunhas de Infrações Penais e aprova seu Regimento interno..... 159

DECRETO Nº 4.328-N, de 28.08.1998 163
Aprova o Quadro de Organização da PMES..... 163

DECRETO Nº 4.332-N, de 04.09.1999 173
Institui e regulamenta a Medalha "Mérito Nestor Gomes"" e dá outras providências..... 173

DECRETO Nº 7.260-E, de 16.09.1998 173
Representantes dos órgãos que integrarão o Conselho de Gestão da Área de Proteção Ambiental Goiapaba-Açu..... 173

DECRETO Nº 4.339-N, de 01.10.1998 174
Regulamenta o art. 54 da Lei Complementar nº 46/1994..... 174

DECRETO Nº 4.352-N, de 02.10.1998 174
Aprova o Regulamento da Lei nº 109/1997, que reestrutura a Seguridade Social dos Servidores Públicos Civis e Militares e seus dependentes do Estado do Espírito Santo 174

DECRETO Nº 4.354, de 04.11.1998..... 176
Dá nova redação a dispositivo do Decreto nº 481-N/1973..... 176

DECRETO Nº 7 304-E, de 13.11.1998..... 176
Institui, no âmbito da SEJUC, o Programa de Direitos Humanos 176

DECRETO Nº 4.360-N, de 17.11.1998 177
Cria e regulamenta a Medalha Colar do Mérito Militar Feminino da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo 177

DECRETO Nº 4.370-N, de 26.11.1998 178
Fixa normas para encerramento do exercício do ano em curso dos órgãos da Administração Direta do Poder Executivo, Entidades Autárquicas e Fundos, que lhe são subordinados 178

DECRETO Nº 4.376, de 10.12.1998 179
Institui o Plano de Prevenção de Acidentes Ambientais com produtos perigosos 179

DECRETO Nº 4.392-N, de 01.01.1999 181
- *Vide Decreto nº 1.018, de 15.05.03..... 181*

Dá nova redação ao art. 2º do Decreto nº 866-N/1976..... 181

DECRETO Nº 7.338-E, de 05.01.1999. 181
Susta pagamentos em folha suplementar de pessoal..... 181

DECRETO Nº 7.339-E, de 05.01.1999. 181
Suspende autorizações para afastamento de servidor público e militar do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública Estadual,..... 181

DECRETO Nº 7.340-E, de 05.01.1999 181
Determina prazo para inventário de bens 181

DECRETO Nº 4.394-N, de 05.01.1999 182
Ementa: Determina o retorno dos servidores públicos estaduais afastados dos órgãos e repartições de origem..... 182

DECRETO Nº 4.395-N, de 05.01.1999 182
Disciplina normas de execução orçamentária para o exercício financeiro de 1999..... 182

DECRETO Nº 4.397-N , de 05.01.1999 182
Determina que o controle, elaboração e o gerenciamento das folhas de pagamento de pessoal deverão ser exercidos pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos 182

DECRETO Nº 4.398-N. de 05.01.1999 182
- *Vide Decretos nº 4.446-N, de05.04.1999,4.521-N,de 21.10.1999 , 4577- n , de 30.12.1999, 4.408-N, de 08.02.1999 ..... 182*

Determina a não renovação dos contratos por prazo determinado e dá outras providências 182

DECRETO Nº 7.342-E, de 11.01.1999 183
- *Vide Decretos nº 4.521- N, de 21.10.1999, 4.577—N de 30.12.1999 e 4.409, de 08.02.1999 ..... 183*

Institui Comissão Geral de Preços 183

DECRETO Nº 7.344-E, de 11.01.1999 183
Dispõe sobre exames médicos para posse em cargo público 183

DECRETO Nº 4.400-N, de 20.01.1999 183
Determina que os benefícios decorrentes de direitos retroativos deverão constar em folha suplementar 183

DECRETO Nº 4.401, de 26.01.1999 183
Dispõe sobre o contingenciamento de Folhas de Pagamento 183

DECRETO Nº 4.403-N, de 27.01.1999 184
Dispõe sobre a Publicidade da Administração Pública Estadual, direta e indireta Sociedades controladas pelo Estado e dá outras providências 184

DECRETO Nº 4.405, de 02.02.1999 184
- *Vide Decretos nº 4.497, de 27.07.1999, 007-R, de07.02.2000. ..... 184*

Determina a guarda interna dos estabelecimentos penais vinculados à Secretaria de Estado de Justiça e da Cidadania, o transporte e escoltas em geral, assistência médica, odontológica e jurídica da população carcerária 184

DECRETO Nº 4.407, de 05.02.1999 185
- *Este Decreto não se aplica aos Militares Estaduais 185*

Regulamenta a Lei complementar nº 137/1999. 185

DECRETO Nº 4.408, de 05.02.1999 185
- *Vide Decreto nº 4.462-N , de 31.05.1999. ..... 185*

Dispõe sobre a adequação da jornada semanal de trabalho de seus servidores à disponibilidade financeira existente e às reais necessidades de funcionamento e atendimento ao público 185

DECRETO Nº 4.049, de 08.02.1999 185
Reduz em até 20% todos os contratos Administrativos celebrados pela Administração Pública Estadual. 185

DECRETO Nº 7.326-E, de 18.02.1999 186
- *Vide Decreto nº 7.628-E, de 29.12.1999. ..... 186*

Bolsa de complementação educacional. 186

DECRETO Nº 4.414, de 25.02.1999 186
Cria o Sistema de Gestão de Recrutamento e Treinamento de Recursos Humanos da Administração Direta, Autárquica, Fundacional e Pessoal das Empresas Públicas 186

DECRETO Nº 4.415, de 25.02.1999 187
Altera o Decreto nº 2.145-N/1985 187

DECRETO Nº 4.416, de 25.02.1999 187
Áreas de interesse estratégico para os fins previstos no Decreto nº 2.145-N/1985 187

DECRETO Nº 4.431, de 26.03.1999 187
Inclui o valor do vale transporte do servidor no contracheque. 187

DECRETO Nº 4.432, de 24.03.1999 187
Extingue gratificações de presença 187

DECRETO Nº 4.436, de 26.03.1999 187
Determina Declaração anual de bens aos servidores públicos 187

DECRETO Nº 4.437, de 26.03.1999 188
Concessão de férias aos servidores celetistas. 188

DECRETO Nº 4.438-N, de 26.03.1999 188
Veda a percepção simultânea de vale-refeição e diárias 188

DECRETO Nº 7.373-E, de 05.04.1999 188
Prorroga o prazo de vigência do Decreto nº 7.339-E/1999. 188

DECRETO Nº 4.445-N, de 05.04.1999 188
Aprova o Regulamento de Uniformes e Insígniass da PMES 188

DECRETO Nº 4.446-N, de 05.04.1999 195
- *Vide Decretos nº4.521-N, de 21.10.1999 e 4.577-N, de 30.12.1999 ..... 195*

Prorroga prazos fixados pelos Decretos nº 4.399-E/1999, 7.338-E/1999, nº 7.339-E/1999 e nº 4.398-N/1999 195

DECRETO Nº 4.449-N, de 13.04.1999 (REVOGADO). 195
- *Revogado pelo Decreto nº4.543-N, de 30.11.99. ..... 195*

Determina a homologação das Escalas de Serviço Extra pela Secretaria de Estado de Segurança Pública. 195

DECRETO Nº 4.452-N, de 27.04.1999 195
Delimita o valor das contas de telefone celular 195

DECRETO Nº 7.386-E, de 27.04.1999 195
Altera o Decreto nº 1.569-E/1977 195

DECRETO Nº 4.461-N, de 31.05.1999 196
Estabelece horário para atendimento ao público nas repartições da administração direta e autárquicas 196

DECRETO Nº 4.462-N, de 31.05.1999 196
Reduz a jornada semanal de trabalho dos servidores públicos. 196

DECRETO Nº 4.463-N, de 31.05.1999 196
Confirma os atos praticados pelo Exmº Sr. Comandante Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, decorrentes das liminares concedidas nas Ações Judiciais que versam sobre o "Concurso de Admissão ao Curso de Formação de Soldados Masculinos/1996 – CFSD – QPMP/0", disciplinados nos Editais de números 001/1996, de 05.03.1996; 007/1996, de 25.05.1996, 009/1996, de 07.08.1996 e 013/1996, de 29.10.1996. 196

DECRETO Nº 4.471-N, de 15.06.1999 197
Instituí o Sistema Estadual Antidrogas 197

DECRETO Nº 4.479-N, de 17.06.1999 198
Altera o Decreto nº 4.398-N/1999 198

DECRETO Nº 7.437-E, de 25.06.1999 198
Institui o Sistema de Segurança Escolar 198

DECRETO Nº 7.442-E, de 02.07.1999 198
Altera o Decreto nº 1.569-E/1977, sobre data de entrega de Medalhas Valor Policial Militar 198

DECRETO Nº 4.485 – N, de 02.07.99 199
Altera o Decreto nº 4.100-N, de 24.03.1997 199

DECRETO Nº 4.486-N, de 08.07.1999 199
Obriga autorização prévia do Governador nos processos de cessão de bens do Estado 199

DECRETO Nº 4.497-N, de 27.07.1999 199
- *Vide Decreto nº 007-R, de 07.02.00 ..... 199*

Determina a prorrogação da guarda interna dos estabelecimentos penais vinculados à Secretaria de Estado da Justiça 199

DECRETO Nº 4.501-N, de 20.08 1999 199
Institui e regulamenta a Medalha de "Honra ao Mérito à Formação Policial Militar"" da PMES e dá outras providências 199

DECRETO Nº 4.521-N, de 21.10.1999 200
- *Vide Decreto nº4.577-N, de 30.12.99 ..... 200*

Determina que a Corregedoria Geral de Administração – COREG absorva as atividades da Comissão Especial de Renegociação de Contratos Administrativos e da Comissão Geral de Preços. 200

DECRETO Nº 4.522-N, de 22.10.1999 200
Dispõe sobre o hasteamento e arriamento das Bandeiras Nacional e Estadual nos Órgãos do Poder Executivo. 200

DECRETO Nº 4.523-N, de 26.10.1999 201
Pagamento de despesas decorrentes de decisão judicial 201

DECRETO Nº 7.545-E, de 11.11.1999 201
Dispõe sobre delegação de competência de manutenção e administração do HPM à Diretoria de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo. 201

DECRETO Nº 4.538-N, de 30.11.1999 202
Institui o Programa de Reforma dos Órgãos de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, denominado de "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social" 202

DECRETO Nº 4.539-N, de 30.11.1999 ..... **202**
Determina que os valores orçamentários descontingenciados trimestralmente para fazer face às despesas de custeio da Polícia Militar e da Polícia Civil serão prioritária e obrigatoriamente destinados a título de suprimento de fundos *202*

DECRETO Nº 4.540-N, de 30.11.99 ..... **202**
Designa o Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves – IPES para criar indicadores de segurança pública *202*

DECRETO Nº 4.541-N, de 30.11.1999 ..... **203**
Cria as Zonas de Policiamento Integrado -ZPI *203*

DECRETO Nº 4.542-N, de 30.11.1999 ..... **203**
Determina que o Comandante Geral da PMES implante os Corredores de Segurança. *203*

DECRETO Nº 4.543-N, de 30.11.1999 ..... **204**
Determina percentual de 85% de pessoal para a atividade fim *204*

DECRETO Nº 4.544-N, de 30.11.1999 ..... **204**
Proíbe a utilização de veículos para transporte de pessoal. *204*

DECRETO Nº 4.545-N, de 30.11.1999 ..... **205**
Proíbe concursos e promoções por 90 dias *205*

DECRETO Nº 7.562-E, de 03.12.1999 ..... **205**
Determina a guarda interna na Penitenciária Estadual de Linhares e dá outras providências *205*

DECRETO Nº 4.548-N, de 08.12.1999 ..... **206**
Altera o Decreto Nº 4.409-N/1999, que dispõe sobre processos submetidos à COREG. *206*

DECRETO Nº 4.549-N, de 08.12.1999 ..... **206**
Dispõe sobre a aquisição e utilização de passagens aéreas pelos órgãos e entidades públicas *206*

DECRETO Nº 4.550-N, de 08.12.1999 ..... **206**
Torna nulos atos de concessão de pensões especiais. *206*

DECRETO Nº 4.551-N, de 08.12.1999 ..... **206**
- *Vide Decreto nº 4577-N, de30.12.1999* *206*

Estabelece medidas de caráter administrativo visando o combate ao desperdício e práticas abusivas *206*

DECRETO Nº 4.552-N, de 08.12.1999 ..... **207**
Regulamenta o art. 74 da LC nº 46/1994, que trata da consignação em folha de pagamento *207*

DECRETO Nº 4.553-N, de 08.12.1999 ..... **208**
Institui controle eletrônico de horário de serviço de servidores *208*

DECRETO Nº 4.555-N, de 09.12.1999 ..... **208**
Dispõe sobre obrigatoriedade de declaração atualizada sobre acumulação de cargos a ser feita pelos servidores *208*

DECRETO Nº 4.557-N, de 10.12.1999 ..... **209**
Cria estrutura executiva do programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo" *209*

DECRETO Nº 4.558-N, de 10.12.1999 ..... **209**
Designa gerentes executivos do Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo" *209*

DECRETO Nº 4.563-N, de 17.12.1999 ..... **210**
Altera o Decreto nº 4.551-N/1999 ..... *210*

DECRETO FEDERAL Nº 3305, de 23.12.1999 ..... **210**
Dá nova redação ao Art. 28 do Decreto nº 2222, de 08 de maio de 1997, que regulamenta a lei nº 9437, de 20 de fevereiro de 1997 – Porte de Arma. *210*

DECRETO Nº 271-R, de 18.08.2000. ..... **210**
Acrescenta parágrafo único ao Art. 1º do Decreto nº 3.882-N, de 25 de agosto de 1995. ..... *210*

DECRETO Nº 7.628-E, de 29.12.1999 ..... **210**
Fixa quantitativo de vagas de Oferta de Estágio para o ano de 2000. ..... *210*

DECRETO Nº 4.577-N, de 30.12.1999 ..... **211**
Prorroga por 180 dias restrições impostas por outros decretos *211*

DECRETO Nº 4.580-N, de 04.01.2000 ..... **211**
Institui Ambiente Tecnológico do SIARHE *211*

DECRETO Nº 4.589-N, de 26.01.2000 ..... **212**
Altera o Decreto nº 4.543-N/1999 ..... *212*

DECRETO Nº 4.590-N, de 28.01.2000 212
Disciplina a prática dos atos de extinção e declaração de desnecessidade de cargos públicos, colocação em disponibilidade remunerada e de aproveitamento de servidores públicos 212

DECRETO Nº 4.591-N, de 28.01.2000 212
Institui Programa de Recadastramento da Frota 212

DECRETO Nº 4.593-N, de 28.01.2000 213
Atualiza as Normas de Expediente do Poder executivo instituídas pelo Decreto Nº 196-N/1971 213

DECRETO Nº 004-R, de 07.02.2000 218
Institui a Comissão de Controle de Gastos. 218

DECRETO Nº 006-R, 07.02. 2000 219
Extingue a participação do Serviço de Transporte Hidroviário de Passageiros na Câmara de Compensação Tarifária 219

DECRETO Nº 007-R, de 07.02.2000 219
Determina nova sistemática de segurança interna para o IRS, prorrogação da guarda interna e externa dos estabelecimentos penais 219

DECRETO Nº 021-R, de 10.03.2000 220
Determina a continuidade da aplicação do entendimento do Supremo Tribunal Federal, transmitido pelo ofício nº 217/1998, ao Governo do Estado do Espírito Santo 220

DECRETO Nº 020-R, de 02.03.2000 220
Atribui funções ao Administrador Geral de Aviação 220

DECRETO Nº 029-R, de 29.03.2000 220
Transfere para a PRODEST o provimento de serviços de Internet para a Administração Pública do Poder Executivo Estadual .. 220

DECRETO Nº 030-R, de 29.03.2000 220
Institui os Projetos de Desenvolvimento e Implantação do "Sistema Eletrônico de Protocolo (SEP)" e do "Sistema Integrado Administração do Patrimônio Estadual" 220

DECRETO Nº 035-R, de 31.03.2000 221
Institui o Grupo de Trabalho para elaborar o Código de Ética e Disciplina dos Militares Estaduais do Espírito Santo 221

DECRETO Nº 036-R, de 31.03.2000 221
Denomina PRÓ-PAS – Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública, o programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social" 221

DECRETO Nº 041-R, de 06.04.2000 222
Institui o Projeto "Governo da Gente" 222

DECRETO Nº 042-R, de 07.04.2000 222
Determina a não aplicação do disposto nos Decretos nº 4.558-N/1999 de nº 4.543-N/1999 no Subprojeto "Corredores de Segurança Ostensiva" 222

DECRETO Nº 097-R, de 09.05.2000 222
Revoga dispositivos do Decreto nº 4.543-N/1999. 222

DECRETO Nº 107-R, de 17.05.2000 222
Altera o Decreto 031-R/2000. 222

DECRETO Nº 108-R, de 17.05.2000 222
Dá nova redação ao Decreto nº 004-R/2000 222

DECRETO Nº 109-R, de 18.05.2000 223
Determina a prorrogação da guarda interna na Penitenciária Estadual "Carlos Fernando Monteiro Lindenberg" (PECI), localizada em Cachoeiro de Itapemirim e subordinada à Secretaria de Estado da Justiça, e dá outras providências 223

DECRETO Nº 120-R, de 30.05.2000 223
Encaminhamento ao Ministério Público das sindicâncias e processos e/ou procedimentos administrativos disciplinares concluídos e julgados 223

DECRETO Nº 121-R, de 30.05.2000 223
Prorroga até 31.12.2000 a suspensão de promoção e progressão funcional de servidor civil da administração direta e autárquica 223

DECRETO Nº 127-R, de 31.05.2000 223
Altera o Decreto nº 4.092-N/1997 223

DECRETO Nº 145-R, de 09.06.2000 223
Decreta situação de emergência na área de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo. 223

DECRETO LEGISLATIVO Nº 04, de 28.06.2000 224
Susta os efeitos do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, que veda o pagamento de serviços extras aos policiais militares do quadro da Banda de Música da Polícia Militar e Auxiliares de Saúde do HPM..... 224

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO 224
CONSULTA em Relação ao Decreto Legislativo nº 04/00 224

DECRETO Nº 229-R, de 24.07.2000..... 225
Regulamenta a Lei nº 5.794/1998 que trata da venda de uniformes 225

DECRETO Nº 254-R, DE 11.08.2000 225
Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Espírito Santo 225

DECRETO nº 284-R, de 23.08.00 242
Dispõe sobre afastamento de servidor público civil e militar do Poder Executivo..... 242

DECRETO Nº 298 –R, de 29.08.2000 243
Cria Zonas de Polciamento Integrado (ZPI), estabelece rotinas de trabalho entre as Polícias Civil e Militar do Estado do Espírito Santo e determina outras providências..... 243

DECRETO Nº 379-R, de 26.10.00..... 244
Composição do Conselho Estadual de trânsito - CETRAN/ES 244

DECRETO Nº 390-R, de 31.10.00..... 244
Altera o Art. 2º do Dec. nº 4.339, de 01.10.98 244

DECRETO Nº 450-R, de 08.12.00..... 245
Dispõe sobre indenizações de Diárias 245
- *Revogado pelo Decreto nº1282-R, de 12.02.04 ..... 245*

DECRETO Nº 432-R, de 06.12.2000..... 245
Estabelece o gerenciamento centralizado da frota de veículos automotores de uso da Administração Pública Estadual..... 245

DECRETO Nº 455-R, de 11.12.00 245
Dá nova redação ao Art. 5º do Decreto Nº 4471-N, de 15.06.99 245

DECRETO Nº 516-R, de 27.12.2000..... 245
Dispõe sobre a política de recursos humanos das Organizações Policiais e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado..... 245

DECRETO Nº 478-R, de 14.12.2000..... 246
Altera o Decreto nº 421-R, de 28.11.2000..... 246

DECRETO Nº 517-R, de 27.12.00 246
Instalação de Zonas de Policiamento Integrado 246

DECRETO Nº 518-R, de 27.12.00 246
Aplicação de Recursos de Suprimento de fundos 246

DECRETO Nº 519-R, de 27.12.00 247
Estrutura Executiva do PRO-PAS 247

DECRETO Nº 525-R, de 28.12.00 248
Frota de Veículos Automotores do Estado – Gerenciamento Centralizado..... 248

DECRETO Nº 548-R, de 02.01.2001..... 248
Quadro de Organização da PMES 248

DECRETO Nº 549-R, de 03.01.01 249
Normas para Concessão de Diárias 249

DECRETO Nº 551-R, de 10.01.01 249
Estabelece normas de padronização para a publicação do Quadro de Detalhamento de Despesa dos Órgãos do Poder Executivo Estadual..... 249

DECRETO Nº 584-R, de 16.02.01 249
Concessão de horário especial de trabalho ao Servidor Estudante..... 249

DECRETO Nº 554-R, de 15.01.01 250
Emprego de Efetivo Administrativo na Operacionalidade 250

DECRETO Nº 573-R, de 07.02 2001..... 250
Critérios para Admissão de Estagiários 250

DECRETO Nº 615-R, de 14.03.01 251
Padroniza a Caracterização da frota de Viaturas Operacionais 251

DECRETO Nº 634-R, de 02.04.01 252
Altera o Regulamento Disciplinar dos Militares Estaduais, aprovado pelo Dec. Nº 254-R, de 11.08.00 252

DECRETO Nº 675-R, de 24.04.01 252
Ações de controle da violência e da Criminalidade 252

DECRETO Nº 690-R, de 17.05.01 253
Dispõe sobre medidas de redução no consumo de energia elétrica, no âmbito de Poder Executivo Estadual e dá outras providências 253

DECRETO Nº 691-R, de 17.5.01 254
Cria e Redimensiona Circunscrição dos Distritos Policiais subordinados aos DPJ's de Cariacica, Viana, Vila Velha e Serra ... 254

DECRETO Nº 722-R, de 29.5.01 256
Programação Financeira da SEFA 256

DECRETO Nº 728-R, de 31.5.01 257
Aprova o Quadro de Organização da Polícia Militar do Espírito Santo 257

DECRETO Nº 735-R, de 5.6.01 258
Consumo de Energia Elétrica nas Repartições Públicas do Estado 258

DECRETO Nº 747-R, de 11.6.01 258
Projeto "A GENTE DA PAZ' 258

DECRETO Nº 770-R, de 10.7.01 259
Aprova o Quadro de Organização da Polícia Militar do Espírito Santo 259

DECRETO Nº - 798-R, de 01.08.01 260
Abertura de Contas Bancárias 260

DECRETO Nº 883-S, de 24.10.01 260
Dá nova redação ao Art. 15 do Decreto nº 3.410-N, de 14.09.92 260

DECRETO Nº 1.173-S, de 08.11.2001 260
Projeto de Desenvolvimento e Implantação do sistema da Intranet da Segurança Pública. 260

DECRETO Nº 929-R, de 14.11.01 261
Modifica a redação do Decreto nº 4.452-N, de 27.04.1999 261

DECRETO Nº 936-R, de 26.11.2001 261
Participação da sociedade civil na formulação e controle das ações de Segurança Pública 261

DECRETO Nº 947-R, de 03.12.01 263
Dispõe sobre Concurso Público no Estado 263

DECRETO Nº 996-R, de 04.02.02 264
Altera Inciso VIII do art. 1º do Decreto nº 519-R, de 27.12.00 264

DECRETO Nº 990-R, de 29.01.02 264
Sobre Afastamento de Servidor Público Civil e Militar com ônus para o Estado. 264

DECRETO Nº 998-R, de 05.02.02 264
Fixa prazo para manifestação em processos distribuídos aos servidores públicos 264

DECRETO Nº 347-S, de 19.2.02 265
Altera o artigo 1º do Decreto nº 7.545-E, de11.11.99, que trata da competência do Diretor de Saúde da PMES 265

DECRETO Nº 356-S, de 21.02.02 265
Concede Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg" 265

DECRETO Nº 1.011-R, de 05.3.02 265
Altera o Decreto nº 573-R, de 07.02.01, que trata de vagas para estágio nos Órgãos de Segurança Pública 265

DECRETO Nº 1.024-R, de 11.04.02 265
Modifica o inciso 2 do Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985 e dá outras providências.- Função de Natureza PM ou de interesse PM 265

DECRETO Nº 1.025-R, de 17.04.02 266
Cria o "Prêmio Qualidade Espírito Santo – QUALES" e dá outras providências 266

DECRETO Nº 1.037-R, de 29.05.02 266
Dá nova redação aos Art. 5º e 6º do Decreto nº 666, de 28 de julho de 1964 266

DECRETO Nº 1.063-S, de 24.05.02 266
Dá nova redação ao Art. 5º do Decreto nº 4.471-N, de 15.06.1999 266

DECRETO Nº 1.066-S, de 27.05.02 267
Define ações da Secretaria de Segurança Pública no controle da criminalidade no Estado..... 267

DECRETO Nº 1.043-R, de 13.06.02..... 268
Modifica os Distritos Policiais – 23º DP/Serra e 28º DP/Barcelona, do Município da Serra, constantes do ANEXO IV do Art. 7º do Dec. nº 691-R, de 17.05.01..... 268

DECRETO Nº 1.135-S, de 18.06.02 268
Concede Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteriro Lindenberg". 268

DECRETO nº 1.044-R, de 19.06.02 268
Aprova o Regimento Interno da Junta Administrativa de Recursos de Infração do Departamento de Edificações, Rodovias, e Transportes do Estado do Espírito Santo. 268

DECRETO Nº 1.049-R, de 02.07.02..... 270
Aprova o Quadro de organização da Polícia Militar do Espírito Santo 270

DECRETO Nº 1.528-S, de 07.08.02 271
Concede Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg" ao BME/PMES..... 271

DECRETO Nº 1.579-S, de 15.08.02 271
Delega competência ao Cmt Geral da PMES para movimentação de recursos..... 271

DECRETO Nº 1.062-R, de 15.08.02..... 271
Institui Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos e dá outras providências 271

DECRETO Nº 1.063-R, de 15.08.02..... 272
Dispõe sobre o cadastramento previdenciário dos Servidores Públicos Civis e Militares, ativos e inativos da Administração Direta e Indireta, do Estado do Espírito Santo, bem como, dos pensionistas do Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro, e dá outras providências..... 272

DECRETO Nº 1.079-R, de 04.10.02..... 272
Cria o Brasão de Armas da Polícia Interativa da PMES 272

DECRETO nº 1.089-R, de 25.10. 02 273
Institui o Subsistema de inteligência de Segurança Pública do Estado Espírito Santo e dá outras providências..... 273

DECRETO Nº 1.093-R, de 06.11.02..... 278
Juros do Crédito Rotativo 278

DECRETO nº 1.094-R, de 07.11.02 278
Gratificação de Serviço Extra..... 278

DECRETO nº 1.104-R, de 27.11.02 279
Delega competência ao Conselho Deliberativo Fiscal da Caixa Beneficente da Polícia Militar (CDF) para proceder as atualizações que se fizerem necessárias, no Regulamento da Instituição..... 279

DECRETO Nº 1.105-R, de 28.11.02..... 279
Escala de Serviço Extra 279

DECRETO nº 1110-R, de 12.12.02 279
Aprova Normas do Sistema de Administração Patrimonial do Estado, regulamentando a Lei nº 2.583, de 12 de março de 1971.. 279

DECRETO nº 1.111-R, de 12.12. 02 288
Confirmação de atos praticados pelo Comando Geral da PMES, decorrentes de Ações Judiciais dos Concursos QPMP/6 de 1995..... 288

DECRETO nº 1115-R, de 08.01.03 (REVOGADO)..... 289
Dá nova redação ao artigo 2º do Decreto nº 866-N, de 20 de julho de 1976 – Regulamento da Casa Militar 289

DECRETO Nº 250-S, de 27.01.03..... 289
Dispõe sobre medidas administrativas no âmbito da Administração Pública Estadual. 289

DECRETO Nº 251-S, de 27 .01.03 290
Dispõe sobre controle de cessão de servidores do Poder Executivo e dá outras providências. 290

DECRETO Nº 252-S, de 27 .01.03..... 290
Cria o Grupo Especial de Trabalho para avaliar os contratos e convênios no âmbito da Administração Pública Estadual. 290

DECRETO nº 1131-R, de 10.02.03 290
Dispõe sobre a requisição de servidor de outros entes da federação para ocupar cargo em comissão e dá outras providências. . 290

DECRETO nº 1.018, de 15.05.03..... 291
Dá nova redação ao artigo 2º do Decreto nº 866-N, de 20 de julho de 1976. 291

DECRETO Nº 1.153-R, de 03.06.03 ..... **291**
Suspensão de Efeitos de Lei *291*

DECRETO nº 1165-R, de 18.06.03 ..... **291**
Prisão Especial para Militares *291*

DECRETO nº 1.178-R, de 03.07.03 ..... **292**
Normas para Realização de Licitação na modalidade Pregão. *292*

DECRETO Nº 1464-S, de 08.07.03 ..... **295**
Altera o Decreto nº 1.568-E, de 26.12.1977. ..... *295*

DECRETO nº 1632-S, de 05.08.03 ..... **296**
Dá nova redação aos dispositivos do Decreto nº 1.569-E, de 26.12.77. ..... *296*

DECRETO nº 1.201-R, de 21.08.03 ..... **296**
Modifica a reação do Decreto nº 4.452-N, de 27 de abril de 1999 ..... *296*

DECRETO nº 1611-S, de 04.08.03 ..... **296**
Prorroga os efeitos do Decreto nº 250-S, de 27.01.03 ..... *296*

DECRETO nº 1815-S, de 09.09.03 ..... **296**

Cria COGESPAP – Comitê de Gerenciamento da Segurança Publica, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional. **296**

DECRETO nº 1.218-R, de 25.09.03 ..... **297**
Regulamenta a Lei Complementar nº 26 5, de 15.09.03. ..... *297*

DECRETO nº 1226-R, de 10.10.03. ..... **298**
REGIMENTO INTERNO DA CASA MILITAR *298*

DECRETO nº 1242-R, de 21.11.03 ..... **301**
Celebração de convênios de natureza financeira *301*

DECRETO nº 2.399-S, de 23.12.2003. ..... **303**
Medidas de Contenção de Despesas *303*

DECRETO nº 1265-R, de 30.12.03 ..... **303**
Dispõe sobre os limites de utilização de telefones celulares para os Órgãos da Administração Pública Direta, Autárquica e Empresas Públicas no âmbito do Poder Executivo do Estado do Espírito Santo. *303*

DECRETO nº 1273-R, de 29.01.04 ..... **303**
Estabelece os limites para movimentação e empenho da despesa para o exercício financeiro de 2004 e dá outras providências. *303*

DECRETO nº 1.280-R, de 05.02.04 ..... **304**
Horário dos Estagiários da PMES *304*

DECRETO nº 1282-R, de 12.02.04 ..... **304**
Dispõe sobre a concessão de diária no âmbito do Poder Executivo Estadual. *304*

DECRETO nº 1283-R, de 13.02.04 ..... **305**
Dá nova redação ao Art. 31 do RUIPMES, aprovado pelo Decreto nº 4.445-N, de 05 de abril de 1999. ..... *305*

DECRETO nº 179-S, de 18.02.04 ..... **305**
Institui o Sistema de Gerenciamento por Comitês. *305*

DECRETO nº 1294-R, de 10.03.04 ..... **306**
Estabelece os limites para movimentação e empenho da despesa no 2º bimestre do exercício financeiro de 2004 e dá outras providências. *306*

DECRETO nº 1329-R, de 12.04. ..... **306**
Dispõe sobre Documento Único de Arrecadação – DUA. *306*

DECRETO nº 504-S, de 12.05.04 ..... **307**
Controle de Gastos Públicos *307*
Altera Decreto 250-S, de 27.01.03. ..... *307*

DECRETO nº 1287-R, de 20.02. 04 ..... **307**
EXERCÍCIO DE CARGO (AGREGAÇÃO) *307*
Acrescenta o item 4 ao Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985. ..... *307*

DECRETO nº 556-S, de 25.05.04 ..... **308**
Medidas de Contenção de Despesas *308*
Dispõe sobre medidas administrativas no âmbito da Administração Pública Estadual. *308*

- DECRETO nº 1341-R, de 21.06.2004 308
Celebração de Contratos 308

DECRETO nº 1343-R-R, de 30.06.2004..... 308

DECRETO nº 1.370-R, de 19.08.2004..... 309
Acrescenta ao Art. 3º, do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, alterado pelo Decreto nº 1.287-R, de 20.02.2004, o item 5. 309

FIM Nº 0000 309

DECRETO Nº 303, de 30.07.1962

Aprova o Regimento da Comissão de Promoção de Oficiais

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regimento da Comissão de Promoções de Oficiais da Polícia Militar, de que trata o art. 45, da Lei nº 1.142, de 13.11.1956, o qual com este baixa.

Art. 2º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de julho de 1962.

HELSIO PINHEIRO CORDEIRO

(D.O.E. 01.08.1962)

ANEXO AO DECRETO Nº 303, de 30.07.1962

REGIMENTO DA COMISSÃO DE PROMOÇÕES DE OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR

TÍTULO I
DAS DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

CAPÍTULO I

Art. 1º – Este Regimento estabelece as normas complementares à perfeita execução da Lei de Promoções (LP) dos Oficiais da Polícia Militar do Estado, sob nº 1.142 de 13.11.1956.

Parágrafo único – Qualquer caso omisso neste Regimento será solucionado pelo plenário da Comissão de Promoções (CP) por maioria absoluta de votos dos membros presentes.

TÍTULO II
DAS PROMOÇÕES E SEU PROCESSAMENTO

CAPÍTULO II
Das Condições Gerais para Promoção

Art. 2º – As condições para inclusão no Quadro de Acesso para Promoção por qualquer princípio são as previstas nos capítulos III, IV, V e VI da Lei de Promoções.

Art. 3º – Não são incluídos no Quadro de Acesso e até do mesmo serão excluídos, os nomes dos Oficiais que estiverem ou ficarem "sub judice".

Parágrafo único – Para efeito de criteriosa aplicação deste artigo considera-se "sub judice" o Oficial ou Praça denunciados à Justiça pela prática de crime comum ou militar, ou estejam em decorrência de crime, cumprindo sentença proferida por qualquer dos foros respectivos.

Art. 4º – A falta de inspeção de saúde impede o Oficial de ser promovido.

Art. 5º – Para fins de promoção, quando julgado apto o Oficial, sua inspeção será válida por 02 (dois) anos, tendo o mesmo valor daquela a inspeção feita para outras finalidades.

- *Nova redação dada pelo art. 2º Decreto nº 4207 –N, de 30.12.1997.*

Art. 6º – Os documentos que servirem de base à promoção por bravura, serão após essa, remetidos pela autoridade que fizer direta e imediatamente ao Presidente da Comissão de Promoções.

Art. 7º – Para criteriosa aplicação da letra "e" do art. 11 da Lei de Promoções, não se interrompe a contagem do tempo de arregimentação de quem de direito tenha exercido ou esteja exercendo as seguintes funções ou encargos:

I – comandante de contingente ou escolta de qualquer efetivo;
II – comandante de qualquer fração de tropa à disposição da Justiça Eleitoral ou da Polícia Civil;
III – membro de delegação esportiva;
IV – quando em viagem de instrução;
V – na sede da Polícia Militar, quando na chefia efetiva ou interina de qualquer repartição administrativa;
VI – de Assistente Militar ou Ajudante de Ordens;
VII – da Justiça Comum ou Militar (Conselhos de Justiça, Inquérito, Sindicâncias, Capturas, etc.);
VIII – de inspeção ou de estudos de assuntos militares, policiais ou a serviço da Corporação;
IX – outras funções ou encargos não especificados neste artigo, para os quais por imperiosa necessidade do serviço público, houve por bem o Poder Executivo designar o Oficial.

CAPÍTULO III
Da Agregação

Art. 8º – A Comissão de Promoções proporá ao Governador do Estado, por intermédio da Secretaria do Interior e Justiça, a agregação dos Oficiais que, de acordo com o art. 12 da LP devam ser transferidos para a inatividade.

Art. 9º – O Oficial promovido indevidamente ou sem vaga será, por proposta do Comandante Geral, agregado ao respectivo Quadro, deixando de contar antigüidade no novo posto para efeito de promoção até que por direito lhe caiba a vaga.

TÍTULO III
DA COMISSÃO DE PROMOÇÕES

CAPÍTULO IV
Disposições Gerais

Art. 10 – Só poderão integrar a Comissão de Promoções, de que trata o art. 28 da LP, Oficiais da ativa da Polícia Militar, os quais, com exceção do Oficial superior do Serviço de Saúde deverão pertencer ao Quadro Ordinário.

Art. 11 – As reuniões da Comissão de Promoções serão feitas, normalmente, nos primeiros dias úteis de cada trimestre e, extraordinariamente em qualquer época, sempre por convocação do Presidente ou de seu substituto legal.

Art. 12 – A reunião ordinária terá a duração necessária às deliberações constantes da Ordem do Dia, não podendo porém, ultrapassar de três horas consecutivas.

Parágrafo único – O início da reunião extraordinariamente será marcado previamente por ocasião de sua convocação e sua duração será, no máximo de três horas consecutivas.

CAPÍTULO V
Dos Trabalhos da Comissão

Art. 13 – À hora do início da reunião, os membros da CP ocuparão os seus lugares sem outras formalidades.

Parágrafo único – Achando-se presente a maioria absoluta dos membros, o Presidente dará início à reunião. Não verificado esse "quorum", o Presidente aguardará, durante trinta minutos que se complete o número. Se persistir a falta de "quorum", será convocada outra reunião para o primeiro dia útil seguinte.

Art. 14 – O expediente terá a duração máxima de 1 (uma) hora.

Art. 15 – Abertos os trabalhos o Secretário fará a Leitura da ata anterior, que o Presidente submeterá à discussão e votação do plenário, para ser aprovada total ou parcialmente. Se aprovada parcialmente, sofrerá as retificações que o plenário aprovar.

Art. 16 – Aprovada a ata, o Secretário da CP dará conta em sumário, dos documentos despachados pelo Presidente, inclusive os destinados aos relatores.

Art. 17 – Finda a matéria do expediente, o Presidente concederá a palavra ao membro que solicitar, o qual poderá permanecer sentado para exposição de qualquer assunto pertinente à reunião.

Art. 18 – Esgotado o expediente passar-se-á à Ordem do Dia, com a Leitura, pelo Secretário da CP, da matéria que houver de ser discutida e votada.

Art. 19 – As decisões da CP são tomadas por maioria absoluta de votos cabendo ao Presidente o voto de desempate, quando for o caso.
Parágrafo único – Os membros que não concordarem com a decisão adotada pela maioria poderão assinar as respectivas atas com a ressalva "VENCIDO", isentando-se, assim, de responsabilidade.

Art. 20 – Finda a Ordem do Dia, o Presidente, antes de encerrar os trabalhos, poderá conceder a palavra a qualquer membro que dela queira fazer uso para explicação pessoal ou comunicação olvidada no expediente.

CAPÍTULO VI
Da Votação

Art. 21 – A CP adotará dois processos de votação:
a) a descoberto;
b) por escrutínio secreto.
§1º – A votação descoberta, que será a normalmente adotada pela CP, se processará simbolicamente, mediante o seguinte anúncio do Presidente: "os que votam a favor queiram permanecer sentados".
§2º – A votação por escrutínio secreto só se adotará após decisão unânime dos membros da CP presentes à reunião.
§3º – Em caso de ocorrer empate em qualquer desses processos de votação, o Presidente dará o seu voto de qualidade.

CAPÍTULO VII
Das Atas

Art. 22 – De cada reunião será lavrada em livro próprio uma ata, contendo todos os pormenores dos trabalhos, exceto assunto que o Presidente achar por bem censurar por estar em desacordo com as formalidades regimentais.
§1º – Todos os pareceres e questões de ordem, com os respectivos resultados, serão transcritos na ata, por extenso.
§2º – As restrições e retificações da ata serão feitas de próprio punho do membro autor ao assiná-la.

CAPÍTULO VIII
Dos Pareceres

Art. 23 – Para apresentar o seu parecer, o relator fará por escrito, constando das seguintes partes:
1ª parte – Relatório, em que se fará a exposição, tanto quanto possível, da matéria em exame;
2ª parte – Parecer propriamente dito, em termos sintéticos, com a sua opinião sobre a conveniência da aprovação ou rejeição, total ou parcial, da matéria.
Parágrafo único – O Presidente poderá devolver ao membro relator o parecer formulado em desacordo com as disposições regimentais ou legais, para que o redija na sua conformidade.

Art. 24 – Tratando-se de matéria urgente, como tal considerada pelo plenário ou pelo Presidente, este poderá designar qualquer membro para relatá-la verbalmente.

Art. 25 – Quando, para esclarecimento de alguma dúvida, houver necessidade de novas informações, o relator poderá requisitá-las diretamente da autoridade a quem competir a providência do atendimento.

Art. 26 – Nenhuma matéria poderá ser submetida à votação, sem que antes seja discutida e lhe seja interposto parecer escrito ou verbal de um membro relator da CP.
Parágrafo único – Esgotado o prazo regimental sem parecer do relator designado, a matéria será incluída em Ordem do Dia para, depois de verbalmente relatada pelo Comandante Geral da Polícia Militar, ser submetida, a discussão e votação, podendo, assim, ser aprovada ou rejeitada sem qualquer outra formalidade.

CAPÍTULO IX
Das Questões de Ordem

Art. 27 – Toda dúvida sobre interpretação deste regimento, na sua prática ou relacionada com a LP considera-se "Questão de Ordem".

Art. 28 – Nenhum membro poderá exceder o prazo de cinco minutos ao formular uma ou, simultaneamente, mais de uma "Questão de Ordem" à hora do expediente, e dois minutos, durante a ordem do dia.

Art. 29 – A palavra "pela ordem" só poderá ser concedida uma vez ao relator ou a outro membro.

Art. 30 – Só será aceita, para estudo, a "Questão de Ordem" que vier acompanhada de justificativa baseada em disposições legais; sendo aceita, o Presidente poderá resolvê-la de imediato ou dentro de um prazo nunca superior a quarenta e oito horas.

Art. 31 – Nenhum membro poderá opor-se ou recorrer da decisão Presidencial, na reunião em que for proferida, só podendo fazê-lo em reunião posterior, à hora do expediente.
Parágrafo único – Na hipótese deste artigo, o Presidente poderá modificar ou manter sua decisão com recurso, porém para o plenário que, na mesma reunião, decidirá em definitivo, por votação majoritária.

CAPÍTULO X
Do Aparte

Art. 32 – Não será permitido o aparte:
a) à palavra do Presidente;
b) por ocasião do encaminhamento da votação;
c) enquanto o membro que estiver fazendo uso da palavra não o permitir.
§1º – Não constarão das respectivas atas os apartes feitos em desacordo com os dispositivos regimentais.
§2º – No aparte não será permitido discurso paralelo.

CAPÍTULO XI
Disposições Finais

Art. 33 – Todos os trabalhos da CP são considerados de caráter reservado, especialmente os relatórios e pareceres emitidos pelos seus membros.

Art. 34 – O Secretário do Interior e Justiça, quando impedido de comparecer às reuniões ordinárias da CP, será substituído na Presidência pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 35 – Este Regimento entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

DECRETO Nº 666, de 28.07.1964

Baixa o Regulamento de Promoções de Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo (R-16)

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição legal e tendo em vista o que consta do art. 88, alínea "m", da Lei nº 1.997, de 20.03.1964, decreta:

CAPÍTULO I
Dos Princípios Fundamentais

Art. 1º – O presente Regulamento estabelece os princípios, os requisitos e as condições básicas que regulam as promoções das Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, tendo em vista:
I – a seleção de valores morais, profissionais e intelectuais para o desempenho de suas funções;
II – o acesso gradual e sucessivo, regular e equilibrado, às diversas graduações, de modo que às Praças, em igualdade de condições, sejam abertas possibilidades iguais.

Art. 2º – Os Subtenentes e Sargentos de cada quadro serão anualmente relacionados em almanaques por ordem de graduação e antigüidade.
§1º – Não é permitida a opção da função dos Sargentos já promovidos para determinada especialidade, continuando os mesmos a concorrer à promoção em sua atual qualificação na qual permanecerão em caráter definitivo.
§2º – Às especialidades já existentes só poderão ser acrescidas outras mediante Lei especial.

Art. 3º – Os 3º Sargentos serão colocados no almanaque na ordem decrescente de classificação final obtida nos respectivos Cursos de Formação ou no exame de capacidade profissional.
§1º – Havendo igualdade de classificação, prevalecerá a antigüidade de graduação anterior e assim por diante, até o maior tempo de praça, ou ainda, caso permaneça a igualdade, a maior idade.
§2º – A antigüidade, para as demais graduações, será contada tendo em vista:
I – em igualdade de graduação, é considerado superior aquele que contar com maior antigüidade nessa graduação;
II – quando a antigüidade for a mesma, prevalecerá a da graduação anterior e assim por diante até o maior tempo de praça, ou ainda, caso permaneça a igualdade, a maior idade.

Art. 4º – As promoções das Praças da ativa serão feitas pelo Comandante Geral da Polícia Militar, por merecimento, antigüidade e, eventualmente, por bravura, nas condições previstas neste Regulamento.
§1º – O acesso dos músicos e corneteiros continuará a ser feito segundo as normas constantes da Lei específica que rege a Banda de Música.

- Vide Decreto nº 1.124 – N , de 31.03.1978, que estende aos Músicos e Corneteiros da Policia Militar do Espírito Santo o disposto neste Decreto

§2º – Influem na seleção os valores morais, intelectuais e profissionais dos graduados, caracterizados estes pela importância e natureza dos cursos que possuam, pelo tempo de efetivo serviço prestado à Corporação, pela natureza e relevância das tarefas desempenhadas.
§3º – Só podem influir nas promoções elementos e fatores que definam a aptidão para o exercício da função essencialmente policial militar (Combatentes e Especialistas).

Art. 5º – Para o efeito de promoção, a bravura deve ser comprovada em ato ou atos não comuns sob o ponto de vista: coragem, audácia, sentimento do dever, exteriorizados em feitos indispensáveis ou úteis a operações policiais militares ou não, pelos resultados conseguidos, ou ainda, pelo exemplo dado à tropa, em obediência à missão recebida.

§ 1º - A caracterização da bravura dependerá de apuração em Sindicância, cuja instauração "ex-offício" ou a requerimento do interessado, não poderá ultrapassar o prazo de 90 (noventa) dias da ocorrência do fato.

- *Incluído pelo Decreto 1.037 – R, de 29.05.02*

§ 2º - A avaliação do apurado na Sindicância prevista no parágrafo anterior caberá a uma Comissão Especial de Promoção designada pelo Comandante Geral.

- Incluído pelo Decreto 1.037 - R, de 29.05.02

Art. 6º – Caracterizada a bravura, nas condições do artigo anterior, poderá o Comandante Geral a praça, ainda que do ato resulte sua invalidez.

- *Modificado Pelo Decreto 1.037, de 29.05.02*

Parágrafo único – O militar falecido em serviço ou no cumprimento de missão policial ou ainda no serviço de extinção de incêndio, mesmo que não se caracteriza a bravura, poderá ser promovido "post mortem", pelo Governador do Estado, mediante processo regular.

- *Acrescido pelo Decreto nº 780, de 02.10.1964*

CAPÍTULO II
Das Condições Gerais para Promoção

Art. 7º – Para promoção pelos princípios de antigüidade e merecimento é indispensável que as praças possuam:
I – Praças Combatentes:
a) cabos – curso regular de formação (CCC ou CFC);
b) 3º e 2º sargentos – curso regular de formação (CFS) ou (CFG);
c) 1º sargentos – curso de aperfeiçoamento de Sargentos;
d) subtenentes – 6 (seis) meses ininterruptos nas funções de Sargenteante;

- *Acrescido pelo art. 1º Decreto 3.853 – N, de 06.06.1995*

II – Praças Especialistas:
a) enfermeiros – curso da especialidade;
b) artífices, motoristas e outros – exame de capacidade intelectual e profissional.

Art. 8º – Salvo o caso de bravura, as promoções serão efetuadas dentro de cada quadro, nas seguintes proporções:
I – Combatentes:
a) a cabo e 3º sargento, por merecimento intelectual dentro da estrita ordem de classificação obtida nos respectivos cursos;

b) a 1º e 2º sargento e subtenente, metade por merecimento e metade por antigüidade.

Art. 9º – As promoções a subtenentes, 1º e 2º sargentos serão efetuadas quando houver vagas a preencher mediante indicação da CPP.

Art. 10 – As promoções a cabo e 3º sargento serão efetuadas logo após a conclusão dos respectivos cursos ou exames de capacidade intelectual e profissional, desde que haja vagas, em qualquer época do ano.

Art. 11 – Para promoção por merecimento e antigüidade, é indispensável que o Sargento tenha sido incluído no quadro de acesso correspondente.

Art. 12 – O sargento só poderá ser incluído no respectivo quadro de acesso antigüidade e merecimento se satisfizer os seguintes requisitos:
I – ter idoneidade moral;
II – estar, no mínimo, no comportamento "bom";
III – ter capacidade física indispensável ao exercício de suas funções, comprovada, em inspeção de saúde;
IV – ter, no mínimo, 2 (dois) anos de interstício na graduação.
§1º – A idoneidade moral será aferida através da nota de corretivos e do conceito emitido pelo Comandante da Unidade a que pertencer o candidato, de acordo com a ficha nº 1, em anexo.
§2º – Não figurarão no quadro de acesso, por qualquer dos princípios, os sargentos que obtiverem nota negativa de "idoneidade moral".
§3º – Se for declarado que a praça não tem idoneidade moral e homologada esta declaração pela CPP, o caso será obrigatoriamente submetido à apreciação do Comandante Geral, para outros fins.

§4º – Se para o preenchimento do quadro de acesso houver falta absoluta de candidatos que satisfaçam, a exigência de que trata o inciso IV deste artigo, o Comandante Geral poderá reduzir o interstício à metade.

§5º – A inspeção de saúde que julgar apta a praça, quando realizada para os fins a que se refere o inciso III deste artigo, terá validade de dois anos, observado este mesmo prazo, para outras inspeções, ainda que realizadas para finalidade diversa.

- *Nova redação pel art 1º Dec nº 4.207- N, de 31.12.1997*

Art. 13 – Nenhuma praça será promovida sem satisfazer os requisitos exigidos nos incisos I, II e III, respeitados os parágrafos, tudo do artigo anterior.

Art. 14 – A validade dos concursos é de 1 (um) ano, contado da data da publicação, no Boletim do Comando Geral, da respectiva classificação final.

Art. 15 – Não concorrerá à promoção, embora tenha satisfeito as exigências do presente Regulamento e já esteja incluído nos quadros de acesso, a praça que estiver:
a) ausente ilegalmente;
b) cumprindo sentença;
c) "sub judice".

- *Nova redação pelo art 2] do Decreto nº 3.853 – N. de 06.06.1995*

§1º – A praça absolvida em última instância será promovida em ressarcimento de preterição, se a isso tiver direito, independentemente de vaga e data.

§2º – Compete ao Estado-Maior, através da Seção competente, participar à CPP quais as praças nas condições deste artigo.

CAPÍTULO III
Das Promoções por Antigüidade

Art. 16 – A promoção, por antigüidade, em qualquer caso, compete a quem, tendo atingido o número 1 (um) da escala hierárquica em que se achar, satisfizer os requisitos referidos no art. 12 e não estiver compreendido nas restrições do art. 15.

Art. 17 – Para o efeito de promoção pelo princípio de antigüidade, só será considerado o tempo de efetivo serviço na graduação, excluídos os períodos em virtude de:
a) prisão imposta por sentença definitiva dos tribunais civis e militares;
b) licença para tratamento de interesse particular e também o que for concedido para tratamento de saúde em pessoa da família;
c) suspensão, por sentença, do exercício da função;
d) ausência ilegal;
e) deserção.

CAPÍTULO IV
Das Promoções por Merecimento

Art. 18 – O merecimento para promoção é constituído por um conjunto de qualidades morais, profissionais e intelectuais reveladas pelos Sargentos no desempenho de suas funções.

Art. 19 – A promoção por merecimento, em cada quadro, recairá nos que, na época da promoção, contarem maior número de pontos obtidos segundo o critério aferido pela ficha nº 2, em anexo.
Parágrafo único – Em caso de empate, no cômputo total dos pontos, a prioridade recairá no de:
I – maior antigüidade (§2º do art. 3º);
II – melhor comportamento.

Art. 20 – Não serão computados para efeito de promoção, pelo princípio de merecimento, os tempos de serviço constantes das alíneas "a", "b", "c", "d" e "e" do art. 17.
Parágrafo único – Também não será computado, para efeito de promoção por merecimento, o tempo passado fora da Corporação no exercício de cargos que, por completo, se divorciem da função policial militar.

CAPÍTULO V
Do Acesso à Primeira Graduação

Art. 21 – O acesso à graduação de cabo e sargento resulta da promoção a cabo e 3º sargento, respectivamente, regulada pela ordem de classificação obtida na conclusão dos cursos próprios ou nos exames de capacidade intelecto-profissional.
Parágrafo único – Nenhuma promoção será feita em qualquer turma sem que tenha sido promovidos todos os da turma anterior, em condições de serem promovidos, uma vez satisfeitos as exigências deste Regulamento.

CAPÍTULO VI
Da Organização dos Quadros de Acesso

Art. 22 – Para o preparo das promoções o Estado-Maior remeterá à CPP. até o dia 30 de janeiro, as informações relativas aos candidatos que estejam enquadrados nos itens I, II e III, do art. 24.

§1º – As informações serão prestadas através do preenchimento da ficha nº 1.
§2º – Cada ficha deverá ser acompanhada da respectiva relação de corretivos e relação de elogios individuais.

Art. 23 – As promoções por merecimento e antigüidade só poderão recair em graduados incluídos nos respectivos quadros de acesso.
§1º – Os quadros de acesso serão organizados, separadamente, para as promoções por antigüidade e merecimento e deverão ser encaminhados ao Comandante Geral, para a devida publicação.
§2º – Os quadros de acesso serão organizados até o último dia útil do mês de janeiro de cada ano ou, extraordinariamente, quando, o número de seus componentes estiver reduzido a menos 50%.
§3º – O sargento que discordar de sua classificação no quadro de acesso, até 5 (cinco) dias após a publicação respectiva, poderá, justificando o motivo, recorrer ao Comandante Geral, que ouvirá a CPP sobre o recurso interposto.
§4º – Incapacita o sargento para ingresso nos quadros de acesso por merecimento ou antigüidade:
I – condenação por crime doloso, passado em julgado;
II – punição por uma das seguintes transgressões: embriaguez, falta de probidade, simulação de doença para esquivar-se ao cumprimento do serviço que lhe tenha sido designado, prática de ato que, de qualquer modo, importe em descrédito para a Corporação, prática de ato infamante ou ofensivo ao decorro ou dignidade profissional e militar.
§5º – Se o sargento, num período de 3 (três) anos, não houver sofrido nova punição em conseqüência das transgressões a que se refere o inciso II, do §4º deste artigo, readquirirá o direito ao ingressar no quadro de acesso.

- *Nova redação pelo art 2º do Dec nº 2.768, de 19.07.1968*

Art. 24 – Os quadros de acesso, serão limitadas a 25% (vinte e cinco por cento) do efetivo previsto em cada graduação, dentro das respectivas Qualificações Policiais Militares

- *Nova redação pelo art nº 1º do Dec nº 780, de 02.10.1964 e modificada pelo art 1º do Dec. nº 4.207 – N, de 30.12.1997*

§1º – Quando a divisão não se efetuar exatamente, tomar-se-á sempre o quociente por excesso.

- Nova redação pelo art 1º do Dec nº 780, de 02.10.1964

§2º – Estes totais poderão deixar de ser atingidos desde que, dentre os graduados que devam integrar, existam alguns que não satisfaçam os requisitos para inclusão nos quadros de acesso.

- *Nova redação pelo art 1º do Dec. nº 780, de 02.10.1964*

Art. 25 – Os graduados serão colocados nos quadros de acesso na ordem decrescente, após a verificação do mérito apurado pela ficha nº 2.
Parágrafo único – O Estado-Maior enviará à CPP, até o dia 15 de janeiro de cada ano, uma relação dos que hajam concluído o curso regulamentar de formação de sargentos no ano anterior, classificação por ordem de merecimento intelectual.

Art. 26 – Revogado.

- *Revogado pelo art 1º do Dec. nº 2.768, de 29.07.1968*

Art. 27 – A Praça será excluída do quadro de acesso, sempre que ocorrer uma das seguintes circunstâncias:
I – morte;
II – reforma;
III – promoção;
IV – incapacidade física definitiva comprovada em inspeção de saúde;
V – haver deixado de satisfazer a qualquer dos requisitos especificados no art. 12, seus itens e parágrafos;
VI – exclusão das fileiras da Corporação, por qualquer motivo;
VII – estar enquadrado nas restrições do §4º do art. 23.
Parágrafo único – As exclusões pelos motivos constantes deste artigo serão feitas pela CPP e, a seguir, publicadas em Boletim do Comando Geral.

CAPÍTULO VII
Das Fichas

Art. 28 – A ficha nº 1 deve vir acompanhada dos documentos de que trata o §2º do art. 22 deste Regulamento.

Art. 29 – Da ficha nº 1 deverão constar:
I – o tempo de serviço, em anos, meses e dias;
II – os cursos feitos, com a média final de aprovação no curso regular de formação e de aperfeiçoamento e o tempo de duração dos demais cursos;
III – o número de elogios individuais como sargento, transcrevendo-os em documento à parte;
IV – as medalhas que o graduado possui;
V – o comportamento militar do candidato (excepcional, ótimo, bom, insuficiente e mau);
VI – o resultado final da última inspeção de saúde e a data do Boletim do Comando Geral que o publicou;
VII – se o candidato tem ou não sargenteação completa;
VIII – o conceito dado pelo Comandante da Unidade onde serve a Praça que poderá ser insuficiente, normal ou superior. Os conceitos insuficientes e superior devem ser justificados em separado, sendo que os não justificados serão considerados normais;
IX – a idoneidade moral do candidato firmada pelo Comandante da Unidade é justificada em documento à parte.

Art. 30 – Considera-se elogio individual o que tenha o cunho marcante da atividade individual no desempenho da missão ou cargo, por conhecimentos profissionais ou militares, ou ainda por atos que revelem qualidades morais do militar.

- *Revogado pelo art 3º do Dec nº 3.777, de 18.11.1994*

Art. 31 – Entendem-se, como sargenteação completa, 6 (seis) meses ininterruptos nas funções de Sargenteante.

- *Revogado pelo art 3º do Dec nº 3.777, de 18.11.1994*

OBS: O Decreto nº 3.777, de 18.11.94 foi revogado pelo Decreto nº 3.820-N, de 16.03.95.

Art. 32 – No preenchimento da ficha nº 2, obedecer-se-á à seguinte contagem de pontos:
a) tempo de serviço:
I – em campanha – ½ (meio) ponto para cada mês ou fração superior a 15 (quinze) dias;

II – efetivo prestado à Corporação, como Sargento e na graduação atual – 1 (um) ponto para cada ano ou fração superior a 6 (seis) meses;
III – como Sargenteante, em função burocrática, em exercício de função privativa de graduação superior, no Comando de Destacamento, como monitor de curso ou escola e arregimentado – 1 (um) ponto por semestre ou fração superior a 3 (três) meses;

- *Novo redação pelo art 1º do Decreto nº2.768, de19.07.1968*

IV – de sargenteação completa – 10 (dez) pontos

- *Acrescido pelo art 3º do Decreto nº3.853, de 06.06.1995*

b) cursos:
I – regular de formação – número de pontos correspondentes ao dobro da média final obtida no curso respectivo;
II – regular de aperfeiçoamento – número de pontos correspondente ao triplo da média final obtida no curso respectivo;

- *Nova redação pelo art 1º do Decreto nº3.268-N, de 06.12.1991*

III – de especialização em escolas militares ou policiais:
– 1 (um) ponto, se de duração superior a 6 (seis) meses;
– ½ (meio) ponto, se de duração igual ou inferior a 6 meses;
IV – outros cursos de interesse da Corporação – ½ (meio) ponto, se de duração superior a 6 (seis) meses.
c) elogios individuais como sargento:

- *Acrescido pelo art 3º do Decreto nº3.853, de06.06.1995*

I – função policial militar (área operacional) – 02 (dois) pontos por elogio;
II – outros motivos (desde que não se prenda a um encargo moral), exceto por doação de sangue – ½ (meio) ponto por elogio;
d) medalhas:
I – medalha de tempo de serviço – 1 (um), 2 (dois) e 3 (três) pontos, correspondendo, respectivamente, a 10 (dez), 20 (vinte) e 30 (trinta) anos de serviço;

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº3.268-N, de 06.12.1991*

II – medalha de distinção que seja conferida por outras Corporações Militares em face de ação relevante – 1 (um) ponto por medalha.
e) comportamento militar:
I – excepcional – 5 (cinco) pontos;
II – ótimo – 3 (três) pontos;
III – bom – 1 (um) ponto.
f) conceito:
– a cada conceito insuficiente, normal e superior – 0 (zero) ponto, 1 (um) ponto e 3 (três) pontos, respectivamente;
g) punições como sargento: Atribuem-se 30 (trinta) pontos a cada graduado. Desconta-se por dia de prisão sem fazer serviço, por dia de prisão fazendo serviço, por dia de detenção e por repreensão, respectivamente:
I – 0,25 (vinte e cinco centésimos), 0,15 (quinze centésimos), 0,10 (dez centésimos) e 0,05 (cinco centésimos) de pontos se o candidato estiver no comportamento excepcional;
II – 0,50 (cinqüenta centésimos), 0,45 (quarenta e cinco centésimos), 0,40 (quarenta centésimos) e 0,30 (trinta centésimos) de pontos se o candidato estiver no ótimo comportamento;
III – 0,75 (setenta e cinco centésimos), 0,70 (setenta centésimos), 0,65 (sessenta e cinco centésimos) e 0,55 (cinqüenta e cinco centésimos) de pontos se o candidato estiver no bom comportamento.
Parágrafo único – O total de pontos será expresso pela algébrica da parcela inicial 30 (trinta) e das que surgirem em conseqüência das punições. Esse total, com o sinal que tiver (positivo ou negativo), será inscrito na respectiva ficha.

Art. 33 – Na contagem de pontos referida no artigo anterior, observar-se-á o seguinte:
I – além dos cursos regulares de formação e aperfeiçoamento, só poderão ser computados mais 3 (três) cursos;
II – contar-se-ão, apenas, 3 (três) elogios em cada ano, dando-se prioridade aos de maior número de pontos.

- *Revogado pelo art. 3º do Decreto nº 3.777-N, de18.11.1994*

III – quando, sobre o mesmo fato, houver vários elogios, apenas um deles entrará em cômputo;

- *Revogado pelo art. 3º do Decreto nº 3.777-N,de 18.11.1994.*

IV – só se levará em conta apenas uma medalha de tempo de serviço.

Art. 34 – A soma dos pontos expressa o merecimento dos 1º, 2º e 3º sargentos. A inclusão no quadro de acesso por merecimento deve efetuar-se, para cada graduação, em ordem decrescente.

CAPÍTULO VIII
Da Comissão de Promoções de Praças

Art. 35 – Compete à Comissão de Promoções de Praças (CPP):
I – organizar os quadros de acesso para as promoções pelos princípios de merecimento e antigüidade, de acordo com as normas consignadas neste Regulamento;
II – estudar e emitir pareceres sobre os processos relativos a promoções de praças na atividade.
Parágrafo único – A Comissão de Promoções de Praças (CPP) é designada pelo Comandante Geral da Polícia Militar e se constituirá de:

- *Nova redação pelo art.1º do Decreto nº 3.268-N, de 06.12.1991*

a) presidente:
– 1 (um) Oficial Superior
b) membros:
– 4 (quatro) capitães PM;
– 2 (dois) primeiros tenentes PM
c) secretário:
– 1 (um) tenente PM, sem direito a voto
d) auxiliar de Secretaria:
– 1(um) sargento PM

Art. 36 – Ao presidente da CPP incumbe, particularmente:
I – fixar as datas das reuniões ordinárias e convocar as extraordinárias;
II – designar, por escala, os relatores de processos, na ordem inversa da antigüidade, excluindo daquela o Secretário da CPP;
III – praticar os demais atos administrativos decorrentes de sua função.

Art. 37 – Ao secretário da CPP, compete:
I – secretariar as sessões, lavrando atas de todos os trabalhos realizados;
II – controlar a escala de distribuição de processos;
III – despachar diretamente com o Presidente;

IV – preparar toda a correspondência da CPP e submetê-la a despacho do Presidente ou à assinatura dos seus membros;
V – tomar as medidas necessárias para o preparo e estudo das promoções das praças;
VI – organizar e manter em dia o fichário e o arquivo da CPP.

Art. 38 – Aos membros da CPP compete:
I – tomar parte nas sessões, proferindo voto sobre a matéria discutida;
II – relatar os processos distribuídos.

CAPÍTULO IX
Das Disposições Transitórias

Art. 39 – A organização dos primeiros quadros de acesso, bem como as primeiras promoções deverão ser feitas em datas que forem fixadas pelo Comandante Geral, após a vigência deste Regulamento.

Art. 40 – Revogado.

- *Vide nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.777, de 18.11.1994.*

Art. 41 – Os casos omissos serão resolvidos pelo Comandante Geral, após ouvida a CPP.

Art. 42 – Este Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de julho de 1964.
FRANCISCO LACERDA DE AGUIAR
Governador do Estado
(D.O.E. 29.07.1964)

ANEXO AO DECRETO Nº 666, de 28.07.1964
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
POLÍCIA MILITAR
FICHA Nº 1

GRADUAÇÃO E NOME:		
Nascido em: __/__/____ Praça de: __/__/____		3º Sgt em: __/__/____ 2º Sgt em: __/__/____ 1º Sgt em: __/__/____
Tempo de Serviço	Em campanha	__ anos __ meses __ dias
	Efetivo prestado à Corporação	__ anos __ meses __ dias
	Como Sargento	__ anos __ meses __ dias
	Na graduação atual	__ anos __ meses __ dias
	Como Sargenteante	__ anos __ meses __ dias
	Em função burocrática	__ anos __ meses __ dias
	Em função privativa de graduação superior	__ anos __ meses __ dias
	No comando de destacamentos	__ anos __ meses __ dias
	Como monitor de curso ou escola	__ anos __ meses __ dias
Curso de Formação:		Grau
Curso de Aperfeiçoamento:		Grau
Outros Superior:		
Elogios individuais como Sargento:		
Medalhas:		
Sargenteação completa:		
Capacidade física:		
Comportamento militar:		
Idoneidade:		
Moral:		
Conceito:		
Punições como Sargento	Dias de prisão sem fazer serviço:	
	Dias de prisão fazendo serviço:	
	Dias de detenção:	
	Repreensão:	

Confere: _____
(ASSINATURA DO INTERESSADO)

Quartel em Maruípe, Vitória, ____ de _____ de _____.

_____
(COMANDANTE DE UNIDADE)

Alterações lançadas até: _____

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
POLÍCIA MILITAR
FICHA Nº 2

NOME:			
Condições de Merecimento		Ptos	Condições de antigüidade
TEMPO DE SERVIÇO	Em campanha		Número no almanaque: ___
	Efetivo prestado à Corporação		Antigüidade efetiva na graduação: __a __m __d
	Como sargento		Tempo descontado (art. 17): __a __m __d
	Na graduação atual		Reclassificado sob o nº ___
	Como Sargenteante		Quartel em Maruípe, em __ de _____ de ___. _____ Secretário da CPP
	Em função burocrática		
	Em função privativa de graduação superior		
	No comando de DPM		
	Como monitor de Curso ou escola		
Curso de formação			CLASSIFICAÇÃO FINAL Merecimento Antigüidade ___ lugar ___ lugar
Curso de Aperfeiçoamento			
Outros cursos			
Elogio individual como Sgt			Quartel em Maruípe, em __ de _____ de ___. A COMISSÃO: _____ _____ _____ _____
Medalhas			
Sargenteação completa			
Comportamento militar			
Conceito			
Punições como Sargento			
TOTAL			

DECRETO Nº 780. de 2.10.1964

Acrescenta parágrafo ao artigo 6º e dá nova redação ao artigo 24 do Decreto nº 666, de 28.7.1964 (R-16)

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição legal que lhe confere o artigo 33, ítem I, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - Acrescente-se um parágrafo único ao artigo 6º e dê-se nova redação ao artigo 24, do Decreto nº 666, de 28.7.1964 (R-16), na seguinte forma:

"Art.6º.....
Parágrafo único – O militar falecido em serviço ou no cumprimento de missão policial ou ainda no serviço de extinção de incêndio, mesmo que não se caracterize a bravura, poderá ser promovido "post mortem" pelo Governador do Estado, mediante processo regular.

Art. 24 – Os quadros de acesso terão número limitado de Sargentos que não excederá a metade do estado completo em cada graduação.
§ 1º - Quando a divisão não se efetuar exatamente, tomar-se-á sempre o quociente por excesso.
§ 2º - Estes totais poderão deixar de ser atingidos desde que dentre os graduados que o devam integrar, existam alguns que não satisfaçam os requisitos para inclusão nos quadros de acesso."

Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Vitória, 2 de outubro de 1964.
FRANCISCO LACERDA DE AGUIAR
Governador do Estado

DECRETO Nº 030-N, de 12.12.1969

Regulamenta a concessão do Salário-Família

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 69, III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A concessão do Salário-Família, com fundamento na Lei nº 2.376, de 30.12.1968, obedecerá ao disposto neste Decreto.

- *Vide arts. 54 e 55, da lei nº2.701, de16.06.1972.*

Art. 2º – O Salário-Família será concedido ao servidor:
I – por filho solteiro, menor de 18 anos;
II – por filho solteiro, maior de 18 anos e menor de 21 anos, sem economias próprias;
III – por filho inválido;
IV – por filha solteira, sem economia própria;
V – por filho estudante que freqüentar curso secundário ou superior em estabelecimento de ensino oficial ou particular e que não exerça atividade lucrativa, até a idade de 24 anos;
VI – pela esposa legítima que não tiver qualquer rendimento;
VII – pela mãe ou avó viúva, sem qualquer rendimento, que viva às suas expensas.
Parágrafo único – Compreendem-se neste artigo o filho de qualquer condição, o enteado, o adotivo e o menor que, mediante autorização judicial, viver sob a guarda e sustento do servidor.

Art. 3º – São competentes para conceder o Salário-Família:
a) nas Secretarias de Estado, o titular da pasta;
b) nos Gabinetes Civil e Militar, os respectivos Chefes;
c) nos órgãos diretamente subordinados ao Governador do Estado, os seus dirigentes.

Art. 4º – Para habilitar-se à concessão do Salário-Família, o servidor preencherá a declaração de dependentes, indicando o cargo ou função que exercer e lotação (modelo I).
Parágrafo único – Em relação a cada dependente, mencionará:
a) nome completo;
b) data e local do nascimento;
c) se é filho consangüíneo, adotivo ou enteado;
d) se é menor que, mediante autorização judicial, vive sob a guarda e sustento do servidor;
e) se vive total ou parcialmente às expensas do declarante;
f) se vive sob a guarda do declarante, em caso negativo de quem.

Art. 5º – A declaração do servidor será apresentada juntamente coma petição inicial, dirigida à autoridade competente para a concessão.

Art. 6º – As autoridades competentes concederão o Salário-Família, mediante simples despacho, somente após examinado o assunto e atendido o disposto neste Decreto. Em seguida, determinarão a remessa do processo à Divisão da Despesa, da Secretaria da Fazenda, para anotações e pagamento.
Parágrafo único – Cada órgão previsto no art. 3º deste Decreto julgará a documentação anexada pelo servidor, podendo proceder às diligências que achar necessárias para verificar a exatidão das declarações inclusive mandar submeter a exame médico as pessoas dadas por inválidas ou sindicar quanto à veracidade dos documentos.

Art. 7º – A invalidez que caracteriza a dependência é a incapacidade total e permanente para o trabalho, a qual será provada por atestado médico.

Art. 8º – Verificada a qualquer tempo, a inexatidão de qualquer da declarações prestadas, será revista a concessão do Salário-Família e providenciada a reposição da importância paga, mediante desconto no vencimento ou salário mensal.
Parágrafo único – Provada a má fé ou fraude de qualquer natureza para a concessão, continuação ou restabelecimento do Salário-Família, serão tomadas as medidas administrativas contra o responsável pelo ato, sem prejuízo da ação penal cabível.

Art. 9º – O Salário-Família relativo a cada dependente será devido a partir do mês em que tiver ocorrido o fato, ou ato que lhe der origem, embora verificado no último dia do mês.

Art. 10 – Deixará de ser devido o Salário-Família relativo a cada dependente no mês seguinte ao do fato ou ato que determinar a sua supressão, suspensão ou redução, mesmo ocorrido no primeiro dia do mês.

Art. 11 – A supressão, suspensão ou redução do Salário-Família será providenciada obrigatoriamente pela Divisão da Despesa, desde que haja fato ou ato que justifique qualquer das medidas enunciadas neste artigo.

Art. 12 – O Salário-Família será pago juntamente com o vencimento ou salário, cumpridas as formalidades constantes deste Regulamento.

Art. 13 – As Assessorias de Assuntos Administrativos Correntes e os Chefes de Serviços prestarão aos servidores de seus respectivos órgãos toda a assistência necessária ao cumprimento do disposto neste Decreto.

Art. 14 – O direito ao Salário-Família cessará automaticamente:
I – por morte dos filhos discriminados nos itens I a V, do art. 2º;
II – por morte da esposa, mãe ou avó viúva;
III – por completar o filho 18 anos, ressalvado o que dispõem os itens II, III, IV e V do art. 2º.
§1º – Quanto aos itens I e II, cessará a partir do mês seguinte ao do óbito.
§2º – Quanto ao inciso III, cessará a partir do mês seguinte ao da data de aniversário.

Art. 15 – O servidor não poderá perceber o Salário-Família se o cônjuge o estiver percebendo, relativamente aos mesmos dependentes, pelos cofres da União, dos Estados e dos Municípios, de Autarquias, Empresas Públicas, Sociedades de Economias Mista ou Fundações, podendo, entretanto optar pelo regime estadual de Salário-Família, desde que prove que o cônjuge deixou de perceber esta vantagem.

Art. 16 – Para efeito do disposto nos itens VI e VII do art. 2º, é obrigatório o preenchimento das seguintes declarações:
a) comprobatória do casamento civil (modelo II);
b) de que a esposa, mãe ou avó viúva não tem rendimento do qualquer natureza, firmada por dois funcionários públicos estaduais (modelos III e IV).
Parágrafo único – Os declarantes em qualquer tempo ficarão sujeitos à ação punitiva no caso de ser constatada a inexatidão do que declararam.

Art. 17 – O Salário-Família, em cujo gozo estiver o servidor que vier a falecer, continuará a ser pago nas hipóteses previstas nos itens I a V do art. 2º.
§1º – A habilitação ao recebimento do Salário-Família, no caso de ocorrer o falecimento do servidor, deverá ser feita pelo cônjuge sobrevivente ou pela pessoa sob cuja guarda e a cujas expensas estiver o dependente, na forma da Lei civil.
§2º – Somente quando ocorrer caso de desquite é que haverá necessidade de comprovar a distribuição dos filhos, através do juízo competente.

Art. 18 – A autoridade competente para decidir os pedidos e ordenar a continuação dos pagamentos deverá ser a mesma que concedeu o benefício ao servidor, antes do falecimento.

Art. 19 – Em caso de falecimento do filho, esposa, mãe ou avó e viúva, o servidor é obrigado a fazer imediata comunicação do óbvio à Divisão da Despesa, para efeito de cessação do respectivo pagamento.

Art. 20 – As certidões de nascimento, de casamento e de óbito serão, imediatamente, devolvidas ao servidor após as necessárias anotações na ficha específica mediante recibo detalhado.

Art. 21 – Quando pai e mãe forem servidores e viverem em comum, o Salário-Família será concedido ao pai.
Parágrafo único – Se não viverem em comum, será concedido ao que tiver o dependente sob sua guarda.

Art. 22 – Ocorrendo o falecimento do servidor, a viúva poderá continuar recebendo o Salário-Família previsto no inciso VI, do art. 2º deste Decreto, nos seguintes casos.
a) se não contrair novas núpcias;
b) se não passar a ter rendimento próprio;
c) até o seu óbito.

Art. 23 – A mulher desquitada de servidor poderá requerer o Salário-Família pelos filhos, assim como o estipulado no inciso VI, do art. 2º deste Regulamento, exceto se o marido já estiver percebendo.

Art. 24 – Aplica-se aos aposentados e pessoal em disponibilidade o disposto neste Decreto.
Parágrafo único – O aposentado e pessoal em disponibilidade dirigirão seus pedidos ao Diretor Geral do Departamento de Administração Geral, obedecendo às mesmas formalidades exigidas para o serviço em atividade.

Art. 25 – Ficam instituídos os modelos que fazem parte integrantes deste Decreto.

Art. 26 – Este Decreto entra em vigor a partir de 31.12.1968.
Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de dezembro de 1969.
CHRISTIANO DIAS LOPES FILHO
Governador do Estado
(D.O.E. 30.12.1969)

ANEXO AO DECRETO Nº 030-N, de 12.12.1969

MODELO I
SALÁRIO-FAMÍLIA, DE ACORDO COM O DECRETO Nº 030-N, de 12.12.1969
O abaixo-assinado, _____,
(CARGO QUE EXERCE)

lotado _____, em obediência ao que dispõe o art. 4º do
(CITAR A REPARTIÇÃO)
Decreto. nº 030-N, de 12.12.1969, DECLARA na forma da certidão de nascimento anexa, que _____
(NOME DO DEPENDENTE) (SEXO)

nascido em _____, Distrito de _____
(DATA E LUGAR DO NASCIMENTO)

Município de _____, Estado _____, é filho _____ de _____
(CONSANGÜÍNEO, ADOTIVO OU ENTEADO)

_____
Está registrado às folhas _____ do livro nº ____ de ordem _____ do Cartório de Registro Civil de _____ Município _____ Estado _____.
São avós paternos _____
São avós maternos _____
A certidão está datada de _____
(DIA, MÊS E ANO)

É assinada por _____
(OFICIAL DO REGISTRO CIVIL OU SUBSTITUTO)

_____
(LUGAR E DATA)

PARTE COMPLEMENTAR

Vive às expensas do declarante, _____
(TOTAL OU PARCIALMENTE)

Vive sob a guarda do declarante _____
(SIM OU NÃO)

Em caso negativo de _____
(NOME DA PESSOA)

É menor que vive sob a guarda e sustento do declarante, mediante autorização? _____ (a resposta afirmativa impõe
(SIM OU NÃO)

comprovação).
O cônjuge do declarante _____ pelos cofres da
(PERCEBE OU NÃO)

União, Estados e Municípios, Autarquias, Empresas Públicas, Sociedades de Economia Mista ou Fundações.

_____
(LUGAR E DATA) (ASSINATURA DO DECLARANTE)

RESERVADO À DIVISÃO DA DESPESA

Para efeito de devolução, de acordo com o art. 21, do Decreto acima citado, as declarações do requerente conferem com os termos da certidão de nascimento anexa.

_____
(DATA E LUGAR)

_____
(ASSINATURA DO ENCARREGADO)

MODELO II

SALÁRIO-FAMÍLIA PELA ESPOSA LEGÍTIMA
A SER PREENCHIDO PELA CERTIDÃO DE CASAMENTO CIVIL
O abaixo-assinado, _____ na forma da certidão anexa, DECLARA que, em __ de __ de ____, contraiu matrimônio civil c/ _____ conforme certidão de casamento nº ____ registrada às folhas nº ___ do livro nº _____, do Cartório de Registro Civil da Comarca de _____, Distrito de _____ do Município de _____, no Estado _____, filho de _____ e de _____.
Ela nascida aos __ de __ de ____, no Distrito de _____, Município de _____ no Estado de _____ filha de _____ e de _____
Serviram de testemunhas _____ e _____, ___ de ___ de ____
(LOCAL E DATA)

_____
(ASSINATURA DO DECLARANTE)

Data: __/__/____
Confere: _____
Assinatura do encarregado: _____

MODELO III

SALÁRIO-FAMÍLIA PELA ESPOSA LEGÍTIMA
DECLARAÇÃO
Os abaixo-assinados, funcionários públicos deste Estado, com lotação nas repartições abaixo mencionadas, para fins de Salário-Família, tendo em vista o que preceitua o Dec. nº 030-N, de 30 DEZ 69, cientes da ação punitiva no caso de ser verificada a inveracidade desta declaração:
DECLARAM que conhecem a Srª _____ esposa legítima do funcionário _____ a qual não aufere rendimento de qualquer natureza, vivendo sob o mesmo teto e dependência de seu marido.
_____, ___ de _____ de _____
(LOCAL E DATA)

ass.:
1º declarante _____
(NOME COMPLETO E LEGÍVEL)

_____
(CARGO E REPARTIÇÃO EM QUE É LOTADO)

ass.:
2º declarante _____
(NOME COMPLETO E LEGÍVEL)

_____
(CARGO E REPARTIÇÃO EM QUE É LOTADO)

NOTA: A palavra "funcionário" deve ser substituída, conforme situação do requerente.

MODELO IV

SALÁRIO-FAMÍLIA PELA MÃE OU AVÓ VIÚVA
DECLARAÇÃO
Os abaixo-assinados, funcionários públicos deste Estado, com lotação nas repartições abaixo mencionadas, para fins de Salário-Família, tendo em vista o que preceitua o Dec. nº 030-N, de 12 DEZ 69, cientes da ação punitiva no caso de ser verificada a inveracidade desta declaração:
DECLARAM que conhecem a Srª _____,
(MÃE OU AVÓ)

viúva, do funcionário _____, a qual não aufere rendimento de qualquer natureza e vive às expensas do seu _____ desde _____.
(FILHO OU NETO)

_____, ___ de _____ de _____
(LOCAL E DATA)

ass.:
1º declarante _____
(NOME COMPLETO E LEGÍVEL)

_____
(CARGO E REPARTIÇÃO EM QUE É LOTADO)

ass.:
2º declarante _____
(NOME COMPLETO E LEGÍVEL)

_____
(CARGO E REPARTIÇÃO EM QUE É LOTADO)

DECRETO Nº 481-N, de 21.11.1973

Complementa a estrutura básica do Conselho Estadual de Trânsito, constante da Lei nº 2.482, de 24.12.1969, e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuições que lhe confere o art. 71, inciso VI, da Constituição Estadual, tendo em vista a autorização constante do Ato Institucional nº 08, de 02.04.1969, e de acordo com o que estabelece a Lei Federal nº 5108, de 21.09.1966 (Código Nacional de Trânsito) Regulamentada pelo Decreto nº 62.127, de 16.01.1968, decreta:

Art. 1º – O Conselho Estadual de Trânsito, órgão máximo normativo do Sistema Nacional de Trânsito no âmbito da jurisdição do Estado, integrante da Secretaria de Segurança Pública criada pela Lei nº 2296, de 17.07.1967, estruturada pela Lei Delegada nº 24, de 17.11.1967, complementada pelo Decreto nº 106-N, de 18.01.1971 e vinculado ao Gabinete do Titular da Pasta, tem as seguintes atribuições.
I – zelar pelo cumprimento de legislação de trânsito;

II – resolver ou encaminhar ao conselho Nacional de Trânsito consultas de autoridades e de particulares, relativas à aplicação da legislação de Trânsito;
III – colaborar na articulação das atividades das repartições públicas e empresas particulares; relacionadas com o trânsito;
IV – propor medidas para o aperfeiçoamento da legislação de trânsito;
V – promover e coordenar campanhas educativas de trânsito;
VI – opinar sobre questões de trânsito submetidas à sua apreciação;
VII – regulamentar a expedição de autorização par conduzir veículos de propulsão humana ou de tração animal;
VIII – propor ao Conselho Nacional de Trânsito a cassação de delegação conferida a condutor, portadores a Circunscrição Regional de Trânsito;
IX – designar um de seus membros para compor a junta examinadora de candidatos a condutor, portadores de efeito físico;
X – propor ao Conselho Nacional de Trânsito a fixação do valor das multas a serem aplicadas no Estados;
XI – indicar os presidentes das juntas administrativas de recursos e infrações;
XII – elaborar o projeto de seu Regimento Interno, submetendo-o à aprovação do Secretário de Segurança Pública.

Art. 2º – Das decisões do Conselho Nacional de Trânsito caberá recurso, exceto das que versam sobre aplicação de penalidades por infração de Trânsito, para o conselho Nacional de Trânsito, dentro de prazo de 30 (trinta) dias, que lhe poderá dar efeito suspensivo.

Art. 3º – O Conselho Estadual de Trânsito – CETRAN/ES será composto pelos seguintes membros.
I – Secretário de Estado da Segurança Pública – Presidente;
II – Diretor Geral do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN/ES;
III – Diretor Geral do Departamento de Estradas e Rodagem – DER/ES;
IV – 01 (um) representante da Polícia Militar;
V – 01 (um) representante da Federação de Transportes Rodoviários do Estado do Espírito Santo e Rio de Janeiro – FETRANPORTES;
VI – 01 (um) representante do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes rodoviários do Estado do Espírito Santo – SINDIRODOVIARIOS;
VII – 01 (um) representante do Município detentor da maior frota de veículos do Estado.
VIII - Um (01) representante do município detentor da 2ª maior frota de veículos do Estado;

- Nova redação dada pelo Decreto nº 379, de 26.10.00.

IX - Um (01) representante do município detentor da 3ª maior frota de veículos do Estado;

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 379-R, de 26.10.00*

§1º – O presidente e os membros previstos nos incisos II e III serão representados, em seus impedimentos, pelos substitutos legais;
§2º – Os membros previstos nos incisos IV a IX e seus suplentes serão nomeados pelo Governador do Estado, a partir da indicação, em listas tríplices, por cada entidade que representa, para um mandato de 02 (dois) anos, admitida a recondução.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 379-R, de 26.10.00.*

§3º – Os representantes dos municípios detentores das três maiores frotas de veículos do Estado, deverá sr escolhido dentre técnicos em assuntos de trânsito do Órgão do Município.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº379-R, de26.10.00*

Art. 4º – Os membros do Conselho perceberão jetom de presença de acordo com o constante da Lei Nº 2.452, de 04.11.1969 e Decreto Nº 037-N, de 10.01.1970.

Art. 5º – O Conselho se reunirá, em princípio quinzenalmente e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 4.354-N , de 04.11.1998*

Art. 6º – Perderá o mandato o Conselheiro que faltar, sem causa justificada, a 03 (três) reuniões ordinárias consecutivas, ou a 10 (dez), intercaladas por ano.

Art. 7º – O CETRAN somente poderá deliberar com a presença no mínimo de 04 (quatro) de seus membros.
Parágrafo único – As deliberações do Conselho serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente, além do voto comum, o voto de desempate.

Art. 8º – Para execução de seus serviços, o Conselho contará com o apoio administrativo de um secretaria, atribuindo-se ao encargo dos respectivos serviços, gratificação na forma prevista em lei.

Art. 9º – O Presidente solicitará ao Diretor Geral do DETRAN/ES, os funcionários para auxiliarem ao Conselho.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº4.354-N, de 04.11.1998*

Art. 10 – O Conselho considerar-se-á constituído e entrará no exercício de suas funções quando se acharem regularmente nomeados, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, o Presidente e no mínimo 04 (quatro) de seus membros.

Art. 11 – O Conselho Estadual de Trânsito classifica-se na Categoria A constante do Decreto Nº 037-N, de 10.03.1970, conforme o disposto no Decreto Nº 069-N, de 07.08.1970.

Art. 12 – O Regimento Interno do Conselho Estadual de Trânsito disporá sobre a sua organização e condições de funcionamento.

Art. 13 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 21 de novembro de 1973
ARTHUR CARLOS GERHARDT SANTOS
Governador do Estado
(D.O.E. 22.11.1973)

DECRETO Nº 866-N, de 20.07.1976

Regulamenta a Casa Militar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, incisos IV e VI, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 18 da Lei nº 3.043, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado, na forma do anexo que faz parte deste Decreto, o Regulamento da Casa Militar, unidade que integra a Governadoria, para apoio direto e assessoramento do Chefe do Poder Executivo no trato e apreciação de assuntos militares.

Art. 2º – O Secretário-Chefe da Casa Militar, nos termos do art. 16, da Lei nº 3043/1975, tem status, deveres e prerrogativas de Secretario de Estado e será um Oficial Superior da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo, nomeado por livre escolha do Governador do Estado.

- *Nova redação da pelo art. 1º do Decreto nº4.392-N, de01.01.1991*
- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº1.018, de 15.05.1999.*

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 20 de julho de 1976.
ELCIO ALVARES
Governador do Estado

ANEXO A O DECRETO Nº 866-N, de 20.07.1976

REGULAMENTO DA CASA MILITAR

TÍTULO I
DA CARACTERIZAÇÃO E FINALIDADES DA CASA MILITAR

Art. 1º – A Casa Militar como órgão de assessoramento ao Governador do Estado no trato e apreciação de assuntos militares, tem a seu cargo as atividades concernentes:
I – à coordenação das relações do Chefe do Governo com autoridades militares;
II – à segurança do Governador, da sua família, do Palácio, das residências oficiais e de outras autoridades;
III – ao transporte do Governador do Estado e de hóspedes oficiais;
IV – ao cerimonial militar;
V– aos serviços de telecomunicação do Palácio;
VI – à recepção, estudo e triagem dos expedientes militares encaminhados ao Governador e a transmissão e controle da execução das ordens e determinações dele emanadas.

Art. 2º – O Secretário Chefe da Casa Militar, nos termos do art. 16 da Lei nº 3.043/1975, tem status, deveres e prerrogativas de Secretário de Estado e será um Oficial Superior da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar, nomeado por livre escolha do Governador do Estado.

- *Alterado pelo artigo1º do Decreto 4.392-N, de 01.01.1991*

TÍTULO II
DA ESTRUTURA ORGANIZAÇIONAL BÁSICA DA CASA MILITAR

Art. 3º – A estrutura organizacional básica da Casa Militar, em consonância com suas finalidades estipuladas no art. 1º, é a seguinte:
I – Nível de Direção Superior
– A posição de Secretário Chefe da Casa Militar
II – Nível de Assessoramento
– Subchefia da Casa Militar
III – Nível Executivo
– Núcleo Executivo
– Núcleo de Operações Especiais
– Núcleo de Transportes
– Núcleo de Telecomunicações
Parágrafo único – A representação gráfica da estrutura básica da Casa Militar é constante do anexo I que integra este Regulamento.

Art. 4º – As atividades de apoio administrativo abrangente ao Secretário Chefe e Subchefe da Casa Militar serão executadas pela Secretaria Senior de que trata o Anexo IV da Lei nº 3.043/1975, que será lotada na Subchefia da Casa Militar.

TÍTULO III
DA JURISDIÇÃO ADMINISTRATIVA DOS ÓRGÃOS INTEGRANTES DA ESTRUTURA BÁSICA DA CASA MILITAR

CAPÍTULO I
Nível de Assessoramento

SEÇÃO ÚNICA
Da Subchefia da Casa Militar

Art. 5º – À Subchefia da Casa Militar tem como âmbito de ação as atividades relativas ao cerimonial militar; a assistência administrativa abrangente ao Secretário Chefe e Subchefe da Casa Militar no desempenho de suas atribuições e compromissos oficiais e particulares; a transmissão, às unidades e pessoal, das ordens e decisões emanadas o Secretário chefe da Casa Militar, bem como o acompanhamento da sua execução; a promoção de estudos, pesquisas, análises, levantamentos, pareceres e investigações de natureza especial determinados pelo Secretário Chefe da Casa Militar; a coordenação das atividades relativas aos Ajudantes de Ordens; a coordenação e execução das medidas necessárias às viagens do Governador; a coordenação da atuação dos Grupos Setoriais centralizando as demandas de serviços a eles destinados; a promoção do controle de resultados das atividades desenvolvidas pelas unidades da Casa Militar; outras atividades correlatas.

CAPÍTULO II
Nível Executivo

SEÇÃO I
Do Núcleo de Operações Especiais

Art. 6º – O Núcleo de Operações Especiais tem como âmbito de ação o planejamento, a execução dos serviços de segurança do Governador, dos seus familiares, bem como de outras autoridades em visita ou missão especial no Estado; o planejamento e execução de esquemas de segurança física do Palácio do Governo, das residências oficiais, dos locais de visitas e área de trânsito do Chefe do Poder Executivo; a articulação com o governo Federal nas atividades de segurança de autoridades federais ou estrangeiras; a pesquisa e cadastramento de dados relacionados com a segurança; perfeita integração com a Administração do Palácio e Residências Oficiais e Secretaria de Estado da Segurança de modo a favorecer o alcance dos objetivos e a evitar duplicidade de ação; outras atividades correlatas.

SEÇÃO II
Do Núcleo de Transportes

Art. 7º – O Núcleo de Transportes tem como âmbito de ação a coordenação, o controle e execução das atividades de transportes do Governador, seus familiares e autoridades em visitas ou missão no Estado; a coordenação das atividades referentes à manutenção da frota de veículos em boas condições de operação em estreita articulação com o órgão estadual competente; outras atividades correlatas.

SEÇÃO III
Do Núcleo de Telecomunicações

Art. 8º – O Núcleo de Telecomunicações tem como âmbito de ação a elaboração e execução de esquemas de comunicação no Palácio do Governo, nas residências oficiais e nos demais locais de permanência ou trânsito do Governador, controle, operação e manutenção dos aparelhos e equipamentos de telecomunicações do Palácio do Governo, residências oficiais e das viaturas; a transmissão e recebimento de mensagens do Governador e demais autoridades do Poder Executivo estadual; outras atividades correlatas.

TÍTULO IV
DAS ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES DOS OCUPANTES DE CARGOS DE CHEFIA

CAPÍTULO I
Nível de Direção superior

SEÇÃO ÚNICA
Do Secretário Chefe da Casa Militar

Art. 9º – Ao Secretário Chefe da Casa Militar compete:
a) as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de chefia, nos termos do art. 43, da Lei nº 3.043/1975;
b) as atribuições constantes no art. 45, da Lei nº 3.043/1975;
c) desempenhar as atividades constantes das alíneas "b", "c", "d", "f", "l", "m", "n", "o", "p", "q", "s", "t", do art. 46 da Lei nº 3.043/1975;
d) promover a recepção, estudo e triagem dos expedientes militares encaminhados ao Governador e proceder a transmissão e controle da execução das ordens e determinações dele emanadas;
e) promover as atividades relativas ao cerimonial militar;
f) apreciar em grau de recursos quaisquer decisões no âmbito da Casa Militar, ouvido sempre a autoridade cuja decisão enseje recurso;
g) coordenar mediada necessárias na promoção das relações protocolares do Governador do Estado com autoridades militares,
h) organizar e supervisionar os serviços de telecomunicações do Palácio do Governo e das residências oficiais, de forma que os mesmos permaneçam em perfeito estado de funcionamento, possibilitando que sejam transmitidas e recebidas com presteza as informações necessárias aos vários serviços do Governo estadual;
i) organizar as viagens do Governador, especialmente ao que se refere a composição de comitiva, transporte, hospedagem e programação a ser cumprida;
j) promover sindicâncias relacionadas com assuntos militares ou administrativos, por recomendação do Governador;
l) promover estudos e medidas relativas a segurança do Governador, seus familiares, do Palácio do Governo, das Residências Oficiais, bem como de outras autoridades;
m) organizar e controlar o sistema de transporte do governo do Estado e de hóspedes oficiais;
n) promover a perfeita articulação com o Gabinete do Governador, Casa Civil, Secretaria de Estado de Segurança Pública, administração do Palácio e Residências Oficiais, visando facilitar o atingimento dos objetivos do governo bem como para evitar paralelismo de ação;
o) requisitar à Polícia Militar e Superintendência da Polícia Civil o pessoal necessário aos serviços de segurança e transporte;
p) referendar decretos e leis estaduais;
q) desempenhar outras tarefas compreendidas no art. 1º deste Regulamento, no art. 21 da Lei 3043/1975 e outras compatíveis com a função ou determinadas pelo Governador.

CAPÍTULO II
Nível de Assessoramento

SEÇÃO ÚNICA
Do Subchefe da Casa Militar

Art. 10 – Ao Subchefe da Casa Militar compete:
a) as responsabilidades fundamentais aos ocupantes de cargos de chefia nos termos do art. 43 da Lei 3043/1975;
b) assessorar o Secretário Chefe da Casa Militar no desempenho de suas atribuições, substituindo-o nos seus afastamentos, ausências e impedimento;
c) preparar as escalas de serviço a serem cumpridas pelos Ajudantes de Ordens para o serviço de permanência, bem como controlar sua execução;
d) coordenar as atividades relativas ao cerimonial militar;
e) manter perfeito entrosamento com o Centro Estadual de Comunição Social no desenpenho de atividades relativas ao cerimonial;
f) coordenar as medidas de caráter administrativo necessárias na promoção das relações protocolares do Governador do Estado com autoridades militares;
g) proceder a transmissão às unidades e pessoal das ordens e decisões emanadas do Secretário Chefe da Casa Militar, bem como acompanhar a sua execução;
h) realizar estudos, pesquisas, análises, levantamentos, pareceres e investigações de natureza especial determinados pelo Secretário Chefe da Casa Militar;
i) coordenar a execução das atividades de assistência administrativa abrangente ao Secretário Chefe da Casa Militar, no desempenho de suas atribuições e compromissos oficiais particulares;
j) coordenar a atuação dos grupos setoriais no âmbito da Casa Militar , centralizando as demandas de serviços a ele destinados e facilitando o atingimento de seus propósitos como sistemas estruturantes;
l) praticar os atos administrativos não relacionados com os sistemas de planejamento, financeiro, de administração geral e de recursos humanos;
m) submeter à consideração do Secretário Chefe da Casa Militar os assuntos que excedam à sua competência;
n) autorizar a expedição de certidões e atestados relativos a assuntos da Casa Militar;
o) assegurar no que couber à Casa Militar a rigorosa atualização do cadastro central de recursos humanos da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos;
p) promover a elaboração da proposta orçamentária da Casa Militar para aprovação do Secretário Chefe da Casa Militar;
q) manter estreita articulação com o Gabinete do Governador na programação das viagens do Governador;
r) promover e coordenar todas as medidas necessárias ao deslocamento do governador, relativas à meios de locomoção, hospedagem, numerário, comunicação e

inclusive tomando as providências nos locais de estada do Governador;
s) promover o controle de acordos, convênios e contratos em que a Casa Militar seja parte;
t) promover o controle de resultados das ações das unidades da Casa Militar, em confronto com a programação , expectativa inicial de desempenho e volume de recursos utilizados;
u) promover a integração com a Casa Civil nas atividades relativas ao protocolo do expediente oficial da Casa Militar.
v) desempenhar outras tarefas compreendidas no art. 5º e as compatíveis com a função e outras determinadas pelo Secretário Chefe da Casa Militar.

CAPÍTULO III
Nível Executivo

SEÇÃO I
Do Chefe do Núcleo de Operações Especiais

Art. 11 – Ao chefe do Núcleo de Operações Especiais compete;
a) as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de Chefia, nos termos do art. 43, da Lei nº 3.043/1975;
b) planejar e executar esquemas de segurança pessoal do governador, dos seus familiares, bem como de outras autoridades em visitas ou missão especial no Estado;
c) planejar e executar esquemas de segurança física do Palácio do Governo, das residências oficiais, dos locais de visita ou área de trânsito do Chefe do Poder Executivo;
d) executar, quando necessário , as atividades de segurança à outras autoridades do Governo do Estado;
e) executar em articulação com o Governo Federal, as atividades de segurança de autoridades federais ou estrangeiras;
f) promover as atividades relativas à expedição de documentos de identificação funcional dos servidores dos órgão instalados no Palácio do Governo;
g) promover a expedição de credenciais a jornalistas em articulação com o Centro de Comunicação Social;
h) articular-se com o Departamento de Trânsito do Estado na fiscalização e controle de trânsito do Estado na fiscalização e controle de trânsito e do estacionamento de veículos nas adjacências do Palácio do Governo, ou em outras localidades dentro da programação que compõe os esquemas de segurança;
i) coletar, analisar e cadastrar dados necessários ao desenvolvimento das atividades de Segurança;
j) manter intercâmbio com os órgãos de segurança federais e estaduais;
l) organizar e controlar o Corpo da Guarda do Palácio e residência oficiais, de caráter ordinário e extraordinário;
m) manter perfeito entrosamento com a Secretaria de Estado da Segurança Pública nas atividades relativas à segurança do Governador, do Palácio e das residências oficiais e à obtenção de pessoal e material necessário ao serviço de segurança;
n) manter estreita articulação com a Administração do Palácio e das Residências Oficiais no controle dos acessos do Palácio, nas medidas preventivas contra incêndio e demais atividades de segurança, de modo a facilitar o atingimento dos objetivos da unidades, bem como visando duplicidade de ação.
o) desempenhar outras tarefas compreendidas no art. 6º e as compatíveis com a função e outras determinadas pelo seu superior.

SEÇÃO II
Do Chefe do Núcleo de Transportes

Art. 12 – Ao Chefe do Núcleo de Transportes cabe:
a) as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de Chefia, nos termos do art. 43, da Lei nº 3.043/1975;
b) coordenar, controlar e executar as atividades relativas ao fornecimento de transporte ao Governador, seus familiares e autoridades em visita ou missão especial no Estado;
c) coordenar as atividades referentes à manutenção , guarda e abastecimento, da frota de veículos, através dos serviços regulares do Estado;
d) organizar a escala de horário de motorista visando manter permanentemente pessoal disponível para pronto atendimento ao Governador, seus familiares e hóspedes;
e) desempenhar outras tarefas compreendidas no art. 7º e as compatíveis com a função e outras determinadas pelo seu superior.

SEÇÃO IV
Do Chefe do Núcleo de Telecomunicações

Art. 13 – Ao Chefe do Núcleo de Telecomunicações compete:
a) as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargo de chefia nos termos do art. 43 da Lei nº 3.043/1975;
b) elaborar e executar esquemas de comunicação do Palácio Anchieta, das residências oficiais e nos demais locais de permanência ou trânsito do Governador;
c) controlar, operar e manter em perfeitas condições de uso, os aparelhos e equipamentos de telecomunicação do Palácio do Governo, residências oficiais e viaturas;
d) promover o recebimento, processamento, transmissão e entrega de mensagens do Governador bem como de outros órgãos do Poder Executivo;
e) sugerir medidas ou instalações de equipamentos necessários à maior eficiência ou segurança das comunicações governamentais;
f) desempenhar outras tarefas compreendidas no art. 8º e as compatíveis com a função determinadas pelo seu superior.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 14 – As atividades meio caracterizadas como administração geral, de recursos humanos, finanças e de planejamento necessários ao pleno funcionamento da Casa Militar serão executadas e terão orientação normativa dos Grupos Setoriais atuantes na Casa Civil, nos termos do art. 52 da Lei nº 3.053/1975.

Art. 15 – Até que os Grupos Setoriais estejam perfeitamente definidos e em condições de prestar os serviços de sua competência, as atividades a eles concernentes serão temporariamente exercidas pela subchefia da Casa Militar.
Parágrafo único – O subchefe da Casa Militar na prestação de serviços de que trata este artigo, promoverá obrigatoriamente;
a) a estreita articulação com a subchefia para coordenação dos Meios Administrativos da Casa Civil de modo a favorecer o futuro funcionamento dos Grupos Setoriais;
b) a adoção de medidas e soluções administrativas compatíveis com o futuro funcionamento dos Grupos, evitando a criação de situações que possam contrariar as diretrizes características dos sistemas estruturantes.

Art. 16 – A Casa Militar em perfeita articulação com a Secretaria de Estado de Segurança poderá promover

estudos e esquemas de segurança das Secretarias de Estado, bem como de seus titulares.

Art. 17 – Fica a cargo da Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos as providências relativas à revisão da lotação do pessoal efetivo e em comissão da Casa Militar.
Parágrafo único – Até que seja cumprido o disposto neste artigo a lotação dos cargos em comissão da Casa Militar é a constante na Tabela Única que integra este Regulamento.

Art. 18 – O detalhamento das atribuições estabelecidas neste regulamento será baixado através de Portaria do Secretário-Chefe da Casa Militar.

Art. 19 – O Secretário- Chefe da Casa Militar resolverá os casos omissos neste Regulamento.

DECRETO Nº 1.522-E, de 06.09.1977

Dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares das Praças e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 71, da Emenda Constitucional nº 1, de 13.11.1971, e de acordo com o art. 49 e seus parágrafos, da Lei nº 3.044, de 31.12.1975 (Lei de Organização Básica da Polícia Militar), decreta:

Art. 1º – As praças da Polícia Militar do Espírito Santo são agrupadas em duas Qualidades Policiais Militares Gerais (QPMG):
a) QPMG-1 – Praças policiais militares (Praças PM);
b) QPMG-2 – Praças bombeiros militares (Praças BM);
§1º – As QPMG são constituídas das seguintes Qualificações Policiais Militares Particulares (QPMP):
I – QPMP-0 – Combatente;
II – QPMP-1 – Manutenção de Armamento (Mnt Armt);
III – QPMP-2 – Operador de Comunicação (Op Com);
IV – QPMP-3 – Manutenção de Mecânica (Mnt Mec);
V – QPMP-4 – Músico (mus);
VI – QPMP-5 – Manutenção de Comunicação (Mnt Com);
VII – QPMP-6 – Auxiliar de Saúde (Aux S);
VIII – QPMP-7 – Corneteiro (Corn).
IX – QPMP-O/P – Combatente Peculiar.

- *Acrescentadopelo Decreto n] 9.294-N, de 01.07.1998*

§2º – Constituem ainda as QPMG-2 as seguintes Qualificações Policiais Militares Particulares (QPMP):
I – QPMP-8 – Condutor e Operador de Viatura (Cond OP Vtr);
II – QPMP-9 – Manutenção de Equipamento Especializado (Mnt Eq Esp);
III – QPMP-10 – Busca e Salvamento (B Slv).
§3º – As Praças integrantes das QPMP constantes dos incisos II a VIII do §1º e as dos incisos I, II e III do §2º são denominadas Praças Especialistas.
§4º – A QPMG-2 será constituída pelas Praças que integram atualmente o Corpo de Bombeiros, inclusive, respeitando-se o previsto no §2º do art. 9º deste Decreto.
§5º – Salvo o disposto no parágrafo precedente, todas as demais praças da ativa da Polícia Militar integrarão a QPMG-1.

Art. 2º – O ingresso para preenchimento nos claros de Praças Especialistas (QPMP) será feito mediante exame de suficiência técnico-profissional, realizado de acordo com as Diretrizes Gerais de Ensino e Instrução (DGEI) da Inspetoria Geral das Polícias Militares (IGPM), devendo os soldados candidatos preencher os seguintes requisitos:
a) estarem classificados no comportamento "BOM";
b) haverem freqüentado integralmente o período de formação policial militar;
c) haverem servido por dois anos, no mínimo, em unidade operacional;
d) terem parecer favorável do Comandante de Unidade em que servirem, baseado no seu desempenho como executante de missões policiais militares.

Art. 3º – O preenchimento dos claros, nas graduações das Praças Especialistas, obedecerão às prescrições contidas no art. 7º do presente Decreto.

Art. 4º – Ao sargento considerado Praça Especialista, em cuja Qualificação Policial Militar Particular a graduação máxima não atingir a de Subtenente ou 1º Sargento, é facultada a mudança de qualificação desde que sejam atendidas as seguintes disposições:
a) haver o pretendente, à mudança de qualificação, alcançado a última graduação para a sua especialidade, obedecendo o que estabelece o Regulamento de Promoção de Praças da Polícia Militar;
b) existir vaga na Qualificação Policial Militar Particular para a qual é pretendida a transferência, desde que não haja graduados na qualificação em condições de preenchê-la;
c) haver sido julgado apto em prova de conhecimentos da qualificação, realizada de acordo com instruções do Comando Geral da Corporação e prevista nas DGEI/IGPM;
d) existir correlações entre as qualificações policiais militares particulares.
Parágrafo único – São correlatas para fins deste artigo:
a) Operador de Comunicação e Manutenção de Comunicação;
b) Músico e Corneteiro;
c) Manutenção de Mecânica e Condutor e Operador de Viatura.

Art. 5º – As Praças poderão ser transferidas de uma QPMG para outra mediante autorização do Comandante Geral da Corporação e concorrerão às promoções dentro das vagas de sua QPMP independente da QPMP de origem.

Art. 6º – Quando a graduação final de uma QPMP for Cabo ou 2º Sargento, será facultado, respectivamente, aos seus integrantes, concorrer à seleção para ingressar nos Cursos de Formação de Sargentos Especialistas ou Aperfeiçoamento de Sargentos Especialistas.
Parágrafo único – Para matrícula nos referidos cursos, dos interessados em mudar de qualificação são indispensáveis além de requisitos exigidos aos demais candidatos, os de que trata o art. 4º deste Decreto.

Art. 7º – Os civis, militares e policiais militares candidatos ao Curso de Formação de Sargentos e os dois últimos ao de Cabos Especialistas serão submetidos, quando da seleção para ingresso nos referidos cursos, a exames técnicos no campo das qualificações em que se propõem a servir.
§1º – Os exames de que trata o presente artigo são de caráter eliminatório.
§2º – Para as graduações do QPMP-0 (Combatente), será permitida a inscrição de civis no concurso de seleção para ingresso no Curso de Formação de Sargentos, para preenchimento de um terço das vagas, permissão esta que não se estende ao Curso de Formação de Cabos.

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 2.314-E, de 30.12.1981*

Art. 8º – Nos currículos dos Cursos de Aperfeiçoamento, de Formação de Sargentos e de Formação de Cabos Especialistas deverão constar matérias específicas às qualificações do pessoal matriculado, com carga horária de no mínimo um terço da carga horária total.
§1º – Não dispondo a Polícia Militar de instrumentos habilitados a ministrar as matérias de natureza técnica, constante dos currículos desses cursos, fica o Comandante Geral autorizado a solicitar pessoal de outras Corporações policiais militares e corpos de bombeiros militares, ou ainda, civis técnicos.
§2º – Na impossibilidade de atender o previsto no parágrafo anterior, o Comando da Corporação fica autorizado a firmar convênios com organizações civis do Estado ou de polícias militares, ou mandar seu pessoal cursar em escolas ou cursos regionais das Forças Armadas, nestas duas últimas hipóteses de acordo com o número de vagas que tenham sido atribuídas pelos órgãos competentes.

Art. 9º – Para atender o disposto nos parágrafos 1º e 2º do art. 1º do presente Decreto, passam a integrar as QPMP as seguintes especialidades:
a) como QPMP-0 (Combatente), as constantes do Anexo A, do presente Decreto com as suas respectivas graduações;
b) como QPMP-1 (Manutenção de Armamento), as de Encarregado de Material Bélico, Ferreiro-Serralheiro e Armeiro, com as respectivas graduações;
c) como QPMP-2 (Operador de Comunicação), as de Radiotelegrafista e Telefonista, com as respectivas graduações;
d) como QPMP-3 (Manutenção de Mecânica), as de Mecânico de Auto, Eletricista de Auto e Mecânica, com as respectivas graduações;
e) como QPMP-4 (Músico), as de Músico, com as respectivas graduações;
f) como QPMP-5 -(Manutenção de Comunicação), as de Mecânico de Rádio e Técnico de Radiofonia, com as respectivas graduações;
g) como QPMP-6 -(Auxiliar de Saúde), as de Enfermeiro, Auxiliar de Saúde, Auxiliar de Prótese e Auxiliar de Farmácia, com as respectivas graduações;
h) como QPMP-7 -(Corneteiro), as de Corneteiro Tamborista com as respectivas graduações;
i) como QPMP-8 -(Condutor e Operador de Viaturas), as de Motorista (existente no Corpo de Bombeiros), com as respectivas graduações.
§1º – As Praças enquadradas na letra "a" do presente artigo, serão inscritas "ex-offício" em estágio de adaptação promovido pela Corporação para o desempenho e o acesso à sua qualificação respeitado o princípio de antigüidade na graduação, bem como das exigências contidas no Regulamento de Promoção de Praças.
§2º – Ficam transformadas em vagas de soldados policiais militares ou bombeiros militares da QPMP-0 (Combatente), as vagas atualmente correspondentes às especialidades com suas graduações, constantes do Anexo B parte integrante do presente Decreto.

Art. 10 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de outubro de 1977.
ÉLCIO ÁLVARES
Governador do Estado
(D.O.E. 01.11.1977)

DECRETO Nº 1.567-E, de 26.12.1977

Institui e regulamenta a Medalha "Mérito Militar" da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 74, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo Nº 4.382/1977, C.V., decreta:

Art. 1º – Fica instituída a Medalha "Mérito Policial Militar" destinada a galardoar os atos de bravura praticados pelos policiais militares da ativa ou da inatividade da Polícia Militar do Espírito Santo.
§1º – Entende-se por ato de bravura, para efeitos deste Decreto, a ação praticada de maneira consciente e voluntária, com evidente risco de vida, e cujo mérito transcenda em valor, audácia e coragem a qualquer considerações de natureza negativa, quanto à imprudência porventura cometida.
§2º – Não se considera ato de bravura o praticado por quem tenha o dever profissional de enfrentar o perigo, sendo razoável a exigência do sacrifício, nos termos da legislação vigente.
§3º – Não se considera ato de bravura o praticado em benefício do agente ou pessoa de seu parentesco até o 4º grau, inclusive.
§4º – O ato de bravura é reconhecido pelo Comandante Geral da Polícia Militar, à vista do apurado em sindicância regular.

Art. 2º – A Medalha "Mérito policial militar", cuja concessão é de competência exclusiva do Governador do Estado, mediante proposta do Comandante Geral, terá as seguintes características: (desenho 1)
a) material – "vermeil";
b) no anverso – apresentará a forma de cruz de malta forquilhada, medindo 40 mm tanto na altura como na largura, com os braços esmaltados em preto, circundados por um filete de 1 mm: sobreposto ao centro da cruz, um disco em relevo de 20 mm de diâmetro, esmaltado em branco, sobre o qual ficará uma águia de asa aberta, em "vermeil", com suas garras pousadas em cima de um pequeno círculo, esmaltado em vermelho, contendo duas garruchas cruzadas, em "vermeil", ambas em relevo;
c) no reverso – no centro do disco a inscrição "Polícia Militar do Espírito Santo" em letras maiúsculas e, em algarismos arábicos, os números 6-4-1835;
d) no centro da cabeça superior da cruz haverá um suporte de 3 mm de diâmetro, no qual se prenderá uma passadeira, medindo 40 mm de comprimento, com 4 mm de altura, presa em uma argola de 3 mm de diâmetro, com os seguintes dizeres: "Mérito Policial Militar";
e) a medalha será pendente de uma fita de gorgorão de seda de 36 mm de largura e 55 mm de altura. Da direita para a esquerda, a fita terá as seguintes cores: vermelho (4 mm), branco (4 mm), verde (4 mm), preto (6 mm), dourado (2 mm), preto (6 mm), verde (4 mm), branco (4 mm). A fita enlaçará na presilha da passadeira.
Parágrafo único – O diploma que acompanha a medalha será de papel apergaminhado e terá as seguintes dimensões: 35 cm de altura e 25 cm de largura. (desenho 2)

Art. 3º – A medalha será pendente do peito esquerdo, na forma das disposições do Regulamento de Uniformes, e na falta deste, pelas disposições baixadas pelo Comandante Geral, em Boletim Interno da Corporação.

Art. 4º – Recebendo os autos da sindicância, o Comandante Geral, emitindo seu parecer, que será publicado em Boletim Interno da Corporação, declarará se é ou não concedida a medalha, justificando a sua decisão.
§1º – No caso da não concessão, o processo será arquivado na Secretaria do Conselho de Medalha e, no de concessão, será o mesmo remetido ao Governador do Estado com o parecer respectivo junto ao qual seguirá o diploma.
§2º – Recebendo-o, o Governador baixará Decreto, publicando no Diário Oficial, concedendo a medalha nos termos do diploma, que assinará com o Comandante Geral e o Chefe do Estado-Maior da Polícia Militar.

Art. 5º – A decisão do Comandante Geral de que trata o artigo precedente é irrecorrível.
§1º – A entrega da medalha e do diploma ao agraciado será sempre em solenidade cívico militar.
§2º – O uso da medalha é obrigatório em todas as solenidades oficiais, civis ou militares. Seu uso nas solenidades externas será determinada pelo Comandante Geral e, nas internas, pelos respectivos Comandantes, Diretores ou Chefes.

Art. 6º – A concessão da Medalha "Mérito policial militar" se verificará "ex-offício", ou a requerimento; neste último caso, o interessado, dirigir-se-á ao Comando Geral, juntando à petição o comprovante do que for alegado para justificar o pedido, e os nomes de 5 (cinco) testemunhas visuais do fato acontecido.

Art. 7º – A medalha, o diploma, a barreta e a roseta, são fornecidos gratuitamente pelo Estado, para o que, anualmente, deverá o orçamento da Polícia Militar consignar a verba necessária.
Parágrafo único – Será indenizada pelo agraciado a substituição da medalha e do diploma, nos casos de extravio, destruição ou inutilização.

Art. 8º – Fora das solenidades referidas no §2º do art. 5º, deste Decreto, o policial militar, quando em uniforme de passeio completo, usará a barreta no peito esquerdo, em cores iguais às da fita da medalha, presa acima da parte superior da pestana a do respectivo bolso.
§1º – A barreta, em metal esmaltado será confeccionada com 36 mm de comprimento e 12 mm de altura.
§2º – Quando em trajes civis, o agraciado usará na lapela esquerda a roseta, que será confeccionada com 10 mm de diâmetro.

Art. 9º – Constituindo as medalhas não distribuídas e os diplomas um patrimônio do Estado, sua cunhagem, aparelhamento, impressão e guarda, ficarão a cargo da Diretoria de finanças da Polícia Militar.

Art. 10 – Compõem o Conselho da Medalha "Mérito Policial Militar":
a) o Comandante Geral;
b) o Chefe do Estado-Maior;
c) o Secretário da Comissão de Promoção de Oficiais, como Secretário do Conselho.
Parágrafo único – Ao Secretário do Conselho compete:
a) organizar, manter em ordem e em dia e ter sob sua guarda o arquivo do Conselho;
b) manter um fichário atualizado, em ordem alfabética, com os nomes dos agraciados;
c) providenciar a confecção dos diplomas;
d) arquivar os autos da sindicância no caso de não concessão da medalha;
e) registrar no livro próprio, o diploma concedido;
f) anualmente, o Secretário do Conselho, depois de proceder às devidas anotações em fichas, remeterá todos os autos da sindicância à PM/2, para arquivamento.

Art. 11 – O Conselho de Medalha terá um livro de registro rubricado pelo Secretário, no qual serão inscritos, por ordem cronológica, o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, o número e data do Diário Oficial e do Boletim Diário, que publicaram a concessão da medalha.

Art. 12 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de dezembro de 1977.
ÉLCIO ÁLVARES
Governador do Estado
(D.O.E. 05.01.1978)

DECRETO Nº 1.568-E, de 26.12.1977

- *Vide Decreto nº4.360-N, de 17.07.1998*

Institui e regulamenta a Medalha "Vasco Fernandes Coutinho" da Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 74, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo Nº 4.382/1977, decreta:

Art. 1º – Fica instituída, na Polícia Militar do Espírito Santo, a Medalha "Vasco Fernandes Coutinho", a ser conferida aos policiais militares por valiosos serviços ou ações meritórias prestados à Corporação ou à sociedade capixaba.
Parágrafo único – Poderão ser agraciados com esta medalha, excepcionalmente, militares, policiais militares de outras Corporações, autoridades civis e eclesiásticas, pessoas jurídicas e órgãos públicos ou autárquicos, que tenham se destacado na vida pública ou, por quaisquer atos, tenham cooperado ou prestado à Corporação e ao seu pessoal, serviços considerados de excepcional relevância ou cujas iniciativas, no exercício de suas funções ou atividades profissionais, redundam em benefício da Polícia Militar do Espírito Santo.

Art. 2º – A medalha de que trata este Decreto, quanto às cores do material empregado na sua confecção, será de duas classes:
a) na cor amarela – para as autoridades civis e eclesiásticas, pessoas jurídicas e órgãos públicos ou autárquicos;
b) na cor branca – para militares e policiais militares.
§1º – Esta medalha terá as seguintes características (desenho 1):
a) apresentará a forma circular com 40 mm de diâmetro, com um disco interno de 32 mm que conterá em relevo, a efígie do donatário do Espírito Santo, e, entre o disco interno e o diâmetro da medalha, no alto, os dizeres "Vasco Fernandes Coutinho", em maiúsculas, em baixo, os dizeres "Donatário da Capitania do Espírito Santo", também em maiúsculas, ambos separados, lateralmente, por dois pequenos florões, em relevo.
b) no verso, um disco interno de 32 mm que conterá, em relevo o brasão do donatário do Espírito Santo, e, entre o diâmetro da medalha e o disco interno, no alto, os dizeres "Estado do Espírito Santo", em letras maiúsculas, e, em baixo, "23 MAI 1535", em algarismos arábicos, ambos separados por florões, em relevo.

c) no centro superior da medalha, haverá um suporte de 4 mm de diâmetro, que sustentará uma argola de 10 mm de diâmetro interno por 12 mm de diâmetro externo, ambos do mesmo metal da medalha.
d) a medalha será pendente de uma fita de gorgorão de seda de 36 mm de largura total, de 55 mm de comprimento, afinando então em bisal na extensão de 12 mm, findos os quais a ponta se prenderá na argola da medalha. Da direita para a esquerda, a fita apresentará as seguintes cores: azul (10 mm), amarelo (2 mm), verde (2 mm), branco (8 mm), verde (2 mm), amarelo (2 mm) e azul (10 mm).
§2º – O diploma, que acompanha a medalha, tanto a de cor amarela como a de cor branca, será em papel apergaminhado e terá as seguintes dimensões 40 cm de comprimento e 30 cm de altura (desenho 2).

Art. 3º – A concessão desta medalha é de competência do Comandante Geral, por proposta da Comissão de Oficiais Superiores (que constitui o Conselho da Medalha), a qual emitirá seu parecer e votação conjuntos.
§1º – O conselho da Medalha contituido de 05 (cinco) oficiais da ativa, escolhidos, livremente, pelo Comandante Geral da PMES, dentre os Oficiais Superiores da Corporação, já agraciados com Medalha "VASCO FERNANDES COUTINHO" será presidido pelo mais antigo, e terá como Secretario o A judante de Comando Geral da PMES".

- *Alterado pelo Decreto nº 1.464-S, de 08.07.03*

§2º – Esta comissão reunir-se-á somente uma vez por ano, em data estabelecida pelo Comandante Geral e procederá à escolha dos que estiverem em condições de serem agraciados, examinando na ocasião os assentamentos, documentação e informes atinentes a cada candidato, e emitindo, em seguida, seu parecer, que será sempre opinando pela concessão ou não.
§3º – As decisões da comissão serão tomadas por maioria de votos, votando o presidente (oficial mais antigo) apenas para o desempate.
§4º – Escolhidos os que deverão ser agraciados, o Comandante Geral transcreverá, em Boletim Diário, os nomes dos agraciados; sendo autoridades civis, eclesiásticas, militares ou policiais militares, de outras Corporações, pessoas jurídicas, órgãos públicos ou autárquicos, o Comandante Geral da PMES lhes comunicará a concessão.
§5º – A data da entrega da medalha será no dia 23 de maio de cada ano, em solenidade cívica;

Art. 4º – A concessão da medalha será acompanhada do diploma assinado pelo Comandante Geral, ou pelo Chefe do Estado-Maior, no seu impedimento, pelo Presidente e pelo Secretário da Comissão.
§1º – Anualmente, não excederá a 30 (trinta) o número de agraciados, devendo um número de 20 (vinte) pertencer aos Quadros da PMES.

- *Dada nova redação pelo Decreto nº7.132-E, de07.03.1998*

§2º – No caso de a data prevista no §5º do artigo precedente cair num domingo, a entrega da medalha será antecipada para sexta-feira da mesma semana;
§3º – Na entrega da medalha observar-se-á o seguinte:
I – aos civis será entregue pelos oficiais designados pelo Comandante Geral da PMES, de preferência entre oficiais do EM;
II – aos militares e policiais militares será entregue pelos oficiais presentes ao ato, designados pelo Comandante Geral da PMES.

Art. 5º – Não farão jus à medalha "Vasco Fernandes Coutinho" e perderão o direito à que tenham recebido:
a) os militares, policiais militares, integrantes ou não da Polícia Militar do Espírito Santo, e os civis, que estejam respondendo ou tenham respondido a processo-crime na Justiça, no qual, não constar expressamente sua absolvição em sentença transitada em julgado.
b) os militares, os policiais militares e os civis, enquanto estiverem respondendo a Inquérito Policial Militar ou a inquérito policial, só podendo ser agraciados, após nada ter sido apurado contra os mesmos;
c) os militares e os policiais militares que estejam respondendo a Conselhos de Justificação e de Disciplina, só podendo ser agraciados caso nada tenha sido apurado contra os mesmos;
d) os que tenham tido seus direitos políticos cassados;
e) os que foram ou que tiverem sido licenciados ou excluídos da PM a bem da disciplina ou pela conveniência do serviço;
f) os policiais militares reincidentes em punição por ingestão de bebida alcoólica;
g) os que estiverem no mau comportamento;
§1º – Não se aplicará o disposto na letra "c" deste artigo, aos policiais militares que estiverem respondendo àqueles conselhos, "a pedido";
§2º – Após ser publicado em Boletim Diário da Corporação a cassação da medalha, deverão ser restituídos esta e o respectivo diploma.

Art. 6º – O Comandante Geral, os Comandantes de Unidades e Subunidades Isolados, os Diretores ou Chefes, deverão propor os nomes dos seus subordinados à Comissão de Oficiais Superiores, quando os julgarem em condições de receber a medalha "Vasco Fernandes Coutinho".

Art. 7º – Compete, exclusivamente, ao Comandante Geral e à Comissão de Oficiais Superiores propor nomes de militares, policiais militares de outras Corporações, autoridades civis e eclesiásticas, pessoas jurídicas, órgãos públicos e autárquicos, a fim de serem agraciados com a medalha "Vasco Fernandes Coutinho".

Art. 8º – A decisão da Comissão de Oficiais Superiores, que não conceder a medalha é irrecorrível.
§1º – Os que forem agraciados com a medalha, de que trata o presente Decreto, caso recusem o recebimento, jamais poderão ser novamente agraciados.
§2º – Os que tiverem seu nome submetido à apreciação da Comissão de Oficiais Superiores, e for recusado a concessão, só poderão ser indicados novamente, transcorridos 24 (vinte e quatro) meses.

Art. 9º – Os estojos da medalha conterão:
a) na cor amarela – a medalha, a miniatura da medalha e a roseta;
b) na cor branca – a medalha, a barreta e a roseta.
§1º – No traje civil, os agraciados poderão usar na lapela esquerda a roseta, que será confeccionada com 10 mm de diâmetro.
§2º – A miniatura da medalha terá 13 mm de diâmetro e as demais medidas, inclusive da fita, serão proporcionalmente reduzidas.
§3º – Para os policiais militares do Espírito Santo, o uso da medalha ou da barreta é obrigatório em todas as solenidades oficiais, quer de caráter militar como civil, devendo ser observado, que:
I – a medalha será pendente do peito esquerdo, na forma das disposições do Regulamento dos Uniformes, e na falta

deste, pelas disposições baixadas pelo Comandante Geral em Boletim Interno da Corporação, e seu uso nas formaturas militares externas será determinado pelo Comandante Geral, e nas internas pelos respectivos Comandantes, Diretores ou Chefes;
II – quando em uniforme de passeio completo, os policiais militares usarão a barreta no peito esquerdo, presa acima da parte superior da pestana do respectivo bolso.
§4º – A barreta, em metal esmaltado, será confeccionada com 36 mm de comprimento e 12 mm de altura, nas cores iguais às fita da medalha.

Art. 10 – Os estojos da medalha, de que trata o artigo precedente, bem como os diplomas são fornecidos gratuitamente pela Polícia Militar à conta de recursos a esse fim destinados, mas, nos casos de extravio, destruição ou inutilização, os interessados terão de indenizar a substituição pelo preço de aquisição.

Art. 11 – Constituindo as medalhas não distribuídas e os diplomas um patrimônio da PMES, sua cunhagem, aparelhamento, impressão e guarda ficarão a cargo da Diretoria de Finanças da PMES.

Art. 12 – Compete à Comissão de Oficiais Superiores:
a) aprovar ou recusar a concessão da medalha;
b) velar pela fiel execução do presente Decreto;
c) propor as medidas que se tornarem indispensáveis ao bom desempenho de sua funções;
d) determinar a restituição da medalha e do diploma pelo agraciado que incorrer nos casos previstos no art. 5º deste Decreto.
Parágrafo único – Compete ao Secretário da Comissão:
a) secretariar as sessões e redigir as atas;
b) organizar, manter em ordem e em dia, e ter sob sua guarda, o arquivo da Comissão;
c) manter um fichário atualizado, em ordem alfabética, com os nomes dos agraciados;
d) providenciar a confecção dos diplomas;
e) registrar no livro próprio o diploma concedido;
f) apostilar no verso no diploma o motivo de sua restituição.

Art. 13 – A Comissão de Oficiais Superiores terá um livro de registro rubricado pelo secretário, no qual são inscritos, por ordem cronológica, o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, o número e data do Boletim Diário que publicar a concessão da medalha.

Art. 14 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de dezembro de 1977.
ÉLCIO ÁLVARES
Governador do Estado
(D.O.E. 05.01.1978)

DECRETO Nº 1.569-E, de 26.12.1977

Institui e regulamenta a Medalha "Valor Policial Militar" da Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 74, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo Nº 4.382/1977, C.V., decreta:

Art. 1º – Fica instituída a Medalha "Valor Policial Militar", a ser conferida aos policiais militares da Polícia Militar do Espírito Santo, como reconhecimento do Estado pelos bons serviços prestados, com fé, lealdade, constância e valor.

Art. 2º – Os policiais militares serão agraciados com medalhas correspondentes a 10, 20 e 28 anos de serviço efetivo, prestados à Polícia Militar, desde que preencham as condições estabelecidas neste Decreto.

- *Redação dada pelo Decreto nº7.386-E, de 27.04.1999.*

§1º – As medalhas de que trata este artigo, quanto às cores do material empregado nas suas confecções, referente ao tempo de serviço exigido para sua concessão, deverão ser as seguintes:
a) cor bronze – para 10 (dez) anos;
b) cor de prata – para 20 (vinte) anos;
c) cor de ouro – para 28 (vinte e oito) anos;

- *Redação dada pelo Decreto nº7.386-E, de 27.04.1999*

§2º – O tempo de serviço será o de efetivo exercício, contando-se em dobro somente o de campanha.
§3º – Não se abaterão no tempo de serviço os períodos de férias, os de dispensa do serviço como recompensa, os de licença especial ou equivalente e os das licenças concedidas em virtude de moléstia adquirida em ato de serviço.

Art. 3º – Aos policiais militares da inatividade, que preencham as condições estabelecidas neste Decreto, somente será concedido o diploma correspondente a cada medalha, devendo o mesmo referir-se, apenas à última década de serviços que prestaram à Corporação.

Art. 4º – A medalha terá as seguintes características:
a) apresentará a forma de uma cruz de malta medindo 30 mm tanto na altura como na largura, com as seguintes inscrições: na cabeça, a palavra "Brasil" em letras maiúsculas; no braço direito o número "6", em algarismos arábico; no esquerdo o número "IV", em algarismos romanos; no pé o número "1835", em algarismos arábicos; todos representativos da data de criação da Polícia Militar do Espírito Santo. Sobreposto ao centro da cruz, um disco de 18 mm de diâmetro, compreendida a bordadura de esmalte azul celeste, com outro disco central de 10 mm de diâmetro, de esmalte azul forte, concêntrico ao primeiro e separados por um filete de ½ mm do mesmo metal. Na extremidade inferior do diâmetro vertical e sobre o meio do disco exterior uma estrela do mesmo metal, à direita da qual começarão os dizeres, em maiúsculas, "POLÍCIA MILITAR DO ESPÍRITO SANTO", escritos em toda extensão do círculo exterior; no centro do disco interior figurará a constelação do Cruzeiro do Sul, cujas estrelas serão do mesmo metal;
b) a cruz é posta sobre uma coroa de louros, circular, com 30 mm de diâmetro no exterior com 10 mm de largura havendo entre ela e os braços da cruz um fuzil à direita, com 35 mm de comprimento e uma espada à esquerda, com a ponta para o alto, com o comprimento igual ao do fuzil, espada e fuzil cruzados em aspa;
c) no verso da cruz, um disco semelhante em material e tamanho ao do anverso, com um desenho do Convento da Penha e com as seguintes inscrições, em letras maiúsculas, nos braços da cruz: na cabeça – "FÉ"; no pé – "VALOR"; no direito – "LEALDADE"; no esquerdo – "CONSTÂNCIA";
d) no centro da cabeça superior da cruz haverá um suporte de 4 mm de diâmetro, que sustentará uma argola de 8 mm de diâmetro interno por 10 mm de diâmetro externo, ambos do mesmo metal da medalha;

e) a medalha será pendente de uma fita de gorgorão de sede de 30 mm de largura total, de 45 mm de comprimento, afinando então em bisel na extensão de 15 mm , findos os quais a ponta se prenderá na argola da medalha. Da direita para a esquerda, a fita apresentará 3 listras, de 10 mm de largura cada uma, na ordem de cores seguintes: rosa, branco e azul cores da bandeira estadual. Enlaçando a fita, no alto um passador, do mesmo metal da medalha com 32 mm de largura por 10 mm de altura, carregado de estrelas, na seguinte ordem: uma para 10 anos (sobre a listra branca), duas para 20 anos (tangenciando a fita branca), 3 para 30 anos; cor de bronze, cor de prata e cor de ouro respectivamente (desenho 1 e 2).
Parágrafo único – O diploma, que acompanha a medalha, terá a seguintes dimensões: 35 mm de comprimento e 25 mm de altura; será em papel pergaminho (desenho 3).

Art. 5º – A medalha será pendente do peito esquerdo, na forma das disposições do Regulamento de Uniformes, e, na falta deste, pelas disposições baixadas pelo Comandante Geral, em boletim interno da Corporação.

Art. 6º – Entende-se por bons serviços um conjunto de ações praticadas durante os períodos de serviço referidos no art. 2º, deste Decreto, que torna o policial militar merecedor do reconhecimento do Estado, a juízo das autoridades adiante enumeradas.
§1º – Por fé entende-se a adesão absoluta do policial militar aquilo que considere verdadeiro, bem como a fidelidade aos compromissos e às missões que lhe estão afetas.
§2º – Por lealdade entende-se a conduta do policial militar sempre na defesa da Lei, da justiça e da autoridade legitimamente constituída.
§3º – Por constância entende-se a ação ininterrupta, no tempo e na lealdade do policial militar, que revele sua firmeza na prestação dos serviços.
§4º – Por valor entende-se a multiplicação dos serviços prestados, sempre com fé, lealdade e constância.

Art. 7º – Não fará jus à medalha e perderá o direito àquele que tenha recebido, devendo restituí-la bem como o diploma, o policial militar na ativa ou na inatividade que:
a) tiver sido ou for condenado por crime no foro militar e por crime ou contravenção penal no foro civil, ainda que tenha havido perdão da pena;
b) for julgado passível de reforma ou exclusão em Conselhos de Justificação ou Disciplina;
c) sofrer ou tiver sofrido punição disciplinar que mostre negligência ou desinteresse pelo serviço policial militar, ou que afete a moralidade da Corporação, que o incompatibilize com o espírito do art. 6º deste Decreto, a juízo das autoridades adiante enumeradas;
d) já esteve, estiver ou vier a cair na má conduta;
e) for ou tiver sido punido por ingestão de bebida alcoólica.
§1º – O policial militar, no caso da letra "d" deste artigo, só fará jus a medalha ou a restituição daquela que tenha perdido após reconquistar a "boa conduta" e nela permanecer durante 5 (cinco) anos.
§2º – A devolução da medalha e respectivo diploma será efetivada após a publicação da cassação no Diário Oficial do Estado e no Boletim Diário da Corporação, fazendo o Secretário do Conselho de Medalha Valor Policial Militar a devida apostila no verso do diploma.

Art. 8º – O policial militar dependente de processo criminal militar ou comum, ou, ainda, o que estiver respondendo a Conselho de Justificação ou de Disciplina, não figurará na proposta de concessão da medalha antes da sentença final.
Parágrafo único – Não figurará na proposta de concessão da medalha os que incidirem nos casos constantes do art. 7º deste Decreto.

Art. 9º – O ato do recebimento da medalha concedida obriga a restituição da que foi entregue anteriormente, substituindo-se esta por aquela no peito do policial militar.

- *Revogado pelo Decreto n º7.442-E, de 02.07.1999*

§1º – O policial militar que não quiser restituir a medalha anterior deverá indenizá-la no seu valor atual

- *Revogado pelo Decreto n º7.442-E, de 02.07.1999*

§2º – Após a substituição de uma medalha por outra, fica vedado o uso da anteriormente concedida.

- *Revogado pelo Decreto nº 7.442-E, de 02.07.1999*

§3º – No caso de substituição de medalha, não será devolvido o diploma referente às concessões anteriores.

- *Revogado pelo Decreto nº 7.442-E, de 02.07.1999*

Art. 10 – Para a concessão da medalha "Valor Policial Militar", cuja competência é exclusiva do Comandante Geral da Polícia Militar do E spirito Santo, mediante proposta do Chefe do Estado Maior Geral da Policia Militar, será obedecido o disposto nos parágrafos constantes deste artigo.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº1.632-S, de 05.08.03*

§1º – A Diretoria de Pessoal, no caso dos Oficiais e respectivos Comandantes de Organizações Policiais Militares (OPM), no caso das Praças, proporão anualmente, a concessão da medalha aos Militares Estaduais que completarem qualquer dos períodos referidos no art. 2º deste Decreto.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 7.386-E, de 27.04.1999*

§2º – O Diretor ou Comandante de OPM organizará o processo, no qual serão incluídos a fé de ofício do Oficial ou a Certidão de Assentamentos da Praça.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 7.386-E, de 27.04.1999*

§3º – Todos os processo passarão pela Diretoria de Pessoal para conferência de dados, após o que serão remetidos ao Conselho de Medalha.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 7.386-E, de 27.04.1999*

§4º – Revisto o processo no Conselho de Medalha, o Chefe do Estado-Maior encaminhá-lo-á ao Comandante Geral da Polícia Militar, juntando seu juízo pessoal sobre o valor do pretendente e se merece ou não a concessão.
§5º - Caberá ao Comandante Geral da Policia Militar do Estado do Espírito Santo, após o recebimento dos processos expedir o ato de concessão de medalhas, e a assinatura do diploma.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S, de 05.08.03*

§6º – No caso de negativa, o processo será arquivado na Secretaria do Conselho de Medalha.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S, de 05.08.03*

§7º – Ao receber os processos, o Comandante geral da Policia Militar do Estado do Espírito Santo baixará Portaria no Boletim do Comando Geral, concedendo a medalha nos termos do diploma.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

Art. 11 – Quando se tratar da concessão das medalhas cor de prata e cor de ouro, a fé de ofício ou a certidão de assentamentos de que trata o §2º do artigo anterior, conterá somente as alterações registradas a partir da data da concessão da medalha anterior, inclusive a citação do Decreto e do Diário Oficial e/ ou Portaria e Boletim do Comando Geral e suas datas, até a atualidade.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

Art. 12 – A decisão do Chefe do Estado Maior geral de que trata o § 4º do Art.10 deste Decreto, é irrecorrível.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

Art. 13 – O recebimento da medalha e diploma correspondente será em formatura geral ou de acordo com as instruções baixadas pelo Comandante Geral, obedecidas as prescrições contidas no Regulamento de Continências.
Parágrafo único – As medalhas serão entregues aos agraciados no dia 06 de abril de cada ano, data de aniversário da Polícia Militar, ou excepcionalmente em outra data que for designada pelo Comandante Geral da PMES, e observará o seguinte:

- *Redação dada pelo Decreto nº7.442-E, de 02.07.1999*

a) aos Oficiais, pelo Oficial mais antigo que estiver presente;
b) às Praças pelo Comandante, Diretor ou Chefe a que estiverem subordinadas.

Art. 14 – O uso da medalha é obrigatório em todas solenidades oficiais, quer de caráter militar, como civil.
Parágrafo único – Seu uso em formaturas militares externas para a Polícia Militar, será determinado pelo Comandante Geral, e nas internas pelos respectivos Comandantes, Diretores ou Chefes.

Art. 15 – As medalhas, diplomas e barretas são fornecidos gratuitamente pelo Estado, para o que, anualmente, no orçamento da Polícia Militar, será votado a verba necessária.
§1º – Os policiais militares na inatividade de que trata o art. 3º deste Decreto, que desejarem também receber a medalha indenizar as respectivas despesas, condição em que será a mesma concebida.
§2º – Também serão indenizadas pelos interessados as substituições de medalhas e diplomas em caso de extravio, destruição ou inutilização.

Art. 16 – Fora das solenidades referidas no art. 14 e seu parágrafo, os policiais militares, quando em uniforme de passeio completo, usarão uma barreta no peito esquerdo, em cores iguais às da fita da medalha, presa acima da parte superior da pestana do respectivo bolso, na qual, estará contida uma, duas ou três estrelas, conforme o tempo de serviço.
Parágrafo único – A barreta em metal esmaltado, será confeccionada em 36 mm de comprimento e 12 mm de altura.

Art. 17 – Constituindo as medalhas não distribuídas e seus diplomas um patrimônio do Estado, sua cunhagem, aparelhamento, impressão e guarda ficarão a cargo da Diretoria de Finanças da Polícia Militar do Espírito Santo.

Art. 18 – O Comandante Geral da Polícia Militar publicará em Boletim Diário da Corporação as normas para concessão da medalha "Valor policial militar".

Art. 19 – Compõem o Conselho de Medalha "Valor Policial Militar":

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

a) o Chefe do Estado Maior Geral da Policia Militar;
b) o Diretor de Pessoal;
c) os Comandantes das Policias Ostensiva (CPO);
d) o Secretário da Comissão de Promoção de Oficiais (CPO), como Secretário do Conselho.
§1º – Compete ao Conselho de Medalha:
a) aprovar ou recusar os processos para a concessão da medalha;
b) velar pela fiel execução do presente Decreto;
c) propor as medidas que se tornarem indispensáveis ao bom desempenho de suas funções;
d) determinar a restituição da medalha e do diploma do agraciado que incorrer nos casos previstos no art. 7º deste Decreto;
e) organizar, manter em dia e ter sob sua guarda o arquivo do Conselho.
§2º – Ao Chefe do Estado Maior Geral da Policia Militar compete:

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

a) presidir as reuniões do Conselho;
b) decidir "ad referendum" em caso de urgência sobre assuntos do Conselho;
c) convocar as reuniões.
§3º – Ao Secretário do Conselho compete:
a) secretariar as sessões e redigir as atas;
b) organizar, manter em ordem e em dia, ter sob sua guarda o arquivo do Conselho;
c) manter um fichário atualizado, em ordem alfabética, com os nomes dos agraciados;
d) providenciar a confecção dos diplomas;
e) registrar em livro próprio o diploma concedido;
f) apostilar no verso do diploma o motivo de sua instituição.

Art. 20 – O Conselho de Medalha terá um livro de registro rubricado pelo Secretário, para cada tipo de medalha, no qual serão transcritos, por ordem cronológica, o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, número e data do Boletim do Comando Geral que concedeu a medalha.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.632-S de 05.08.03*

Art. 21 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de dezembro de 1977.

ÉLCIO ÁLVARES
Governador do Estado
(D.O.E. 04.01.1978)

DECRETO Nº 1.124-N, de 31.03.1978

Estende o Regulamento de Promoções de Praças aos Músicos e Corneteiros da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 71, inciso IV da

Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo Nº 246/1978, C.V., decreta:

Art. 1º – Fica extensivo aos Músicos e Corneteiros da Polícia Militar do Espírito Santo, o Decreto nº 666, de 28.07.1964 (Regulamento de Promoções de Praças – R/16).

Art. 2º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de março de 1978.
ÉLCIO ÁLVARES
Governador do Estado
(D.O.E. 01.04.1978)

DECRETO Nº 1.221-N, de 28.10.1978

Regulamenta o regime de trabalho do funcionário estudante, disposto nos arts. 74, inciso XXV e 176 da Lei nº 3.200/1978

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – As unidades administrativas integrantes da administração pública estadual que tenham estudantes a seu serviço, regularmente matriculados em estabelecimentos de ensino oficiais ou oficializados, organizarão para estes escalas especiais, de modo a compatibilizar a prestação do número de horas de trabalho regulamentar com a freqüência à aulas.
§1º – ocorrendo a impossibilidade de total compensação de horário durante o ano letivo, as horas devidas pelo servidor estudante serão prestadas no período correspondente as férias escolares.
§2º – Para o efeito do disposto neste artigo, o servidor estudante deverá apresentar documento comprobatório da matrícula no estabelecimento de ensino e do horário das respectivas aulas, bem como do número do ato de reconhecimento ou autorização para funcionar, em se tratando de escolas e cursos particulares.
§3º – as escalas especiais de que trata este Decreto serão publicadas no diário Oficial ou em Boletim Interno das Unidades administrativas respectivas.

Art. 2º – A alteração de horário do servidor estudante, mediante compensação, será permitida ainda, quando ocorra a necessidade do afastamento do expediente para participação em aulas práticas ou atividades de extensão universitária, cabendo ao servidor estudante, em quaisquer desses casos, compensar as horas de afastamento, mediante antecipação ou prorrogação de horário.
Parágrafo único – A necessidade de afastamento deverá ser comunicada, antecipadamente, à chefia imediata, por escrito, para competente registro e controle, sendo obrigatória a respectiva comprovação.

Art. 3º – É facultado ao servidor estudante de qualquer nível de curso legalmente reconhecido faltar ao expediente da repartição para a prestação de prova ou exame, sem prejuízo dos respectivos vencimentos ou salários e vantagens.
§1º – para fazer jus aos benefícios deste artigo, caberá ao servidor estudante:
a) comunicar, previamente à chefia imediata a necessidade do afastamento;
b) solicitar a justificação das faltas ao dirigente da unidade administrativa onde tiver exercício, apresentando atestado fornecido pelo estabelecimento de ensino, do qual conste o dia e horário das provas.
§2º – O afastamento para prestação de provas será permitido;
a) no dia da prova, quando a sua realização deva ocorrer à noite ou no horário de expediente;
b) na véspera, quando a prova deva ser realizada no horário da manhã.
§3º – A isenção de comparecimento ao serviço, na forma deste artigo, abrange apenas a prestação de provas cujos resultados impliquem na habilitação do estudante à aprovação no respectivo período do curso, não se estendendo às provas mensais que não constituam etapas obrigatórias do "curriculum"" e que não produzam efeitos diretos na vida escolar.
§4º – as faltas ao serviço que tenham por motivo comprovado o comparecimento do servidor aos exames vestibular dos estabelecimentos de ensino também se consideram compreendidas na concessão prevista neste artigo.

Art. 4º – Aos servidores estudantes incluídos nas escalas especiais a que se refere o art. 1º é vedada a prestação do serviço extraordinário e a inclusão em regime especial de trabalho, previsto nos incisos II e III do art. 157 da Lei nº 3.200, de 30.01.1978, durante o período de sua inclusão na escala.

Art. 5º – As normas do presente Decreto aplicam-se no que couber aos órgãos da Administração Indireta Estadual.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário e, especialmente os Decreto de nº 421-N e nº 922-N, respectivamente de 19.10.1973 e 02.12.1976.
Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de outubro de 1978.
ÉLCIO ALVARES
Governador do Estado

DECRETO Nº 1.315-N, de 11.06.1979 (REVOGADO)

- *Revogado pelo Decreto nº 254-R, de 11.08.2000*

Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Espírito Santo

---

DECRETO Nº 1.419-N, de 10.06.1980

Institui o Prêmio Escolar "Soldado Aldomário Falcão"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo CM Nº 0228/1980, e ainda:
Considerando que a Polícia Militar Estadual vem ano a ano, de forma sistemática e racional, aprimorando profissionalmente o seu pessoal através das técnicas mais modernas de ensino;
Considerando que, na linha desta preocupação tem avultado, de modo especial, a formação das praças e, muito particularmente, dos Soldados, porque, efetivamente, nas lides diárias, são estes que mais diretamente atuam junto ao grande público, nas mais diversas atividades policiais;
Considerando que esta formação inicial do policial militar, vem se processando nas modernas instalações da

Companhia Escola da Polícia Militar, sediadas no Município de Cariacica;
Considerando que ao Governo incumbe estimular os jovens que abraçam a carreira policial militar, no sentido de que apreendendo melhor as responsabilidades que lhes estarão afetas possam emprestar satisfatoriamente valiosa colaboração na manutenção da ordem e segurança pública nos limites de nosso Estado, principalmente nessa fase decisiva de desenvolvimento e progresso que atravessa;
Considerando, finalmente, que uma das fórmulas válidas de motivar os jovens instruendos ao melhor aproveitamento na aprendizagem é o estabelecimento de prêmios para aqueles que venham a se destacar nessa fase de formação profissional; decreta:

Art. 1º – Fica instituído o prêmio "Soldado Aldomário Falcão" a ser conferido ao aluno que obtiver o 1º lugar na conclusão do curso de formação de policial militar (Soldado PM) da Polícia Militar do Estado.

Art. 2º – O prêmio instituído por este Decreto consistirá em objeto de uso pessoal, à escolha do Secretário Chefe da Casa Militar, e a despesa com sua aquisição correrá à conta da dotação orçamentária específica daquela repartição.

Art. 3º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de junho de 1980.
EURICO VIEIRA DE REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 12.08.1980)

DECRETO Nº 1.421-N, de 16.06.1980

Institui o Prêmio Escolar "Cel Francisco Eugênio de Assis"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo CM Nº 0228/1980, e ainda:
Considerando que a Polícia Militar Estadual vem progressivamente de forma sistemática e racional, aprimorando profissionalmente o seu pessoal através das técnicas mais modernas de ensino;
Considerando que, na linhagem desta preocupação tem avultado, de modo especial, a formação básica de seu oficialato que, de há muito, vem sendo orientada diretamente pelas Polícias Militares mais evoluídas do País (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro);
Considerando que esta formação aprimorada do policial militar, para o exercício das nobilitantes e árduas missões de comando e administração, afetas ao oficialato, interessa sobremodo a toda a nossa coletividade estadual;
Considerando que ao Governo incumbe estimular os jovens que abraçam a carreira policial militar, no sentido de que apreendendo melhor as responsabilidades que lhes estarão afetas possam emprestar satisfatoriamente valiosa colaboração na manutenção da ordem e segurança pública nos limites de nosso Estado, principalmente nessa fase decisiva de desenvolvimento e progresso que atravessa;
Considerando, finalmente, que uma das fórmulas válidas de motivar os jovens instruendos é o estabelecimento de prêmios para aqueles que venham a se destacar nessa fase de formação profissional, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o prêmio "Cel Francisco Eugênio de Assis" a ser conferido ao aluno que obtiver o primeiro lugar na conclusão do Curso de Formação de Oficial da Polícia Militar do Estado.

Art. 2º – O prêmio instituído por este Decreto consistirá na doação de uma espada e a despesa com sua aquisição correrá à conta de dotação orçamentária específica da Casa Militar da Governadoria do Estado.

Art. 3º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 16 de junho de 1980.
EURICO VIEIRA DE REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 17.06.1980)

DECRETO Nº 1.432-N, de 11.08.1980

Transforma e organiza a Diretoria de Pessoal

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 71, item IV da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – A Diretoria de Pessoal (DP) da Polícia Militar do Espírito Santo fica transformada e assim organizada:
– Diretor;
– Seção de Cadastro e Avaliação (DP-1);
–Seção de Movimentação e Promoções (DP-2);
–Seção de Justiça e Disciplina (DP-3);
– Seção de Inativos e Pensionistas (DP-4);
– Seção de Recrutamento (DP-5);
– Seção de Expediente (DP-6).
§1º – As atribuições e funções do Gabinete de Identificação Policial Militar (GIPM) ora extinto serão exercidos pela DP-1.
§2º – As seções da DP, dependendo da necessidade do serviço, poderão ser constituídas de subseções.

Art. 2º – Fica extinto o Centro de Recuperação Disciplinar e Penal (CRDPM), previsto como órgão de apoio de pessoal, cujas funções são absorvidas pela DP-3.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de agosto de 1980.
EURICO VIEIRA DE REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 12.08.1980)

DECRETO Nº 1.484-N, de 13.11.1980

Dispõe sobre o Auxílio-Natalidade e Auxílio Especial por Adoção

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto no art. 5º, da Lei nº 3.317, de 28.12.1979, decreta:

Art. 1º – A concessão do auxílio-natalidade e do Auxílio Especial por Adoção, instituídos pela Lei nº 3.317, de 28.12.1979, obedecerá também ao disposto neste Decreto.

Art. 2º – O auxílio-natalidade será devido pela gestação ou nascimento de cada filho.
Parágrafo único – Em caso de natimorto, o auxílio-natalidade somente será devido se ficar comprovado que a gestação já se encontrava, pelo menos, no 6º (sexto) mês.

Art. 3º – São beneficiárias do auxílio-natalidade:
a) a funcionária gestante, após o 6º (sexto) mês de gestação;
b) o funcionário civil, pelo parto da esposa ou companheira não servidoras.
Parágrafo único – Para se beneficiar do disposto no *caput* deste artigo, a companheira a que se refere a alínea "b", deverá estar inscrita como dependente no IPAJM – Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – no mínimo há 300 (trezentos) dias antes do parto.

Art. 4º – O auxílio especial pela adoção será devido pela adoção de cada menor carente.

Art. 5º – São beneficiários do auxílio especial por adoção tanto o funcionário público, como o servidor contratado.

Art. 6º – O valor do auxílio-natalidade e do auxílio especial por adoção será correspondente a 50% (cinqüenta por cento) do vencimento atribuído ao cargo efetivo de padrão 1 (um) do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo.

Art. 7º – O pedido de auxílio-natalidade ou auxílio especial por adoção será feito perante o Grupo de Recursos Humanos Setorial de cada Secretaria de Estado ou da Casa Civil, através do preenchimento do modelo anexo, que integra este Decreto.
§1º – Caberá ainda ao requerente, além do preenchimento do campo "1" do formulário próprio as providências para o preenchimento dos campos "2" e "3" do mesmo.
§2º – Ao pedido de auxílio especial por adoção deverá ser anexada cópia devidamente autenticada da escritura pública de adoção ou sentença do juiz que conceder a adoção plena.
§3º – Só será aceita, nos pedidos de auxílio-natalidade e Especial por Adoção, declaração do estado de gravidez ou do parto, firmada por médico das Secretarias de Estado da Saúde ou da Administração e dos Recursos Humanos.

Art. 8º – Será dispensável a anexação, no pedido de auxílio-natalidade, de certidões de nascimento, óbito ou casamento, mas será obrigatória a sua apresentação para anotação no próprio formulário.
Parágrafo único – A anotação a que se refere este artigo, será feita pelo funcionário que protocolizar o pedido.

Art. 9º – O disposto neste Decreto aplica-se exclusivamente aos fatos ocorridos após a vigência da Lei nº 3.317, de 28.12.1979.

Art. 10 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 13 de novembro de 1980.
EURICO VIEIRA DE REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 15.11.1980)

ANEXO AO DECRETO Nº 1.484-N, de 13.11.1980

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO E DOS RECURSOS HUMANOS
COORDENAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PEDIDO DE AUXÍLIO-NATALIDADE OU ESPECIAL POR ADOÇÃO

(1) A ser preenchido pelo funcionário	Ao Sr. Chefe do Grupo de Recursos Humanos setorial da _____ (Secretaria ou Casa Civil onde o funcionário tem exercício) _____ (Nome do funcionário requerente) ocupante do cargo de _____, vem mui respeitosamente requerer lhe seja concedido _____ (Citar o benefício) nos termos da Lei nº 3.317, de 28.12.79, tendo em vista _____ (Citar o fato) comprovado pelas declarações que se seguem ao presente. Data: __/__/____. Assinatura: _____ Declaro ainda que _____ (Nome da esposa ou companheira) não é servidora pública estadual. (Em caso de adoção anexar cópia autenticada da escritura de adoção, ou sentença do juiz que conceder a adoção plena.)
(2) A ser preenchido pelo médico	Declaro como ocupante do cargo de _____ da Secretaria de Estado da _____ que a Srª _____ encontra-se no _____ mês de gestação. Data: ___ de _____ de _____ _____ Assinatura e nº na CRM/ES
(3) A ser preenchido pelo IPAJM	Certifico em atendimento ao que preceitua o art. 1º da Lei nº 3.317, de 28.12.79, que _____ (Nome da companheira do funcionário), dependente de _____ (e ou não) (Nome do funcionário) inscrita neste IPAJM desde ___ de _____ de ____ (data) Data: __/__/____ Assinatura: _____
(4)	Nome do requerente: _____ Cargo que ocupa: _____
A ser preenchido pelo funcionário que receber	A ser preenchido a vista da certidão de casamento, nascimento ou óbito. Nome da esposa: _____ Certidão de casamento lavrada(s) no Cartório de Registro Civil do Município de _____ do Estado ____ no dia ___ de _____ de ____.às fls. ___ do livro _____
O pedido	Nome(s) do(s) filho(s): _____ Certidão(ões) de nascimento lavrada(s) no Cartório de Registro Civil do Município de _____ do Estado ____ do dia ___ de _____ de _____, às fls. _____ do livro _____
	Para: _____ Assinatura: _____
(5) A ser preenchido pelo GRHS	À vista do que consta neste processo _____ (deferir ou não) o pedido de _____ formulado pelo requerente. Ao grupo financeiro setorial para providenciar o necessário empenho. Para: _____ Assinatura: _____
	A inexatidão ou omissão da verdade em qualquer declaração contida neste formulário constitui falta punível nos termos da legislação em vigor.

1 – Requerimento
2 – Declaração do médico
3 – Certidão do IPAJM
4 – Informações contidas nas certidões de casamento, nascimento ou óbito.
5 – Decisão do GRHS

DECRETO Nº 1.499-N, de 12.12.1980

Aplica à PMES o Auxílio-Natalidade e Auxílio Especial por Adoção

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual e tendo em vista o que dispõe o art. 6º, da Lei nº 3.356, de 01.08.1980, e o que consta do processo CV nº 4.500/1980, decreta:

Art. 1º – Aplicam-se no que couber ao pessoal da Polícia Militar as normas contidas no Decreto nº 1.484-N, de 13.11.1980, que regulamenta a concessão do auxílio-natalidade e do Auxílio Especial por Adoção.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de dezembro de 1980.
EURICO VIEIRA REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 13.12.1980)

DECRETO MUNICIPAL Nº 6.273, de 01.04.1981

Institui premiação ao Aluno Soldado que mais se distinguir no CFSd

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA, Capital do Estado do Espírito Santo, usando de atribuição legal, decreta:

Art. 1º – Fica instituído um prêmio correspondente a uma caderneta de poupança no valor de 02 (dois) salários mínimos regionais, a ser atribuído ao aluno que mais se distinguir no Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar.

Art. 2º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 01.04.1981.
CARLOS LINDENBERG VON SCHILGEN
Prefeito Municipal
(BCG 072, 23.04.1981)

DECRETO Nº 1.529-N, de 03.04.1981

Dispõe sobre o Regulamento de Movimentação para Oficiais e Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regulamento de Movimentação para Oficiais e Praças da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, que com este baixa, assinado pelo Secretário de Estado da Segurança Pública.

Art. 2º – Este Decreto entrará em vigor a partir de 01.01.1981, revogadas as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 03 de abril de 1981.
EURICO VIEIRA DE REZENDE
Governador do Estado
(D.O.E. 04.04.1981)

ANEXO AO DECRETO Nº 1.529-N, de 03.04.1981

REGULAMENTO DE MOVIMENTAÇÃO DE OFICIAIS E PRAÇAS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

TÍTULO I
GENERALIDADES

CAPÍTULO I
Finalidades

Art. 1º – Este Regulamento estabelece princípios e normas gerais para a movimentação de Oficiais e Praças, em serviço ativo na Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, considerando:
1) a jurisdição de âmbito estadual da Polícia Militar;
2) o aprimoramento constante da eficiência da Corporação;
3) a prioridade na formação e aperfeiçoamento dos quadros;
4) a operacionalidade da força policial militar em termos de emprego permanente;
5) a predominância do interesse do serviço sobre o individual;
6) a continuidade no desempenho das funções, a par da necessária renovação;
7) a movimentação como decorrência dos deveres e das obrigações da carreira policial militar e, também, como direito nos casos especificados na legislação pertinente;
8) a disciplina;
9) o interesse do policial militar, quando pertinente.

Art. 2º – A movimentação visa atender à necessidade do serviço e tem por finalidade principal assegurar a presença, nas Organizações policiais militares (OPM), e nas suas respectivas frações destacadas, do efetivo necessário a sus eficiência operacional e administrativa.

Art. 3º – O policial militar está sujeito, como decorrência dos deveres e das obrigações da atividade policial militar, a servir em qualquer parte do Estado e, eventualmente, em qualquer parte do país ou do exterior.
Parágrafo único – Nos casos previstos neste Regulamento, poderão ser atendidos interesses individuais, quando for possível conciliá-los com as exigências do serviço.

CAPÍTULO II
Conceituações

Art. 4º – Para os efeitos deste Regulamento, adotam-se as seguintes conceituações:
1) a palavra Comandante é aplicada indistintamente a Comandante, Chefe ou Diretor de OPM;
2) a palavra Instrutor é aplicada indistintamente a Instrutor Chefe, Instrutor, Auxiliar de Instrução e Membro de Seção Técnica de Estabelecimento de Ensino da Polícia Militar;
3) Organização Policial Militar (OPM) é a denominação genérica dada aos Órgãos de Direção, Órgãos de Apoio e Órgãos de Execução, ou qualquer outra unidade administrativa da Corporação policial militar:
a) Órgãos de Direção são aqueles que se incumbem do planejamento em geral, visando à organização em todos os pormenores, às necessidades em pessoal e em material e ao emprego da Corporação para o cumprimento de suas missões. Acionam, por meio de diretrizes e ordens, os Órgãos de Apoio e Órgãos de Execução. Coordenam, controlam e fiscalizam a atuação desses órgãos;
b) Órgãos de Apoio são aqueles que atendem às necessidades de pessoal e do material de toda a Corporação, em particular dos Órgãos de Execução, realizando, pois, a

atividade meio da Corporação. Atuam em cumprimento às diretrizes ou ordens emanadas dos Órgãos de Direção;
c) Órgãos de Execução são aqueles que realizam a atividade fim da Corporação, cumprem as missões; a destinação da Corporação. Para isso, executam as ordens e diretrizes emanadas do Comando Geral. São constituídos pelos Comandos de Policiamento, Corpo de Bombeiros e pelas Unidades Operacionais da Corporação.
4) Fração de Organização policial militar (fração de OPM) é a denominação genérica dada aos elementos de uma OPM até o escalão subdestacamento policial militar (Sub Dst PM), inclusive;
5) Sede é todo o território do município, ou dos municípios vizinhos, dentro do qual se localizam as instalações de uma Organização policial militar e onde são desempenhadas as atribuições, missões, tarefas ou atividades cometidas ao policial militar. A sede pode abranger uma ou mais Guarnições;
6) A Guarnição é constituída por uma determinada área, na qual exista, permanente ou transitoriamente, uma ou mais de uma Organização policial militar ou fração de OPM.
§1º – Guarnição Especial é a situada em área inóspita, assim considerada, seja por suas condições precárias de vida, seja por sua insalubridade. Será definida pelo Governador do Estado, mediante proposta do Comandante Geral da Polícia Militar.
§2º – As Sedes e as Guarnições serão definidas pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 5º – Movimentação, para efeito deste Regulamento, é a denominação genérica do ato administrativo que atribui, ao policial militar cargo, situação, Quadro ou Qualificação, OPM ou fração de OPM.
§1º – A movimentação abrange as seguintes modalidades:
– classificação;
– transferência;
– nomeação;
– designação.
1) Classificação é a modalidade de movimentação que atribui ao policial militar uma OPM, como decorrência de promoção, reversão, exoneração, término de licença, conclusão ou interrupção de curso.
2) Transferência é a modalidade de movimentação, de um Qualificação para outro, de uma para outra OPM, no âmbito de uma OPM, de uma para outra fração de OPM, destacada ou não, e que se realiza por iniciativa da autoridade competente ou a requerimento do interessado. Será feita por necessidade do serviço, por interesse próprio ou por conveniência da disciplina.
3) Nomeação é a modalidade de movimentação em que o cargo a ser ocupado pelo policial militar é nela especificado.
4) Designação é a modalidade de movimentação de um policial militar para:
a) realizar curso ou estágio em estabelecimento estranho ou não à Polícia Militar, no Estado, no País ou no exterior;
b) exercer cargo especificado, no âmbito da OPM;
c) exercer comissões no Estado, no País ou no exterior.
§2º – A movimentação implica, ainda, nos seguintes atos administrativos:
– exoneração e dispensa;
– inclusão;
– exclusão;
– adição;
– efetivação;
– desligamento.
1) Exoneração e dispensa são atos administrativos pelos quais o policial militar deixa de exercer cargo ou comissão para o qual tenha sido nomeado ou designado.
2) Inclusão é o ato administrativo pelo qual o Comandante integra, no estado efetivo da OPM, o policial militar que para ela tenha sido movimentado.
3) Exclusão é o ato administrativo do Comandante pelo qual o policial militar deixa de integrar o estado efetivo da OPM a que pertencia.
4) Adição é o ato administrativo emanado de autoridade competente, para fins especificados, que vincula o policial militar a uma OPM, sem integrá-lo no estado efetivo desta.
5) Efetivação é o ato administrativo que atribui ao policial militar, dentro de uma mesma OPM, a situação de efetivo, seja por existência, seja por abertura de vaga.
6) Desligamento é o ato administrativo pelo qual o Comandante desvincula o policial militar da OPM em que servia ou a que se encontrava adido.
§3º – Não constitui movimentação: a nomeação e a designação referente a encargo, incumbência, comissão, serviço ou atividade, desempenhadas em caráter temporário, ou sem prejuízo das funções que o policial militar esteja exercendo, bem como a nomeação de oficiais oriundos da reserva de 2ª Classe das Forças Armadas, ou de civis portadores de diplomas de cursos superiores.

Art. 6º – O policial militar pode estar sujeito às seguintes situações especiais:
– agregado;
– excedente;
– adido como se efetivo fosse;
– à disposição.
1) Agregado é a situação na qual o policial militar da ativa deixa de ocupar vaga na escala hierárquica de seu quadro, nela permanecendo sem número. O policial militar será agregado nos casos previstos o Estatuto dos policiais militares e nas condições nele especificadas.
2) Excedente é a situação especial e transitória a que o policial militar passa, automaticamente, nos casos previstos no Estatuto dos Policiais Militares.
3) Adido como se efetivo fosse é a situação especial e transitória do policial militar que, enquanto aguarda classificação, efetivação, solução de requerimento de demissão do serviço ativo ou transferência para a reserva, é movimentado para uma OPM ou nela permanece, sem que haja, na mesma, vaga de seu grau hierárquico. O policial militar na situação de adido como se efetivo fosse é considerado, para todos os efeitos, como se integrante da OPM.
4) A disposição é a situação em que se encontra o policial militar a serviço de órgão ou autoridade a que não esteja diretamente subordinado, dentro de condições definidas pelo Comandante Geral da PMES.
Parágrafo único – Reversão é o ato administrativo pelo qual o policial militar agregado retorna ao respectivo quadro, tão logo cesse o motivo que determinou a sua agregação, conforme prevê o Estatuto dos policiais militares.

Art. 7º – Trânsito é o período de afastamento total do serviço concedido ao policial militar cuja movimentação implique, obrigatoriamente, em mudança de guarnição. Destina-se aos preparativos decorrentes dessa mudança.
§1º – Os policiais militares movimentados que tenham de afastar-se, em caráter definitivo, da guarnição em que servem, terão direito até 30 (trinta) dias de trânsito.
§2º – O trânsito é contado desde a data do desligamento do policial militar da OPM ou fração de OPM, devendo o mesmo seguir destino na primeira condução marcada com a

antecedência devida, logo após o término do trânsito, podendo, entretanto, se assim o desejar, seguir destino durante aquele período
§3º – O trânsito pode ser gozado no todo ou em parte na localidade de origem ou de destino, não sendo computado, como trânsito, o tempo gasto na viagem.
§4º – Mediante autorização concedida pelo órgão movimentador, e sem ônus para a Fazenda Estadual, o policial militar poderá gozar o trânsito, ou parte dele, em outro local que não o de origem ou de destino.
§5º – O Comandante Geral da Polícia Militar regulará as condições particulares relativas à concessão e gozo do trânsito.

Art. 8º – Nas movimentações dentro da mesma guarnição o prazo de apresentação no destino será de 48 (quarenta e oito) horas.

Art. 9º – Aos policiais militares serão concedidos, para instalação, independentemente do local ou locais onde tenham gozado o trânsito, os seguintes prazos: até 10 (dez) dias quando acompanhados de dependentes e até 5 (cinco) dias quando desacompanhados ou solteiros.
§1º – Quando o policial militar for movimentado dentro da mesma guarnição e esta movimentação implique, obrigatoriamente, em mudança de residência, ser-lhe-á concedido o prazo a que tenha direito nos termos do *caput* deste artigo.
§2º – O período de instalação poderá ser solicitado durante os primeiros 9 (nove) meses, contados a partir da data da apresentação na OPM ou fração de OPM de destino.

Art. 10 – O policial militar é considerado "em destino" quando, em relação à OPM a que pertence, dela estiver afastado em uma das seguintes situações:
1) baixado a hospital, da Corporação ou não;
2) freqüentando cursos de pequena duração, até 6 (seis) meses, inclusive;
3) cumprindo punição ou pena;
4) em licença ou dispensa;
5) a serviço da justiça;
6) nomeado ou designado para encargo, incumbência, comissão, serviço ou atividade desempenhadas em caráter temporário.

Art. 11 – O prazo de permanência em OPM ou guarnição, para fins deste Regulamento, será contado entre as datas de apresentação pronto para o serviço e a de desligamento.
§1º – Não será interrompida a contagem do prazo de permanência nos seguintes casos de afastamento:
1) baixa a hospital ou enfermaria;
2) dispensa do serviço;
3) férias;
4) instalação;
5) luto;
6) núpcias;
7) nos afastamentos iguais ou inferiores a 6 (seis) meses contados ininterruptamente ou não, e por uma ou mais das razões abaixo, somadas ou não:
a) serviço da justiça;
b) freqüentando cursos de pequena duração;
c) licença para tratamento de saúde.
§2º – Não será computado como tempo de permanência na OPM, para movimentação, o passado fora da mesma, por qualquer motivo, além de 6 (seis) meses.

TÍTULO II
ATRIBUIÇÕES

CAPÍTULO III
Da Competência para Movimentação

Art. 12 – A movimentação dos policiais militares é da competência:
1) do Governador do Estado:
a) oficiais e praças para órgãos não previstos no Quadro de Organização da Corporação;
b) oficiais e praças para cursos ou comissões no exterior, mediante proposta do Comandante Geral da Polícia Militar;
2) do Comandante Geral da Polícia Militar:
a) Oficiais para todos os órgãos, setores ou funções, previstos nos Quadros de Organização da Corporação;
b) oficiais e praças para cursos em outras Unidades da Federação ou nas Forças Armadas;
c) todos os demais casos não previstos neste artigo.
3) do Chefe do Estado-Maior:
– praças não compreendidas nos itens anteriores, cuja movimentação implique em mudança de sede, com o conhecimento prévio do Comandante Geral;
4) dos Comandantes de OPM:
- praças, no âmbito das respectivas OPM.
§1º – A competência para movimentação, atribuída à autoridade especificada no número 3 deste artigo, poderá ser delegada com autorização do Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 13 – É da competência do Chefe do Estado-Maior e dos Comandantes de OPM tomar providências para a movimentação de policiais militares em tempo oportuno e dentro de suas atribuições a fim de atender às exigências previstas na legislação vigente.

Art. 14 – A movimentação de policial militar exonerado, assim com do que reverter, é da competência do Comandante Geral da Polícia Militar, dentro de suas atribuições.

Art. 15 – Inclusão, exclusão ou transferência de policiais militares dos diversos quadros são atos administrativos da competência do Comandante Geral da Polícia Militar, decorrentes de movimentação que acarrete mudança de cargo.
Parágrafo único – Os atos administrativos citados neste artigo serão referidos às datas de assunção de cargo ou desligamento.

TÍTULO III
NORMAS

CAPÍTULO IV
Normas Comuns para Movimentação de Oficiais e Praças

Art. 16 – No atendimento ao definido no art. 2º, a movimentação tem por objetivo:
1) permitir a matrícula em escolas, cursos e estágios;
2) permitir a oportuna aplicação de conhecimentos e experiências em cursos ou cargos desempenhados no Estado, País ou no exterior;
3) possibilitar o exercício de cargos compatíveis com o grau hierárquico, a apreciação de seu desempenho e a aquisição de experiência em diferentes situações;
4) desenvolver potencialidades, tendências e capacidades, de forma a permitir maior rendimento pessoal e aumento da eficiência da Polícia Militar;
5) atender à necessidade de afastar o policial militar de OPM ou localidade em que sua permanência seja julgada incompatível ou inconveniente;

6) atender a solicitação de órgão da administração pública estranha à Polícia Militar, se considerada de interesse policial militar;
7) atender à disposições constantes de Leis e de outros Regulamentos;
8) atender os problemas de saúde do policial militar ou de seus dependentes;
9) atender, respeitada a conveniência do serviço visará ao atendimento do previsto nos números 1 a 7 do art. 16.
Parágrafo único – A movimentação por necessidade do serviço será efetuada, normalmente, depois de cumprido o prazo mínimo de permanência em uma mesma OPM ou guarnição, de acordo com o estabelecido neste Regulamento.

Art. 17 – A movimentação por necessidade do serviço visará ao atendimento do previsto nos números 1 a 7 do art. 16.
Parágrafo único – A movimentação por necessidade do serviço será efetuada, normalmente, depois de cumprido o prazo mínimo de permanência em uma mesma OPM ou guarnição, de acordo com o estabelecido neste Regulamento.

Art. 18 – A movimentação por interesse próprio prevista no número 9 do art. 16, somente será realizada a requerimento do interessado ao Comandante Geral da Polícia Militar, após completado o prazo mínimo de permanência na OPM.

Art. 19 – A movimentação para atender problemas de saúde do policial militar ou de seus dependentes será realizada a requerimento do interessado ao Comandante Geral da Polícia Militar, e considerando o interesse do serviço.
§1º – Para os efeitos deste artigo, consideram-se dependentes os definidos na legislação vigente.
§2º – O processamento do requerimento, da inspeção de saúde e a elaboração de pareceres serão regulados por legislação especial.
§3º – Caberá ao Comandante Geral da Polícia Militar decidir se a movimentação deve ser por interesse próprio ou por necessidade do serviço.

Art. 20 – Constituem, também, motivos de movimentação do policial militar, independente de prazo de permanência na OPM ou guarnição:
1) incompatibilidade hierárquica;
2) conveniência da disciplina;
3) inconveniência da permanência do policial militar na OPM, na guarnição ou cargo, devidamente comprovada e assim considerada pelo Governador do Estado, Secretário de Estado da Segurança Pública ou Comandante Geral da Polícia Militar;
4) necessidade absoluta do serviço.
Parágrafo único – A movimentação por conveniência da disciplina somente será feita mediante solicitação fundamentada, por escrito, do Comandante da fração de OPM, da OPM ou do Comandante da guarnição, respeitada a tramitação regulamentar, através dos canais de comando e após a aplicação da sanção disciplinar adequada.

Art. 21 – A promoção implica, automaticamente, em exclusão, exoneração ou dispensa do policial militar, e conseqüente classificação.
Parágrafo único – O disposto neste artigo não se aplica ao policial militar em comissão no exterior ou a disposição de órgão estranho à Polícia Militar, instrutor ou monitor, e aos que estiverem freqüentando cursos civis, militares ou policiais militares, quando da promoção não decorrer incompatibilidade hierárquica para a permanência na situação anterior.

Art. 22 – Após a conclusão de curso ou estágio, no Estado, no país ou no exterior, o policial militar deverá servir em OPM que permita a aplicação dos conhecimentos e a consolidação da experiência adquirida.
§1º – A movimentação decorrente obedecerá ao critério de escolha na ordem de merecimento intelectual estabelecida pela classificação final do curso, ou a critério do Comandante Geral da Polícia Militar quando não existir essa classificação.
§2º – Se por motivos excepcionais, não puder o policial militar, cumprir, imediatamente após a conclusão do curso, o disposto neste artigo, será classificado na OPM escolhida pelo critério de merecimento intelectual, tão logo cessem aqueles motivos.

Art. 23 – O policial militar que se afastar de uma OPM para freqüentar curso de duração igual ou inferior a 6 (seis) meses, será considerado em destino, permanecendo em seu estado efetivo enquanto dela estiver afastado.
Parágrafo único – O policial militar passará à situação de adido nos seguintes casos:
1) para aguardar solução de requerimento de demissão do serviço ativo da Polícia Militar ou de transferência para a reserva;
2) para aguardar solução de processos de reforma;
3) ao se nomeado ou designado para curso, cargo ou comissão no Estado, no País ou no exterior;
4) ao passar à disposição de organização estranha à Polícia Militar;
5) ao ocorrer a situação prevista no *caput* do art. 23;
6) ao entrar em licença de qualquer tipo, de duração superior a 90 (noventa) dias;
7) para aguardar classificação;
8) para passar cargo e/ou encargo, ao ser excluído do estado efetivo da OPM por ter sido movimentado;
9) nos casos previstos nos demais Regulamentos;
10) quando, na situação de agregado, permanecer vinculado a uma OPM.
§1º – Nos casos dos números 1 e 7, o policial militar é considerado adido como se efetivo fosse, prestará serviço e concorrerá às substituições e comissões durante o tempo em que permanecer nessa situação.
§2º – Além da situação prevista no parágrafo anterior, poderá o policial militar ser colocado na situação de adido como se efetivo fosse, em caráter excepcional, sendo especificadas, sempre que possível, as circunstâncias e oportunidades que deverão fazer cessar a adição. O militar nessa situação concorrerá às escalas de serviço e comissões que lhe forem determinadas.
§3º – Nos casos não previstos neste artigo, compete à autoridade que movimentou o policial militar autorizar sua adição.

Art. 25 – As movimentações relativas às guarnições Especiais, bem como as condições de serviço nas mesmas, obedecerão as normas peculiares baixadas pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 26 – O policial militar movimentado terá direito aos prazos de passagem de carga e encargos definidos nos demais Regulamentos, a contar do dia imediato ao da exclusão do estado efetivo da OPM.
Parágrafo único – No dia imediato ao término desses prazos, o policial militar entrará em gozo do período de trânsito que lhe for concedido.

CAPÍTULO V
Normas Referentes a Oficiais

Art. 27 – A movimentação de Oficiais deve assegurar-lhes, no exeqüível, vivência profissional de âmbito estadual.

Art. 28 – O prazo mínimo de permanência em OPM para fins de movimentação é, normalmente, de 3 (três) anos, exceto para as Guarnições Especiais e para funções de Comando, Chefia ou Direção de OPM que serão regulados pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 29 – Nenhum Oficial poderá servir por mais de 10 (dez) anos consecutivos na área de uma mesma guarnição, exceto quando aquele que esteja ocupando cargo não previsto nos Quadros de Organização da Polícia Militar e, em conseqüência, agregado na forma do disposto no art. 75, alínea "a", da Lei nº 3.196, de 09.01.1978, regulamentado pelo Decreto nº 1.459-N, de 02.10.1980.
§1º – Em casos especiais, o Comandante Geral da Polícia Militar poderá prorrogar o prazo previsto neste artigo.
§2º – Não interrompe a contagem de prazo na guarnição, para efeito deste artigo, o afastamento inferior a 12 (doze) meses.

Art. 30 – Serão regulados pelo Comandante Geral da Polícia Militar:
1) a nomeação, recondução e exoneração de Instrutores dos estabelecimentos de ensino;
2) a nomeação para a função de Ajudante de Ordens, exceção quanto aos que devam servir na Governadoria do Estado.

Art. 31 – O oficial, quando no Comando, Chefia ou Direção de OPM, for movimentado, permanecerá no exercício da função sem passar à condição de adido, até a data fixada pelo escalão superior para a passagem do cargo e conseqüente desligamento.

Art. 32 – No caso de movimentação e conseqüente desligamento de oficial pertencente ao Quadro de Saúde, quando for ele o único na OPM, poderá o Comandante Geral designar o substituto temporário, dentre os Oficiais do mesmo quadro, até a apresentação do substituto efetivo.

CAPÍTULO VI
Normas Referentes a Praças

Art. 33 – O prazo mínimo de permanência em OPM para fins de movimentação é, normalmente, de 4 (quatro) anos, exceto para as Guarnições Especiais, que será regulado pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

CAPÍTULO VII
Disposições Finais

Art. 34 – Ao ingressar no QOA e no QOE, o oficial deverá, em princípio, ser movimentado da OPM em que servia quando praça.

Art. 35 – As movimentações para atender às necessidades do serviço serão realizadas dentro dos créditos orçamentários próprios, em obediência às normas regulamentares e diretrizes das autoridades competentes.
Parágrafo único – As despesas decorrentes das movimentações por interesse próprio serão realizadas inteiramente por conta do requerente.

Art. 36 – As movimentações decorrentes de mudança de guarnição serão reguladas pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 37 – O Comandante Geral da Polícia Militar baixará os atos complementares, necessários à execução dos preceitos deste Regulamento.

DECRETO Nº 1.611-N, de 30.12.1981

Regulamenta a Lei nº 3.449/1981, que cria o FUNREPTRAN

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual e tendo em vista o que dispõe o art. 10, da Lei nº 3.449, de 18.12.1981, e o que consta do processo Nº CV 4.571/1981, decreta:

Art. 1º – O Fundo de Reequipamento do Policiamento de Trânsito da PMES (FUNREPTRAN), criado pela Lei nº 3.449, de 18.12.1981, tem a finalidade de prover recursos de capital, em caráter complementar, para a ampliação e dinamização de programas, serviços a atividades relacionados com o policiamento de trânsito, compreendendo investimentos com instalações, materiais, aparelhos técnicos, equipamentos e obras de unidades de trânsito, vinculadas à Polícia Militar.

Art. 2º – A classificação das contas referentes aos investimentos de instalações, materiais, aparelhos, equipamentos e obras, obedecerá às normas estabelecidas pela Portaria E, Nº 39, de 05.12.1978, da Secretaria de Estado do Planejamento.

Art. 3º – O FUNREPTRAN, será constituído dos recursos advindos das receitas de:
I – 30% (trinta por cento) da arrecadação proveniente de multas aplicadas pelos policiais militares das OPM de trânsito da PMES, referentes às infrações das Leis de Trânsito previstas no CNT, respectivo Regulamento e legislação complementar;
II – produto da alienação de material ou equipamento julgado inservível;
III – dotações orçamentárias ou créditos adicionais que lhe venham a ser atribuídos;
IV – doações, convênios e outras rendas eventuais.

Art. 4º – Os recursos a que se refere o artigo anterior serão, obrigatoriamente, depositados no Banco do Estado do Espírito Santo S/A -BANESTES- em conta especial, sob a denominação de "Fundo de Reequipamento do Policiamento de Trânsito da PMES".

Art. 5º – A receita a que se refere o art. 3º, inciso I, deste Regulamento, será realizada mediante repasse feito pelo Departamento Estadual de Trânsito –DETRAN/ES, na forma prevista no art. 7º da Lei nº 3.449, de 18.12.1981, que institui o Fundo de Reequipamento do Policiamento de Trânsito da PMES (FUNREPTRAN).

Art. 6º – O patrimônio e os recursos do FUNREPTRAN, serão movimentados através de escrituração e contabilidade própria.
§1º – O saldo positivo do FUNREPTRAN apurado no balanço de cada exercício financeiro, será transferido para o exercício seguinte, a crédito do mesmo.
§2º – Os bens adquiridos pelo FUNREPTRAN serão destinados e incorporado ao patrimônio da PMES.
§3º – Para os efeitos de ordem orçamentária, os recursos do FUNREPTRAN ficarão vinculados ao Gabinete do Comandante Geral da PMES.

Art. 7º – Mensalmente, o Presidente do Conselho Diretor do FUNREPTRAN remeterá à Coordenação Geral de Finanças da Secretaria de Estado da Fazenda, o balancete da receita arrecadada no mês imediatamente anterior, acompanhado de uma via dos documentos da receita, para fins de registro, contabilização e providências extras orçamentárias.

Art. 8º – A aquisição de bens de quaisquer espécies será subordinado à licitação pública, com fiel observância dos preceitos da legislação pertinente.

Art. 9º – O FUNREPTRAN terá a seguinte estrutura organizacional:
I – Conselho Diretor;
II – Serviço Administrativo;

Art. 10 – O Conselho Diretor terá a seguinte composição:
I – Comandante Geral da PMES – Presidente nato;
II – Chefe do EMG da PMES – Conselheiro e substituto eventual do Presidente;
III – 01 (um) representante da Secretaria de Estado da Fazenda;
IV – 01 (um) representante do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN/ES;
V – Comandantes das OPM de Trânsito.
Parágrafo único – Os representantes da Secretaria de Estado da Fazenda e do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN serão designados pelo Governador do Estado, por indicação dos respectivos titulares.

Art. 11 – O serviço administrativo responsável pela administração, contabilidade e movimentação dos recursos financeiros, terá a seguinte composição:
I – 01 (um) Secretário;
II – 01 (um) Contador;
III – 01 (um) Tesoureiro;
IV – 01 (um) Assessor Jurídico.
Parágrafo único – Os membros do serviço administrativo serão indicados e nomeados pelo Presidente do FUNREPTRAN, na forma do art. 8º da Lei nº 3.449/1981, após aprovação do Conselho Diretor, com publicação em BCG da PMES.

Art. 12 – Ao Conselho Diretor compete:
I – elaborar o plano anual de recursos até o dia 15.12. cada ano;
II – encaminhar à SESP, em época fixada, a proposta orçamentária relativa ao FUNREPTRAN;
III – determinar as licitações para os fins previstos no art. 8º deste Decreto;
IV – prestar contas dos recursos do FUNREPTRAN, do exercício anterior, ao Tribunal de Contas do Estado;
V – assumir compromissos por conta dos recursos do FUNREPTRAN, até o limite orçado;
VI – resolver casos omissos neste Regulamento.

Art. 13 – Ao Presidente do Conselho Diretor compete:
I – presidir as reuniões do Conselho Diretor;
II – orientar e fiscalizar a execução das Resoluções;
III – indicar os membros do serviço administrativo, dispensar ou exonerar;
IV – assinar com o Tesoureiro os cheques de movimento de recurso do fundo;
V – representar o FUNREPTRAN em todos os atos jurídicos, em juízo ou fora dele;
VI – designar Sindicantes ou Comissão de Sindicância;
VII – baixar Resoluções sobre decisões do Conselho Diretor.

Art. 14 – Ao Secretário compete:
I – secretariar as reuniões do FUNREPTRAN;
II – resolver todas as questões de ordem administrativa interna do FUNREPTRAN;
III – cumprir as Resoluções do Conselho ou determinar medidas e providências para o seu cumprimento;
IV – apresentar ao Conselho, relatório anual das atividades do FUNREPTRAN;
V – assinar, quando autorizado pelo Presidente, correspondência relativa ao FUNREPTRAN;
VI – providenciar, junto ao Contador e Tesoureiro, a elaboração orçamentária de previsão para o exercício seguinte, de forma que seja obedecido o prazo legal de apresentação;
VII – providenciar, de acordo com as instruções do Presidente, as medidas complementares para a convocação e realização das sessões ordinárias e extraordinárias;
VIII – realizar todos os atos referentes à licitação de compras;
IX – realizar outras tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 15 – Ao Contador compete:
I – executar os serviços de contabilidade do FUNREPTRAN;
II – contabilizar e controlar, dentro dos limites do orçamento, a documentação contábil, observando as disposições legais vigentes;
III – levantar e remeter os balancetes mensais e demonstrativos de contas ao Conselho Diretor do FUNREPTRAN, até o dia 15 do mês subsequente;
IV – encerrar até o dia 31 de janeiro o balanço anual do FUNREPTRAN, acompanhado dos respectivos mapas demonstrativos;
V – prestar contas da aplicação do FUNREPTRAN ao Tribunal de Contas, até o dia 31 de março do ano subsequente, ou sempre que for solicitado;
VI – fornecer ao Secretário os elementos necessários à elaboração da previsão orçamentária para o exercício subsequente;
VII – realizar outras tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 16 – Ao Tesoureiro compete:
I – movimentar, em conjunto com o Presidente do Conselho Diretor, os recursos do FUNREPTRAN;
II – manter em dia a documentação e escrituração do livro caixa;
III – receber os recursos previstos no art. 3º deste Decreto e depositá-lo em conta especial do FUNREPTRAN;
IV – realizar outras tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 17 – Ao Assessor Jurídico compete:
I – assessorar, dentro de sua especialidade, as reuniões do Conselho Diretor, quando requisitado;
II – assessorar o Presidente do Conselho Diretor;
III – representar o FUNREPTRAN em juízo, quando devidamente autorizado pelo Presidente do Conselho Diretor, com a outorga do competente instrumento de procuração.

Art. 18 – O Conselho Diretor se reunirá pelo menos 1 (uma) vez, e no máximo 3 (três) vezes, ordinariamente por mês, e extraordinariamente quando convocado por iniciativa do seu Presidente ou por maioria simples dos seus componentes.
Parágrafo único – O Conselho Diretor só se reunirá presentes, no mínimo, dois terços de seus membros.

Art. 19 – O FUNREPTRAN terá sede na cidade de Vitória, capital do Estado.

Art. 20 – O Conselho Diretor organizará e aprovará o regimento interno do FUNREPTRAN dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação deste Decreto.

Art. 21 – O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de dezembro de 1981.

EURICO VIEIRA DE REZENDE

Governador do Estado

(D.O.E. 31.12.1981)

DECRETO Nº 2.371-N, de 01.06.1982

Transfere para a Polícia Militar do Estado o cadastramento do seu pessoal

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – O controle de cadastramento do pessoal da Polícia Militar do Estado, bem como o respectivo atendimento e providências complementares, que vêm sendo promovidos, em caráter provisório, pela Divisão Estadual do PIS/PASEP, da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, ficam transferidos para a Polícia Militar do Estado a partir da publicação deste Decreto.

Art. 2º – Para os efeitos previstos no artigo anterior, a Divisão Estadual do PIS/PASEP encaminhará ao Comando da Polícia Militar a listagem atualizada dos Praças e Oficiais cadastrados até a presente data.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 1º de junho de 1982.

EURICO VIEIRA DE REZENDE

Governador do Estado

(D.O.E. 02.06.82)

DECRETO Nº 1.655-N, de 08.06.1982

Regulamenta a Lei nº 3.459/1982, que concede Pensão Especial aos beneficiários do policial militar da ativa e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual e tendo em vista o que dispõe o art. 136, da Lei nº 3.196, de 09.01.1978, e no art. 10 da Lei nº 3.459, de 03.05.1982, decreta:

Art. 1º – A Pensão Especial será devida aos beneficiários do policial militar da ativa, quando este vier a falecer ou extraviar-se, em conseqüência de:
a) ferimento recebimento em operações policiais militares ou na manutenção da ordem pública ou enfermidade contraída nestas situações, ou que nas mesmas tenham sua causa eficiente;
b) acidente em serviço;
c) missão especial, devidamente autorizada e comprovada.
§1º – A Pensão Especial será devida, também, aos beneficiários do policial militar que:
I – reformado em decorrência de ferimento ou moléstia adquiridos nas situações mencionadas no *caput* deste artigo, vier a falecer;
II – sendo integrante da reserva remunerada convocado para o serviço ativo vier a ser alcançado por hipótese previstas neste artigo.
§2º – Compreende-se como operações policiais militares, além das atividades normais de policiamento preventivo ou repressivo e outras correlatas, os serviços de prevenção e de extinção de incêndios, os de proteção e salvamento de vidas e de materiais no local de sinistro, os de proteção de socorro em casos de afogamento e de inundações, explosões, desabamentos, acidentes em geral, catástrofes e calamidade pública.

Art. 2º – Para os fins previstos no artigo precedente, entender-se-á como acidente em serviço àquele que ensejar o falecimento ou extravio do policial militar da ativa nas seguintes circunstâncias, devidamente apurado em Inquérito Policial Militar (IPM):
a) quando no efetivo cumprimento de ordem ou determinação emanada de autoridade competente;
b) quando no normal exercício de suas atribuições ou atividades funcionais, em expediente normal de serviço, ou ainda, quando por determinação de autoridade competente, na prorrogação ou antecipação daquele expediente;
c) quando em viagem objeto de serviço de natureza policial militar, devidamente autorizada por autoridade competente, seja qual for o meio de locomoção utilizado;
d) quando exercitando, desenvolvendo ou desempenhando missão especial de natureza policial militar, esta em decorrência do serviço, inclusive, quando em viagem para matrícula em curso ou no seu regresso, em decorrência de ordem ou autorização de autoridade competente;
e) quando em viagem de movimentação ou deslocamento efetuado no interesse do serviço, inclusive, quando em viagem para matrícula em curso ou no seu regresso, em decorrência de ordem ou autorização de autoridade competente;
f) quando no deslocamento do policial militar entre a sua residência e a organização em que serve ou o local de trabalho, ou naquele em que sua missão deva ter início ou prosseguimento, e vice-versa.
§1º – A Pensão Especial também será concedida ao policial militar falecido ou extraviado, nos seguintes casos:
a) quando na imediata defesa do interesse social, a fim de evitar consumação de crime ou quando intervir em caso de flagrante delito em cujas circunstâncias, ainda que não expressamente autorizado por autoridade competente, lhe assista a presunção de cumprimento do dever;
b) quando na imediata defesa de interesse social, por motivo de força maior, tais como: incêndios, explosões, desabamentos, desmoronamentos, inundações, ainda que não expressamente autorizado por autoridade competente lhe assista a presunção de cumprimento do dever.
§2º – Entende-se como autoridade competente:
a) o Governador do Estado;
b) o Secretário de Estado da Segurança Pública;
c) o Secretário Chefe da Casa Militar;
d) o Comandante Geral;
e) o Chefe do Estado-Maior Geral da PMES;
f) os Comandantes de Policiamento da Capital do Interior e do Corpo de Bombeiros;
g) os Comandantes das Unidades e Subunidades isoladas;
h) os Diretores ou Chefes de Diretorias, Centros e Serviços da PMES.

Art. 3º – A Declaração de Beneficiários será encaminhada, anualmente, à Diretoria de Pessoal, competindo aos Comandantes, Diretores ou Chefes promovê-la e orientar seus subordinados para a sua perfeita exatidão.
§1º – A recusa ou retardo no encaminhamento dessa declaração, sem motivo justificado, constitui transgressão disciplinar de natureza grave.
§2º – Inexistindo beneficiários deverá ser apresentada declaração negativa.
§3º – A Diretoria de Pessoal poderá apurar, em qualquer tempo, a veracidade ou exatidão das informações ou declarações que lhe forem apresentadas, solicitando aos registros públicos os esclarecimentos que se tornarem necessários.

Art. 4º – Caso o policial militar falecido ou extraviado não tiver apresentado sua Declaração de Beneficiários ou se ela for inexata, terá de ser suprida por justificação feita pelos interessados perante a justiça competente.
§1º – A justificação e as certidões necessárias substituirão, para todos os efeitos, a Declaração de Beneficiários.
§2º – Se a declaração for incompleta, será suprida pelas Certidões do registro civil ou quaisquer outros atos judiciais.
§3º – As modificações a serem introduzidas na declaração deverão ser comunicadas com urgência ao órgão competente da PMES.

Art. 5º – Quando ocorrer em serviço qualquer acidente de que resulte a morte do policial militar, será devidamente instaurado Inquérito Policial Militar.
Parágrafo único – Do Inquérito Policial Militar (IPM), deverá constar, precisamente, todos as circunstâncias que permitam estabelecer uma relação de causa e efeito entre o acidente e a morte.

Art. 6º – O processo para habilitação dos beneficiários será iniciado e instruído com os seguintes documentos:
a) certidão de casamento civil (quando for o caso);
b) certidão de nascimento dos filhos (ou dos netos ou dos irmãos);
c) certidão negativa de averbação da sentença de separação consensual ou divórcio, fornecida pelo Oficial de Registro Civil competente ou certidão de decisão judicial prolatada no processo de separação consensual ou divórcio, transitada em julgado;
d) atestado de autoridade judiciária de que os cônjuges não eram separados ou, em caso afirmativo, de que a viúva não deu causa à separação;
e) atestado de autoridade judiciária provando a dependência dos beneficiários;
f) atestado ou certidão que prove não disporem os beneficiários de meios de subsistência;
g) atestado ou certidão provando o estado civil da viúva, filha, neta, mãe ou irmã;
h) atestado ou certidão provando que a viúva, os filhos, netos e irmãos menores de 18 (dezoito) anos, as filhas, netas e irmãs menores de 21 (vinte e um) anos, a mãe e o pai não exercem profissão lucrativa e nem tenham renda própria;
i) certidão de óbito do policial militar.
§1º – Todos os documentos enumerados neste artigo, poderá o Comandante Geral exigir a apresentação de outros, quando julgar necessário, para dissipar qualquer dúvida existente no processo de habilitação.

Art. 7º – A Pensão Especial será devida a partir da data do falecimento ou do extravio.

Art. 8º – Recebendo os documentos, de que trata o art. 6º deste Decreto, o Comandante Geral determinará à Diretoria de Pessoal que faça a autuação, juntando mais os seguintes documentos:
a) a Declaração de Beneficiários do policial militar falecido ou extraviado;
b) cópia do relatório e a solução do IPM instaurado;
c) ato de designação e respectiva publicação em Boletim, quando tratar-se de missão especial.
Parágrafo único – Adotadas estas providências a Diretoria de Pessoal encaminhará o referido processo à Diretoria de Finanças, a fim de serem juntadas informações quanto à remuneração percebida pelo policial militar falecido ou extraviado.

Art. 9º – Recebendo o processo da Diretoria de Finanças, se satisfeitas as provas, o Comandante Geral da PMES emitirá parecer e o encaminhará à Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 10 – A Secretaria de Estado da Segurança Pública, após verificação da procedência do pedido, observados os aspectos legais, tomadas as providências que achar conveniente ou as diligências que julgar necessárias, remeterá o processo à consideração do Governador do Estado, com parecer conclusivo, quando, então, será baixado o ato concessivo e expedido o competente título, com as medidas cabíveis junto ao egrégio Tribunal de Contas do Estado.

Art. 11 – Deferido o pedido de Pensão Especial, processado o título competente, observadas as formalidades legais exigidas, competirá à Secretaria de Estado da Fazenda efetuar o seu pagamento mensal.

Art. 12 – A Pensão Especial será sempre paga aos próprios pensionistas, seus tutores, curadores, representantes ou procuradores, não podendo sofrer penhora, arresto ou seqüestro.
Art. 13 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de junho de 1982.

EURICO VIEIRA DE REZENDE

Governador do Estado

(D.O.E. 09.06.1982)

DECRETO Nº 1.680-N, de 16.08.1982

Aprova Quadro de Pessoal Civil da Polícia Militar do Espírito Santo, sob Regime da CLT

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de suas atribuições legais e, tendo em vista o que dispõe o inciso III, do art. 48, da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado na forma do anexo I, que faz parte deste Decreto, o Quadro de Pessoal Civil contratado sob o regime da CLT, da Polícia Militar do Espírito Santo, Órgão de regime especial, integrante da Secretaria de Estado da Segurança Pública.
§1º – O Quadro de Pessoal, constante do anexo a que se refere este artigo, especifica além da nomenclatura o quantitativo, o salário mensal e o salário hora.
§2º – as especificações das atribuições do cada emprego são as constantes do Anexo II.

Art. 2º – Ficam criados e incluídos na estrutura organizacional da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, estabelecida pela Lei nº 3.044, de 31.12.1975, um Grupo de Auxiliares Administrativo e de Recursos Humanos (GA/GDRS), um Grupo Auxiliar Financeiro (GA/GFS) e um Grupo Auxiliar de Planejamento (GA/GPS), como extensões dos GDRS, GFS, GPS, da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 3º – Os reajuste de salário do pessoal civil contratado da Polícia Militar, acompanharão sempre os aumentos gerais de vencimentos concedidos ao funcionalismo público estadual.

Art. 4º – As despesas decorrentes deste Decreto correrão a conta das dotações orçamentárias próprias da Polícia Militar do Espírito santo.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

EURICO VIEIRA DE RESENDE
Governador do Estado

ANEXO I DO DECRETO Nº 1.680-N, de 16.08.1982

QUADRO DE PESSOAL CIVIL – EMPREGOS REGIDOS PELA CLT

Quant.	Denominação	Salários Mensal Hora (Cr$)
11	Médico	1.300,00
03	Cir.Dentista	1.300,00
01	Psicólogo	99.036,00
01	Advogado	99.036,00
01	Contador	99.036,00
01	Tec. em Adm.	87.611,00
01	Enfermeiro	87.811,00
01	Assistente Social	85.501,00
01	Inst. de Def. Pessoal	51.152,00
02	Téc.contabilidade	51.152,00
01	Técnico em Desenho	51.152,00
06	Técnico em Enfermagem	51.152,00
04	Assistente Administrativo	51.152,00
02	Aux. de Enfermagem	42.770,00
01	Aux. de Laboratório	36.914,00
01	Mecânico	36.360,00
25	Aux. Administrativo	34.549,00
01	Aux. de desenhista	34.549,00
04	Atendente de Consultório	30.176,00
06	Telefonista	30.176,00
02	Cozinheiro	30.176,00
06	Garçom	28.636,00
03	Jardineiro	27.170,00
02	Copeiro de Cozinha	25.356,00
04	Auxiliar de Cozinheiro	25.356,00
12	Faxineiro	25.356,00

ANEXO II DO DECRETO Nº 1.680-N, de 16.08.1982

ESPECIFICAÇÕES DAS ATRIBUIÇÕES DOS EMPREGOS DO QUADRO DE PESSOAL CIVIL DA POLÍCIA MILITAR

MÉDICO
Atribuições Típicas: Efetuar exames clínicos; diagnosticar e prescrever tratamentos preventivos e curativos; proceder a exames pré e pós-operatórios; fazer cirurgias e assistir ao operador em cirurgias de especialidades diversas participar de juntas médicas; requisitar, realizar e interpretar exames; supervisionar a execução de trabalhos de enfermagem cirurgias e anestesias; executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

CIRURGIÃO DENTISTA
Atribuições Típicas: Examinar pacientes, diagnosticando e determinando o respectivo tratamento; fazer a clínica buco-dentária; compreendendo extrações de dentes e raízes, obturações, tratamento de canais, curativos em geral, pesquisa de focos dentários, tratamento de abscessos e fístulas; fazer profilaxia buco-dentária; tirar e interpretar radiografias dentárias; fazer cirurgia buco-dentária, estomatologia maxilar e dentária, realizar exames periódicos nos policiais militares, executar outras tarefas que o serviço exigir.

PSICÓLOGO
Atribuições típicas: Elaborar e supervisionar a aplicação de testes e/ou exames de natureza psicológicos, oferecer pareceres e/ou laudos psicológicos, acompanhar pacientes que necessitem de orientações psicológicas, elaborar e aplicar testes de avaliação de personalidade, quando requisitados dos alunos dos cursos de formação existentes na Polícia Militar e de outros policiais militares, bem como oferecer laudo sobre os mesmos, orientar pacientes executando a terapia do espírito como complementação ou coadjuvante da terapia física, executar outras atividades afins que lhe forem cometidas.

ADVOGADO
Atribuições típicas: Emitir parecer de caráter jurídico sobre quaisquer assuntos do interesse da Polícia Militar, redigir procurações contratos e convênios entre a PMES e terceiros, representar por delegação do comando Geral a Polícia Militar judicialmente; promover assistência jurídica aos policiais militares quando do envolvimento dos mesmos com a justiça em face do estrito cumprimento do dever legal, executar no interesse da corporação, diligências junto à administração pública; manter-se atualizado em relação à legislação federal, legislação estadual e legislação municipal que se relacione com os objetivos da Polícia Militar; executar outras atividades afins que lhe forem cometidas.

CONTADOR
Atribuições típicas: Organizar os serviços de contabilidade em geral, traçando o plano de contas, o sistema de livros documentos e método de escrituração para possibilitar o controle contábil e orçamentário; executar e supervisionar a escrituração de livros contábeis; transcrever os dados contidos nos documentos originais para satisfazer as exigências legais e administrativas; controlar os trabalhos de análise e conciliações de contas conferir saldos para assegurar a correção das operações contábeis; proceder à classificação e avaliação de despesas com análise da natureza das mesmas para apropriar contas de bens e serviços; elaborar balancetes, balanços e outras demonstrações contábeis preparar conferir a documentação para pagamento executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

ENFERMEIRO
Atribuições Típicas: Orientar, coordenar, controlar e executar trabalhos de assistência a pacientes, mediante cuidados de enfermagem adequados: verificar o exato cumprimento das prescrições médicas quanto a tratamentos, dietas e medicações ministradas a pacientes; preparar doentes para internações cirúrgicas e atuar durante a sua realização como instrumentador, auxiliando os médicos desenvolver trabalhos de educação sanitária destinados à

prevenção de doenças; executar outras tarefas correistas que lhe forem destinadas.

TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO
Atribuições típicas: Proceder à formulação preliminar de medidas destinadas ao estudo e soluções dos problemas de organização e métodos, administração de pessoal, classificação de cargos, seleção e treinamento, informações em processo administrativo; organizar e orientar a elaboração de fichários, relatórios arquivos de documentação e legislação; executar outras tarefas que lhe forem cometidas.

ASSISTENTE SOCIAL
Atribuições Típicas: Preparar programas de trabalho referente à assistência social; planejar e promover estudos da situação social dos policiais militares e de suas famílias; fazer triagem dos casos apresentados para estudo dar encaminhamentos; fornecer a necessária orientação em cada caso; observar o policial militar e seus familiares sob o ponto de vista social, executar outras tarefas semelhantes.

INSTRUTOR DE DEFESA PESSOAL
Atribuições Típicas: Elaborar e executar programas de ensino de defesa pessoal aos alunos dos cursos de formação e aperfeiçoamento existentes na Polícia Militar, preparar e acompanhar as equipes de competição da Polícia Militar nas modalidades afetas à matéria do instrutor; executar outras atividades inerentes ao seu preparo técnico.

TÉCNICO EM CONTABILIDADE
Atribuições Típicas: Revisar e fazer escrituração contábil; controlar e verificar a execução de trabalhos, balancetes, livros, fichas, planos de contas e outras escritas contábeis; resolver problemas técnicos e administrativos relacionados com a contabilidade e escrituração; prestar informações sobre execução orçamentárias; executar outras tarefas afins que o serviço exigir.

TÉCNICO EM DESENHO
Atribuições Típicas: Executar desenhos de projetos de arquitetura instalações elétricas, hidráulicas e sanitárias, cartas topográficas, peças de máquinas, gráficos e outras ilustrações técnicas; efetuar cópias de traçados; fazer espelhos de trabalhos publicitários; elaborar cartazes, avisos, letreiros, organogramas e similares; e desenvolver desenhos que exijam a aplicação de conhecimentos técnicos especializados.

TÉCNICO DE ENFERMAGEM
Atribuições típicas: Auxiliar médicos, cirurgiões-dentistas e enfermeiros em exames, tratamentos e pequenas cirurgias, ministrar medicamentos e servir alimentação a enfermeiros observando as prescrições médicas; cuidar da higiene pessoal, do repouso, e da vigilância de pacientes e controlar temperatura e pressão arterial; fazer curativos, aplicar vacinas, injeções e banhos de luz e recolher material para exames de laboratório, preparar salas para operações e esterilizar instrumental e material de cirurgia e de enfermagem.

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO
Atribuições Típicas: Realizar trabalhos executivos e de apoio nas áreas administrativas, técnicas e operacional; elaborar estudos, pesquisas e organizar programas de trabalho em sua área de atuação; racionalizar sistemática de trabalho; informar processos; preparar atas e relatórios; executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas e, inclusive, participar de trabalhos multidisciplinares.

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Atribuições Típicas: Realizar trabalhos de protocolo; organizar e manter atualizados cadastros arquivos, fichários e outros instrumentos de controle administrativo; realizar trabalhos de datilografia de textos copiados do original; elaborar e transcrever a máquina tabelas quadros e similares; coletar dados estatísticos, atender ao público prestando informações sobre o andamento de processo e outros assuntos similares; executar tarefas afins.

AUXILIAR DE DESENHISTA
Atribuições Típicas: Copiar desenhos e plantas, participar da elaboração de pequenos projetos; fazer acabamento de desenhos e serviços auxiliares de desenho; fazer gráficos em geral, fazer coberturas, preparar croquis, tirar cópias heliografias e em papel vegetal, auxiliar nos trabalhos de campo; trabalhar em cores, desenhar gráficos, mapas, letreiros, emblemas, cartazes e organogramas; executar outras tarefas que lhe forem determinadas.

AUXILIAR DE ENFERMAGEM
Atribuições Típicas: Executar coadjuvando o Técnico em enfermagem em todas as funções que estão afetas a este último executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

AUXILIAR DE LABORATÓRIO
Atribuições Típicas: Atender pacientes no laboratório, recolhendo material para exames e preenchendo fichas, fornecer informações e resultados de exames; organizar fichas de pacientes e mapas diários de movimentos; fazer análises ou exames simples de urina, aguaescarro, etc.; exercer outras funções afins que lhe forem cometidas.

ATENDENTE DE CONSULTÓRIO
Atribuições Típicas: Atender consulentes em estabelecimento clínico médico ou odontológico, distribuir fichas, preenche-las, distribuir chapas e encaminhar os consulentes aos consultórios, realizar serviços rudimentares de enfermagem, remover aparelhos e outros objetos utilizados pelos pacientes e auxiliares do médico em pequenos curativos, organizar mapas de movimento diário, semanal ou mensal, arquivar pastas de pacientes, fazer entrega de resultado de exames, executar outras tarefas correlativas.

JARDINEIRO
Atribuições Típicas: Executar o serviço de jardinagem dos aquartelamentos da polícia Militar, zelar pela limpeza e boa apresentação desses jardins, procurar desenvolver espírito de criatividade na execução de suas tarefas, executar outras atividades correlatas.

FAXINEIRO
Atribuições Típicas: Zelar pela limpeza das dependências dos aquartelamentos da Polícia Militar, manter a higiene das instalações e equipamentos; remover, arrumar e limpar móveis e utensílios, executar outras atividades afins.

TELEFONISTA
Atribuições Típicas: Operar mesa telefônica ou uma seção da mesma para estabelecer comunicações internas locais ou interurbanas, zelar pelo equipamento de que se utiliza com instrumento de trabalho, identificar defeitos e solicitar manutenção ou conserto, anotar recados e registrar chamadas, organizar e atualizar listas de endereços telefônicos de interesse da unidade executar outras tarefas correlatas.

COZINHEIRO

Atribuições Típicas: Preparar e distribuir refeições sob orientação e supervisão, anotar e informar ao chefe imediato as irregularidades encontradas na qualidade da mercadoria destinada às refeições, manter livre de contaminação ou de deterioração os víveres eu lhes forem fornecidos; zelar para que o material e o equipamento da cozinha estejam sempre em perfeitas condições de utilização, funcionamento, higiene e segurança, operar com fogões, aparelhos de preparação ou manipulação de gêneros alimentícios, aparelhos de cozinha que estejam em perfeitas condições de utilização, funcionamento, higiene e segurança; operar com fogões, aparelhos de preparação ou manipulação de gêneros alimentícios, aparelhos de aquecimento ou de refrigeração ou outros; executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

COPEIRO DE COZINHA

Atribuições Típicas: Executar a limpeza dos equipamentos e materiais utilizados na confecção da alimentação; zelar pela limpeza da cozinha em si, como , limpeza do chão, paredes, pelas etc.; executar limpeza de louças, talheres e outros materiais utilizados na confecção da alimentação e nos serviços de mesa; executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

AUXILIAR DE COZINHEIRO

Atribuições Típicas: Auxiliar o cozinheiro na execução das funções que lhes são inerentes; executar outras atividades afins que lhe foram cometidas.

GARÇONS

Atribuições Típicas: Preparar o refeitório para refeições diárias, incluindo arrumação das mesas, servir a alimentação retirando a seguir, a mesa; observar a higiene, a limpeza do material utilizado às refeições; estar atento no refeitório e em ambientes de recepção, durante as refeições ou coquetéis, demonstrando-se prestativo no atendimento quando requisitado, anotar irregularidades ocorridas no refeitório em relação ao material utilizado às refeições, bem como danificados nas instalações ambientais, elaborar mapas de fornecimento de refeições diárias; solicitar material relativo ao serviço de sua área de atuação a quem de direito executar outras tarefas afins.

MECÂNICO

Atribuições Típicas: Executar serviços relacionados com mecânica em geral, em veículos utilizado pela Corporação, identificar e promover reparos mecânicos de veículos; executar montagens e desmontagens de motores, ajustes, regulagens e lubrificação de motores e máquinas, desencadear atividades de conservação e manutenção da frota de veículos da Polícia Militar dentro da área de sua atuação técnica; executar outras tarefas afins que lhe forem cometidas.

DECRETO Nº 1.690-N, de 28.10.1982

Regulamenta a concessão do 13º Salário-Férias

- *A expressão "13º salária-férias" foi substituída por "13º vencimente", pelo art. 1º da Lei nº 4.752, de 08.01.1993*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de suas atribuições legais e tendo em vista o que dispõe o art. 6º, da Lei nº 3.477, de 10.08.1982, decreta:

Art. 1º – O pagamento do 13º Salário-Férias, instituído pelo art. 26, da Lei nº 3.477, de 10.08.1982, ocorrerá após 12 (doze) meses de efetivo exercício, considerando-se como período aquisitivo inicial para efeito de percepção do benefício o exercício de 1982.

Art. 2º – O 13º Salário-Férias é devido somente uma vez em cada exercício, independentemente do número de dias de férias a que faça jus o funcionário.

Art. 3º – O 13º Salário-Férias será incluído na folha de pagamento correspondente ao mês anterior ao em que as férias deverão ser gozadas independentemente do requerimento do funcionário.

Parágrafo único – Excetua-se do disposto neste artigo os pagamentos correspondentes às férias fixadas para janeiro, os quais serão incluídos nas folhas correspondentes a este mês.

Art. 4º – Para efeito do disposto no artigo anterior, os responsáveis pelos setores de pessoal dos órgãos do Poder Executivo deverão organizar, no mês.12.cada ano, a escala de férias para o exercício seguinte, observando a proporção de 1/12 (um doze avos) do respectivo quantitativo de pessoal para cada mês e levando em consideração a conveniência do serviço.

- *Nova redação pelo Decreto nº 2.616-N, de 02.02.1988*

§1º – A escala será publicada até o dia 10 (dez) do mês de janeiro do ano em que deverá vigorar.

- *Nova redação pelo Decreto nº 2.616-N, de 02.02.1988*

§2º – A Coordenação de Pagamento de Pessoal procederá ao pagamento do 13º Salário-Férias obedecendo à previsão da escala a que se refere o parágrafo anterior.

§3º – As alterações na escala de férias originária, bem como as interrupções do gozo das férias, não serão levadas em conta pela Coordenação de Pagamento de Pessoal para efeito da oportunidade do pagamento do 13º Salário-Férias.

- *Nova redação pelo Decreto nº 2.616-N, de 02.02.1988*

§4º – Os professores e especialistas cujas férias são gozadas nos meses de janeiro e julho, receberão o benefício do 13º Salário-Férias em duas parcelas, cada uma correspondendo a 50% (cinqüenta por cento) do respectivo valor, sendo a primeira paga no mês de janeiro e a segunda, no mês de julho.

- *Nova redação pelo Decreto nº 2.616-N, de 02.02.1988*

Art. 5º – O 13º Salário-Férias é inacumulável perdendo o direito de percebê-lo o funcionário que deixar de usufruir suas férias durante o respectivo período concessivo.

Art. 6º – O 13º Salário-Férias será pago com base no valor do vencimento e demais vantagens que o funcionário estiver percebendo no mês correspondente ao do gozo das férias.

Art. 7º – O funcionário com direito a férias e que venha ser exonerado antes de usufruí-las fará jus à percepção do 13º Salário-Férias juntamente com o último pagamento de seus vencimentos, desde que decorrido o período de 12 (doze) meses após o recebimento de igual vantagem.

Art. 8º – Os funcionários aposentados, os transferidos para a reserva remunerada, os reformados e os colocados em disponibilidade receberão o 13º provento com o pagamento do mês em que tenham sido transferidos para a inatividade ou disponibilidade no exercício de 1983.

Parágrafo único – O pagamento do 13º provento do funcionário que vier a inativar-se ou for colocado em disponibilidade a partir de 01.01.1983 será efetuado juntamente com a primeira remuneração percebida na qualidade de inativo ou disponível, desde que não haja sido beneficiado no respectivo exercício.

Art. 9º – Nas hipóteses de afastamento do funcionário da Administração Direta do Poder Executivo, o 13º Salário-Férias apenas será devido após decorridos 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias de efetivo exercício no seu cargo.

Art. 10 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de outubro de 1982.

EURICO VIEIRA DE REZENDE

Governador do Estado

(D.O.E. 30.10.1982)

DECRETO Nº 2.569-E, de 06.05.1983

Cria a Companhia de Polícia Feminina (Cia P Fem)

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, da Constituição Estadual e de conformidade com o art. 56, da Lei nº 3.044, de 31.12.1975 (Lei de Organização Básica da Polícia Militar),
Considerando o assustador aumento da população flutuante na área da Grande Vitória e os conseqüentes problemas dele advindo, fundamentalmente, nos terminais rodoviários, ferroviários, aeroportos e zonas de maior concentração urbana;
Considerando que a experiência de outras Corporações policial militar, vem demonstrando a alta eficiência obtida pela Polícia Feminina;
Considerando que o Governo tem por dever prever e prover os meios necessários e eficientes para uma melhor segurança de nossa população;
Considerando que a presença de elementos do sexo feminino na atividade estatal da segurança pública vem, sem dúvida, amenizar a natural aspereza da conduta policial na difícil tarefa de garantia da ordem pública, sem, contudo comprometer sua eficiência;
Considerando, finalmente, que a criação da Polícia Feminina não acarretará qualquer aumento de despesa, uma vez que, em face do que dispõe a Lei nº 3.529, de 05.01.1983, não há necessidade, no momento, de aumento de efetivo nem suplementação da dotação orçamentária própria, decreta:

Art. 1º – O art. 34 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, fica acrescido do item VII com a seguinte redação:
"VII – Companhia de Polícia Feminina (Cia P Fem) que tem a seu cargo as missões de Policiamento Especial."

Art. 2º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de maio de 1983.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 07.05.1983)

DECRETO MUNICIPAL Nº 6.654, de 03.08.1983

Institui premiação para Cursos de Formação da Polícia Militar

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA, Capital do Estado do Espírito Santo, usando da atribuição legal e,
Considerando ser interesse desta administração colaborar para o aperfeiçoamento da Segurança de Vitória;
Considerando que para tal aperfeiçoamento são de importância vital os cursos ministrados pela Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, e
Considerando, finalmente, o seu propósito de congregar esforços para o bom êxito da administração do PMDB a todos os níveis, decreta:

Art. 1º – Fica instituído um prêmio correspondente a uma caderneta de poupança no valor de (dois) salários mínimos regionais, a ser atribuído aos primeiros alunos classificados nos Cursos de Formação de Soldados, de Cabos e de Sargentos da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.
Parágrafo único – O prêmio instituído neste artigo é também extensivo ao aluno melhor classificado no Curso de Formação de Oficiais da PM, valendo para cada Academia de Formação de Oficiais, onde estudem oficiais da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 1º de agosto de 1983.

FERDINAND BERREDO DE MENEZES

Prefeito Municipal

(D.O.E. 03.08.1983)

DECRETO Nº 1.812-N, de 31.10.1983

Regulamenta o estágio de estudantes nos Órgãos da Administração Pública Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual em vigor, e tendo em vista as disposições constantes da Lei Federal nº 6.494, de 7.12.1977 e do Decreto Federal nº 89.497, de 18.08.1982, decreta:

Art. 1º – Os órgãos da Administração Pública Estadual poderão aceitar como estagiários alunos regularmente matriculados e que venham freqüentando, efetivamente, cursos vinculados à estrutura do ensino público e particular, de nível superior e de 2º Grau.

- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº 1.854, de 09.02.01984*

Art. 2º – O estágio para estudante na Administração Direta do Poder Executivo obedecerá às normas estabelecidas neste Decreto.

Art. 3º – O estágio tem por objetivo propiciar ao estudante complementação educacional e prática profissional no desenvolvimento dos programas e planos de trabalho afetos à unidade onde se realizar o estágio.

Art. 4º – Os estágios serão desenvolvidos mediante a celebração de convênios firmados pelas Secretarias de Estado de Órgãos diretamente subordinados à Governadoria com as instituições de ensino diretamente ou através do Instituto "Euvaldo Lodi" Núcleo Regional do Espírito Santo.
§1º – Somente poderão receber estagiários as unidades organizacionais que tenham condições de propiciar experiência prática na linha de formação do estudante.
§2º – O aproveitamento do estagiário deverá ocorrer, preferencialmente, em serviços não rotineiros e não burocráticos, objetivando propiciar ao estudante participação em situações reais de vida e trabalho em seu meio.

Art. 5º – A realização do estágio dar-se-á mediante Termo de Compromisso celebrado entre o estudante e a unidade organizacional convenente, com interveniência obrigatória da instituição de ensino a que estiver o estudante vinculado ou do Instituto "Euvaldo Lodi" ".

Art. 6º – O Candidato ao estágio será selecionado pelo próprio Órgão interessado no seu concurso, dentre alunos de cursos que tenham correlação com as atividades do respectivo Órgão.

Art. 7º – O estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza com o serviço público e se revestirá da forma de bolsa de complementação educacional, cujo valor será fixado e reajustado, periodicamente, através de Decreto.
Parágrafo único – o estagiário receberá anualmente, no mês de dezembro, uma gratificação correspondente ao valor da bolsa, a ser paga proporcionalmente ao total de meses trabalhados.

- *Acrescentado pelo art. 1º do Decreto nº 3.659-N, de 21.02.1994*

Art. 8º – O estágio do servidor estudante não será remunerado, salvo se realizado em horário diverso do prestado à unidade onde tenha exercício.

Art. 9º – A bolsa será mensal e diretamente ao estagiário, correndo a despesa à conta de recursos próprios da unidade onde se realizar o estágio, à vista da freqüência apurada, devendo o estudante estar segurado contra acidentes pessoais.

Art. 10 – O prazo de duração do contrato de estágio será de 12 (doze) meses, podendo ser renovado a critério da administração, por mias 01 (um) ano.
§1º – Nos casos em que haja prorrogação de contrato de estágio, o estagiário fará jus a 30 (trinta) dias de férias após o decurso de 01 (um) ano de atividade, coincidentes essas preferencialmente com o período de férias escolares.

- *Acrescentado pelo art. 1º do Decreto nº 3.659-N, de 21.02.1994*

§2º – Considerar-se-á dispensado o estagiário que colar grau, sofrer reprovação em qualquer disciplina, tiver procedimento incompatível com sua atividade, ou não se adaptar às tarefas a ele atribuídas.

- *Remunerado pelo art 2º do Decreto nº 3.659-N, de 21.02.1994*

Art. 11 – O estagiário cumprirá, dentro do horário regular de funcionamento da Unidade e sem prejuízo de suas atividades discentes, jornada diária de:
a) de 04 (quatro) horas, quando estudante de curso de nível superior;

- *Alínea acrescida pelo art. 1º do Decreto nº1854-N, de 09.02.1984*

b) de 06 (seis) horas, quando estudante de curso de 2º grau.

- *Alínea acrescida pelo art. 1º do Decreto nº1854-N, de 09.02.1984*

§1º – O estagiário estará sujeito, durante o estágio, às mesmas normas disciplinares estabelecidas para os servidores públicos da Unidade.
§2º – A jornada de atividade em estágio, a ser cumprida pelo estudante, deverá compatibilizar-se com seu horário escolar e com o horário da unidade onde venha a ocorrer o estágio.

Art. 12 – As unidades da Administração Pública Estadual que oferecem estágios promoverão o acompanhamento e a supervisão dos trabalhos do estagiário e realizarão a avaliação do aproveitamento e rendimento do mesmo, para efeito de expedição do competente Certificado.
Parágrafo único – O acompanhamento e a avaliação do estagiário serão feitos pela autoridade a que o mesmo estiver diretamente subordinado.

Art. 13 – As Secretarias de Estado, órgãos diretamente subordinados à Governadoria e os Órgãos de Regime Especial submeterão à apreciação do Governador do Estado, anualmente, até o dia 31 de janeiro, através da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, a programação de admissão de estagiários, discriminando os cursos e o número de estudantes.

Art. 14 – Os Grupos Administrativos e de Recursos Humanos Setoriais junto à Secretaria de Estado e Casa Civil, o Grupo de Recursos Humanos Setorial da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, o grupo de controle de Resultados da Secretaria de Estado da Administração dos Recursos Humanos e os setores de pessoal dos demais órgãos referidos no art. 13 manterão um cadastro especial, no qual constará ficha com o nome do estagiário, curso, período que esteja freqüentando, data de início e fim do estágio, nome do estabelecimento de ensino, valor mensal da bolsa, bem como pasta própria para arquivamento das cópias de Convênios, dos Termos de compromisso e dos formulários de acompanhamento e avaliação dos estágios.

Art. 15 – Os responsáveis pelas unidades a que se refere o artigo anterior farão publicar no diário Oficial do Estado resumo do Termo de compromisso previsto no art. 7º, e remeterão à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos cópia do aludido Termo em sua íntegra, para fins de registro no Cadastro Central de Recursos Humanos.

Art. 16 – As Autarquias e empresas públicas supervisionadas aplicam-se às disposições constantes deste Decreto.
Parágrafo único – Os órgãos e entidades referidos neste artigo submeterão ao Governador do Estado ouvido o Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, proposta contendo o quantitativo de bolsa de complementação educacional a serem concedidas com discriminação dos respectivos cursos.

Art. 17 – Para os contratos de estágio, atualmente em vigor, deverão ser respeitadas as bases em que foram celebrados, que serão mantidos até o término do corrente exercício.

Parágrafo único – a prorrogação desses contratos deverá obedecer às condições estabelecidas neste Decreto.

Art. 18 – Dentro do prazo de 15 (quinze) dias a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos baixará portarias aprovando os modelos necessários ao cumprimento do presente Decreto.

Art. 19 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de outubro de 1983.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.11.1983)

DECRETO Nº 1.818-N, de 17.11.1983

Dispõe sobre o afastamento de servidores para fins que menciona

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual e,
Considerando que a situação financeira do Estado está a exigir o máximo de moderação nos gastos públicos, particularmente no tocante a pessoal cuja manutenção absorve expressiva parcela da receita orçamentária;
Considerando que todos os setores da administração pública estadual, inclusive os órgãos descentralizados (autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista) devem empenhar-se, com o maior zelo, no sentido de evitar a realização de despesas supérfluas ou adiáveis, sobretudo as de caráter pessoal;
Considerando que, malgrado os meios empregados e os esforços empreendidos, a arrecadação tributária tem sido insuficiente para fazer face às despesas absolutamente inevitáveis, inclusive às pertinentes ao pagamento do funcionalismo, que o Governo reputa prioritárias; decreta:

Art. 1º – A não ser em caráter excepcional, não será permitido o afastamento do serviço público estadual, civil ou policial militar da sede de trabalho, para participar, no país ou no exterior, com ônus para o Tesouro Estadual, de:
I – congressos e outros certames culturais, técnicos, científicos ou desportivos;
II – estudo ou missão de interesse do serviço;
III – curso especializado ou de aperfeiçoamento.

Art. 2º – Na hipótese de ser absolutamente necessário, poderá ocorrer o afastamento do servidor mediante despacho governamental proferido em processo específico devidamente instruído, transitado pela Casa Civil.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de novembro de 1983.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 18.11.1983)

DECRETO Nº 1.854-N, de 09.02.1984.

Altera o Decreto nº 1.812-N/1983

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que confere o art. 71 inciso IV, da constituição, decreta:

Art. 1º – Os arts. 1º e 11 do Decreto Nº 1.812-N, de 31.10.1983, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 1º – Os órgãos da Administração Pública Estadual poderão aceitar como estagiários alunos regularmente matriculados e que venham freqüentando, efetivamente, cursos vinculados a estrutura de ensino público e particular, em nível superior e de 2º Grau".
"Art. 11 – O estagiário cumprirá, dentro do horário regular de funcionamento da Unidade e sem prejuízo de suas atividades discentes, jornada diária de :
a) 04 (quatro) horas, quando estudante de curso de nível superior;
b) 06 (seis) horas, quando estudante de curso de 2º grau;
§1º – O estagiário estará sujeito, durante o estágio, às mesmas normas disciplinares estabelecidas para os servidores da Unidade.
§2º – Não serão aceitas justificativas para cumprimento de estágio fora do horário pré-estabelecido, deduzindo-se do valor da bolsa a importância correspondente ao período em que o estudante deixar de estagiar ".

Art. 2º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em de fevereiro de 1984.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

DECRETO Nº 1.942 – N , de 03.10.1984

Institui a Medalha "SESQUICENTENÁRIO"

Institui a Medalha "SESQUICENTENARIO DA POLICIA MILITAR DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO ", comemorativa da data de sua criação e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o Art. 71 item IV da Constituição Estadual, DECRETA:

Art. 1º É instituída a Medalha "SESQUISENTENÁRIO A POLÍCIAL MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO" comemorativa da data de sua criação.

Art 2º A Medalha "SESQUISENTENÁRIO" destina-se a distinguir Oficiais e Praças da Policia Militar do Estado do Espírito Santo, que se tenham tornado dignos do reconhecimento daquela corporação, pela prática de ações meritórias de valor no campo profissional policial-militar.

Parágrafo Único – As honrarias mencionada será extensiva igualmente a Civis e Oficiais de outras Organizações Militares que por seus atos , tenham cooperado para o aperfeiçoamento profissional dos integrantes da Polícia Militar ou a ela prestado relevantes serviços.

Art. 3º A Medalha "SESQUICENTENÁRIO" será concedida por ocasião da passagem do centésimo qüinquagésimo aniversário de criação dessa corporação, em número de até 150 (cento e cinqüenta) unidades.

§ 1º - A Comissão de Concessão será composta por 05 (cinco) oficiais superiores designados, livremente, pelo Comandante Geral.

§ 2º - As propostas para a concessão de que trata este decreto poderão ser emitidas pelos Comandantes do CPC, CPI, de Unidade e Diretores e, através de parte, com detalhamento das justificativas, serão enviadas até o dia 06 de Janeiro de 1985 ao Comandante Geral que as remeterá à Concessão, para apreciação.

§ 3º - O Comandante Geral dará a sua decisão sobre as propostas apresentadas pela Comissão de Concessão, aprovando-as ou não.

Art 4º - A medalha "SESQUICENTENÁRIO" será confeccionada de ferro oxidado, terá forma circular, com 40mm de diâmetro. No verso, em relevo, o logotipo oficial do "SESQUISENTENÁRIO" e no verso um disco interno de 32 mm, contendo em relevo o brasão da PMES.

§ 1º No centro superior da Medalha, haverá um suporta de 04 mm de diâmetro, que sustentará uma argola de 10mm de diâmetro interno por 12mm de diâmetro externo, ambos do mesmo metal.

§ 2º - A medalha será pendente em uma fita de gorgorão de seda de 36 mm de largura total, por 55mm de comprimento, afinado em bisel na extensão de 12mm, findo os quais a ponta penderá na argola da mesma. Da direita para a esquerda a fita apresentará as seguintes cores (cores oficiais do Estado do Espírito Santo: azul (18mm) e rosa (18mm); (desenho1)

Art. 5º - O diploma que acompanha a Medalha será em papel apergaminhado e terá as seguintes dimensões: 35 cm de largura e35 cm altura (desenho 2)

Art. 6º A Medalha corresponderá ainda:

a) Uma passadeira com as dimensões de 36 mm de comprimento por 12 mm de altura com as cores correspondentes da fita, e com moldura de 1mm, contendo ao centro o número 150 em metal dourado;

b) Uma roseta de 10mm de diâmetro para uso no traje civil, dividida em quatro partes iguais, com cores alternativas do Estado.

Art. 7º A Comissão de Concessão de Medalha registrara, em forma de ata, todos os atos constantes das deliberações ocorridas nas reuniões.

Art. 8º A Comissão de Concessão de Medalha terá livro próprio para registro dos agraciados, em ordem cronológica, com dados biográficos e números e data dos Boletins que publicaram a referida concessão.

Art. 9º Constituindo as Medalhas não distribuídas e os diplomas um patrimônio da PMES, sua cunhagem, aparelhamento, impressão e guarda ficaram a cargo da Seção de Suprimento de Matéria de Intendência (SSMI) da Corporação.

Art. 10 - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação

Art. 11 - Revogam-se as disposições em contrario.

Art. 12 - Ordeno, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução deste Decreto pertencer, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nele se contém.

Palácio Anchieta, em Vitória , aos 03 de outubro de 1984; 163º da Independência, 96º da Republica e 450º do Início da Colonização do Solo Espírito Santense.

GERSON CAMATA
Governador do Estado.

(transcrito do DOE nº 16.417, de 04 Out 19t84).

DECRETO Nº 2.125-N, de 12.09.1985

Regulamenta a função do Corpo de Bombeiros

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual, decreta:

CAPÍTULO I
Das Disposições Preliminares

SEÇÃO I
Introdução

Art. 1º – O presente Decreto regulamenta a Lei nº 3.218 de 27.07.1978, fixando as normas para todo o serviço de segurança das pessoas e dos seus bens contra incêndio e pânico e dispondo sobre a aplicação das penalidades.

Art. 2º – Quando se tratar de tipo de edificações ou de atividades diferentes das constantes na presente norma, o Corpo de Bombeiros poderá determinar outras medidas que, a seu critério, julgar convenientes à segurança contra incêndio e pânico.

Art. 3º – Compete ao Corpo de Bombeiros por meio de seu órgão próprio – Centro de Atividades Técnicas (CAT) estudar, analisar, planejar, normatizar, exigir e fiscalizar o cumprimento das disposições legais, assim como todo o serviço de segurança contra incêndio e pânico na forma estabelecida neste Decreto.

SEÇÃO II
Dos Procedimentos Administrativos

Art. 4º – A documentação relativa aos Projetos de Proteção contra incêndio e pânico, quando da apresentação no CAT para análise do sistema proposto, deverá obedecer aos seguintes critérios:
a) apresentação ao Corpo de Bombeiros de Ofício solicitando aprovação de projeto, juntando-se-lhe os jogos de plantas de arquitetura;
b) as vias deverão vir assinadas pelo (s) proprietário (s) do imóvel e pelo engenheiro ou técnico responsável pela execução do projeto;
c) no projeto, deverá constar: a localização dos sistemas preventivos; o esquema vertical do sistema hidráulico preventivo; as saídas para o consumo normal e detalhes dos abrigos de mangueiras hidrantes, conexões próprias, sinalização, etc.; as saídas de emergência com detalhes previstos na revisão da NB-208 (Projeto 2:02.12.050).
d) os projetos de edifícios tipo "G", "H" e "I" além do disposto nas letras anteriores deste artigo, deverão conter, ainda, memorial descritivo dos sistemas de combate a incêndio e pânico e cálculos hidráulicos de pressão e vazão dos hidrantes menos favoráveis do Sistema Hidráulico Preventivo (SHP).

Art. 5º – Qualquer alteração no projeto original dependerá de prévia aprovação do Corpo de Bombeiros.
Parágrafo único – Igual procedimento deverá ser observado em relação às edificações antigas, mesmo aquelas que, originalmente, não tenham sido objeto de exame pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 6º – No projeto apresentado ao Corpo de Bombeiros, deverá constar à ocupação a que se destina a edificação.

Art. 7º – Análise do projeto, vistoria, pareceres, informações e outras solicitações serão emitidas no prazo máximo de dez dias úteis a contar da data da entrada do expediente junto ao Corpo de Bombeiros, desde que o interessado tenha atendido a todas as exigências.

CAPÍTULO II
Dos Projetos

Art. 8º – Os projetos serão apresentados obedecendo às seguintes normas:
I – as plantas terão as dimensões mínimas de 395 mm por 297 mm e máximas de 1.320mm por 891mm;
II – as escalas mínimas de:
a) 1:2.000 para plantas gerais esquemáticas;
b) 1:500 para plantas de situação;
c) 1:100 para plantas baixas;
d) 1:50 para fachadas e cortes;
e) 1:25 para os detalhes.
III – para efeito de execução dos projetos e dos sistemas preventivos propostos serão adotadas as unidades de medida a seguir:
a) área de construção: [m²] (metro quadrado);
b) diâmetro de tubulação e esguichos: [mm] (milímetro);
c) altura de reservatórios elevados: [m] (metro);
d) capacidade de reservatórios: [m³] (metro cúbico);
e) visão: [l/min] (litro por minuto);
f) perda de carga no sistema: [MCA] (metro de coluna d'água);
g) distância linear de tubulação: [m] (metro).
IV – todas as plantas deverão ser elaboradas obedecendo às escalas e as unidades de medidas acima descritas, não sendo aceitas emendas, rasuras ou correções, salvo as autenticadas pelo técnico ou engenheiro, na forma permitida;
V – os projetos serão apresentados em duas vias, uma original e outra em cópia heliográfica.

CAPÍTULO III
Da Classificação dos Edifícios

Art. 9º – Para os efeitos deste Decreto, os edifícios, quanto a sua ocupação (uso) e determinação de medidas de segurança contra incêndio e pânico, são classificados nos seguintes tipos:
Tipo A – edifícios residenciais;
Tipo B – hotéis e assemelhados;
Tipo C – hospitais e assemelhados;
Tipo D – edifícios de escritórios;
Tipo E – escolas e assemelhados;
Tipo F – locais de reunião;
Tipo G – comércio varejista;
Tipo H – comércio atacadista e depósitos;
Tipo I – edifícios em construção;
Tipo L – edifícios outros.

CAPÍTULO IV
Das Exigências

Art. 10 – Dos edifícios classificados nos tipos de B a I, do art. 9º, será exigido Sistema Hidráulico Preventivo desde que possuam área total construída superior a 900 m² ou tenham mais de três pavimentos.

Art. 11 – Nos terminais rodoviários e ferroviários galpões e garagens, com área total construída superior a 1.500m² (um mil e quinhentos metros quadrados), será exigido Sistema Hidráulico Preventivo.

Art. 12 – De todo edifício independente de área construída, será exigido Sistema Preventivo por extintores.

Art. 13 – Todo edifício de uso residencial e mais de 16 (dezesseis) unidades será exigido central de gás liquefeito de petróleo (GLP).
Parágrafo único – Serão considerados, isoladamente, para efeito do presente artigo, os edifícios geminados com circulação independente.

Art. 14 – Os edifícios classificados de B a I no art. 9º, terão central de gás desde que o uso para consumo necessário seja superior a 42 kg de GLP.

Art. 15 – Todos os edifícios classificados no art. 9º, terão saídas de emergência conforme NB-208 (revisada) da ABNT e normas do Ministério do Trabalho.

Art. 16 – Será exigida a instalação de hidrante de coluna (urbano), nos casos de agrupamentos residenciais com mais de 32 unidades residenciais, edificações de 5 ou mais pavimentos e estabelecimentos comerciais ou industriais que ultrapassem área total construída de 2.500 m² desde que não exista hidrante num raio de 80 m, com centro no eixo da fachada do prédio.

Art. 17 – Os hidrantes de coluna (urbanos) serão assinalados na planta de situação, exigindo-se um número que será determinado de acordo com a área a ser urbanizada ou com a extensão de estabelecimento, obedecendo-se ao critério de um hidrante do tipo coluna, no máximo, para a de cada edificação e cujos custos de instalações na rede distribuidora ficarão por conta da concessionária de água do município.

Art. 18 – É obrigatória a instalação de proteção em edificação contra descargas elétricas atmosféricas conforme previsto na NB 165 da ABNT ou NBR 5.419.

Art. 19 – Nos cinemas, a cabine de projeção estará separada de todos os recintos adjacentes por meio de portas corta-fogo leves e metálicas. Na parte da parede que separa a cabine do salão não haverá outra abertura senão as necessárias janelinhas de projeção e observação. As de observação podem ter, no máximo, 500 m² e as de projeção, o necessário a passagem do feixe de luz do projetor, ambas possuirão um obliterador de fechamento em chapa metálica de 2 cm de espessura. O pé-direito da cabine, medido acima do estrado ou estribo do operador, não poderá, em ponto algum, ser inferior a 2 m.
Parágrafo único – Nos cinemas só serão admitidos na cabine de projeção os rolos de filmes necessários ao programa do dia; todos os demais estarão em seus estojos, guardados em armário de material incombustível e em local próprio;

Art. 20 – Nos teatros, a parede que separa o palco do salão será do tipo corta-fogo com a "boca de cena" provida de cortina contra incêndio, incombustível e estanque à fumaça; a descida dessa cortina será feita na vertical e, se possível, automaticamente. As pequenas aberturas interligando o palco e o salão serão providas de portas corta-fogo leves e metálicas.
Parágrafo único – Nos teatros os compartimentos da caixa terão saída direta para via pública podendo ser através de corredores, "halls", galerias ou pátios independente das saídas destinadas ao público.

Art. 21 – Nos teatros e cinemas além dos circuitos de iluminação geral, haverá um de luzes de emergência com fonte de energia própria; quando ocorrer uma interrupção de corrente as luzes de emergência deverão iluminar o ambiente de forma a permitir uma perfeita orientação aos espectadores, na forma das recomendações oficiais.

Art. 22 – Os teatros, cinemas, boates, auditórios e salões diversos terão suas locações declaradas nos respectivos Laudos de Exigências e Certificados de Aprovação expedidos pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 23 – Os parques de diversões, além das exigências previstas neste Decreto, deverão empregar materiais incombustíveis nas coberturas e barracas.

Art. 24 – Os circos terão, além do sistema preventivo por extintores de atender quanto ao material e a montagem, com coberturas ou não, às seguintes condições:
I – quando a cobertura for de lona, será tratada, obrigatoriamente, com substância retardante ao fogo;
II – os circos serão construídos de material tratado com substância retardante ao fogo. Os Mastros tirantes e cabos serão metálicos;
III – as arquibancadas serão de estrutura metálica, admitindo-se os assentos de madeira.

SEÇÃO I
Do Edifício-Garagem

Art. 25 – Todo edifício-garagem, com qualquer número de pavimentos, será construído com material incombustível, inclusive revestimento, esquadrias, portas e janelas.

Art. 26 – Cada pavimento deve dispor de sistema de ventilação permanente, (natural ou mecânica) e ter declive nos pisos de, no mínimo 0,5% a partir dos elevadores ou da rampa de acesso.
Parágrafo único – Os edifícios-garagem dotados de elevadores com transportador automático, ficam dispensados da exigência de sistema de ventilação mecânica.

Art. 27 – Na área destinada ao estacionamento de veículos, bem como nas rampas de acesso quando houver, a iluminação será feita utilizando-se material elétrico adequado.

Art. 28 – É admitida a construção de edifício-garagem contíguo a outros destinados a fins diferentes quando, entre ambos, houver perfeito isolamento com paredes corta-fogo, sem aberturas.

Art. 29 – Em cada pavimento, por toda a extensão das fachadas, exceto nas colunas haverá abertura livre com altura mínima de 70 cm.

Art. 30 – O escoamento e a drenagem de líquido nos pisos dos pavimentos-garagem, serão assegurados através de tubulação ou calha.
Parágrafo único – A instalação do sistema de drenagem respeitará as normas em vigor, proibindo-se remover líquidos inflamáveis para as instalações de esgoto.

Art. 31 – Em todas os acessos e nas áreas de estacionamento dos edifícios-garagem serão colocados avisos com os dizeres "É PROIBIDO FUMAR" em letras vermelhas.

Art. 32 – Num só pavimento não serão permitidos mais de 50 (cinqüenta) vagas para estacionamento de veículos a não ser que separados por paredes corta-fogo e tenham aberturas separadas para "entrada" e "saída" com as indicações correspondentes.

Art. 33 – Nos espaços de estacionamento de veículos deverá ser demonstrada, graficamente, a viabilidade da previsão, quanto ao acesso e movimentação dos veículos, distribuição, localização e dimensionamento das vagas e cálculo de capacidade ou lotação.

Art. 34 – Independentemente das exigências do Ministério da Aeronáutica no que se refere à segurança contra incêndio, os heliportos deverão obedecer às exigências previstas nesta Seção.

SEÇÃO II
Dos Heliportos

Art. 35 – O Corpo de Bombeiros só emitirá Laudo de Exigências para heliportos, após o parecer de aprovação fornecido pelo Ministério da Aeronáutica, mencionando a capacidade máxima dos helicópteros que poderão usar aquela área.

Art. 36 – A área de aterrissagem deve ser construída de material incombustível, sem aberturas, com caimento para drenagem em uma ou duas direções, terminando em calhas, de modo que a água ou combustível não possam ser levados para os parapeitos do prédio e sim para local seguro. O caimento será no sentido contrário às áreas ocupadas por pessoas.

Art. 37 – Os poços para guarda de material e as saídas de emergência devem ser providos de um ressalto que evite a possível penetração de combustível derramado. Os poços devem ser equipados com drenos ligados ao sistema de drenagem geral do prédio.

Art. 38 – As áreas de espera devem ser protegidas contra a turbulência dos motores.

Art. 39 – A drenagem de aterrissagem deve ser independente do sistema de águas pluviais, depois da separação de óleo ou de combustível da água, por um separador sifonado com capacidade suficiente para reter a carga total de combustível de qualquer helicóptero.
§1º – No caso de haver Canalização Preventiva Contra Incêndio, os drenos deverão ter capacidade para esgotar, no total, a vazão máxima dos esguichos mais 25%.
§2º – Os separadores deverão ser inspecionados periodicamente, removendo-se o óleo ou o combustível retido.

Art. 40 – Serão exigidas, pelo menos, duas saídas para pressões, situadas em pontos distintos dos heliportos.

Art. 41 – Junto ao heliporto deverá haver um sistema de comunicação com o Corpo de Bombeiros.

Art. 42 – Os heliportos destinados a aparelhos com capacidade para mais de 5 pessoas, ou com tanque de capacidade igual ou superior a 350 litros de combustível, serão dotados de Sistema Hidráulico Preventivo.
§1º – Todos os heliportos localizados em prédios com 4 (quatro) ou mais, pavimentos, serão dotados de Canalização Preventiva Contra Incêndio.
§2º – A instalação deverá ser de tal forma que assegure a cada hidrante, no mínimo, pressão de 4 kg/cm² e vazão de 500 litros/min durante 20 minutos.
§3º – Todas os hidrantes serão dotados de equipamento para espuma (misturador ou proporcionador e acessórios) e depósito com líquido gerador suficiente para 20 minutos de operação.
§4º – Os esguichos deverão ser próprios para operar com espuma.

Art. 43 – Os heliportos destinados a aparelhos com capacidade de até 05 pessoas ou com tanque de capacidade igual ou inferior a 350 litros quando instalados em prédio com menos de 04 pavimentos, estarão isentos das exigências do artigo anterior.

Art. 44 – Todos os heliportos serão dotados de extintores, em números e capacidade a serem determinados pelo Corpo de Bombeiros. O mínimo exigido será de 02 extintores de pó químico de 8 kg e 01 carreta de espuma de 75 litros.

Art. 45 – Os extintores, esguichos, mangueiras e demais equipamentos de combate a incêndio serão protegidos das intempéries, em abrigo, fora da área de aterrissagem porém, próximos à mesma, em posições opostas e claramente marcadas.

Art. 46 – Fica terminantemente proibida a manutenção e o abastecimento dos aparelhos nos heliportos sobre edificações.

SEÇÃO III
Dos Armazéns e Paióis de Explosivos ou Munições

Art. 47 – Os armazéns e paióis de explosivos ou munições devem ser afastados de residências, centros povoados, ferrovias, rodovias e outros locais incompatíveis.
Parágrafo único – O afastamento mínimo a ser observado deverá ser de 500 metros e assegurar em casos de explosão, menores danos pessoais e materiais possíveis.

Art. 48 – Na escolha de local para a construção de paióis, deverá haver preferência pelo que dispuser de maior número de acidentes naturais (depressões e elevações de terreno e vegetação alta), fazendo-se o aproveitamento adequado dos intervalos entre tais acidentes.

Art. 49 – As condições de temperatura, umidade, ventos permanentes e respectiva direção, devem ser tomada, em consideração na escolha do local para a construção de paióis convindo o terreno firme, seco, a salvo de inundações e de mudanças freqüentes de temperatura não sujeito, permanentemente a fortes correntes aéreas.

Art. 50 – As dimensões dos paióis e armazéns dependem da quantidade de explosivos e munições a depositar ou a empaiolar.

Art. 51 – Os paióis terão estrutura de concreto armado; as paredes serão duplas, de tijolos ou material incombustível. Na construção da cobertura deverá ser usado material facilmente fragmentável, leve e quanto possível incombustível, como telhas de amianto e outras. As portas deverão ser de material incombustível e o mais possível, resistentes às explosões.

Art. 52 – Os paióis quando não enterrados serão circundados por barragens de terra, com altura igual a do pé direito, exceto na parte da porta, onde será deixada uma passagem de nível com a altura necessária para acesso de viatura de transporte.

Art. 53 – Toda a área dos armazéns, e paióis será protegida por pára-raios.

Art. 54 – Toda a área ao redor de cada armazém ou paiol será isenta de qualquer tipo de vegetação, formando aceiro, com a largura mínima determinada pela altura da maior árvore ou outro tipo de vegetação em limite com o aceiro.
Parágrafo único – Deve o aceiro ser coberto com pó de pedra ou similar, a fim de impedir o crescimento de vegetação.

Art. 55 – Toda a área dos armazéns e paióis será limitada por uma cerca ou muro, possuindo no máximo duas entradas providas de portões que permanecerão fechados.
Parágrafo único – Nesses locais deverão ser colocados avisos com os seguintes dizeres: “PERIGO! É PROIBIDO FUMAR”, em letras vermelhas de 2 cm de largura por 14 cm de moldura.

Art. 56 – Os paióis deverão dispor de sistema de controle de temperatura e umidade, observando:
I – sistema destinado à remoção do ar, do interior do paiol, pela introdução de ar fresco previamente seco; constará de tomadas de ar que, atravessando uma camada de cloreto de cálcio, sílica gel ou outro absorvente de umidade, será introduzido no paiol, em maior ou menor quantidade, regulado por um sistema mecânico;
II – qualquer abertura para efeito de ventilação será protegida por tela fina;
III – deverá ser instalada uma rede de chuveiro (sob comando ou automático), sobre o teto do paiol, para redução de temperatura interna em dias de grande canícula.

Art. 57 – A iluminação deverá ser elétrica, externa e refletiva, ficando proibido qualquer outro sistema de iluminação artificial, com exceção das lanternas portáteis à pilha.
§1º – As redes elétricas não poderão passar sobre os paióis.
§2º – Nos armazéns, quando indispensável, admite-se a iluminação elétrica interna, à prova de explosão, com interruptores externos.

Art. 58 – O armazenamento de munição e de explosivos será feito separadamente.

§1º – Na porta de cada armazém ou paiol, haverá uma placa mencionando a espécie do material ali armazenado, bem como a marca, lote, sublote, fabricante e ano de fabricação.
§2º – As pilhas do material armazenado ficarão sempre sobre estrados, afastados das paredes e fora das correntes de ar.

Art. 59 – Toda a área dos armazéns ou paióis será provida de Sistema Hidráulico Preventivo.
Parágrafo único – A rede projetada e instalada de modo que não passe junto aos paióis ou armazéns. As canalizações serão enterradas a uma profundidade que lhes assegure mínimos danos de explosão. Os hidrantes serão dimensionados em pontos estratégicos de modo a proteger efetivamente toda a área.

Art. 60 – A área terá também a proteção de extintores.
Parágrafo único – Admite-se o uso de abrigo para proteger os aparelhos das intempéries desde que a sua identificação seja imediata.

SEÇÃO IV
Das Caldeiras Estacionárias a Vapor

Art. 61 – As caldeiras, de qualquer estabelecimento serão instaladas em "Casa de Caldeiras".
Parágrafo único – Excetua-se para efeito de aplicação deste artigo, as pequenas unidades de 100 kg/h, ou menos, de capacidade de proteção de vapor.

Art. 62 – A Casa de Caldeiras deverá satisfazer aos seguintes requisitos:
a) constituir prédio separado, construído de materiais resistentes ao fogo, podendo ser anexo a outro edifício do estabelecimento, mais afastado, no mínimo, 3 m de outras edificações vizinhas;
b) ser completamente isolada de locais em que se armazenam ou manipulam inflamáveis ou explosivos;
c) não ser utilizada para qualquer outra finalidade com exceção de compressores, excluído, porém o reservatório de ar;
d) dispor de saídas amplas e permanentemente desobstruídas;
e) dispor de acesso fácil e seguro às válvulas de segurança, registros, indicadores de nível de água, reguladores de alimentação e demais acessórios necessários à operação de caldeira.

Art. 63 – As edificações que fizerem uso de caldeiras deverão apresentar em projeto, detalhes da "Casa de Caldeiras" e neste fazer constar:
a) capacidade da caldeira [kg/h] ou [kcal/h];
b) pressão máxima de trabalho permitida [kg/h];
c) pressão de prova [kg/cm²];
d) área de superfície de vaporização [m²];
e) capacidade de produção de vapor [kg/h];
f) demais especificações a ABNT.

SEÇÃO V
Dos Depósitos de Filmes e Filmotecas

Art. 64 – Os depósitos ou locais para armazenamento ou manipulação de fitas cinematográficas inflamáveis com capacidade até 200 bobinas ou rolos de filmes deverão atender as seguintes exigências:
I – compartimento próprio, construído totalmente de material incombustível, com porta corta-fogo, leve e metálica, não se admitindo abertura que possa facilitar a propagação do fogo ou calor;
II – instalação elétrica embutida a prova de explosão, as lâmpadas protegidas por globos e os interruptores e tomadas fora do compartimento;
III – o armário subdividido em compartimentos que comportem, no máximo cinqüenta bobinas ou filmes, cada um; o armário e suas subdivisões serão de material incombustível e com isolamento térmico;
IV – os filmes cinematográficos serão acondicionados em vasilhames metálicos próprios, dotados de dispositivos de fechamento de segurança, que evite a abertura involuntária e o rolamento em caso de queda;
V – exaustores para renovação do ar;
VI – uma unidade extintora de gás carbônico para cada 1.000 filmes ou fração, na entrada do compartimento.

Art. 65 – Os depósitos ou locais para armazenamento ou manipulação de fitas cinematográficas inflamáveis com capacidade superior a 200 bobinas ou filmes serão construídos de câmaras, sendo que, o volume de cada um não poderá exceder a 20 m³ e construídas de material incombustível.

SEÇÃO VI
Dos Depósitos de Inflamáveis

Art. 66 – A segurança contra incêndio em depósitos de inflamáveis inicia-se na localização dos mesmos não sendo permitida a instalação de depósitos a menos de 100 m de escolas, asilos, templos, hospitais, quartéis, presídios, edificações residenciais, clubes, cinemas, teatros, bocas de túnel, pontes, viadutos e outros locais julgados impróprios pelo Centro de Atividades Técnicas do Corpo de Bombeiros e de acordo com normas do CNP e da ABNT.

SEÇÃO ÚNICA
Das Instalações Industriais e Recipientes Estacionários

Art. 67 – Para instalações industriais e recipientes estacionários as medidas de segurança contra incêndio serão estudadas e elaboradas especialmente para cada caso.

Art. 68 – Todos os projetos deverão ser elaborados e executados por pessoal especializado no ramo obedecendo-se às normas próprias.

Art. 69 – Quanto à equipe de bombeiros: deverá ser organizada uma equipe de bombeiros, com pessoal e material variável, segundo as necessidades do risco a proteger. Esta equipe deve estar permanentemente entrosada com o quartel de bombeiro militar local, observando o seu padrão de ensino técnico-profissional e adotando o mesmo tipo de equipamento, para que haja eficiência de ação conjunta.

SEÇÃO VII
Do Armazenamento de Recipientes Transportáveis de Gás Liquefeito de Petróleo

Art. 70 – As exigências de Normas de Segurança para os edifícios que comercializem com recipientes de GLP, são as previstas pelo CNP e Normas da ABNT.

SEÇÃO VIII
Do Gás Liquefeito de Petróleo

SUBSEÇÃO I
Das Instalações de Gás Liquefeito de Petróleo

Art. 71 – O GLP utilizado em aparelhos de queima como combustível para fins industriais ou domésticos (produção de energia, aquecimento, cocção, iluminação e

outros), obedecerá ao que preceitua a Legislação Federal e Normas da ABNT a respeito.

SUBSEÇÃO II
Da Central de Gás

Art. 72 – A central de GLP é a denominação dada no local em que as instalações-tipos são montadas para consumo.

Art. 73 – A localização, construção, instalação e demais detalhes da central de gás, obedecerão ao P-NB 157 da ABNT.

SUBSEÇÃO III
Do Projeto e da Vistoria

Art. 74 – O projeto da Central de GLP, que deverá ser apresentado no decorrer da construção, obedece aos requisitos de escalas e tamanhos das pranchas, conforme prescrições deste Decreto.
Parágrafo único – Será exigida planta baixa (contendo o Sistema Preventivo por Extintores); locação da rede de distribuição externa; prumada: rede de distribuição interna e tomadas para consumo, situação (com o afastamento mínimo que a carga incêndio exigir) e o respectivo Memorial Descritivo, conforme modelo adotado pelo CAT.

Art. 75 – Quando da vistoria do edifício para "habite-se", será exigida a declaração de teste da companhia instaladora, o qual será anexado ao processo.
Parágrafo único – Quando da vistoria, o Sistema Preventivo deve estar instalado tal qual o projeto prevê.

CAPÍTULO V
Do Sistema Hidráulico Preventivo

Art. 76 – O projeto e a instalação do Sistema Hidráulico Preventivo deverão ser executados obedecendo ao previsto na NB 24 da ABNT e mais o estabelecido neste capítulo.

Art. 77 – O abastecimento do Sistema Hidráulico Preventivo (SHP) será feito, de preferência, por reservatório elevado.

Art. 78 – Poderá ser usado para o consumo normal, o mesmo reservatório destinado ao SHP, assegurando-se a Reserva Técnica para incêndio mediante diferença de nível entre as saídas da rede preventiva e as da distribuição geral.

Art. 79 – Do piso último pavimento ao fundo do reservatório pela parte externa inferior, haverá uma altura mínima de 5 m, para risco de classe "A"; para os riscos classe "B" e "C", 7 m;

Art. 80 – A canalização do Sistema Hidráulico Preventivo deve partir do fundo do reservatório e a canalização de consumo predial de preferência pela face lateral. Não sendo possível, poderá ser pela parte interna envolvida em uma boneca de concreto armado na lateral do reservatório com uma proteção mínima para o tubo de sete centímetros de concreto armado.

Art. 81 – Abaixo do reservatório, a canalização deve ter um registro de paragem e abaixo deste, uma válvula de retenção invertida; as peças devem ter o mesmo diâmetro da canalização.

Art. 82 – Os reservatórios elevados poderão ser do tipo castelo d'água quando o edifício for construído no máximo com 2 pavimentos; a altura mínima do castelo d'água será de 10 m ou 7 m do piso do último pavimento.

Art. 83 – Os hidrantes de paredes serão dotados de registro de passagem, tipo globo, com o diâmetro de 63 mm, ângulo de 45º com junta storz e redução para 38 mm, quando se tratar de edificações de risco classe "A" e "B".
Parágrafo único – Os hidrantes de paredes (registro) deverão estar localizados a uma altura máxima de 1,30 m e a uma altura mínima de 1,20 m do piso acabado dos respectivos pavimentos, oferecendo boas condições de visibilidade, acesso, manejo e que não fiquem bloqueados pelo fogo.

Art. 84 – Em edificações que adotem áticos com área de lazer ou ocupação residencial em cobertura (duplex) desde que inexista área comum para circulação, será dispensada a exigência de hidrante de parede, devendo no entanto, a área ser coberta pelo hidrante do pavimento anterior ou respectivo.

Art. 85 – Os hidrantes devem ser instalados de forma a serem localizados com presteza, e não podem permanecer obstruídos e nem colocados nas escadas, preferencialmente nas circulações ou "halls", de maneira que não reduzam a largura das saídas de emergência, ou nas proximidades das portas externas, com acesso à área a que se pretende dar proteção.
§1º – Nos pavimentos elevados, os hidrantes deverão ser localizados nas proximidades das escadas de saída.
§2º – Os hidrantes não poderão ser instalados na antecâmara nem nas escadas enclausuradas, protegidas e a prova de fumaça.

Art. 86 – Será exigida a instalação de hidrantes de coluna nos casos de loteamentos, agrupamentos residenciais unifamiliares com mais de seis casas ou lotes, agrupamentos residenciais multifamiliares e de grandes estabelecimentos.

Art. 87 – Nos depósitos de inflamáveis (ou garagens) serão adotados esguichos tipo universal.

Art. 88 – Os abrigos terão forma paralelepípedo, pintadas com vermelho, com as seguintes dimensões em metros:

Largura	Altura	Profundidade	Comprimento da Mangueira
0,50	0,80		15
0,60			20
0,70		0,17	25
0,80	0,90		30

Art. 89 – O hidrante de recalque deverá ser localizado junto à via de acesso de viaturas, sob a calçada frontal e afastado da edificação de modo que possa ser operado com facilidade e segurança.

Art. 90 – O hidrante de recalque, também, poderá ser instalado na parede da edificação, com a expedição voltada para a rua, a uma altura mínima de 0,50 m e máxima de 0,70 m em relação à calçada e ao fundo da caixa do registro.

Art. 91 – O hidrante de recalque será dotado de registro de parede tipo gaveta com 63 mm de diâmetro, dotado de rosca macho conforme normas da ABNT e adaptadora para juntas storz de 63 mm com tampão.
§1º – O abrigo do hidrante de recalque deverá ser em alvenaria de tijolos ou em concreto com as dimensões mínimas de 0,50 x 0,40 x 0,40 m dotado de dreno ligado à canalização de escoamento pluvial ou com uma camada de 5 cm de brita no fundo.

§2º – A borda do hidrante de recalque não pode ficar abaixo de 15 cm da tampa do abrigo, e o hidrante instalado com uma curva de 90º deve ocupar uma posição que facilite o engate da mangueira.
§3º – A tampa do abrigo do hidrante de recalque será metálica com as dimensões mínimas de 0,40 x 0,30 m e possuirá a inscrição "INCÊNDIO".

Art. 92 – Em edificações residenciais é proibido o uso de válvula de retenção ou impeça a retirada de água do sistema através do hidrante de recalque.
Parágrafo único – É permitida a interligação de 2 ou mais colunas em um único hidrante de recalque no caso de conjuntos residenciais em blocos, desde que os reservatórios elevados se apresentam na mesma cota.

Art. 93 – A Reserva Técnica de Incêndio será calculada em função do número de hidrantes. Quando em reservatório elevado, o dimensionamento da RTI será:
§1º – Risco Classe "A": para edificação com até 4 hidrantes, a RTI será de 6.000 litros: será acrescida de 500 litros por hidrante excedente a 4.
§2º – Risco Classe "B": para edificação com até 4 hidrantes, a RTI será de 10.000 litros: será acrescida de 1.000 litros por hidrante excedente a 4.
§3º – Risco Classe "C": Para edificação com 4 hidrantes, a RTI será de 15.000 litros: será acrescida de 1.500 litros por hidrante excedente a 4.

Art. 94 – Admite-se o desmembramento da RTI, em reservatório elevado, em unidades mínimas de 5 m^3, interligando e abastecendo o mesmo sistema.

Art. 95 – Blocos de edificações poderão ter suas prumadas alimentadas por um único reservatório elevado, desde que este comporte as RTI mínimas para cada um dos blocos.

CAPÍTULO VI
Dos Extintores

Art. 96 – Quando se tratar de edifício que não seja residencial, a localização e especificação dos extintores serão feitas na liberação de "Habite-se" de cada unidade, observando-se as normas do Ministério do Trabalho e da ABNT a respeito.

CAPÍTULO VII
Do Chuveiro Automático

Art. 97 – O projeto e a instalação de chuveiros automáticos do tipo "Sprinkler" somente serão executados obedecidas as Normas da ABNT.

Art. 98 – O projeto e a instalação da rede de chuveiros automáticos tipo "Sprinkler" serão de inteira responsabilidade das respectivas firmas executantes.

Art. 99 – Os projetos e instalações de rede de chuveiro automático do tipo "Sprinkler" somente serão aceitos pelo Corpo de Bombeiros, mediante a apresentação de Certificado de Responsabilidade emitido pela firma responsável.

CAPÍTULO VIII
Da Instalação e Conservação dos Dispositivos de Prevenção Contra Incêndio e Pânico

Art. 100 – São responsáveis pelas instalações preventivas contra incêndio e pânico e pela respectiva conservação, os proprietários, síndicos ou aqueles que devidamente inscritos no Corpo de Bombeiros, assumem a responsabilidade correspondente.

Art. 101 – As aplicações ou tratamentos com produtos retardantes e as instalações serão aceitas quando executados por firmas inscritas e ordenadas no Corpo de Bombeiros mediante apresentação junto com o requerimento de Certificado de Responsabilidade e Garantia em modelo a ser estabelecido pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 102 – Entende-se por conservação de uma instalação preventiva contra incêndio, sua manutenção em perfeito estado de modo que apresente pleno fundamento quando solicitada.
Parágrafo único – Os edifícios que dispuserem de elementos e de pessoal habilitado, inclusive profissional responsável, estes poderão fazer a conservação das suas instalações preventivas contra incêndio, desde que devidamente autorizados pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 103 – A conservação de rotina deverá ser feita obrigatoriamente, em intervalos regulares que não deverão ultrapassar 06 meses e terá em vista manter em perfeito estado as instalações preventivas.

Art. 104 – As firmas prestadoras ou conservadoras e os seus profissionais responsáveis, quando cometerem infrações às disposições destas Normas, independentemente das penalidades previstas pela Legislação Federal, e de acordo com a gravidade da falta cometida, terão suspensão e/ou cancelamento de inscrição, a critério do Corpo de Bombeiros.

CAPÍTULO IX
Da Fiscalização e das Penalidades

Art. 105 – Para o cumprimento das disposições do presente Decreto, o Corpo de Bombeiros, deverá fiscalizar todo e quaisquer imóvel ou estabelecimento existente no Estado do Espírito Santo e, quando necessário, expedir Notificação, aplicar multa ou a pena de interdição, na forma prevista neste Capítulo.

Art. 106 – Os oficiais do Corpo de Bombeiros investidos na função fiscalizadora poderão, observadas as formalidades legais, vistoriar qualquer imóvel ou estabelecimento e documentos relacionados com a Segurança Contra Incêndios e Pânico.

Art. 107 – Os edifícios que tenham seus projetos licenciados antes da vigência deste Código, terão um prazo de 120 dias a contar da data de notificação do Corpo de Bombeiros para adotar medidas de caráter preventivo adequado as suas condições estruturais e arquitetônicas, sob as penas de Lei.

Art. 108 – Quando o imóvel habitado ou estabelecimento em funcionamento possuir o Certificado de Aprovação do Corpo de Bombeiros e for verificado que sua instalação preventiva contra incêndio e pânico encontra-se incompleta ou em mau estado de conservação, seu proprietário ou responsável será notificado a cumprir no prazo de 30 dias, as exigências que constarão de uma notificação.
§1º – Findo o prazo da notificação e verificado o não cumprimento das exigências, o infrator será multado em até 20 UPFES e o prazo da notificação será prorrogado por até 30 dias.
§2º – Findo o prazo da prorrogação de que trata o parágrafo anterior e novamente verificado o não cumprimento das exigências, o infrator será multado em dobro, podendo ser o

local interditado até o cumprimento total das exigências do Corpo de Bombeiros.

Art. 109 – Se o não cumprimento das exigências for plenamente justificado em requerimento, perante o CAT-CBom, o prazo da notificação poderá ser prorrogado sem aplicação de multa.

Art. 110 – O proprietário ou responsável que for notificado por motivos idênticos, num prazo inferior a 2 anos, será multado em até 20 UPFES e intimado a cumprir num prazo de 30 dias, as exigências que constarão da nova notificação.
Parágrafo único – Findo o prazo da notificação e verificado o não cumprimento das exigências, o infrator será multado em dobro, podendo ser solicitada à interdição do local até total cumprimento das exigências do Corpo de Bombeiros.

Art. 111 – Nos casos em que o Corpo de Bombeiros julgar necessários, face à gravidade dos perigos existentes, de imediato solicitará a interdição do local, até o cumprimento total das exigências, sem prejuízo das demais sanções legais cabíveis.

Art. 112 – Nos casos de utilização indevida da aparelhagem ou equipamentos de segurança contra incêndio e pânico, será aplicado ao infrator multa no valor de uma UPFES independente de notificação e de ação judicial a que estiver sujeito, se for o caso.
Parágrafo único – Constituirá utilização indevida o uso de hidrante da instalação hidráulica preventiva fixa ou móvel ou de qualquer outro material destinado à segurança contra incêndio e pânico, para fins que não o específico.

Art. 113 – O embaraço à ação do vistoriante sujeitará o infrator à multa de acordo com a gravidade da falta, que variará de 01 a 20 UPFES, independente das penalidades cabíveis em cada caso, devendo a multa elevar-se para o dobro, na hipótese de reincidência.

Art. 114 – Todas as Notificações deverão ser recolhidas, somente, nas Agências do Banco do Estado do Espírito Santo, no prazo de trinta dias corridos, a contar da data da notificação, em nome do Corpo de Bombeiros – PMES.
Parágrafo único – As multas não recolhidas no prazo devido sujeitar-se-ão às correções legais.

CAPÍTULO X
Da Vistoria

Art. 115 – Após execução dos sistemas preventivos contra incêndio e pânico propostos no projeto aprovado pelo Centro de Atividades Técnicas do CBOM/PMES, será feita vistoria por Oficial do Corpo de Bombeiros, mediante solicitação do interessado.
Parágrafo único – Para o funcionamento de quaisquer estabelecimentos ou imóvel a ser habitado, bem como os de permissão para utilização de construções novas ou não, serão objetos de vistoria pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 116 – Na solicitação de vistoria deverá ser preenchido em impresso próprio, com dados que identifiquem a edificação a ser vistoriada.
Parágrafo único – Para o fornecimento da Certidão de Vistoria, deverão ser apresentadas ao oficial vistoriante, as notas fiscais de todos os equipamentos utilizados no(s) sistema(s) de prevenção contra riscos de incêndio e pânico.

Art. 117 – Nas instalações de produção, manipulação, armazenamento e distribuição de derivados de petróleo e/ou álcool além do solicitado neste Decreto, deverá ser apresentado o Certificado de Garantia, com prazo de validade mínima de 12 meses, contra defeito de fabricação dos equipamentos utilizados pela firma instaladora do(s) sistema(s), assinado pelo engenheiro e pelo representante da empresa interessada na vistoria.

Art. 118 – Para cada projeto serão aceitas 2 vistorias parciais, sendo exigida a discriminação das áreas construídas a serem vistoriadas.

Art. 119 – As modificações na edificação ou nos sistemas preventivos propostos em projeto, constatadas na vistoria, implicarão na apresentação de novo projeto de proteção.

Art. 120 – Nos casos previstos em legislação própria, mediante solicitação do interessado, será feita vistoria anual devendo para isso a edificação estar atendendo o disposto nestas Normas.
Parágrafo único – Na vistoria final serão exigidos todos os elementos contidos no projeto aprovado.

CAPÍTULO XI
Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 121 – Entende-se como pavimento os níveis úteis ocupáveis, quer compreendendo subsolo, embasamentos ou áticos.

Art. 122 – Os requisitos básicos para localização, disposição, projeto, construção e segurança das instalações de produção, armazenamento e manipulação de álcool obedecerão a Norma Técnica Copersucar – NTC 001.

Art. 123 – Todas as instalações, materiais e aparelhagens somente serão aceitas quando satisfizerem as condições destas Normas, e às Normas das Marcas de Conformidade da ABNT.

Art. 124 – Os tetos, rebaixamentos de tetos, revestimentos, jiraus, vitrines, divisões, tapetes, cortinas, prateleiras para materiais inflamáveis ou de fácil combustão serão de material retardante.
Parágrafo único – São isentas das exigências deste artigo as unidades residenciais.

Art. 125 – Nas instalações elétricas, além de obediência às Normas Técnicas em vigor, poderão ser feitas exigências especiais que diminuam os riscos de incêndio.

Art. 126 – As edificações e os estabelecimentos licenciados ou construídos antes da vigência destas Normas deverão atender às exigências nelas contidas, respeitadas as condições estruturais e arquitetônicas das mesmas, podendo, a critério do Corpo de Bombeiros as exigências comprovadamente inexeqüíveis serem reduzidas ou dispensadas e em conseqüência, substituídas por outros meios de segurança.
Parágrafo único – Estão excluídas deste Artigo as edificações cujos projetos já foram analisados e aprovados pelo Corpo de Bombeiros.

Art. 127 – As unidades comerciais e industriais ficam sujeitas a vistorias anuais para o fornecimento do respectivo Certificado de Vistoria expedido pelo Corpo de Bombeiros.
Parágrafo único – Qualquer alteração verificada em vistoria feita a qualquer tempo pelo Corpo de Bombeiros no Sistema Preventivo, determinará a cassação da respectiva Certidão de Vistoria.

Art. 128 – Espetáculos em teatros, circos, estádios e ginásios esportivos ou outros locais de grande concentração

de público deverão ser previamente comunicado ao Corpo de Bombeiros o qual enviará ao local uma equipe para vistoriar e conceder ou não Alvará e em caso de ser este concedido, o Corpo de Bombeiros enviará ao local os seus integrantes.

Art. 129 – As exigências contidas nestas Normas poderão ser dispensadas em partes ou substituídas quando o Sistema não for adequado ou onde, em razão da ocupação, não se justificar seu emprego.

Art. 130 – Para efeito deste Código, são adotadas as convenções padrão do Sistema Nacional de Seguros Privados.

Art. 131 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de setembro de 1985.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 13.09.1985)

DECRETO Nº 2.145-N, de 24.09.1985

- Vide Decreto nº 4.416-N, de 25.02.1999

Regulamenta a agregação do policial militar e o "exercício de função de natureza policial militar ou de interesse policial militar"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo parágrafo único do art. 8º, da Constituição Federal e art. 71, da Emenda Constitucional Nº 1, de 13.11.1971, e de acordo com o §8º, do art. 75, da Lei nº 3.196, de 14.01.1978, decreta:

Art. 1º – São considerados no exercício de função de natureza policial militar ou de interesse policial militar, os policiais militares da ativa colocados à disposição do Governo Federal para exercerem cargo ou função no:
1) Gabinete da Presidência e da Vice-Presidência da República;
2) Estado-Maior das Forças Armadas;
3) Serviço Nacional de Informações;
4) Em Órgãos de Informações do Exército.

Art. 2º – São considerados no exercício de função de natureza policial militar os policiais militares da ativa nomeados ou designados para:
1) Casa Militar do Governador do Estado;
2) Gabinete do Vice Governador do Estado;
3) Órgãos da Justiça Militar Estadual.

Art. 3º – São considerados no exercício de função de natureza policial militar ou de interesse policial militar, os policiais militares da ativa colocados à disposição, nomeados ou designados para:
1) Secretaria de Estado da Segurança Pública e seus órgãos vinculados;
2) Secretaria de Estado da Justiça e seus órgãos vinculados;

- *Alterado pelo Decreto nº 1.024-R, de 11.04.02*

3) outros órgãos da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual, empresas públicas, fundações e autarquias, consideradas pelo Governador do Estado como de interesse estratégico.

- *Acrescentado pelo Decreto nº 4.415-N, de 25.02.1999*

4) Guardas Municipais.

- *Acrescentado pelo Decreto nº 1.287-R, de 20.02.04.*

5) Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Espírito Santo – IPAJM.

- *Acrescentado pelo Decreto nº 1.370-R, de 19.08.04.*

Art. 4º – A agregação dos policiais militares que se enquadrarem em quaisquer das situações previstas nas alíneas "a", "b" e "d", do §1º do art. 75, da Lei nº 3.446, de 16.12.1981, será procedida na forma das disposições ali previstas.

Art. 5º – Fica revogado o Decreto nº 1.459-N, de 02.10.1980.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de setembro de 1985.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 03.10.1985)

DECRETO Nº 2.184-N, de 27.11.1985

Institui o Hino Oficial da PMES: "A Canção do Soldado Capixaba"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 6.337 – SESP, decreta:

Art. 1º – Constitui o Hino Oficial da Polícia Militar do estado do Espírito Santo, a "A CANÇÃO DO SOLDADO CAPIXABA", cuja letra e música são de autoria, respectivamente, do Cel PM RR Abdon Rodrigues Cavalcante e do Ten PM RR Walfredo Rubim, nos termos dos anexos que acompanham este Decreto.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de novembro de 1985.

GERSON CAMATA

Governador do Estado

(D.O.E. 02.12.1985)

ANEXO AO DECRETO Nº 2.184-N, de 27.11.1985

HINO OFICIAL DA POLÍCIA MILITAR
Letra: ABDON RODRIGUES CAVALCANTE
Música: WALFREDO RUBIM

Sou soldado da terra de Ortiz
Missão nobre me impõe o dever
Defender com amor meu país
Pela pátria, vencer ou morrer

Na peleja sou bravo, sou forte
Do inimigo não temo a metralha
E desdenho até mesmo da morte
No entrechoque feroz da batalha
Camaradas marchemos avante
Desfraldando a Sagrada Bandeira
Que na luta será triunfante
A invencível Nação Brasileira
Sou herói destemido e valente
Sei amar com fervor minha terra
Vivo sempre feliz e contente
Quer me encontre na paz ou na guerra
Já se ouve o soar da corneta
Camaradas avante marchemos
Carregar e amar baioneta
Pela Pátria querida lutemos.

DECRETO Nº 3.382, de 20.10.86

Dispõe sobre a concessão de bolsa de estudos aos alunos de Curso de Formação Profissional

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 71, item IV da Constituição e de acordo com os dispositivos Arts. 9º, 13º, 14º, 89º, 90º e 163, ítem XX da Lei nº 3.400, de 14 de janeiro de 1981,
DECRETA:

Art. 1º - Aos alunos matriculados em Curso de Formação Profissional, ministrado pela Escola de Polícia Civil e realizado como Segunda etapa dos concursos públicos destinados ao provimento de cargos do Quadro Especial da Polícia Civil, será concedida uma bolsa de estudos, de valor equivalente ao do vencimento do cargo a ser provido.

Art. 2º - A bolsa de estudos a que se refere o artigo anterior será paga pela Escola de Polícia Civil, relativamente a cada mês de duração do Curso.
Parágrafo Único – Na hipótese de duração inferior a 30 (trinta) dias, o valor da bolsa será calculado proporcionalmente ao número de dias de atividades curriculares.

Art. 3º - Apenas serão matriculados no Curso de Formação Profissional candidatos habilitados na primeira etapa do concurso público, até o limite de 150% (cento e cinqüenta por cento) do total de vagas existentes, definidas no edital respectivo.

Art. 4º - Sendo o candidato servidor público estadual, o pagamento da bolsa será o equivalente à diferença entre o vencimento ou salário do seu cargo efetivo ou emprego e o da bolsa de estudos respectiva quando este vencimento ou salário for inferior ao valor da bolsa.
§ 1º - Durante o período de duração do Curso, o funcionário público e o funcionário policial continuarão a perceber as gratificações adicional por tempo de serviço e de assiduidade e o salário-família, sustando-se temporariamente o pagamento das gratificações previstas no artigo 89 e 90 da Lei 3.400 de 14 de Janeiro de 1981, e todas as demais consideradas de caráter não permanente.
§ 2º - O servidor ocupante de cargo comissionado, função gratificada ou função de confiança ficará afastado deste cargo ou da função sem direito à remuneração correspondente, devendo ser temporariamente substituído por outro servidor durante o período de afastamento.

Art.5º - O afastamento do servidor para fins de matricular-se em Curso de Formação Profissional será autorizado por ato de Titular da Pasta onde mesmo estiver localizado ou do dirigente da entidade da Administração Indireta a cujo quadro pertencer, podendo a matrícula, todavia, antecipar-se à expedição do competente ato.
Parágrafo Único – A autorização para afastamento será precedida de requerimento do servidor interessado dirigido à autoridade competente para conceder a permissão devida.

Art. 6º - Caberá à Escola de Polícia Civil comunicar ao responsável pelo setor de pagamento do servidor a sua inscrição em cada curso de Formação Profissional, para fins do acerto a que se refere o Art. 4º deste Decreto.

Art. 7º - Em caso de cancelamento da matrícula conforme previsto no Art. 14 da Lei nº 3.400, de 14 de Janeiro de 1981, será também cancelada a bolsa de estudos, a partir da mesma data, cabendo ao aluno retornar imediatamente ao seu cargo ou emprego, salvo quando residente fora da Grande Vitória, hipótese em que disporá de dois dias para a reassunção do exercício.
Parágrafo Único – O retorno do servidor ao seu cargo ou emprego, após o encerramento do período letivo, deverá ocorrer, em qualquer situação, dentro dos prazos previstos neste artigo.

Art. 8º - O cancelamento da bolsa de estudos será efetivado pelo Secretário de Estado da Segurança Pública e o cancelamento da matrícula no Curso de Formação, pelo Diretor da Escola de Polícia Civil.

Art. 9º - O aluno do Curso de Formação que deixar de comparecer a alguma aula ou atividade curricular terá descontada, do valor da bolsa, a importância correspondente às faltas consignadas no registro de freqüência, salvo se justificada a ausência por um dos motivos a seguir:
a) doença comprovada do próprio aluno;
b) acidente;
c) luto, até dois dias;
d) serviço obrigatório por tal.
Parágrafo Único – Em qualquer hipótese o número total de comparecimentos não poderá ser inferior a 90% (noventa por cento) de todas as atividades didático-pedagógicas de cada disciplina, para que o aluno possa obter aprovado na 2ª etapa do concurso público.

Art. 10º - Para os demais efeitos da legislação estatutária e da que lhe é complementar, as faltas às aulas ou atividades desenvolvidas durante o Curso serão computadas normalmente como faltas ao serviço, devendo ser comunicadas pela Escola de Polícia Civil ao responsável pela apuração da freqüência do servidor.

Art. 11º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 20 de outubro de 1986.

JOSÉ MORAES

GOVERNADOR DO ESTADO

DECRETO Nº 2.420-N, de 27.02.1987

Dispõe sobre o pagamento do 13º Salário-Férias

- *A expressão "13º salário-férias" foi substituída por "13º vencimento", pelo art. 1º da Lei 4.752, de 0.01.1993*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O 13º Salário-Férias, instituído pela Lei nº 3.447, de 11.08.1982, e disciplinado pelo Decreto nº 1.690, de 20.10.1982, será pago a todo funcionário público estadual exclusivamente no mês anterior ao em que gozar as férias regulamentares a que faz jus em cada exercício.
Parágrafo único – Executa-se do disposto no *caput* deste artigo o pagamento relativo ao 13º Salário-Férias relativo ao mês de janeiro que será pago com o vencimento deste mês.

Art. 2º – O 13º Salário-Férias será devido apenas uma vez em cada ano civil, independentemente do quantitativo de períodos que tenham sido acumulados.

Art. 3º – Ocorrendo a hipótese de o funcionário ter constado da Escala de Férias anual e deixado de gozá-las no mês especificado, tendo recebido, no entanto, o 13º Salário-Férias, deverá entrar em férias impreterivelmente até o final do mês de dezembro do respectivo exercício.
§1º – Não se verificando, durante o respectivo exercício, a entrada em gozo de férias do funcionário que tenha recebido indevidamente, ficando todavia, com o direito de gozar as suas férias em um dos dois exercícios subseqüentes.
§2º – As férias não gozadas por necessidade do serviço apenas serão contadas em dobro, nos termos do art. 99, da Lei nº 3.200, de 30.01.1978, quando o funcionário não tenha recebido o 13º Salário-Férias correspondente ou o tenha devolvido na forma do parágrafo anterior.

Art. 4º – O Chefe imediato do funcionário que deixar de gozar férias no período fixado na escala de férias e os chefes dos setores de pessoal de cada unidade administrativa serão responsabilizados administrativamente nas hipóteses em que deixarem de comunicar as alterações dos períodos de férias dos funcionários cujos registros funcionais se encontrem a cargo dos mesmos.

Art. 5º – Excepcionalmente, as férias não gozadas em 1986, que foram retribuídas com o benefício do 13º Salário-Férias correspondente, deverão ser usufruídas impreterivelmente no primeiro semestre de 1987, devendo o funcionário gozar o período de férias de 1987 também durante o mesmo exercício, para que possa fazer jus à vantagem do 13º Salário-Férias.

Art. 6º – O funcionário que se afastar para fazer curso receberá o 13º Salário-Férias no mês em que iniciar o curso, e o 13º salário-férias subseqüentes nos meses em que o curso completar um ano de duração.

Art. 7º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de fevereiro de 1987.

JOSÉ MORAES

Governador do Estado

(D.O.E. 04.03.1987)

DECRETO Nº 2.438-N, de 04.05.1987

Dispõe sobre solicitações de informações pela PGE

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV da Constituição Estadual, e, ainda, considerando que a procrastinação no atendimento dos pedidos de informação pela Procuradoria Geral do Estado é sempre nociva aos interesses do Estado, pois que, ainda que não cause a perda de prazos, reduz o tempo necessário ao estudo do processo, o que certamente impossibilitará a coleta de dados imprescindíveis à ação daquele órgão jurídico, decreta:

Art. 1º – As solicitações de informações pela Procuradoria Geral do Estado, para elaboração de defesas ou pareceres, deverão ser atendidas pelas autoridades a que forem dirigidas, no prazo máximo de 72 horas.
Parágrafo único – A eventual impossibilidade de atendimento deverá ser comunicada, justificadamente, por escrito, ao Procurador Geral do Estado, no prazo assinalado no *caput* deste artigo.

Art. 2º – As informações em mandados de segurança contra atos das autoridades estaduais da administração direta serão através da Procuradoria Geral do Estado que deverá no prazo máximo de 24 (vinte e quatro) horas da notificação, ser da mesma cientificada e receber da autoridade apontada como coatora, os elementos necessários ou úteis à prestação das informações e à defesa dos interesses da administração.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de maio de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 05.05.1987)

DECRETO Nº 2.444-N, de 27.05.1987

Disciplina horário de trabalho no Serviço Público Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e,
Considerando as normas definidas pelo Governo visando a contenção das despesas públicas, particularmente no tocante a pessoal;
Considerando que para alcançar tal objetivo impõe-se entre outras medidas, a manutenção de um maior controle do pessoal pertencente aos Quadros do Estado;
Considerando também a necessidade de se reordenar o horário de trabalho nos diversos setores da Administração Pública Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica fixada em 30 horas semanais a carga horária dos servidores da Administração Direta do Poder Executivo.
Parágrafo único – A carga horária de 30 horas semanais será cumprida mediante a prestação de 6 horas diárias de trabalho.

Art. 2º – Excetuam-se do disposto no artigo anterior os seguintes servidores, cuja carga horária é de 40 (quarenta) horas semanais, devendo ser cumprida mediante a prestação de 8 (oito) horas diárias de trabalho:
I – os ocupantes de cargos do Grupo de Assessoramento de Nível Superior;
II – os ocupantes de cargos do Grupo de Tributação, Arrecadação e Fiscalização – TAF, requisitados na forma da Lei para execução de serviços internos na Secretaria de Estado da Fazenda;
III – os que exercem cargos comissionados, sem referência, bem como os que exercem em comissão cargos cuja referência é CE-1 a CE-4.

Art. 3º – Os titulares dos cargos de Médico, Médico Sanitarista, Médico Legista, Cirurgião Dentista, estão sujeitos ao regime de trabalho de 4 horas diárias, conforme determinado em legislação específica.

Art. 4º – O pessoal do Grupo Fazendário cumprirá a carga horária de 48 horas semanais, devendo atender à escala de serviços de acordo com as necessidades da administração, conforme disposição da Lei nº 3.652, de 23.07.1984.
§1º – Excetuam-se do disposto neste artigo os ocupantes do cargo de Fiscal de Mercadorias em Trânsito, cuja jornada de trabalho é fixada em 24 horas por 48 horas de repouso.
§2º – É facultado ao Delegado Regional ou ao Inspetor da Fazenda a adoção de jornada de trabalho com horários diferentes para os fiscais de Mercadorias em Trânsito, respeitados o interesse do serviço, as peculiaridades da área de cada Delegacia Regional e a disponibilidade de recursos humanos.

Art. 5º – Os ocupantes dos cargos de natureza Policial Civil e Técnico Policial Civil, estão sujeitos a um regime especial de trabalho com 40 horas semanais, com plantões noturnos e a serem chamados ao trabalho, a qualquer hora, conforme dispõe o art. 240 da Lei nº 3.400, de 14.01.1981.
§1º – Excetuam-se do artigo anterior os ocupantes do cargo de Médico Legista, conforme disposição o art. 28 da Lei nº 3.705/1984.
§2º – Para os serviços realizados sob a forma de rodízio ou dependente de escala, o horário de trabalho, bem como os períodos de descanso serão fixados na medida das necessidades do serviço policial e de natureza das funções, cabendo ao Chefe de Polícia o estabelecimento dos horários e das folgas.

Art. 6º – A carga horária semanal dos professores regentes, professores afastados da regência de acordo com o exame médico oficial, professores atuantes na área da Secretaria de Educação Especialistas em educação da rede estadual de ensino é fixada em 25 horas.
§1º – Para o pessoal em regência de classe, 20% do total da carga horária, serão destinados às atividades de planejamento, conselho de classe e outras, de acordo com a programação escolar.
§2º – Excetuam-se desta carga horária os professores sujeitos, excepcionalmente ao regime de trabalho de 15 horas semanais.
§3º – Os professores especialistas em regime de acumulação legal, estarão sujeitos a carga horária de 25 horas em cada cargo, na Escola de sua lotação.

Art. 7º – As funções de Magistério serão exercidas em regime de 30 horas semanais de trabalho, em 2 ou mais turnos de funcionamento da escola.

Art. 8º – É responsabilidade das chefias imediatas, o controle do horário de trabalho dos servidores, através de registro de pontos, cabendo aos GDRS e em última instância aos Subsecretários a supervisão da freqüência à SEAR.
§1º – A freqüência será aferida em cada órgão, através do cartão de ponto ou folha de ponto recolhida diariamente, pelo setor competente.
§2º – O não encaminhamento do Boletim de Freqüência, no prazo determinado, acarretará penalidade, para o chefe ou dirigente da unidade administrativa.

Art. 9º – Ao funcionário estudante é facultada a prestação de carga horária especial, mediante a redução do número de horas diárias de trabalho ou durante o período letivo, ficando o funcionário obrigado a compensar as horas não trabalhadas, durante o período de férias escolares, conforme legislação em vigor.

Art. 10 – As alterações dos horários de funcionamento das Secretarias de Estado e dos órgãos integrantes da Governadoria serão efetuadas por ato próprios de seus respectivos titulares, após a prévia autorização do Governador do Estado.

Art. 11 – As determinações contidas no §1º do art. 8º deste Decreto, são extensivas à Administração Indireta Estadual.

Art. 12 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 1.393-N, de 17.03.1980.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de maio de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 28.05.1987)

DECRETO Nº 2.447-N, de 02.06.1987

Institui a obrigatoriedade e disciplina a declaração de bens pelo servidor público, e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o inciso IV, art. 71, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os servidores públicos, qualquer que seja o seu regime jurídico ou graduação hierárquica, inclusive das autarquias e empresas públicas, apresentarão no ato da admissão ou posse e no da aposentadoria, dispensa ou exoneração, declaração de seu patrimônio, com os bens e valores dele integrantes.
§1º – As declarações de bens previstas no artigo anterior, constarão dos respectivos assentamentos funcionais, sendo obrigatório o fornecimento de certidão a quem as requerer, salvo as restrições previstas em Lei Federal.
§2º – Sem prejuízo de outras cominações legais, a falta de declaração inicial impede a admissão ou a posse.

Art. 2º – Além do estabelecido no artigo anterior, ficam obrigados a apresentar a declaração de bens, anualmente, no mês de abril, à Auditoria Geral do Estado os exercentes dos seguintes cargos/funções:
a) Secretários e Subsecretários de Estado e titulares de órgãos de hierarquia equivalente;
b) todos os funcionários integrantes do Grupo de Tributação, Arrecadação e Fiscalização e da Polícia Civil;

c) os Procuradores de Estado e membros do Ministério Público;
d) todos os servidores do DETRAN/ES;
e) os dirigentes e os membros de Conselho Fiscal e de administração de autarquias, empresas públicas e sociedade de economia mista.
Parágrafo único – Excepcionalmente, no exercício de 1987, a declaração de bens de que trata o art. 2º, deverá ser encaminhada à Auditoria Geral do Estado até o dia 30 de julho.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 02 de junho de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 03.06.1987)

DECRETO Nº 2.490-N, de 12.08.1987

Determina a remessa à SEAR da relação contendo o nº de diárias concedidas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os órgãos e unidades da Administração Direta e Indireta, do Poder Executivo Estadual ficam obrigados a remeter, até o dia 10 do mês subseqüente à Comissão de Auditoria de Pessoal da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, relação contendo o número de diárias concedidas, o nome do servidor beneficiado e o valor total pago a cada um, com a especificação do local para onde se deu o deslocamento.
Parágrafo único – A relação de que trata este artigo deverá ser instruída com cópias dos boletins de diárias.

Art. 2º – Será considerado falta grave, punível na forma da legislação em vigor, a concessão de diárias com o objetivo de remunerar serviços ou encargos outros, ou o seu recebimento de forma irregular.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de agosto de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 13.08.1987)

DECRETO nº 95.247 – de 17 .11.1987

Regulamenta a Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, que institui o Vale-Transporte, com a alteração da Lei nº 7.619, de 30 de setembro de 1987.

O Presidente da Republica, no uso da atribuição que lhe confere o art. 81, item III, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, alterada pela Lê nº 7.619, de 30 de setembro de 1987,

Decreta:

CAPITULO I
Dos Beneficiários e do Benefício do Vela-Transporte

Art. 1º - São beneficiários do Vale-Transporte, nos termos da Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, os trabalhadores em geral, tais como:

I – os empregados, assim definidos, no art. 3º da Consolidação das Leis do Trabalho;

II – os empregados domésticos, assim definidos na Lê nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972;

III – os trabalhadores de empresas de trabalho temporário, de que trata a Lê nº 6.019, de 03 de janeiro de 1974;

IV – os empregados a domicilio, para deslocamento indispensáveis à prestação do trabalho, percepção de salários e os necessários ao desenvolvimento das relações com o empregador;

V- os empregados do subempreiteiro, em relação a este e ao empreiteiro principal , nos termos do art. 455 da Constituição das Leis do Trabalho;

VI – os atletas profissionais de que trata a Lei nº 6.354, de 02 de setembro de 1976;

VII - revogado pelo Decreto nº 2.880, de 15.12.98 (Dou de 16.12.98).

Parágrafo Único – Para efeito deste Decreto, adotar-se-á a denominação *beneficiário* para identificar qualquer uma das categorias mencionadas nos diversos incisos deste artigo.

Art. 1º - O Vale-Transporte constitui benefício que o empregador antecipará ao trabalhador para utilização efetiva em despesas de deslocamento residência-trabalho e vice-versa.

Parágrafo-Único. Entende-se como deslocamento a soma dos segmentos componentes da viagem do beneficiário, por um ou mais meios de transporte, entre sua residência e o local de trabalho.

Art. 3º O Vale-Transporte é utilizável em todas as formas de transporte coletivo público urbano ou, ainda, intermunicipal e interestadual com características semelhantes ao urbano, operado diretamente pelo poder publico ou mediante delegação, em linhas regulares e com tarifas fixadas pela autoridade competente.

Parágrafo Único. Excluem-se do disposto neste artigo os serviços seletivos e os especiais.

Art. 4º Está exonerado da obrigatoriedade do Vale-Transporte o empregador que proporcionar, por meios próprios ou contratados, em veículos adequados ao transporte coletivo, o deslocamento, residência-Trabalho e vice-versa, de seus trabalhadores.

Parágrafo Único. Caso o empregador forneça ao beneficiário transporte próprio ou fretado que não cubra integralmente os deslocamentos deste, o Vale-Transporte deverá ser aplicado para os seguimentos da viagem não abrangidos pelo referido transporte.

Art. 5º - É vedado ao empregador substituir o Vale-Transporte por antecipação em dinheiro ou qualquer outra forma de pagamento, ressalvado o disposto no parágrafo único deste artigo.

Parágrafo Único. No caso de falta ou insuficiência de estoque de Vale-Transporte, necessário ao atendimento da demanda e ao funcionamento do sistema, o beneficiário será ressarcido pelo empregador , na folha de pagamento imediata, da parcela correspondente, quando tiver efetuado,por conta própria, a despesa para seu deslocamento.

Art. 6º O Vale-Transporte,no que se refere à contribuição do empregador:

I – não tem natureza salarial, nem incorpora a remuneração do beneficiário para quaisquer efeitos;

II – não institui base de incidência de contribuição previdenciária ou Fundo de Garantia do Tempo de Serviço;

III – não é considerado para efeito de pagamento da Gratificação de Natal (Lei nº 4.090, de 13 de julho de 1962, e art. 7º do Decreto-lei nº 2.310, de 22 de dezembro de 1986);

IV – não configura rendimento tributável do beneficiário.

CAPITULO II
Do Exercício do Direito do Vale-Transporte

Art. 7º Para o exercício do direito de receber o Vale-Transporte o empregado informará ao empregador ,por escrito:

I - seu endereço residencial;

II – os serviços e meios de transporte mais adequados ao seu deslocamento residência-trabalho e vice-versa.

§ 1º - A informação de que trata este artigo será atualizada anualmente ou sempre que ocorre alteração das circunstâncias mencionadas nos itens I e II, sob pena de suspensão do beneficio até o cumprimento dessa exigência.

§ 2º - O beneficiário firmará compromisso de atualizar o Vale-Transporte exclusivamente para seu efetivo deslocamento residência-trabalho e vice-versa.

§ 3º - A declaração falsa ou uso indevido do Vale-Transporte constituem falta grave.

Art. 8º - É vedada a acumulação do benefício com vantagens relativas ao transporte do beneficiário ressalvado o disposto no parágrafo único do art 4º deste Decreto.

Art. 9º - O Vale-Transporte será custeado:

I – pelo beneficiário, na parcela equivalente a 6% (seis por cento) de seu salário básico ou vencimento, exercidos quaisquer adicionais ou vantagens;

II– pelo empregador, no que exceder a parcela referida no item anterior.

Parágrafo Único . A concessão do Vale-Transporte autorizará o empregador a descontar, mensalmente, do beneficiário que exceder o respectivo direito, o valor da parcela de que trata o item I deste artigo.

Art. 10 – O valor da parcela a ser suportada pelo beneficiário será descontada proporcionalmente e por ocasião de seu pagamento, salvo estipulação em convenção ou acordo coletivo de trabalho que favoreça o beneficiário.

Art . 11 – No caso em que a despesa com o deslocamento do beneficiário for inferior a 6% (seis por cento) do salário básico ou vencimento, o empregado poderá optar pelo recebimento antecipado do Vale-Transporte, cujo valor será integralmente descontado por ocasião do pagamento do respectivo salário ou vencimento.

Art. 12 – A base de calculo para determinação da parcela a cargo do beneficiário será:

I – o salário básico ou vencimento mencionado no item I do art. 9º deste Decreto; e

II – o montante percebido no período, para os trabalhadores remunerados por tarefa ou serviço feito ou quando se tratar de remuneração constituída exclusivamente de comissões, percentagens, gratificações, gorjetas ou equivalentes.

CAPITULI III
Da Operação do Vale-Transporte

Art. 13 – O poder concedente ou órgão de gerência com jurisdição sobre os serviços de transporte coletivo urbano, respeitada a lei federal, expedirá normas complementares para operacionalização do sistema do Vale-Transporte, acompanhando seu funcionamento e efetuando o respectivo controle.

Art. 14 A empresa operadora do sistema de transporte coletivo público fica obrigada a emitir e comercializar o Vale-Transporte ao preço da tarifa vigente, colocando-o à disposição dos empregadores em geral e assumindo os custos dessa obrigação, sem repassa-los para a tarifa dos serviços.

§ 1º A emissão e a comercialização do Vale-Transporte poderão também ser efetuadas pelo órgão de gerência ou pelo poder concedente, quando este tiver a competência legal para emissão de passes.

§ 2º Na hipótese do parágrafo precedente, é vedada a emissão e comercialização de Vale-Transporte simultaneamente pelo poder concedente e pelo órgão de gerência.

§ 3º A delegação ou transferência da atribuição de emitir e comercializar o Vale-Transporte não elide a proibição de repassar os custos respectivos para a tarifa dos serviços.

Art. 15 – Havendo delegação da emissão e comercialização de Vale-Transporte, ou constituição de consorcio, as empresas operadoras submeterão os respectivos instrumentos ao poder concedente ou órgão de emergência para homologação dos procedimentos instituídos.

Art. 16 – Nas hipóteses do artigo anterior, as empresas operadoras permanecerão solidariamente responsáveis com a pessoa jurídica delegada ou pelos atos do consorcio, em razão de eventuais compatíveis com os níveis de demanda.

Art. 17 – O responsável pela emissão e comercialização do Vale-Transporte deverá manter estoques compatíveis com os níveis de demanda.

Art. 18 – A comercialização do Vale-Transporte dar-se-á em centrais ou postos de venda estrategicamente distribuídos na cidade onde serão utilizados.

Parágrafo Único – Nos casos em que o sistema local de transporte público for operado por diversas empresas ou por meios diferentes, com ou sem integração, os postos de vendas referidos neste artigo deverão comercializar todos os tipos de Vale-Transporte.

Art. 19 – A concessão do beneficio obriga o empregador a adquirir Vale-Transporte em quantidade e tipo de serviço que melhor se adequar ao deslocamento do beneficiário.

Parágrafo Único – A aquisição será feita antecipadamente e a vista, proibidos quaisquer descontos e limitada à quantidade estritamente necessário ao atendimento dos beneficiários.

Art. 20 – Para cálculo do valor do Vale-Transporte, será adotada a tarifa integral, relativa ao deslocamento do beneficiário, por um ou mais meios de transporte, mesmo que a legislação local preveja descontos.

Parágrafo Único – Para fins do disposto neste artigo, não são consideradas desconto as reduções tarifárias decorrentes de integração de serviços.

Art. 21 – A venda do Vale-Transporte será comprovada mediante recibo seqüencialmente numerado, emitindo pela vendedora em duas vias, uma das quais ficará com a compradores, contendo:

I – o período a que se referem;

II – a quantidade de Vale-Transporte vendida e de beneficiários a quem se destina;

III – o nome. endereço e número de inscrição da compradora no Cadastro Geral de Contribuintes no Ministério da Fazenda – CGCMF.

Art. 22 – O Vale-Transporte poderá ser emitido conforme as peculiaridades e as conveniências locais, para utilização por:
I – linha;
II – empresa;
III – sistema;
IV – outros níveis recomendados pela experiência local.

Art. 23 – O responsável pela emissão e comercialização do Vale-Transporte poderá adotar a forma que melhor lhe convier à segurança e facilidade de distribuição.

Parágrafo Único – O Vale-Transporte poderá ser emitido na forma de bilhetes simples ou múltiplos, talões, cartelas, fichas ou quaisquer procesos similares.

Art. 24 Quando o Vale-Transporte for emitido para utilização num sistema determinado de transporte ou para valer entre duas ou mais operadoras, será de aceitação compulsória, nos termos de acordo a ser previamente firmado.

§ 1º - O responsável pela emissão e comercialização do Vale-Transporte pegará às empresas operadoras os respectivos créditos no prazo de 24 horas, facultando às partes pactuar prazo maior.

§ 2º - O responsável pela emissão e comercialização do Vale-Transporte deverá apresentar, mensalmente, demonstrativos financeiros dessa atividade, ao órgão de gerência que observará o disposto no art. 28.

Art. 25 – As empresas operadoras são obrigadas a manter permanentemente um sistema de registro e controle do número de Vale-Transporte emitido, comercializado e utilizado, ainda que a atividade seja exercida por delegação ou por intermédio de consórcio.

Art. 26 – No caso de alteração na tarifa de serviços, o Vale0Transporte poderá:

I – ser utilizado pelo beneficiário, dentro do prazo de trinta dias, contados da data em que a tarifa sofrer alteração.

CAPITULO IV
Dos Poderes Concedentes e Órgãos de Gerência

Art. 27 – O Poder concedente ou órgão de gerencia, na área de sua jurisdição, definirá:

I – o transporte intermunicipal ou interestadual com características semelhantes ao urbano

Art. 28 . O poder concedente ou órgão de gerencia fornecerá, mensalmente, ao órgão federal competente, informações estatísticas que permitam avaliação nacional, em caráter permanente, da utilização do Vale-Transporte.

Art. 29 – As operadoras informarão, mensalmente, nos termos exigidos pelas normas locais, o volume de Vale-Transporte emitido, comercializado e utilizado, a fim de permitir a avaliação local do sistema, além de outros dados que venham a ser julgados convenientes a esse objetivo.

Art. 30 – Nos atos de concessão, permissão ou autorização serão previstas sanções às empresas operadoras

que emitirem ou comercializarem o Vale-Transporte diretamente, por meio de delegação ou consórcio, em quantidade insuficiente ao atendimento da demanda.

Parágrafo Único. As sanções serão estabelecidas em valor proporcional às quantidades solicitadas e não fornecidas, agravando-se em caso de reincidência.

CAPITULO V
Dos Incentivos Fiscais

Art. 31 – O valor efetivamente pago e comprovado pelo empregador, pessoa física ou jurídica, na aquisição de Vale-Transporte, poderá ser reduzido como despesa operacional, na determinação do lucro real, no período-base de competência da despesa.

Art. 32 – Sem prejuízo da dedução prevista no artigo anterior, a pessoa jurídica empregadora poderá deduzir o Imposto de Renda devido, valor equivalente à aplicação da alíquota cabível do Imposto de Renda sobre o montante das despesas comprovadamente realizadas, no período-base, na concessão do Vale-Transporte.

Parágrafo Único – A dedução a que se refere este artigo, em conjunto com as de que tratam as Leis n^{os} 6.297, de 15 de dezembro de 1975, e 6.321, de 14 de abril de 1976, não poderá reduzir o imposto devido em mais de 10% (dez por cento), observado o que dispõe o § 3° do art. 1º do Decreto-Lei nº 1.704, em 23 de outubro de 1979, podendo o eventual excesso ser aproveitado nos dos exercícios subseqüentes.

Art. 33 – Ficam assegurados os benefícios de que trata este Decreto ao empregador que, por meios próprios ou contratados com terceiros, proporcionar aos seus trabalhadores o deslocamento residência-trabalho e vice-versa, em veículos adequados ao transporte coletivo, inclusive em caso de complementação do Vale-Transporte.

Parágrafo Único – O disposto neste artigo não se aplica nas contratações de transporte diretamente com empregados, servidores, diretores, administradores e pessoas ligadas ao empregador.

Art. 34 – A pessoa jurídica empregadora deverá registrar em contas específicas que possibilitarem determinar, com clareza e exatidão em sua contabilidade, as despesas efetivamente realizadas na aquisição do Vale-Transporte ou, na hipótese do artigo anterior, os dispêndios e encargos com o transporte do beneficiário, tais como aquisição de combustível, manutenção, reparos e depreciação dos veículos próprios, destinados exclusivamente ao transporte dos empregados, bem assim os gastos com as empresas contratadas para esse fim.

Parágrafo Único – A parcela de custo, equivalente a 6% (seis por cento) do salário básico do empregado, que venha a ser recuperada pelo empregador, deverá ser deduzida do montante das despesas efetuadas no período-base, mediante lançamento a crédito das contas que registrem o montante dos custos relativos ao beneficio concedido.

CAPITULO VI
Disposições Finais

Art. 25 Os atos de concessão, permissão e autorização vigentes serão revistos para cumprimento do disposto no art.30 deste regulamento.

Art. 36 Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 37 Revogam-se as disposições em contrario e em especial o Decreto nº 92.180, de 10 de dezembro de 1985.

Brasília, 17 de novembro de 1987; 166º da Independência e 99º da República.

JOSÉ SARNEY – *Prisco Viana.*

(DOU de 18.11.1987)

DECRETO Nº 2.541-N, de 21.10.1987

- *Vide art. 8º Decreto nº 3.831-N, de 06.04.1995*

Proíbe o tráfego de veículos do Estado nos fins de semana e feriados e nos horários noturnos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – Fica proibido o tráfego de veículos oficiais do Estado, seja da Administração Direta ou Indireta, nos finais de semanas e feriados e nos horários noturnos, após as 20:00h.

Art. 2º – Os veículos de que trata o artigo anterior só poderão trafegar nesses dias e após o horário das 20:00h (vinte horas), com expressa autorização do Secretário de cada pasta ou do dirigente de cada órgão, conforme modelo anexo.
Parágrafo único – Entende-se como dirigente a autoridade investida no cargo de direção e comando geral, situado no maior grau hierárquico do órgão.

Art. 3º – Fica a Polícia Militar do Estado, através de suas Companhias de Policiamento de Trânsito e a Polícia Rodoviária Federal, por colaboração, autorizadas a efetuar a apreensão dos veículos que estiverem trafegando nos dias e após o horário referido no art. 1º, sem a autorização da autoridade competente.

Art. 4º – No auto de apreensão deverá constar, obrigatoriamente, o nome do motorista e dos demais passageiros, local, dia e horário.
Parágrafo único – O veículo apreendido deverá ser imediatamente encaminhado para o Departamento de Transportes da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, para a adoção das providências necessárias.

Art. 5º – Excluem-se do disposto neste Decreto os veículos oficiais pertencentes à Polícia Militar, Polícia Civil e aqueles destinados ao transporte de doentes que, entretanto, só poderão trafegar em objeto exclusivo de serviço.

Parágrafo único – Os dirigentes dos órgãos referidos neste artigo adotarão as providências necessárias para impedir o uso indevido dos veículos.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 21 de outubro de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 23.10.1987)

DECRETO Nº 2.612-N, de 27.01.1988

Dispõe sobre Modelos de Cédulas de Identidade do Pessoal da Polícia Militar e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A Carteira de identidade da Polícia Militar é um documento individual que reúne dados necessários e imprescindíveis à prova de identidade do seu possuidor e tem fé pública.

- *Vide anexo do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995, que apresenta o novo modelo da carteira de identidade*

Art. 2º – A Carteira de identidade é constituída por uma folha de papel especial, denominado "Chacheck" 90 g/m², em formato retangular, com fundo artístico e de segurança no anverso e verso, prensada entre duas lâminas de matéria plástica transparente, fundidas sob pressão e calor.

Art. 3º – O papel, isoladamente, denomina-se "ESPELHO" ou "CÉDULA" de identidade e, junto com as duas lâminas, constitui o "CONJUNTO TERMOPLÁSTICO".

Art. 4º – A Carteira de identidade será fornecida mediante indenização, sendo o seu preço fixado periodicamente, por proposta do Diretor de Pessoal ao Diretor de Finanças da Polícia Militar.

Art. 5º – A fotografia para Carteira de Identidade, será no tamanho de 3x4 cm, de frente, fardado e descoberto, quando se tratar de militares da ativa, da reserva remunerada ou reformado.
Parágrafo único – Nos demais casos, o traje será o civil descoberto.

Art. 6º – Ficam instituídos, como documento de identificação do pessoal da Polícia Militar, os "espelhos" ou "cédulas" de identidade a que se referem os modelos constantes dos anexos que acompanham este Decreto, a saber:
I – modelo 1, para oficiais e praças;
II – modelo 2, para oficiais e praças.

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

Art. 7º – A cédula de identidade referida no inciso II do artigo anterior, denomina-se "Cédula Especial de Polícia" e será fornecida aos oficiais e praças da Corporação em serviço especial.

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

§1º – Aos policiais militares da reserva e reformados, quando no exercício de função de interesse da segurança pública ou convocados em circunstâncias especiais, poderá ser fornecida essa cédula, a critério do Comandante Geral.

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

§2º – Aos agentes policiais militares do sistema de informações, poderá ser fornecida a Cédula Especial de Polícia, a critério do Comando Geral.

Art. 8º – As cédulas de identidade serão confeccionadas em papel "Chacheck" 90g/m², em formato retangular, com fundo artístico e de segurança no anverso, contendo as dimensões de 100 x 68 mm de duas faces, "anterior" e "posterior", obedecendo às demais características constante dos modelos respectivos.
§1º – As cédulas de identidade terão a cor padrão azul claro;

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

§2º – A Cédula de Identidade a que se refere o inciso I, do art. 6º terá a inscrição "POLÍCIA MILITAR" escrita na cor vermelha com letras maiúsculas, em sentido horizontal,

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

§3º – A Cédula Especial de Polícia, conterá no anverso a palavra POLÍCIA escrita na cor vermelha com letras maiúsculas, em sentido horizontal.

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995*

§4º – Revogado.

- ***Revogado pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995***

Art. 9º – As carteiras de identidade do pessoal da Polícia Militar, terão as seguintes características: face anterior e face posterior para sua validade.
§1º – Face anterior:
a) na parte superior esquerda terá uma fotografia do portador no tamanho 3 x 4 de frente e fundo branco em papel liso e brilhante;
b) ainda na parte superior direita, a inscrição "ESTADO DO ESPÍRITO SANTO", "POLÍCIA MILITAR", "DIRETORIA DE PESSOAL", "DECRETO Nº 2.612", "REGISTRO GERAL (RG)", "POSTO/GRADUAÇÃO", "VALIDADE", "NOME" e, finalmente, "ASSINATURA DO IDENTIFICADO";

- *Nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 3.870-N, de 24.07.1995.*

c) na parte central em marca d'água o símbolo do Estado;
d) todos os dispositivos das letras acima, serão colocados dentro de um retângulo no tamanho 100 x 68 mm.

- Nova redação pelo art. 1] do Decreto nº 3.870-R, de 24.07.1995

e) todos os dispositivos das letras acima, serão colocados dentro de um retângulo no tamanho 100 x 68 mm.
§2º – Face posterior:
a) serão inseridos os seguintes dados: filiação, via da carteira, grupo sangüíneo e fator RH, data de nascimento, naturalidade, CIC, prontuário da Diretoria de Saúde, PIS/PASEP, Título Eleitoral e outros documentos de interesse do Servidor Público Militar Estadual, fórmula dactiloscópica primária do sistema de identificação "Vucetich", doação de órgãos, data de emissão, impressão

do polegar direito e finalmente, uma linha destinada à assinatura do Chefe da DP/1.

- *Nova redação pelo art. 1] do Decreto nº 3.870-R, de 24.07.1995*

Vide Leinº 4.953, que exige a presença do grupo sangüíneo fator RH nas carteiras de identidade

b) Na cédula Especial de Polícia, serão inseridos os dizeres: "FAÇO SABER ÀS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES, QUE O PORTADOR DESTA É INTEGRANTE DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E QUE DEVEM LHE DAR TODO AUXÍLIO QUE, NO CUMPRIMENTO DOS SEUS DEVERES POSSA NECESSITAR OU VENHA A REQUISITAR.","" É FACULTADO O SEU INGRESSO AOS LOCAIS ONDE SE REALIZEM DIVERSÕES PÚBLICAS ", data da emissão e uma linha destinada à assinatura do Chefe da DP/1.

- Nova redação pelo art. 1] do Decreto nº 3.870-R, de 24.07.1995

Art. 10 – Compete à Diretoria de Pessoal expedir as cédulas de identidade e manter o controle e fiscalização do seu uso.

Parágrafo único – A Diretoria de Pessoal baixará normas que serão aprovadas pelo Comando Geral, regulando a expedição, o uso das cédulas de identidade a que se refere este Decreto e demais medidas complementares.

Art. 11 – Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor 180 dias após a sua publicação, quando perderão o valor as antigas carteiras, as quais deverão ser devolvidas por seus portadores, ou apreendidas, se exibidas posteriormente.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de janeiro de 1988.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 28.01.1988)

DECRETO Nº 2.568-N, de 14.12.1987

Estabelece normas para emissão, comercialização e utilização do Vale Transporte na aglomeração urbana da Grande Vitória.

- *Vide Decreto n] 4.431-N, de 26.03.1999*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista a Lei nº 3.693, de 06.12.1984 e considerando o disposto na Lei Federal nº 7.619, de 30.09.1987 que instituiu o Vale Transporte e regulamentada pelo Decreto Federal nº 95.247, de 17.11.1987,

Considerando que, o Vale Transporte, instituído pela legislação supra mencionada, ainda não foi implantado no Estado do Espírito Santo e especialmente na Aglomeração Urbana da Grande Vitória;

Considerando que, dada a relevante função social do Vale Transporte, é imperativo implantá-lo, em condições de eficaz utilização pelos que se deslocam de casa para o trabalho;

Considerando que, devem ser levadas em conta as peculiaridades do sistema intermunicipal de transporte da Aglomeração Urbana da Grande Vitória;

Considerando, finalmente, que é de interesse comum facilitar o acesso de empregadores e empregados aos benefícios fiscais e sociais propiciados pela implantação do Vale Transporte, decreta:

Art. 1º – Caberá a Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória – CETURB/GV, concessionária exclusiva dos serviços de transportes intermunicipais especiais, conforme previsto na Lei nº 3.693/1984, que poderá transferir a terceiros, por meio de convênio específico, a emissão, comercialização e distribuição do Vale Transporte, para uso nos serviços de transporte coletivo de passageiros, em todos os modos, conforme definido no art. 2º deste Decreto.

Art. 2º – Ficam definidos como de características urbanas, para efeito da aplicação deste Decreto, os serviços que integram o sistema de transporte coletivo de passageiros da Aglomeração Urbana da Grande Vitória, assim previsto na Lei nº 3.693/1984 e sob o gerenciamento da CETURB/GV.

Parágrafo único – O Vale Transporte não se aplica aos servidores públicos seletivos, especiais e escolares.

Art. 3º – O Vale Transporte será emitido conforme modelo a ser aprovado pela CETURB/GV e confeccionado para todos os grupos tarifários dos serviços definidos no art. 2º deste Decreto.

Art. 4º – Alterado a preço da tarifa, a entidade comercializadora terá prazo de até 02 dias úteis, a contar de sua vigência, para colocar à disposição dos empregadores os novos vales transporte.

Art. 5º – Na hipótese prevista no art. 4º, a validade do uso, pelos beneficiários, dos vales Transporte já comercializados, será de 05 dias úteis contados da data de vigência do reajuste.

Art. 6º – Até 30 dias, após a alteração tarifária, poderá ser solicitada pelos empregadores a entidade comercializadora, a troca dos Vales Transportes não utilizados ou distribuídos, mediante a complementação de valores.

Art. 7º – A comercialização do Vale Transporte será realizada mediante a emissão de recibos numerados seqüencialmente, em 02 vias, uma das quais ficará em poder do empregador e outra do agente comercializador, onde serão identificados, necessariamente: o período de utilização, quantidade de vales comercializados por grupo tarifário, o número de beneficiários a que se destinarão, nome do comprador e inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda – CGC-MF.

Art. 8º – Para efeitos do beneficiário estipulado pela lei que instituiu o Vale Transporte a primeira aquisição será realizada após o cadastramento do empregados ou empresa de direito público junto à entidade comercializadora, onde constarão além de outros dados, o número de beneficiários e quantidade de Vales Transporte, por grupo tarifário a ser adquirida.

Art. 9º – A entidade comercializadora informará à CETURB-GV, até o dia 10 de cada mês, o volume de Vales Transporte emitidos, comercializados e resgatados, por grupo tarifário, referente ao mês imediatamente anterior.

Art. 10 – As empresas operadoras informarão à CETURB-GV, até o dia 10 de cada mês, o volume de Vales Transporte utilizado, por grupo tarifário, referente ao mês imediatamente anterior.

Art. 11 – A CETURB-GV poderá baixar Normas Complementares para o cumprimento deste Decreto, que vigorarão a partir de sua publicação no diário Oficial do Estado.

Art. 12 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 14 de dezembro de 1987.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 15.12.1987)

DECRETO Nº 2.633-N, de 28.03.1988

Regulamenta o Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, Instituído pela Lei nº 4.006/1987

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 71, inciso IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado, na forma do anexo que faz parte deste Decreto, o Regulamento Geral do Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de março de 1988.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 30.03.1988)

ANEXO AO DECRETO Nº 2.633-N, de 28.03.1988

REGULAMENTO GERAL

PARTE PRIMEIRA
DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (IPAJM)

TÍTULO I
DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINALIDADE

Art. 1º – O Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, é uma autarquia com personalidade jurídica, autonomia administrativa e financeira, com sede e foro na capital do Estado e ação em todo o território estadual.

Art. 2º – O IPAJM tem por finalidade principal ministrar aos seus segurados e aos dependentes destes, as prestações de seguridade social estabelecida na Lei 4.006, de 17.12.1987 e neste Regulamento.
§1º – O regime de seguridade social, para os efeitos deste Regulamento abrange:
I – pecúlio por morte;
II – pensão;
III – auxílio reclusão;
IV – assistência social;
V – assistência financeira.
§2º – Além das prestações referidas no §1º deste artigo, poderão ser instituídas modalidades novas de assistência, pecúlios ou planos de poupança, mediante contribuição específica dos servidores e do Órgão Empregador.
§3º – Nenhuma prestação de caráter previdenciário ou assistencial poderá ser criada majorada ou estendida no Estado, sem que, em contrapartida, seja estabelecida na competente receita de cobertura.

TÍTULO II
DOS BENEFICIÁRIOS

CAPÍTULO I
Dos Segurados

Art. 3º – São segurados obrigatórios do IPAJM:
I – o Governador e o Vice-Governador do Estado;
II – os Secretários de Estado, Secretários-Chefes e Titulares de Órgãos de hierarquia equivalente;
III – os funcionários da Assembléia Legislativa;
IV – os Desembargadores, Juizes de Direito e funcionários da Justiça;
V – os Conselheiros, Auditores e funcionários do Tribunal de Contas;
VI – os membros do Ministério Público;
VII – os funcionários da Administração Direta e Indireta dos três poderes do Estado, admitidos a qualquer título, ativos e inativos, inclusive da Polícia Militar, desde que subordinados ao Estatuto dos Funcionários Públicos Civis, ao Estatuto dos Funcionários Policiais Civis e ao Estatuto da Polícia Militar, à Lei de Organização e Divisão Judiciárias, ao Estatuto do Ministério Público e ao Estatuto do Magistério.

- *Nova redação pelo Decreto nº 2.683-N, de 22.07.1988*

VIII – Os funcionários ativos e inativos dos municípios do Estado, cujas Prefeituras mantenham convênio com o IPAJM na forma do art. 5º deste Regulamento.

Art. 4º – O IPAJM não admitirá segurados em caráter facultativo, ressalvados os casos a seguir discriminados:
I – os que já tendo sido segurados obrigatórios na forma do art. 3º, deixarem de exercer a atividade que os submetia ao regime deste Regulamento e manifestarem, por escrito, no prazo de 90 dias, a contar do afastamento, a vontade de continuarem como segurados;
II – os admitidos obrigatoriamente na forma do inciso VIII do art. 3º que, rescindidos os convênios ali referidos, manifestarem, por escrito, no prazo de 90 (noventa) dias da rescisão, a vontade de continuarem como segurados;
III – os serventuários da Justiça não remunerados pelos cofres públicos, cujos cargos sejam providos por Decreto do Poder Executivo, desde que se manifestem, por escrito, no prazo de 90 dias, a contar do provimento, executados os que segurados obrigatórios na vigência da Lei anterior, estiverem em débito com o IPAJM.
IV – os funcionários do Estado que forem colocados à disposição de qualquer outro órgão da administração direta ou indireta federal, estadual ou municipal, sem ônus para o Estado, ou que estiverem com seu vínculo estatuário suspenso, estando nessa condição vinculados a outro regime de previdência e que manifestarem essa vontade, por escrito, no prazo de 90 dias, a contar da publicação do ato respectivo;
V – os funcionários estaduais que se afastarem para exercer mandato e que manifestarem, por escrito, no prazo de 90 (noventa) dias, a contar do afastamento, a vontade de continuarem como segurados;
VI – os servidores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.

§1º – O segurado facultativo que se atrasar por 6 meses seguidos nos pagamentos de suas contribuições ficará eliminado do quadro de beneficiários perdendo ele e os seus dependentes, o direito a quaisquer prestações asseguradas pela Lei nº 4.006 de 17.12.1987 e por este Regulamento, sem possibilidade de reavaliação ou restituição daquelas já pagas.
§2º – Os serventuários da Justiça, excluídos do rol de segurados nos termos do inciso III deste artigo, poderão manter essa qualidade desde que regularizem os débitos que porventura tenham junto ao IPAJM.
§3º – Os serventuários da Justiça que optarem por não se filiarem ao IPAJM, ficarão, ao se aposentarem, excluídos do quadro de segurados desta autarquia.
§4º – Não será devida a pensão aos dependentes de serventuários da Justiça que estejam em débito com o IPAJM.

Art. 5º – Para estender o plano de seguridade social aos servidores dos municípios do Estado do Espírito Santo, o IPAJM poderá manter convênios com as respectivas Prefeituras, observando-se o disposto no parágrafo único deste artigo e desde que as massas assim incorporadas ao quadro de segurados, atendam às limitações técnico-atuariais dos sistemas previdenciário e assistencial.
Parágrafo único – A celebração dos convênios referidos neste artigo dependerá de Lei Municipal.

CAPÍTULO II
As Inscrições

Art. 6º – A inscrição do segurado obrigatório no IPAJM é automática e gera efeitos imediatos.

Art. 7º – Na hipótese do art. 4º e seus incisos, o interessado deverá requerer sua inscrição ao IPAJM, observando-se os prazos ali estipulados e, anexando ao pedido, os seguintes documentos:
I – cópia do ato de nomeação, contratação, exoneração ou que tenha colocado à disposição de outro órgão;
II – certidão de nascimento ou casamento;
Parágrafo único – Além dos documentos estipulados neste artigo, o IPAJM poderá, a seu critério, exigir do interessado a apresentação de outros para efeito de deferimento do pedido.

CAPÍTULO III
Dos Dependentes

Art. 8º – Consideram-se dependentes do segurado, as pessoas que vivam, comprovada e justificadamente, sob sua dependência econômica.
§1º – Prescinde de comprovação e justificação a dependência econômica da esposa ou marido inválido, assim como a de filhos solteiros de qualquer condição, desde que menores de 21 anos ou inválidos.
§2º – A idade limite prevista no §1º poderá se estender até 24 anos, se o dependente for, comprovadamente, estudante universitário, sem atividade remunerada, ressalvando direito já adquirido pela Lei anterior.
§3º – Equiparam-se aos filhos, nas condições do §1º deste artigo:
I – enteado;
II – o menor que, por determinação judicial se ache sob sua guarda;
III – o menor que se ache sob sua tutela e não possua meios para seu próprio sustento.

Art. 9º – Consideram-se dependentes do segurado as pessoas sem recursos que habitem às expensas do segurado por lapso de tempo superior a 5 anos consecutivos e, por motivo de menoridade, idade avançada, ou invalidez, não possam angariar meios para o próprio sustento.
§1º – Para os efeitos deste Regulamento, são consideradas pessoas sem recursos aquelas cujos rendimentos brutos mensais sejam iguais ou inferiores ao valor do vencimento do Padrão 1 do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo.
§2º – São consideradas pessoas de idade avançada, para os efeitos deste Regulamento, as mulheres de mais de 50 anos e os homens de mais de 55 anos.

Art. 10 – Considera-se dependentes do segurado a companheira que com ele tenha vivido sob o mesmo teto por lapso de tempo superior a 5 anos consecutivos, salvo se houver filhos em comum.

Art. 11 – Para efeito de comprovação de dependência, a pessoa interessada, poderá promove-la no juízo de sua residência ou no próprio Instituto, através de processo regular de justificação.

Art. 12 – Perderá a qualidade de dependente:
I – o cônjuge após a anulação do casamento, ou após a separação e divórcio em que se torne expressa a perda ou a dispensa do direito à percepção de alimentos;
II – o cônjuge ou a companheira que abandonar a habitação do segurado, sem justo motivo, e a esta se recusar a voltar.
Parágrafo único – O casamento civil ou religioso de quaisquer dependentes do segurado importará na caducidade da qualidade de dependente.

TÍTULO III
DAS PRESTAÇÕES DE SEGURIDADE SOCIAL

CAPÍTULO I
Dos Benefícios e Serviços

Art. 13 – As prestações de seguridade social consistem em benefícios previstos nos itens I a III do §1º do art. 2º e serviços previstos nos itens IV e V desse mesmo artigo.
§1º – Considera-se benefício a prestação pecuniária assegurada obrigatoriamente aos benefícios nos termos desse Regulamento.
§2º – Considera-se serviço a prestação assistencial proporcionada aos beneficiários dentro das limitações administrativas, técnicas e financeiras do IPAJM.

CAPÍTULO II
Do Pecúlio

Art. 14 – O pecúlio garantirá aos dependentes do segurado falecido uma importância em dinheiro igual ao salário de contribuição na data do falecimento, acrescido de 10 vezes o valor do vencimento do Padrão 1 do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo.
§1º – Na falta dos dependentes referidos nos arts. 8º, 9º e 10 e de cônjuge sobrevivente, o pecúlio é devido aos herdeiros do falecido de acordo com a seguinte ordem: dependentes, ascendentes e colaterais até o segundo ou legatário, de acordo com a Lei Civil.
§2º – Da importância calculada na forma deste artigo, serão descontados os débitos residuais provenientes do não recolhimento de contribuições devidas ao IPAJM, de empréstimos contraídos pelo segurado, indenização do executor do funeral, pelas despesas para esse fim, desde devidamente comprovadas, pagando-se o saldo aos dependentes ou herdeiros habilitados.

CAPÍTULO III
Da Pensão

Art. 15 – A pensão será concedida ao conjunto de dependentes do segurado que falecer, ou por sua morte presumida, declarada pela autoridade judiciária competente, depois de 6 meses e será constituída de uma cota familiar igual a 45% do salário de contribuição do segurado na data do falecimento, acrescida de tantas parcelas iguais, cada uma a 5% do mesmo salário, quantos forem os dependentes do segurado, até o máximo de 11.

Art. 16 – A importância total assim obtida será rateada em cotas iguais entre os dependentes com direito à pensão. A inscrição de dependentes em data posterior à da concessão implica em novo rateio de cotas, a partir de sua habilitação.
Parágrafo único – O primeiro pagamento da pensão vencerá no último dia do mês em que ocorrer a morte do segurado.

Art. 17 – As pensões que serão reajustadas em todas as épocas e proporções em que houver aumento dos vencimentos dos servidores do Estado, obedecidas as respectivas faixas salariais, através de Resolução do Conselho Deliberativo do IPAJM.

Art. 18 – Nenhuma pensão poderá ser inferior ao menor padrão ou nível de vencimento pago pelo Estado do Espírito Santo.

Art. 19 – Cada parcela de pensão se extinguirá :
I – por morte do pensionista
II – pelo casamento do pensionista;
III – aos 21 anos para os pensionistas menores válidos, ressalvado o disposto no §2º do art. 8º deste Regulamento;
IV – para os pensionistas maiores inválidos, cessada invalidez.
§1º – Toda vez que se extinguir uma cota de pensão, poder-se-á a novo cálculo e a novo rateio do benefício na forma dos art. 15 e 16 deste Regulamento, considerados, porém, apenas os pensionistas remanescentes e, sem prejuízo dos reajustes do benefício concedido nos termos do art. 17.
§2º – O auxílio-reclusão será devido a contar da pensionista, extinguir-se-á, também, à pensão.
§3º – Falecendo o segurado detento ou recluso, tido, a invalidez do dependente deverá ser confirmada ou infirmada por meio de exame médico a critério do IPAJM.
§4º – Os pensionistas integrantes do grupo de dependentes do mesmo segurado, serão solidários entre si perante a Instituição, cabendo, aos mesmos comunicar ao IPAJM qualquer ocorrência que importe na extinção de cotas ou alterações em seu valor.

CAPÍTULO IV
Do Auxílio-Reclusão

Art. 20 – O auxílio-reclusão será concedido ao conjunto de dependentes do segurado detento ou recluso que não perceba vencimento ou provento de inatividade.
§1º – O auxílio-reclusão consistirá numa renda mensal concedida e atualizada nos termos dos arts. 15 e 16, aplicando-se a ele no que couber, as normas reguladoras da pensão (Capítulo III, deste Título).
§2º – O auxílio-reclusão será devido a contar da data do efetivo recolhimento do segurado à prisão e mantido enquanto durar sua reclusão detenção, desde que não esteja percebendo qualquer remuneração pelos cofres públicos do Estado, ou, em liberdade condicional.
§3º – Falecendo o segurado detento ou recluso, será automaticamente convertido em pensão o auxílio-reclusão que estiver sendo pago aos seus dependentes.

Art. 21 – O auxílio-reclusão será requerido pela pessoa que comprovar encontrar-se na Chefia da família do segurado, detendo ou recluso e apresentar a documentação necessária.
Parágrafo único – Após a concessão do benefício, a pessoa habilitada a recebê-lo, terá que apresentar, trimestralmente, prova do efetivo recolhimento do segurado à prisão, e a comunicar ao IPAJM sua liberação, tão logo isso ocorra.

CAPÍTULO V
Da Assistência Social

Art. 22 – A assistência social proporcionará aos seus beneficiários ajuda complementar, através de realizações de convênios e contratos com instituições sociais e clínicas, visando reduzir custos com tratamento e melhoria de vida através de cursos profissionalizantes, além de promover por todos os meios ao seu alcance, a divulgação dos benefícios proporcionados pelo IPAJM.

CAPÍTULO VI
Da Assistência Financeira

Art. 23 – A assistência financeira, que será prestada dentro das limitações administrativas, técnicas e financeiras do IPAJM, compreenderá:
I – empréstimo funeral;
II – empréstimo saúde;
III – empréstimo nupcial;
IV – empréstimo simples;
V – empréstimo imobiliário.

Art. 24 – O empréstimo funeral será concedido ao segurado, por morte de qualquer de seus dependentes previstos nos arts. 8º, 9º e 10 e seu valor não ultrapassará 20% (vinte por cento) do valor fixado no art. 14 para o pecúlio, processando-se sua amortização em parcelas mensais de número não superior a 24 (vinte e quatro).
Parágrafo único – O direito de empréstimo funeral prescreverá no prazo de 90 dias, contados do óbito.

Art. 25 – O empréstimo saúde será concedido ao segurado sempre que ele próprio, ou qualquer de seus dependentes, necessitar de serviços médicos que não se enquadrem na assistência normalmente prestada pelo IPAJM, ou para a aquisição de aparelhos e instrumentos de correção.
§1º – O empréstimo saúde de valor nunca superior a 10 vezes o menor vencimento pelo Estado do Espírito Santo, será concedido levando-se sempre em conta o custo provável do tratamento.
§2º – O direito ao empréstimo saúde prescreverá no prazo de 30 dias a contar da data do exame médico comprobatório de necessidade dos serviços referidos neste artigo.
§3º – A amortização do empréstimo saúde processará em parcelas mensais não superiores a 24.
§4º – Em casos excepcionais devidamente comprovados, poderá o prazo estipulado no parágrafo anterior ser dilatado para 36 meses.
§5º – O empréstimo saúde poderá ser reformado a critério do IPAJM, desde que o direito do segurado não ultrapasse a 10 (dez) vezes o menor vencimento pago pelo Estado do Espírito Santo.

Art. 26 – O empréstimo nupcial será concedido ao segurado que vier a contrair casamento.

§1º – O valor do empréstimo nupcial não ultrapassará a 10 vezes o menor vencimento pago pelo Estado do Espírito Santo.
§2º – O direito ao empréstimo nupcial prescreverá ao prazo de 90 dias, a contar do casamento processando-se uma amortização em parcelas mensais de número superior a 24.

Art. 27 – O empréstimo simples será concedido ao segurado para atender a objetivo socialmente justificado, a critério do IPAJM, e seu valor não ultrapassará 4 vezes o salário de contribuição do proponente.
Parágrafo único – O empréstimo simples será amortizado em parcelas mensais não superiores a 24.

Art. 28 – Em qualquer das modalidades a que se referem os incisos I e IV do art. 23, será rigorosamente obedecida a margem consignável do segurado.

Art. 29 – O empréstimo imobiliário, de valor nunca superior a 100 vezes o menor vencimento pago pelo Estado do Espírito Santo e realizado sob garantia hipotecária será amortizado em prazo não superior a 240 meses, não podendo ser reformado.
Parágrafo único – A prestação inicial do débito hipotecário não poderá ultrapassar a 30% do salário da contribuição do segurado na época da concessão do empréstimo, e será aumentada nas épocas e proporções em que se verificarem reajustamentos nos vencimentos dos funcionários estaduais do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder executivo, assim como o saldo devedor do referido empréstimo.

Art. 30 – Os empréstimos imobiliários referidos no artigo anterior, serão concedidos para:
I – compra de casa construída pelo IPAJM, isoladamente ou em série, destinada à morada do segurado;
II – compra de casa, construída por terceiros, para moradia do segurado;
III – construção de casa, destinada à moradia do segurado;
IV – compra de terreno, destinado à construção da moradia do segurado;
V – reconstrução ou reforma da moradia do segurado;
VI – liberação de hipoteca, que onere a residência do segurado.
Parágrafo único – Além da execução de programas habitacionais com recursos exclusivamente próprios, o IPAJM poderá, para o mesmo fim, firmar convênios com outras instituições que cuidem do mesmo objetivo, respeitadas as limitações atuariais e econômicas do plano de aplicação do patrimônio da instituição, quando então serão obedecidas as normas da entidade com a qual o IPAJM firmar convênio.

Art. 31 – Em nenhuma hipótese será concedido financiamento para construção ou aquisição de imóveis residencial a segurado que já possua em perfeitas condições de utilização a juízo do IPAJM.

Art. 32 – Todas as despesas do processamento dos empréstimos correrão por conta do mutuário.

Art. 33 – Excedendo o preço de aquisição do imóvel ou da construção, ao valor do empréstimo ou à avaliação do Instituto, a operação só se efetuará se o segurado entrar previamente com a diferença.

Art. 34 – O segurando que, tendo adquirido moradia com financiamento do IPAJM, não poderá obter novo empréstimo para o mesmo fim, salvo situação especialíssima a critério do Instituto, ouvido o Conselho Deliberativo.

Art. 35 – A transferência de ônus hipotecário somente poderá ser feita entre segurados do IPAJM, mediante o recolhimento da taxa máxima de 2% do saldo devedor aos cofres do Instituto.

Art. 36 – Se o marido e a mulher forem segurados do IPAJM, poderá ser considerado o total dos vencimentos para efeito de pagamento das prestações amortizantes vedada sempre a duplicidade de operações.

Art. 37 – O atraso de 3 meses no pagamento das prestações acarretará o vencimento da dívida, podendo o IPAJM executar a hipoteca do imóvel financiado, independentemente de qualquer interpelação judicial ou extrajudicial, exigindo todo o pagamento do saldo da dívida contraída, pena convencional, correção monetária e juros de Lei, o mesmo ocorrendo nas hipóteses de rescisão do contrato provocada pela inobservância do segurado das condições exigidas neste Regulamento.

Art. 38 – O imóvel hipotecado será segurado contra o risco de fogo, sendo os prêmios do seguro pagos juntamente com as prestações do mútuo hipotecário.
§1º – Durante o período de construção do imóvel, poderá o Instituto exigir a realização do seguro-incêndio progressivo, até o limite do financiamento.
§2º – Ocorrendo o sinistro total ou parcial do imóvel hipotecado, o valor da indenização será aplicado na restauração do que houver sido danificado, ressalvado ao IPAJM, porém o direito de rescindir o contrato, se o segurado tiver concorrido para o acidente.

Art. 39 – Obriga-se o segurado a manter o imóvel hipotecado em perfeito estado de segurança, conservação e habitabilidade, executando, à sua custa, todas as obras julgadas necessárias exigidas pelo IPAJM e ou autoridades competentes.
§1º – Para observância da obrigação estabelecida neste artigo, o IPAJM se reserva o direito de inspecionar o imóvel sempre que julgar conveniente.
§2º – As obras de conservação e restauração exigidas pelo IPAJM serão realizadas pelo mutuário, independentemente de qualquer notificação judicial, sob pena de rescisão contratual.
§3º – Até o término do contrato, o mutuário não poderá fazer, sem assentimento expresso da Instituição, qualquer obra que modifique a estrutura do prédio.

Art. 40 – Dentro dos recursos previstos no plano de aplicação do patrimônio, a que se refere o art. 52, os candidatos a cada um dos financiamentos imobiliários, referidos nos itens I a IV do art. 30, serão atendidos na ordem de classificação de suas propostas, dando-se prioridade aos segurados que apresentarem maior tempo de contribuição e maior número de dependentes e, no empate dessa condição, aos que se dispuserem a liquidar em menor prazo o mútuo hipotecário, respeitado o limite previsto no parágrafo único do art. 29.
Parágrafo único – O direito dos candidatos classificados prescreverá após o prazo fixado nas instruções sobre as operações de empréstimos, baixadas pelo Diretor Presidente do IPAJM, em conjunto com o Departamento de Financiamentos Imobiliários.

Art. 41 – O empréstimo hipotecário poderá ser liquidado antes de terminado o prazo contratual, pagando o mutuário, ao IPAJM, de uma só vez, o saldo de sua dívida no estado em que este se encontrar.
Parágrafo único – É assegurada ao mutuário em dia com suas obrigações, a realização de amortizações

extraordinárias, para redução do prazo de financiamento ou do valor das prestações.

Art. 42 – O início das operações imobiliárias, em qualquer plano ou classe financiamento, dependerá da expedição de instruções especiais elaboradas pelo Departamento de Financiamentos Imobiliários, com a aprovação do Diretor Presidente, as quais terão em vista especificamente:
I – a indicação dos planos e classes de operações;
II – os recursos aplicáveis em cada classe de operações;
III – os limites máximos individuais para cada operação;
IV – o prazo de validade dos pedidos de inscrição;
V – as datas de início e encerramento das inscrições;
VI – os índices e valores das taxas de fiscalização, expediente, avaliação e vistoria;
VII – as tabelas e planos de amortização.

Art. 43 – Além dos juros e da cota de abatimento do débito, as prestações dos empréstimos referidos neste capítulo incluirão a cota de quitação da dívida, em caso de morte do mutuário e a taxa de administração a que alude o art. 53.
§1º – As taxas de juros e as cotas de quitação mencionadas neste artigo, serão fixadas no plano de custeio do IPAJM.
§2º – A taxa de administração do empréstimo imobiliário não incluirá a parcela de correção monetária, já introduzida no processo de aumento da prestação a que se refere o parágrafo único do art. 29.
§3º – Sempre que o mutuário for remunerado pelos cofres públicos, as prestações imobiliárias serão descontadas dos seus vencimentos ou proventos, mediante consignação em folha de pagamento.

TÍTULO IV
DO CUSTEIO DA SEGURIDADE SOCIAL

CAPÍTULO I
Do Plano de Custeio

Art. 44 – O custeio do plano previdenciário e assistencial será atendido pelas seguintes fontes de receita:
I – contribuição dos segurados em geral, mediante recolhimento do percentual de 5% do salário de contribuição.
II – participação mensal do Governo do Estado, mediante recolhimento do percentual de 3% sobre a folha de salário de contribuição dos servidores do Estado;
III – contribuição das Prefeituras Municipais do Estado, que mantenham convênio com o IPAJM, na forma do art. 5º deste Regulamento, em valor igual a 3%, estipulado para o Governo do Estado;
IV – juros, cotas, taxas e correção monetária provenientes de investimento de reservas;
V – receitas de serviços assistenciais;
VI – doações, subvenções, legados e rendas extraordinárias, não previstas nos itens precedentes.

Art. 45 – Entende-se por salário de contribuição:
I – no caso do segurado inativo, o provento de aposentadoria, disponibilidade ou reforma;
II – no caso do segurado ativo, vencimento, salário, gratificação de função, gratificação pelo exercício de cargo em comissão, gratificação de produtividade, cotas, adicionais ou acréscimos por tempo de serviço, gratificação de assiduidade, gratificação ou indenização de representação, gratificação por encargo de Gabinete, gratificação especial para motoristas, gratificação de regência de classe, gratificação de especialista, gratificação de risco de vida, gratificação por risco de saúde, gratificação de raio x, gratificação de função policial civil, gratificação de função policial militar, indenização especial de comando, adicional de inatividade, indenização de compensação orgânica, indenização ou auxílio moradia, auxílio invalidez, abonos provisórios, adicionais, percentagens, comissões e quaisquer outras formas de gratificação e de remuneração atuais e que vierem a ser instituídas;
III – no caso do segurado ativo não remunerado pelos cofres públicos, o salário-base;
IV – no caso do segurado ativo não remunerado pelos cofres públicos, o salário-base;
V – no caso do segurado facultativo, a que se referem os incisos I a VI do art. 4º, o salário de contribuição mantido e atualizado na forma do art. 50 e no caso dos serventuários da justiça, o salário de contribuição dos serventuários que percebam vencimentos dos cofres públicos, de acordo com as entrâncias e legislação própria.
§1º – Entende-se como salário-base, para efeito do disposto no inciso III deste artigo, a remuneração que o segurado estiver percebendo ou equivalente a que percebia pelos cofres públicos.
§2º – Não se incluem no salário de contribuição o salário-família, as gratificações por serviços extraordinários, a remuneração do 13º salário-férias[1], a gratificação por regime especial de trabalho, a gratificação pela execução de trabalho técnico ou científico, a gratificação pela participação em órgão de deliberação coletiva, a alimentação, a indenização ou vale de transporte, o auxílio-doença, o auxílio-natalidade, nem os pagamentos com diárias e ajuda de custo.

Art. 46 – Os pedidos de exoneração, licença para tratar de interesses particulares ou afastamento a qualquer título, sem ônus e suas prorrogações, de servidores públicos do Estado do Espírito Santo, serão obrigatoriamente instruídos com certificado de regularidade de situação perante o IPAJM.

CAPÍTULO II
Do Recolhimento

Art. 47 – As contribuições a que se refere o item I do art. 44 serão descontadas "ex-offício" pelos órgãos encarregados do pagamento dos servidores.
§1º – O responsável pela execução do pagamento dos segurados recolherá, no primeiro dia útil subsequente à sua efetivação, ao Banco do Estado do Espírito Santo S/A – BANESTES – e a crédito do IPAJM, o total das contribuições correspondentes a cada pagamento.
§2º – O recolhimento far-se-á juntamente com as demais consignações destinadas ao IPAJM, acompanhadas de relação discriminativa.
§3º – As contribuições das entidades mencionadas nos itens II e III do art. 44 serão recolhidas no Banco do Estado do Espírito Santo S/A –BANESTES – a crédito do IPAJM, no mesmo prazo a que se refere o §1º deste artigo.

Art. 48 – Farão recolhimento direto das contribuições:
I – o segurado ativo não remunerado pelos cofres públicos;
II – o contribuinte que deixar de receber vencimentos em virtude de afastamento definitivo e requerer a manutenção do salário de contribuição nos termos do art. 49;
III – o segurado facultativo a que se refere os incisos I a VI do art. 4º.

---

[1] A expressão "13º salário-férias" foi substituída por "13º vencimento", pelo art. 1º da Lei nº 4.752, de 08.01.1993.

Art. 49 – Na hipótese de perda total dos vencimentos, o segurado poderá manter o salário de contribuição para efeito de benefício, devendo recolher diretamente ao IPAJM a soma da contribuição que vinha pagando a parte correspondente que vinha sendo paga pelo empregador.
§1º – Havendo perda parcial do salário de contribuição o segurado poderá mantê-lo, para efeito de benefício, desde que faça o recolhimento direto no IPAJM de contribuição calculada sobre a redução do salário, acrescida da parte correspondente, que vinha sendo paga pelo empregador.
§2º – O salário de contribuição, mantido na forma deste artigo, será atualizado na mesma época e proporção em que houver aumento do vencimento dos servidores do Estado.

Art. 50 – O funcionário em licença sem vencimentos é segurado obrigatório do IPAJM, devendo recolher diretamente ao Instituto a contribuição devida, que estará vinculada ao padrão de vencimento do cargo efetivo que exercia antes da licença, com todas as alterações que vier a sofrer nesse período.

Art. 51 – Não se verificando o recolhimento, nos casos previstos neste Regulamento, de qualquer contribuição ou prestação devida ao IPAJM, ficará o interessado sujeito a juros de 1% ao mês, além da correção monetária.
Parágrafo único – Na hipótese figurada neste artigo, os juros e a correção monetária serão cobrados juntamente com o débito em atraso, mediante consignação compulsória em folha de pagamento ou ação judicial.

TÍTULO V
DA APLICAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Art. 52 – O patrimônio do IPAJM não poderá ter aplicação diversa da estabelecida no §1º deste artigo, sendo nulos de pleno direito, os atos que violarem este preceito, sujeito seus autores às sanções previstas em Lei.
§1º – O IPAJM empregará seu patrimônio de acordo com os planos que tenham em vista:
I – rentabilidade compatível com os imperativos atuariais do plano de custeio;
II – garantia real dos investimentos;
III – manutenção do poder aquisitivo dos capitais aplicados;
IV – caráter social das inversões.
§2º – O plano de aplicação do patrimônio, estruturado dentro das técnicas atuariais, integrará o plano de custeio.
§3º – Os bens patrimoniais do IPAJM só poderão ser alternados ou gravados por proposta do Diretor Presidente do Instituto, aprovada pelo Conselho Deliberativo e de acordo com o plano de aplicação do patrimônio.

Art. 53 – Toda transação a prazo entre o IPAJM e quaisquer pessoas, físicas ou jurídicas de direito público ou privado, segurado ou não, pela qual se torne o Instituto credor de pagamentos exigíveis em datas posteriores à da celebração do respectivo contrato, só poderá ser realizada com a garantia do recolhimento aos cofres do IPAJM da taxa de juros, taxa de administração para cobertura dos serviços oriundos da transação e, ainda, para compensar a desvalorização da moeda.
§1º – As taxas serão cobradas nas datas de assinatura dos contratos, se a curto prazo, ou parceladamente nos vencimentos dos pagamentos creditados ao Instituto pelos contratos a médio e a longo prazo, cabendo à análise atuarial determinar a forma de cobrança mais adequada a cada caso, assim como as fórmulas dimensionadoras do valor dessas taxas, face à avaliação dos custos administrativos, depreciação monetária e demais parâmetros intervenientes na solvabilidade econômico-financeira da Instituição.
§2º – Serão nulos de pleno direito os atos que violarem os preceitos deste artigo, sujeitos os seus autores às sanções na legislação cabível.

TÍTULO VI
DA GESTÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA

Art. 54 – O exercício financeiro coincidirá com o ano civil e a contabilidade obedecerá, no que couber, às normas gerais do Código de Administração Financeira do Estado.

Art. 55 – O plano de contas e o processo de escrituração serão estabelecidos em instruções do Diretor Presidente do IPAJM, ouvido o Órgão contábil da Autarquia.

Art. 56 – Sem prejuízos das normas a que alude o art. 54, a contabilidade do IPAJM evidenciará:
I – receita e despesa de previdência;
II – receita e despesa de assistência;
III – receita e despesa de administração;
IV – receita e despesa de investimentos.

Art. 57 – A proposta orçamentária para o exercício deverá ser submetida pelo Diretor Presidente do IPAJM ao Conselho Deliberativo, até 15 de outubro do exercício precedente.
Parágrafo único – O balanço geral com a apuração do resultado do exercício, deverá ser apresentado pelo Diretor Presidente do IPAJM ao Tribunal de Contas, até 31 de março do ano seguinte:

Art. 58 – Sob a denominação de reservas técnicas, o balanço geral consignará:
I – as reservas matemáticas do plano previdenciário;
II – as reservas matemáticas dos pecúlios facultativos e planos de poupança;
III – as reservas de contingência ou o déficit técnico.
§1º – As reservas matemáticas do plano previdenciário constituem os valores, nos términos dos exercícios, dos compromissos assumidos pelo IPAJM, relativamente aos beneficiários em gozo de prestações.
§2º – As reservas matemáticas dos pecúlios facultativos e planos de poupança representam o excesso do valor dos compromissos assumidos pelo IPAJM, nessas operações, sobre o valor dos compromissos assumidos pelos segurados abrangidos.
§3º – As reservas de contingência ou déficit técnico, representam, respectivamente, o excesso ou a deficiência de cobertura no ativo das reservas matemáticas.

Art. 59 – No orçamento anual do IPAJM, as despesas líquidas de administração e as do plano assistencial serão estabelecidas em percentuais relativos, às receitas aludidas nos incisos I a III do art. 44, através de plano atuarial, por instrução de serviço do Diretor Presidente.

PARTE SEGUNDA

TÍTULO I
DA ADMINISTRAÇÃO DO IPAJM

CAPÍTULO I
Da Organização da Administração

Art. 60 – A organização do IPAJM compreenderá:
I – Órgão de Deliberação Coletiva:
a) Conselho Deliberativo;
II – Órgão Executivo:

a) Diretor Presidente;
b) Diretor Superintendente;
c) Diretor Técnico.
III – Órgãos de Assessoramento:
a) Gabinete;
b) Assessoria Jurídica;
c) Coordenadoria de Previdência e Assistência;
d) Assistência Previdenciária;
IV – Órgãos Administrativos;
V – Órgãos de Apoio Administrativo.

Art. 61 – Integram o Conselho Deliberativo do IPAJM:
a) Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, na qualidade de seu Presidente;
b) Diretor Presidente do IPAJM;
c) um representante da Assembléia Legislativa;
d) um representante do Tribunal de Justiça;
e) um representante da Procuradoria Geral da Justiça;
f) um representante da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos;
g) um representante da Secretaria de Estado da Fazenda;
h) um representante da Secretaria de Estado da Educação e Cultura;
i) um representante da Polícia Militar.
§1º – Os Membros (Titulares e Suplentes) do Conselho Deliberativo, à exceção de seu Presidente e do Diretor Presidente do IPAJM, serão indicados por lista tríplice ao Governador do Estado pelos órgãos e/ou entidades representadas.
§2º – O Conselho Deliberativo terá uma secretaria para prestação de serviços de natureza auxiliar, necessários ao seu funcionamento, e sua organização será estabelecida por resolução do Conselho.

Art. 62 – O mandato dos Membros do Conselho será de 2 anos, facultada a recondução.
§1º – Perderá o mandato, o integrante do Conselho que, por mais de duas vezes no mesmo ano, perder o direito a percepção de gratificação de presença em decorrência do disposto no §4º do art. 63.
§2º – Perderá igualmente o mandato o membro que faltar a três reuniões consecutivas ou cinco alternadas, sem justificativa, durante o período designado.

Art. 63 – O Conselho Deliberativo reunir-se-á, ordinariamente duas vezes por mês e, uma vez extraordinariamente quando necessário ou solicitado por qualquer de seus membros, mediante convocação do Presidente, sempre com a maioria dos seus membros.
§1º – Das reuniões do Conselho Deliberativo, lavrar-se-á ata com o resumo dos assuntos e deliberações, sendo estas tomadas por maioria absoluta dos membros.
§2º – O Presidente do Conselho, além do voto pessoal, terá o desempate.
§3º – Os membros do Conselho Deliberativo e seu Secretário, perceberão gratificação no valor fixado na legislação vigente.
§4º – O membro que designado relator de qualquer processo, que se retirar de pauta por mais de duas reuniões, perderá o direito à percepção da gratificação que se refere o parágrafo anterior.

Art. 64 – Ao Conselho Deliberativo compete:
I – aprovar, com as alterações julgadas convenientes, a proposta orçamentária encaminhada pelo Diretor Presidente do IPAJM, nos termos do art. 57.
II – acompanhar, mensalmente, a execução orçamentária e proceder à tomada de contas, através dos balancetes apresentados pela Administração.
III – apreciar, até 25 de fevereiro do ano seguinte, o Balanço Geral e a demonstração da execução orçamentária.
IV – autorizar o Diretor a alienar bens patrimoniais, nos termos do §3º do art. 52.
V – autorizar, quando solicitado pelo Diretor Presidente, a abertura de créditos adicionais, bem como as transposições de verbas dentro das dotações globais aprovadas;
VI – aprovar novos planos de seguros, pecúlios e poupanças, atuarialmente estruturados, ou qualquer outra prestação que vier a ser instituída;
VII – aprovar, com as modificações julgadas convenientes, as propostas do Diretor Presidente sobre o quadro, os vencimentos e o regime jurídico do pessoal do Instituto, bem como suas alterações, submetendo-as à homologação do Governador do Estado;
VIII – autorizar a aquisição de bens imóveis e aplicação imobiliária;
IX – sugerir à Presidência as medidas que julgar de interesse da administração do Instituto;
X – deliberar sobre quaisquer assuntos que lhe forem submetidos pelo Diretor Presidente;
XI – julgar os recursos dos atos da Presidência do Instituto, quando interpostos dentro do prazo de 30 (trinta) dias;
XII – deliberar sobre os casos omissos.

Art. 65 – A competência dos demais órgãos previstos no art. 60, será fixada pelo Conselho Deliberativo.

TÍTULO II
DISPOSIÇÕES FINAIS

CAPÍTULO ÚNICO
Disposições Gerais e Transitórias

Art. 66 – O IPAJM goza de todas as prerrogativas legais asseguradas ao Serviço Público do Estado, inclusive isenção de custas judiciais.
§1º – Os créditos do Instituto constituem dívida ativa considerada líquida e certa quando estejam devidamente inscritas em livro próprio, com observância dos requisitos exigidos na legislação adotada pelo Estado para o mesmo fim.
§2º – As operações realizadas entre o IPAJM e seus segurados são isentas de impostos, taxas e emolumentos devidos ao Estado, inclusive o de transmissão de propriedade para o imóvel destinado à residência do segurado, desde que não seja este possuidor de outro.

Art. 67 – Será automaticamente vedada a concessão de qualquer prestação não iniciada, aos servidores dos municípios do Estado e seus dependentes, sempre que as respectivas Prefeituras, se atrasarem por mais de 6 meses no recolhimento dos pagamentos devidos ao IPAJM, por força dos convênios referidos no art. 5º.

Art. 68 – O direito à prestação de caráter previdenciário e assistencial não prescreverá, mas prescreverá em 5 anos o direito ao recebimento do pecúlio e das prestações mensais das pensões e, ou auxílio reclusão, a contar do mês em que se tornarem devidas.
§1º – Prescreverá no prazo de 24 meses o direito que for objeto de processo paralisado e, pelo mesmo prazo, por falta de atendimento à exigência, a partir da ciência pessoal do interessado ou por edital publicado em órgão de imprensa oficial do Estado e em um dos jornais de circulação da Capital do Estado.
§2º – Não corre prescrição contra menores, incapazes e ausentes na forma da Lei.

Art. 69 – Far-se-á divulgação pela imprensa, ou em publicação especial, dos atos ou fatos de interesse geral dos segurados.
§1º – A ciência de decisões de interesse particular de um ou mais contribuintes, far-se-á pelo órgão oficial do Estado, ou mediante notificação pessoal, por termo no respectivo processo, ou registro postal com aviso de recebimento.
§2º – É expressamente vedada a divulgação ou publicação de caráter personalístico.

Art. 70 – O IPAJM tem como patrono o ex-presidente do Estado do Espírito Santo, Dr. Jerônimo Monteiro.

Art. 71 – A partir da data da vigência deste Regulamento, o Conselho Deliberativo aprovará:
I – no prazo de 30 dias os planos de amortização e os encargos incidentes sobre os empréstimos a que se refere o art. 23, incisos I a IV;
II – no prazo de 180 dias os planos de amortização e encargos dos empréstimos imobiliários a que se refere o mesmo art. 23, inciso V.

Art. 72 – As aposentadorias e disponibilidades dos funcionários do IPAJM serão concedidas e mantidas pelo próprio Instituto, correndo as respectivas despesas por dotações de seu orçamento.

Art. 73 – Continuarão a correr pelas dotações próprias do orçamento do Estado, as aposentadorias, disponibilidades, pensões especiais e reserva remunerada, concedidas a qualquer título, por força de legislação anterior à Lei nº 4.006, de 17.12.1987 e do presente Regulamento.

Art. 74 – Considera-se equivalente à denominação anterior, de Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, e a estabelecida na Lei nº 4.006/1987, e neste Regulamento para efeitos de Leis, Decretos, convênios, contrato, termos de ajustes e para questões operacionais, relativas ao uso de papéis, documentos, carimbos e outras marcas oficiais.

Art. 75 – Considerar-se-á extinta na data da vigência deste Regulamento a política de seguridade social instituída pelo Decreto nº 525-N, de 08.07.1974, que regulamentou a Lei nº 2.562, de 01.02.1971.

Art. 76 – O 13º salário será pago aos dependentes do segurado falecido, na data do óbito do instituidor da pensão.
Parágrafo único – A prestação a que se refere este artigo equivale a um mês de pensão e será rateada entre os beneficiários do segurado da mesma forma que esta.

Art. 77 – As pensões por morte devidas aos dependentes dos servidores civis e militares, que se encontrarem com os seus valores defasados em relação aos salários de contribuição que hoje receberiam os seus instituidores, ficam reajustadas em valor equivalente ao devido aos dependentes dos atuais ocupantes dos cargos respectivos excluídas as vantagens pessoais.

Art. 78 – O Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Fazenda – SEFA, repassará, integralmente, ao IPAJM os valores relativos ao 13º salário e aos encargos adicionais que advirão do reajuste previsto no artigo anterior.

Art. 79 – Este Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

DECRETO Nº 2.728-N, de 06.12.1988

Regulamenta a Lei nº 4.100/1988, que institui a obrigatoriedade da declaração de bens pelo servidor público estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o inciso IV, art. 71, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 5º, da Lei nº 4.100/1988, decreta:

Art. 1º – Para os efeitos do disposto no art. 1º da Lei 4.100/1988, os servidores da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual apresentarão, como documento obrigatório para a admissão ou posse, dispensa ou exoneração, a declaração atualizada dos bens e valores que integram o seu patrimônio.
Parágrafo único – As declarações de bens e valores de que trata este artigo serão recebidas pelo órgão responsável pela administração de pessoal e integrarão o dossiê funcional do servidor, ficando à disposição da Administração Estadual para a verificação e análise da situação patrimonial do servidor, sempre que julgado necessário ou conveniente.

Art. 2º – Sem prejuízo de outras comunicações legais aplicáveis, a falta de declaração inicial, pelo servidor impedirá a posse ou admissão, enquanto que a ausência da declaração final, na ocasião prevista no art. 1º deste Decreto, impossibilitará o exercício de qualquer outra função pública no âmbito da Administração Estadual, enquanto não for cumprida a exigência legal.

Art. 3º – Ficam obrigados a apresentar, anualmente, até o dia 31 de maio, a declaração de bens instituída pela Lei 4.100/1988, perante a Secretaria de Administração e dos Recursos Humanos:

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 4.210-N, de 08.01.1998*

a) os Secretários e Subsecretários de Estado e os titulares de órgãos de hierarquia equivalente;
b) os dirigentes de órgãos de regime especial;
c) os dirigentes, bem como os servidores estaduais investidos em funções de membros de Conselhos Fiscais e de Administração, das entidades da Administração Indireta do Poder Executivo Estadual;
d) os funcionários integrantes do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização;
e) os servidores que forem designados para compor comissões de licitação ao âmbito da Administração Direta e das Autarquias;
f) os funcionários do Grupo Ocupacional – Polícia Civil;
g) os servidores que estiverem no exercício de cargos de Caixa e Tesoureiro, nas Autarquias, Empresas Públicas e sociedade de Economia Mista;
h) os servidores designados para compor comissões de avaliação de bens móveis e imóveis, no âmbito da Administração Direta e Indireta.
i) os responsáveis pelos almoxarifados dos Órgãos da Administração Direta e Indireta;
§1º – Excepcionalmente, será adotado o prazo de até o dia 30 de dezembro para que os servidores relacionados neste artigo apresentem à Auditoria Geral do Estado as declarações de bens relativas ao exercício de 1988.
§2º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, encaminhará à Auditoria Geral do Estado, até o dia 20 de dezembro do corrente ano, relação

dos ocupantes dos cargos referidos nas letras "a", "b", "d" e "f".
§3º – Os Secretários de Estado, os Dirigentes de Órgãos de Regime Especial e da Administração Indireta encaminharão à Auditoria Geral do Estado, até o dia 20 de dezembro do corrente ano, a relação dos servidores indicados nas letras "c", "e", "g", "h" e "i".

Art. 4º – O não cumprimento pelo servidor das disposições contidas no artigo anterior, importará a suspensão de pagamento dos vencimentos, salários ou honorários, até que seja atendida a exigência legal, sem prejuízo da adoção de outras cominações legais.

Art. 5º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos adotará os procedimentos e meios administrativos necessários à implantação das medidas decorrentes das disposições constantes deste Decreto podendo, para tanto, baixar instruções e normas.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 4.210-N, de 08.01.1998*

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de outubro de 1988.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 07.12.1988)

DECRETO Nº 2.770-N, de 09.03.1989

Regulamenta a investidura em cargo ou emprego público

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – A investidura em cargo ou emprego público, nos órgãos da Administração Direta ou Indireta do Estado dependerá de prévia aprovação em concurso público de provas ou de títulos.
Parágrafo único – Excetua-se do disposto neste artigo a admissão de pessoal para provimento de cargos comissionados e funções de confiança, de livre nomeação e exoneração.

Art. 2º – O concurso público a que se refere o *caput* do artigo anterior obedecerá a normas regulamentares e instruções específicas.
Parágrafo único – Os concursos públicos poderão ser de abrangência estadual, regionalizados ou localizados de acordo com a necessidade, aferida pelos serviços inerentes a cada cargo.

Art. 3º – Os Regulamentos dos concursos públicos conterão, obrigatoriamente, entre outras, as seguintes normas:
I – forma-se de duplicidade;
II – prazo mínimo para inscrição do candidato;
III – as condições de habilitação final dos candidatos;
IV – os recursos que serão admitidos;
V – prazo de validade;
VI – os critérios de desempate na classificação dos candidatos;
VII – formas de fiscalização.

Art. 4º – As instruções específicas deverão conter, entre outros, os seguintes elementos:
I – denominação e descrição sumária das atribuições do cargo ou emprego;
II – requisitos do cargo ou emprego;
III – número de vagas;
IV – valor do vencimento ou salário, na data da abertura do concurso;
V – tipos de provas a serem aplicadas, discriminando as disciplinas, programas e bibliografias, se for o caso;
VI – dia, hora e local das inscrições e das provas;
VII – valor da taxa de inscrição e local de seu recolhimento;
VIII – composição da banca examinadora.

Art. 5º – Os concursos públicos poderão ser acompanhados pelos conselhos e associações de classe.
Parágrafo único – Em qualquer hipótese, os concursos públicos serão acompanhados por representantes da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR – e da Auditoria Geral do Estado.

Art. 6º – Os órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual remeterão à Secretaria de Estado de Administração e dos Recursos Humanos – SEAR – a listagem de cargos e funções ou empregos vagos existentes e a programação anual de admissão de pessoal.
§1º – Com base na programação existente, a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, estudará a forma de compatibilização dos concursos públicos, visando o provimento de cargos, funções ou empregos iguais ou assemelhados existentes nos diversos órgãos.
§2º – Os órgãos da Administração Indireta encaminharão à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, os Regulamentos e instruções que editarem.

Art. 7º – Dependerá de prévia autorização do Governador do Estado a realização de concurso público.

Art. 8º – A execução do concurso público mencionado neste Decreto, no todo ou em parte, poderá ser transferido para instituição pública ou particular, através de convênio ou contrato de prestação de serviços.

Art. 9º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 09 de março de 1989.

MAX FREITAS MAURO

Governador do Estado

(D.O.E. 10.03.1989)

DECRETO Nº 4.889-E, de 05.09.1991

Institui o Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, que integra as atividades de prevenção, fiscalização e repressão ao tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica, bem como as atividades de recuperação de dependentes.
§1º – Compõem o Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes todos os órgãos

e entidades da administração pública e entidades privadas que exerçam as atividades referidas neste artigo.
§2º – À Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania compete exercer as funções de Órgão Central do Sistema instituído por este Decreto, através do Conselho Estadual de Entorpecentes do Espírito Santo – CONEN/ES.

Art. 2º – São objetivos do Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes:
I – formular a política estadual de entorpecentes, em obediência às diretrizes do Conselho Federal de Entorpecentes, compatibilizar planos estaduais com os planos nacionais e municipais, bem como fiscalizar a respectiva execução;
II – estabelecer prioridades entre as atividades do Sistema através de critérios técnicos, econômicos e administrativos fixados pelo Conselho Federal de Entorpecentes, tendo em vista as necessidades e peculiaridades regionais próprias;
III – modernizar a estrutura e o procedimento da administração nas áreas de prevenção, fiscalização e repressão, buscando seu constante aperfeiçoamento e eficácia;
IV – estabelecer fluxos contínuos e permanentes de informações entre seus órgãos, bem como entre o Órgão Central do Sistema Estadual, o Conselho Federal de Entorpecentes, os Conselhos Municipais e as Entidades Privadas, a fim de facilitar os processos de planejamento e decisão;
V – estimular pesquisas, visando ao aperfeiçoamento do controle e fiscalização do tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem, dependência física e/ou psíquica;
VI – promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de ensinamentos referentes a substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica nos cursos de formação de professores a fim de que possam ser transmitidos com base em princípios científicos;
VII – promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de itens específicos nos currículos do ensino de primeiro grau na área de ciências, com a finalidade de esclarecer os alunos quanto à natureza e efeitos das substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica.

Art. 3º – O Sistema Estadual de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes compreende:
I – o Conselho Estadual de Entorpecentes, como gestor do Órgão Central do Sistema;
II – os órgãos de Vigilância Sanitária e de Assistência Hospitalar da Secretaria de Estado da Saúde;
III – os órgãos de Repressão a Entorpecentes da Secretaria de Estado da Segurança Pública e da Polícia Federal;

- *No*va redação pelo Decreto n] 4.088-N, de 14.02.1997

IV – o Conselho Estadual de Educação;
V – o Departamento de Reintegração Social e o Instituto Espírito-santense do Bem-Estar do Menor, da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania;
VI – o Colégio de Presidentes dos Conselhos Municipais de Entorpecentes;
VII – a representação de entidades privadas.
§1º – Os órgãos mencionados nos itens II e seguintes ficam sujeitos à orientação normativa e supervisão técnica do Conselho Estadual de Entorpecentes, no que tange às atividades disciplinares pelo Sistema, sem prejuízo da subordinação administrativa aos órgãos em cujas estruturas estiverem integrados.
§2º – Incumbe ao gestor do Órgão Central mencionado no inciso I deste artigo, integrar ao Sistema os órgãos federais, estaduais, municipais e entidades privadas que exerçam atividades concernentes à prevenção, fiscalização e repressão de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física e/ou psíquica, bem como àqueles que se ocupem de tratamentos de drogaditos.

Art. 4º – Compete ao Conselho Estadual de Entorpecentes propor a política estadual de entorpecentes, elaborar planos, exercer orientação normativa, coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização das atividades relacionadas com o tráfico e uso de entorpecentes e de substâncias que determinem dependência física e/ou psíquica, bem como exercer outras funções, tudo em concordância com os objetivos definidos no art. 2º.

Art. 5º – O Conselho Estadual de Entorpecentes é constituído com os membros a seguir relacionados, indicados pelo Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania e designado de acordo com o Decreto Governamental:
I – 01 representante da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania;
II – 02 representantes da Secretaria de Estado da Segurança Pública, compreendendo um Oficial Superior da Polícia Militar e um Delegado de 3ª Categoria ou Especial da Polícia Civil do Estado;
III – 01 representante da Secretaria de Estado da Educação e Cultura;
IV – 01 representante da Secretaria de Estado da Saúde;
V – 01 representante do Ministério Público;
VI – 01 representante do Colégio de Presidente dos Conselhos Municipais de Entorpecentes;
VII – 01 representante dos Psicólogos que, preferentemente atue na área de auxílio e prevenção de entorpecentes, indicado pelo Sindicato de Psicólogos;
VIII – 01 médico psiquiatra com atuação na área de entorpecentes, indicado pelo Conselho Regional de Medicina, através da sociedade de psiquiatria;
IX – 01 jurista de comprovada experiência em assuntos de entorpecentes, indicado pela Ordem dos Advogados do Brasil do Espírito Santo;
X – 01 representante das Associações de Moradores, indicado pelas Federações de Moradores, através de fórum interno dessas federações;
XI – 01 representante da Associação de Prefeitos e Vereadores do Espírito Santo – APREVES;
XII – 01 representante das Entidades Privadas que se ocupam das atividades de tratamento e prevenção ao uso indevido das substâncias entorpecentes indicado através de assembléia geral realizada pelas entidades com tal objetivo;
XIII – 01 representante da Polícia Federal.

- *Nova redação pelo Decreto nº 4.088-N, de 14.02.1997*

§1º – O Conselho será presidido por um de seus membros, escolhido através de eleição dos conselheiros e nomeado pelo Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania.
§2º – O vice-presidente será escolhido pelos seus pares através de eleição secreta.
§3º – Cada membro do Conselho terá um representante, indicado e designado da mesma forma que o respectivo titular.
§4º – Na hipótese de renúncia ou impedimento do membro titular, assumirá o suplente e/ou substituto para completar o mandato.
§5º – O Presidente do Conselho requisitará servidores da Administração Pública para implementação e

funcionamento do Sistema, com anuência do Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 6º – O Presidente do Conselho deverá ser colocado à disposição do mesmo, por ser essa atividade de relevante serviço público, através de ato oficial do Governador do Estado.
Parágrafo único – Na hipótese do eleito presidente ser funcionário público estadual, será imediatamente posto à disposição da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 7º – Os membros do Conselho e respectivos suplentes, indicados nos incisos I, II, III, IV, VII, VIII e IX, deverão ter o mandato de 02 (dois) anos.
Parágrafo único – Os titulares e suplentes indicados nos incisos V, VI, X, XI e XII, iniciarão com mandatos de 01 (um) ano.

Art. 8º – As funções de membros do Conselho Estadual de Entorpecentes são consideradas de relevante interesse social e o seu exercício tem prioridade sobre o de quaisquer cargos/funções públicos de que sejam titulares os Conselheiros.

Art. 9º – O Conselheiro Estadual de Entorpecentes contará com um secretário executivo, indicado pelo seu Presidente e designado – pelo Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania.
Parágrafo único – O Cargo de que trata o presente artigo, deverá constar na estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, devendo seu titular ficar a inteira disposição dos trabalhos do Conselho.

Art. 10 – Fica incluído como órgão de deliberação coletiva, a nível A, inciso I, do art. 2º do decreto 1.992-E, de 06.06.1980, na estrutura da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, o Conselho Estadual de Entorpecentes, que terá sua competência desdobrada e suas condições de funcionamento determinadas em Regimento Interno elaborado pelo Plenário e homologado por ato do Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 11 – As decisões do Conselho Estadual de Entorpecentes, deverão ser cumpridas pelos órgãos da administração estadual integrantes do Sistema, sob pena de responsabilidade de seus dirigentes.
Parágrafo único – Quando o descumprimento for praticado por autoridade municipal, o Conselho comunicará o fato à autoridade competente, para os fins previstos neste artigo.

Art. 12 – As despesas com manutenção do Conselho Estadual de Entorpecentes correrão à conta de dotação orçamentária específica destinada às suas atividades vinculada ao orçamento da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 13 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas às disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de setembro de 1991.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 09.09.1991)

DECRETO Nº 3.238-N, de 04.10.1991

Altera o Decreto nº 2.978/1968

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tenda em vista o que consta do processo nº 1.661/1991, da Casa Civil, decreta:

Art. 1º – Os art. 38 e 39 e seu Parágrafo único, do Decreto nº 2.978, de 27.12.1968, alterado pelos Decretos de números 1.460-N, de 2.10.1980, 2.011-N, de 27.03.1985 e 2.224-N, de 05.02.1986, passam a viger com a seguinte redação:
"Art. 38 – A contribuição mensal será calculada a base de 04% (quatro por cento) sobre o soldo do posto ou graduação que o contribuinte estiver percebendo.
§1º – Considera-se, para fins de contribuição do Coronel PM da Inatividade, o valor do soldo de Coronel PM da Ativa.
§2º – O Comandante Geral da PMES, quando não pertencente originariamente aos Quadros da Corporação, terá a contribuição mensal calculada a base de 2% sobre o soldo do posto de Coronel PM, ficando dispensado do pagamento da jóia a que alude o art. 36, e deixará um pecúlio correspondente à metade do valor fixado no art. 39."
"Art. 39 – O contribuinte da Caixa, após a primeira contribuição, deixará, por morte, um pecúlio igual a 30 soldos do respectivo posto ou graduação.
Parágrafo único – O pecúlio de que trata este artigo poderá ser resgatado, a requerimento do contribuinte, até o percentual de 25% de seu valor integral, com base no soldo vigente à data da concessão, só podendo habilitar-se ao resgate o contribuinte da Caixa com mais de 30 anos de contribuições, sendo que este direito não poderá ser exercido por mais de uma vez, ainda que a título de comp1ementação, no caso de majoração de soldo".

Art. 2º – A regulamentação do art. 39 e seu parágrafo único será feita, no prazo de 60 dias, através de Resolução do Conselho Deliberativo Fiscal da Caixa.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de outubro de 1991.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 07.10.1991)

DECRETO Nº 3.268-N, de 06.12.1991

Altera do Decreto nº 666/1964

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – O inciso I da letra "d" do art. 32, o parágrafo único do art. 35, as letras "b" do inciso I e "a" do inciso II do art. 40, do Decreto nº 666, já com nova redação pelo art. 1º do Decreto nº 2.154-N, de 08.10.1985, passam a viger com a seguinte redação:
"Art. 32 – (…)

d) (…)
I – Medalha de tempo de serviço 01, 02 e 03 pontos, correspondendo, respectivamente, a 10, 20 e 30 anos de serviço;"
"Art. 35 – (…)
Parágrafo único – A Comissão de Promoções de Praças (CPP) é designada pelo Comandante Geral da Polícia Militar e se constituirá de:
a) Presidente:
01 Oficial Superior;
b) Membros:
04 Capitães PM;
02 Primeiros Tenentes PM.
c) Secretário:
01 Tenente PM, sem direito a voto
d) Auxiliar de Secretaria:
01 Sargento PM".
"Art. 40 – (…)
I – (…)
b) possua 20 anos ou mais de efetivo serviço.
II – (…)
a) possua, o Soldado PM, 15 anos ou mais de efetivo serviço."

Art. 2º – Revogado.

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº 3.678-N, de 13.04.1994*

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de dezembro de 1991.

ALBUÍNO CUNHA AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1991)

DECRETO Nº 3.317-N, de 24.02.1992

Reorganiza a Polícia Militar do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto no art. 56 da Lei Complementar nº 3.044 de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – A Polícia Militar do Espírito Santo fica reorganizada nos termos deste Decreto.

Art. 2º – São órgãos de Direção Geral que compõem o Comando Geral da Corporação:

- *Nova redação dada pelo art. 3º do Decreto nº 4.328-N, de 29.08.1998*

a) o Comandante-Geral (Cmt Geral);
b) o Estado-Maior Geral (EMG);
c) a Ajudância Geral (Aj. Geral);
d) a Corregedoria (Correg);
e) as Comissões (Comis);
t) as Assessorias (Asses); e
g) as Assistências (Assist).
§1º – A Corregedoria é o órgão de direção geral encarregado de planejar, coordenar, executar, fiscalizar e controlar os trabalhos e os processos administrativos na área disciplinar e penal, referentes a atos e fatos envolvendo a participação de policiais militares, visando assegurar a disciplina e a apuração de infrações penais no âmbito da PMES.
§2º – As Assistências destinam-se a assistir à autoridade policial militar à qual estejam subordinadas, analisando e preparando documentos, relatórios e informações nos processos de interesse da autoridade.

Art. 3º – São órgãos de Direção Setorial:

- *Nova redação dada pelo art. 3º do Decreto nº4.328-N, de 28.08.1998*

a) a Diretoria de Pessoal (DP);
b) a Diretoria de Finanças (DF);
c) a Diretoria de Apoio Logístico (DAL);
d) a Diretoria de Saúde (DS);
e) a Diretoria de Ensino e Instrução;

- *Nova redação dada pelo art. 3ºdo Decreto nº 770,de –E, de 10.07.01*

f) a Diretoria de Promoção Social (DPS); e
g) a Diretoria de Inteligência (DInt).
h) a Diretoria de Informática (Dinfo)

- *Acrescido pelo art. 3º do Decreto nº548-R, de 02.01.01*

Parágrafo único – A Diretoria de Informática (Dinfo) é o órgão de direção setorial do sistema de informática da PMES, incumbindo-lhe o planejamento, execução, coordenação, controle e fiscalização das atividades de informática de interesse da Corporação.

- *Acrescido pelo art. 3º do Decreto nº548-R, de 02.01.01*

Art. 4º – São órgãos de apoio de Direção Geral e Setorial:

- *Acrescido pelo art. 3º do Decreto nº548-R, de 02.01.01*

a) de Pessoal – o Grupo Auxiliar Administrativo e de Recursos Humanos (GA/GDRS);
b) de Finanças – o Grupo Auxiliar Financeiro (GAF);
e) de Apoio Logístico – a Central de Apoio Material (CAM);
d) de Saúde – o Centro de Apoio Administrativo (CAA), a Policlínica, o Hospital da Polícia Militar (HPM), O Centro Odontológico e o Centro FármacoBioquímico;
e) de Ensino – o Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA);
f) de Promoção Social – o Centro de Promoção Social (CPS),
g) de Planejamento e Orçamento – o Grupo Auxiliar de Planejamento e Orçamento (GA/GPO); e
h) de Comunicação Social – o Centro de Comunicação Social.
§1º – O órgão de apoio de Direção Setorial de Ensino terá sua sede em Santana, Município de Cariacica.
§2º– Os demais órgãos de apoio de Direção Geral e Setorial previstos neste artigo, terão suas sedes localizadas no Município de Vitória.
Art. 5º - Os Comandos de Polícia Ostensiva são os escalões intermediários de comando e compreendem:

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº 728-E, de 31.05.01.*

I – O Comando de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM), com sede no Município de Vitória;
II – O Comando de Polícia Ostensiva Norte (CPON), com sede no Município de Colatina;
III – O Comando de Polícia Ostensiva Sul (CPOS), com sede no Município de Cachoeiro de Itapemirim;

§1º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM):
a) o Primeiro Batalhão de Polícia Militar (1º BPM), com sede no Município de Vitória;
b) o Quarto Batalhão de Polícia Militar (4º BPM), com sede no Município de Vila Velha;
c) o Sexto Batalhão de Polícia Militar (6º BPM), com sede no Município da Serra;
d) o Sétimo Batalhão de Polícia Militar (7º BPM), com sede no Município de Vila Velha;
e) o Décimo Batalhão de Polícia Militar (10º BPM), com sede no Município de Guarapari;
f) o Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv), com sede no Município de Vitória;
g) o Batalhão de Missões Especiais (BME), com sede no Município de Vitória;
h) o Regimento de Polícia Montada (RPMont), com sede no Município da Serra;
i) A Companhia de Polícia Ambiental (RPMont), com sede no Município de Cariacica;
j) A Companhia de Polícia de Guarda (Cia P Gd), com sede no Município de Vitória; tendo a seu cargo as missões de segurança do Governador e guarda do Palácio Anchieta e Residências Oficiais do Governo do Estado;

- *Nova redação dada pelo Decreto nº728-R, de 31.05.01*

§2º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Norte (CPON):

- *Acrescido pelo Decreto nº 728-R, de 31.05.01 e modificado pelo art. 3º do Decreto nº 1.049-R, de 02.07.02*

a) o Segundo Batalhão de Polícia Militar (2º BPM), com sede no Município de Nova Venécia;
b) o Quinto Batalhão de Polícia Militar (5º BPM), com sede no Município de Aracruz;
c) o Oitavo Batalhão de Polícia Militar (8º BPM.) , com sede no Município de Colatina;
d) O Décimo Primeiro Batalhão de Polícia Militar (11º BPM), com sede no Município de Barra de São Francisco;
e) a Terceira Companhia Independente de Policia Militar (3ª Cia Ind.), com sede no Município de Linhares;
f) a Quinta Companhia Independente de Policia Militar (5ª Cia Ind.), com sede no Município de São Mateus;
g) A Oitava Companhia Independente da Polícia Militar (8ª Cia Ind), com sede no Município de Santa Tereza.
§3º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Sul (CPOS):

- *Acrescido pelo Decreto nº 128-R, de 31.05.01*

a) o Terceiro Batalhão de Polícia Militar (3º BPM.), com sede no Município de Alegre;
b) o Nono Batalhão de Polícia Militar (9º BPM), com sede no Município de Cachoeiro de Itapemirim;
c) A Segunda Companhia Independente de Polícia Militar (2ª Cia Ind), com sede no Município de Afonso Cláudio;
d) A Sexta Companhia Independente da Polícia Militar (6ª Cia Ind), com sede no Município de Domingos Martins;

- *Inserido pelo art. 4º do Decreto nº 1.049-R, de 02.07.02*

e) A Sétima Companhia independente de Polícia Militar (7ª Cia Ind), com sede no Município de Iúna.

- *Inserido pelo art. 4º do Decreto nº 1.049-R, de 02.07.02*

Art. 6º – Compete ao Comandante Geral da Polícia Militar definir o dispositivo operacional de cada OPM e atribuir área de responsabilidade de cada unidade operacional, ouvido o Estado-Maior do Exército.

Art. 7º – É da competência do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv) a polícia ostensiva de trânsito rodoviário e urbano nos Municípios que compõem a Grande Vitória e nas rodovias administradas pelo Estado.

- *Nova redação dada pelo art 4º do Decreto nº548-R, de 02.01.01*

§1º – Nos demais municípios é de competência das Unidades e Subunidades Independentes a polícia ostensiva de trânsito urbano, no âmbito de suas circunscrições.
§2º – A polícia ostensiva de trânsito, nas rodovias administradas pelo Estado, é da competência da companhia de Polícia Rodoviária (Cia P Rv).
§3º – Enquanto não houver total implantação da Companhia de Polícia Rodoviária (CiaPRv), o policiamento de trânsito nas rodovias estadual, será efetuado pelas Unidades e Subunidades Independentes da Polícia Militar.

- *Nova redação dada pelo art. 3º do Decreto nº4.135-N, de 03.06.1997*

Parágrafo único – Nas localidades em que não houver efetiva implantação de fração do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv), o policiamento de trânsito rodoviário nas rodovias administradas pelo Estado será efetuado pelas Unidades e Subunidades independentes da Polícia Militar com circunscrição sobre a área.

- *Nova redação dada pelo art 4º do Decreto nº548-R, de 02.01.01*

Art. 8º – Ficam criadas a Diretoria de Promoção Social (DPS), a Escola de Formação de Oficiais (EsFO), o Centro de Promoção Social (CPS), o Colégio Militar da Polícia Militar (CMPM) e o Comando de Polícia Ostensivo (CPO).
Parágrafo único – O Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) passa a denominar-se Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA), compreendendo:
a) Escola de Formação de Oficiais (EsFO);
b) Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (EsFAP).

Art. 9º – Os Comandos de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM), Norte (CPON) e Sul (CPOS) são os órgãos responsáveis, perante o Comandante Geral, no que compete a Polícia Militar, pela polícia ostensiva e pela preservação da ordem pública, dentro de suas respectivas áreas de circunscrição, competindo-lhes o planejamento, comando, coordenação, fiscalização e controle operacional dos órgãos e unidades subordinadas.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 728-R, de 31.05.01*

Parágrafo único – Revogado.

- *Revogado pelo art. 2ºdo Decreto n º 3.666-N, de 17.03.1994*

Art. 10 – A Diretoria de Ensino e Instrução é o órgão responsável, perante o Comandante Geral, pelo planejamento, coordenação, fiscalização e controle das atividades do sistema de ensino e Instrução da Polícia Militar.

- *Nova redação dada pelo art. 3º do Decreto nº 770-R, de 10.07.01*

Art. 11 – A Diretoria de Inteligência (Dint.), é o órgão de direção setorial do sistema de inteligência da PMES, incumbindo-lhe o planejamento, execução, controle e fiscalização das atividades de inteligência de interesse da Corporação.

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº3.666-N, de 17.*03.1994, e revigorado pelo art. 4º do Decreto nº4.328-N, de 28.08.1998

Art. 12 – A Diretoria de Promoção Social (DPS) é o órgão responsável, perante ao Comandante Geral, pelo planejamento, coordenação, controle e supervisão técnica das atividades de assistência educacional, habitacional, de lazer, desportiva e social da Polícia Militar.
Parágrafo único – A assistência social, que objetiva a proporcionar aos militares e a seus dependentes um padrão de vida compatível com suas necessidades essenciais, de forma a contribuir para a harmonia e integração da família da Polícia Militar compreende:
a) assistência jurídica;
b) assistência familiar;
c) assistência religiosa.

Art. 13 – A DPS conta com órgãos de apoio e órgãos de execução.
§1º – São órgãos de apoio:
a) o Colégio Militar da Polícia Militar (CMPM);
b) o Centro de Promoção Social (CPS).
§2º – Constituem-se órgãos de execução de Promoção Social todas as OPM pertencentes ao nível de execução da Polícia Militar.
§3º – Para o desenvolvimento de seus programas de promoção social, a DPS contará, ainda, com a colaboração dos demais órgãos de nível intermediário da Corporação.

Art. 14 – A Diretoria de Promoção Social (DPS) tem a seguinte estrutura orgânica:
a) Diretor;
b) Adjunto;
c) DPS-1 (assistência educacional);
d) DPS-2 (assistência habitacional);
e) DPS-3 (assistência de lazer e desportos);
f) DPS-4 (assistência jurídica, familiar e religiosa);
g) DPS-5 (administração).
Parágrafo único – O apoio administrativo e de pessoal à DPS e ao CPS será prestado pelas diretorias e pela Ajudância Geral da Polícia Militar.

Art. 15 – Passam a ser atribuições da Diretoria de Promoção Social e de seus órgãos de apoio e de execução as atividades e encargos relacionados com as assistências específicas desempenhadas pela Polícia Militar, especialmente as seguintes:
a) de assistência social e jurídica, desenvolvida pela Diretoria de pessoal e pela Consultoria Jurídica;
b) de assistência de ensino, a ser implantada;
c) de assistência habitacional;
d) de incremento à cultura;
e) de assistência religiosa, através do Serviço de Assistência Religiosa (SAR).

Art. 16 – O Centro de Promoção Social (CPS) tem a seguinte estrutura orgânica:
a) chefia;
b) subchefia;
c) seção de assistência educacional;
d) seção de assistência habitacional;
e) seção de assistência de lazer e desportos;
f) seção de assistência jurídica, familiar e religiosa;
g) seção administrativa.
Parágrafo único – Revogado.

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº 3.666-N, de 17.03.1994*

Art. 17 – Revogado.

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº 3.666-N, de 17.03.1994*

Art. 18 – Ficam extintos os Comandos de Policiamento Metropolitano e do Interior.

Art. 19 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 10.01.1992, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 2.711-N, de 04.10.1988, o Decreto nº 1.462, de 10.10.1980 e o Decreto nº 3.425-E, de 01.12.1980.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de fevereiro de 1992.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 27.02.1992)

DECRETO Nº 3.388-N de 06.08.1992

Institui a medalha "Primado da Saúde"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do Proc. nº 4.993.675/1992, decreta:

Art. 1º – Fica instituída na Polícia Militar do Espírito Santo, a medalha "PRIMADO DA SAÚDE", a ser conferida às personalidades e entidades civis, militares e eclesiásticas que tenham cooperado ou prestado ao Hospital da Polícia Militar do Espírito Santo, serviços considerados de excepcional relevância, ou cujas iniciativas no exercício de suas funções ou atividades profissionais, tenham contribuído com essa Instituição para atingir seus objetivos.

- *Vide Decreto nº 3.739-N, de 15.08.1994*

§1º – Poderão também ser agraciados personalidades e entidades que prestaram serviços ou ações meritórias à saúde em geral;
§2º – As personalidades e entidades às quais se refere este artigo são:
a) o cidadão brasileiro ou estrangeiro, em vida ou "post mortem";
b) autoridades civis, militares e eclesiásticas e,
c) pessoas jurídicas, órgãos públicos e autarquias.

Art. 2º – A medalha de que trata este Decreto será confeccionada em liga de cobre, esmaltada e banhada a ouro, tendo as seguintes características:
a) apresentará a forma circular com 38 mm de diâmetro, com um disco interno de 27 mm que conterá em relevo a

cruz grega vermelha com o símbolo da Medicina em relevo dourado no centro; no alto, a expressão "PRIMADO DA SAÚDE", em alto relevo dourado no centro; em baixo, da mesma maneira, a data de inauguração do HPMES também em alto relevo dourado e, entre a expressão acima e a data abaixo, também em alto relevo dourado, dois louros, um à esquerda e outro à direita da medalha simbolizando o mérito;
b) no verso, um disco interno de 32 mm, limitado por uma linha em alto relevo, dentro do qual constará em relevo parte da fachada principal do HPM e, interrompendo a linha, na parte inferior da medalha, sigla "HPMES".
c) no centro superior da medalha haverá um suporte de 4 mm de comprimento, que sustentará uma argola de seda de 10 mm de diâmetro interno, por 12 mm de diâmetro externo, ambos do mesmo metal da medalha;
d) a medalha será pendente de uma fita de gorgorão de seda de 36 mm de largura total, de 55 mm de comprimento, afinando então em bisel na extensão de 12 mm findos os quais a ponta se prenderá na argola da medalha; da direita para a esquerda, a fita apresentará as seguintes cores: verde (5 mm), branca (2 mm), verde (5 mm), branca (12 mm), vermelha (5 mm), branca (2 mm) e vermelha (5 mm).
§1º – O diploma que acompanha a medalha será em papel apergaminhado e terá as seguintes dimensões: 40 cm de comprimento e 30 cm de altura (desenho 2).

Art. 3º – A concessão desta medalha é da competência exclusiva do Diretor de Saúde, com "ad referendum" do Comandante Geral, por proposta da Comissão de Oficiais Superiores (que constitui o Conselho de Medalha) a qual emitirá seu parecer e votação em conjunto.
§1º – A Comissão de Oficiais constituída de 05 (cinco) oficiais superiores, escolhidos livremente pelo Diretor de Saúde, será presidida pelo mais antigo e, terá como secretário um oficial intermediário ou subalterno.
§2º – Esta Comissão reunir-se-á até 02 (dois) meses antes da comemoração de aniversário do HPMES, em data estabelecida pelo Diretor de Saúde e procederá à escolha dos que estiverem em condições de serem agraciados, examinando na ocasião os assentamentos, documentos e informes atinentes a cada candidato, e emitindo, em seguida, seu parecer, que será sempre opinando pela concessão ou não.
§3º – As decisões da Comissão serão tomadas por maioria de votos, votando o Presidente apenas para o desempate.
§4º – Escolhidos os que deverão ser agraciados, o Diretor de Saúde levará a lista dos nomes para apreciação do Comandante Geral que terá o poder de veto.
§5º – No caso de veto a Comissão reexaminará novos nomes para substituição.
§6º – Escolhidos os que deverão ser agraciados, o Diretor de Saúde determinará a transcrição em boletim da Diretoria de Saúde dos seus nomes e os motivos a que fizeram jus; sendo civis, militares de outras Corporações, autoridades civis e eclesiásticas, pessoas jurídicas, órgãos públicos e autarquias, o Diretor de Saúde lhes comunicará a concessão através de ofício.
§7º – A data de outorga da medalha poderá ser no dia da comemoração do aniversário do Hospital da Polícia Militar do Espírito Santo.
§8º – No ano de 1992, a medalha poderá ser outorgada também na data comemorativa ao Dia do Médico, ou em outra data a ser estabelecida.

Art. 4º – A concessão da medalha será acompanhada do diploma assinado pelo Presidente da Comissão e pelo Diretor de Saúde.

Art. 5º – O Comandante Geral, o Diretor de Saúde, o Adjunto da Diretoria de Saúde e Chefe do Centro Médico, o Chefe do Centro Fármaco-Bioquímico, o Chefe do Centro Odontológico e o Adjunto do HPMES, poderão propor nomes à Comissão de Oficiais Superiores, quando os julgarem em condições de receber a medalha "Primado da Saúde".
§1º – O Diretor de Saúde determinará aos chefes dos Centros da Diretoria de Saúde e ao Adjunto do HPMES, que até 30 (trinta) dias antes da reunião de Conselho da Medalha "Primado da Saúde", sejam colhidas sugestões para a indicação de personalidade e entidades para serem agraciados.
§2º – Os chefes dos Centros e Adjunto do HPMES deverão entregar ao secretário da Comissão as indicações para o recebimento da medalha 10 (dez) dias antes da reunião da mesma.
§3º – Os Diretores e Comandantes de Unidade poderão sugerir ao Diretor de Saúde a indicação dos nomes de personalidades e entidades, com respectivos méritos.

Art. 6º – Compete exclusivamente ao Comandante Geral e ao Diretor de Saúde, propor nomes de militares de outras Corporações, autoridades civis e eclesiásticas, pessoas jurídicas, órgãos públicos e autárquicos, a fim de serem agraciados com a medalha "Primado da Saúde".

Art. 7º – A decisão da Comissão de Oficiais Superiores de não conceder a medalha é irrecorrível.
§1º – Os que forem agraciados com a medalha, de que trata o presente Decreto, caso recusem o recebimento, jamais poderão ser novamente agraciados.

Art. 8º – Os estojos das medalhas conterão:
a) para os civis – a medalha, a miniatura da medalha e a roseta;
b) para os militares – a medalha, a barreta e a roseta.
§1º – No traje civil, os agraciados poderão usar na lapela esquerda a roseta, que será confeccionada com 10 mm de diâmetro.
§2º – A miniatura da medalha terá 13 mm de diâmetro e as demais, inclusive a fita, serão proporcionalmente reduzidas.
§3º – Para os militares do Estado do Espírito Santo, o uso da medalha ou barreta é obrigatório em todas as solenidades oficiais, quer de caráter militar como civil, devendo ser observado que:
I – a medalha será pendente no peito esquerdo, na forma das disposições do Regulamento de uniformes, e na falta deste, pelas disposições baixadas pelo Comando Geral em Boletim Interno da Corporação; o seu uso nas formaturas militares externas será determinado pelo Comando Geral, e nas internas pelos respectivos Comandantes, Diretores ou Chefes;
II – quando em uniforme de passeio completo, os militares usarão a barreta no peito esquerdo, presa acima da parte superior da pestana do respectivo bolso.
§4º – A barreta, em metal esmaltado será confeccionada com 33 mm de comprimento e 12 mm de altura, nas cores iguais às da fita da medalha, e com uma cruz grega vermelha na sua parte central.

Art. 9º – Os estojos da medalha, de que trata o artigo precedente, bem como os diplomas, são fornecidos gratuitamente pela Polícia Militar à conta de recursos a esse fim destinados, mas, nos casos de extravio, destruição ou inutilização, os interessados terão de indenizar a substituição pelo preço de aquisição.

Art. 10 – Constituindo as medalhas não distribuídas e os diplomas um patrimônio da PMES, sua cunhagem,

aparelhamento, impressão e guarda, ficarão a cargo da Diretoria de Saúde da PMES.

Art. 11 – Compete à Comissão de Oficiais Superiores:
a) aprovar ou recusar a concessão da medalha;
b) velar pela fiel execução do presente Decreto;
c) propor as medidas que se tornarem indispensáveis ao bom desempenho de suas funções.
Parágrafo único – Compete ao Secretário da Comissão:
a) secretariar as sessões e redigir as atas;
b) organizar, manter em ordem e em dia, e ter sob sua guarda, o arquivo da Comissão;
c) manter um fichário atualizado, em ordem alfabética com os nomes dos agraciados;
d) providenciar a confecção dos diplomas;
e) registrar no livro próprio o diploma concedido;
f) apostilar no verso do diploma o motivo de sua restituição.

Art. 12 – A Comissão de Oficiais Superiores terá um livro de registro, rubricado pelo Secretário, no qual são inscritos por ordem cronológica, o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, o número e data do boletim diário que publicar a concessão da medalha.

Art. 13 – Anualmente não excederá a 10 (dez) o número de agraciados, exceção feita à data de inauguração do Hospital da Polícia Militar quando este número será definido pelo Diretor de Saúde.

- *Vide art. 1º do Decreto nº 3.739-N, de 15.08.1994*

§1º – A outorga das medalhas deverá procurar agraciar, preferencialmente, um nome com mérito nas seguintes atividades:
1) dedicação pessoal;
2) aprimoramento técnico;
3) desenvolvimento científico;
4) econômico-financeira;
5) publicitária;
6) política;
7) humanitária.
§2º – A outorga da medalha será procedida pelos Oficiais designados pelo Diretor de Saúde da PMES, ou por pessoa indicada pelo agraciado, em sessão solene, no auditório do Centro de Estudos do HPMES.

Art. 14 – A Comissão da Medalha de que trata o presente Decreto, no prazo máximo de 90 dias, baixará o seu Regimento Interno, o qual após aprovação pelo Diretor de Saúde, será publicado em boletim próprio.

Art. 15 – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de agosto de 1992.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 10.08.1992)

DECRETO Nº 3.405-N, de 04.09.1992

Dispõe sobre as matérias que o Departamento de Imprensa Oficial publicará gratuitamente no Diário Oficial

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – O Departamento de Imprensa Oficial – DIO, publicará gratuitamente, no Diário Oficial, as matérias abaixo indicadas:
I – Poder Executivo: atos oficiais emanados da Governadoria do Estado, dos Órgãos diretamente subordinados à Governadoria, das Secretarias de Estado e dos Órgãos de Regime Especial, excluídos:
a) os que envolvem benefício ou interesse específico de pessoas determinadas, físicas ou jurídicas, caso em que caberá a estas o pagamento;
b) contratos administrativos pertinentes a obras, serviços, compras, alienações, concessões e locações, convênios, aditivos, distratos, editais de Leilão e de tomadas de preços e avisos em geral;
c) os que se originem de autarquias, empresas públicas, sociedades de economia mista e demais entidades da Administração Indireta.
II – Poder Legislativo: atos oficiais da Assembléia Legislativa, tais como Decretos legislativos e resoluções; atos do Tribunal de Contas do Estado, como atas, votos e despachos.
III – Poder Judiciário: atos oficiais do Tribunal de Justiça e dos Juízos, como atas, acórdãos, pautas, resoluções, despachos, editais relativos à Justiça gratuita, bem como os enumerados no art. 1.216 do Código de Processo Civil, excluídos quaisquer outros editais e avisos e, ainda, atos e notícias originados de serventias extrajudiciais e de entidades auxiliares da Justiça.

Art. 2º – Aos atos administrativos originados do Poder Legislativo e do Poder Judiciário aplicar-se-ão critérios e gratuidade idênticos aos adotados em relação ao Poder Executivo.

Art. 3º – As dúvidas decorrentes do disposto no presente Decreto serão dirimidas pelo Conselho Administrativo do Departamento de Imprensa Oficial.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de setembro de 1992.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 09.09.1992)

DECRETO Nº 3.406-N, de 04.09.1992

Dispõe sobre a padronização dos atos administrativos relativos a pessoal do Serviço Civil do Poder Executivo publicados no Diário Oficial

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional,
Considerando a necessidade da padronização das publicações dos atos oficiais dos diversos órgãos do Poder Executivo; tendo em vista o que consta do Processo nº 4.988.540/1992. decreta:

Art. 1º – Os atos administrativos relativos a pessoal do Serviço Civil do Poder Executivo, publicados obrigatoriamente no Diário Oficial do Estado, obedecerão a modelo padrão, de forma resumida, contendo apenas os elementos essenciais à sua caracterização.

Art. 2º – O resumo dos atos, para efeito de publicação, será obrigatoriamente datilografado em gabarito próprio fornecido pelo Departamento de Imprensa Oficial, dele devendo constar, a finalidade, o número do ato, a data (dia, mês e ano), nome completo do servidor, matrícula, cargo, vigência, amparo legal e o número do processo.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de setembro de 1992.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 09.09.1992)

DECRETO Nº 3.410-N, de 14.09.1992

Dispõe sobre a compra de animais para a Polícia Militar do Espírito Santo e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III e V, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do Proc. Nº 5.188.067/1992-CV, decreta:

Art. 1º – A compra de animais para a Polícia Militar do Estado do Espírito Santo far-se-á diretamente nos centros criadores do País pela Comissão de Compra de Animais (C.C.A.), de que trata o art. 3º, ou mediante contrato com pessoa idônea, em localidades do Estado previamente, escolhida para a apresentação dos animais à referida comissão.

Art. 2º – No segundo caso do artigo anterior, o contrato fixará o preço, as condições que deve satisfazer os animais, tudo de acordo com o disposto neste Decreto, explicitamente, declarado que só serão adquiridos os que realmente preencherem tais exigências, a juízo da C.C.A, após o exame "in loco".

Art. 3º – A C.C.A. será nomeada pelo Comandante Geral; compor-se-á por três oficiais, sendo um dos quais oficial superior e um veterinário da EMESPE, por ela indicado, podendo o Comandante Geral convidar um oficial de outra Polícia Militar para compor a Comissão, desde que de posto inferior ao de Tenente Coronel; funcionará sob a presidência do mais graduado.

Art. 4º – Os preços de compras normais, bem como os especiais serão julgados por comparações com a média dos preços correntes no comércio de cavalos, dentro do território nacional.

Art. 5º – O Comandante Geral estabelecerá, em Resolução própria, os requisitos e condições que os animais devem satisfazer, para efeito de sua aquisição, inclusive a perfeita identificação dos mesmos, através de resenha e cadernetas individuais.

Art. 6º – Os animais comprados nos centros criadores serão pagos no ato de entrega, pelo Presidente da Comissão de Compras de Animais, mediante recibos, no qual deverá constar dados sucintos de cada animal e o respectivo preço. O pagamento se fará através de cheque nominativo ao vendedor.

Art. 7º – Se os animais forem comprados na Capital, o pagamento será efetuado por intermédio da Diretoria de Finanças da Polícia Militar.

Art. 8º – O vencedor se obrigará a manter, em princípio, os animais adquiridos, em potreiros ou estrebarias higiênicas, no prazo mínimo de quinze dias, podendo este prazo ser dilatado mediante entendimento entre as partes, devendo as despesas de alimentação correr por conta da Polícia Militar, depois de efetuada a aquisição.

Art. 9º – Efetuada a compra, o Presidente da C.C.A, deverá apresentar um relatório ao Comandante Geral dos trabalhos realizados, relação dos animais, características, preços, ocorrências e outras observações julgadas necessárias, assinadas pela Comissão.

Art. 10 – Todos os animais adquiridos serão encostados ao Esquadrão de Cavalaria, e colocados em regime de observação em locais próprios.
Parágrafo único – Durante este período, o Comandante do Esquadrão de Cavalaria, procederá a maleinização e desgastrofilização dos animais adquiridos.

Art. 11 – Terminado esse período, ficarão os animais em condições de iniciar os trabalhos de doma e adestramento.

Art. 12 – Aos oficiais do Esquadrão de Cavalaria (EC), que estiverem exercendo as funções de instrutores de cavalaria, fica autorizado o forreamento de um animal de sua propriedade por conta do Estado.
§1º – Nessa situação, esses animais particulares deverão prestar serviços durante um ano não podendo ser retirados antes do prazo, salvo se forem julgados inválidos para o serviço, em conseqüência de acidentes ou moléstias orgânicas adquiridas.
§2º – Para esse julgamento deverá ser convocada a Comissão Permanente de Remonta (C.P.R.).

Art. 13 – Os animais particulares, para poderem gozar as vantagens do artigo anterior, deverão preencher as condições físicas previstas nas categorias "ESPECIAL" e "MONTADA" de oficial, a serem definidas na resolução prevista no art. 5º deste Decreto.

Art. 14 – Quando um oficial do Esquadrão de Cavalaria (EC), possuidor de um cavalo forreado pelo Estado for transferido, caso queira poderá deixar sua montada no EC, desde que preste serviço.

Art. 15 – Fica instituída uma Comissão Permanente de Remonta (C.P.R.) da PMES, composta de um Oficial Superior do RPMont e dois Oficiais do Quadro Veterinário (QOV).

- *Modificado pelo Decreto nº 883-S, de 24.10.2001*

Art. 16 – A Comissão Permanente de Remonta funcionará:
a) para apreciar os animais a serem julgados inservíveis para o serviço;
b) periodicamente para verificar e atualizar as resenhas.

Art. 17 – A Comissão instituída na forma do art. 3º deverá emitir juízo por escrito sobre os animais particulares pertencentes a oficiais e que devem ser forreados por conta do Estado.

Art. 18 – Os animais julgados inservíveis para o serviço, devem ser reformados e, a critério do Comandante Geral, doados às instituições que deles façam usos científicos ou de serviços moderado, por proposta do Comandante do Esquadrão de Cavalaria (EC), quando então se processarão as respectivas exclusões.

Parágrafo único – A proposta para reforma deverá ser encaminhada ao Comandante Geral pelo Comandante do EC, constando o motivo da invalidade e se há ou não responsável por ela.

Art. 19 – As mortes serão atestadas pelo veterinário ou, na falta deste pela C.P.R, ou em caso de força maior, pelos oficiais que testemunharem tais mortes.
Parágrafo único – As exclusões motivadas por reforma ou morte, serão justificadas mediante informação ao Comandante Geral após o indispensável inquérito ou sindicância, em casos de morte suspeita.

Art. 20 – Os processos de reforma serão iniciados de acordo com o art. 18, devendo o Comandante do EC solicitar ao Comandante Geral que a C.P.R. inicie a lavratura do Termo de Inservibilidade, devendo em caso de haver responsável, constar o preço da avaliação, determinado pela C.P.R.

Art. 21 – O Termo de que trata o artigo anterior, será remetido ao Comandante Geral, juntamente com o ofício em que o Comandante do EC solicita reforma e exclusão do animal.

Art. 22 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 23 – Ficam revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 14 de setembro de 1992.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 15.09.1992)

EMENDA REGIMENTAL Nº 005/92,de 23.10.92

Competência para processar e julgar

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESPÍRITO SANTO

O Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista decisão do Tribunal Pleno, em sessão realizada em 15/10/92,
RESOLVE:

Art. 1º - Acrescentar ao artigo 58, I , do REGIMENTO INTERNO do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, a letra "e" com a seguinte redação:

Art. 58 - As Câmaras Criminais Isoladas compete:
I – processar e julgar:
e) – o Comandante da Polícia Militar, nos crimes comuns e de responsabilidade.

Art. 2º - Esta Emenda entra em vigor na data de sua publicação.
PUBLIQUE-SE
Vitória, 16 de Outubro de 1992.
Ass. Desembargador José Eduardo Grandi Ribeiro
Presidente (5)
(5) D.J. nº 14.378 , de 23/10/92
(4) DOE nº 18.390, de 27/10/92
(5) DOE nº 18.386, de 21/10/92
(3) DOE nº 18.388, de 23/10/92

DECRETO Nº 3.508-N, de 07.04.1993

Cria o Brasão de Armas da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do Proc. Nº 5.954.924/1993-CV, decreta:

Art. 1º – Fica criado o Brasão de Armas da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.

Art. 2º – O Brasão de que trata o artigo anterior, como representação heráldica da Corporação deverá ser usado em todos os aquartelamentos e terá a seguinte Constituição, conforme desenho a ser publicado em boletim da PMES.
1 – Escudo Português Esquartelado e perfilado em ouro – devendo ter sempre suas medidas na proporção heráldica 8x7;
1ª – "Em Chefe", de fundo branco, o símbolo internacional das Polícias Militares (as bucaneiras cruzadas) ladeadas de três estrelas representando a Regência Trina da menoridade de D. Pedro II, tudo em preto vazado;
2ª – "Em Borda Sinistra", em campo azul, o início da colonização do solo espírito-santense através dos colonizadores portugueses que desembarcaram no Estado na Prainha de Vila Velha com seu portão velho, encimada pelo Convento da Penha e no céu azul a marca da catequese no Espírito Santo, com os Jesuítas José de Anchieta e Frei Pedro Palácios, tudo em prata;
3ª – "Em Borda Destra", em campo vermelho, representando o homem da terra, a mandioca cultivada por nossos índios antes da chegada dos portugueses; o Patrono da PMES Cap PM João Antunes Barbosa Brandão, representado por um laço húngaro e os galões de Capitão; um escudo português com cinco estrelas representando os cinco conflitos em que a PMES participou: 1) Guerra do Paraguai; 2) Revolução Paulista de 1924; 3) Revolução de 1930; 4) Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo e 5) Questão Lindeira com Minas Gerais.
2 – Um Listel Vermelho e Azul na base de tudo.
– As datas "1535" (colonização do solo espírito-santense) e "1835" (criação da PMES), no centro as palavras "ESPÍRITO SANTO", com caracteres pretos;
3 – Um Listel Vermelho e Azul acima do escudo.
– As palavras "POLÍCIA MILITAR", com caracteres pretos;
4 – O ciclo do café (a sinistro) e a cana-de-açúcar (a destro), riquezas da província, representando o nascimento das fazendas e os coronéis do engenho;
5 – A Coroa Imperial de D. Pedro II, encimando o conjunto, em rompante em ouro, representando que durante seu governo foi criada a Polícia Militar do Espírito Santo;

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário

Palácio Anchieta, em Vitória, 07 de abril de 1993.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 12.04.1993)

DECRETO Nº 5.472-E, de 12.04.1993

Cria a Comissão de Controle de Produtos Perigosos no Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – Fica criada a Comissão de Controle de Produtos Perigosos no Estado do Espírito Santo.

Art. 2º – A Comissão é formada pelos seguintes órgãos:
(…)
– Corpo de Bombeiros/PMES – Polícia Militar do Espírito Santo;
(…)
– Cia de Polícia Florestal;
(…)
– PRE – Polícia Rodoviária Estadual;
(…)

Art. 3º – Caberá à SEAMA a Coordenação Geral da Comissão.
Parágrafo único – cada órgão deverá designar um representante e um suplente, ambos revestidos de poder de decisão, específico ou não, ficando a SEAMA autorizada a elaborar normas técnicas estabelecendo a função de cada órgão integrante da Comissão.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de abril de 1993.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 16.04.1993)

DECRETO Nº 3.547-N, de 18.06.1993

Dispõe sobre a Gratificação de Magistério

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no Proc. Nº 5.657.873/1993-CV, decreta:

Art. 1º – A Gratificação de Magistério, instituída pela Lei nº 4.703 de 07.12.92, terá retribuição por hora-aula ministrada por instrutor ou monitor, nos cursos regulares de formação e Aperfeiçoamento e Especialização da Polícia Militar do Espírito Santo, nos valores estabelecidos na tabela anexa a este Decreto.

- Vide art. 13 da Lei nº 2.701, de 16.06.1972.Nova radação dada pelo art 1º do Decreto nº 4155-N, de 20.08.1997

Art. 2º – No valor da hora-aula ficam incluídas as atividades de elaboração do Plano de Unidade Didática do planejamento da aplicação e correção de provas e ou exames, bem como de outros encargos inerentes ao exercício do magistério.

Art. 3º – O instrutor ou monitor interno que vier a ser requisitado para ministrar ou monitorar aulas em horário não coincidente com o seu horário normal de trabalho, terá direito à retribuição por hora/aula, nos mesmos valores estabelecidos para os instrutores e monitores externos.

Art. 4º – Os valores da hora/aula e horários fixados por este Decreto, serão reajustados, automaticamente, de acordo com a variação da Unidade Padrão Fiscal do Espírito Santo (UPFES).

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 01.04.1993.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 18 de junho de 1993.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 22.06.1993)

ANEXO AO DECRETO Nº 3.547-N, de 18.06.1993

(TABELAS A QUE SE REFERE O ART. 1º)

Instrutor	**Referência**	**Externo**	**Interno**
Doutorado/ Notório Especialização	Hora	42,00	35,00
Mestrado	Hora	36,00	30,00
Especialização	Hora	33,00	28,00
Graduação de Nível Superior	Hora	30,00	25,00
Habilitação de Nível Médio	Hora	20,00	17,00

Outros serviços	**Referência**	**Valor**
Conferencista/Palestrante	hora	60,00
Painelista/Debatedor	hora	40,00
Moderador	hora	20,00
Reunião Técnica	hora	17,00
Assessoramento Técnico	hora	36,00
Revisão de texto	hora	12,00
Entrevista	hora	9,00

DECRETO Nº 3.552-N, de 29.06.1993

Institui normas complementares do cerimonial público

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional,
Considerando a necessidade de complementar no plano estadual, as normas do Cerimonial Público da República Federativa do Brasil e Ordem Geral de Precedência (Decreto nº 70.274, de 09.03.1972);
Considerando a necessidade de dar estrutura organizacional ao Cerimonial do Estado a fim de que assessore o

Governador em todas as questões protocolares de ordem cívica e social, tais como o uso correto dos símbolos nacionais e estaduais, a prestação de honras, a disposição de ordem protocolar e procedência em atos, solenidade e cerimônias oficiais, estaduais e municipais, a normalização e padronização no emprego de fórmulas protocolares de expressão e redação na correspondência oficial, e o cerimonial de audiências e visitas de autoridades e personalidades ao Estado;
Considerando a necessidade de coordenar a ação das autoridades estaduais e municipais de tudo que se refere ao Cerimonial;
Considerando que os interesses do Estado estão vinculados aos benefícios resultantes das relações mantidas com os representantes consulares estrangeiros e com as autoridades e personalidades estrangeiras em visita oficial, decreta:

Art. 1º – Ficam instituídas as Honras Complementares do Cerimonial do Governo do Estado do Espírito Santo que têm por objetivo:
I – dar fiel cumprimento às regras gerais que se devem observar em todos os atos e cerimônias públicas e solenes de caráter oficial do Estado;
II – promover a ordem de precedência nos cerimonias de caráter oficial.

CAPÍTULO I
Da Procedência nas Cerimônias Estaduais e Municipais

Art. 2º – O Governador do Estado presidirá sempre as cerimoniais que comparecer, realizadas no Estado, salvo quando compareça o Presidente da República ou Vice-Presidente da República e salvo a dos Poderes Legislativo e Judiciário e as de caráter exclusivamente militar, nas quais será observado o respectivo cerimonial.
§1º – Quando às cerimônias militares for convidado o Governador, ser-lhe-á dado o lugar da honra.
§2º – Se qualquer caso, o Governador ficará a direita da autoridade que o hospeda e, nas horas da refeição com senhoras, à direita da esposa da autoridade que o hospeda, colocando-se neste caso a esposa do Governador à direita da autoridade que o hospeda.

Art. 3º – No Estado do Espírito Santo, o Governador, o Vice-Governador, o Presidente da Assembléia Legislativa e o Presidente do Tribunal de Justiça terão, nessa ordem, precedência sobre as autoridades federais.
§1º – Tal determinação não se aplica aos Presidentes do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal Federal, aos Ministros de Estado, ao Ministro do Gabinete Militar da Presidência da República, ao Ministro Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, ao Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e ao Consultor Geral da República, que passarão logo após o Governador.
§2º – Os ex-governadores do Estado passarão logo após o Presidente do Tribunal de Justiça, desde que não exerçam qualquer função pública, observando-se também a determinação do parágrafo anterior.
§3º – Na ausência do Governador do Estado, o Vice-Governador presidirá as cerimônias a que estiver presente.
§4º – Os ex-Vice-Governadores de Estado passarão logo após os ex-Governadores, com a ressalva prevista no Parágrafo 1º deste artigo.

Art. 4º – Em igualdade de categoria, a precedência, em cerimônias de caráter estadual ou municipal, será o seguinte:
§1º – os estrangeiros;
§2º – as autoridades e os funcionários da União;
§3º – as autoridades e os funcionários estaduais;
§4º – as autoridades e os funcionários municipais.
Parágrafo único – Os inativos passarão logo após os funcionários em serviço de igual categoria.

Art. 5º – Os Secretários de Estado presidirão as solenidades promovidas pelas respectivas Secretarias.
§1º – A precedência entre as Secretarias de Estado, ainda que interina, é determinada pelo critério histórico da criação de desdobramento da respectiva Secretaria, na seguinte ordem:
01 – Justiça e Cidadania;
02 – Fazenda;
03 – Agricultura;
04 – Transporte e Obras Públicas;
05 – Educação e Cultura;
06 – Saúde;
07 – Segurança Pública;
08 – Interior;
09 – Administração e Recursos Humanos;
10 – Casa Civil;
11 – Casa Militar;
12 – Meio Ambiente;
13 – Desenvolvimento Econômico;
14 – Ações Estrangeiras e Planejamento;
15 – Comunicação Social;
16 – Procuradoria Geral do Estado;
17 – Procuradoria Geral da Justiça;
18 – Auditoria Geral do Estado;
19 – Gabinete do Governador.
§2º – A precedência entre as diferentes pastas e cargos da mesma categoria corresponde à ordem de precedência das respectivas Secretarias.

Art. 6º – Nos Municípios, o Prefeito preside as solenidades municipais.

Art. 7º – Quando um militar exercer a função administrativa civil e comparecer fardado a qualquer cerimônia, será observada a precedência de patente prevista no artigo competente do Estatuto dos Militares.

Art. 8º – Para a colocação de personalidades nacionais ou estrangeiras, sem função oficial, o Chefe do Cerimonial do Estado levará em consideração a sua posição social, idade, cargos ou posições que ocupem ou tenham desempenhado ou a sua posição na hierarquia eclesiástica de comunidade religiosa a qual pertencem.
§1º – O Chefe do Cerimonial poderá intercalar entre as altas autoridades da República e do Estado os membros do Corpo Diplomático e do Corpo Consular e personalidades estrangeiras.

Art. 9º – A precedência entre os Chefes dos Executivos nos Estados da União será regulada pela data da respectiva posse, cabendo, porém, a prioridade ao Chefe do Executivo local dentro dos limites do respectivo território.

Art. 10 – A precedência entre os componentes de missões especiais estrangeiras de visita oficial ao Estado será dada pelo Chefe da Missão, desde que sobre a Matéria não haja decisão do Governo Federal.

Art. 11 – A critério do Chefe do Cerimonial do Estado, a precedência entre os Municípios colocados na mesma categoria na Ordem de Precedência se fará em cada caso pelo critério mais conveniente na ocasião ou, eventualmente, por ordem alfabética ou por sorteio.

Art. 12 – Nos casos omissos, o Chefe do Cerimonial do Estado, quando solicitado, prestará esclarecimento da natureza protocolar, bem como determinará a colocação de autoridades e personalidades que não constam da Ordem Geral de Precedência e da Ordem Complementar de Precedência Estadual e Municipal.

CAPÍTULO II
Da Representação

Art. 13 – Em almoços e jantares oficiais nenhum convidado poderá fazer-se representar.
Parágrafo único – Os convites para almoços e jantares oficiais serão expedidos, sempre que possível, com uma semana de antecedência, devendo os convidados e suas esposas confirmar imediatamente sua presença ou justificar a ausência, em atenção ao pedido de resposta R.S.V.P. (respondem "S'il Vous Plaît") impresso embaixo, à direita, no cartão do convite, seguido do telefone ao qual deve ser comunicada a resposta.

Art. 14 – Os convites dirigidos ao Governador do Estado devem ser feitos com a maior antecedência possível, pessoalmente por quem o convida, ou por emissário, junto ao Secretário Chefe da Casa Civil do Governador e confirmados sempre, posteriormente, por ofício, carta ou cartão.
Parágrafo único – No caso de almoços e jantares, cabe ao Governador marcar a data, mormente quando forem oferecidos em sua hora.

Art. 15 – Quando o Governador se fizer representar em solenidades ou cerimônias, o lugar que compete ao seu representante é à direita da autoridade que as presidir.
§1º – Do mesmo modo, os representantes dos Poderes Legislativo e Judiciário, quando membros dos referidos Poderes, terão a colocação que compete aos respectivos presidentes.
§2º – Nenhum convidado poderá fazer-se representar nas cerimônias estaduais e municipais a que comparecer o Governador do Estado.
§3º – Nas solenidades oficiais, os representantes das autoridades civis e militares terão a precedência que lhe competir por força dos seus postos ou funções e não a que caberia aos representados.

Art. 16 – Em cerimônias sociais em que autoridades estaduais fizerem uso da palavra, a ordem dos discursos seguirá a ordem inversa da precedência dos respectivos oradores, isto é, usará da palavra, em primeiro lugar, a autoridade de menor hierarquia e, subseqüentemente os demais oradores até o de precedência mais alta, cabendo ao Governador encerrar a solenidade, se a ela estiver presente.
Parágrafo único – O Governador não está protocolarmente obrigado a citar nominalmente, no vocativo, dos discursos que proferir as demais autoridades participantes das cerimônias oficias a que ele presidir, salvo o Presidente e o Vice-Presidente da República, se estes às mesmas estiverem presentes.

CAPÍTULO III
Dos Desfiles

Art. 17 – Por ocasião dos desfiles cívicos civis e militares, o Governador terá a seu lado as autoridades ou comandantes militares e os Secretários de Estado à que estiverem subordinadas as Corporações que desfilarem.

CAPÍTULO IV
Dos Hinos

Art. 18 – A execução do Hino Nacional nas cerimônias estaduais só terá Início depois que o Governador do Estado houver ocupado o lugar que lhe estiver reservado, salvo nas cerimônias sujeitas a Regulamentos especiais.
§1º – Na cerimônia ao ar livre os Hinos serão executados por banda de música, de forma condigna, nos recintos fechados, os Hinos serão executados por instrumentos que não deformem as suas características ou reproduzidos de gravação. Sempre que possível, os Hinos serão acompanhados por coro ou cantados pelas pessoas presentes.
§2º – Nas cerimônias em que se tenha de executar Hino Nacional estrangeiro, este precederá, em virtude do princípio de cortesia, e Hino Nacional Brasileiro.
§3º – Os hinos nacionais executados no local da cerimônia serão ouvidos ou cantados de pé, em qualquer circunstância, cabendo ao Cerimonial do Estado providenciar para que não se executem nas proximidades de local onde se esteja realizando outra cerimônia com convidados sentados.

Art. 19 – Nas cerimônias em que couber a execução de outros Hinos, inclusive o do Estado, estes serão executados após curto intervalo depois do Hino Nacional, com o cerimonial adequado a cada caso específico.

CAPÍTULO V
Das Bandeiras e Pavilhões

Art. 20 – Na sede do Governo deverão estar hasteadas a Bandeira Nacional e a Bandeira do Estado.
§1º – A Bandeira do Estado só poderá ser hasteada em adriça ou içada em mastro ou conduzida em desfile quando estiver hasteada ou conduzida a Bandeira Nacional, e o será sempre atrás ou à esquerda ou abaixo da Bandeira Nacional.

Art. 21 – Hasteia-se a Bandeira do Estado em funeral, a meia-adriça ou meio-mastro, ou com laço de crepe atado junto a lança quando conduzida em marcha, nas seguintes atrações:
I – em todo o Estado, quando for determinado luto oficial no Estado;
II – nos edifícios-sede dos corpos legislativos ou judiciários, estaduais ou municipais, quando for determinado pelos respectivos Presidentes, pelo falecimento de um dos membros do respectivo corpo;
III – no município, quando determinado luto oficial pela autoridade municipal;
IV – sempre que se hastear em funeral a Bandeira Nacional.
§1º – Só hasteia em funeral a Bandeira Nacional nos casos expressamente previstos na legislação federal, devendo nos demais casos ser a Bandeira Nacional hasteada no alto do mastro, mesmo quando a Bandeira do Estado estiver em funeral.

CAPÍTULO VI
Da Posse do Governador

Art. 22 – O Governador eleito, tendo a sua esquerda o Vice-Governador e na frente o Chefe do Cerimonial, dirigir-se-á em carro do Estado ao Palácio da Assembléia Legislativa, a fim de prestar o compromisso constitucional.
Os Secretários Chefe da Casa Civil e da Casa Militar acompanharão o Governador em carro que seguirá o carro do Governador.
Parágrafo único – Os dois carros serão precedidos e seguidos de batedores.

Art. 23 – Compete à Assembléia Legislativa organizar e executar a cerimônia do compromisso constitucional. O Chefe do Cerimonial do Estado receberá do Presidente da Assembléia Legislativa esclarecimentos sobre a cerimônia, bem como sobre a participação na mesma dos membros do Corpo Consular sediado no Estado.

Art. 24 – Prestado o compromisso, o Governador do Estado empossado, com seus acompanhantes deixará o Palácio da Assembléia Legislativa dirigindo-se para a Sede do Governo.

Art. 25 – O Governador do Estado será recebido, à porta principal do Palácio da Sede do Governo pelo Governador cujo mandato findou. Estarão presentes o antigo Vice-Governador, bem caso os antigos Secretários de Estado, os antigos Secretários Chefe da Casa Civil e da Casa Militar, o antigo Chefe do Cerimonial do Estado e o Comandante da Polícia Militar, assim como os novos titulares dos mesmos cargos.

Art. 26 – Após os compromissos, ambos os Governadores com suas respectivas comitivas enumeradas no Artigo anterior, encaminhar-se-ão para o Gabinete do Governador e dali para o local onde o Governador receberá de seu antecessor as insígnias do Governo. O antigo Governador saudará o novo Governador que responderá a saudação, diante das autoridades do Governo Estadual e dos familiares e convidados especiais do Governador empossado. Em seguida o Governado conduzirá o antigo Governador até à porta principal do Palácio do Governo.

Art. 27 – Feitas às despedidas, o antigo Governador será acompanhado até sua residência ou ponto de embarque pelo Secretário Chefe da Casa Militar e por um ajudante do Oficial de Gabinete do Governador empossado.

Art. 28 – Caberá ao Chefe do Cerimonial do Estado do antigo Governador planejar e executar as cerimônias de posse do Governador e delas mantê-lo informado, recebendo, também, do novo Governador, a lista de seus familiares e convidados especiais.
Parágrafo único – O Chefe do Cerimonial acatará as sugestões de modificação do cerimonial que os dois Governadores desejarem introduzir em comum acordo, por força de circunstâncias especiais.

CAPÍTULO VII
Da Comunicação da Posse do Governador

Art. 29 – O Governador enviará cartas ou telegramas ao Presidente da República, ao Ministro da Justiça e aos demais Governadores de Estado e do Distrito Federal, comunicando-lhes sua posse.
§1º – As referidas cartas serão preparadas pelo cerimonial do Estado.
§2º – O Cerimonial do Estado comunicara a posse do Governador a outras autoridades não sediadas no Estado, de acordo com lista fornecida pelo Governador.

CAPÍTULO VIII
Da Nomeação dos Membros do Governo

Art. 30 – No dia da posse, após a transmissão de insígnias do Governo, o Governador assinará a nomeação do Secretário de Estado da Justiça e Cidadania, a quem caberá referenda: as nomeações dos demais Secretários de Estado.

CAPÍTULO IX
Da Transmissão Temporária do Poder

Art. 31 – A transmissão temporária do poder estadual, por motivo de impedimento do Governador, realizar-se-á no Palácio do Governo, sem solenidades, perante os Secretários de Estado, o Secretário Chefe da Casa Civil, o Secretário Chefe da Casa Militar, o Superintendente de Comunicação Social e o Comandante Geral da Polícia Militar.

CAPÍTULO X
Das Audiências

Art. 32 – As audiências dos representantes consulares com o Governador serão solicitadas por intermédio do Cerimonial do Estado.
Parágrafo único – O Cerimonial do Estado processará, também, pedidos de audiências formuladas por visitantes e altas personalidades estrangeiras.

CAPÍTULO XI
Do Livro de Visitas

Art. 33 – Haverá, permanentemente, no Palácio do Governo, livro destinado a receber as assinaturas das pessoas que forem levar cumprimentos ao Governador do Estado.

CAPÍTULO XII
Das Festas Nacionais e Estaduais

Art. 34 – No dia 7 de setembro, o Chefe do Cerimonial do Estado, acompanhado do Secretário Chefe da Casa Militar, receberá os representantes consulares que desejarem cumprimentos.
§1º – A cerimônia cívica e desfiles militares organizados em comemoração à Independência do Brasil, serão presididos pelo Governador do Estado com a presença de todas as autoridades estaduais e do Corpo Consular. O Governador estimulará todas as instituições e escolas a festejarem a data, bem como todos os cidadãos a organizarem recepções e reuniões festivas em suas casas na mesma data.
§2º – Nas datas cívicas e festas estaduais, o Governador do Estado decidirá se adotará procedimento análogo em cada caso.
§3º – Por ocasião do Natal e do Ano Novo o Cerimonial do Estado organizará uma audiência coletiva do Governador às autoridades do Governo e outra aos membros do Corpo Consular.

Art. 35 – Os cumprimentos do Governador do Estado aos representantes consulares nas festas nacionais dos respectivos países serão apresentados por intermédio do Cerimonial do Estado.

CAPÍTULO XIII
Das Visitas Oficiais

Art. 36 – Quando o Governador visitar oficialmente Município do Estado, será observado, sob a orientação do Cerimonial do Estado, o seguinte cerimonial:
I – O Governador será recebido no local de chegada pelo Prefeito e, se for o caso, pelas autoridades militares de acordo com o Cerimonial Militar.
II – Após as honras do cerimonial que couberem, o Prefeito apresentará ao Governador as autoridades municipais presentes.
III – Havendo conveniência, as autoridades civis e eclesiásticas e as autoridades militares poderão formar separadamente.

IV – O Governador será conduzido à sede do Município em viatura oficial, acompanhado pelo Prefeito.
V – Cumprido o programa da visita, por ocasião da partida do Governador, observar-se-á procedimento análogo ao da chegada.

Art. 37 – Cabe ao Chefe do Cerimonial do Estado elaborar o programa de visitas oficiais do Governador aos Municípios e, com os Cerimoniais correspondentes, os programas de visitas oficiais do Governador às demais unidades da Federação e ao exterior.

CAPÍTULO XIV
Da Visita de Chefes de Missões e Autoridades Estrangeiras

Art. 38 – Os Chefes de Missão diplomática estrangeira e autoridades estrangeiras, ao chegar à Capital do Estado, serão recebidas pelo Chefe do Cerimonial do Estado, que poderá estar acompanhado de outras autoridades e membros do Corpo Consular sediado no Estado.

Art. 39 – O Chefe de Missão diplomática estrangeira ou autoridade estrangeira será:
a) recebido em audiência pelo Governador nas primeiras vinte e quatro horas após a chegada.
b) recebido em audiência pelos Secretários de Estado e outras autoridades que desejar visitar.
c) homenageado com almoço, jantar ou recepção presidida pelo Governador, salvo se ocorrer impedimento.
§1º – O Governador do Estado porá um carro à disposição do dignitário estrangeiro e de sua esposa e um ajudante para acompanhá-los durante a visita. O carro levará bandeira ou galhardete do país visitante.
§2º – Ao chegar ao Palácio do Governo para audiência com o Governador, o Chefe de Missão diplomática estrangeira será saudado com as honras de estilo pertinentes e a sua saída se observará cerimonial análogo.
§3º – Recebido pelo Chefe do Cerimonial do Estado, o Chefe de Missão diplomática estrangeira será acompanhado durante a audiência pelo Chefe do Cerimonial do Estado que o apresentará ao Governador.
§4º – A esposa do dignitário estrangeiro será recebida pela esposa do Governador em cerimônia simples, ocasião em que será assistida por um ajudante.
§5º – Se o dignitário estiver acompanhado de funcionários diplomáticos, estes serão apresentados ao Governador após a audiência, a menos que o dignitário expresse formalmente o desejo de que testemunhem a audiência.
§6º – Se houver troca de presentes, esta se fará no final da audiência e antes das despedidas.
§7º – Os Chefes de Missão em caráter interino serão recebidos de acordo com o cerimonial conveniente, ficando a critério do Cerimonial do Estado decidir, em cada caso, sobre a conveniência de marcar com o Governador do Estado e homenageá-los com recepção.

CAPÍTULO XV
Do Falecimento de Autoridades

Art. 40 – Quando falecer autoridade estadual, o Cerimonial do Estado notificará o fato às demais autoridades ou dará divulgação pelos meios de comunicação, procedendo imediatamente às cerimônias de posse do sucessor.

Art. 41 – O Chefe do Cerimonial coordenará a execução de cerimônias fúnebres e anunciará, se for o caso, o luto oficial.

Art. 42 – Quando for caso, as honras fúnebres serão prestadas de acordo com o Cerimonial Militar.

Art. 43 – Transportado o corpo à câmara ardente, terá início à visitação oficial e pública.
Parágrafo único – No caso de falecimento de Governador, a câmara ardente será ornamentada e instalada no Palácio do Governo e será aberto um livro de condolências para os visitantes, que será posteriormente entregue à viúva ou à família do extinto.

Art. 44 – Em dia e hora marcados para o funeral, em presença de autoridades de igual hierarquia do extinto designadas pelo Governador e de hierarquia imediatamente inferior e subordinadas ao extinto, o Governador ou seu substituto imediato ou seu representante fechará a urna funerária.
Parágrafo único – A urna funerária será coberta com o Pavilhão Nacional ou com a Bandeira do Estado, segundo as normas de cerimonial adequadas a cada caso ou de acordo com as determinações expressas do Governador.

Art. 45 – A urna funerária será conduzida da câmara ardente para o cemitério, em cortejo.

Art. 46 – A escolta será, se for o caso, constituída de acordo com o cerimonial militar.

Art. 47 – Até à entrada do cemitério, o cortejo será organizado da seguinte forma:
– carreta funerária;
– carro do Ministro de religião do finado, se for o caso;
– carro da mais alta autoridade designada pelo Governador para representá-lo;
– carro de família;
– demais carros em ordem de precedência.

Art. 48 – Junto à sepultura, o representante do Governador especialmente designado para tal fim, discursará em saudação fúnebre.
Parágrafo único – O Cerimonial do Estado organizará uma lista de oradores fúnebres, até o máximo de 3 (três), que discursarão em nome das Corporações ou associações a que pertencera o finado.

Art. 49 – O prazo de luto não deverá ultrapassar 3 (três) dias.

Art. 50 – O Governador e o Vice-Governador do Estado far-se-ão representar no culto religioso celebrado por falecimento de autoridade estadual.

Art. 51 – O Cerimonial do Estado organizará cerimônia cívica e culto religioso por ocasião do falecimento de altas autoridades e personalidade naturais do Estado, observando-se os costumes locais.

Art. 52 – Por ocasião do falecimento de representante consular estrangeiro, o Cerimonial do Estado consultará o Cerimonial do Ministério das Relações Exteriores a respeito das cerimônias a serem observadas.

Art. 53 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de junho de 1993.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 05.07.1993)

DECRETO Nº 3.577-N, de 10 de agosto de 1993

Dispõe sobre Gratificação de Atividade de Saúde

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista as disposições constantes da Lei 4.792, de 09 de julho de 1993, e o que consta do PROCESSO Nº 06542450,
DECRETA:

Art. 1º - A Gratificação de Atividade de Saúde, instituída pela Lei 4.792, de 09 de julho de 1993, será atribuída aos servidores públicos civis, regidos pelo Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado ou pela Consolidação das Leis do Trabalho, que atuem na Secretaria de Estado da Saúde e no Hospital Dr. Denizart Santos, da Polícia Militar, e que sejam ocupantes dos cargos e empregos relacionados nos Anexos I e II que acompanham o presente Decreto:
Parágrafo Único - Aos ocupantes dos cargos mencionados no Anexo I deste Decreto, somente será conferida a gratificação de que trata o caput deste artigo, quando suas funções estiverem sendo desempenhadas em Unidades da Secretaria de Estado da Saúde, responsáveis pela execução das atividades fins da área de saúde.

Art. 2º - A Gratificação a que se refere o artigo anterior, será atribuída em valor correspondente a importância que acrescida ao vencimento ou salário básico do cargo ou emprego do servidor beneficiário, corresponda ao vencimento ou salário básico de cargos e empregos idênticos na Administração Indireta Estadual na área de saúde.

Art. 3º - A Gratificação de Atividade de Saúde não poderá ser percebida cumulativamente com qualquer outra gratificação que tenha por finalidade o estímulo ou incentivo ao desenvolvimento de atividades de saúde ou a garantia de isonomia de vencimento ou salário dos servidores abrangidos pela Lei 4.792, de 09 de julho de 1993.

Art.4º - A Gratificação a que se refere o Art. 1º não se incorpora aos salários e vencimentos dos servidores , ficando mantida para aqueles que estivessem em exercício na Secretaria de Estado da Saúde até 14 de julho de 1993, data da publicação da Lei 4.792/93, até a implantação do Plano de Carreira e Vencimentos.

Art. 5º - A Gratificação de que trata o presente Decreto será concedida pelos Secretários de Estado da Saúde e da Segurança Pública mediante proposta dos órgãos a que os servidores estiverem subordinados, devendo a relação nominal dos beneficiados ser publicada no Diário Oficial do Estado.
Parágrafo Único – A relação nominal a que se refere o caput deste artigo deverá abranger, também, os servidores que já estiverem percebendo a mencionada gratificação, sendo suspenso o pagamento daqueles cujos nomes não forem incluídos.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos financeiros a 15 de julho de 1993.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 10 de Agosto de 1993.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

DECRETO Nº 3.659-N, de 21.02.1994

Altera o Decreto nº 1.812-N/1993

GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta do Processo no SEAR nº 5.835.852, decreta:

Art. 1º – Ao art. 7º do Decreto nº 1.812-N, de 31.10.1993, fica acrescido o parágrafo único, com a seguinte redação:
"Art. 7º – (…)
Parágrafo único – O estagiário receberá anualmente, no mês de dezembro, uma gratificação correspondente ao valor da bolsa, a ser paga proporcionalmente ao total de meses trabalhados."

Art. 2º – Ao art. 10 do Decreto nº 1.812 de 31.12.1983, fica acrescido o §1º com a redação abaixo, passando o seu parágrafo único a vigorar como §2º;
"Art. 10 – (…)
§1º Nos casos em que haja prorrogação do contrato de estágio, o estagiário fará jus a 30 dias de férias após o decurso de 1 (um) ano de atividades, coincidentes essas preferencialmente com o período de férias escolares.
§2º – (…)"

Art. 3º – As despesas decorrentes da execução do presente Decreto correrão à conta do elemento de despesa 3.4.90.30.00 – Outros Serviços de Terceiros – Pessoa física, do Orçamento vigente.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, 21 de fevereiro de 1994;
ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO
Governador do Estado

DECRETO Nº 3.666-N, de 17.03.1994

Aprova o Regulamento do Comando Geral da Polícia Militar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, itens III e IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regulamento do Comando Geral da Polícia Militar, que com este baixa.

- *Vide art. 57, de Lei nº 3.044, de 31.12.1975*

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente os Decretos nº 3.326-N, de 12.03.1992 e nº 3.520-N, de 30.04.1993, e o parágrafo único do art. 9º, art. 10 e seu parágrafo único, art. 11, parágrafo único do art. 16 e art. 17, todos do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de março de 1994.
ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO
Governador do Estado

(D.O.E. 18.03.1994)

REGULAMENTO DO COMANDO GERAL DA POLÍCIA MILITAR

Art. 1º – O presente Regulamento, expedido em obediência ao art. 57 da Lei nº 3. 044, de 31.12.1975, contém disposições sobre competência e atribuições do Comando Geral da Polícia Militar, não previstas nas legislações Federal e Estadual.

Art. 2º – Compete ao Comandante Geral:
I – praticar os atos necessários ao perfeito funcionamento da Polícia Militar, visando o exercício da sua competência constitucional;
II – constituir comissões;
III – decidir questões administrativas;
IV – aprovar regimentos, normas gerais de ação, planos, diretrizes e outros dos órgãos subordinados;
V – promover praça e declarar Aspirante a Oficial;
VI – ordenar despesa;
VII – movimentar militares conforme o Regulamento de Movimentação;
VIII – baixar o regimento dos serviços da Corporação, que será publicado no prazo máximo de sessenta dias, a contar da data da publicação deste Regulamento;
IX – exercer atribuições que foram delegadas.

DECRETO Nº 3.678-N, de 12.04.1994

Inclui no Decreto nº 666/1964, restrição de benefícios para determinadas promoções

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo, decreta:

Art. 1º – Fica incluído no art. 40 do Decreto nº 666, de 28.07.1964, parágrafo único, com o seguinte teor:
"Parágrafo único – Os servidores militares promovidos na forma do caput deste artigo, não poderão ser beneficiados por qualquer outra promoção, exceto por ato de bravura ou "post mortem".

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial o art. 2º do Decreto nº 3. 268-N, de 06.12.1991.

Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de abril de 1994.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 14.04.1994)

DECRETO Nº 3.739-N, de 15.08.1994

Número de personalidades agraciadas na data comemorativa do aniversário do HPM

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 8.013.884/1994, e.
Considerando o que estabelece o art. 32, §82, do Decreto nº 3.388-N, de 06.08.1992, não verificado naquele ano;
Considerando o número excessivo de personalidades civis e militares, que serviços de excepcional relevância ou importantes medidas prestaram em favor da Instituição de Saúde da PMES, ainda, publicamente, não reconhecidas; e,
Considerando ser imperioso não se postergar de reconhecida gratidão, decreta:

Art. 1º – Na data comemorativa do aniversário do Hospital da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, no ano de 1994, poderão ser agraciadas até duas vezes o número de personalidades ou entidades de que trata o art. 13, do Decreto nº 3.388-N, de 06.08.1992.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos à 01.08.1994, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 15 de agosto de 1994.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

DECRETO Nº 3.788-N, de 12.12.1994

- *Atualmente o vale-refeição é regulado pela Lei nº 5342, de 19,12,1996, modificada pelas Leis nº 5739, de 25.09.1998 e 5859, de 31.05.1999.*

Atribui, mensalmente o Vale-Refeição aos servidores militares da ativa

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – O vale-refeição, instituído pela Lei nº 4.907, de 26.05.1994, será atribuído, mensalmente, aos servidores militares, da ativa, de conformidade com o presente Decreto.

Art. 2º – Os militares que usarem os ranchos do Hospital da Polícia Militar, do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, indenizarão o Estado o equivalente ao valor recebido a título de vale-refeição, por etapa de alimentação recebida.
Parágrafo único – O Comandante Geral determinará a desativação progressiva dos demais ranchos e aprovisionadorias da Corporação, a completar-se num período de 90 dias, a contar de 01.08.1994.

Art. 3º – O Comandante Geral viabilizará a realização do processo licitatório para que a empresa forneça alimentação para os presos civis e militares custodiados nos Quartéis.

Art. 4º – O vale-refeição não será concedido aos servidores enquadrados nas seguintes situações:
I – licença sem vencimento;
II – afastamento do serviço, em decorrência de Inquérito Policial Militar, Inquérito Administrativo, Conselho de Disciplina, Sindicância ou por Decisão Judicial e Conselho de Justificação.
III – punição disciplinar sem fazer serviço;
IV – interrupção e suspensão de contrato;

V – licença para campanha eleitoral;
VI – afastamento a qualquer título, quando superior a 30 (trinta) dias.

Art. 5º – Os casos omissos serão solucionados pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 12 de dezembro de 1994.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO

Governador do Estado

(D.O.E. 13.12.1994)

DECRETO Nº 3.815-N, de 24.02.1995

Dispõe sobre a ação conjunta de fiscalização a ser desenvolvida pela Secretaria de Estado da Fazenda, Prefeitura Municipal e Secretaria de Estado da Segurança Pública

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e
Considerando que é propósito do Governo reduzir drasticamente os níveis de sonegação do ICMS;
Considerando que a participação do Poder Público Municipal e da Polícia Militar nesta ação é extremamente oportuna e recomendável;
Considerando que, nas circunstâncias, a Polícia Militar desenvolverá paralelamente atividade de representação ao tráfico de drogas e de armas, decreta:

Art. 1º – A Secretaria de Estado da Fazenda, o Poder Público Municipal e a Secretaria de Estado de Segurança Pública desenvolverão ação conjunta de fiscalização, de mercadorias em trânsito, na forma prevista neste Decreto.
§1º – A ação conjunta de fiscalização será desenvolvida prioritariamente nos Postos Fiscais de fronteira, por ocasião de entrada e saída de mercadorias.
§2º – A fiscalização será exercida por Agentes de Tributos Estaduais e contará com a participação, nos termos previstos em convênio, de efetivos da Polícia Militar e funcionários da Prefeitura onde estiver localizado o Posto Fiscal de Fronteira.

Art. 2º – Fica criada a Notificação Fiscal conforme anexo.

Art. 3º – Ao constatarem ocorrência de infração à legislação tributária estadual os fiscais dos municípios signatários do convênio a que se refere este Decreto lavrarão Notificação Fiscal.
§1º – Lavrada a Notificação Fiscal a mercadoria poderá ser retida nos termos da legislação, encaminhando-se, imediatamente, os documentos e a Notificação Fiscal à Agência da Receita da Jurisdição que antes de instaurar a ação fiscal com a lavratura do Termo de Apreensão e Depósito e do Auto de Infração autorizará a regularização do procedimento com o recolhimento do ICMS, se devido na operação.
§2º – Ocorrendo a regularização do procedimento, fica elidida a ação fiscal.
§3º – Nas ações fiscais das quais participe Agentes de Tributos Estaduais fica dispensada a lavratura da Notificação Fiscal.

Art. 4º – A Secretaria de Estado da Fazenda providenciará, com a participação dos municípios a construção e instalação de módulos policiais, nas proximidades dos Postos Fiscais de Fronteira destinados a:
I – reprimir o tráfico de drogas, armas e outros ilícitos penais;
II – apoiar a ação de fiscalização de Agentes de Tributos Estaduais e Municipais.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de fevereiro de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 02.03.1995)

ANEXO AO DECRETO Nº 3.815-N, de 24.02.1995

SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA RECEITA
PREFEITURA MUNICIPAL DE _____

NOTIFICAÇÃO FISCAL	
CONTRIBUINTE	**DATA NÚMERO**
Razão Social: _____ Endereço: _____ Rua, Nº e Bairro Município _____ UF____	Insc. Est._____ Insc. CGC_____

NOTIFICAMOS A V. Sª. A COMPARECER A AGÊNCIA DA RECEITA DE SUA JURISDIÇÃO NO PRAZO DE 48 HORAS, A FIM DE QUITAR DÉBITO DE ICMS, SOB PENA DE LAVRATURA DE AUTO DE INFRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO PENAL, DECORRENTE DA INFRAÇÃO A SEGUIR DESCRITA:
_____
_____
_____
_____
_____
_____
—

Ciente em _____ de _____de _____
_____
Assinatura do contribuinte, do transportador ou de seu representante legal

---

DECRETO Nº 3.820-N, de 16.03.1995

Revoga as disposições contidas no Decreto nº 3.777-N/1994

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e IV, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam revogadas as disposições contidas no Decreto nº 3.777-N, de 18.11.1994.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 16 de março de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 17.03.1995)

DECRETO Nº 3.821-N, de 16.03.1995

Aprova Quadro de Organização da Polícia Militar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V, da Constituição Estadual e os arts. 52 e 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar, na forma do anexo deste Decreto.

Art. 2º – O Comandante Geral da Polícia Militar baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização.

Art. 3º – As letras "a", "b" e "d" do art. 4º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, passam a vigorar com as seguintes redações:
"Art. 4º – (…)
a) – de Pessoal – O Grupo Auxiliar e Administrativo e de Recursos Humanos (GA/GDRS), o Grupo auxiliar de Planejamento (GA/GFS) e a Pagadoria de Inativos e Pensionistas (PIP);
b) – de finanças – O Grupo Auxiliar Financeiro (GAF);
c) – (…)
d) – de saúde _ O Hospital da Polícia Militar (HPM), o Centro Odontológico (C. Odont) e o Centro Farmacêutico-Bioquímico (C. Farm/Bioq);
e) (…)
f) (…)"

Art. 4º – Fica acrescido ao §1º do art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, já alterado pelo Decreto nº 3.159-N, de 30.04.1993, a letra "q", com a seguinte redação:
"§1º – (…)
q) Companhia de Polícia de Guarda, com a sede em Vitória, tendo a seu cargo, as missões de segurança do Governador e Guarda do Palácio Anchieta e Residências Oficiais do Governo do Estado."

Art. 5º – O §2º do art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, passa a vigorar com a seguinte redação:
"§2º – São órgãos de execução subordinados ao Comando do Corpo de Bombeiros, o Centro de Atividades Técnicas, o Grupamento de Bombeiros e o Subgrupamento de Busca e Salvamento."

Art. 6º – O art. 10 do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, revogado pelo art. 2º do Decreto nº 3.666-N, de 17.03.1994, passa a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 10 – A Diretoria de Ensino é o órgão responsável, perante o Comandante Geral, pelo planejamento, coordenação, fiscalização e controle das atividades do sistema de ensino da Polícia Militar".

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 3.804-N, de 29.12.1994.

Palácio Anchieta, em Vitória, 16 de março de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 17.03.1995)

DECRETO Nº 3.831-N, de 06.04.1995

Suspende as locações ou renovações de contrato de aluguel de veículos de qualquer natureza

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais conferidas pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam suspensas as locações ou renovações de contrato de aluguel de veículos de qualquer natureza, bem como novas locações de imóveis, pelo prazo de 90 (noventa) dias, a contar da publicação deste Decreto.
Parágrafo único – O disposto neste artigo aplica-se aos órgãos da Administração Direta, às Autarquias e às Empresas Públicas.

Art. 2º – Os gastos relativos a custeio ficam limitados às cotas definidas pela Secretaria de Estado da Fazenda, sendo de inteira responsabilidade de cada Secretário ou Dirigente o que exceder ao estabelecido.

Art. 3º – Os órgãos da Administração Direta e Indireta deverão informar, mensalmente, à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos os gastos efetuados com material permanente, combustível, água, luz e telefone, passagens, diárias, bem como os contratos firmados, aditados ou rescindidos com os respectivos valores e vigências, conforme normas estabelecidas no Anexo único que acompanha este Decreto.
Parágrafo único – A SEAR realizará análise das informações, mantendo dados estatísticos afim de controlar os gastos considerados excessivos, adotando as medidas necessárias para redução dos custos.

Art. 4º – No prazo de 45 (quarenta e cinco) dias úteis a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos através da Coordenação de Administração Geral, deverá realizar levantamento da situação atual dos almoxarifados nos Órgãos da Administração Direta e Autárquica, apresentando relatório detalhado, contendo o tipo de material estocado, quantidade e normas utilizadas, com vistas à redução de gastos, racionalização e padronização de procedimentos.

Art. 5º – As solicitações de revisões, alterações e concessões de reajustes de salários, vencimentos e benefícios dos servidores públicos estaduais somente serão autorizadas após apreciado pelo Fórum Permanente de Negociações.

Art. 6º – As admissões de pessoal, a qualquer título na Administração Direta, nas Autarquias e nas Empresas Públicas, inclusive as contratações sob a forma de prestação de serviço ou assemelhada e as nomeações provenientes da aprovação em Concurso Público deverão ser previamente encaminhadas à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, acompanhados de justificativa contendo indicação do (a) cargo(s) ou funções, vencimentos ou salários, quantitativo de pessoal, à qual as submeterá ao Comitê Administrativo Econômico e Financeiro e Posterior autorização do Chefe do Poder Executivo.
§1º – Excetua-se da proibição do *caput* deste artigo, a nomeação para cargo em comissão, designação para função de confiança, ou contratação temporária expressamente

autorizada por Lei, por prazo determinado, para atender necessidades imperiosas dos serviços essenciais do Estado.

Art. 7º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos realizará levantamento detalhado do número de servidores do Poder Executivo Estadual, contendo: nome, cargo, vínculo, situação funcional por órgão ou entidade.
§1º – Os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos de Regime Especial, Autarquias, Empresas Públicas e Sociedade de Economia Mista ficam obrigados a repassar todas as informações solicitadas no *caput* deste artigo, na forma determinada pela SEAR.
§2º – Os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos da Administração Indireta deverão encaminhar à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, informações sobre pessoal excedente, com vistas à realização de remanejamento de servidores.

Art. 8º – É de competência da SEAR, as atribuições constantes do art. 6º do Decreto nº 3.123-N, de 7.02.1991.

Art. 9º – Os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos ou Entidades ficam responsáveis pela estrita observância e fiscalização de cumprimento do estabelecido neste Decreto, inclusive o que apregoa o Decreto nº 2.541-N, de 21.10.1987.

Art. 10 – Fica determinado aos Secretários de Estado, Dirigentes de Órgãos de Regime Especial, Autarquias e Empresas Públicas que tomem as providências necessárias à agilização na tramitação dos processos no âmbito de suas pastas, com vistas à redução do tempo de permanência dos mesmos na Instituição, reduzindo, conseqüentemente o custo operacional da sua informatização.

Art. 11 – Fica a SEAR autorizada a expedir normas complementares à execução deste Decreto, se necessário.

Art. 12 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 13 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de abril de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 07.04.1995)

DECRETO Nº 3.833-N, de 19.04.1995

Constitui comissão especial de análise das normas e procedimentos da fiscalização e acompanhamento físico-financeiro de convênios, contratos, acordos e ajustes celebrados com os órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição estadual, e com fulcro no Decreto nº 3.824-N, de 23.03.1995;
Considerando a necessidade de atuação em conjunto da Auditoria Geral do Estado, da Secretaria de Estado da Fazenda e da Secretaria de Estado Extraordinária de Representação e Apoio Técnico, na verificação da efetiva aplicação dos recursos relativos aos convênios, contratos, acordos e ajustes;
Considerando a necessidade de levantamentos, pesquisas e estudos na elaboração das normas e procedimentos da fiscalização e o acompanhamento físico-financeiro de convênios, contratos, acordos e ajustes celebrados com os Órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, observada a especificidade de cada órgão;
Considerando a necessidade de integração entre os diversos órgãos da Administração Direta e Indireta do Estado, propiciando o intercâmbio de informações;
Considerando a necessidade da permanente atualização do banco de dados necessário ao cumprimento do disposto no art. 2º, §5º, do Decreto nº 3.426-N, de 14.10.1992, com a redação dada pelo art. 6º, do Decreto nº 3.824-N, de 23.03.1995, decreta:

Art. 1º – Fica criada a Comissão Especial de Análise de Normas e Procedimentos de Fiscalização e Acompanhamento Físico-Financeiro dos contratos, convênios, acordos e ajustes celebrados com Órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual.

Art. 2º – Caberá à Comissão, prevista no art. 1º do presente Decreto, assessorar a Secretaria de Estado Extraordinária de Representação e Apoio Técnico – SERAT, no cumprimento das normas estabelecidas pelo Decreto nº 3.824-N/1995, cabendo-lhe ainda a verificação da efetiva aplicação dos recursos repassados pelos órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, sem prejuízo das atribuições específicas da Auditoria Geral do Estado.

Art. 3º – A Comissão será composta por 04 (quatro) membros permanentes:
I – o Secretário de Estado Extraordinário de Representação e Apoio Técnico – SERAT, que será seu Presidente;
II – 1 (um) representante da Secretaria de Estado da Fazenda;
III – 1 (um) representante da Auditoria Geral do Estado;
IV – 1 (um) servidor do Estado, de livre designação da presidência, para secretariar a Comissão.

Art. 4º – Além dos membros permanentes, previstos no artigo anterior, a Comissão poderá ser acrescida de mais um membro que, a critério da presidência, será convocado para representar a Secretaria ou órgão a que estiver afeto o convênio, contrato, acordo ou ajuste respectivo.

Art. 5º – Para os fins do disposto neste Decreto, cada órgão da Administração Direta ou Indireta do Poder Executivo Estadual designará dois servidores, sendo um titular e um suplente, que o representará na Comissão, quando convocado.

Art. 6º – As despesas decorrentes de aplicação do presente Decreto correrão à conta de dotação orçamentária da Casa Civil, enquanto a Secretaria de Estado Extraordinária de Representação e Apoio Técnico – SERAT, não possuir dotação orçamentária própria.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 16 de março de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 20.04.1995)

DECRETO Nº 3.850-N, de 25.05.1995

Aprova o Quadro de Organização da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V da Constituição Estadual os arts. 52 e 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar, na forma do anexo deste Decreto.

Art. 2º – O Comandante Geral da Polícia Militar baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização.

Art. 3º – A letra "d" do art. 4º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, já com nova redação pelo art. 3º do Decreto nº 3.821-N, de 16.03.1995, passa a viger com a seguinte redação:
"Art. 4º – (…)
d) de Saúde – O Centro de Apoio Administrativo, a Policlínica e o Hospital da Polícia Militar (HPM);
(…)"

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 25 de maio de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 26.05.1995)

DECRETO Nº 3.853-N, de 06.06.1995

Altera o Decreto nº 666/1964

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O inciso I do art. 7º do Decreto nº 666, de 29.07.1964, fica acrescido da letra "d" com a seguinte redação:
"Art. 7º – (…)
a) (…)
b) (…)
c) (…)
d) Subtenentes – 6 (seis) meses ininterruptos nas funções de sargenteante."

Art. 2º – A letra "c" do art. 15 do Decreto nº 666/1964, passa a viger com a seguinte redação:
"Art. 15 – (…)
(…)
c) "Sub Judice"."

Art. 3º – O art. 32 do Decreto nº 666/1964, fica acrescido em sua letra "a", do inciso IV, e da letra "c", com as seguintes redações:
"Art. 32 – (…)
a) (…)
IV – de sargenteação completa – 10 (dez) pontos.
b) (…)
c) Elogios individuais como sargento:
I – Função policial militar (área operacional) 02 (pontos) por elogio;
II – Outros motivos (desde que não se prenda a um encargo moral), exceto por doação de sangue – 0,5 (zero vírgula cinco) pontos por elogio."

Art. 4º – Entende-se por sargenteação completa, 6 (seis) meses ininterruptos nas funções de sargenteante.

Art. 5º – Considera-se elogio individual o que tenha o cunho marcante da atividade individual no desempenho da missão ou cargo, por conhecimentos profissionais.
§1º – Contar-se-ão, apenas, 3 (três) elogios em cada ano, dando-se prioridade aos de maior número de pontos.
§2º – Quando sobre o mesmo fato houver vários elogios, apenas um deles será computado.

Art. 6º – Serão computados aos Subtenentes e Sargentos, 02 (dois) pontos pela Medalha do Sesquicentenário da PMES e 03 (três) pontos pela Medalha Vasco Fernandes Coutinho.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de junho de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 07.06.1995)

DECRETO Nº 3.854-N, de 06.06.1995

Precedência funcional do Coronel QOPM Diretor de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III e V, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Coronel QOPM Diretor de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, terá precedência funcional sobre os demais Coronéis daquela Diretoria.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 26.05.1995.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de junho de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 6.467-E, de 11.04.1995

Dispõe sobre as solicitações para liberação de recursos do Tesouro para pagamento de servidores, revoga o Decreto nº 5.907-E/1994, e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, decreta:

Art. 1º – As solicitações para liberação de recursos do Tesouro para pagamento de servidores regidos pela CLT da Administração Direta e de servidores regidos pela CLT e pela Lei Complementar nº 46, da Administração Indireta do Poder Executivo Estadual, deverão ser preenchidas de acordo com os formulários anexos I e II e entregues na

Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, acompanhadas das folhas de pagamento completas de cada órgão e das respectivas tabelas salariais, impreterivelmente até o dia 20 (vinte) do respectivo mês do pagamento.

§1º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos procederá à análise e apreciação das solicitações de liberação, devidamente preenchidas pelos respectivos órgãos, encaminhando-as a Secretaria de Estado da Fazenda no prazo máximo de 05 (cinco) dias úteis.

§2º – As folhas de pagamento completas de cada órgão, após análise da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, deverão ser remetidas a Auditoria Geral do Estado.

Art. 2º – Os valores relativos à alteração ou inclusão de vencimentos, benefícios ou vantagens devidos a servidores públicos, somente poderão ser incluídos na folha de pagamento até o dia 15 (quinze) do mês respectivo.

Parágrafo único – Fica vedada a efetuação de quaisquer créditos relativos a vencimentos ou vantagens devidos a servidores, através de procedimentos paralelos as rotinas normais de execução de folha de pagamento, salvo determinação judicial.

Art. 3º – Os resumos finais relativos à folha de pagamento do pessoal estatutário ativo e inativo da Administração Direta do Poder Executivo Estadual deverão ser encaminhados à Secretaria de Estado da Fazenda até o dia 25 (vinte e cinco) do respectivo mês.

Art. 4º – Os Órgãos da Administração Indireta (Autarquias, Empresas Públicas e Sociedade de Economia Mista), que não recebem diretamente do Tesouro Estadual recursos para pagamento de pessoal, deverão encaminhar a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, para efeitos de estudos, acompanhamento e controle, o formulário Anexo I até o dia 30 (trinta) do mês a que se referem às informações, acompanhados da respectiva tabela salarial, sempre que a mesma sofrer alteração.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário, em especial o Decreto nº 5.907-E, de 21.02.1994.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de abril de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 12.04.1995)

ANEXO I AO DECRETO Nº 6.467-E, de 11.04.1995

SEAR/SEFA – INFORMAÇÕES PARA PAGAMENTO DE PESSOAL CELETISTA

I- Identificação

01- xxxxxxxxxxx	xxxxxxxx

II- Tipo de folha

□xxxxx □xxxxx (es) _____ □ xxxx

III- Grupos de xxxxxxxxxxxx

GP	03	04- Nº de Servidores	05- Valor (R$)	GP	06- Despesas xxxxxxxxx	07- Nº de Servidores	08- Valor (R$)
G01	Salários Fixos			G14	Adiantamento Salário		
G03	Adic. Tempo Serviço			G14	Abono Pecun.Férias		
G03	Adic. Assid. (xxx)			G14	Gratificação Férias		
G17	Função Gratificada			G14	1/3 Férias		
G18	Cargo Comissionado			G08	13º Salário		
G02	Insalubridade			G04	Abonos (Lei/Dec _____)		
G02	Periculosidade			001	Compl. Pensão		
G02	Adicional Noturno			G08	Restituição Imp. Renda		
G18	Remun. Dirigente			G08	Horas Extras		
	Gratif. _____			G19	Comp. Salário Outros Servidores na Instituição		
	Gratif. _____			G13	Complemen. Sal. Mínimo		
				D	Diferenças Atrasadas		
					Reposições ao Órgão (*)		
Total R$			Total R$				

IV- Comissionados sem Vínculo

09	10- Nº de Servidores	11- Valor (R$)
Estag. Estudantes		
Convênio IESBEM		
Resid. Médicos		
Contrato Lei ____		
Total R$		

V-

12	13		14

VI- Servidores de outros órgãos ou instituições

Com Ônus	Sem Ônus

VII- Movimentação de Servidores xxxx

VIII- Encargos Sociais (parte do Empregador)

INSS ____ xxxxxxxxxxxxx Trabalho ____% FGTS _____% PASEP R$ _____	Total R$

XII- Despacho da SEAR a SEFA

Visto

____/____/____

_____
e Assinatura do responsável pelo Setor

IX- Total Geral R$

X- Unidade Responsável

____/____/____

_____
e Assinatura do responsável pelo Setor

XI- Duração Administrativa

De acordo ___/____/____

_____
e Assinatura do responsável

ANEXO II AO DECRETO Nº 6.467-E, de 11.04.1995

SEAR/SEFA – INFORMAÇÕES PARA PAGAMENTO DE PESSOAL ESTATUTÁRIO

I- Identificação

01- xxxxxxxxxxx	xxxxxxxx

II- Tipo de folha

□xxxxx □xxxxx (es) _____ □ xxxx

III- Grupos de xxxxxxxxxxxx

GP	03	04- Nº de Servidores	05- Valor (R$)	GP	06- Despesas xxxxxxxxx	07- Nº de Servidores	08- Valor (R$)
G01	Salários Fixo			G14	Férias		
G03	Adic. Tempo Serviço			G14	13º Salário		
G03	Adic. Assid. (xxxx)			G14	Abonos		
G17	Função Gratificada			G14	(Lei / Dec _____)		
G18	Cargo Comissionado			G08	Restituição I.R.		
G02	Insalubridade			G04	Horas Extras		
G02	Periculosidade				Comp. Salário Outros		
G02	Adicional Noturno			G19	Servidores ou Instituição		
G18	Remun. Dirigente			G13	Complemen. Sal. Mínimo		
	Gratif. _____			D	Diferenças Atrasadas		
	Gratif. _____						
					Reposições ao Órgão (*)		
Total R$			Total R$				

IV- Comissionados sem Vínculo

09	10- Nº de Servidores	11- Valor (R$)
Estag. Estudantes		
Convênio IESBEM		
Resid. Médicos		
Contrato Lei ____		
Total R$		

V-

12	13		14

VI- Servidores de outros órgãos ou instituições

Com Ônus	Sem Ônus

VII- Movimentação de Servidores xxxx

VIII- Encargos Sociais (parte do Empregador)

IPAJM	Total R$

XII- Despacho da SEAR a SEFA

Visto

____/____/____

_____
e Assinatura do responsável pelo Setor

IX- Total Geral R$

X- Unidade Responsável

____/____/____

_____
e Assinatura do responsável pelo Setor

XI- Duração Administrativa

De acordo ___/____/____

_____
e Assinatura do responsável

DECRETO Nº 3.870-N, de 24.07.1995

Dispõe sobre modelos de cédulas de identidade da Polícia Militar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os arts. 6º, 7º, 8º e 9º do Decreto nº 2.612-N, de 27.01.1988, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 6º – Ficam instituídos, como documento de identificação do pessoal da Polícia Militar, os "espelhos" ou "cédulas" de identidade a que se referem os modelos constantes dos anexos que acompanham este Decreto, a saber:
I – Modelo 1, para oficiais e praças;
II – Modelo 2, para oficiais e praças."
"Art. 7º – A cédula de identidade referida no inciso II do artigo anterior, denomina-se Cédula Especial de Polícia e será fornecida aos oficiais e praças da Corporação em serviço especial.
§1º – Aos policiais militares da reserva e reformados, quando no exercício de função de interesse da segurança pública ou convocados em circunstâncias especiais, poderá ser fornecida essa cédula, a critério do Comandante Geral.
§2º – (…)"
"Art. 8º – (…)
§1º – As cédulas de identidade terão a cor padrão azul claro.
§2º – A cédula de identidade a que se refere o inciso I do art. 6º terá a inscrição "POLÍCIA MILITAR" escrita na cor vermelha com letras maiúsculas, em sentido horizontal.
§3º – A Cédula Especial de Polícia conterá no anverso a palavra "POLÍCIA" escrita na cor vermelha, com letras maiúsculas, em sentido horizontal."
"Art. 9º – (…)
§1º – (…)
a) (…)
b) ainda na parte superior direita, as inscrições "ESTADO DO ESPÍRITO SANTO", "POLÍCIA MILITAR", "DIRETORIA DE PESSOAL", "DECRETO Nº ____.", "REGISTRO GERAL (RG)", "POSTO/GRADUAÇÃO", "VALIDADE", "NOME" e, finalmente, "ASSINATURA DO IDENTIFICADO";
c) Todos os dispositivos das letras acima serão colocados dentro de um retângulo no tamanho 100 x 68mm.
§2º – (…)
a) serão inseridos os seguintes dados: filiação, via da carteira, grupo sangüíneo e fator RH, data de nascimento, naturalidade, CIC, prontuário da Diretoria de Saúde, PIS/PASEP, título eleitoral e outros documentos de interesse do servidor público militar estadual, fórmula dactiloscópica primária do sistema de identificação Vucetich, doação de órgãos, data de emissão, impressão do polegar direito e. finalmente, uma linha destinada à assinatura do Chefe da DP/1;
b) na Cédula Especial de Polícia serão inseridos os dizeres "FAÇO SABER ÀS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES QUE O PORTADOR DESTA É INTEGRANTE DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E QUE DEVEM LHE DAR TODO O AUXÍLIO QUE, NO CUMPRIMENTO DOS SEUS DEVERES, POSSA NECESSITAR OU VENHA A REQUISITAR.", "É FACULTADO O SEU INGRESSO AOS LOCAIS ONDE SE REALIZEM DIVERSÕES PÚBLICAS", data de emissão e uma linha destinada à assinatura do Chefe da DP/1."

Art. 2º – Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor 90 (noventa) dias após a sua publicação, quando perderão o valor as cédulas concedidas em desacordo com o art. 1º do presente Decreto, as quais deverão ser devolvidas por seus portadores, ou apreendidas, se exibidas posteriormente.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de julho de 1995.

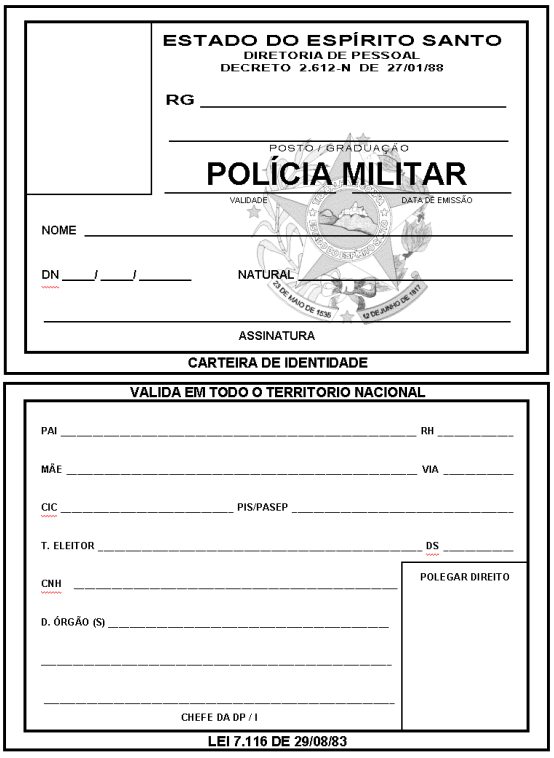
José Renato Casagrande

Governador do Estado em Exercício

(D.O.E. 25.07.1995)

ANEXO I AO DECRETO Nº 3.870-N, de 24.07.1995

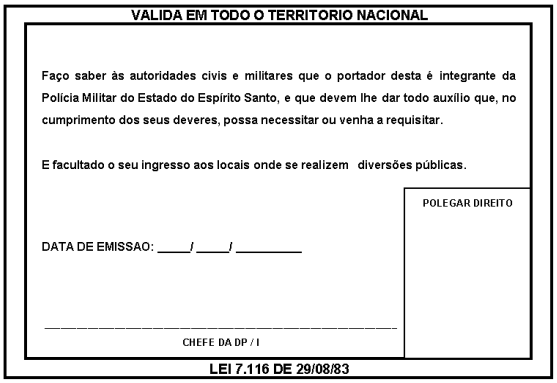
MODELO 1



ANEXO II AO DECRETO Nº 3.870-N, de 24.07.1995

MODELO 2





VALIDA EM TODO O TERRITORIO NACIONAL

Faço saber às autoridades civis e militares que o portador desta é integrante da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, e que devem lhe dar todo auxílio que, no cumprimento dos seus deveres, possa necessitar ou venha a requisitar.

E facultado o seu ingresso aos locais onde se realizem diversões públicas.

POLEGAR DIREITO

DATA DE EMISSAO: ____/ ____/ _____

_____
CHEFE DA DP / I

LEI 7.116 DE 29/08/83

Decreto nº 3.882-N, de 25.08.1995

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPIRÍTO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe são conferidas nos termos do inciso III, do Artigo91, da Constituição Estadual,

Considerando a necessidade de adequação na forma de distribuição do vele-transporte, instituído pela Lei nº 3.981, de 27 de novembro de 1987, regulamentado pelo Decreto nº 2.624-N, de 29 de Fevereiro de 1988, para todos os órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - Fica instituída a concessão de dois vales-transporte diários para os servidores da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, que cumpres jornada de 40 (quarenta) horas semanais de trabelho, e que recebem o Auxilio-Alimentação em valores de 40 (quarenta) horas semanais.

Parágrafo Único – Aos servidores com remuneração superior a R$1.000,00 (hum mil reais), poderá ser concedido até 4 (quatro) vales transporte diários caso cumpram jornada de 40 (quarenta) horas semanais de trabalho.

- *Inserido pelo Decreto nº 271-R, de 18.08.2000*

Art. 2º Este Decreto entra em vigor à partir de 1º de setembro de 1995.

Art.3º Revogam-se as disposições em contrario.

Palácio Anchieta,em Vitória, aos de de 1995; 174º da Independência;170 da Republica e 461º do inicio da Colonização do Solo Espírito-santense .

VITOR BUAIZ
Governador do Estado

ANTONIO CAETANO GOMES
secretario de Estado de Administração e dos Recursos Humanos

DECRETO Nº 6.534-E, de 10.08.1995

Obriga aos Órgãos do Poder Executivo a observância de medidas de contenção de gastos públicos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, e
Considerando a necessidade de adequação dos gastos do Estado à receita, efetivamente arrecadada;
Considerando que as despesas de pessoal e de custeio estão comprometendo a capacidade de investimento, em projetos prioritários e, finalmente,
Considerando a necessidade de estabelecer definições uniformes aplicáveis à Administração Direta, Autarquias e Empresas Públicas, decreta:

Art. 1º – Os Órgãos da Administração Direta, Autarquias e Empresas Públicas do Poder Executivo, ficam obrigados à observância das seguintes medidas de contenção dos gastos públicos:
I – com relação às despesas de pessoal, ficam proibidas:
a) as nomeações, contratações, substituições, designações para prestação de serviços extraordinários, correções de distorções e revisões de tabelas salariais, bem como os aumentos e as concessões de novos benefícios aos servidores dos órgãos a que se refere o *caput* deste artigo, ressalvadas as garantias, constitucionalmente asseguradas;
b) as localizações de servidores que impliquem no pagamento de ajuda de custo;
c) a realização de concursos públicos, inclusive os já aprovados, excetuando as excepcionalidades, que deverão ser analisadas pela SEAR e posterior decisão do Governador.
II – com relação às despesas de custeio, ficam proibidas:
a) as locações ou renovações de contratos de aluguel de veículos de qualquer natureza, bem como novas locações de imóveis, salvo com autorização expressa do Governador;
b) a realização de despesas com publicidade, exceto as publicações de caráter legal, e, a critério do Governador do Estado, as divulgações de matérias de relevante interesse social;
c) a participação financeira no custeio de eventos comemorativos de qualquer natureza e a celebração de quaisquer novos convênios que impliquem na assunção de encargos financeiros;
d) a contratação de consultoria de pessoas físicas ou jurídicas que, em caráter excepcional, deverá ser submetida à análise da SEAR e PGE, para posterior decisão do Governador.

Art. 2º – As solicitações para execução de obras na administração pública, acompanhadas de justificativa, deverão ser encaminhadas para análise da SEFA, CASA CIVIL E SEPLAE, cujo parecer deverá ser submetido à decisão do Governador.

Art. 3º – Os pedidos de licitação, cujo valor for superior à tomada de preços, deverão ser enviados à SEFA e SEPLAE, para análise e posterior apreciação do Governador.

Art. 4º – Ficam instituídos Grupos de Trabalhos para:
I – acompanhar e analisar as folhas de pagamento dos órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder

Executivo Estadual que recebem recursos do Tesouro Estadual, Grupos de Trabalho composto por:
– 3 (três) membros da SEAR, dentre eles, um membro na qualidade de coordenador;
– 3 (três) membros da AGE;
– 1 (um) membro da SEFA;
– 1 (um) membro da PGE.
II – acompanhar e avaliar os gastos no setor público, Grupo de Trabalho composto por:
– 3 (três) membros da SEFA, dentre eles, um membro na qualidade de coordenador;
– 1 (um) membro da SEAR;
– 1 (um) membro da AGE;
– 1 (um) membro da SEPLAE.
III – negociar, no prazo de 30 (trinta) dias, os contratos de terceirização, principalmente os relativos à vigilância, limpeza, manutenção de veículos e fornecimento de oxigênio, Grupo de Trabalho composto por:
– 1 (um) membro da PGE, na qualidade de coordenador;
– 1 (um) membro da SEFA;
– 1 (um) membro da SEAR;
– 1 (um) membro da AGE.
Parágrafo único – Os grupos instituídos para executar as determinações dos incisos I e II deverão encaminhar relatório de avaliação ao Governador do Estado a cada 03 (três) meses.

Art. 5º – Ficam os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos da Administração Indireta responsáveis pelo cumprimento do disposto neste Decreto bem como pela contenção de gastos supérfluos, no âmbito das respectivas Secretarias e Órgãos vinculados, assim compreendidos aquelas despesas que não se referem, exclusivamente, ao regular funcionamento dos serviços públicos.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de agosto de 1995.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 15.08.1995)

DECRETO Nº 6.710-E, de 26.04.1996

Dispõe sobre os procedimentos em local de acidente de trânsito

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição constitucional, e
Considerando que a legislação pertinente, Leis Federais nº 5.970, de 11.12.1973 e nº 6.174, de 09.02.1974, fornecem o embasamento legal para os procedimentos em "Local de Acidente de Trânsito".
Considerando ainda o Parecer nº 1.004/1995/PGE, favorável à regulamentação dos procedimentos a serem adotados em Local de Acidente de Trânsito, constante do Processo – PM – 09199365, de 09.06.1995;
Considerando que a douta PGE, através do Parecer PAD nº 115/1995, se pronunciou favoravelmente sobre a legalidade de confecção de boletim de acidente de trânsito a "Posteriori", decreta:

Art. 1º – Fica autorizado ao primeiro policial que chegar ao "Local de Acidente de Trânsito", a remover, imediatamente, do leito da via pública, os veículos e as pessoas lesionadas, inclusive o cadáver, desde que esteja prejudicando o trânsito.

Art. 2º – O policial referido no art. 1º deverá adotar as seguintes providências:
a) providenciar socorro às vítimas, se houver, e encaminhá-las ao hospital mais próximo;
b) arrolar testemunhas, confeccionar o croqui do acidente, liberar o tráfego e providenciar a lavratura do boletim de acidente de trânsito (BAT) junto à PMES, para encaminhamento a autoridade competente;
c) em acidente de trânsito onde só haja danos materiais, deverá anotar todos os dados referentes aos veículos e condutores envolvidos e conduzi-los ao posto de trânsito mais próximo, caso não haja acordo entre as partes;
d) em acidente de grandes proporções deverá solicitar ao COPOM ou Central de Comunicação dos órgãos de segurança pública (no interior), veículo, tipo guincho para efetuar a remoção dos veículos sinistros do Leito da via pública, caso esteja prejudicando o trânsito.
e) em caso de vítima fatal que esteja no Leito de via pública ou presa às ferragens do veículo, providenciar a remoção de acordo com a letra "d" acima, mantendo-a em local seguro, próximo ao sinistro até a chegada da perícia;
f) em caso de acidente envolvendo viatura militar (Forças Armadas e Polícia Militar) e veículos oficiais, o procedimento será o mesmo das letras "d" e "e";
g) em caso de violação à Lei das Contravenções Penais, tais como "Dirigir com sintomas de embriaguez alcoólicas, direção perigosa, incontinência pública, etc.", o infrator deverá ser conduzido à autoridade policial mais próxima. Em se tratando de infrações cometidas, o policial deverá encaminhá-las à autoridade competente.
Parágrafo único – Nos casos de acidentes com lesões graves, as pessoas e veículos envolvidos deverão ser notificados à autoridade competente na forma da Legislação em vigor.

Art. 3º – Em caso de acidente de trânsito somente com danos materiais de pequena "monta", fica o BPTRAN e os demais segmentos de Policiamento de Trânsito da PMES, autorizados a confeccionar o Boletim de Acidente de Trânsito num prazo máximo de 24 (vinte e quatro) horas úteis, observando os procedimentos internos a serem baixados pela PMES.

Art. 4º – O modelo do Anexo A do presente Decreto constitui-se no documento oficial para registro de acidente de trânsito.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 1.098-E de 20.01.1975.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de abril de 1996.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 29.04.1996)

ANEXO AO DECRETO Nº 6.710-E, de 26.04.1996 – BCG nº 034, de 02.05.1996

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO **POLÍCIA MILITAR**	**BOLETIM DE ACIDENTE DE TRÂNSITO**	NÚMERO / FOLHA ____/____	NÚMERO BAT

I – DADOS GERAIS DO ACIDENTE

RUA, AV, RODOVIA	PONTO DE REFERÊNCIA

MUNICÍPIO	UF	HORA OCORRÊNCIA	ZONA	DATA	DIA SEMANA	Nº DE VEÍCULOS	HORA COMUNICAÇÃO	HORA CHEGADA
			☐ Rural ☐ Urbana	___/___/_____				

TIPO DE ACIDENTE

Atropelamento	☐
Choque – Objeto Fixo	☐
Choque – Veículo parado	☐
Colisão – Frontal	☐
Colisão – Lateral	☐
Colisão – Traseira	☐
Tomb/Capotamento	☐
Outros	☐

VIA

Reta	☐	Divisor de pista	☐
Curva	☐	Faixa dupla sólida	☐
Cruzamento	☐	Faixa intermitente	☐
Aclive	☐	Largura faixa rolamento	_____
Declive	☐	Largura de pista	_____
Lombada	☐	Largura acostamento	_____
Mão Única	☐	Velocidade da via	_____
Mão Dupla	☐	Outra	_____

SINALIZAÇÃO

Semáforo funcionando	☐
Semáforo defeituoso	☐
Placa "PARE"	☐
Policial	☐
Outra	☐

TEMPO

Bom	☐
Chuva	☐
Neblina	☐
Garoa	☐

PAVIMENTO

Asfalto	☐	Seco	☐
Concreto	☐	Molhado	☐
Paralelepípedo	☐	Oleosa	☐
Cascalho	☐	Lamacenta	☐
Terra	☐	Macadame	☐
Areia	☐	Em obras	☐
Outro	☐		

NATUREZA DO ACIDENTE

Com Vítimas	☐
Sem Vítimas	☐
Nº Vítimas	____

VISIBILIDADE

Boa	☐
Regular	☐
Má	☐

II – DADOS REFERENTES AOS CONDUTORES / VEÍCULOS

VEÍCULO/CONDUTOR Nº ____

NOME DO CONDUTOR					SEXO	NASCIMENTO
					F ☐ M ☐	___/___/____
ENDEREÇO						
1ª HABILITAÇÃO	CATEGORIA	PRONTUÁRIO	UF	EXAME MÉDICO EM DIA	USAVA CINTO	USAVA CAPACETE
___/___/_____				Sim ☐ Não ☐	Sim ☐ Não ☐	Sim ☐ Não ☐
MARCA ESPÉCIE		PLACA		MUNICÍPIO		UF
NOME PROPRIETÁRIO		ENDEREÇO				

CHASSI	SOCORREU A VÍTIMA	PERMANECEU NO	PONTO	CARRO
	Sim ☐ Não ☐	Local ☐ XXX ☐		
AVARIAS				MOTO
SENTIDO QUE TRAFEGAVA E FAIXA				EXAME ALCOÓLICO REALIZADO
				Sim ☐ Não ☐
AÇÃO DO CONDUTOR				Bafômetro nº_____ _____ 9%

VEÍCULO/CONDUTOR Nº ____

NOME DO CONDUTOR					SEXO	NASCIMENTO
					F ☐ M ☐	___/___/____
ENDEREÇO						
1ª HABILITAÇÃO	CATEGORIA	PRONTUÁRIO	UF	EXAME MÉDICO EM DIA	USAVA CINTO	USAVA CAPACETE
___/___/_____				Sim ☐ Não ☐	Sim ☐ Não ☐	Sim ☐ Não ☐
MARCA ESPÉCIE		PLACA		MUNICÍPIO		UF
NOME PROPRIETÁRIO		ENDEREÇO				

CHASSI	SOCORREU A VÍTIMA	PERMANECEU NO	PONTO	CARRO
	Sim ☐ Não ☐	Local ☐ XXX ☐		
AVARIAS				MOTO
SENTIDO QUE TRAFEGAVA E FAIXA				EXAME ALCOÓLICO REALIZADO
				Sim ☐ Não ☐
AÇÃO DO CONDUTOR				Bafômetro nº_____ _____ 9%

ANEXO DO DECRETO Nº 6.710-E, de 26.04.96 – BCG Nº 034, de 02.05.96

III – DADOS REFERENTES ÀS TESTEMUNHAS

Nº 01	NOME		SEXO: F ☐ M ☐	NASCIMENTO ___/___/____
	ENDEREÇO	IDENTIDADE Nº	ORGÃO EMISSOR	UF
Nº 02	NOME		SEXO: F ☐ M ☐	NASCIMENTO ___/___/____
	ENDEREÇO	IDENTIDADE Nº	ORGÃO EMISSOR	UF

IV – DADOS REFERENTES ÀS VÍTIMAS

Nº 01	NOME		SEXO F ☐ M ☐	NASCIMENTO ___/___/____
	ENDEREÇO	FERIMENTOS Parciais ☐ Fatais ☐	VIAJAVA NO VEÍCULO Nº	USAVA CINTO Sim☐ Não☐
	CONDIÇÃO DA VÍTIMA Cond.☐ Passag.☐ Pedestre☐	AÇÃO DA VÍTIMA	CONDUZIDA PARA	
Nº 02	NOME		SEXO F ☐ M ☐	NASCIMENTO ___/___/____
	ENDEREÇO	FERIMENTOS Parciais ☐ Fatais ☐	VIAJAVA NO VEÍCULO Nº	USAVA CINTO Sim☐ Não☐
	CONDIÇÃO DA VÍTIMA Cond.☐ Passag.☐ Pedestre☐	AÇÃO DA VÍTIMA	CONDUZIDA PARA	

V – DIAGRAMA DO ACIDENTE

Elaborado por Policial
Condutor ☐ Testemunha ☐ Presumível ☐

	SIMBOLOGIA
	Automóvel ônibus ou Caminhão Trem Veículo de 02 rodas Marcha à frente Marcha à ré Patinagem ou Derrapagem Capotagem Pedestre Animal Objeto fixo Incêndio Antes do Impacto Ponto do Impacto Depois do Impacto

VI – OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

ATESTO QUE OS DADOS ACIMA SÃO A EXPRESSÃO DA VERDADE

Condutor nº _____ Assinatura	Condutor nº _____ Assinatura	Local Data	Agente Policial Nome/RG Assinatura

DECRETO Nº 3.990-N, de 31.05.1996

Dispõe sobre identificação de veículos pelo Poder Executivo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os veículos locados pelos Órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, deverão ser identificados em suas portas laterais com adesivo do Brasão do Estado e a expressão Uso Exclusivo em Serviço, na forma definida pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos.
§1º – Excetuam-se da identificação os veículos destinados à segurança do Governador do Estado.
§2º – Os veículos ostentarão ainda o do Órgão a que pertençam e respectivo Poder.
§3º – Nos contratos de locação de veículos deverão constar cláusulas referentes à determinação do presente Decreto.

Art. 2º – Os Órgãos do Poder Executivo Estadual terão o prazo de 30 (trinta) dias a partir da publicação deste Decreto, para dar cumprimento a normas estabelecidas no art. 19.

Art. 3º – As despesas com adesivo a que se refere o art. 1º correrão a conta do órgão locatário.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31.de maio.1996.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 3.991-N, de 03.06.1996

Regulamenta a Lei Complementar nº 77/1996

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso II, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado, na forma do Anexo que acompanha este Decreto, o regulamento da Lei Complementar nº 77, de 31.01.1996.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 03 de junho de 1996.
VITOR BUAIZ
Governador do Estado

ANEXO AO DECRETO Nº 3.991-N, de 03.06.1996

(REGULAMENTO DA LEI COMPLEMENTAR Nº 77, de 31.01.1996)

Art. 1º – Fica facultado ao servidor público da Administração Direta e Indireta do Estado requerer a redução da sua carga horária, com redução proporcional de sua remuneração

Parágrafo único – Para efeito da Lei Complementar nº 77, de 31.01.1996, entende-se como servidor público os estatutários e celetistas da Administração Direta, Autarquias, Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista.

Art. 2º – A jornada de trabalho reduzida dar-se-á da seguinte forma:
I – carga horária de 40 horas para 30 horas será cumprida a jornada de seis horas diárias;
II – carga horária de 40 horas para 20 horas a jornada de quatro horas diárias
III – carga horária de 30 para 20 horas a jornada de quatro horas diárias
IV – carga horária de 25 horas para 20 horas será cumprida a jornada de quatro horas diárias;
V – carga horária de 20 horas para 15 horas será cumprida a jornada de três horas diárias.
§1º – A redução da carga horária de trabalho importará na redução proporcional da remuneração bem como dos valores do auxílio-alimentação ou equivalente do servidor requisitante
§2º – A carga horária reduzida de 40 para 20 horas só se aplica aos servidores ocupantes de cargos e empregos de médicos e dentistas.
§3º – Os servidores submetidos às cargas horárias inferiores a 30 horas, não terão direito ao recebimento do auxílio-alimentação ou o equivalente.
§4º – A redução da carga horária prevista no *caput* deste artigo não se aplica aos servidores ocupantes de cargos comissionados e funções gratificadas.

Art. 3º – A redução de carga horária deverá ser solicitada através do formulário "Solicitação de Redução de Jornada de Trabalho com redução Proporcional de Remuneração", protocolado no órgão onde o servidor requisitante estiver lotado e encaminhado ao titular da Pasta ou dirigente da Entidade.

Art. 4º – Caberá ao titular da Pasta ou dirigente da Entidade onde o servidor estiver lotado conceder ou não a redução de carga horária, levando-se em consideração a conveniência do serviço.

Art. 5º – Até o quinto dia útil de cada mês os órgãos da administração pública estadual deve, Informar à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos o quantitativo de servidores que tiveram a carga horária reduzida, informando nome, cargo, remuneração original e reduzida, carga horária original e reduzida.

Art. 6º – Fica resguardado o servidor o direito de retornar à sua carga horária, desde que decorridos 02 (dois) anos de jornada reduzida, e após solicitação formal.

Art. 7º – Fica a critério da Administração pública estadual o retorno à situação originária do servidor, tendo em vista a necessidade e conveniência administrativa, após decorrido seis meses de jornada reduzida, com antecedência prévia de 30 (trinta) dias.

Art. 8º – O cumprimento de carga horária reduzida deverá iniciar-se sempre no primeiro dia do mês seguinte à comunicação do deferimento pela autoridade competente.

Art. 9º – O servidor terá seus proventos de aposentadoria fixados no vencimento que estiver percebendo na data da protocolação do pedido e serão calculados tomando-se por base a média dos valores computados nos últimos 5 (cinco) anos imediatamente anteriores ao pedido.

Parágrafo único – Quando da instituição do fundo de Aposentadoria no serviço público estadual, o servidor com redução de carga horária deverá recolher a contribuição em separado, na conta do Fundo, nos valores devidos, equivalentes à diferença da remuneração original para a reduzida, para fazer jus aos proventos com valores integrais.

Art. 10 – Nenhuma redução de carga horária poderá ser feita sem observância das normas deste regulamento.

Art. 11 – Fica vedada a concessão de horas extras, contratações temporárias e prestações de serviços para suprir redução de carga horária.

DECRETO Nº 3.993-N, de 17.06.1996

Regulamenta a Lei Complementar nº 72/1995, que cria o FUNREPOM

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, item V, da Constituição Estadual e cumprindo o disposto no art. 11, da Lei Complementar nº 72, de 26.12.1995, decreta:

Art. 1º – O Fundo Especial de Reequipamento Policial Militar – FUNREPOM, criado pela Lei Complementar nº 72/1995, com a finalidade de, em caráter complementar, prover a Polícia Militar de recursos financeiros, visando dotá-la de equipamentos e condições indispensáveis à execução de sua atividades constitucionais, será administrado segundo as disposições deste Decreto, observado o que estabelecem os §§1º e 2º, do art. 1º da Lei que neste ato se regulamenta.

Art. 2º – O Fundo Especial de Reequipamento Policial Militar – FUNREPOM, será constituído das seguintes fontes de recursos:
I – taxas pelo exercício do poder de polícia e pela prestação de serviços específicos ou diferenciados na área dos diversos tipos e modalidades de policiamento ostensivo.
II – produto de arrecadação de multas por infração à legislação administrativa policial;
III – auxílios, subvenções ou doações municipais, federais ou privadas específicas ou oriundas de convênios ou ajustes firmados com o Estado do Espírito Santo, para serviços afetos à Polícia Militar;
IV – resultado da alienação de material ou equipamento julgado inservível;
V – recursos transferidos por entidades públicas ou particulares e dotações orçamentárias ou créditos adicionais que lhe venham a ser atribuídos;
VI – juros bancários de seus depósitos ou aplicações financeiras;
VII – quaisquer outras rendas eventuais.

Art. 3º – Os recursos a que se refere o art. 2º e seus itens serão obrigatoriamente depositados pela Secretaria de Estado da Fazenda, mensalmente, no Banco do Estado do Espírito Santo – BANESTES, em conta especial sob denominação de "Fundo Especial de Reequipamento Policial Militar", que será movimentada pelo Conselho Deliberativo do FUNREPOM, de acordo com suas deliberações, sob a forma de Resolução.

Art. 4º – O FUNREPOM tem escrituração contábil própria, independente de qualquer Unidade da Secretaria de Estado da Segurança Pública da Polícia Militar.

Art. 5º – O saldo positivo do FUNREPOM apurado em balanço em cada exercício financeiro, será transferido para o exercício seguinte, a crédito do mesmo Fundo.
§1º – Os bens adquiridos pelo FUNREPOM são destinados e incorporados ao patrimônio da Polícia Militar.
§2º – Para os efeitos de ordem orçamentária, os recursos do FUNREPOM ficam vinculados ao Gabinete do Secretário de Estado da Segurança Pública.

Art. 6º – Os saques de conta bancária mencionada no art. 3º deste Decreto, somente serão feitos mediante cheques, assinados pelo Presidente do Conselho Deliberativo e pelo Tesoureiro do FUNREPOM, por ele designado.

Art. 7º – Das aplicações do FUNREPOM, serão prestadas contas ao Tribunal de Contas do Estado, nos prazos previstos na legislação pertinente.

Art. 8º – O plano de aplicação do FUNREPOM será aprovado pelo Governador do Estado.
Parágrafo único – Poderá ser destinada uma parcela de valor correspondente a até 5% (cinco por cento) da receita arrecada para cobertura dos encargos do FUNREPOM.

- *Vide Lei Complementar nº277, de 23.12.03*

Art. 9º – Mensalmente, o Presidente do Conselho Deliberativo do FUNREPOM remeterá à Coordenação Geral de Finanças da Secretaria de Estado da Fazenda, balancete de receita da arrecadação oriunda do mês imediatamente anterior acompanhado de uma via dos documentos da receita, para fins de registro, contabilização e providências orçamentárias.

Art. 10 – O FUNREPOM será administrado por um Conselho Deliberativo e terá a seguinte estrutura organizacional.
I – Conselho Deliberativo;
II – Secretaria Executiva:
a) Serviço Administrativo;
b) Serviço de Controle.

Art. 11 – O Conselho Deliberativo terá a seguinte composição:
I – Secretário de Estado da Segurança Pública – presidente nato;
II – Comandante Geral da Polícia Militar – substituto eventual do Presidente;
III – Diretor de Apoio Logístico da Polícia Militar;
IV – 01 (um) representante da Secretaria de Estado da Fazenda;
V – 01 (um) representante da Secretaria de Estado de Ações Estratégicas e Planejamento – SEPLAE;
VI – 01 (um) representante das entidades da sociedade civil, escolhido por elas, dentre os seus representantes com assento no Conselho Estadual de Segurança Pública, criado pela Lei nº 4.331, de 16.01.1990;
VII – 01 (um) representante da Polícia Militar.

Parágrafo único – os membros do Conselho Deliberativo do FUNREPOM serão designados pelo Secretário de Segurança Publica, obedecendo o Seginte:

- *Alterado pelo Decreto nº 2.023 –S de, 22.10.03.*
-

a) os representantes de que falam dos incisos IV e V, após a indicação feita pelos respectivos Secretários;

b) os representantes de que falam os incisosVI e VII, após indicação feita pelos Órgãos de Classe;
c) o representante de que fala o item VII, após indicação feita pelo Comandante Geral da Polícia Militar.

Art. 12 – O Serviço Administrativo responsável pela administração, contabilidade e recursos financeiros, terá a seguinte composição:
I – 01 (um) Secretário Executivo;
II – 01 (um) Contador;
III – 01 (um) Tesoureiro.

Art. 13 – O Serviço de Controle, responsável pela fiscalização e mapeamento da receita e cadastro dos contribuintes, terá a seguinte composição:
I – 01 (um) Chefe de Serviço;
II – 03 (três) Fiscais;
III – 01 (um) Chefe de Setor de Cadastro;
IV – 02 (dois) Auxiliares de Cadastramento e Mapeamento.
Parágrafo único – Os recursos humanos necessários para desenvolver as atividades financeiras, de cadastro, de atividades financeiras, de cadastro de fiscalização e de execução orçamentária, serão providos pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, através de remanejamento de servidores dos Órgãos da Administração Pública Estadual, por solicitação da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 14 – Ao Conselho Deliberativo compete:
I – elaborar o plano anual de aplicação de recursos até o dia 15 de janeiro cada ano, solicitando da Polícia Militar, a sua apreciação técnica, e submetê-lo à aprovação do Senhor Governador do Estado;
II – encaminhar à Secretaria de Estado de Ações Estratégicas e Planejamento em época fixada, a proposta orçamentária relativa aos recursos do Fundo;
III – prover a Polícia Militar de recursos financeiros, visando dotá-la de equipamentos e condições indispensáveis à execução de suas atividades constitucionais;
IV – assumir compromissos por conta dos recursos do Fundo, até o limite do orçamento anual;
V – destinar, quando necessário, parcela de valor correspondente a até 5% (cinco por cento) da receita arrecadada, para cobertura dos encargos do FUNREPOM.
VI – resolver os casos omissos neste Regulamento.

Art. 15 – Ao Presidente do Conselho Deliberativo compete:
I – presidir as reuniões do Conselho Deliberativo;
II – orientar e fiscalizar a execução das resoluções do Conselho;
III – assinar com o Tesoureiro os cheques de movimento de recursos do Fundo;
IV – representar o FUNREPOM em todos os atos jurídicos em que o mesmo for parte;
V – designar, quando necessário, sindicantes ou comissões de sindicância;
VI – designar os funcionários da Secretaria Executiva, para que se tornem responsáveis pelas atividades de administração e controle dos recursos financeiros do FUNREPOM;
VII – baixar Resoluções sobre as decisões do Conselho Deliberativo;
VIII – designar relatores para os processos a serem julgados;
IX – solicitar o apoio técnico especializado de outros Órgãos do Estado para elaboração e acompanhamento de projetos, convênios e contratos assinados pelo FUNREPOM.

Art. 16 – Ao Secretário Executivo compete:
I – secretariar as reuniões do FUNREPOM;
II – resolver todas as questões de ordem administrativa interna do Fundo;
III – cumprir as resoluções do Conselho ou determinar medidas e providências para seu cumprimento;
IV – apresentar ao Conselho relatório anual das atividades administrativo-financeiras do Fundo, observados o Plano Anual de Aplicação de Recursos e o prazo determinado pelo órgão competente;
V – assinar, quando autorizado pelo Presidente, correspondência relativa a assunto do Fundo;
VI – providenciar, de acordo com as instruções do Presidente, as medidas complementares para a convocação e realização das sessões ordinárias e extraordinárias;
VII – realizar todos os atos referentes à licitação, na forma da legislação em vigor;
VIII – ordenar os processos a serem julgados;
IX – realizar outras tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 17 – Ao Contador compete:
I – executar os serviços de contabilidade do Fundo, de modo a torná-la perfeitamente clara, tanto na receita como na despesa;
II – contabilizar e controlar toda a movimentação financeira do Fundo;
III – levantar e remeter os balancetes mensais e demonstrativos de contas ao Conselho Deliberativo do Fundo, até o dia 15 do mês subseqüente;
IV – encerrar até o dia 31 de janeiro o balanço anual do Fundo, acompanhado dos respectivos mapas demonstrativos, a fim de que possa demonstrar perfeitamente o resultado do exercício;
V – prestar contas da aplicação do Fundo ao Tribunal de Contas, até o dia 31 de março do ano subseqüente.

Art. 18 – Ao Tesoureiro compete:
I – movimentar em conjunto com o Presidente do Conselho Deliberativo os recursos do Fundo;
II – manter em dia, a documentação e escrituração do FUNREPOM;
III – receber os recursos previstos neste Decreto e depositá-los em conta especial do FUNREPOM, com o visto do presidente do Conselho Deliberativo;
IV – realizar outras tarefas que lhe forem regularmente atribuídas.

Art. 19 – Ao Chefe do Serviço de Controle compete:
I – superintender as atividades do serviço, determinado ou requisitando as diligências necessárias ao seu pleno funcionamento;
II – organizar e implantar um sistema de fiscalização e controle entrosado com os Órgãos da Secretaria de Estado da Fazenda;
III – manter em dia um cadastro de todos os contribuintes das taxas vinculadas ao FUNREPOM, relativas ao exercício regular do poder de polícia, e pela prestação de serviços de policiamento ostensivo;
IV – organizar e manter em dia o controle dos pagamentos realizados pelos contribuintes;
V – fiscalizar e controlar pessoalmente ou através dos fiscais, em todo Estado, o lançamento e arrecadação das taxas;
VI – organizar mapas demonstrativos dos lançamentos e arrecadações, por municípios;

VII – organizar mapas comparativos de arrecadação por mês;
VIII – manter o rigoroso controle dos prazos estabelecidos nos convênios e contratos assinados pelo FUNREPOM;
IX – proceder outras tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 20 – O Conselho Deliberativo do FUNREPOM, reunir-se-á, pelo menos, 02 (duas) vezes por mês, podendo ser convocado extraordinariamente por iniciativa de seu Presidente ou mediante solicitação de qualquer de seus membros, ouvido o Presidente.

Art. 21 – O Conselho Deliberativo do FUNREPOM, organizará e aprovará seu regimento, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação deste Decreto.
Parágrafo único – Até que seja aprovado o Regimento Interno de que trata o presente artigo, o Conselho Deliberativo reunir-se-á e deliberará, na forma estabelecida por seu Presidente.

Art. 22 – As Secretaria de Estado da Segurança Pública e da Fazenda articular-se-ão de forma a agilizar o procedimento de transferência da arrecadação e fiscalização dos tributos referidos neste Decreto para a Polícia Militar, de conformidade com o plano de aplicação.

Art. 23 – Este Decreto entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 24 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de junho de 1996.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 18.06.1996)

DECRETO Nº4.071, de 14.01.1997

Aprovado o Quadro de Organização da PMES

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da constituição Estadual e o art. 56, da Lei nº4.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o quadro de Organização (Q.O) da Polícia Militar do Estado do Espírito santo, na forma dos anexos I e II deste Decreto.

- *O anexo pederá ser consultado no Diário Oficial ou na PM-1*

Art. 2º – O Comandante da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, baixará o detalhamento interno do Quadro de Organização.

Art. 3º – Fica inserido no art. 5º, §1º, do Decreto nº3.317-N, de 24.02.1992, s letras "s" e "t" , com a seguinte redação:
"Art. 5º – (…)
§1º – (…)
(…)
s) a Terceira Companhia Independente (3ª Cia Ind.), com sede em Linhares;
t) a Companhia de Polícia Rodoviária (CiaPRv), com sede em Vitória."

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 14 de janeiro de1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.091-N, de 27.02.1997

Torna sem efeito o Decreto nº 4.089-N/1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso 111, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica sem efeito o Decreto nº 4.089-N. de 20.02.1997. publicado no D.O. de 21.02.1997, que institui o Documento único de Arrecadação – DUA.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de fevereiro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.092-N, de 27.02.1997

Institui o Documento único de Arrecadação – DUA

O Governador do Estado do Espírito Santo, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III. da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Para o perfeito cumprimento das disposições contidas no art. 56. da Lei Federal nº 4.320. de 17.03.64. fica instituído o Documento único de Arrecadação – DUA, conforme modelo anexo, para recolhimento de todas as receitas públicas estaduais. através da rede bancária oficial do Estado. credenciada para este fim, sendo vedada a utilização de quaisquer outros tipos de documentos de arrecadação

- *Vide Decreto nº 127-R, de 31.05.2000*

§1º – Excepcionalmente, poderão ser recolhidas, através dos Agentes de Tributos Estaduais, as receitas provenientes de Autos de Infração lavrados em decorrência da fiscalização de mercadorias, porém sempre através do DUA.
§2º – O produto da arrecadação de que trata o parágrafo anterior deverá ser. obrigatoriamente, depositado. sob a responsabilidade do Agente de Tributos Estaduais que deu quitação até o primeiro dia útil Imediato ao da arrecadação. em qualquer Agência Bancária credenciada.
§3º – Para efeito do recolhimento do IPVA, Seguro Obrigatório, Taxa de Serviços e Multa de Trânsito, será utilizada, exclusivamente, a versão personalizada "Documento único de Arrecadação – DUA/DETRAN", a qual conterá campos para informações de interesse do DETRAN/ES, além de gerar dados específicos do DUA.

- Nova redação dada pelo Decreto nº 127-R, de 31.05.2000

§4º – As disposições deste Decreto não interferem no recolhimento de tributos devidos ao Estado diverso ao

domicílio do Contribuinte, que continuará a ser efetuado através da GNR – GUIA NACIONAL DE RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS ESTADUAIS.

Art. 2º – As receitas estaduais poderão ser recolhidas em qualquer Agência Bancária devidamente credenciada para este fim, independentemente do domicílio fiscal do contribuinte.

Art. 3º – O Documento único de Arrecadação – DUA. entra em vigor a partir de 10 de abril do corrente ano, à exceção da versão personalizada DUA/DETRAN que passa a viger a partir de 10.03.1997, para recolhimento de débitos decorrentes de renovação de licenciamentos de veículos relativos ao exercício em curso e multas por infração à legislação de trânsito.

Art. 4º – Ficam extintos, a partir de 01.04.1997, os documentos de arrecadação hoje em vigor, à exceção do Documento Integrado de Trânsito – DIT, que fica extinto a partir de 01.03.1997.

Art. 5º– O Documento Único de Arrecadação – DUA e a versão personalizada DUA/DETRAN, instituída por este Decreto, serão regulamentados por Ato do Secretário de Estado da Fazenda, no prazo de até 08 dias úteis a contar da data da publicação do presente Decreto.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor a partir de 01.03.1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 28.02.1997)

DECRETO FEDERAL Nº 2.196, de 04.03.1997

Dispõe sobre o Conselho nacional de Segurança Pública – CONASP, e dá outras providências

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV e I da Constituição, decreta:

Art. 1º – O Conselho Nacional de Segurança Pública – CONASP, órgão colegiado de cooperação técnica entre a União, os Estados e o Distrito Federal no combate à criminalidade, com sede no Distrito Federal, subordinado diretamente ao Ministro da Justiça, tem por finalidade:
I – formular a Política Nacional de Segurança Pública;
II – estabelecer diretrizes, elaborar normas e articular a coordenação da Política Nacional de Segurança Pública;
III – estimular a modernização de estruturas organizacionais das polícias civil e militar dos Estados e do Distrito Federal;
IV – desenvolver estudos e ações visando a aumentar a eficiência dos serviços policiais e promover o intercâmbio de experiências;
V – estudar, analisar e sugerir alterações na legislação pertinente;
VI – promover a necessária integração entre órgãos de segurança pública federais e estaduais.

Art. 2º – Integram o CONASP:
I – o Ministro de Estado da Justiça, que o presidirá;
II – o Secretário de Planejamento de Ações Nacionais de Segurança Pública;
III – os Presidentes dos Conselhos Regionais de Segurança Pública;
IV – o Inspetor-Geral das Polícias Militares;
V – o Diretor do Departamento de Polícia Federal;
VI – o Presidente do Conselho Nacional dos Chefes de Polícia Civil;
VII – o Presidente do Conselho Nacional de Comandantes Gerais das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares.
Parágrafo único – O Ministério Público Federal e o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil poderão indicar, cada um, representante junto ao conselho, com direito a voz e voto.

Art. 3º – O Presidente do CONASP terá direito a voto nominal e de qualidade.

Art. 4º – A Vice-Presidência do CONASP será exercida pelo Secretário de Planejamento de Ações Nacionais de Segurança Pública.

Art. 5º – Os Serviços de Secretaria Executiva do CONASP serão executados pelo Departamento de Assuntos de Segurança Pública da Secretaria de Planejamento de Ações Nacionais de Segurança Pública.

Art. 6º – O Regimento Interno do CONASP disporá sobre sua organização e condições de funcionamento.

Art. 7º – O art. 39 da Estrutura Regimental do Ministério da Justiça, aprovado pelo Decreto nº 1.796, de 24.01.1996, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso;

"VI – promover a necessária integração entre órgãos de segurança pública, federais e estaduais."

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º – Fica revogado o Decreto nº 98.936, de 08.02.1990.

Brasília, 04.de março de 1997.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Presidente da República

DECRETO Nº 6.934-E, de 20.03.1997

Delega ao Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos a competência para proceder as autorizações de afastamento dos servidores, para cumprimento de mandato classista em associação de classe, sindicatos, federação e confederação

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – Fica delegado ao Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos no âmbito da Administração Direta, em cumprimento ao art. 4º da Lei nº 5.356, de 27.12.1996, o competência para proceder as autorizações de afastamento dos servidores, para cumprimento de mandato classista em associação de classe, sindicatos, federação e confederação.

Art. 2º – Após autorizado o pedido de afastamento dos servidores para cumprimento de mandato classista os dirigentes das autarquias e fundações estaduais deverão remeter o processo à SEAR.

Art. 3º – Na declaração a que se refere a alínea "a" , inciso I §2º do art. 4º da Lei nº 5.356, de 27.12.1996,

deverá constar nome, matrícula no serviço público e órgão de origem do filiado.

Art. 4º – Ficará a entidade de classe requerente responsável pelo ressarcimento aos cofres do Estado dos valores remuneratórios referentes ao período em que cada servidor estiver afastado indevidamente, se o pedido de afastamento não se encontrar de acordo com a Lei nº 5.356. de 27.12.1996.

Parágrafo único – Caracterizado o afastamento indevido, o servidor terá que retomar no 1º dia útil imediatamente ao comunicado.

Art. 5º – O setor responsável pela execução do pagamento do servidor afastado nos termos do art. 5º da Lei nº 5.356, de 27.12.1996, deverá suspender imediatamente os valores correspondentes à remuneração e encargos sociais decorrentes da cessão, a partir da data do afastamento.

Art. 6º – Aplica-se aos servidores regidos pela Lei nº 2.701, de 16.06.1972, o disposto na Lei nº 5.356. de 27.12.1996.

Art. 7º – A partir da publicação deste Decreto as entidades de classe terão 10 (dez) dias para se adequarem nos termos da Lei nº 5.656, de 27.12.1996 e deste Decreto.

Parágrafo único – Deverá o responsável pelo setor de pessoal proceder à suspensão do pagamento dos servidores à disposição das entidades que não cumprirem o disposto no *caput* deste artigo.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta em Vitória, 24 de março de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.095-N. de 21.03.1997 (REVOGADO)

- *Revogado pelo Decreto nº 4.354, de 04.11.1998*

Regulamenta os arts. 53 a 56 da Lei Complementar nº 46/1994

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso das atribuições legais que lhe são conferidas nos termos do inciso III, do art. 91. da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A cessão do servidor público estadual para servir fora da repartição em que for loto ou estiver alocado será permitida para exercício em outros órgãos ou entidades. no próprio Poder Executivo, ou em outros Poderes no próprio Estado, com ônus para o órgão cedente nas seguir situações:
I – Integrar programas de municipalização no Estado do ESPÍRITO Santo;
II- atender aos preceitos da Lei n 5.356. de 22.12.1996;
III – atender à Justiça Eleitoral nos termos da Lei nº 6.999. de 07.06.1982;
IV – para ficar a disposição de outros órgãos fora do Sistema de Ensino quando por força de Convênios com Entidades Filantrópicas e Educacionais e, com Prefeituras Municipais para participar do processo de absorção de encargos e serviços educacionais pelo Município. condicionado em qualquer caso, ao pleno exercício das atribuições do cargo que ocupa. salvo para o exercício de cargo de direção de função de confiança na área educacional;
V – atender situações previstas em legislação especifica.

Art. 2º – Os servidores afastados na condição prevista no art. 54 e dos cedidos na forma do art. 55, ambos da Lei Complementar nº 46, de 31.01.1994, para atender à condição de "sem ônus para o órgão cedente", serão retirados da folha de pagamento de seu órgão de origem, a partir do mês subsequente àquele em que ocorrer o afastamento.

Art. 3º – Os órgãos cessionários de servidores afastados na forma do art. 54 deverão proceder, mensalmente, ao recolhimento das parcelas de contribuição previdenciária de responsabilidade do servidor e do Estado, aos órgãos de Previdência Social do Estado, do(s) servidor (es) que estiver (em) à sua disposição. afastados na forma deste Decreto.

Parágrafo único – As parcelas deverão ter como referência o cargo de origem do servidor,

Art. 4º – O recolhimento da contribuição previdenciária estadual de que trata o artigo anterior deverá iniciar-se a partir do mês seguinte à publicação do presente Decreto.

Art. 5º – Compete ao Secretário de Estado responsável pela administração de pessoal proceder às autorizações previstas neste Decreto.

Art. 6º – Este Decreto entra vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de março de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.096-N, de 21.03.1997

Fixa data limite para término de cessão de servidores do Poder Executivo Estadual a outros Órgãos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuições que lhe confere o art. 91, III da Constituição Estadual e,
Considerando a imperiosa necessidade de contenção dos gastos públicos;
Considerando a filosofia governamental voltada para o aproveitamento de seus servidores, com vistas a adequada qualificação profissional, decreta:

Art. 1º – Os servidores públicos estaduais da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, que estejam afastados à disposição, com ou sem ônus ou remanejados. para entidades ou órgãos dos Três Poderes, para os Governos da União, dos Estados, dos Territórios, do Distrito Federal ou dos Municípios, deverão, retornar aos respectivos órgãos de origem até 30.04.1997.

- *Alterado pelo Decreto nº 4.101, de 08.04.1997*

Parágrafo único – Incluem-se no disposto no *caput* deste artigo os servidores afastados por força de Convênio, fixando o prazo de 30 (trinta) dias. a partir da publicação deste Decreto.

Art. 2º – Excetuam-se do disposto no artigo anterior os servidores estaduais que estiverem afastados nas seguintes situações:
I – ocupando cargos comissionados em outros Poderes do Próprio Estado;
II – por força de convênio, desde que sem ônus e não tenham completado o prazo de cinco anos previsto na Lei Complementar nº 46, de 31.01.1996;
III – ocupando cargo comissionados em órgãos distintos de sua origem, porem dentro do Poder Executivo Estadual;
IV – quando, ocupantes de cargos do Quadro do Magistério, estiverem à disposição de outros órgãos foro do Sistema de Ensino, por força de convénio com Entidades Filantrópicas e Educacionais e com Prefeituras Municipais, para participar do processo de absorção de encargos e servi ços educacionais pelo município, condicionado em qualquer caso, ao pleno exercício dos atribuições do cargo que ocupa, salvo para o exercício de cargo de direção ou função de confiança na área educacional;
V – afastados na forma da lei nº 5.356, de 27.12.1996;
VI – integrantes dos Programas de Municipalização;
VII – à disposição da Justiça Eleitoral na forma da Lei nº 6.999, de 07.06.1982;
VIII – atender situações previstas em legislação específica.
§1º – Os servidores afastados na forma dos incisos I e II deste artigo, sem ônus para o Poder Executivo conforme art. 54 e 55 da Lei Complementar nº 46, de 31.01.1994, serão retirados da folha de pagamento de suas unidades de origem, passando a receber sua remuneração integralmente pela unidade onde estiver prestando serviços, a partir do mês seguinte à publicação do presente Decreto.
§2º – Dos servidores afastados no forma do inciso II deste Artigo, o órgão cessionário deverá proceder, mensalmente, ao recolhimento das parcelas de contribuição previdenciária de responsabilidade do servidor e do Estado, ao órgão de previdência social do Estado, do(s) servidor(es) que estiver (em) à sua disposição.
§3º – O recolhimento da contribuição previdenciária estadual de que trata o parágrafo anterior deverá iniciar-se a partir do mês seguinte à publicação do presente Decreto.

Art. 3º – Ficam autorizados os setores responsáveis pela elaboração da folha de pagamento de pessoal dos órgãos da Administração Direta e Indireta a procederem ao corte do ponto, a partir do 15º (décimo quinto) dia da publicação deste Decreto, daqueles servidores que não retornarem ao seu órgão de origem.

Art. 4º – A requisição pelo Poder Executivo de servidor de órgãos ou entidades de outros Poderes do próprio Estado, do Governo Federal e de outros Governos Estaduais e Governos Municipais, do Distrito Federal e Territórios, com ônus para Administração Direta e Indireta do Poder Executivo, somente poderá ocorrer quando considerada imprescindível para o Administração, mediante detalhada justificativa do titular do órgão interessado na requisição e devidamente aprovada pelo Governador.

Art. 5º – Os casos omissos deverão ser submetidos à apreciação e análise da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos competindo ao respectivo Secretário a decisão final.

Art. 6º – Compete à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos proceder ao acompanhamento e controle do cumprimento deste Decreto.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário, em especial os Decretos nº 2.747-N, de 29.12.1988, nº 2.833-N, de 08.06.1989, nº 3.144-N, de 22.04.1991, nº 3.159-N, de 20.06.1991, nº 3.324-N, de 24.02.1992 e nº 3.620-N. de 29.11.1993.

Palácio Anchieta, em Vitória, 21 de março de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº4.099-N, de 24.03.1997

Normatiza os pagamentos de valores em atraso oriundos de revisão de proventos, publicação de promoções e etc

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais que lhe são conferidas nos termos do inciso III, do art. 91, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os pagamentos de valores em atraso oriundos de revisão de proventos, publicação de promoções e ascensões com efeitos retroativos, decisões judiciais, direitos decorrentes da aplicação de leis com concessões retroativas, atualizações decorrentes de dispositivos das Constituições Federal e Estadual e revisão de enquadramento serão efetuados, obedecendo a seguinte normatização:
I – Os cálculos deverão ser efetuados observando-se os valores vigentes à época do pagamento, conforme § 2º do art. 70 da Lei Complementar nº 46, de 31.01.1994.
II – O pagamento será parcelado em 10 (dez) vezes sempre que o montante a ser pago a uma mesma pessoa seja superior a R$ 10.000,00 (dez mil reais).

Art. 2º – O estabelecido neste Decreto estende-se também aos pagamentos devidos aos servidores submetidos aos preceitos da Lei nº 2.701, de 16.06.1972.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de março de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.101-N, de 08.04.1997

Altera o Decreto nº 4.096-N/1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os artigos do Decreto nº 4.096-N, de 21.03.1997, a seguir enumerados, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 1º – Os servidores públicos estaduais da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual, que estejam afastados à disposição, com ou sem ônus ou remanejados. para entidades ou órgãos dos Três Poderes, para os Governos da União, dos Estados, dos Territórios, do Distrito Federal ou dos Municípios,

deverão, retornar aos respectivos órgãos de origem até 30.04.1997.
Parágrafo único – (…)
Art. 2º – (…)
I – (…)
II – por força de convênio, desde que sem ônus e não tenham completado o prazo de cinco anos previsto na Lei Complementar nº 46, de 31.01.1996."

Art. 2º – Aqueles servidores que não cumprirem ao estabelecido no *caput* do art. 1º do supracitado Decreto, terão seu ponto cortado.

Art. 3º – Ficam revogados todos os atos Oficiais concessivos de remanejamento ou de cessão de servidores públicos estaduais do Poder Executivo para os Três Poderes, para União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, publicados até o início da vigência deste Decreto, salvo as situações previstas no art. 2º do Decreto nº 4.096-N, de 21.03.1997.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 2.653-N, de 06.05.1988.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de abril de 1997

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.115, de 19.05.1997

Regulamenta a Lei nº 5.294/1996, que instituiu o Programa de Incentivo ao Desligamento Voluntário no Serviço Público – PDV

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Programa de Incentivo ao Desligamento Voluntário – PDV, instituído pela Lei nº 5.294, de 10.12.1996 fica disciplinado na forma deste Decreto
Parágrafo único – O Programa referido no *caput* deste artigo se destina aos servidores civis e militares estatutários efetivos e celetistas estáveis da administração direita e das autarquias.

Art. 2º – Compete ao Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR deferir os pedidos de adesão, dos servidores, ao PDV até o limite de 15% (quinze por cento), da forma a seguir:
I – Administração Direta:
a) Quadro Permanente (Padrão 1 a 15)
b) Auditores
c) Procuradores
d) Defensores Públicos
e) Polícia Civil
f) Magistério
g) T.A.F.
h) Polícia Militar
l) Ministério Público.
II- Administração Indireta:
a) Autarquias – O deferimento ficará restrito ao limite de 15% (quinze por cento) do número total dos servidores de cada um dos órgãos, á exceção do IESP, cujos deferimentos observarão idêntica limitação quanto ao número total de servidores de cada categoria.

Art. 3º – O servidor ocupante de dois cargos ou empregos em regime de acumulação legal poderá aderir ao PDV, em apenas um dos cargos ou em ambos.

Art. 4º – Q servidor que possuir débito perante o IPAJM poderá inscrever-se no PDV, mediante comprovação da quitação do referido débito.

Art. 5º – Fica vedada a participação neste Programa aos servidores públicos, nas seguintes situações:
I – aos contratados temporariamente;
II – aos que houverem requerido exoneração ou demissão antes da vigência da Lei nº 5.294, de 10.12.1996;
III – aos que estiverem respondendo processo administrativo disciplinar;
IV – aos que não se encontravam no efetivo exercício de suas funções na data da publicação da Lei nº 5.294, de 10.12.1996;
V – aos servidores em estágio probatório;
VI – aos substitutos, comissionados, ou os que exerçam função de confiança sem qualquer outro vínculo;
VII – aos que tiveram sido condenados por decisão judicial tramitada em julgado que tenha decidido pela perda do cargo ou emprego público;
VIII – aos que venham pedir exoneração ou demissão do cargo ou emprego público para elidir acumulação remunerado de cargos. funções e empregos públicos vedada pela Constituição Federal;
IX – aos servidores em qualquer situação irregular;
X – aos servidores aposentados. ainda, em atividades:
XI – aos servidores que estiverem no exercício de suas funções m período após o retomo de curso com ônus. assim considerado o tempo igual ao daquele do afastamento:
Parágrafo único – As hipóteses previstas neste artigo. serão comprovadas mediante declaração pessoal que ateste o não enquadramento nas situações nelas descritas. sob pena de responsabilidade.

Art. 6º – O servidor que formalizar o pedido de exoneração ou demissão nos termos deste Programa. fará jus:
I – Para os efetivos:
a) a uma indenização em valor correspondente a 1 (uma) remuneração mensal do cargo efetivo. para cada ano de efetivo exercício no serviço público estadual. considerado como ano integral a fração igual ou superior a seis meses. até o limite de 20 (vinte) remunerações;
II – Para os celetistas estáveis:
a) a uma indenização em valor correspondente a 60% (sessenta por cento) da remuneração mensal do emprego público para cada ano de efetivo exercício no serviço público estadual, considerando como ano integral a fração igual ou superior a seis meses, até o limite de 20 (vinte) vezes do valor utilizado como base para a indenização;
b) a uma indenização adicional que terá como parâmetro o valor correspondente a 40% (quarenta por cento) sobre o montante dos depósitos do FGTS realizados na respectiva conta vinculada, durante a vigência dos contratos de trabalho celebrados com os órgãos da administração direta e autárquica.

Art. 7º – Considera-se remuneração, para os efeitos da Lei nº 5.294, de 10.12.1996, a soma do vencimento, salário, soldo e das vantagens permanentes e aquelas que venham sendo pagas habitualmente durante os últimos doze meses anteriores à publicação da Lei supracitada, excluídas as

diferenças pagas em caráter eventual e os benefícios e auxílios indenizatórios.
Parágrafo único – Os incentivos previstos neste Decreto serão pagos tendo por base o valor da remuneração vigente na data do pagamento, observado o limite imposto no inciso XI, do art. 37, da Constituição Federal.

Art. 8º – Os servidores que aderindo ao PDV requererem sua exoneração ou demissão, no prazo de até 15 (quinze) dias contados da publicação deste regulamento. farão jus a um acréscimo de 20% (vinte por cento) da indenização prevista, calculada na forma do inciso I alínea "a" e inciso II, alínea "a" do art. 60 deste Decreto.

Art. 9º – O pagamento da Indenização total, relativamente aos servidores efetivos, deverá ser feito integralmente no prazo de até 30 (trinta) dias, contados da exoneração e aos servidores celetistas no prazo de 10 (dez) dias, contados da demissão.

Art. 10 – O pedido de adesão ao PDV deverá ser protocolizado em formulário padrão (anexo único), no prazo máximo de 30 (trinta) dias, a contar da publicação deste Regulamento e da forma a seguir
I – efetivos da administração direta – na SEAR;
II – celetista da administração dieta bem como os estatutários efetivos e celetistas estáveis das autarquias e da Polícia Militar – no ÓRGÃO DE LOTAÇÃO do servidor.
Parágrafo único – O servidor ao formalizar seu pedido de adesão ao PDVS deverá juntar o formulário padrão os documentos abaixo relacionados;
a) comprovante de quitação do IPAJM, em caso de débito;
b) cópia do último contra-cheque;
c) ofício do Prefeito Municipal, opinando sobre o desligamento do servidor à disposição do Município de acordo com a política de municipalização da saúde.

Art. 11 – Após instruído o processo, o mesmo será encaminhado à Comissão Coordenadora do Programa de Incentivo ao Desligamento Voluntário no Serviço Público – PDV, instituída no âmbito da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, que procederá a análise dos requisitos legais.

Art. 12 – Compete ao Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, deferir ou não o pedido de exoneração ou demissão dos servidores a que se refere o parágrafo único do art. 1. deste Decreto, embasando-se no pronunciamento da comissão a que se refere o artigo anterior.
§1º – Em qualquer hipótese caberá ao Estado deferir ou não o pedido de desligamento voluntário não gerando o requerimento, qualquer direito subjetivo ao servidor.
§2º – O servidor público efetivo ou celetista estável, ocupante de carga em comissão ou função de confiança. após o deferimento dos pedidos de adesão ao Programa1 estarão automaticamente desligados dos referidos cargos, não sendo o valor desses cargos computados no cálculo da indenização.
§3º – Sendo deferido o pedido, haverá a publicação do ato, constando a data do desligamento do servidor.
§4º– Enquanto não publicado o ato pelo Exmº. Sr. Secretário da Administração e dos Recursos Humanos, deferindo o pedido de exoneração ou demissão contratual voluntária, o servidor deverá permanecer no efetivo exercício de suas funções.
§5º – É facultado ao servidor desistir do pedido, desde que manifestado antes da publicação do deferimento no Diário Oficial.

Art. 13 – O tempo de serviço público para efeito deste Decreto será aquele exclusivamente prestado à Administração Direta/Autarquia e Fundacional do Estado do Espírito Santo.

Art. 14 – O tempo de serviço indenizado na forma deste Decreto não será computado para qualquer fim previdenciário ou para aquisição de benefícios decorrentes de investidura posterior.

Art. 15 – Fica vedada a nomeação para provimento de cargos em comissão e contratação temporária ao pessoal beneficiado pela Lei nº 5.294. de 10.12.1996 no prazo de 5 (cinco) anos.

Art. 16 – Os servidores colocados à disposição dos Municípios. dentro da política da municipalização da saúde. terão. nos seus processos de desligamento voluntário do serviço público, a opinião do gestor municipal atual da saúde.

Art. 17 – Os critérios a serem obedecidos para o deferimento seguirão a seguinte ordem:
1º) servidor de maior vencimento/salário;
2º) servidor com maior tempo de serviço;
3º) servidor com idade mais avançada.

Art. 18 – A Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos, através da C.J. – PDV nº 01/1996. orientará quanto aos demais procedimentos necessários ao desenvolvimento do PDV.

Art. 19 – Os casos omissos neste Regulamento serão solucionados pelo Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos.

Art. 20 – Encerram-se os procedimentos concernentes ao PDV. no prazo de 90 (noventa) dias a contar da publicação deste Decreto.

Art. 21 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22 – Revogam-se as disposições em contrário.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO FEDERAL Nº 2.222, de 08.03.1997

Regulamenta a Lei nº 9.437/1997, que institui o Sistema Nacional de Armas – SINARM; estabelece condições para o registro e para o porte de arma de fogo; define crimes e dá outras providências

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 19 da Lei nº 9.437, de 20.02.1997, decreta:

CAPÍTULO I
Do Sistema Nacional de Armas – SINARM

Art. 1º – O Sistema Nacional de Armas – SINARM – é disciplinado por este Decreto, respeitada a autonomia dos Estados e do Distrito Federal.

Art. 2º – O SINARM, instituído no Ministério da Justiça, no âmbito da Polícia Federal, com circunscrição em todo o território nacional, tem por finalidade manter um cadastro geral, integrado e permanentemente atualizado,

das armas de fogo produzidas, importadas e vendidas no País e o controle dos registros de armas.
§1º – As disposições deste artigo não alcançam as armas de fogo das Forças Armadas e Auxiliares, bem como as demais que constem de seus registros próprios e as de colecionadores, atiradores e caçadores.
§2º – Entende-se por registros próprios, para fins deste Decreto, os registros feitos em documentos oficiais de caráter permanente.

CAPÍTULO II
Do Registro

Art. 3º – É obrigatório o registro de arma de fogo no órgão competente, excetuadas as consideradas obsoletas.

§1º – Armas obsoletas, para fins desta regulamentação, são as fabricadas há mais de 100 (cem) anos, sem condições de funcionamento eficaz e cuja munição não mais seja de produção comercial.
§2º – São também consideradas obsoletas as réplicas históricas de comprovada ineficácia para o tiro, decorrente da ação do tempo, de dano irreparável, ou de qualquer outro fator que impossibilite seu funcionamento eficaz, e usadas apenas em atividades folclóricas ou como peças de coleção.

Art. 4º – O registro de arma de fogo será precedido de autorização do SINARM e efetuado pelas Polícias Civis dos Estados e do Distrito Federal, na conformidade deste Decreto.

Art. 5º – O órgão especializado para o registro de arma de fogo, antes da consulta ao SINARM com solicitação de autorização para o registro, deverá averiguar se há contra o interessado assentamento de ocorrência policial ou antecedentes criminais, que o descredencie a possuir arma de fogo e, se houver, indeferir, de imediato, o registro e comunicar o motivo ao SINARM.
Parágrafo único – A efetivação da compra da arma só ocorrerá após a autorização para o registro.

Art. 6º – A solicitação de autorização para registro de arma de fogo será feita ao SINARM, no órgão regional da Polícia Federal, por intermédio de meios magnéticos. Na inexistência destes, adotar-se-ão quaisquer outros meios apropriados, procedendo do mesmo modo em relação à autorização.

Art. 7º – O registro de arma de fogo, de uso proibido ou restrito, adquirida para uso próprio por Policiais Federais, na conformidade do art. 16 da Lei nº 9.437/1997, será feito no órgão especializado da Polícia Federal.

Art. 8º – Para os efeitos do disposto no art. 4º da Lei nº 9.437/1997, considerar-se-á titular do estabelecimento ou empresa todo aquele assim definido em contrato social, e responsável legal o designado, em contrato individual de trabalho, com poderes de gerência.

Art. 9º – Durante o período a que se refere o art. 5º da Lei nº 9.437/1997, será concedido registro de arma de fogo de uso permitido, ainda não registrada, independentemente de limites de quantidade e comprovação de origem.
§1º – As armas de fogo de uso restrito ou proibido serão registradas no Ministério do Exército, ressalvado o previsto no art. 7º deste Decreto.
§2º – As armas de fogo de uso restrito ou proibido, que não possam permanecer com o proprietário, de acordo com a legislação vigente, poderão ser doadas ao Ministério do Exército, a outro órgão ou a cidadão, que as possa receber, indicado pelo doador.
§3º – A doação a outro órgão ou a cidadão, a que se refere o parágrafo anterior, dependerá de autorização prévia do Ministério do Exército.

Art. 10 – O registro de arma de fogo deverá conter, no mínimo, os seguintes dados:
I – do interessado:
a) nome, filiação, data e local de nascimento;
b) endereço residencial;
c) empresa/órgão em que trabalha e endereço;
d) profissão;
e) número da cédula de identidade, data da expedição, órgão expedidor e Unidade da Federação;
f) número do cadastro individual de contribuinte ou cadastro geral de contribuinte;
II – da arma:
a) número do cadastro no SINARM;
b) identificação do fabricante e do vendedor;
c) número e data da nota fiscal de venda;
d) espécie, marca, modelo e número;
e) calibre e capacidade de cartuchos;
f) funcionamento (repetição, semi-automática ou automática);
g) quantidade de canos e comprimento;
h) tipo de alma (lisa ou raiada);
i) quantidade de raias e sentido.
Parágrafo único – Não se aplica o disposto nas alíneas "b" e "c" do inciso II deste artigo aos casos previstos no art. 5º da Lei nº 9.437/1997.

Art. 11 – O proprietário, possuidor ou detentor de arma de fogo, para promover registro de arma ainda não registrada, ou que teve sua propriedade transferida, na conformidade do disposto no art. 5º da Lei nº 9.437/1997, deverá comparecer à Delegacia de Polícia mais próxima e preencher o requerimento constante do Anexo.
§1º – Em caso de dúvida, a autoridade policial poderá exigir a apresentação da arma, devendo expedir a competente autorização de seu trânsito.
§2º – Os militares das Forças Armadas e Auxiliares deverão providenciar os registros de suas armas junto aos órgãos competentes dos respectivos Ministérios e Corporações.
§3º – Os colecionadores, atiradores e caçadores deverão registrar suas armas na Região Militar de vinculação.

Art. 12 – São obrigações do proprietário de arma de fogo:
I – guardar a arma de fogo com a devida cautela, evitando que fique ao alcance de terceiros, principalmente de menores;
II – comunicar imediatamente à Delegacia de Polícia mais próxima, para fins de implantação no SINARM, o extravio, furto ou roubo de arma de fogo ou do seu documento de registro, bem como sua recuperação;
III – solicitar autorização junto ao órgão competente quando da transferência de propriedade de arma de fogo.

CAPÍTULO III
Do Porte

Art. 13 – O porte federal de arma de fogo será autorizado e expedido pela Polícia Federal, e o porte estadual pelas Polícias Civis, tendo como requisitos mínimos indispensáveis:
I – apresentação do Certificado de Registro de arma de fogo, cadastrada no SINARM;
II – comprovação de idoneidade, com a apresentação de certidões de antecedentes criminais fornecidas pela Justiça Federal, Estadual, Militar e Eleitoral, e de não estar o

interessado, por ocasião do requerimento, respondendo a inquérito policial ou a processo criminal por infrações penais cometidas com violência, grave ameaça ou contra a incolumidade pública;
III – apresentação de documento comprobatório de comportamento social produtivo;
IV – comprovação da efetiva necessidade, em razão de sua atividade profissional, cuja natureza o exponha a risco, seja pela condução de bens, valores e documentos sob sua guarda ou por quaisquer outros fatores;
V – comprovação de capacidade técnica para manuseio de arma de fogo, atestada por instrutor de armamento e tiro do quadro das Polícias Federal ou Civis, ou por estas habilitado;
VI – aptidão psicológica para manuseio de arma de fogo, atestada em laudo conclusivo fornecido por psicólogo do quadro das Polícias Federal ou Civis, ou credenciado por estas;
VII – apresentação do documento comprobatório de pagamento da taxa estipulada para a concessão do porte.
§1º – Os militares e os policias, ao requererem o Porte Federal, ficam dispensados da exigência contida no inciso V deste artigo.
§2º – O laudo exigido pelo inciso VI deste artigo será remetido pelo profissional diretamente ao órgão competente para a autorização do porte.

Art. 14 – O porte federal de arma de fogo, com validade em todo o território nacional, somente será autorizado se, além de atendidos os requisitos do artigo anterior, o requerente comprovar a efetiva necessidade de transitar por diversos Estados da Federação, exceto os limítrofes ao do interessado, com convênios firmados para recíproca validade nos respectivos territórios.
Parágrafo único – A taxa estipulada para o porte federal de arma de fogo somente será recolhida após análise e aprovação dos documentos apresentados.

Art. 15 – O porte de arma de fogo somente terá validade com a apresentação do documento de identidade do portador.

Art. 16 – A autorização para o porte de arma de fogo é pessoal, intransferível e essencialmente revogável a qualquer tempo.

Art. 17 – Ao titular de autorização de porte de arma de fogo é vedado conduzi-la ostensivamente e com ela permanecer em clubes, casas de diversão, estabelecimentos educacionais e locais onde se realizem competições esportivas ou reunião, ou haja aglomeração de pessoas.
Parágrafo único – A infringência do disposto neste artigo implicará o recolhimento do porte e apreensão da arma pela autoridade competente, que adotará as medidas legais pertinentes.

Art. 18 – O porte de arma apreendido será encaminhado à autoridade que o concedeu, com relato circunstanciado dos fatos, a qual poderá determinar a cassação e comunicação ao SINARM.

Art. 19 – A fim de garantir a segurança do vôo e a integridade física dos usuários, é terminantemente proibido o porte de arma de fogo a bordo de aeronaves que efetuem transporte público.
Parágrafo único – As situações excepcionais do interesse da ordem pública, que exijam a presença de policiais federais, civis, militares e oficiais das Forças Armadas portando arma de fogo a bordo, serão objeto de regulamentação específica, a cargo do Ministério da Aeronáutica, em coordenação com os Ministérios Militares e o Ministério da Justiça.

Art. 20 – Cabe ao Ministério da Aeronáutica estabelecer, nas ações preventivas com vistas à segurança da aviação civil, os procedimentos de restrição e condução de arma por pessoas com a prerrogativa de porte de arma de fogo de que tratam o art. 6º, o §1º do art. 7º e o art. 8º da Lei nº 9.437/1997, em áreas restritas aeroportuárias, bem como o transporte da referida arma por via aérea, ressalvada a competência da Polícia Federal prevista no inciso III do §1º do art. 144 da Constituição Federal.
Parágrafo único – As áreas restritas aeroportuárias são aquelas destinadas à operação de um aeroporto, cujos acessos são controlados, para os fins de segurança e proteção da aviação civil.

Art. 21 – Ao titular de autorização de porte de arma de fogo é proibido embarcar com arma nos aeroportos com destino ao Exterior.

Art. 22 – Observado o princípio da reciprocidade previsto em convenções internacionais, poderá ser autorizado o porte federal de arma de fogo a diplomatas de missões diplomáticas e consulares acreditadas junto ao Governo Brasileiro, e a agentes de segurança de dignitários estrangeiros durante a permanência no País, independentemente dos requisitos estabelecidos neste Decreto.

Art. 23 – O porte estadual de arma de fogo registrada restringir-se-á aos limites da Unidade da Federação na qual esteja domiciliado o requerente, exceto se houver convênio entre os Estados limítrofes para recíproca validade nos respectivos territórios, devendo ser comunicado aos órgãos regionais da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal sediados nos Estados onde os portes terão validade.

Art. 24 – No documento de arma de fogo, deverá constar, obrigatoriamente, a respectiva abrangência territorial e eficácia temporal, além dos dados da arma, registro do SINARM e identificação do portador, bem como a assinatura, cargo e função da autoridade concedente.

Art. 25 – São obrigações do portador de autorização de porte de arma de fogo:
I – informar ao órgão expedidor da respectiva autorização sua mudança de domicílio;
II – comunicar imediatamente o extravio, furto ou roubo, bem como a recuperação da arma, assim como do porte, à Delegacia de Polícia mais próxima ao local do fato e, posteriormente, ao órgão expedidor da autorização;
III – conduzir a respectiva licença ao portar a arma a que a mesma se refere.

Art. 26 – A inobservância do disposto no artigo anterior implicará a cassação do porte de arma.

Art. 27 – O porte de arma de fogo das praças das Forças Armadas e dos Policiais e Bombeiros Militares é regulado por legislação própria, por ato do respectivo Ministro ou Comandante Geral.
Parágrafo único – **(revogado)**

- *Revogado pelo art. 3º do Decreto nº 2.532, de 30.03.1998*

Art. 28 – O porte de arma de fogo é inerente aos militares das Forças Armadas, policiais federais, policiais civis, policiais militares e bombeiros militares.

- *Alterado pelo Decreto Federal nº 3.305, de 23.12.1999.*

§1º – Os policiais civis e militares e os bombeiros militares, quando no exercício de suas atividades ou em trânsito, poderão portar arma de fogo em todo o território nacional, desde que expressamente autorizados pela autoridade responsável pela ação policial no âmbito da respectiva unidade federada." (NR)

- *Alterado pelo Decreto nº 2.532, de 30.03.1998*

§2º – Os servidores referidos neste artigo sujeitar-se-ão, naquilo que lhes for peculiar, às normas, deveres e restrições constantes dos estatutos ou dos atos normativos a eles aplicáveis.

Art. 29 – O Ministro da Justiça poderá autorizar a Polícia Federal a conceder porte federal de arma a Deputados Federais e Senadores, atendendo solicitação do Presidente da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, respectivamente.
§1º – A Polícia Federal poderá conceder porte federal de arma, na categoria funcional, quanto às armas de propriedade de órgãos da Administração Pública Direta ou Indireta e dos Poderes Legislativo e Judiciário, mediante solicitação de seus titulares, destinadas ao uso de servidores público federais em serviço, cuja atividade exija porte de arma.
§2º – Os portes de arma de fogo disciplinados neste artigo serão concedidos com dispensa dos requisitos previstos no art. 13 deste Decreto, exceto a exigência do pagamento da taxa estipulada.

CAPÍTULO IV
Da Transferência e Trânsito de Arma

Art. 30 – As transferências de arma de fogo de uso permitido, de pessoa a pessoa, autorizadas pelas Polícias Civis, serão feitas imediatamente, observando-se os procedimentos para registro.
§1º – As transferências de arma de fogo de uso permitido, que conste dos registros próprios das Forças Armadas e Auxiliares, serão autorizadas por essas Forças.
§2º – As transferências de arma de fogo de uso restrito ou proibido serão autorizadas pelo Ministério do Exército.
§3º – As transferências de arma de fogo de uso restrito ou proibido, entre policiais federais, serão autorizadas pela Polícia Federal e comunicadas ao Ministério do Exército.

Art. 31 – O trânsito de arma de fogo registrada, de uma Unidade para outra da Federação, será autorizado pela Polícia Federal, e, nos limites territoriais dos Estados e do Distrito Federal, pelas Polícias Civis, exceto se pertencer a militar das Forças Armadas, Caçador, atirador ou colecionador.

CAPÍTULO V
Do Cadastramento

Art. 32 – As fábricas de armas de fogo fornecerão à Polícia Federal, par fins de cadastro, quando da saída do estoque, relação das armas produzidas, que devam constar do SINARM, na conformidade do art. 2º da Lei nº 9.437/1997, com suas características e os dados dos adquirentes.

Art. 33 – As empresas autorizadas a comerciar armas de fogo, logo após a efetivação da venda, enviarão o formulário SINARM, devidamente preenchido, ao órgão regional da Polícia Federal responsável pelo cadastramento.

Art. 34 – As empresas importadoras de armas de fogo, ao preencherem a Declaração de Importação no Sistema Integrado de Comércio Exterior – SISCOMEX, deverão informar as características específicas das armas importadas, ficando o desembaraço aduaneiro sujeito a satisfação deste requisito.

Art. 35 – A Secretaria da Receita Federal fornecerá à Polícia Federal, por intermédio do SISCOMEX, as informações relativas às importações de que trata o artigo anterior e que devam constar do cadastro de armas do SINARM.

Art. 36 – As armas pertencentes aos militares das Forças Armadas e Auxiliares, constantes de seus registros próprios, serão cadastradas no Ministério do Exército.

Art. 37 – Os acervos policiais de registro de armas de fogo já existentes serão progressivamente integrados no cadastro do SINARM.

Art. 38 – As armas de fogo apreendidas, inclusive as vinculadas a procedimentos policiais e judiciais, assim como sua destinação, serão cadastradas no SINARM mediante comunicação das autoridades competentes ao órgão regional da Polícia Federal.

CAPÍTULO VI
Das Disposições Finais

Art. 39 – Os Estados e o Distrito Federal poderão determinar o recadastramento geral ou parcial de todas as armas, atendendo à conveniência e ao interesse da segurança pública.

Art. 40 – O Ministro de Estado da Justiça designará as autoridades policiais competentes, no âmbito da Polícia Federal, para autorizar e conceder porte federal de arma, bem como estabelecerá a sua eficácia temporal.

Art. 41 – A designação das autoridades policiais civis competentes para autorizar e conceder porte de arma estadual, bem como sua eficácia temporal, ficará a cargo dos Governadores.

Art. 42 – Armas de fogo, acessórios e artefatos de uso permitido são aqueles itens de pequeno poder ofensivo, utilizáveis pelos cidadãos idôneos para sua defesa pessoal e para defesa de seu patrimônio, definidos no Decreto nº 55.649, de 28.01.1965 – Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados (R-105) e sua legislação complementar.

Art. 43 – Armas de fogo, acessórios e artefatos de uso restrito ou proibido são aqueles itens de maior poder ofensivo e cuja utilização requer habilitação especial, conforme prescreve o Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados (R-105) e sua legislação complementar.

Art. 44 – As armas de fogo apreendidas, após elaboração do laudo pericial, serão recolhidas ao Ministério do Exército, que se encarregará de sua destinação, ressalvado o disposto no art. 11 do Decreto-Lei nº 3.689, de 03.10.1941.
Parágrafo único – Quando da destinação da arma, o Ministério do Exército dará prioridade ao órgão responsável pela apreensão, desde que este manifeste o interesse em tê-la, conforme os procedimentos previstos no

Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados (R-105) e sua legislação complementar.

Art. 45 – O Ministério do Exército fixará, no Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados (R-105) e sua legislação complementar, a quantidade de armas de fogo que cada cidadão poderá possuir como proprietário.

Art. 46 – Compete ao Ministério do Exército autorizar e fiscalizar a produção, exportação, importação, desembaraço alfandegário e comércio de armas de fogo e demais produtos controlados correlatos, inclusive o registro e a autorização de tráfego de arma de fogo de militares, colecionadores, atiradores e caçadores.
Parágrafo único – No caso de militares da Marinha e da Aeronáutica, a autorização de tráfego de armas de fogo compete aos respectivos Ministérios.

Art. 47 – A taxa pela expedição do porte federal de arma de fogo constituirá receita do Fundo para Aparelhamento e Operacionalização das Atividades-Fim da Polícia Federal – FUNAPOL.

Art. 48 – As Forças Armadas e Auxiliares, a Polícia Federal e as Polícias Civis dos Estados e do Distrito Federal promoverão imediata normatização interna, visando ao efetivo cumprimento do disposto na Lei nº 9.437, de 1997, e neste Decreto.

Art. 49 – Os Ministros da Justiça e do Exército estabelecerão, em portaria interministerial, normas sobre a interligação e integralização das informações constantes dos seus cadastros de armas de fogo produzidas, importadas e comerciadas no País, estabelecendo, também, os níveis de acesso aos registros do SINARM e do Ministério do Exército.

Art. 50 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 51 – Fica revogado o Decreto nº 92.795, de 18.06.1986.

Brasília, 08 de maio de 1997.
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Presidente da República

ANEXO AO DECRETO Nº 2.222, de 08.05.1997

MODELO DE REQUERIMENTO PARA PORTE DE ARMA

Ilustríssimo Sr. Delegado de Polícia
(Distrito, Bairro, Cidade, Estado)

NOME:_____
_
PAI:_____
MÃE:_____
DATA DE NASC.: __/__/____
NACIONALIDADE:_____
NATURAL DE:_____
ESTADO:_____
ESTADO CIVIL:_____
RESIDÊNCIA:_____
BAIRRO:_____
CEP:_____
CIDADE:_____
ESTADO:_____
FONE RESIDENCIAL: _____
CI Nº:_____ DATA DE EXPEDIÇÃO: __/__/____
ÓRGÃO EXPEDIDOR:_____
CIC Nº:_____
PROFISSÃO:_____ LOCAL DE TRABALHO:_____
CGC DA EMPRESA QUE TRABALHA: _____
ENDEREÇO:
_____
BAIRRO:_____
CEP:_____
CIDADE:_____
ESTADO:_____
FONE DE TRABALHO: _____

REQUER A V.Sª. QUE SE DIGNE CONCEDER O REGISTRO DE SUA ARMA DE FOGO, ABAIXO DISCRIMINADA, NA CONFORMIDADE DO ART. 5º DA LEI Nº 9.437, DE 20.02.1997.

CARACTERÍSTICAS DA ARMA

ESPÉCIE:_____ MARCA:_____
CALIBRE:_____
MODELO:_____ Nº DA ARMA:_____
QUANTIDADE DE CANOS:_____ CUMPRIMENTO DO CANO (mm):_____
CAPACIDADE DE CARTUCHOS:_____ TIPO DE ALMA: ()LISA ()RAIADA
QUANTIDADE DE RAIAS:_____ SENTIDO DA RAIA:_____
FUNCIONAMENTO:()REPETIÇÃO ()SEMI-AUTOMÁTICA ()AUTOMÁTICA
PÁIS DE FABRICAÇÃO:_____
_____

NESTES TERMOS,
PEDE DEFERIMENTO

(LOCAL E DATA)
(ASSINATURA DO REQUERENTE)

DECRETO FEDERAL Nº 2.243, de 03.06.1997

Dispõe sobre o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição Federal, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, que a este acompanha.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se os Decretos nº 88.513, de 13.07.1983, nº 91.205, de 29.04.1985, nº 91.653, de 16.09.1985, nº 95.909, de 11.04.1988, nº 96.037, de 12.05.1988, nº 338, de 11.11.1991, nº 209, de 10.09.1991 e nº 818, de 7.05.1993.

Brasília, 03 de junho de 1997.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Presidente da República

REGULAMENTO DE CONTINÊNCIAS, HONRAS, SINAIS DE RESPEITO E CERIMONIAL MILITAR DAS FORÇAS ARMADAS

TÍTULO I
DA FINALIDADE

Art. 1º – Este Regulamento tem por finalidade:
I – estabelecer as honras, as continências e os sinais de respeito que os militares prestam a determinados símbolos nacionais e às autoridades civis e militares;
II – regular as normas de apresentação e de procedimento dos militares, bem como as formas de tratamento e a precedência entre os mesmos;
III – fixar as honras que constituem o Cerimonial Militar no que for comum às Forças Armadas.
Parágrafo único – As prescrições deste Regulamento aplicam-se às situações diárias da vida castrense, estando o militar de serviço ou não, em área militar ou em sociedade, nas cerimônias e solenidades de natureza militar ou cívica.

TÍTULO II
DOS SINAIS DE RESPEITO E DA CONTINÊNCIA

CAPÍTULO I
Generalidades

Art. 2º – Todo militar, em decorrência de sua condição, obrigações, deveres, direitos e prerrogativas, estabelecidos em toda a legislação militar, deve tratar sempre:
I – com respeito e consideração os seus superiores hierárquicos, como tributo à autoridade de que se acham investidos por lei;
II – com afeição e camaradagem os seus pares;
III – com bondade, dignidade e urbanidade os seus subordinados.
§1º – Todas as formas de saudação militar, os sinais de respeito e a correção de atitudes caracterizam, em todas as circunstâncias de tempo e lugar, o espírito de disciplina e de apreço existentes entre os integrantes das Forças Armadas.
§2º – As demonstrações de respeito, cordialidade e consideração, devidas entre os membros das Forças Armadas, também o são aos integrantes das Polícias Militares, dos Corpos de Bombeiros Militares e aos Militares das Nações Estrangeiras.

Art. 3º – O militar manifesta respeito e apreço aos seus superiores, pares e subordinados;
I – pela continência;
II – dirigindo-se a eles ou atendendo-os, de modo disciplinado;
III – observando a precedência hierárquica;
IV – por outras demonstrações de deferência.
§1º – Os sinais regulamentares de respeito e de apreço entre os militares constituem reflexos adquiridos mediante cuidadosa "instrução é continuada exigência.
§2º – A espontaneidade e a correção dos sinais de respeito são índices seguros do grau de disciplina das corporações militares e da educação moral e profissional dos seus componentes.
§3º – Os sinais de respeito e apreço são obrigatórios em todas as situações, inclusive nos exercícios no terreno e em campanha.

CAPÍTULO II
Dos Sinais de Respeito

Art. 4º – Quando dois militares se deslocam juntos, o de menor antigüidade dá a direita ao superior.
Parágrafo único – Se o deslocamento se fizer em via que tenha lado interno e lado externo, o de menor antigüidade dá o lado interno ao superior.

Art. 5º – Quando os militares se deslocam em grupo, o mais antigo fica no centro, distribuindo-se os demais, segundo suas precedências, alternadamente à direita e à esquerda do mais antigo.

Art. 6º – Quando encontrar um superior num local de circulação, o militar saúda-o e cede-lhe o melhor lugar.
§1º – Se o local de circulação for estreito e o militar for praça, franqueia a passagem ao superior, faz alto e permanece de frente para ele.
§2º – Na entrada de uma porta, o militar franqueia-a ao superior, se estiver fechada, abre-a, dando passagem ao superior e toma a fechá-la depois.

Art. 7º – Em local público onde estiver sendo realizada solenidade cívico-militar, bem como em reuniões sociais, o militar cumprimenta, tão logo lhe seja possível, seus superiores hierárquicos.
Parágrafo único – Havendo dificuldade para aproximar-se dos superiores hierárquicos, o cumprimento deve ser feito mediante um movimento de cabeça.

Art. 8º – Para falar a um superior, o militar emprega sempre o tratamento "Senhor"" ou "Senhora"".
§1º – Para falar, formalmente, a um Oficial-General o tratamento é "Vossa Excelência"", "Senhor General"", "Senhor Almirante"" ou "Senhor Brigadeiro"", conforme o caso. Nas relações correntes de serviço, no entanto, é admitido o tratamento de "Senhor"".
§2º – Para falar, formalmente, ao Comandante, Diretor ou Chefe de Organização Militar, o tratamento é "Senhor Comandante"", "Senhor Diretor"", "Senhor Chefe"", conforme o caso, nas relações correntes de serviço, é admitido o tratamento de "Comandante"", "Diretor"" ou "Chefe"".
§3º – No mesmo posto ou graduação, poderá ser empregado o tratamento "você"", respeitadas as tradições e peculiaridade de cada Força Armada.

Art. 9º – Para falar a um mais moderno, o superior emprega o tratamento "você"".

Art. 10 – Todo militar, quando for chamado por um superior, deve atendê-lo o mais rápido possível, apressando o passo quando em deslocamento.

Art. 11 – Nos refeitórios, os oficiais observam, em princípio, as seguintes prescrições:
I – aguardam, para se sentarem à mesa, a chegada do Comandante, Diretor ou Chefe, ou da mais alta autoridade prevista para a refeição;
II – caso a referida autoridade não possa comparecer à hora marcada para o início da refeição, esta é iniciada sem a sua presença; à sua chegada, a refeição não é interrompida, levantando-se apenas os oficiais que tenham assento à mesa daquela autoridade;
III – ao terminar a refeição, cada oficial levanta-se e pede permissão ao mais antigo para retirar-se do recinto, podendo ser delegada ao mais antigo de cada mesa a autorização para concedê-la;
IV – o oficial que se atrasar para a refeição deve apresentar-se à maior autoridade presente e pedir permissão para sentar-se;
V – caso a maior autoridade presente se retire antes que os oficiais tenham terminado a refeição, apenas se levantam os que tenham assento à sua mesa.

§1º – Os refeitórios de grande freqüência e os utilizados por oficiais de diversas Organização Militar podem ser regidos por disposições específicas.
§2º – Nos refeitórios de suboficiais, subtenentes e sargentos, deve ser observado procedimento análogo ao dos oficiais.

Art. 12 – Nos ranchos de praças, ao neles entrar o Comandante, Diretor ou Chefe da Organização Militar ou outra autoridade superior, a praça de serviço, o militar mais antigo presente ou o que primeiro avistar aquela autoridade comanda "Rancho Atenção!" e anuncia a função de quem chega; as praças, sem se levantarem e sem interromperem a refeição, suspendem toda a conversação, até que seja dado o comando de "À Vontade"".

Art. 13 – Sempre que um militar precisar sentar-se ao lado de um superior, deve solicitar-lhe a permissão.

CAPÍTULO III
Da Continência

Art. 14 – A continência é a saudação prestada pelo militar e pode ser individual ou da tropa.
§1º – A continência é impessoal; visa a autoridade e não a pessoa.
§2º – A continência parte sempre do militar de menor precedência hierárquica; em igualdade de posto ou graduação, quando ocorrer dúvida sobre qual o de menor precedência, deve ser executada simultaneamente.
§3º – Todo militar deve, obrigatoriamente, retribuir a continência que lhe é prestada; se uniformizado, presta a continência individual; se em trajes civis, responde-a com um movimento de cabeça, com um cumprimento verbal ou descobrindo-se, caso esteja de chapéu.

Art. 15 – Têm direito a continência:
I – a Bandeira Nacional;
a) ao ser hasteada ou arriada diariamente em cerimônia militar ou cívica;
b) por ocasião da cerimônia de incorporação ou desincorporação, nas formaturas;
c) quando conduzida por tropa ou por contingente de Organização Militar;
d) quando conduzida em marcha, desfile ou cortejo, acompanhada por guarda ou por organização civil, em cerimônia cívica;
e) quando, no período compreendido entre 08:00 horas e o pôr-do-sol, um militar entra a bordo de um navio de guerra ou dele sai, ou, quando na situação de "embarcado"", avista-a ao entrar a bordo pela primeira vez, ou ao sair pela última vez;
II – o Hino Nacional, quando executado em solenidade militar ou cívica;
III – o Presidente da República;
IV – o Vice-Presidente da República;
V – o Presidente do Senado Federal, da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal Federal;
VI – os Ministros de Estado;
VII – os Governadores de Estado, de Territórios Federais, e do Distrito Federal, nos respectivos territórios, ou em qualquer parte do País em visita de caráter oficial;
VIII – os Ministros do Superior Tribunal Militar;
IX – os militares da ativa das Forças Armadas, mesmo em traje civil; neste último caso, quando for obrigatório o seu reconhecimento em função do cargo que exerce ou, para os demais militares, quando reconhecidos ou identificados;
X – os militares da reserva ou reformados, quando reconhecidos ou identificados;
XI – a tropa quando formada;
XII – as Bandeiras e os Hinos das Nações Estrangeiras, casos dos incisos I e II deste artigo;
XIII – as autoridades civis estrangeiras, correspondentes às constantes dos incisos III a VIII deste artigo, quando em visita de caráter oficial;
XIV – os militares das Forças Armadas estrangeiras, quando uniformizados e, se em trajes civis, quando reconhecidos ou identificados;
XV – os integrantes das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares, Corporações consideradas forças auxiliares e reserva do Exército.

Art. 16 – O aperto de mão é uma forma de cumprimento que o superior pode conceder ao mais moderno.
Parágrafo único – O militar não deve tomar a iniciativa de estender a mão para cumprimentar o superior, mas se este o fizer, não pode se recusar ao cumprimento.

Art. 17 – O militar deve responder com saudação análoga quando, ao cumprimentar o superior, este, além de retribuir a continência, fizer uma saudação verbal.

SEÇÃO I
Do Procedimento Normal

Art. 18 – A continência individual é a forma de saudação que o militar isolado, quando uniformizado, com ou sem cobertura, deve aos símbolos, às autoridades e à tropa formada, conforme estabelecido no art. 15.
§1º – A continência individual é, ainda, a forma pela qual militares se saúdam mutuamente, ou pela qual o superior responde saudação de um mais moderno.
§2º – A continência individual é devida a qualquer hora do dia ou da noite, só podendo ser dispensada nas situações especiais regulamentadas por cada Força Armada.
§3º – Quando em trajes civis, o militar assume as seguintes atitudes:
I – nas cerimônias de hasteamento ou arriamento da Bandeira, nas ocasiões em que esta se, apresentar em marcha ou cortejo, assim como durante a execução do Hino Nacional, o militar deve tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio, com a cabeça descoberta;
II – nas demais situações, se estiver de cobertura, descobre-se e assume atitude respeitosa;
III – ao encontrar um superior fora da Organização Militar, o subordinado faz a saudação com um cumprimento verbal, de acordo com as convenções sociais.

Art. 19 – São elementos essenciais da continência individual: a atitude, o gesto e a duração, variáveis conforme a situação dos executantes:
I – atitude – postura marcial e comportamento respeitoso e adequado às circunstâncias e ao ambiente;
II – gesto – conjunto de movimento do corpo, braços e mãos, com ou sem armas;
III – duração – o tempo durante o qual o militar assume a atitude e executa o gesto acima referido.

Art. 20 – O militar, desarmado, ou armado de revólver ou pistola, de sabre-baioneta ou espada embainhada, faz a continência individual de acordo com as seguintes regras:
I – mais moderno parado e superior deslocando-se:
a) posição de sentido, frente voltada para a direção perpendicular à do deslocamento do superior;
b) com cobertura: em movimento enérgico, leva a mão direita ao lado da cobertura, tocando com a falangeta do indicador a borda da pala, um pouco adiante do botão da jugular, ou lugar correspondente, se a cobertura não tiver

pala ou jugular; a mão no prolongamento do antebraço, com a palma voltada para o rosto e com os dedos unidos e distendidos; o braço sensivelmente horizontal, formando um ângulo de 45" com a linha dos ombros; olhar franco e naturalmente voltado para o superior. Para desfazer a continência, baixa a mão em movimento enérgico, voltando à posição de sentido;
c) sem cobertura: em movimento enérgico, leva a mão direita ao lado direito da fronte, procedendo similarmente ao descrito na alínea b), no que couber;
d) a continência é feita quando o superior atinge a distância de três passos do mais moderno e desfeita quando o superior ultrapassa o mais moderno de um passo;
II – mais moderno deslocando-se e superior parado, ou deslocando-se em sentido contrário: se está se deslocando em passo normal, o mais moderno mantém o passo e a direção do deslocamento; se em acelerado ou correndo, toma o passo normal, não cessa o movimento normal do braço esquerdo; a continência é feita a três passos do superior, como prescrito no inciso 1, alíneas b) e c), encarando-o com movimento vivo de cabeça; ao passar por este, o mais moderno volta a olhar em frente e desfaz a continência;
III – mais moderno e superior deslocando-se em direções convergentes: o mais moderno dá precedência de passagem ao superior e faz a continência como prescreve o inciso 1, alíneas b) e c), sem tomar a posição de sentido;
IV – mais moderno, deslocando-se, alcança e ultrapassa o superior que se desloca no mesmo sentido: o mais moderno, ao chegar ao lado do superior, faz-lhe a continência como prescrito no inciso I, alíneas b) e c), e o encara com vivo movimento de cabeça; após três passos, volta a olhar em frente e desfaz a continência;
V – mais moderno deslocando-se, é alcançado e ultrapassado por superior que se desloca no mesmo sentido: o mais moderno, ao ser alcançado pelo superior, faz-lhe a continência, como prescrito no inciso 1, alíneas b) e c), desfazendo-a depois que o superior tiver se afastado um passo;
VI – em igualdade de posto ou graduação, a continência é feita no momento em que os militares passam um pelo outro ou se defrontam.

Art. 21 – O militar armado de espada desembainhada faz a continência individual, tomando a posição de sentido e em seguida perfilando a espada.
Parágrafo único – Na continência aos símbolos e autoridades mencionadas nos incisos 1 a VIII e XII do art. 15 e a Oficiais-Generais, abate a espada.

Art. 22 – O militar, quando tiver as duas mãos ocupadas, faz a continência individual tomando a posição de sentido, frente voltada para a direção perpendicular à do deslocamento do superior.
§1º – Quando apenas uma das mãos estiver ocupada, a mão direita deve estar livre para executar a continência.
§2º – O militar em deslocamento, quando não puder corresponder à continência por estar com as mãos ocupadas, faz vivo movimento de cabeça.

Art. 23 – O militar, isolado, armado de metralhadora de mão, fuzil ou arma semelhante faz continência da seguinte forma:
I – quando estiver se deslocando:
a) leva a arma à posição de "Ombro Arma"", à passagem do superior hierárquico;
b) à passagem de tropa formada, faz alto, volta-se para a tropa e leva a arma à posição de "Ombro Arma"";
c) com a arma a tiracolo ou em bandoleira, toma a posição de sentido, com sua frente voltada para a direção perpendicular à do deslocamento do superior.
II – quando estiver parado:
a) na continência aos símbolos e autoridades mencionadas nos incisos 1 a VIII do art. 15 e a Oficiais-Generais, faz "Apresentar Arma"";
b) para os demais militares, faz "Ombro Arma"";
c) à passagem da tropa formada, leva à posição de "Ombro Arma"";
d) com a arma a tiracolo ou em bandoleira, toma apenas a posição de sentido.

Art. 24 – Todo militar faz alto para a continência à Bandeira Nacional, ao Hino Nacional e ao Presidente da República.
§1º – Quando o Hino Nacional for tocado em cerimônia religiosa, o militar participante da cerimônia não faz a continência individual, permanecendo em atitude de respeito.
§2º – Quando o Hino Nacional for cantado, a tropa ou militar presente não faz a continência, nem durante a sua introdução, permanecendo na posição de "sentido"" até o final de sua execução.

Art. 25 – Ao fazer a continência ao Hino Nacional, o militar volta-se para a direção de onde vem a música, conservando-se nessa atitude enquanto durar sua execução.
§1º – Quando o Hino Nacional for tocado em cerimônia à Bandeira ou ao Presidente da República, o militar volta-se para a Bandeira ou para o Presidente da República.
§2º – Quando o Hino Nacional for tocado em cerimônia militar ou cívica, realizada em ambiente fechado, o militar volta-se para o principal local da cerimônia e faz a continência como estipulado no inciso I do art. 20 ou nos arts. 22 ou 23, conforme o caso.

Art. 26 – Ao fazer a continência para a Bandeira Nacional integrante de tropa formada e parada, todo militar que se desloca, faz alto, vira-se para ela e faz a continência individual, retomando, em seguida, o seu deslocamento; a autoridade passando em revista à tropa observa o mesmo procedimento.

Art. 27 – No interior das Organizações Militares, a praça faz alto para a continência a Tenentes-Brigadeiros e às autoridades enumeradas nos incisos Ill a VIII, inclusive, do art. 15.

Art. 28 – O Comandante, Chefe ou Diretor de Organização Militar tem, diariamente, direito à continência prevista no artigo anterior, na primeira vez que for encontrado pelas suas praças subordinadas, no interior de sua organização.

Art. 29 – Os militares em serviço policial ou de segurança poderão ser dispensados dos procedimentos sobre continência individual constantes deste Regulamento.

SEÇÃO II
Do Procedimento em Outras Situações

Art. 30 – O militar em um veículo, exceto bicicleta, motocicleta ou similar, procede da seguinte forma:
I – com o veículo parado, tanto o condutor como o passageiro fazem a continência individual sem se levantarem;
II – com o veículo em movimento, somente o passageiro faz a continência individual.
§1º – Por ocasião da cerimônia da Bandeira ou da execução do Hino Nacional, se no interior de uma Organização

Militar, tanto o condutor como o passageiro saltam do veículo e fazem. a continência individual; se em via pública, procedem do mesmo modo, sempre que viável.
§2º – Nos deslocamentos de elementos transportados por viaturas, só o Comandante e o Chefe de cada viatura fazem a continência individual. Os militares transportados tomam postura correta e imóvel enquanto durar a continência do Chefe da viatura.

Art. 31 – O militar isolado presta a continência à tropa da seguinte forma:
I – tropa em deslocamento e militar parado:
a) militar a pé qualquer que seja seu posto ou graduação, volta-se para a tropa, toma posição de "Sentido"" e permanece nessa atitude durante a passagem da tropa, fazendo a continência individual para a Bandeira Nacional e, se for mais antigo do que o Comandante da tropa, corresponde à continência que lhe é prestada; caso contrário, faz a continência individual ao Comandante da tropa e a todos os militares em comando de frações constituídas que lhe sejam hierarquicamente iguais ou superiores;
b) militar em viatura estacionada desembarca e procede de acordo com o estipulado na alínea anterior;
II – tropa em deslocamento e militar em movimento, a pé ou em veículo: o militar, sendo superior hierárquico ao Comandante da tropa, pára, volta-se para esta e responde à continência que lhe é prestada; caso contrário, pára, volta-se para aquela e faz a continência individual ao Comandante da tropa e a todos os militares em comando de frações constituídas que lhe sejam hierarquicamente iguais ou superiores; para o cumprimento à Bandeira Nacional, o militar a pé pára e faz a continência individual; se no interior de veículo, faz. a continência individual sem desembarcar;
III – tropa em forma e parada, e militar em movimento: procede como descrito no inciso anterior, parando apenas para o cumprimento à Bandeira Nacional.

Art. 32 – O oficial ao entrar em uma Organização Militar, em princípio, deve ser conduzido ao seu Comandante, Chefe ou Diretor, ou, conforme as peculiaridades e os procedimentos específicos de cada Força Armada, à autoridade militar da Organização para isso designada, a fim de participar os motivos de sua ida àquele estabelecimento. Terminada a missão ou o fim que ali o levou, deve, antes de se retirar, despedir-se daquela autoridade.
§1º – Nos estabelecimentos ou repartições militares onde essa apresentação não seja possível; deve o militar apresentar-se ou dirigir-se ao de maior posto ou graduação presente, ao qual participará o motivo de sua presença.
§2º – Quando o visitante for do mesmo posto ou de posto superior ao do Comandante, Diretor ou Chefe, é conduzido ao Gabinete ou Câmara do mesmo, que o recebe e o ouve sobre o motivo de sua presença.
§3º – A praça, em situação idêntica, apresenta-se ao oficial-de-dia ou de Serviço, ou a quem lhe corresponder, tanto na chegada quanto na saída.
§4º – O disposto neste artigo e seus parágrafos não se aplica às organizações médico-militares, exceto se o militar estiver e. visita de serviço.

Art. 33 – Procedimento do militar em outras situações:
I – o mais moderno , quando a cavalo, se o superior estiver a pé, deve passar por este ao passo; se ambos estiverem a cavalo, não pode cruzar com aquele em andadura superior; marchando no mesmo sentido, ultrapassa o superior depois de lhe pedir autorização; em todos os casos, a continência é feita com prescrita no inciso 11 do art. 20 deste regulamento;
II – o militar a cavalo apeia para falar com o superior a pé, salvo se este estiver em nível mais elevado (palanque, arquibancada, picadeiro, ou similar) ou ordem em contrário;
III – se o militar está em bicicleta ou motocicleta, deverá passar pelo superior em marcha moderada, concentrando a atenção na condução do veículo;
IV – o portador de uma mensagem, qualquer que seja o meio de transporte empregado, não modifica a sua velocidade de marcha ao cruzar ou passar por um superior e informa em voz alta "serviço urgente"";
V – a pé, conduzido ou segurando cavalo, o militar faz a continência como prescrito no art. 22.
VI – quando um militar entra em um recinto público, percorre com o olhar o local para verificar se há algum superior presente; se houver, o militar, do lugar em que está, faz-lhe a continência;
VII – quando um superior entra em um recinto público, o mais moderno que aí está levanta-se ao avistá-lo e faz-lhe a continência;
VIII – quando militares se encontrarem em reuniões sociais, festas militares, competições desportivas ou em viagens, devem apresentar-se mutuamente, declinando posto e nome, partindo essa apresentação do de menor hierarquia;
IX – seja qual for o caráter oficial ou particular da solenidade ou reunião, deve o militar, obrigatoriamente, apresentar-se ao superior de maior hierarquia presente, e ao de maior posto entre os oficiais presentes de sua Organização Militar;
X – quando dois ou mais militares, em grupo, encontram-se com outros militares, todos fazem a continência individual como se estivessem isolados.

Art. 34 – Todo militar é obrigado a reconhecer o Presidente e o Vice-Presidente da República, o Ministro da sua Força, os Comandantes, Chefes ou Diretores da cadeia de comando a que pertencer a sua organização e os oficiais de sua Organização Militar.
§1º – Os oficiais são obrigados a reconhecer também os Ministros Militares, assim como os Chefes dos Estados-Maiores de suas respectivas Forças.
§2º – Todo militar deve saber identificar as 'insígnias dos postos e graduações das Forças Armadas.

Art. 35 – O militar fardado descobre-se ao entrar em um recinto coberto.
§1º – O militar fardado descobre-se, ainda, nas reuniões sociais, nos funerais, nos cultos religiosos e ao entrar em templos ou participar de atos em que este procedimento seja pertinente, sendo-lhe dispensada, neste casos, a obrigatoriedade da prestação da continência.
§2º – A prescrição do *caput* deste artigo não se aplica aos militares armados de metralhadora de mão, fuzil ou arma semelhante ou aos militares em serviço de policiamento, escolta ou guarda.

Art. 36 – Para saudar os civis de suas relações, o militar fardado não se descobre, cumprimentando-os pela continência, pelo aperto de mão ou com aceno de cabeça.
Parágrafo único – Ao se dirigir a uma senhora para cumprimentá-la, o militar fardado, exceto se do sexo feminino, descobre-se, colocando a cobertura sob o braço esquerdo; se estiver desarmado e, de luvas, descalça a luva da mão direita e aguarda que a senhora lhe estenda a mão.

Art. 37 – O militar armado de espada, durante solenidades militar, não descalça as luvas, salvo ordem em contrário.

Art. 38 – Nos refeitórios das Organizações Militares, a maior autoridade presente ocupa o lugar de honra.

Art. 39 – Nos banquetes, o lugar de honra situa-se, geralmente, no centro, do lado maior da mesa principal.
§1º – Se o banquete é oferecido a determinada autoridade, deve sentar-se ao seu lado direito o Comandante da Organização Militar responsável pela homenagem; os outros lugares são ocupados pelos demais participantes, segundo esquema previamente dado a conhecer aos mesmos.
§2º – Em banquetes onde haja mesa plena, o homenageante deve sentar-se em frente ao homenageado.

Art. 40 – Em embarcação, viatura ou aeronave militar, o mais antigo é o último a embarcar e o primeiro a desembarcar.
§1º – Em se tratando de transporte de pessoal, a licença para início do deslocamento é prerrogativa do mais antigo presente.
§2º – Tais disposições não se aplicam a situações operacionais, quando devem ser obedecidos os Planos e Ordens a elas ligados.

CAPÍTULO IV
Da Apresentação

Art. 41 – O militar, para se apresentar a um superior, aproxima-se deste até a distância do aperto de mão; toma a posição de "Sentido"", faz a continência individual como prescrita neste Regulamento e diz, em voz claramente audível, seu grau hierárquico, nome de guerra e Organização Militar a que pertence, ou função que exerce, se estiver no interior de sua Organização Militar; desfaz a continência, diz o motivo da apresentação, permanecendo na posição de "Sentido"" até que lhe seja autorizado tomar a posição de "Descansar"" ou de "À Vontade"".
§1º – Se o superior estiver em seu Gabinete de trabalho ou outro local coberto, o militar sem arma ou armado de revólver, pistola ou espada embainhada tira a cobertura com a mão direita. Em se tratando de boné ou capacete, coloca-o debaixo do braço esquerdo com o interior voltado para o corpo e a jugular para a frente; se de boina ou gorro com pala, empunha-o com a mão esquerda, de tal modo que sua copa fique para fora e a sua parte anterior voltada para a frente. Em seguida, faz a continência individual e procede à apresentação.
§2º – Caso esteja armado de espada desembainhada, fuzil ou metralhadora de mão, o militar faz alto à distância de dois passos do superior e executa o "Perfilar Espada"" ou "Ombro Arma"", conforme o caso, permanecendo nessa posição mesmo após correspondida a saudação; se o superior for Tenentes-Brigadeiros ou autoridade superior, o militar executa o manejo de "Apresentar Arma"", passando, em seguida, à posição de "Perfilar Espada"" ou "Ombro Arma"", conforme o caso, logo após correspondida a saudação.
§3º – Em locais cobertos, o militar armado nas condições previstas no parágrafo anterior, para se apresentar ao superior, apenas toma a posição de "Sentido"".

Art. 42 – Para se retirar da presença de um superior, o militar faz-lhe a continência individual, idêntica à da apresentação, e pede permissão para se retirar; concedida a permissão, o oficial retira-se normalmente, e a praça, depois de fazer "meia volta", rompe a marcha com o pé esquerdo.

CAPÍTULO V
Da Continência da Tropa

SEÇÃO I
Generalidades

Art. 43 – Têm direito à continência da tropa os símbolos e autoridades relacionadas nos incisos I a IX e XI a XIV do art. 15.
§1º – Os oficiais da reserva ou reformados e os militares estrangeiros só têm direito à continência da tropa quando uniformizados.
§2º – Às autoridades estrangeiras, civis e militares, são prestadas as continências conferidas às autoridades brasileiras equivalentes.

Art. 44 – Para efeito de continência, considera-se tropa a reunião de dois ou mais militares devidamente comandados.

Art. 45 – Aos Ministros de Estado, aos Governadores de Estado e do Distrito Federal e aos Ministros do Superior Tribunal Militar, são prestadas as continências previstas para Almirante de Esquadra, General de Exército ou Tenente Brigadeiro.
Parágrafo único – Os Ministro da Marinha, Exército, Aeronáutica, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Ministro do Superior Tribunal Militar, Chefe da Casa Militar da Presidência da Presidência da República, nesta ordem, terão lugar de destaque nas solenidades cívico-militares.

Art. 46 – Aos Governadores de Territórios Federais são prestadas as continências previstas para Contra-Almirante, General de Brigada ou Brigadeiro.

Art. 47 – O oficial que exerce função do posto superior ao seu, tem direito à continência desse posto apenas na Organização Militar onde a exerce e nas que lhe são subordinadas.

Art. 48 – Nos exercícios de marcha, inclusive nos altos, a tropa não presta continência; nos exercícios de estacionamento, procede de acordo com o estipulado nas Seções II e III deste Capítulo.

Art. 49 – A partir do escalão subunidade, inclusive, toda tropa Armada que não conduzir Bandeira, ao regressar ao Quartel, de volta de exercício externo de duração igual ou superior a 8 (oito) horas, e após as marchas, presta continência ao terreno antes de sair de forma.
§1º – A voz de comando para essa continência é "Em continência ao terreno, Apresentar Arma!".
§2º – Os militares não integrantes da formatura fazem a continência individual.
§3º – Por ocasião da Parada Diária, a tropa e os militares não integrantes da formatura prestam a "Continência ao Terreno"", na forma estipulada pelos parágrafos 1º e 2º deste artigo.
§4º – Estas disposições poderão ser ajustadas às peculiaridades de cada Força Armada.

Art. 50 – A continência de uma tropa para outra está relacionada à situação de conduzirem, ou não, a Bandeira Nacional e ao grau hierárquico dos respectivos comandantes.

Parágrafo único – Na continência, toma-se como ponto de referência, para início da saudação, a Bandeira Nacional ou a testa da formatura, caso a tropa não conduza Bandeira.

Art. 51 – No período compreendido entre o arriar da Bandeira e o toque de alvorada no dia seguinte, a tropa apenas presta continência à Bandeira Nacional, ao Hino Nacional, ao Presidente da República, às bandeiras e hinos de outras nações e a outra tropa.
Parágrafo único – Excetuam-se as guardas de honra que prestam continência à autoridade a que a homenagem se destina.

SEÇÃO II
Da Continência da Tropa a Pé Firme

Art. 52 – A tropa em forma e parada, à passagem de outra tropa, volta-se para ela e toma a posição de sentido.
Parágrafo único – Se a tropa que passa conduz Bandeira, ou se seu Comandante for de posto superior ao Comandante da tropa em forma e parada, esta lhe presta a continência indicada no art. 53; quando, do mesmo posto e a tropa que passa não conduz Bandeira, apenas os Comandantes fazem a continência.

Art. 53 – Uma tropa a pé firme presta continência aos símbolos, às autoridades e a outra tropa formada, nas condições mencionadas no art. 15, executando os seguintes comandos:
I – na continência a oficial subalterno e intermediário: "Sentido!"
II – na continência a oficial superior: "Sentido! Ombro Arma!"
III – na continência aos símbolos e autoridades mencionadas nos incisos I a VIII do art. 15, a Oficiais-Generais ou autoridades equivalentes: "Sentido! Ombro Arma! Apresentar Arma! Olhar a Direita (Esquerda)!".
§1º – Para Oficial-General estrangeiro, só é prestada a continência em caso de visita oficial.
§2º – No caso de tropa desarmada, ao comando de "Apresentar Arma!" todos os seus integrantes fazem continência individual e a desfazem ao comando de "Descansar Arma!".
§3º – Os Comandos são dados a toque de corneta ou clarim até o escalão Unidade, e à viva voz, no escalão Subunidade; os Comandantes de pelotão (seção) ou de elementos inferiores só comandam a continência quando sua tropa não estiver enquadrada em subunidade; nas formações emassadas, não são dados comandos nos escalões inferiores a Unidade.
§4º – Em formação não emassada, os comandos a toque de cometa ou clarim são dados sem a nota de execução, sendo desde logo executados pelo Comandante e pelo Porta Símbolo da Unidade; a banda é comandada à viva voz pelo respectivo mestre; o estado-maior, pelo oficial mais antigo; a Guarda Bandeira, pelo oficial Porta Bandeira.
§5º – Os comandos são dados de forma a serem executados quando a autoridade ou a Bandeira atingir a distância de dez passos da tropa que presta a continência.
§6º – A continência é desfeita aos comandos de "Olhar em Frente!", "Ombro Arma!", "Descansar Arma!" e "Descansar!", conforme o caso, dados pelos mesmo elementos que comandaram sua execução e logo que a autoridade ou a Bandeira tenha ultrapassado de cinco passos a tropa que presta a continência.
§7º – As Bandas de Música ou Corneteiros ou clarins e Tambores permanecem em silêncio, a menos que se tratem de honras militares prestadas pela tropa, ou de cerimônia militar de que a tropa participe.

Art. 54 – A tropa mecanizada, motorizada ou blindada presta continência da seguinte forma:
I – estando o pessoal embarcado, o comandante e os oficiais que exercem comando até o escalão pelotão, inclusive, levantam-se e fazem a continência; se não for possível tomarem a posição em pé no veículo, fazem a continência na posição em que se encontram; os demais oficiais fazem, sentados, a continência individual, e as praças conservam-se sentadas, olhando à frente, sem prestar continência.
II – estando o pessoal desembarcado, procede da mesma maneira como na tropa a pé firme, formado à frente das viaturas.
Parágrafo único – Quando o pessoal estiver embarcado e os motores das viaturas desligados, o Comandante desembarca para prestar a continência; os demais militares procedem como no inciso I.

Art. 55 – À autoridade civil ou militar estrangeira, que passar revista à tropa postada em honra, são prestados esclarecimentos relativos ao modo de proceder.

SEÇÃO III
Da Continência da Tropa em deslocamento

Art. 56 – A tropa em deslocamento faz continência aos símbolos, às autoridades e a outra formada, relacionadas nos incisos 1, III a IX e XI a XV do art. 15, observado o disposto pelo art. 58, executando os seguintes comando:
I – "Sentido! Em continência à Direita (Esquerda)!", repetido por todas as unidades, até o escalão batalhão, inclusive;
II – os Comandantes de Subunidades, ao atingirem a distância de vinte passos da autoridade ou da Bandeira, dão a voz de: "Companhia Sentido! Em continência à Direita (Esquerda)!";
III – os Comandantes de pelotão (seção), à distância de dez passos da autoridade ou da Bandeira, dão a voz de: "Pelotão (Seção) Sentido! Olhar à Direita (Esquerda)!", logo que a testa do pelotão (seção) tenha ultrapassado de dez passos a autoridade ou a Bandeira, seu Comandante, independente de ordem superior, comanda "Pelotão (Seção) Olhar em Frente!".
§1º – Nas formações emassadas de batalhão e de companhia, só é dado o comando execução da continência: "Batalhão (Companhia) Sentido! Olhar à Direita (Esquerda)!", por toque de corneta ou à viva voz dos respectivos comandantes.
§2º – Durante a execução da continência, são observadas as seguintes prescrições:
a) a Bandeira não é desfraldada, exceto para outra Bandeira; a Guarda Bandeira não olha para a direita (esquerda);
b) o estandarte não é abatido, exceto para a Bandeira Nacional, o Hino Nacional ou o Presidente da República;
c) os oficiais de espada desembainhada , no comando de pelotão (Seção), perfilam espada e não olham para a direta (esquerda);
d) os oficiais sem espada ou com ela embainhada, fazem a continência individual sem olhar para a direita (esquerda), exceto o Comandante da fração;
e) o Porta Bandeira, quando em viatura, levanta-se, e a Guarda permanece sentada;
f) os oficiais em viaturas, inclusive Comandante de unidades e subunidades, fazem a continência sentados sem olhar para direita (esquerda);
g) os músicos, corneteiros e tamboreiros , condutores, porta símbolos e porta flâmulas, os homens da coluna da direita

(esquerda) e os da fileira da frente, não olham para a direita (esquerda), e, se sentados, não se levantam.

Art. 57 – Na continência a outra tropa, procede-se da seguinte forma:
I – se as duas tropas não conduzem a Bandeira Nacional, a continência é iniciada pela tropa cujo Comandante for de menor hierarquia; caso de igual hierarquia, a continência deverá ser feita por ambas as tropas;
II – se apenas uma tropa conduz a Bandeira Nacional, a continência é prestada à Bandeira, independente da hierarquia dos Comandantes das tropas;
III – se as duas tropas conduzem a Bandeira Nacional, a continência é prestada por ambas, independente da hierarquia de seus comandantes.

Art. 58 – A tropa em deslocamento faz alto para a continência ao Hino Nacional e aos Hinos das Nações Estrangeiras, quando executados em solenidade militar ou cívica.

Art. 59 – A tropa em deslocamento no passo acelerado ou sem cadência faz continência às autoridades e a outra tropa formada, relacionadas nos incisos III a IX, XI, e XIII a XV do art. 15, ao comando de "Batalhão (Companhia, Pelotão, Seção) Atenção!", dado pelos respectivos comandantes.
Parágrafo único – Para a continência à Bandeira Nacional e às Bandeiras das Nações Estrangeiras, a tropa em deslocamento no passo acelerado ou sem cadência retoma o passo acelerado ou sem cadência retoma o passo ordinário e procede como descrito no art. 56.

SEÇÃO IV
Da Continência da Tropa em Desfile

Art. 60 – Desfile é a passagem da tropa diante da Bandeira Nacional ou da maior autoridade presente a uma cerimônia a fim de lhe prestar homenagem.

Art. 61 – A tropa em desfile faz continência à Bandeira ou à maior autoridade presente à cerimônia, obedecendo às seguintes prescrições:
I – a 30 (trinta) passos aquém do homenageado, é dado o toque de "Sentido! Em continência à Direita (Esquerda)!", sendo repetido até o escalão batalhão, inclusive (esse toque serve apenas para alertar a tropa);
II – a 20 (vinte) passos aquém do homenageado:
a) os Comandantes de unidade e subunidade, em viaturas, levantam-se;
b) os Comandantes de subunidades comandam à viva voz: "Companhia, Sentido! Em Continência à Direita (Esquerda)!",
c) os oficiais com espada desembainhada perfilam espada, sem olhar para a direita (esquerda);
III – a 10 (dez) passos aquém do homenageado:
a) os Comandantes de Pelotão (Seção) comandam "Pelotão (Seção) Sentido! Olhar à Direita (Esquerda)!";
b) a Bandeira é desfraldada, e o estandarte é abatido;
c) os Comandantes de unidade e subunidade, em viatura, fazem a continência individual e encaram a Bandeira ou a autoridade;
d) os Comandantes de unidade e subunidade abatem espada e encaram a Bandeira ou a autoridade; quando estiverem sem espada ou com ela embainhada, fazem a continência individual e encaram a Bandeira ou a autoridade; os demais oficiais com espada desembainhada perfilam espada;
e) os oficiais sem espada ou com ela embainhada ou portando outra arma fazem a continência individual a não encaram a autoridade;
f) os componentes da Guarda Bandeira, músicos, corneteiros e tamboreiros, condutores e porta símbolos não fazem continência nem olham para o lado.
IV – a 10 (dez) passos depois do homenageado:
a) os mesmos elementos que comandaram "Olhar à Direita (Esquerda)!" comandam "Pelotão (seção), Olhar em Frente!";
b) a Bandeira e o estandarte voltam à posição de Ombro Arma;
c) os Comandantes de unidade e subunidade de unidade, em viaturas, desfazem a continência individual;
d) os Comandantes de unidade e subunidade perfilam espada;
e) os oficiais sem espada, com ela embainhada ou portando outra arma, desfazem a continência.
V – a 15 (quinze) passos depois do homenageado, independente de qualquer comando:
a) os Comandantes de unidade e subunidade em viaturas, sentam-se;
b) os oficiais a pé com espada desembainhada trazem a espada à posição de marcha.
§1º – Os comandos mencionados nos incisos II e III e IV são dados à viva voz ou por apito.
§2º – Quando a tropa desfilar em linha de companhia ou formação emassada de batalhão, o primeiro comando de "Sentido! Em Continência à Direta (Esquerda)!" é dado a vinte passos aquém do homenageado pelo Comandante superior, e o comando de "Olhar à Direita (Esquerda)!" pelo Comandante de batalhão, a dez passos aquém do homenageado.
§3º – Quando a tropa desfilar em linha de pelotões ou formação emassada de companhia, o comando de "Olhar à Direita (Esquerda)!" é dado pelo Comandante de subunidade a dez passos aquém do homenageado.
§4º – Nas formações emassadas de batalhão ou companhia, o comando de "Olhar em Frente! "é dado pelos mesmos Comandantes que comandaram "Olhar à Direta (Esquerda)!", quando a cauda de sua tropa ultrapassar de dez passos o homenageado.

Art. 62 – A tropa a pé desfila em "Ombro Arma"", com a arma cruzada ou e. bandoleira; nos dois primeiros casos, de baioneta armada.

Art. 63 – A autoridade em homenagem à qual é realizado o desfile responde às continências prestadas pelos oficiais da tropa que desfila; os demais oficiais que assistem ao desfile fazem continência apenas à passagem da Bandeira.

SEÇÃO V
Do Procedimento da Tropa em Situações Diversas

Art. 64 – Nenhuma tropa deve iniciar marcha, embarcar, desembarcar, montar, apear, tomar a posição à vontade ou sair de forma sem licença do mais antigo presente.

Art. 65 – Se uma tropa em marcha cruzar com outra, a que for comandada pelo mais antigo passa em primeiro lugar.

Art. 66 – Se uma marcha alcançar outra deslocando-se no mesmo sentido, pode passar-lhe à frente, em princípio pela esquerda, mediante licença ou aviso do mais antigo que a comanda.

Art. 67 – Quando uma tropa não estiver em formatura e se encontrar em instrução, serviço de faxina ou faina, as continências de tropa são dispensáveis, cabendo, entretanto,

ao seu Comandante, Instrutor ou Encarregado, prestar a todo o superior que se dirija ao local onde se encontra essa tropa, dando-lhe as informações que se fizerem necessárias.
Parágrafo único – No caso do superior dirigir-se pessoalmente a um dos integrantes dessa tropa, este lhe presta a continência regulamentar.

Art. 68 – Quando uma tropa estiver reunida para instrução, conferência, preleção ou atividade semelhante, e chegar o seu Comandante ou outra autoridade de posto superior ao mais antigo presente, este comanda "Companhia (Escola, Turma; etc.) – Sentido! Comandante da Companhia (ou função de quem chega)!". A esse comando, levantam-se todos energicamente e tomam a posição ordenada; correspondido o sinal de respeito pelo superior, volta a tropa à posição anterior, ao comando de "Companhia (Escola, Turma, etc.) – À vontade!". O procedimento é idêntico quando se retirar o comandante ou a autoridade em causa.
§1º – Nas reuniões de oficiais, o procedimento é o mesmo, usando-se os comandos: "Atenção! Comandante de Batalhão (ou Exmo. Sr. Almirante, General, Brigadeiro Comandante de …), à volta de …!", dados pelos instrutor ou oficial mais antigo presente.
§2º – Nas Organizações Militares de ensino, os alunos de quaisquer postos ou graduações aguardam nas salas de aulas, anfiteatros ou laboratórios a chegada dos respectivos professores ou instrutores. Instruções internas estabelecem, em minúcias, o procedimento a ser seguido.

Art. 69 – Quando um oficial entra em um alojamento ou vestiário ocupado por tropa, o militar de serviço ou o que primeiro avistar aquela autoridade comanda "Alojamento (Vestiário) – Atenção! Comandante da Companhia (ou função de quem chega)!". As praças, sem interromperem suas atividades, no mesmo local em que se encontram, suspendem toda a conversação e assim se conservam até ser comandado "À vontade!".

SEÇÃO VI
Da Continência da Guarda

Art. 70 – A guarda formada presta continência:
I – aos símbolos, às autoridades e à tropa formada, referidos nos incisos I a VIII, XI e XII do art. 15;
II – aos Almirantes de Esquadra, Generais de Exército e Tenentes-Brigadeiros, nas sedes dos Ministérios da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, respectivamente;
III – aos Oficiais-Generais, nas sedes de Comando, Chefia ou Direção privativos dos postos de Oficial-General;
IV – aos Oficiais-Generais, aos Oficiais Superiores e ao Comandante, Chefe ou Diretor, qualquer que seja o seu posto, nas Organizações Militares;
V – aos Oficiais-Generais e aos Oficiais Superiores das Forças Armadas das Nações Estrangeiras, quando uniformizados, nas condições estabelecidas nos incisos anteriores;
VI – à guarda que venha rendê-la.
§1º – As normas para a prestação de continência pela guarda formada a oficiais de qualquer posto serão reguladas pelo Cerimonial de cada Força.
§2º – A continência é prestada por ocasião da entrada e saída da autoridade.

Art. 71 – Para a continência à Bandeira e ao Presidente da República, a guarda forma na parte externa do edifício, à esquerda da sentinela do portão das armas (sentinela da entrada principal), caso o local permita; o corneteiro da guarda ou de serviço dá o sinal correspondente ("Bandeira ou Presidente da República""), e o Comandante da guarda procede como estabelecido no inciso III do art. 53.

Art. 72 – A guarda forma para prestar continência à tropa de efetivo igual ou superior a subunidade, sem Bandeira, que sai ou regresse ao quartel.

Art. 73 – Quando em uma Organização Militar entra ou sai seu Comandante, Chefe ou Diretor, acompanhado de oficiais, a continência da guarda formada é prestada apenas ao oficial de maior posto, ou ao Comandante, se de posto igual ou superior ao dos que o acompanham,
Parágrafo único – A autoridade a quem é prestada a continência destaca-se das demais para corresponder à continência da guarda; os acompanhantes fazem a continência individual, voltados para aquela autoridade.

Art. 74 – Quando a continência da guarda é acompanhada do Hino Nacional ou da marcha batida, os militares presentes voltam a frente para a autoridade, ou à Bandeira, a que se presta a continência, fazendo a continência individual no início do Hino ou marcha batida e desfazendo-a ao término.

Art. 75 – Uma vez presente em urna Organização Militar autoridade cuja insígnia esteja hasteada no mastro principal, apenas o Comandante, Diretor ou Chefe da organização e os que forem hierarquicamente superiores à referida autoridade têm direito à continência da guarda formada.

SEÇÃO VII
Da Continência da Sentinela

Art. 76 – A sentinela de posto fixo, armada, presta continência:
I – apresentando arma: aos símbolos e autoridades referidos no art. 15;
II – tomando a posição de sentido: aos graduados e praças especiais das Forças Armadas nacionais e estrangeiras;
III – tomando a posição de sentido e, em seguida, fazendo Ombro Arma: à tropa não comandada por Oficial.
§1º – O militar que recebe uma continência de uma sentinela faz continência individual para respondê-la.
§2º – A sentinela móvel presta continência aos símbolos, autoridades e militares constantes do art. 15, tomando apenas a posição de sentido.

Art. 77 – Os marinheiros e soldados, quando passarem por uma sentinela, fazem a continência, à qual a sentinela responde tomando a posição de Sentido"".

Art. 78 – No período compreendido entre o arriar da Bandeira e o toque de alvorada do dia seguinte, a sentinela só apresenta arma à Bandeira Nacional, ao Hino Nacional, ao Presidente da República, às bandeiras e hinos de outras nações e à tropa formada, quando comandada por oficial.
Parágrafo único – No mesmo período, a sentinela toma a posição de "Sentido"" à passagem de um superior pelo seu posto ou para corresponder à saudação militar de marinheiros e soldados.

Art. 79 – Para prestar continência a uma tropa comandada por oficial, a sentinela toma a posição de "Sentido"", executando o "Apresentar Arma"" quando a testa da tropa estiver a 10 (dez) passos, assim permanecendo até a passagem do Comandante e da Bandeira; a seguir faz "Ombro Arma"" até o escoamento completo da tropa, quando volta à posições de "Descansar Arma"" e "Descansar"".

SEÇÃO VIII
Dos Toques de Corneta, Clarim e Apito

Art. 80 – O toque de corneta, clarim ou apito é o meio usado par anunciar a chegada, a saída ou a presença de uma autoridade, não só em uma Organização Militar, como também por ocasião de sua aproximação de uma tropa.
Parágrafo único – O toque mencionado neste artigo será executado nos períodos estabelecidos pelos cerimoniais de cada Força Armada.

Art. 81 – Os toques para anunciar a presença dos símbolos e autoridade abaixo estão previstos no "Manual de Toques, Marcha e Hino da Forças Armadas"" – FA-M-13:
I – a Bandeira Nacional;
II – o Presidente da República;
III – o Vice-Presidente da República;
IV – o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional, quando incorporados;
V – os Ministros de Estado;
VI – os Governadores de Estado e Territórios Federais e do Distrito Federal, quando em visita oficial;
VII – o Superior Tribunal Militar, quando incorporado;
VIII – os Oficiais-Generais;
IX – os Oficiais Superiores;
X – os Comandantes, Chefes ou Diretores de Organizações Militares.
Parágrafo único – Só é dado toque para anunciar a chegada ou saída de autoridade superior à mais alta presente, quando esta entrar ou sai de quartel ou estabelecimento cujo Comandante for de posto inferior ao seu.

Art. 82 – Quando, em um mesmo quartel, estabelecimento ou fortificação, tiverem sede duas ou mais Organizações Militares e seus Comandantes, Chefes ou Diretores entrarem ou saírem juntos do quartel o toque corresponderá ao de maior procedência hierárquica.

SEÇÃO IX
Das Bandas de Músicas, de Corneteiros ou Clarins e Tambores

Art. 83 – As Bandas de Música, na continência prestada pela tropa, executa:
I – o Hino Nacional, para a Bandeira Nacional, para o Presidente da República e, quando incorporados, para o Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal;
II – o toque correspondente, seguido do exórdio de uma marcha grave, para o Vice-Presidente da República;
III – o Hino de Nação Estrangeira seguido do Hino Nacional, para Bandeira ou para autoridade dessa nação;
IV – o exórdio de uma marcha grave, para os Oficiais-Generais.
§1º – As Bandas de Corneteiros ou Clarins e Tambores, quando reunidas às Bandas de Música, acompanham-nas nesse cerimonial, como prescrito no "Manual de Toques, Marchas e Hinos das Forças Armadas (FA-M-13).
§2º – Os corneteiros, quando isolados, executam o correspondente como prescrito no Manual de Toque, Marcha e Hinos das Forças Armadas (FA-M-13).

Art. 84 – Quando na continência prestada pela tropa houver Ba de Corneteiros ou Clarins e Tambores, esta procede segundo o previsto no "Manual de Toques, Marchas e Hino das Forças Armadas"" (FA-M-13).

Art. 85 – A execução do Hino Nacional ou da marcha batida só tem início depois que a autoridade que preside a cerimônia houver ocupado lugar que lhe for reservado para a continência.

Art. 86 – As Bandas de Música, nas revistas passadas por autoridades, executam marcha ou dobrados, de acordo com o previsto no "Manual de Toques, Marchas e Hino das Forças Armadas"" (FA-M-13).

CAPÍTULO VI
Dos Hinos

Art. 87 – O Hino Nacional é executado por banda de música militar nas seguintes ocasiões:
I – nas continências à Bandeira Nacional e ao Presidente da República;
II – nas continências ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribuna Federal, quando incorporado;
III – nos dias que o Governo considerar de Festa Nacional;
IV – nas cerimônias em que se tenha de executar Hino de Nação Estrangeira, devendo este, por cortesia, anteceder o Hino Nacional;
V – nas solenidades, sempre que cabível, de acordo com o cerimonial de cada Força Armada.
§1º – É vedado substituir a partitura do Hino Nacional por qualquer arranjo instrumental.
§2º – A execução do Hino Nacional não pode ser interrompida.
§3º – Na continência prestada ao Presidente da República na qualidade de Comandante Supremo das Forças Armadas, por ocasião de visita a Organização Militar, quando for dispensada a Guarda de Honra, ou nas honras de chegada ou saída em viagem oficial ou de serviço, executam-se apenas a introdução e os acordes finais do Hino Nacional, de acordo com partitura específica.

Art. 88 – Havendo Guarda de Honra no recinto onde se procede uma solenidade, a execução do Hino Nacional cabe à banda de música dessa guarda, mesmo que esteja presente outra de maior conjunto.

Art. 89 – Quando em uma solenidade houver mais de uma banda, cabe a execução do Hino Nacional à que estiver mais próximo do local onde chega a autoridade.

Art. 90 – O Hino Nacional pode ser cantado em solenidades oficiais.
§1º – Neste caso, cantam-se sempre as duas partes do poema, sendo que a banda de música deverá repetir a introdução do Hino após o canto da primeira parte.
§2º – É vedado substituir a partitura para canto do Hino Nacional por qualquer arranjo vocal, exceto o de Alberto Nepomuceno.
§3º – Nas solenidades em que seja previsto o canto do Hino Nacional após o hasteamento da Bandeira Nacional, esta poderá ser hasteada ao toque de Marcha Batida.

Art. 91 – No dia 7 de setembro, por ocasião da alvorada e nas retretas, as bandas de música militares executam o Hino da Independência; no dia 15 de novembro, o Hino da Proclamação da República e no dia 19 de novembro, o Hino à Bandeira.
Parágrafo único – Por ocasião das solenidades de culto à Bandeira, canta-se o Hino à Bandeira.

CAPÍTULO VII
Das Bandeiras-Insígnias, Distintivos e Estandartes

Art. 92 – A presença de determinadas autoridades civis e militares em uma Organização Militar é indicada por suas Bandeiras – Insígnias ou seus distintivos hasteados em mastro próprio, na área da organização.
§1º – As bandeiras-insígnias ou distintivos de Presidente da República, de Vice-Presidente da República, de Ministro da

Marinha, do Exército, da Aeronáutica e do EMFA são instituídos em atos do Presidente da República.
§2º – Nas Organizações Militares que possuem Estandarte, este é conduzido nas condições estabelecidas para a Bandeira Nacional, sempre à sua esquerda, de acordo com o cerimonial específico de cada Força Armada.

Art. 93 – A bandeira-insígnia ou distintivo é hasteado quando a autoridade entra na Organização Militar, e arriado logo após a sua retirada.
§1º – O ato de hastear ou arriar a bandeira-insígnia ou o distintivo é executado sem cerimônia militar por elemento para isso designado.
§2º – Por ocasião da solenidade de hasteamento ou de arriação da Bandeira Nacional, a bandeira-insígnia ou distintivo deve ser arriado e hasteado novamente, após o término daquelas solenidades.

Art. 94 – No mastro em que estiver hasteada a Bandeira Nacional, nenhuma bandeira-insígnia ou distintivo deve ser posicionado acima dela, mesmo que nas adriças da verga de sinais.
Parágrafo único – Excetuam-se do disposto neste artigo os navios e os estabelecimentos da Marinha do Brasil que possuem mastro com carangueja, cujo penol, por ser local de destaque e de honra, é privativo da Bandeira Nacional.

Art. 95 – A disposição das bandeiras-insígnias ou distintivos referentes a autoridades presentes a uma Organização Militar será regulamentada em cerimonial específico de cada Força Armada.

Art. 96 – Se várias Organizações Militares tiverem sede em um mesmo edifício, no mastro desse edifício só é hasteada a bandeira-insígnia ou distintivo da mais alta autoridade presente.

Art. 97 – Todas as Organizações Militares têm, disponíveis para uso, as bandeiras-insígnias do Presidente da República, do Vice-Presidente da República, do Ministro da respectiva Força e das autoridades da cadeia de comando a que estiverem subordinadas.

Art. 98 – O oficial com direito a bandeira-insígnia ou distintivo, nos termos da regulamentação específica de cada Força Armada, faz uso, quando uniformizado, na viatura oficial que o transporta, de uma miniatura da respectiva bandeira-insígnia ou distintivo, presa em haste apropriada fixada no pára-lama dianteiro direito.
Parágrafo único – Aeronaves militares, conduzindo as autoridades de que trata o art. 97, deverão portar, quando cabível, na parte dianteira do lado esquerdo da fuselagem, uma miniatura da respectiva bandeira-insígnia ou distintivo, enquanto estacionadas e durante as fases anterior à decolagem e posterior ao pouso.

TÍTULO III
DAS HONRAS MILITARES

CAPÍTULO I
Generalidades

Art. 99 – Honras Militares são homenagens coletivas que se tributam aos militares das Forças Armadas, de acordo com sua hierarquia, e às altas autoridades civis, segundo o estabelecido neste Regulamento e traduzidas por meio de:
I – Honras de Recepção e despedida;
II – Comissão de Cumprimentos e de Pêsames;
III – Preito da Tropa.

Art. 100 – Têm direito às honras militares:
I – o Presidente da República;
II – o Vice-Presidente da República;
III – o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, quando incorporados;
IV – os Ministros de Estado;
V – o Superior Tribunal Militar, quando incorporado;
VI – os Militares das Forças Armadas;
VII – os Governadores de Estados, Territórios Federais e Distrito Federal;
VIII – os Chefes de Missão Diplomática.
Parágrafo único – Excepcionalmente, o Presidente da República ou os Ministros Militares podem determinar que sejam prestadas Honras Militares a outras autoridades não especificadas neste artigo.

CAPÍTULO II
Das Honras de Recepção e Despedida

Art. 101 – São denominadas Honras de Recepção e Despedida as honras prestadas às autoridades definidas no art. 100, ao chegarem ou saírem de navio ou outra organização militar, e por ocasião de visitas e inspeções.

Art. 102 – As visitas ou inspeções, sem aviso prévio da autoridade, à Organização Militar, não implicam a alteração da sua rotina de trabalho; ao ser informado da presença da autoridade na Organização, o Comandante, Chefe ou Diretor vai ao seu encontro, apresenta-se e a acompanha durante a sua permanência.
§1º – Em cada local de serviço ou instrução, o competente responsável apresenta-se à autoridade e transmite-lhe as informações ou esclarecimentos que lhe forem solicitados referentes às suas funções.
§2º – Terminada a visita, a autoridade é acompanhada até a saída pelo Comandante, Chefe ou Diretor e pelos oficiais integrantes da equipe visitante.

Art. 103 – Nas visitas ou inspeções programadas, a autoridade visitante ou inspecionadora indica à autoridade interessada a finalidade, o local e a honra de sua Inspeção ou visita, especificando, se for o caso, as disposições a serem tomadas.
§1º – A autoridade é recebida pelo Comandante, Diretor ou Chefe, sendo-lhe prestadas as continências devidas.
§2º – Há Guarda de Honra sempre que for determinado por autoridade superior, dentro da cadeia de comando, ao Comandante, Chefe ou Diretor da Organização Militar ou pelo próprio visitante e, neste caso, somente quando se tratar da primeira visita ou inspeção feita à Organização Militar que lhe for subordinada.
§3º – Há apresentação de todos os oficiais à autoridade presente, cabendo ao Comandante da Organização Militar realizar a apresentação do oficial seu subordinado de maior hierarquia, seguindo-se a apresentação individual dos demais.

CAPÍTULO III
Das Comissões de Cumprimentos e de Pêsames

SEÇÃO I
Das comissões de Cumprimentos

Art. 104 – Comissões de Cumprimentos são constituídas por Oficiais de uma Organização Militar com o objetivo de testemunhar pública deferência às autoridades mencionadas no art. 100 deste Regulamento.
§1º – Cumprimento são apresentações nos dias da Pátria, do Marinheiro, do Soldado e do Aviador, como também na posse de autoridade civis e militares.

§2º – Excepcionalmente, podem ser determinados, pelo Ministro da Marinha, do Exército ou da Aeronáutica, pelo Comandante Militar de Área, de Distrito Naval, de comando naval ou de Comando Aéreo Regional, cumprimentos a autoridades em dias não especificados no §1º deste artigo.

Art. 105 – Na posse do Presidente da República, a oficialidade da Marinha, do Exército e da Aeronáutica é representada por comissões de cumprimentos compostas pelos Oficiais Generais de cada Força Armada que servem na Capital Federal, as quais fazem a visita de apresentação àquela autoridade, sob a direção dos Ministros respectivos, sendo observada a procedência nas "Normas para o cerimonial Público e Ordem Geral da Precedência"".
Parágrafo único – Essas visitas são realizadas em idênticas condições, na posse do Ministro da Marinha pela oficialidade da Marinha, na posse do Ministro do Exército, pela oficialidade do Exército e, na posse do Ministro da Aeronáutica, pela oficialidade da Aeronáutica, ficando a apresentação a cargo dos Chefes de Estado-Maior de cada Força.

Art. 106 – Nos cumprimentos ao Presidente da República ou a outra autoridades, nos dias de Festa Nacional ou em qualquer outra solenidade, os oficiais que comparecerem incorporados deslocam-se, de acordo com a precedência, em coluna por um, até a altura da autoridade, onde fazem alto, defrontando-se à mesma. O Ministro, ou o Chefe do Estado Maior da respectiva Força Armada, ou o oficial de maior hierarquia presente, coloca-se ao lado esquerdo da autoridade e faz as apresentações.

SEÇÃO II
Das Comissões de Pêsames

Art. 107 – Comissões de Pêsames são constituídas para acompanhar os restos de militares da ativa, da reserva ou reformados e demonstrar publicamente o sentimento de pesar que a todos envolve.

CAPÍTULO IV
Do Preito da Tropa

Art. 108 – Preito da Tropa são Honras Militares, de grande realce, prestadas diretamente pela tropa e exteriorizadas por meio de:
I – Honras de Gala;
II – Honras Fúnebres.

SEÇÃO I
Das Honras de Gala

Art. 109 – Honras de Gala são homenagens, prestada diretamente pela, tropa, numa alta autoridade civil ou militar, de acordo com sua hierarquia. Consistem de:
I – Guarda Honra;
II – Escolta de Honra;
III – Salvas de Gala.

Art. 110 – Têm direito à Guarda e à Escolta de Honra:
I – o Presidente da República;
II – o Vice-Presidente da República;
III – o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal nas sessões de abertura e encerramentos de seus trabalhos;
IV – Chefe de Estado Estrangeiro, quando de sua chegada à Capital Federal, e os Embaixadores, quando da entrega de suas credenciais;
V – os Ministros de Estados e, quando incorporado, o Superior Tribunal Militar;
VI – os Ministros Plenipotenciários de Nações Estrangeiras e os Enviados Especiais;
VII – os Almirantes de Esquadra, Generais de Exército e Tenentes Brigadeiros, nos casos previstos no §2º do art. 103, ou quando, por motivo de serviço, desembarcarem em Guarnição Militar e forem hierarquicamente superiores ao Comandante da mesma;
VIII – os Governadores de Estado, Territórios Federais e do Distrito Federal, quando em visita de caráter oficial a uma Organização Militar;
IX – os demais Oficiais Generais, somente nos casos previstos no §2º do art. 103.
§1º – Para as autoridades mencionadas nos incisos I a IV, a Guarda de Honra tem o efetivo de um Batalhão ou equivalente; para as demais autoridades, de uma Companhia ou equivalente.
§2º – Ressalvados os casos previsto na §1º do art. 103, a formatura de uma Guarda de Honra é ordenada pela mais alta autoridade militar local.
§3º – Salvo determinação contrária do Presidente da República, a Guarda de Honra destinada a presta-lhe homenagem por ocasião do seu embarque ou desembarque, em aeródromo militar, quando de suas viagens oficiais e de serviço, é constituída do valor de um Pelotão e Banda de Música.
§4º – Para as autoridades indicadas nos incisos II, V, VII e IX deste artigo, por ocasião do embarque e desembarque em viagens na mesma situação prevista no parágrafo anterior, é observado o seguinte procedimento:
a) para o Vice-Presidente da República, é prestada homenagem por Guarda de Honra constituída do valor de um Pelotão e corneteiro;
b) para os Ministros de Estado, é executado o toque de continência previsto no Manual de Toques, Hino e Marcha da Forças Armadas, e, caso solicitado com prévia antecedência, o embarque ou desembarque é guarnecido por uma ala de tropa armada;
c) para os Oficiais-Generais, é executado o toque de continência previsto no Manual de Toques, Hinos e Marcha das Forças Armadas.
§5º – Nos aeroportos civis, as Honras Militares, na área do aeroporto, são prestadas somente ao Presidente e ao Vice-Presidente da República, por tropa da Aeronáutica, caso existente na localidade, de acordo com o cerimonial estabelecido pela Presidência da República; para os Ministros de Estado, caso solicitado com prévia antecedência, o embarque ou desembarque é guarnecido por uma ala de Polícia da Aeronáutica, se existente na localidade, e somente quando as referidas autoridades estiverem sendo conduzidas em aeronave militar.
§6º – Nas Organizações Militares do Ministério da Aeronáutica, as autoridades mencionadas nos incisos I a VIII deste artigo, bem como os Oficiais-Generais em trânsito como passageiros, tripulantes ou pilotos de aeronaves militares ou civis, são recebidos à porta da aeronave pelo Comandante da Organização Militar ou Oficial especialmente designado. O Ministério da Aeronáutica baixará instruções reguladoras do presente parágrafo.
§7º – Nas Organizações Militares do Ministério da Aeronáutica, as autoridades mencionadas nos incisos VII, VIII e IX deste artigo, quando em visita oficial, poderão ser recepcionadas por ala de Polícia da Aeronáutica, postada à entrada do prédio do Comando, ou outro local previamente escolhido, onde o Comandante da Organização ou oficial especialmente designado recebe a autoridade.

Art. 111 – Têm direito a salvas de gala:

I – o Presidente da República, Chefe do Estado Estrangeiro quando de sua chegada à Capital Federal e, quando incorporados, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal: 21 (vinte e um) tiros;
II – o Vice-Presidente da República, Ministros de Estados, Embaixadores de Nações Estrangeiras, Governadores de Estado e do Distrito Federal, quando em visita de caráter oficial a Organizações Militares, respectivamente, no seu Estado e no Distrito Federal, Almirante, Marechal e Marechal do Ar: 19 (dezenove) tiros;
III – os Chefe dos Estados-Maiores de cada Força Armada, Almirante de Esquadra, General de Exército, Tenente-Brigadeiro, Ministros Plenipotenciários de Nações Estrangeiras, enviados especiais, e, quando incorporado, o Superior Tribunal Militar: 17 (dezessete) tiros;
IV – Vice-Almirante, General de Divisão, Major-Brigadeiro, Ministros Residentes de Nações Estrangeiras – 15 (quinze) tiros;
V – Contra-Almirante, General de Brigada, Brigadeiro do Ar e Encarregado de Nações Estrangeiras – 13 (treze) tiros.
Parágrafo único – No caso de comparecimento de vários autoridades a ato público ou visita oficial, é realizada somente a salva que corresponde à de maior precedência.

SUBSEÇÃO I
Das Guardas de Honra

Art. 112 – Guarda de Honra é a tropa armada, especialmente postada para prestar homenagem às autoridades referidas no art. 110 do presente Regulamento.
Parágrafo único – A Guarda de Honra pode formar a qualquer hora do dia ou da noite.

Art. 113 – A Guarda de Honra conduz Bandeira, Banda de Música, Corneteiros ou Clarins e Tambores; forma em linha, dando a direita para o lado onde vem a autoridade que se homenageia.
Parágrafo único – As Guardas de Honra podem ser integradas por militares de mais de uma Força Armada ou Auxiliar deste que haja conveniência e assentimento entre os Comandantes.

Art. 114 – A Guarda de Honra só faz continência à Bandeira, ao Hino Nacional e às autoridades hierarquicamente superiores ao homenageado; para as autoridades de posto superior ao do seu Comandante ou à passagem de tropa com efetivo igual ou superior a um pelotão, toma a posição de "Sentido"".

Art. 115 – A autoridade que é recebida por Guarda de Honra, após lhe ser prestada a continência, passa revista à tropa formada, acompanhada do Comandante da Guarda de Honra.
§1º – Os acompanhantes da autoridade homenageada deslocam-se diretamente para o local de onde é assistido o desfile da Guarda de Honra.
§2º – A autoridade homenageada pode dispensar o desfile da Guarda de Honra.
§3º – Salvo determinação em contrário, a Guarda de Honra não forma na retirada do homenageado.

SUBSEÇÃO II
Das Escoltas de Honra

Art. 116 – Escolta de Honra é a tropa a cavalo ou motorizado, em princípio constituída de um Esquadrão (Companhia), e no mínimo de um Pelotão, destinada a acompanhar as autoridades referidas no art. 110 deste Regulamento.
§1º – No acompanhamento, o Comandante da Escolta a Cavalo se coloca junto à porta direita da viatura, que é precedida por dois batedores, enquadrada lateralmente por duas filas, uma de cada lado da viatura, com cinco cavaleiros cada, e seguido do restante da tropa em coluna por três ou por dois.
§2º – No caso de Escolta motorizada, três viaturas leves antecedem o carro, indo o Comandante da Escolta na primeira delas, sendo seguido das demais; se houver motocicletas, a formação é semelhante à da escolta a cavalo.
§3º – A Escolta de Honra, sempre que cabível, poderá ser executada também por aeronaves, mediante a interceptação, em vôo, da aeronave que transporta qualquer das autoridades referidas no art. 110 deste Regulamento, obedecendo ao seguinte:
a) as aeronaves integrantes da Escolta se distribuem, em quantidades iguais, nas alas direita e esquerda da aeronave escoltada;
b) caso a escolta seja efetuada por mais de uma Unidade Aérea, caberá àquela comandada por oficial de maior precedência hierárquica ocupar a ala direita.

SUBSEÇÃO III
Das Salvas de Gala

Art. 117 – Salvas de Gala são descargas, executadas por peças de artilharia, a intervalos regulares, destinadas a complementar, para as autoridades nomeadas no art. III deste Regulamento, as Honras de Gala previstas neste capítulo.

Art. 118 – As Salvas de Gala são executadas no período compreendido entre as oito horas e a hora da arriação da Bandeira.
Parágrafo único – As salvas de gala são dadas com intervalos de cinco segundos, exceto nos casos dispostos nos §§1º e 2º do art. 122.

Art. 119 – A Organização Militar em que se achar o Presidente da República ou que estiver com embandeiramento de gala, por motivo de festa nacional ou estrangeira, não responde às salvas.

Art. 120 – O comandante de uma Organização Militar que, por qualquer motivo, não possa responder à salva, deve comunicar à autoridade competente e com a maior brevidade as razões que o levaram a tomar tal atitude.

Art. 121 – São dadas Salvas de Gala:
I – nas grandes datas nacionais e no Dia da Bandeira Nacional;
II – nas datas festivas de Países Estrangeiros, quando houver algum convite para acompanhar uma salva que é dada por navio de guerra do país considerado;
III – em retribuição de salvas.
Parágrafo único – As salvas quando tiverem de ser respondidas, serão por outras de igual número de tiros.

Art. 122 – Podem ser ainda dadas Salvas de Gala:
I – no comparecimento a atos públicos, de notável expressão, de autoridades que tenham direito a essas salvas;
II – quando essas autoridades, com aviso prévio, visitarem uma guarnição federal, sede de unidades de artilharia e somente por ocasião da chegada;
III – na chegada e saída de autoridade que tenha direito às salvas, quando em visita oficial anunciada a uma Organização Militar;
IV – no embarque ou desembarque do Presidente da República, conforme o disposto no §1º deste artigo;

V – no desembarque de Chefe de Estado Estrangeiro na Capital Federal, conforme o disposto no §2º deste artigo.
§1º – Por ocasião de homenagens prestadas ao Presidente da República, as salvas são executadas exclusivamente quando formar Guarda de Honra, e, neste caso, têm a duração correspondente ao tempo de execução da primeira parte do Hino Nacional.
§2º – No caso do disposto no inciso V deste artigo, as salvas são executadas exclusivamente quando formar Guarda de Honra, e, neste caso, sua duração corresponde ao tempo de execução dos Hinos Nacionais dos dois países.

Art. 123 – Na Marinha é observado, para salvas, o que dispõe o Cerimonial da Marinha, combinado, se for o caso, com disposto no presente Regulamento.

SEÇÃO II
Das Honras Fúnebres

Art. 124 – Honras Fúnebres são homenagens póstumas prestadas diretamente pela tropa aos despojos mortais de uma alta autoridade ou de um militar da ativa, de acordo com a posição hierárquica que ocupava. Consistem de:
I – Guarda Fúnebre;
II – Escolta Fúnebre;
III – Salvas Fúnebres.
§1º – As Honras Fúnebres são prestadas aos restos mortais:
a) do Presidente da República;
b) dos Ministros Militares;
c) dos Militares das Forças Armadas.
§2º – Excepcionalmente, o Presidente da República, os Ministros Militares e outras autoridades militares podem determinar que sejam prestadas Honras Fúnebres aos despojos mortais de Chefes de Missão Diplomática estrangeira falecidos no Brasil ou de insigne personalidade, assim como o seu transporte, em viatura especial, acompanhada por tropa.
§3º – As Honras Fúnebres prestadas a Chefe de Missão Diplomática estrangeira seguem as mesmas prescrições estabelecidas para os Ministros Militares.

Art. 125 – As Honras Fúnebres a militares da ativa são, em princípio, prestadas por tropa da Força Armada a que pertencia o extinto.
§1º – Quando na localidade em que se efetuar a cerimônia não houver tropa dessa Força, as Honras Fúnebres podem ser prestadas por tropa de outra Força, após entendimentos entre seus Comandantes.
§2º – O féretro de Comandante de Estabelecimento de Ensino é acompanhado por tropa armada constituída por alunos desse estabelecimento.

Art. 126 – O ataúde, depois de fechado, até o início do ato de inumação, será coberto com a Bandeira Nacional, ficando a tralha no lado da cabeceira do ataúde e a estrela isolada (ESPIGA) à direita.
§1º – Para tal procedimento, quando necessário, deverá a Bandeira Nacional ser fixada ao ataúde para evitar que esvoace durante os deslocamento do cortejo.
§2º – Antes do sepultamento, deverá a Bandeira Nacional ser dobrada, sob comando, do anexo a este Regulamento.

Art. 127 – Ao descer o corpo à sepultura, com corneteiro ou clarim postado junto ao túmulo, é dado o toque de silêncio.

Art. 128 – As Honras Fúnebres a militares da reserva ou reformados constam de comissões previamente designadas por autoridade competente.

Art. 129 – Honras Fúnebres não são prestadas:
I – quando o extinto com direito às homenagens as houver dispensado em vida ou quando essa dispensa parte da própria família;
II – nos dias de Festa Nacional;
III – no caso de perturbação da ordem pública;
IV – quando a tropa estiver de prontidão;
V – quando a comunicação do falecimento chegar tardiamente.

SUBSEÇÃO I
Das Guardas Fúnebres

Art. 130 – Guarda Fúnebre é a tropa armada especialmente postada para render honra aos despejos mortais de militares da ativa e de altas autoridades civis.
Parágrafo único – A Guarda Fúnebre toma apenas a posição de “Sentido"” para a continência às autoridades de posto superior ao do seu Comandante.

Art. 131 – A Guarda Fúnebre posta-se no trajeto a ser percorrido pelo féretro, de preferência na vizinhança da casa mortuária ou da necrópole, com a sua direita voltada para o lado de onde virá o cortejo e, em local que, prestando-se à formatura e à execução das salvas, não interrompa o trânsito público.

Art. 132 – A Guarda Fúnebre, quando tiver a sua direita alcançada pelo féretro, dá três descargas, executando em seguida “Apresentar Arma"”; durante a continência, os corneteiros ou clarins e tambores tocam uma composição grave, ou se houver Banda de Música, esta executa uma marcha fúnebre.
§1º – Se o efetivo da Guarda for de um Batalhão ou equivalente, as descargas de fuzil são dadas somente pela subunidade da direita, para isso designada.
§2º – Se o efetivo da Guarda for igual ou superior a uma Companhia ou equivalente, conduz Bandeira e tem Banda de Música ou clarins.

Art. 133 – A Guarda Fúnebre é assim constituída:
I – para o Presidente da República:
a) por toda a tropa disponível das Forças Armadas, que forma em alas, exceto a destinada a fazer as descargas fúnebres;
b) a Guarda da Câmara Ardente é formada por Aspirantes da Marinha e Cadetes do Exército e da Aeronáutica, os quais constituem, para cada Escola, um posto de sentinela dupla junto à urna funerária;
II – para os Ministros Militares:
a) por um destacamento composto de um ou mais Batalhão ou equivalentes de cada Força Armada, cabendo o comando à Força a que pertencia o Ministro falecido;
b) a Guarda da Câmara Ardente é formada pelos Aspirante ou Cadetes pertencentes à Força Singular da qual fazia parte o extinto;
III – para os Oficiais-Generais – por tropa com o efetivo de valor um Batalhão de Infantaria, ou equivalente, de sua Força;
IV – para os Oficiais Superiores – por tropa com o efetivo de duas Companhias de Infantaria, ou equivalente, de sua Força;
V – para os Oficiais Intermediários – por tropa com o efetivo de uma Companhia de Infantaria, ou equivalente, de sua Força;
VI – para Oficiais Subalternos – por tropa com o efetivo de um Pelotão de fuzileiros, ou equivalente, de sua Força:
VII – para Aspirantes, Cadetes e alunos do Colégio Naval e Escolas Preparatórias ou equivalentes – por tropa com o efetivo de dois Grupos de Combate, da respectiva Força;

VIII – para Subtenentes, Suboficiais e Sargentos – por tropa com efetivo de um Grupo de Combate, ou equivalentes, da respectiva Força;
IX – para Cabos, Marinheiros e Soldados – por tropa com o efetivo de uma Esquadra de Fuzileiros de Grupo de Combate, ou equivalente, da respectiva Força.
§1º – As sentinelas de câmaras ardentes, enquanto ali estiverem, mantêm o fuzil na posição de "Em Funeral Arma"" e ladeiam o ataúde, ficando as de um mesmo lado face a face.
§2º – Quando, pela localização da necrópole, a Guarda Fúnebre vier causar grandes transtornos a vida da comunidade, ou quando a premência de tempo não permitir um planejamento e execução compatíveis, a critério do Comandante Militar da área, ou por determinação superior, ela pode sei substituída por tropa postada em alas, de valor não superior a uma Companhia, no interior da necrópole e por Grupo de Combate nas proximidades da sepultura, que realiza as descargas de fuzil previstas no art. 132.
§3º – As Honras Fúnebres são determinadas pelo Presidente da República, pelo Ministro da Marinha, do Exército ou da Aeronáutica, pelo Comandante de Distrito Naval, de Comando Naval, Comando Militar de Área, de Comando Área Regional, de Navio, de Guarnição ou de Corpo de Tropa, tal seja comando da unidade ou navio a que pertencia o extinto.

SUBSEÇÃO II
Das Escoltas Fúnebres

Art. 134 – Escolta Fúnebre é a tropa destinada ao acompanhamento dos despojos mortais do Presidente da República, de altas autoridades militares e de oficiais das Forças Armadas falecidos quando no serviço ativo.
Parágrafo único – Se o militar falecido exercia funções de comando em Organização Militar, a escolta é composta por Militares dessa organização.

Art. 135 – A Escolta Fúnebre procede, em regra, durante o acompanhamento, como a Escolta de Honra; quando parada, só toma posição de "Sentido"" para prestar continência às autoridades de posto superior ao de seu Comandante.
Parágrafo único – A Escolta fúnebre destinada a acompanhar os despojos mortais de Oficiais Superiores, Intermediários, Subalternos e Praças Especiais, forma a pé, descoberta, armada de sabre e ladeia o féretro do portão do cemitério ao túmulo.

Art. 136 – A Escolta Fúnebre é constituída:
I – para o Presidente da República – por tropa a cavalo ou motorizada do efetivo equivalente a um Batalhão;
II – para os Ministros Militares – por tropa a cavalo ou motorizado do efetivo equivalente a uma Companhia;
III – para Oficiais-Generais – por tropa a cavalo ou motorizada de efetivo equivalente a um Pelotão;
IV – para Oficiais Superiores – por tropa, formada a pé, de efetivo equivalente a um Pelotão;
V – para Oficiais Intermediários – por tropa, formada a pé, de efetivo equivalente a dois Grupos de Combate;
VI – para Oficiais Subalternos, Guardas-Marinha e Aspirante a Oficial – por tropa, formada a pé, de efetivo equivalente a um Grupo de Combate;
VII – para Aspirantes, Cadetes e Alunos do Colégio Naval e Escolta Preparatórias – por tropa, formada a pé, composta de Aspirantes, Cadetes e Alunos, correspondentes ao efetivo de Grupo de Combate.
Parágrafo único – As praças não têm direito a Escolta Fúnebre.

SUBSEÇÃO III
Das Salvas Fúnebres

Art. 137 – Salvas Fúnebres são executadas por peças de artilharia, a intervalos regulares de trinta segundos, destinadas a complementar, nos casos específicos, as Honras Fúnebres previstas neste Capítulo.

Art. 138 – As salvas Fúnebres são executadas:
I – por ocasião do falecimento do Presidente da República:
a) logo que recebida a comunicação oficial, a Organização Militar designada executa uma salva de 21 tiros, seguida de um tiro de dez em dez minutos até a inumação, com a Bateria de Salva postada próximo ao local da Câmara Ardente;
b) ao baixar o ataúde à sepultura, a Bateria de Salva, estacionada nas proximidades do cemitério, dá uma salva de 21 tiros;
II – por ocasião do falecimento das demais autoridades mencionadas no art. III: ao baixar o ataúde à sepultura, a bateria de Salva, estacionada nas proximidades do cemitério, dá as salvas correspondentes à autoridade falecida conforme estabelecido naquele artigo.

TÍTULO IV
Do Cerimonial Militar

CAPÍTULO I
Generalidades

Art. 139 – O Cerimonial Militar tem por objetivo dar a maior solenidade possível a determinados atos na vida militar ou nacional, cuja alta significação convém ser ressaltada.

Art. 140 – As cerimoniais militares contribuem para desenvolver entre superiores e subordinados, o espírito de corpo, a camaradagem e a confiança, virtudes castrenses que constituem apanágio dos membros das Forças Armadas.
Parágrafo único – A execução do Cerimonial Militar, inclusive sua preparação, não deve acarretar perturbação sensível à marcha regular da instrução.

Art. 141 – Nessas cerimônias, a tropa apresenta-se com o uniforme de parada, utilizando armamento o mais padronizado possível.
Parágrafo único – Salvo ordem em contrário, nessas cerimônias, a tropa não conduz viaturas.

CAPÍTULO II
Da Precedência nas Cerimônias

Art. 142 – A precedência atribuída a uma autoridade em razão de seu cargo ou função é normalizada por seu posicionamento destacado em solenidades, cerimônias, reuniões e outros eventos.

Art. 143 – As Cerimônias realizadas em Organizações Militares são presididas pela autoridade – da cadeia de comando – de maior grau hierárquico presente ou pela autoridade indicada em conformidade com o cerimonial específico de cada Força Armada.
§1º – A cerimônia será dirigida pelo Comandante, Chefe ou Diretor da Organização Militar e se desenvolverá de acordo com a programação por ele estabelecida com a devida antecedência.
§2º – A colocação de autoridades e personalidades nas solenidades oficiais é regulada pelas "Normas de Cerimonial Público e Ordem Geral de Precedência"".

§3º – A precedência entre os Adidos Militares do mesmo posto é estabelecida pela ordem de antigüidade da Representação Diplomática do seu país de origem no Brasil.

Art. 144 – Quando o Presidente da República comparecer a qualquer solenidade militar, compete-lhe sempre presidi-Ia.

Art. 145 – A leitura da Ordem do Dia, se houver, é procedida diante da tropa formada.

Art. 146 – O Comandante, Chefe ou Diretor da Organização Militar, nas visitas e cerimônias militares, acompanha a maior autoridade presente, passando à frente das demais, mesmo de posto superior, a fim de presta-lhe as informações necessárias.

Art. 147 – Quando diversas organizações civis e militares concorrem em serviço, recepções, cumprimentos, etc, é adotada a ordem geral de precedência estabelecida nas "Normas de Cerimonial Público e Ordem de Precedência"".

Art. 148 – Nas formaturas, visitas, recepções e cumprimentos, onde comparecerem simultaneamente representantes de Organizações Militares Nacionais e Estrangeiras, aquelas têm a precedência dentro de suas respectivas hierarquias. Todavia, por especial deferência, pode a autoridade que preside o evento determinar, previamente, que as representações estrangeiras tenham posição de destaque nos aludidos eventos.

Art. 149 – Quando uma autoridade se faz representar em solenidade ou cerimônia, seu representante tem lugar de destaque, mas não a precedência correspondente à autoridade que está representando.
Parágrafo único – Quando o Presidente da República é representado pelo Chefe da Casa Militar, este, se não presidir a solenidade, ocupa o lugar de honra à direita da autoridade que a preside.

CAPÍTULO III
Da Bandeira Nacional

SEÇÃO I
Generalidades

Art. 150 – A Bandeira Nacional pode ser hasteada e arriada a qualquer hora do dia ou da noite.
§1º – Normalmente, em Organização Militar faz-se o hasteamento no mastro principal às 08:00h e a arriação às 18:00h ou ao pôr-do-sol.
§2º – No dia 19 de novembro, como parte dos eventos comemorativos do Dia da Bandeira, a Bandeira Nacional será hasteada em ato solene às 12:00h, de acordo com os cerimoniais específicos de cada Força Armada.
§3º – Nas Organizações Militares que não mantenham serviço ininterruptos, a Bandeira Nacional será arriada conforme o estabelecido no parágrafo 1º ou ao se encerrar o expediente, o que primeiro ocorrer.
§4º – Quando permanecer hasteada durante à noite, a Bandeira Nacional deve ser iluminada.

Art. 151 – Nos dias de Luto Nacional e no dia de Finados a Bandeira é mantida a meio mastro.
§1º – Por ocasião do hasteamento, a Bandeira vai até o topo do mastro, descendo em seguida até a posição a meio mastro; por ocasião da arriação, a Bandeira sobe ao topo do mastro, sendo em seguida arriada.
§2º – Nesses dias, os símbolos e insígnias de Comando permanecem também a meio mastro, de acordo com o cerimonial específico de cada Força Armada.

Art. 152 – Nos dias citados no art. 151, as Bandas de Música permanecem em silêncio.

Art. 153 – O sinal de luto das Bandeiras transportadas por tropa consiste em um laço de crepe negro colocado na lança.

Art. 154 – As Forças Armadas devem regular, no âmbito de seus Ministérios, as cerimônias diárias de hasteamento e arriação da Bandeira Nacional.

Art. 155 – Quando várias bandeiras são hasteadas ou arriadas simultaneamente, a Bandeira Nacional é a primeira a atingir o topo e a última a dele descer, sendo posicionada na parte central do dispositivo.

SEÇÃO II
Do Culto à Bandeira em Solenidade

Art. 156 – No dia 19 de novembro, data consagrada à Bandeira Nacional, as Organizações Militares prestam o "Culto à Bandeira"", cujo cerimonial consta de:
I – hasteamento da Bandeira Nacional, conforme disposto no art. 150, §2º;
II – canto do Hino à Bandeira e, se for o caso, incineração de Bandeiras;
III – desfile em continência à Bandeira Nacional
Parágrafo único – Além dessas cerimônias, sempre que possível deve haver sessão cívica em comemoração à data.

Art. 157 – A formatura para o hasteamento da bandeira, no dia 19 de novembro é efetuada com:
I – uma "Guarda de Honra"" a pé, sem Bandeira (constituída por uma Subunidade nas Unidades de valor Regimento, Batalhão ou Grupo), com Banda de Música e/ou Corneteiros ou Clarins e Tambores;
II – dois grupamentos constituídos do restante da tropa disponível, a pé e sem armas;
III – a Guarda da Organização Militar.
§1º – Para essa solenidade, a Bandeira da Organização Militar, sem guarda deve ser postada em local de destaque, em frente ao mastro em que é realizada a solenidade.
§2º – A Guarda de Honra ocupa a posição central do dispositivo da tropa em frente ao mastro.
§3º – A tropa deve apresentar o dispositivo a seguir mencionado, com as adaptações necessárias a cada local:
a) Guarda de Honra: linha de Companhias ou equivalentes, em Organizações Militares nível Batalhão/ Grupo ou linha de Pelotões, ou equivalentes nas demais;
b) dois grupamentos de tropa: um à direta e outro à esquerda da "Guarda de Honra"", com a formação idêntica à desta, comandados por oficiais;
c) oficiais, em uma ou mais fileiras, colocados 3 (três) passos à frente do Comandante da Guarda de Honra.

Art. 158 – O cerimonial, para hasteamento da Bandeira, no dia 19 de novembro, obedece às seguintes prescrições:
I – em se tratando de unidades agrupadas em um único local, a cerimônia será presidida pelo Comandante da Organização Militar ou da área, podendo a bandeira ser hasteada, conforme o caso, por qualquer daquelas autoridades;
II – estando presente Banda de Música ou de Corneteiros ou Clarins e Tambores, é executado o Hino Nacional ou marcha batida.

Art. 159 – Após o hasteamento, é procedida, se for o caso, à cerimônia de incineração de Bandeiras, finda a qual, é cantado o Hino à Bandeira.

Art. 160 – Após o canto do Hino à Bandeira, é procedido ao desfile da tropa em "Continência à Bandeira"".

Art. 161 – As Bandeiras Nacionais de Organizações Militares que forem julgadas inservíveis devem ser guardadas para proceder-se, no dia 19 de novembro, perante a tropa, à cerimônia cívica de sua incineração.
§1º – A Bandeira que invoque especialmente um fato notável da história de uma Organização Militar não é incinerada.
§2º – As Bandeiras Nacionais das Organizações civis que forem recolhidas como inservíveis às Organizações Militares são também incineradas nessa data.

Art. 162 – O Cerimonial da incineração de Bandeiras é realizado da seguinte forma:
I – numa pira ou receptáculo de metal, colocado nas proximidades do mastro onde se realiza a cerimônia de hasteamento da Bandeira, são depositadas as Bandeiras a serem incineradas;
II – o Comandante faz ler a Ordem do Dia alusiva à data e na qual é ressaltada, com fé e patriotismo, a alta significação da festividade a que se está procedendo;
III – terminada a leitura, uma praça antecipadamente escolhida da Organização Militar, em princípio a mais antiga e de ótimo comportamento, ateia fogo às Bandeiras previamente embebidas em álcool;
IV – incineradas as Bandeiras, prossegue o cerimonial com o canto do Hino à Bandeira, regido pelo mestre da Banda de Música, com a tropa na posição de "Sentido"".
Parágrafo único – As cinzas são depositadas em caixa e enterradas em local apropriado, no interior das respectivas Organizações Militares ou lançadas ao mar.

Art. 163 – O desfile em continência à Bandeira é, então, realizado da seguinte forma:
I – a Bandeira da Organização Militar, diante da qual desfila a tropa, é posicionada e. local de destaque, em correspondência com a que foi hasteada;
II – os oficiais que não desfilam com a tropa formam à retaguarda da Bandeira, constituindo a sua "Guarda de Honra"";
III – o Comandante da Organização Militar toma posição à esquerda da Bandeira e na mesma linha desta;
IV – terminado o desfile, retira-se a Bandeira acompanhada do Comandante da Organização Militar e de sua "Guarda de Honra ", até a entrada do edifício onde ela é guardada.

SEÇÃO III
Do Hasteamento em Datas Comemorativas

Art. 164 – A Bandeira Nacional é hasteada nas Organizações Militares, com maior gala, de acordo com o cerimonial específico de cada Força Armada, nos seguintes dias:
I – grandes datas:
• 7 de setembro – Dia da Independência do Brasil;
• 15 de novembro – Dia da Proclamação da República;
II – feriados:
• 1º de janeiro – Dia da Fraternidade Universal;
• 21 de abril – Inconfidência Mineira;
• 1º de maio – Dia do Trabalhador;
• 12 de outubro – Dia da Padroeira do Brasil;
• 25 de dezembro – Dia de Natal.
III – datas festivas:
• 21 de fevereiro – Comemoração da Tomada de Monte Castelo;
• 19 de abril – Dia do Exército Brasileiro;
• 22 de abril – Dia da Aviação de Caça;
• 8 de maio – Dia da Vitória na 2ª Guerra Mundial;
• 11 de junho – Comemoração da Batalha Naval do Riachuelo;
• 25 de agosto – Dia do Soldado;
• 23 de outubro – Dia do Aviador;
• 19 de novembro – Dia da Bandeira Nacional;
• 13 de dezembro – Dia do Marinheiro;
• 16 de dezembro – Dia do Reservista;
• dia do aniversário da Organização Militar.
Parágrafo único – No âmbito de cada Ministério Militar, por ato do respectivo titular, podem ser fixadas datas comemorativas para ressaltar as efemérides relativas às tradições peculiares da Força Armada.

SEÇÃO IV
Da Incorporação e Desincorporação da Bandeira

Art. 165 – Incorporação é o ato solene do recebimento da Bandeira pela tropa, obedecendo às seguintes normas:
I – a tropa recebe a Bandeira em qualquer formação; o Porta Bandeira, acompanhado de sua Guarda, vai buscar a Bandeira no local em que esta estiver guardada;
II – o Comandante da tropa ao observar que a Guarda Bandeira está pronta, comanda "Sentido"", "Ombro Arma"", e "Bandeira, Avançar"",
III – a Guarda Bandeira desloca-se para a frente da tropa, posicionando-se a uma distância aproximada de trinta passos do lugar que vai ocupar na formatura, quanto, então, será dado o comando de "Em continência à Bandeira, Apresentar Arma"";
IV – Nessa posição, a Bandeira desfraldada recebe a continência prevista e se incorpora à tropa, que permanece em "Apresentar Arma"" até que a Bandeira ocupe seu lugar na formatura.
Parágrafo único – Cada Força Armada deve regular no âmbito de seu Ministério, as continências, previstas para a incorporação da Bandeira Nacional à tropa.

Art. 166 – Desincorporação é o ato solene da retirada da Bandeira da formatura, obedecendo às seguintes normas:
I – com a tropa na posição de "Ombro Arma"", o Comandante comanda "Bandeira, Fora de Forma"";
II – a Bandeira, acompanhada de sua Guarda, desloca-se, posicionando-se a trinta passos distante da tropa e de frente para esta, quando, então serão executados os toques de "Em Continência à Bandeira, Apresentar Arma"";
III – nessa posição a Bandeira, desfraldada, recebe a continência prevista;
IV – terminada a continência, será dado o toque de "Ombro Arma"", após o que a Bandeira retira-se com sua Guarda.
Parágrafo único – Cada força Armada deve regular, no âmbito de seu Ministério, as continências previstas para a desincorporação da Bandeira Nacional da tropa.

Art. 167 – A tropa motorizada ou mecanizada desembarca para receber ou retirar da formatura a Bandeira.

SEÇÃO V
Da Apresentação da Bandeira Nacional aos Recrutas

Art. 168 – Logo que os recrutas ficarem em condições de tomar parte em uma formatura, o Comandante da Organização Militar apresenta-lhes a Bandeira Nacional, com toda solenidade.

Art. 169 – A solenidade de Apresentação da Bandeira aos recrutas deve observar as seguintes prescrições:
I – a tropa forma, armada, sem Bandeira, sob o comando do Comandante da Organização Militar;
II – a Bandeira, condu7ida desfraldada, com sua Guarda, aproxima-se e ocupa lugar de destaque defronte da tropa;
III – o Comandante da Organização Militar, ou quem for por ele designado, deixa a formatura, cumprimenta a Bandeira perante a tropa, procede a seguir a uma alocução aos recrutas, apresentando-lhes a Bandeira Nacional;
IV – nessa alocução devem ser abordados os seguintes pontos:
a) o que representa a Bandeira Nacional;
b) os deveres do soldado para com ela;
c) o valor dos militares brasileiros no passado, que nunca a deixaram cair em poder do inimigo;
d) a unidade da Pátria;
e) o espírito de sacrifício.
V – após a alocução, a tropa presta a continência à Bandeira Nacional;
VI – a cerimônia termina com o desfile da tropa em continência à Bandeira Nacional.

SEÇÃO VI
Da Apresentação do Estandarte Histórico aos Recrutas

Art. 170 – Em data anterior à da apresentação da Bandeira Nacional, deverá ser apresentado aos recrutas, se possível na data do aniversário da Organização Militar, o Estandarte Histórico.

Art. 171 – A cerimonia de apresentação do Estandarte Histórico aos recrutas deve obedecer às seguintes prescrições:
I – a tropa forma desarmada;
II – o Estandarte Histórico, conduzido sem guarda, aproxima-se e ocupa um lugar de destaque defronte à tropa;
III – o Comandante da Organização Militar faz uma alocução de apresentação do Estandarte Histórico, abordando:
IV – o que representa o Estandarte da Organização Militar;
V – o motivo histórico da concessão, inclusive os feitos da organização Militar de origem e sua atuação em campanha, se for o caso;
VI – a identificação das peças heráldicas que compõem o Estandarte Histórico.
VII – após a alocução do Comandante, a Organização Militar cantará a canção da Unidade;
VIII – Neste dia, o Estandarte Histórico deverá permanecer em local apropriado para ser visto por toda a tropa, por tempo a ser determinado pelo Comandante da Organização Militar.

CAPÍTULO IV
Dos Compromissos

SEÇÃO I
Do Compromisso dos Recrutas

Art. 172 – A cerimônia do Compromisso dos Recrutas é realizada com grande solenidade, no final do período de formação.

Art. 173 – Essa cerimônia pode ser realizada no âmbito das Organizações Militares ou fora delas.
Parágrafo único – Quando várias Organizações Militares das Forças Armadas tiverem sede na mesma localidade, a cerimônia pode ser realizada em conjunto.

Art. 174 – O cerimonial deve obedecer às seguintes prescrições:
I – a tropa forma armada;
II – a Bandeira Nacional sem a guarda, deixando o dispositivo da formatura, toma posição de destaque em frente da tropa;
III – para a realização do compromisso, o contingente dos recrutas, desarmados, toma dispositivo entre a Bandeira Nacional e a tropa, de frente à Bandeira Nacional;
IV – disposta a tropa, o Comandante manda tocar "Sentido " e, em seguida, "Em Continência à Bandeira, Apresentar Arma"", com uma nota de execução para cada toque. O Porta-bandeira desfralda a Bandeira Nacional;
V – o compromisso é realizado pelos recrutas, perante a Bandeira Nacional desfraldada, com o braço direito estendido horizontalmente à frente do corpo, mão aberta, dedos unidos, palma para baixo, repetindo, em voz alta e pausada, as seguintes palavras: *"Incorporando-me à Marinha do Brasil (ou ao Exército Brasileiro ou à Aeronáutica Brasileira),/ prometo cumprir rigorosamente/ as ordens das autoridades a que estiver subordinado;/ respeitar os superiores hierárquicos;/ tratar com afeição os irmãos de armas/ e com bondade os subordinados;/ e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria,/ cuja honra,/ integridade/ e instituições,/ defenderei com o sacrifício da própria vida""*;
VI – em seguida, o Comandante manda tocar "Descansar Arma""; os recrutas baixam energicamente o braço, permanecendo, porém, na posição de "Sentido"";
VII – em prosseguimento, é cantado o Hino Nacional, ao qual se segue a leitura da Ordem do Dia alusiva à data ou, na falta desta, do Boletim alusivo à solenidade;
VIII – os recrutas desfilam em frente à Bandeira Nacional, prestando-lhe a continência individual;
IX – terminada a cerimônia, e após a Bandeira Nacional ter ocupado o seu lugar no dispositivo, a tropa desfila em continência à maior autoridade presente;
X – nas unidades motorizadas, onde a Bandeira Nacional e respectivas Guarda são transportadas em viatura especial, o Porta-bandeira conserva-se, durante o desfile, em pé, mantendo-se a guarda sentada.
Parágrafo único – Nas sedes de grandes Unidades ou Guarnições:
a) a direção de todo o cerimonial compete, neste caso, ao comandante da Grande Unidade ou Guarnição;
b) o cerimonial obedece, de maneira geral, às prescrições estabelecidas neste artigo.

SEÇÃO II
Do compromisso dos Reservistas

Art. 175 – O cerimonial do Compromisso dos Reservistas realizado nas sedes das Repartições do Serviço Militar, obedece, tanto quanto possível, às prescrições estabelecidas para o Compromisso dos Recrutas, na Seção anterior.
Parágrafo único – A cerimônia de entrega de certificados de dispensa de incorporação e de isenção do Serviço Militar, consta de formatura e juramento à Bandeira pelos dispensados de incorporação.

SEÇÃO III
Do Compromisso dos Militares Nomeados ao Primeiro Posto e do Compromisso por Ocasião da Declaração a Guardas-Marinha e Aspirantes a Oficial

Art. 176 – Todo Militar nomeado ao primeiro posto prestará o compromisso de oficial, de acordo com o determinado no regulamento de cada Força Armada.

Parágrafo único – A cerimônia é presidida pelo Comandante da Organização Militar ou pela mais alta autoridade militar presente.

Art. 177 – Observadas as peculiaridades de cada Força Amada, em princípio, o cerimonial do compromisso obedecerá às seguintes prescrições:
I – para o compromisso, que deve ser prestado na primeira oportunidade após a nomeação do oficial, a tropa forma armada e equipada, em linha de pelotões ou equivalentes; a Bandeira à frente, a vinte passos de distância do centro da tropa; o Comandante postado diante de todo o dispositivo, a frente voltada para a Bandeira Nacional, a cinco passos desta;
II – os oficiais que vão prestar o compromisso, com a frente para a tropa e para a Bandeira Nacional, colocam-se a cinco passos desta, à esquerda e a dois passos do Comandante;
III – a tropa, à ordem do Comandante, toma a posição de "Sentido""; os compromitentes desembainham as suas espadas e perfilam-nas;
IV – os demais oficiais da Organização Militar, a dois passos, atrás da Bandeira, em duas fileiras, espadas perfiladas, assistem ao compromisso;
V – em seguida, a comando, a tropa apresenta arma, e o Comandante faz a continência individual; os compromitentes, olhos fitos na Bandeira Nacional, depois de abaterem espadas, prestam, em voz alta e pausada, o seguinte compromisso: "*Perante a Bandeira do Brasil,/ e pela minha honra,/ prometo cumprir os deveres de Oficial da Marinha do Brasil (Exército Brasileiro ou Aeronáutica Brasileira)/ e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria""*
VI – findo o compromisso, a comando, a tropa executa "Descansar Arma""; o Comandante e os compromitentes volvem-se de maneira a se defrontarem; os compromitentes perfilam espadas, colocam-nas na bainha e fazem a continência.

Art. 178 – Se em uma mesma Organização Militar prestarem compromisso mais de dez oficiais recém promovidos, o compromisso se realiza coletivamente.

Art. 179 – Se o oficial promovido servir em Estabelecimento ou Repartição, este compromisso é prestado no gabinete do diretor ou Chefe e assistido por todos os oficiais que ali servem, revestindo-se a solenidade das mesmas formalidades previstas no art. 177.

Art. 180 – O compromisso de declaração a Guarda-Marinha e Aspirante a Oficial é prestado nas Escolas de Formação, sendo o cerimonial realizado de acordo com os regulamentos daqueles órgãos de ensino.

CAPÍTULO V
Das Passagens de Comando, Chefia ou Direção

Art. 181 – Os oficiais designados para o exercício de qualquer Comando, Chefia ou Direção são recebidos de acordo com as formalidades especificadas no presente Capítulo.

Art. 182 – A data da transmissão do cargo de Comando, chefia ou Direção é determinada pelo Comando imediatamente superior.

Art. 183 – Cada Força Armada, obedecidas as prescrições gerais deste Regulamento, deve estabelecer os detalhes das cerimônias de passagem de Comando, Chefia ou Direção, segundo suas conveniências e peculiaridades, podendo acrescentar as normas que o uso e a tradição já consagraram, atendendo, no que couber, ás prescrições abaixo:
I – leitura dos documentos oficiais de nomeação e de exoneração;
II – transmissão de cargo; nessa ocasião, os oficiais, nomeado e exonerado, postados lado a lado, à tropa e perante a autoridade que preside a cerimônia, proferem as seguintes palavras:
a) o substituído – "*Entrego o Comando (Chefia ou Direção) da (Organização Militar) ao Exmo. Sr. (Sr) (Posto e nome)* ;
b) o substituto – "*Assumo o Comando (Chefia ou Direção) da (Organização Militar).*
III – apresentação dos Comandantes, Chefes ou Diretores, substituto, e substituído, à autoridade que preside a solenidade;
IV – leitura do "Curriculum Vitae"" do novo Comandante, Chefe ou Diretor;
V – palavras de despedida do oficial substituído;
VI – desfile da tropa em continência ao novo Comandante, Chefe ou Diretor.
§1º – Nas passagens de Comando de Organizações Militares, são também observadas as seguintes normas:
a) os Comandantes, substituto e substituído, estão armados de espada;
b) após a transmissão do cargo, leitura do "Curriculum Vitae"" e das palavras de despedida, o Comandante exonerado acompanha o novo Comandante na revista passada por este à tropa, ao som de uma marcha militar executada pela banda de música.
§2º – Em caso de mau tempo, a solenidade desenvolve-se em salão ou gabinete, quando é seguida, tanto quanto possível, a seqüência dos eventos constantes neste artigo, com as adaptações necessárias.
§3º – O uso da palavra pelo novo Comandante, Chefe ou Diretor, deve ser regulado pelo Ministro de cada Força Armada.
§4º – Em qualquer caso, o uso da palavra é feito de modo sucinto e conciso, não devendo conter qualquer referência à demonstração de valores a cargo da Organização Militar, referências elogiosas individuais acaso concedidas aos subordinados ou outros assuntos relativos a campos, que não constituam os especificamente atribuídos a sua área.
§5º – A apresentação dos oficiais ao novo comandante far-se-á no salão de Honra, podendo ser realizada antes mesmo da passagem do Comando ou após a retirada dos convidados.

CAPÍTULO VI
Das Recepções e Despedidas de Militares

Art. 184 – Todo oficial incluído numa Organização Militar é, antes de assumir as funções, apresentado a todos os outros oficiais em serviço nessa organização, reunidos para isso em local adequado.

Art. 185 – As despedidas dos oficias que se desligam das Organizações Militares são feitas sempre, salvo caso de urgência, na presença do Comandante Chefe ou Diretor e em local para isso designado.

Art. 186 – As homenagens de despedida de oficiais e praças com mais de trinta anos de serviço, ao deixarem o serviço ativo, devem ser reguladas pelo Ministro de cada Força Armada.

CAPÍTULO VII
Das Condecorações

Art. 187 – A cerimônia para entrega de condecorações é realizada numa data festiva, num feriado nacional ou em dia previamente designado pelo Comandante e, em principio, na presença de tropa armada.

Art. 188 – A solenidade para entrega de condecorações, quando realizada em cerimônia interna, é sempre presidida pelo Comandante, Chefe ou Diretor da Organização Militar onde serve o militar agraciado.
Parágrafo único – No caso de ser agraciado o próprio Comandante, Chefe ou Diretor da Organização Militar considerada, a presidência da solenidade cabe à autoridade superior a quem a mesma está imediatamente subordinada, ou a oficial da reserva, de patente superior à do agraciado, por este escolhido.

Art. 189 – Quando entre os agraciados há Oficial General e a cerimônia tem lugar na Capital Federal, a entrega de condecorações é presidida pelo Ministro ou pelo Chefe do Estado-Maior da Força a que couber a iniciativa da solenidade, sendo realizada na presença de tropa armada.

Art. 190 – O efetivo da tropa a formar na solenidade de entrega de condecorações deve corresponder ao escalão de comando do militar de maior hierarquia, não sendo nunca inferior a um pelotão de fuzileiros ou equivalente, tem sempre presente a Bandeira Nacional e Banda de Corneteiros ou Clarins e Tambores e, quando a Unidade dispuser, Banda de Música.

Art. 191 – Nas Organizações Militares que não disponham de tropa, a entrega é feita na presença de todo o pessoal que ali serve, observando as prescrições aplicáveis dos artigos anteriores.

Art. 192 – Quando o agraciado for Ministro Militar, o cerimonial da entrega é realizado em Palácio da Presidência da República, servindo de paraninfo o Presidente da República, e obedece às instruções especiais elaboradas pelo Chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Art. 193 – O cerimonial de entrega de medalha obedece, no que couber, às seguintes regras:
I – posta a tropa em uma das formações em linha, sai de forma a Bandeira Nacional, sem sua guarda, à ordem da autoridade que preside a cerimônia, e coloca-se a trinta passos defronte do centro da tropa;
II – entre a tropa e a Bandeira Nacional, frente para esta, coloca-se uma fileira, por ordem hierárquica e grupados por círculos, os oficiais e praças a serem agraciados, armados, exceto as praças e sem portar suas medalhas e condecorações;
III – os oficiais presentes à cerimônia formam em ordem hierárquica, grupados por círculos, em uma ou mais fileiras, à direita da Bandeira;
IV – a autoridade que preside a solenidade, colocada a dez passos diante da Bandeira e de frente para esta, manda que o Comandante da tropa dê a voz de "Sentido""; os agraciados, quando oficiais, desembainham e perfilam espada; se praças, permanecem na posição de sentido;
V – com a tropa nesta posição a autoridade dá início à solenidade, procedendo-se em cada uma das fileiras de agraciados da seguinte forma:
a) os paraninfos previamente designados, um para cada fileira, colocam-se à direita dos agraciados; dada a ordem para o início da entrega, os agraciados quando oficiais, ao defrontarem os paraninfos, abatem as espadas, ou fazem a continência individual, quando praças;
b) o paraninfo, depois de responder àquela saudação com a continência individual, coloca a medalha ou condecoração no peito dos agraciados de sua fileira; os agraciados permanecem com a espada abatida, ou executando a continência individual, até que o paraninfo tenha terminado de colocá-la em seu peito, quando retomam à posição de Perfilar Espada ou desfazem a continência individual;
c) terminada a entrega de medalhas ou condecorações, ao comando de "Em Continência à Bandeira, Apresentar Arma!", paraninfos e agraciados abatem espadas ou fazer a continência individual;
d) as Bandas de Música ou de Corneteiros ou Clarins e Tambores tocam, conforme o posto mais elevado entre os agraciados, os compassos de um dobrado;
e) terminado esta continência paraninfos e agraciados, com espadas embainhadas, retomam aos seus lugares;
f) a Bandeira Nacional volta ao seu lugar na tropa, e os possuidores de medalhas ou condecorações, que tinham saído de forma para se postarem à direita da Bandeira, voltam também para os seus lugares, a fim de ser realizado o desfile em honra da autoridade que presidiu a cerimônia dos agraciados;
g) os paraninfos, tendo a cinco passos à esquerda, e no mesmo alinhamento, os agraciados, e, à retaguarda, os demais oficiais presentes, assistem ao desfile da tropa, o que encerra a solenidade.

Art. 194 – Quando somente praças tiverem que receber medalhas ou condecorações, o paraninfo é o Comandante da Subunidade a que elas pertencerem ou o Comandante da Organização Militar, quando pertencerem a mais de uma subunidade.

Art. 195 – A Bandeira Nacional, ao ser agraciada com Ordem do Mérito, recebe a condecoração em solenidade, nos dias estabelecidos pelas respectivas Forças Singulares. O cerimonial obedece ao seguinte procedimento:
I – quando o dispositivo estiver pronto, de acordo com o art. 193, é determinado por toque de cometa para a Bandeira avançar;
II – a Bandeira, conduzida pelo seu Porta-Bandeira e acompanhada pelo Comandante da Organização Militar a que pertence, coloca-se à esquerda ou direita da Bandeira incorporada, conforme o dispositivo:
III – ao ser anunciado o início da condecoração, o Comandante desembainha a espada e fica na posição de descansar; e o corneteiro executa "Sentido"" e "Ombro Arma"". Ao toque de "Ombro Arma"", o Porta-Bandeira desfralda a Bandeira e o Comandante da Organização Militar perfila espada;
IV – o Grão-Mestre ou, no seu impedimento, o Chanceler da Ordem, é convidado a agraciar a Bandeira. Quando aquela autoridade estiver a cinco passos da Bandeira, o Comandante da Organização Militar abate espada, e o Porta-Bandeira dá ao pavilhão uma inclinação que permita a colocação da insígnia. Após a aposição da insígnia o Comandante da Organização Militar e a Bandeira voltam à posição de "Ombro Arma"", retiram-se do dispositivo, e tem prosseguimento a solenidade.
Parágrafo único – Na condecoração de estandarte, são obedecidas, no que couber, as prescrições deste artigo.

CAPÍTULO VIII
Das Guardas dos Quartéis e Estabelecimentos Militares

SEÇÃO I
Da Substituição das Guardas

Art. 196 – Na substituição das guardas, além do que prescrevem os Regulamentos ou Normas específicas de cada Força Amada, é observado o seguinte:

I – logo que a Sentinela da Armas der o sinal de aproximação da Guarda que vem substituir a que está de serviço, esta entra em forma e, na posição de “Sentido"”, aguarda a chegada daquela;
II – a Guarda que chega coloca-se à esquerda, ou em frente, se o local permitir, da que vai substituir, e seu Comandante comanda: “Sem Intervalos, Pela Direita (Esquerda) Perfilar!" e, depois, “Firme"”; em seguida comanda “Em Continência, Apresentar Arma"”; feito o manejo de Armas correspondente, o Comandante da Guarda que sai corresponde à saudação, comandando “Apresentar Arma!" e, a seguir, “Descansar Arma!", no que é seguido pelo outro Comandante;
III – finda esta parte do cerimonial, os Comandantes da Guarda que entra e da que sai dirigem-se um ao encontro do outro, ama na posição correspondente à de ombro arma, fazem alto, à distância de dois passos, sem descansar a arma, apresentam-se sucessivamente;
IV – a seguir, realiza-se a transmissão de ordens e instruções relativas ao serviço.

SEÇÃO II
Da Substituição das Sentinelas

Art. 197 – São as seguintes as prescrições a serem observadas quando da rendição das sentinelas:
I – o Cabo da Guarda forma de baioneta armada; os soldados que entram de sentinela formam em “coluna por um"” ou “por dois"”, na ordem de rendição, de maneira que a Sentinela das Armas seja a última a ser substituída; no “passo ordinário"”, o Cabo da Guarda conduz os seus homens até a altura do primeiro posto a ser substituído;
II – ao se aproximar a tropa, a sentinela a ser substituída toma a posição de “Sentido"” e faz “Ombro Arma"”, ficando nessa posição;
III – à distância de dez passos do posto, o Cabo da Guarda comanda “Alto!" e dá a ordem: “Avance Sentinela nº tal!";
IV – a sentinela chamada avança no passo ordinário, arma na posição de " Ombro Arma"” e, à ordem do Cabo, faz “alto! “a dois passos da sentinela a ser substituída;
V – a seguir, o Cabo comanda “Cruzar Arma!" o que é executado pelas duas sentinelas, fazendo-se, então, sob a fiscalização do Cabo, que se conserva em “Ombro Arma"”, e à voz de “Passar Ordens!" e, depois “Passar Munição"”, a transmissão das ordens e instruções particulares relativas ao posto;
VI – cumprida esta prescrição, o Cabo dá o comando de “Ombro Arma!" e ordena à sentinela substituída: “Entre em Forma!", esta coloca-se à retaguarda do último homem da coluna, ao mesmo tempo que a nova sentinela toma posição no posto, permanecendo em “Ombro Arma"” até que a Guarda se afaste.

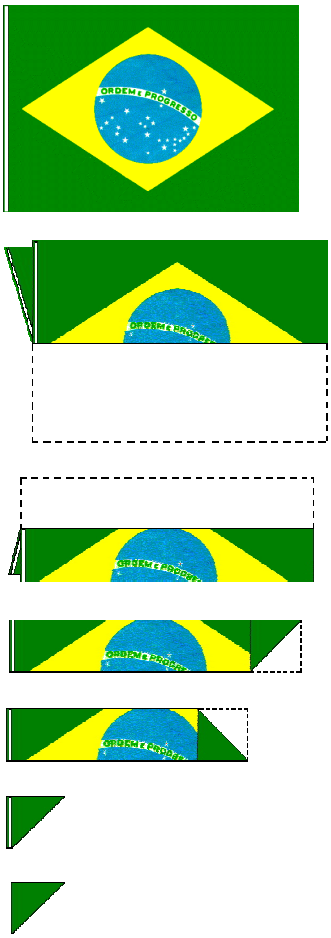
TÍTULO V
DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 198 – As peculiaridades das Continências, Honras, Sinais de Respeito e do Cerimonial Militar podem ser reguladas em cerimonial específico de cada Força Armada, em eventos que não impliquem a participação de mais de uma Força.

Art. 199 – Os casos omissos serão solucionados pelo Ministro Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, mediante consulta dos Ministros das Forças Singulares.

ANEXO AO DECRETO FEDERAL Nº 2.243, de 03.06.1997

(Dobradura da Bandeira Nacional a que se refere o art. 126, §2º)



DECRETO Nº 4.135-N, de 03.07.1997

Aprova Quadro de Organização da PMES (inclui Cel QOPM na DS)

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, o art. 56 da Lei nº 3.044, de 31/12/1975, e ainda o que consta no Processo Nº 12.222.546/1997, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma do anexo deste Decreto.

- *O Anexo poderá ser consultado no Diário Oficial ou na PM/1.*

Art. 2º – O comandante Geral da Polícia Militar baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado por este Decreto.

Art. 3º – O art. 7º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, passa a viger com a seguinte redação:

"Art. 7º – É da competência do Batalhão de Trânsito (BPTran) a polícia ostensiva de trânsito urbano nos municípios que Compõem a Grande Vitória.
§1º – Nos demais municípios é da competência das Unidades e Subunidades Independentes a polícia ostensiva de trânsito urbano, no âmbito de suas circunscrições.
§2º – A polícia ostensiva de trânsito, nas rodovias administradas pelo Estado, é da competência da Companhia de Polícia Rodoviária (CiaPRv).
§3º – Enquanto não houver total implantação da Companhia de Polícia Rodoviária (CiaPRv), o policiamento de trânsito nas rodovias estaduais, será efetuado pela Unidades e Subunidades Independentes da Polícia Militar."

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a partir de 01.07.1997.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 03 de julho de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 04.07.1997)

DECRETO Nº 4.144, de 28.07.1997

Institui Fórum Estadual de Segurança e Educação de Trânsito – FEST

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Fórum Estadual de Segurança e Educação de Trânsito – FEST – com a finalidade de viabilizar debates e propiciar ações e soluções técnicas de segurança do trânsito e redução de acidentes nas vias terrestres, no âmbito estadual, de acordo com os critérios estabelecidos pela Legislação pertinente.

Art. 2º – Integrarão o presente Fórum. como membros natos, representantes de órgãos governamentais envolvidos no sistema de Educação e Segurança de Trânsito – DETRAN, DER. PMES. CBom, PC, CETURB e SEDU – e como convidados organizações não governamentais, entidades federais e municipais como o DNERI PRF e Prefeituras Municipais.
Parágrafo único – A coordenação dos trabalhos do Fórum Permanente, competirá ao Diretor Geral do DETRAN/ES.

Art. 3º – São funções básicas do Fórum:
I- Criar instrumentos de socialização dos conhecimentos básicos sobre a realidade do trânsito;
II – Estimular e orientar a execução de ações de educação de trânsito;
III – Formular propostas para capacitação de pessoal, visando a melhoria da qualificação do corpo funcional das entidades envolvidas na segurança e prevenção de acidentes;
IV – Realizar debates permanentes da matéria envolvendo e mobilizando a sociedade civil para garantir a continuidade dos avanços do Fórum.

Art. 4º – No prazo de 30 (trinta) dias após publicação deste Decreto os membros natos deverão elaborar o Regimento Interno que detalhará o funcionamento do Fórum.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de julho de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 29.07.1997)

DECRETO Nº 4.155-N, de 20.09.1997

Altera o Decreto nº 3.547/1993, que dispõe sobre Gratificação de Magistério na PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O art. 1º do Decreto nº 3.547-N, de 18.06.1993. passa a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 1º – A Gratificação de Magistério, instituída pela Lei nº 4.703, de 07.12.1992, terá retribuição por hora-aula ministrada por Instrutor ou Monitor, nos Cursos Regulares de Formação, Aperfeiçoamento e Especialização da Polícia Militar do Espírito Santo, nos valores estabelecidos na tabela anexa a este Decreto.
Parágrafo único – Os Cursos de Especialização de que trata este artigo, para serem abrangidos por esta Gratificação, deverão ter uma carga horária mínima de 216 (duzentos e dezesseis) horas-aulas."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 20 de agosto de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

ANEXO ÚNICO AO DECRETO Nº 4.155-N, de 20.09.1997

INSTRUTOR	REF.	EXTERNO	INTERNO
Doutorado/ Notório Especialização	hora	42,00	35,00
Mestrado	hora	36,00	30,00
Especialização	hora	33,00	28,00
Graduação de Nível Superior	hora	30,00	25,00
Habilitação de Nível Médio	hora	20,00	17,00

OUTROS SERVIÇOS	REFERÊNCIA	VALOR
Conferencista / Palestrante	hora	60,00
Painelista / Debatedor	hora	40,00
Moderador	hora	20,00
Reunião Técnica	hora	17,00
Assessoramento Técnico	hora	36,00
Revisão de texto	hora	12,00
Entrevista	hora	9,00

DECRETO Nº 2.327, de 23.09.1997

Dispõe sobre a coordenação do Sistema Nacional de Trânsito, composição do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN, e dá outras providências

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84. incisos IV e VI, da Constituição. e conforme o disposto nos arts. 90 e 10 da Lei nº 9.503, de 23.09.1997, decreta:

Art. 1º – Compete ao Ministério da Justiça a coordenação máxima do Sistema Nacional de Trânsito, bem como o exercício das funções de órgão máximo executivo de trânsito da União.

Art. 2º – O Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN. criado pela Lei nº 9.503. de 23.09.1997, é composto pelos titulares dos seguintes Ministérios:
I – da Justiça. que o presidirá;
II- dos Transportes;
III – da Ciência e Tecnologia;
IV – do Exército;
V – da Educação e do Desporto;
VI – do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.
§1º – Os Secretários-Executivos dos Ministérios civis de que trata este artigo e o Secretário-Geral do Ministério do Exército são suplentes de seus respectivos Ministros.
§2º– O CONTRAN regulamentará o seu funcionamento em regimento interno.
§3º – Fica criado o Comitê Executivo do CONTRAN integrado pelos Secretários-Executivos dos Ministérios civis a que se refere o artigo anterior e pelo Secretário-Geral do Ministério do Exército, sob a coordenação do representante do Ministério da Justiça. com a finalidade de:
I – examinar. previamente, as propostas de resoluções e de diretrizes da Política Nacional de Trânsito a serem submetidas ao CONTRAN;
II – constituir subcomissões encarregados de examinar recursos interpostos contra decisões de instâncias inferiores ao CONTRAN. bem assim de processos sobre conflitos de competência e circunscrição entre órgão de trânsito;
III – auxiliar o CONTRAN no desempenho de suas competências legais.
Parágrafo único – Os Secretários de que frota o *caput* deste artigo designarão seus respectivos suplentes.

§4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 23 de setembro de 1997.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Presidente da República

DECRETO Nº 4.170-N, de 02.10.1997

Regulamenta o art. 20 da Lei nº 5.361/1996

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 122.338.694/1997, decreta:

Art. 1º – É proibido o uso de fogo e a prática de qualquer ato, ação ou omissão que possa ocasionar incêndio florestal.
§1º – Para efeito deste Decreto, considera-se incêndio florestal o fogo sem controle em florestas e nas demais formas de vegetação.
§2º – Se peculiaridades locais ou regionais justificarem o emprego do fogo em práticas agropastoril e florestal, a permissão poderá ser concedida, circunscrevendo a área de proteção da vida silvestre e ao meio ambiente, adotando-se técnicas de prevenção e controle a incêndios florestais.

Art. 2º – Compete ao Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF estabelecer as condições de uso do fogo sob forma de Queima Controlada.

Art. 3º – E proibida a prática de queima controlada nas florestas e áreas de:
I – preservação permanente;
II – reserva legal;
III – unidades de conservação públicas e privadas;
IV – área tombada pelo CEC – Conselho Estadual de Cultura;
V – propriedade particular, enquanto indivisas com florestas sujeitas a regime especial;
VI – árvores e espécies imunes de corte;
VII – em qualquer área no horário compreendido entre as 18 (dezoito) e 06 (seis) horas.
Parágrafo único – Em acidentes com fogo nas áreas mencionadas nos itens deste Artigo, será permitida queima controlada através da técnica do contra-fogo, respeitando-se as peculiaridades locais.

Art. 4º – O Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF, mediante os formulários de Requerimento e Autorização para queima controlada, promoverá o cadastramento das propriedades, atualizando-o anualmente.

Art. 5º – O requerimento para prática de queima controlada deve ser protocolado no Escritório Local do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias úteis, mediante a entrega deste, com prova de propriedade, registrada no Cartório de Registro de Imóveis, ou

documento comprobatório de posse, arrendamento ou parceria.
Parágrafo único – A posse, para efeito de requerimento para prática de queima controlada, deve ser mansa e pacífica. com mais de 01 (um) ano e 01 (um) dia, excluída de litígio judicial e com a aquiescência de todos os confrontantes da área, comprovando a posse em declaração do possuidor.

Art. 6º – A autorização para queima controlada poderá ser concedida pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF, após vistoria, prescrevendo-se técnicas para essa prática e medidas de prevenção e controle a incêndios.

Art. 7º – Para a preparação do terreno para plantio, exploração de canaviais, manejo de pastagens e práticas florestais, através de queima controlada devem ser adotadas as seguintes normas de precauções:
I – conhecer sobre periculosidade potencial do fogo e do meio onde será aplicado, seja através da educação ambiental ou folhetos educativos;
II – dominar as técnicas da queima controlada;
III – escolher a melhor estação do ano e horário do dia;
IV – planejar cuidadosamente, a operação. incluindo:
a) equipamento;
b) mão-de-obra;
c) medidas de segurança ambiental e da vida humana.
V – roçar a vegetação, especialmente, as canas com altura superior a 01 (um) metro, localizadas nas proximidades das linhas de transmissão de energia elétrica;
VI – construir aceiros e manter vigilantes durante a realização da queima controlada, de acordo com a prescrição do técnico vistoriante, adotando-se os seguintes critérios de largura de aceiros:
a) 04 (quatro) metros, no mínimo, ao longo da faixa de servidão das linhas de transmissão de energia elétrica;
b) 02 (dois) metros, no mínimo, para os demais casos, consideradas as condições ambientais, topográficas, meteorológicas, o material combustível e segurança na execução da queimada ou conforme prescrição técnica.
VII – avisar aos confinantes ou confrontantes da área onde será usada a queima controlada, pelo proprietário e por escrito, com o prazo de 03 (três) a 07 (sete) dias úteis constando o local, nome do proprietário da área, dia, mês, ano e hora do inicio da queima controlada:
VIII – manter a autorização de queima controlada na propriedade para efeito de fiscalização;
IX – não realizar a queima controlada nos dias de muito vento ou grande elevação de temperatura;
X- não usar produtos inflamáveis no processo de queima controlada ou de produtos químicos nocivos ao meio ambiente.
Parágrafo único – As precauções montadas para controlar a queima só poderão ser desmobilizadas após certificar-se da total isenção do perigo de um incêndio.

Art. 8º – É vedada a queima pura e simples de material lenhoso a título de limpeza da área.

Art. 9º – Todo cidadão. especialmente aquele que se utiliza do meio transporte terrestre, aéreo e fluvial deve comunicar a existência do foco de incêndio florestal à autoridade competente mais próxima ou diretamente à central de Operações do Corpo de Bombeiros, sob pena de responsabilidade, na forma da lei.
Parágrafo único – É dever do titular de cargo ou função pública e do servidor estadual comunicar a existência de focos de incêndio e participar das atividades de prevenção e combate, quando requisitados.

Art. 10 – No caso de incêndio florestal que não se possa extinguir com os recursos ordinários. compete não só ao servidor florestal como a qualquer autoridade pública, requisitar os meios materiais e convocar as pessoas em condições de prestar auxilio.

Art. 11 – A Autorização de Queima Controlada pode ser suspenso por ato do:
I – Diretor Presidente do IDAF;
II – Diretor Técnico do IDAF;
III – Chefe do Departamento de Fiscalização Florestal do IDAF;
IV – Gerente de Fiscalização. Controle Florestal e Monitoramento do IDAF;
V – Chefe do Escritório Local do IDAF;
VI – autoridade florestal devidamente habilitada.
Parágrafo único – A suspensão será sempre comunicada expressamente ao superior hierárquico.

Art. 12 – A suspensão da Autorização de Queima Controlado poderá ocorrer nos seguintes casos:
I – inobservância das condições de segurança da vida humana. ambientais ou meteorológicas desfavoráveis;
II – interesse de segurança pública e social;
III – descumprimento deste Decreto;
IV – descumprimento da Lei Estadual nº 5.361. de 30.12.1996, e Lei Federal nº 4.711, de 15.09.1965;
V – determinação judicial, constante de segurança. alvará ou mandado.

Art. 13 – A prática de qualquer ato, ação ou omissão considerada capaz de provocar incêndio florestal, bem como o uso proibido do fogo. além das sanções penais. civis e das previstas nas legislações federal. estadual e municipal, sujeita o transgressor. pessoa física ou jurídica. às seguintes cominações:
I – obrigação de reparar e indenizar os danos ambientais causados ao meio ambiente. ao patrimônio e ao ser humano;
II – impedimento da alteração do uso do solo das áreas sinistradas pelo incêndio florestal;
III – multas administrativas, conforme anexo do art. 81. da Lei Estadual nº 5.361/1996. nos seguintes casos:
a) fazer queimadas sem prévia autorização do órgão competente e sem tomar as precauções adequadas em valor correspondente a 13,92 UFIR e no máximo 1.392,10 UFIR por hectare ou fração;
b) provocar incêndio em qualquer formação florestal, em valor correspondente a 13.92 UFIR e no máximo 6.960.50 UFIR por hectare ou fração.
VI – perda ou suspensão em participação em linhas de financiamentos, benefícios fiscais e incentivos em estabelecimentos oficiais de crédito do Estado, pelo período de 01 (um) ano, dobrado o prazo em caso de reincidência;
V – ação civil de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente, a bens e direitos de valor artístico, estético, turístico ou paisagístico;
VI – ação civil;
VII – ação penal.

Art. 14 – As áreas sinistradas pelo incêndio florestal terão o mesmo tratamento legal de sua tipologia original.

Art. 15 – As penalidades incidem sobre os responsáveis transgressores e promitentes compradores ou proprietários de área florestal, desde que praticadas por preposto ou subordinados e no interesse dos proponentes ou dos superiores hierárquicos.

Art. 16 – As multas previstas neste Decreto serão recolhidas através do Documento único de Arrecadação – DUA, junto às Agências do BANESTES S.A. – Banco do Estado do Espírito Santo S.A.
Parágrafo único – Os recursos financeiros provenientes das multas serão aplicados. obrigatoriamente, pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo -IDAF em atividades de prevenção e combate a incêndios florestais.

Art. 17 – Ao Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF, e às suas unidades descentralizadas ou conveniadas competem:
I – promover Campanha Educativa integrada e permanente sobre os perigos do fogo e uso de Queima Controla, com a participação de entidades federais, estaduais e municipais, autoridades civis, educativas, policiais, religiosas e a comunidade em geral;
II – promover as comemorações da Semana de Prevenção contra incêndios na primeira semana de julho, nos termos do Decreto Federal nº 35.309, de 02.04.1954.

Art. 18 – No caso de queima agrícola tipificada como restos de cultura, queima de cana e postos limpos, poderá ser facultada a vistoria prévia.
Parágrafo único – necessária a expedição de justificativa escrita quando for dispensada vistoria prévia pelo autoridade competente.

Art. 19 – No caso de queima de restos de exploração florestal, queimas de espécies prejudiciais à cultura dominante, queima para manutenção ou conservação de aceiros e outros, são obrigatórias as vistorias prévias, proibida sua dispensa.

Art. 20 – A Taxa a ser cobrada aos protocolos de Queima Controlada é a estabelecida na tabela 4 (quatro) da Lei nº 4.861/1993.

Art. 21 – O Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do ESPÍRITO Santo – IDAF poderá firmar convênios visando a execução do contido neste dispositivo legal.

Art. 22 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 23 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 02 de outubro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado.

DECRETO Nº 4.176-N, de 08.10.1997

Institui o cadastramento anual dos servidores estaduais aposentados, civis e militares da administração direta do Poder Executivo Estadual e pensionistas.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso II da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o cadastramento anual dos servidores estaduais aposentados. civis e militares da Administração Direta do Poder Executivo Estadual e dos pensionistas constantes da folha de pagamento sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR. exceto pensão alimentícia, que passará a ser condição básica para a continuidade do recebimento do benefício.

Art. 2º – O cadastramento será realizado pelo órgão responsável pela Administração de Pessoal da Administração Direta do Poder Executivo Estadual – SEAR, localizada à Avenida Governador Bley, 236, Centro, Vitória, ES.
§1º – No exercício de 1997, o cadastramento será realizado no período de 03.11.1997 a 19.12.1997 diariamente, no horário de 8 às 17 horas.
§2º – A partir do ano de 1998 o cadastramento será realizado a cada ano no mês de aniversário do aposentado ou do beneficiário de pensão.
§3º – Excepcionalmente no ano de 1998, os aposentados e pensionistas que se cadastraram conforme §10 deste artigo e que aniversariam nos meses de janeiro a maio, estarão dispensados do cadastramento anual, previsto para este ano.
§4º – O cadastramento somente poderá ser efetuado por cidadão maior de idade mediante apresentação dos seguintes documentos e informações:
I – Se o cadastramento foi feito pelo próprio aposentado;
a) um documento de identidade com foto;
b) CIO;
c) contracheque do exercício atual;
d) informação de conta bancária;
II – Se o cadastramento for feito próprio pensionista:
a) um documento de identidade com foto;
b) CIO;
c) contracheque do exercício atual;
d) informação de conta bancária;
e) documento de identidade do instituidor da pensão;
f) se viúvo(a), declaração de viuvez preenchida em formulário próprio, fornecido pela SEAR;
g) se do sexo feminino, declaração do estado civil – solteira, em formulário próprio fornecido pela SEAR.
III – Se o cadastramento for feito por representante legal (Procurador. Tutor, Curador ou Responsável);
a) documento de identificação pessoal do(a) representado(a); identidade, CIO e contracheque;
b) registro de nascimento, quando se tratar de representados menores de 21 anos;
c) declaração de vida dos representados em formulário próprio fornecido pelo SEAR;
d) em se tratando de representado inválido, comprovação médica da situação de invalidez;
e) declaração de estado civil – solteira, no caso de representado do sexo feminino, em formulário próprio fornecido pela SEAR;
f) original e uma cópia do documento que comprove a representação legal – Procuração, Curatela, Tutela, outros ou a Certidão de Nascimento do representado quando se tratar de pai ou mãe.
g) documentos pessoais do representante legal – Identidade e CIO;
h) se a representação incluir direito ao recebimento dos proventos ou pensão. prestar informações de conta bancário.

Art. 3º – Será admitido o cadastramento mediante procuração por instrumento público em coso de moléstia grave, ausência ou impossibilidade de locomoção do titular do benefício, devidamente comprovado.
§1º – É vedado o substabelecimento para os fins de que trata este Decreto.
§2º – A procuração aceita apenas nas hipóteses de moléstia grave, impossibilidade de locomoção ou ausência do

beneficiário, devidamente comprovadas terá validade máxima de seis meses.
§3º – Caberá à Coordenação de Recursos Humanos providenciar o cadastramento dos procuradores e manter efetivo controle do prazo das procurações, determinando a suspensão do pagamento do representado no mês subsequente ao do término da validade do instrumento de mandato.
§4º – Será admitido procurador para representar unicamente um aposentado ou dependentes de até dois instituidores de pensão.
§5º – Será permitido a um mesmo procurador representar um aposentado e dependentes de um instituidor, nos casos em que o aposentado representado. seja ao mesmo tempo dependente do instituidor de pensão. por ele representado.
Art. 4º – Os servidores aposentados e os pensionistas que se apresentarem. para fins de cadastramento até o término do período fixado no §10 do art. 2º e não cumprirem o estabelecido no §2º do mesmo artigo do presente Decreto, terão o pagamento dos respectivos benefícios suspensos a partir do mês subsequente ao do cadastramento.
§1º – Caberá a Coordenação de Recursos Humanos – SEAR. comunicar mensalmente a Coordenação de Pagamento de Pessoal – SEAR as suspensões e restabelecimentos de pagamentos a serem efetuados.
§2º – Ha hipótese do *caput* deste artigo. o restabelecimento do pagamento do benefício dependerá do comparecimento do beneficiário perante à Coordenação de Recursos Humanos -SEAR. paro a realização da atualização cadastral.

Art. 5º – O Procurador, Tutor, Curador ou responsável legal de servidor aposentado ou de beneficiário de pensão firmará termo de responsabilidade perante a Coordenação de Recursos Humanos. comprometendo-se a comunicar qualquer evento que altere a condição de representação. principalmente o óbito do outorgante. sob pena de incorrer nas sanções criminais cabíveis.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta. em Vitória, 08 de outubro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 7.058-E, de 29.10.1997

Fica instituído o Comitê Estadual do Reserva do Biosfera do Mata Atlântica do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III. da Constituição Estadual, considerando a importância de se promover o uso sustentáveis dos recursos naturais e estimular a participação dos diversos segmentos da sociedade na conservação, preservação e recuperação dos remanescentes florestais da Mata Atlântico do Espírito Santo, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Comitê Estadual do Reserva do Biosfera do Mata Atlântica do Estado do Espírito Santo, que trabalhará em consonância com o Conselho Estadual de Meio Ambiente – CONSEMA e o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico – CNRBMA.

Art. 2º – A Reserva da Biosfera é um instrumento de conservação que visa o uso dos recursos naturais, que tem como objetivo principal otimizar a convivência do homem com a natureza, através de técnicas de desenvolvimento sustentado. É considerada também um centro de monitoramento, pesquisa, educação ambiental e gerenciamento dos ecossistemas representativos, formando uma rede de conservação que existe em 110 países.
§1º – Por ser de grande área e devido a sua complexidade, a Reserva da Biosfera deve ser gerenciada em conjunto, por instituições governamentais e não governamentais, buscando a participação das populações locais no aproveitamento e na ordenação do uso do solo, através de um desenvolvimento integrado.
§2º – Para facilitar seu gerenciamento, a Reserva da Biosfera fica dividida pelas seguintes zonas:
I – Zona Núcleo – Abrange a região mais preservada de um ecossistema representativo, registrando-se a ocorrência de endemismos. espécimes raros de importante valor genético e lugares de excepcional interesse científico. Em seus limites só serão permitidas atividades que não prejudiquem ou alterem os processos naturais e a vida selvagem;
II – Zona Tampão ou de Amortecimento – envolve as Zonas Núcleo. Nela as atividades econômicas e o uso da terra devem garantir a integridade das Zonas Núcleo.
III – Zona de Transição – a mais externa da Reserva. nela incentiva-se o uso sustentado da terra e atividades de pesquisa que serão úteis à região no entorno da Reserva da Biosfera.
IV – Áreas Experimentais de Pesquisa – com a finalidade de experimentos que visem a obtenção das melhores formas de manejo da flora, fauna, das áreas de produção e dos recursos naturais, bem como incremento e recuperação da diversidade biológica e dos processos de conservação.
V – Áreas de Uso Tradicional – são as que apresentam uma exploração econômica baseada em práticas tradicionais, onde se buscará manejos mais eficientes. sem adulterar seus procedimentos básicos.

Art. 3º – O Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico do Estado do Espírito Santo. tem por objetivos:
I – propor políticas e diretrizes para implantação e desenvolvimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico, sugerindo, também. as metodologias pelos quais essas políticas e diretrizes poderão ser implantadas;
II – elaborar o Plano de Ação Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico do Espírito Santo, propondo prioridades, metodologias. parcerias e áreas de atuação;
III – elaborar estratégias poro divulgação da Reserva;
IV – funcionar como facilitador para a captação de recursos para Reserva, tanto externo quanto interno;
V – fomentar o aglutinamento de recursos dentro do Estado. fazendo-os convergirem para a área do Reserva;
VI – otimizar a operacionalidade entre os diferentes órgãos ligados direta ou indiretamente à questão da Reserva, integrando suas políticas e ações técnicas;
VII – promover a realização de um diagnóstico sócio-ambiental da área da Reserva. de modo a embasar a definição de ações prioritárias;
VIII – ressaltar junto às instituições públicas ou privadas. a importância da Reserva. de modo a que estas direcionem seus projetos para a sua área;
IX – estabelecer áreas-pitolo para implementação da Reserva.

Art. 4º – O Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica do Estado do Espírito Santo tem caráter consultivo.

Art. 5º – A Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente fica autorizada a oferecer todo o apoio de pessoal, serviços e infra-estrutura necessários ao funcionamento da Secretaria Executiva do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da mata Atlântico.

Art. 6º – O Comitê será composto por 12 membros, representando os seguintes órgãos:
I – Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente – SEAMA;
II – Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo – IDAF;
III – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA;
IV – Companhia de Polícia Ambiental;
V – Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente – ANAMMA;
VI – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES;
VII – Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica – IPEMA;
VIII – Conselho Estadual de Cultura – CEC;
IX – Conselho de Meio Ambiente da Federação das Indústrias do Espírito Santo -CONSUMA/FINDES;
X – Federação de Agricultura do Espírito Santo – FAES;
XI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Espírito Santo – FETAES;
XII – Associação dos Municípios do Espírito Santo – AMUNES.

Art. 7º – O mandato dos membros do Comitê será de 3 (três) anos, coincidindo com o mandato dos membros do Conselho Nacional do Reserva da Biosfera da Mata Atlântico, sendo permitida a recondução dos seus membros.

Art. 8º – É dever de cada membro:
I – divulgar os objetivos do Comitê e defender seus princípios;
II – exercer o cargo para qual tiver sido designado;
III – participar das reuniões debatendo e votando as matérias nelas apreciadas;
IV – colaborar com as tarefas que lhes forem designadas pelo Comitê;
V – fazer-se representar pelo seus suplente em caso de impedimento.

Art. 9º – A Coordenação do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico do Espírito Santo estará a cargo do representante da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente – SEAMA, sendo suas atribuições:
I – defender os objetivos e os princípios da Reserva da Biosfera da Mata Atlântico e representar o Comitê quando necessário;
II – convocar o Comitê;
III – dirigir os trabalhos e presidir as reuniões do Comitê;
IV – encaminhar a votação de matéria submetida à decisão do Comitê;
V – assinar as atas aprovadas nas reuniões;
VI – despachar os expedientes do Comitê;
VII – assinar conjuntamente as deliberações do Comitê;
VIII – dirigir as reuniões ou suspendê-las quando necessário.

Art. 10 – Este Decreto entra em vigor a partir da data de sua publicação.

Art. 11 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de outubro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 3.784, de 06.11.1997

Regulamenta a Lei Municipal nº 1.413/1997. que autoriza o custeio de alimentação e combustível para as Polícias Militar e Civil

O Prefeito Municipal de Domingos Martins, Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições legais e, considerando o disposto no art. 50 da Lei Municipal nº 1.413/1997, decreta:

Art. 1º – O Poder Executivo Municipal custeará alimentação para os 05 (cinco) policiais militares nos Destacamentos da Polícia Militar – DPM localizados nos distritos da Sede e Paraju, neste Município, ao custo fixo de 3,00 (três reais) por refeição totalizando 300 (trezentas) refeições mensais, no importe mensal de R$ 900,00 (novecentos reais).
Parágrafo único – O valor correspondente ao custeio das despesas de alimentação será representado por tickt's emitidos pelo Banco do Estado do Espírito Santo S/A, BANESTICK que serão adquiridos mensalmente pelo Município, sendo 180 (cento e oitenta) tickt's entregues ao DPM da Sede e 120 (cento e vinte) tickt's entregues ao DPM de Paraju, mediante recibo do responsável pelo DPM.

Art. 2º – O Poder Executivo Municipal custeará cota mensal de 300 (trezentos) litros de combustível, para abastecimento dos veículos da Polícia Militar, em serviço no DPM da Sede e 150 litros (cento e cinqüenta) litros de combustível, para abastecimento dos veículos da Policia Militar, em serviço no DPM de Pedra Azul, distrito de Aracê, neste Município.

Parágrafo único – O abastecimento dos veículos será feito nos Postos credenciados pelo Município, mediante requisições assinadas pelos responsáveis pelo DPM, com encaminhamento obrigatório da cópia das requisições, para a Secretaria Municipal do Interior e Transportes (SECINT), que exercerá o controle interno dos gastos.

Art. 3º – O Poder Executivo Municipal custeará cota mensal de 150 (cento e cinqüenta) litros de combustível, para abastecimento dos veículos da Polícia Civil, em serviço na Delegacia de Policia de Domingos Martins.
Parágrafo único – O abastecimento dos veículos será feito nos postos credenciados pelo município, mediante requisições assinadas pelos responsáveis pela delegacia de polícia, com encaminhamento obrigatório da cópia das requisições, para a Secretaria Municipal do Interior e Transportes (SECINT), que exercerá o controle interno dos gastos.

Art. 4º – As despesas decorrentes deste Decreto, correrão por conta das seguintes dotações orçamentárias:
– Gabinete do Prefeito – 01000.030780202.005
3.1.2.0 – Material de Consumo
3.1.3.2 – Outros Serviços e Encargos

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se, cumpra-se.

Domingos Martins, 06 novembro 1997.

PEDRINHO RAUL HOPPE

Prefeito Municipal

DECRETO Nº 4.190-N, de 26.11.1997

Dispõe sobre a liberação de veículos apreendidos na operação de transporte coletivo irregular de passageiros, em ações do Convênio firmado entre CETURB/GV, DETRAN/ES e PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o dever do Estado no que concerne a regulamentação e fiscalização, visando garantir a regular prestação dos serviços de transporte coletivo de passageiros na Grande Vitória, coibindo a prática irregular da prestação desses serviços e, considerando o constante do processo nº 684/1997, decreta:

Art. 1º – A liberação dos veículos apreendidos em ações do Convênio nº 005/1997, firmado entre a Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória – CETURB/GV, Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN/ES e Polícia Militar do Estado do Espírito Santo – PMES, fica condicionada à apresentação de:
I – termo de compromisso expedido pela CETURB/GV;
II – autos de infração emitidos pelo Batalhão de Trânsito e,
III – documento de liberação do veículo expedido pelo DETRAN/ES.

Art. 2º – O prazo mínimo para entrega dos documentos referidos no art. 10 fica fixado em 15 (quinze) dias, a contar da data da primeira apreensão.
Parágrafo único – Na reincidência, o prazo a que se refere o *caput* deste artigo fica fixado em no mínimo 30 (trinta) dias, contados da data da apreensão.

Art. 3º – A expedição dos documentos constantes dos incisos 1 e III, do art. 1º, não isenta o infrator de quitar os débitos de multas, conforme legislação vigente.

Art. 4º – Somente o proprietário do veículo apreendido, ou seu Procurador regularmente constituído, poderá retirar, junto aos órgãos competentes, os documentos de que trata o art. 1º, bem como liberar o veículo.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de janeiro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 28.11.1997)

DECRETO Nº 4.201-N, de 24.12.1997

Fixa o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio para o exercício de 1998

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – Fica fixado para o exercício de 1998, o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio – Bolsa de Complementação Educacional na Administração Direta e Indireta de acordo com o Anexo único deste Decreto que vigorará de 01.01.1998 a 31.12.1998.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de dezembro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 29.12.1997)

ANEXO ÚNICO AO DECRETO Nº 4.201-N, de 24.12.1997

QUADRO DE OFERTA DE ESTAGIÁRIOS – 1998

ADMINISTRAÇÃO DIRETA	
ÓRGÃO	**QUANTITATIVO**
PM	120

DECRETO Nº 4.207-N, de 30.12.1997

Dá nova redação a dispositivos do Decreto nº 666/1964

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais que lhe confere o art. 91, inciso III. da Constituição Estadual, e tendo em visto o que consta no Processo nº 12.880.370/1997, decreta:

Art. 1º – O §5º do art. 12 e o art. 24 do Decreto nº 666, de 28.07.1964, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 12 – (…)
I – (…)
II – (…)
IV – (…)
§1º – (…)
§2º – (…)
§3º – (…)
§4º – (…)
§5º – A inspeção de saúde que julgar apta a praça, quando realizada para os fins a que se refere o inciso III deste artigo, terá validade de dois anos, observado este mesmo prazo. para outras inspeções, ainda que realizadas para finalidade diversa."
"Art. 24 – Os quadros de acesso serão limitados a 25% (vinte e cinco por cento) do efetivo previsto em cada graduação, dentro das respectivas Qualificações Policiais Militares Particulares – QPMP.
§1º – (…)
§2º – (…)

Art. 2º – O art. 5º do Regimento da Comissão de Promoções de Oficiais da Polícia Militar, aprovado pelo Decreto nº 303. de 30.07.1962. passa a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 5º – Para fins de promoção, quando julgado apto o Oficial, sua inspeção de saúde será válida por 02 (dois) anos, tendo o mesmo valor daquela a inspeção feita para outras finalidades."

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º– Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de dezembro de 1997.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 31.12.1997)

DECRETO Nº 4.210-N, de 08.01.1998

Dá nova redação a dispositivos do Decreto nº 2.728-N/1988

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 90, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O *caput* do art. 3º e o art. 5º do Decreto nº 2.728-N, de 06.12.1988 passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 3º – Ficam obrigados a apresentar, anualmente, até o dia 31 de maio, a declaração de bens instituído pelo Lei nº 4.100/1988, perante o Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos:"
"Art. 5º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos adotará os procedimentos e meios administrativos necessários à implantação dos medidas decorrentes das disposições constantes deste Decreto, podendo. para tanto, baixar instruções e normas."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de janeiro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 09.01.1998)

DECRETO Nº 4.214-N, de 15.01.1998

Dispõe sobre regulamentação dos prazos para início dos Cursos de Adaptação Peculiar previstos na Lei nº 5.575/1998

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O prazo previsto para o requerimento ao CASP e ao CACP, previsto no art. 4º da Lei nº 5.575/1998, fica alterado para 18.01.1998, iniciando-se os Cursos em 19.01.1998.

Art. 2º – As promoções serão efetuadas a partir do 1º dia útil, subseqüente à conclusão do Curso com aproveitamento.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 15 de janeiro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 16.01.1998)

DECRETO Nº 4.222- N , de 28.01.98

Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 5567, de 07 de janeiro de 1998, que instituiu a complementação de aposentadoria e pensão para os servidores públicos segurados do Regime Geral de Previdência Social e dá outras providências.

Art. 1º - Este decreto regulamenta a Lei nº 5567, de 07 de janeiro de 1998, que instituiu o Sistema de Previdência Complementar para Aposentadoria e Pensão dos Servidores Públicos Estaduais segurados do Regime Geral de Previdência Social.
Art. 2º - O servidor ativo fará sua adesão ao Sistema de Complementação instituído pela Lei ora regulamentada, no departamento de pessoal do seu órgão de origem, através de requerimento.
§ 1º - O departamento de pessoal exigirá, no ato da admissão do servidor vinculado ao Regime Geral de Previdência Social, manifestação por escrito da sua adesão ou não ao Sistema de Complementação, conforme Anexos I ou II, o qual deverá ser encaminhado à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR.
§ 2º - O servidor na situação prevista no parágrafo 4º, do artigo 1º da Lei ora regulamentada, apresentará manifestação por escrito da sua adesão ao Sistema de Complementação, conforme Anexo I, o qual deverá ser encaminhado à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR.
§ 3º - O departamento de pessoal será responsável pela verificação da regularidade da adesão do servidor ao Sistema, conforme § § 3º, 4º e 5º do Art. 1º da Lei ora regulamentada.
§ 4º - A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR atribuirá um número de inscrição a cada servidor que aderir ao Sistema, e devolverá a 2ª via do formulário Cadastro de Adesão ao Órgão de origem.

Art. 3º - O aposentado ou pensionista inscrito no Sistema de Complementação deverá, trimestralmente, apresentar à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, comprovantes dos valores dos benefícios recebidos da Previdência Social, para cálculos de eventuais diferenças na complementação.
§ 1º - Ocorrendo diferenças a favor do aposentado ou pensionista serão pagas no mês seguinte ao da apuração.
§ 2º - Ocorrendo diferença a favor do Sistema de Complementação será deduzida dos pagamentos de complementação nos meses seguintes, em parcelas equivalentes ao número de meses recebidos a maior.
§ 3º - Na falta de apresentação dos comprovantes mencionados no "caput" deste artigo, a partir do quarto mês será suspenso o pagamento da complementação de aposentadoria ou pensão.
§ 4º - A suspensão mencionada no parágrafo anterior permanecerá até que seja regularizada a situação.

Art. 4º - O departamento de pessoal deverá encaminhar à Secretariar de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, no mês em que se modificar as remunerações dos servidores em atividade, relação de servidores aposentados e falecidos que aderiram ao

Sistema, contendo número de inscrição no Sistema, nome do servidor, nova remuneração e data de vigência.

Art. 5º - As contribuições para o Sistema de Complementação definidas nos artigos 4º e 5º da Lei ora regulamentada, serão feitas mensalmente pelos servidores ativos que aderirem ao Sistema e por aposentados e pensionistas que receberem complementação, com base na referida Lei.
§ 1º - As contribuições mencionadas no "caput" deste artigo serão descontadas em folha de pagamento e recolhidas ao Tesouro Estadual, em conta vinculada, com fim específico de movimentar os recursos do Sistema de que trata a Lei ora regulamentada.
§ 2º - As contribuições serão recolhidas até o 5º dia útil, após o pagamento dos salários do mês.

Art. 6º - A Secretaria de Estado da Fazenda – SEFA, baixará atos necessários à organização, estruturação e movimentação da conta vinculada de que trata o artigo 3º da Lei ora regulamentada.

Art. 7º - Bimestralmente, a Secretaria de Estado da Fazenda – SEFA, publicará resumo evidenciando receitas, despesas e saldo da conta vinculada de que trata o artigo 3º da Lei ora regulamentada.

Art. 8º - Mensalmente, o departamento de pessoal dos órgãos da administração direta, autarquias, fundações e empresas públicas especificadas no artigo 1º da Lei ora regulamentada, enviará à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, responsável por conceder, controlar e pagar as complementações instituídas pela Lei mencionada anteriormente, relação de todos os servidores contribuintes, conforme Anexo III, acompanhada de comprovante de depósito.

Art. 9º - As contribuições de que tratam os artigos 4º e 5º da Lei ora regulamentada, deverão constar separadamente no contracheque do servidor.

Art. 10º - O servidor deverá declarar o tempo de serviço a ser averbado através do Anexo I , para efeito de aplicação do artigo 5º e seus parágrafos da Lei ora regulamentada e comprová-lo posteriomente.

Art. 11º - A averbação do tempo de serviço deverá ser comprovada por Certidão de Tempo de Serviço fornecida pelo Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS.

Art. 12º - O servidor para requerer o seu desligamento do Sistema de Complementação deverá apresentar termo de desligamento – Anexo IV, com firma reconhecida, ao departamento de pessoal do seu órgão de origem.
Parágrafo Único – O departamento de pessoal suspenderá o recolhimento das contribuições e enviará à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, a 2ª via do termo referido no "caput" deste artigo.

Art. 13 – O departamento de pessoal, quando da demissão de servidor vinculado ai Sistema de Complementação de Aposentadoria e Pensão, deverá comunicar a referida demissão à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, no prazo máximo de 10 (dez) dias, conforme Anexo V.

Art. 14 – O pedido de restituição das contribuições mencionadas no art. 9º e nos § § 2º e 3º do artigo 10 da Lei ora regulamentada, deverá ser requerido à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, conforme Anexo IV ou VII, com firma reconhecida, acompanhado dos seguintes documentos:
I – no caso de demissão;
a) comprovante de rescisão do contrato de trabalho;
b) comprovante de quitação das contribuições recolhidas diretamente ao Tesouro Estadual , conforme artigo 12 da Lei ora regulamentada.
II – no caso de pedido de desligamento do Sistema:
a) comprovante de quitação das contribuições recolhidas diretamente ao Tesouro Estadual , conforme artigo 12 da Lei ora regulamentada;
b) prova de que requereu o desligamento do Sistema há mais de 3 (três) anos ou;
c) comprovante de rescisão do contrato de trabalho ou;d) comprovante de aposentadoria ou;
e) certidão de óbito.

Art. 15 - O pedido da complementação de aposentadoria ou pensão como mencionado no artigo 11 da Lei ora regulamento, deverá ser requerido à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, conforme Anexo VIII ou IX, acompanhado dos seguintes documentos:
I – no caso de complementação de aposentadoria:
a) documento do INSS que concedeu a aposentadoria;
b) comprovante de valor fixado para o benefício do INSS;
c) comprovante de quitação das contribuições recolhidas diretamente ao Tesouro Estadual , conforme artigo 12 da Lei ora regulamentada;
d) comprovante de rescisão de contrato de trabalho.
II – no caso de complementação de pensão:
a) documento do INSS que concedeu a pensão;
b) comprovante de valor fixado para o benefício do INSS;
c) comprovante de quitação das contribuições recolhidas diretamente ao Tesouro Estadual, conforme artigo 12 da Lei ora regulamentada;
d) certidão de óbito do ex – servidor.

Art. 16 – O departamento de pessoal comunicará à Secretair de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, no prazo máximo de 10 (dez) dias, o afastamento do servidor em licença sem vencimento ou suspensão temporária do seu vínculo contratual, conforme Anexo X.
Parágrafo Único – Nova comunicação deverá ser enviada à Secretaria de Estado de Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, no prazo acima, conforme Anexo X, quando do rertorno do servidor ao trabalho.

Art. 17 – O departamento de pessoal comunicará à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, no prazo máximo de 10 (dez) dias, quando o servidor estiver com vínculo contratual suspenso em decorrência de prestação de serviço militar e quando em licença decorrente de doença ou acidente de trabalho e que venha receber o benefício do INSS, conforme Anexo X.
Parágrafo Único – Nova comunicação deverá ser enviada à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos humanos – SEAR, no prazo mencionado no "caput" deste artigo, conforme Anexo X, quando do retorno do servidor ao trabalho.

Art. 18 – O Conselho de Recursos Previdenciários criado pelo artigo 14 de Lei ora regulamentada fica vinculado a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR.

dos servidores para compor o Conselho de Recursos Previdenciários, prevista no inciso II, do artigo 14, da Lei

ora regulamentada deverá vir acompanhada de carta das Entidades Sindicais representativas dos servidores, referendando tais indicações.

Art. 20 – A indicação dos representantes das entidades representativas dos servidores públicos para compor a Comissão de Trabalho, prevista no artigo 15 da Lei ora regulamentada, deverá vir acompanhada de carta das Entidades Sindicais, referendando tais indicações.

Art. 21 – As indicações previstas nos artigos 19 e 20 deste decreto serão protocoladas na Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR.

Art. 22 – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, baixará atos necessários à organização e estruturação do Sistema de Complementação instituído pela Lei ora regulamentada.

Art. 23 - A Secretaria de Estado de Administração e dos Recursos Humanos – SEAR, ficará responsável por providenciar os estudos técnicos definidos nos artigos 6º e 18º da Lei ora regulamentada.

Art. 24 – Este Decreto entra em vigor no 1º dia do m6es seguinte ao de sua publicação.

Art. 25 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 28 de janeiro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.235-N, de 05.03.1998

Precedência funcional do Coronel QS (Diretor de Saúde) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo,

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91. incisos III e V, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Coronel do "QS" Diretor de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, terá precedência funcional sobre os demais Coronéis daquela Diretoria.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 3.854-N/1995.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 06.03.1998)

DECRETO Nº 4.240-N, de 09.03.1998

Aprova QO da PMES, retirando o Cel QOPM da DS

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e o art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma deste Decreto.

- *O Anexo poderá ser consultado no Diário Oficial ou na PM-1.*

Art. 2º – O Comandante Geral da Polícia Militar baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado por este Decreto.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 09 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 10.03.1998)

DECRETO Nº 4.246-N, de 23.03.1998

Aprova os dísticos do Curso de Polícia Interativa

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 13.252.887/1998, decreta:

Art. 1º – Ficam aprovados os dísticos do Curso de Polícia Interativa, que serão usados pelos Oficiais e Praças que tenham concluído curso específico na área de Polícia Interativa, ministrado pelo Setor de Ensino e Instrução da PMES.

Art. 2º – O dístico de "Instrutor" será usado pelos Oficiais e o de "Multiplicador" pelas Praças.

Art. 3º – Os dísticos, nas formas apresentadas no anexo deste Decreto, passam a constar do Regulamento de Uniformes e Insígnias da PMES.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 23 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 26.03.1998)

DECRETO Nº 4.251-N, de 27.03.1998

Aprova o Regimento Interno do Conselho Superior de Gestão da Segurança Pública – CONGESP, criado e incluído pela Lei complementar nº 99/1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e o que consta no processo 13.322.745, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regimento Interno do Conselho Superior de Gestão da Segurança Pública – CONSGESP, criado e incluído na estrutura organizacional básica da Governadoria na forma da Lei complementar nº 99, de 25.07.1997, que com este publica.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

CONSELHO SUPERIOR DE GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA – CONSGESP

REGIMENTO INTERNO

CAPÍTULO I
Da Finalidade e Competência

Art. 1º – O Conselho superior de Gestão de Segurança Pública – CONSEGESP, criado e incluído na estrutura organizacional básica da Governadoria, a nível da direção superior na forma da Lei Complementar nº 99, de 25.07.1997, se constitui de um órgão colegiado, consultivo, normativo e deliberativo com a finalidade de, permanecer, formular, acompanhar, orientar, assessorar e fiscalizar as políticas diretrizes ações desenvolvidas pelos órgãos integrantes do sistema estadual de segurança pública, entre outros.

Art. 2º – Ao Conselho Superior de Gestão de Segurança Pública – CONGESP, na forma da Lei complementar nº 99, de 25.09.1997, além de outras atribuições previstas neste Regimento, compete:
I – como órgão consultivo e normativo:
a) formular políticas e diretrizes atinentes às missões, finco a atividades da segurança pública;
b) zelar pelo cumprimento dos preceitos constitucionais do pleno cumprimento dos direitos e garantias dos cidadãos;
c) propor medida de controle das ações de segurança pública no Estado, estimulando a participação da comunidade;
d) assegurar a eficácia das atividades e atuação harmônica dos órgãos incumbidos da segurança pública;
e) recomendar a elaboração de programas e execuções de ações conjuntas ou não, visando a prevenção e controle da criminalidade;
f) recomendar a utilização de novos métodos de atuação e de novas técnicas de investigações policiais;
g) promover, através dos órgãos próprios, estudos e pesquisas sobre assuntos da segurança pública;
h) estimular a especialização e o aprimoramento dos integrantes dos órgãos da segurança pública;
i) analisar relatórios oriundos dos órgãos da segurança pública;
j) baixar e rever o seu próprio regimento;
k) cria canais de discussões, sugestões queixas sobre ações desenvolvidas na área de segurança pública, pelas instituições e seus integrantes;
l) estimular a criação de Conselho de Segurança Comunitária nos municípios e na Grande Vitória.
II – como órgão deliberativo e opinativo:
a) julgar os processos administrativos instaurados em caráter especial;
b) conhecer e julgar, como órgão de segundo grau, os recursos interpostos das decisões do Conselho da Polícia Civil e do Comando da Polícia Militar;
c) apreciar os planos de ação das organizações policiais e do Estado, que deverão ser apresentados até o dia 31 de janeiro cada ano;
d) opinar na proposta orçamentária para a segurança pública;
e) opinar em matéria relativa ao sistema carcerário do Estado;
f) designar comissão dentro do CONSGESP para gerenciamento de crise na área de segurança pública ou com repercussão na mesma, inclusive em fatos que antecedam o eventual emprego das forças policiais do Estado, cabendo ao Presidente a indicação dos membros;
g) acompanhar a apuração de fatos graves que envolvam policiais civis e/ou militares, cujas circunstâncias o exijam.

CAPÍTULO II
Da Constituição do Conselho

Art. 3º – O Conselho Superior de Gestão de Segurança Pública – CONSGESP será integrado por membros permanentes e temporários.
I – são membros permanentes:
a) Governador do Estado, como Presidente;
b) Vice Governador do Estado;
c) Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania;
d) Secretário de Estado da Segurança Pública;
e) Secretário-Chefe da Casa Civil;
f) Procurador Geral da Justiça;
g) Procurador Geral do Estado;
h) Diretor Geral do DETRAN/ES;
i) Delegado-Chefe da Polícia Civil;
j) Comandante Geral da Polícia Militar;
k) Comandante Geral do Corpo de Bombeiros;
l) Secretário-Chefe da Casa Militar.
II – são membros temporários:
§1º – São membros temporários os especialmente convidados para colaborar na deliberação de assunto específico de interesse coletivo, dentre eles os representantes de organizações policiais federais ou militares, sediadas no Estado.
§2º – O Presidente, visando assegurar o caráter democrático das decisões do Conselho, convidará representantes de entidades constituídas em defesa dos direitos do cidadão e da sociedade para, na condição de membro temporário, colaborar com o colegiado, bem como representantes das categorias policiais, na forma do parágrafo anterior.
§3º – As entidades constituídas são representadas por:
a) 01 (um) representante da Assembléia Legislativa;
b) 01 (um) representante do Poder Judiciário;
c) 01 (um) representante da Ordem dos Advogados do Brasil;
d) 01 (um) representante da Comissão da Justiça e Paz;
e) 01 (um) representante da Universidade Federal do Espírito Santo;
f) 01 (um) representante da Federação das Indústrias do Espírito Santo;
g) 01 (um) representante da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Espírito Santo;
h) 01 (um) representante da Federação das Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo;
i) 01 (um) representante dos Servidores da Polícia Civil, indicado pelo Sindicato;
j) 01 (um) representante dos Servidores da Polícia Militar, indicado em comum acordo pela Associação de Cabos e Soldados da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo e

pela Associação de Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Espírito Santo;
l) 01 (um) representante das entidades de Direitos Humanos com atuação no Estado, indicado pelo Movimento Nacional dos Direitos Humanos – Região Leste II;
m) 01 (um) representante da Associação dos Municípios do Estado do Espírito Santo – AMUNES;
o) 01 (um) representante da Associação Evangélica Brasileira AEVB.

CAPÍTULO III
Das Atribuições do Pessoal

Art. 4º – Compete ao Presidente:
a) convocar e presidir as reuniões do conselho,
b) aprovar as pautas das reuniões, orientando os trabalhos;
c) submeter à apreciação do Colegiado o expediente em pauta;
d) submeter à apreciação do plenário as atas das reuniões;
e) assinar as resoluções do Conselho;
f) convocar as reuniões extraordinárias;
g) propor as questões de ordem e apurar o resultado da votação em plenário;
h) convidar os membros temporários;
i) justificar as faltas dos Conselheiros;
j) encaminhar ao Governador do Estado, após decisões do Conselho, solicitação para abertura de processo administrativo de caráter especial, na forma do art. 11, da Lei complementar nº 99/1997;
k) delegar competência a um dos membros para presidir a reunião do Conselho.
Parágrafo único – Ao Presidente do Conselho fica assegurado o voto de qualidade.

Art. 5º – Compete aos Conselheiros:
a) comparecer às reuniões plenárias, ordinárias e extraordinárias, quanto convocados;
b) discutir e votar a matéria constante da ordem do dia, inclusive aquela para a qual tenha sido designado relator;
c) devolver ao presidente os processos devidamente instruídos;
d) pedir vistas dos processos submetidos a discussão e proferir seu voto, por escrito, quando vencido;
e) apresentar, discutir, votar proposições e resoluções a serem apreciadas pelo plenário do Conselho.

CAPÍTULO IV
Das Reuniões

Art. 7º – O Conselho Superior de Gestão da Segurança Pública – CONGESP, reunir-se-á, ordinariamente, no primeiro dia útil de cada mês e, extraordinariamente, sempre que o interesse público o exigir, mediante convocação do seu Presidente.

Art. 8º – As reuniões do plenário terão duração de até duas horas podendo, eventualmente, serem prorrogadas por mais uma hora, mediante requerimento de qualquer de seus membros.
Parágrafo único – Havendo impedimento de qualquer ordem para realização da reunião em data pré-fixada, esta se realizará no primeiro dia útil subsequente.

Art. 9º – Os membros permanentes ou temporários não perceberão quaisquer remuneração ou vantagem, seja a que título for, pela participação nas reuniões do Conselho.

Art. 10 – A participação no Conselho é irrecusável para os membros permanentes e reconhecida como relevante contribuição para a causa pública para os membros temporários.

Art. 11 – As deliberações do Conselho serão tomadas por maioria simples, garantindo o quorum mínimo de nove membros.

Art. 12 – A eventual impossibilidade de comparecimento do membro à sessão deverá ser comunicada ao Presidente com a possível antecedência.

Art. 13 – Para as reuniões ordinárias, o Secretário Executivo remeterá aos membros do Conselho, com antecedência mínima de oito dias, a respectiva pauta.

CAPÍTULO V
Dos Trabalhos do Conselho

Art. 14 – A ordem dos trabalhos das reuniões do Conselho terá a seguinte seqüência:
a) abertura da reunião pelo Presidente;
b) verificação do número de presença;
c) leitura da ata da reunião de presença;
d) leitura do expediente e a seguir a ordem do dia, distribuição dos processos, por sorteio e/ou designação do Presidente;
e) debate sobre a ordem do dia.

Art. 15 – As atas deverão sempre expressar, com fidelidade, tudo quanto for discutido e deliberado nas reuniões e, uma vez aprovadas, serão assinadas pelo Presidente e demais membros.

Art. 16 – O Conselheiro apresenta o seu relatório por escrito.
Parágrafo único – Tratando-se de matéria urgente, como tal considerado pelo Plenário ou Presidente, este deverá designar um membro para relatá-la verbalmente.

Art. 17 – As decisões do Conselho serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente, o voto de desempate.

Art. 18 – As votações serão nominais.

Art. 19 – Todos os pareceres e questões de ordem, com os respectivos resultados, serão transcritos em ata, de modo sucinto, mas sem comprometer a fidelidade do assunto respectivo.
Parágrafo único – As restrições e retificações de alta serão ditadas pelo Conselho que der origem as mesmas.

Art. 20 – A dúvida sobre dispositivos legais e do Regimento considera-se "questão de ordem". As "questões de ordem", poderão ser solicitadas a hora do expediente e não podem ultrapassar o prazo de 02 (dois) minutos para sua formulação.
Parágrafo único – A "questão de ordem" pode ser rejeitada pelo Presidente. Sendo aceita, deverá ser resolvida de imediato ou num prazo superior de 03 (três) dias.

Art. 21 – Não será permitido o aparte: a palavra do presidente; por encaminhamento da votação, enquanto o Conselheiro que estiver fazendo uso da palavra; salvo se permitido pelo orador.
Parágrafo único – No aparte será permitido discussão paralela e, serão registrados em atas os apartes feitos em desacordo com os dispositivos regimentais.

CAPÍTULO VI

Art. 22 – As decisões emanadas do plenário do Conselho serão tomadas sob forma de resoluções, assinadas

pelo Presidente, e terão numeração seqüencial, distribuída a cada membro do CONSGESP.

Art. 23 – Os casos omissos serão resolvidos pelo Presidente, ouvido os membros permanentes.

Art. 24 – O presente Regimento Interno entrará em vigor na data de sua publicação.

Vitória, 27 de março de 1998.

DECRETO 4.252-N, de 27.03.1998 (REVOGADO)

- *Revogado pelo Decreto nº 947-R, de 03.12.2001.*

Dispõe sobre recrutamento e seleção através de concurso público na administração pública estadual de valores para contratação de profissionais que atuem no processo seletivo e dá outras providências

---

DECRETO Nº 4.246-N, de 23.03.1998

Aprova os dísticos do Curso de Polícia Interativa

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso dos atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 13.252.887/1998, decreta:

Art. 1º – Ficam aprovados os dísticos do Curso de Polícia Interativa, que serão usados pelos Oficiais e Praças que tenham concluído curso específico no área de Polícia Interativa, ministrado pelo Setor de Ensino e Instrução da PMES.

Art. 2º – O dístico de "Instrutor" será usado pelos Oficiais e o de "Multiplicador" pelas Praças.

Art. 3º – Os dísticos. nos formas apresentados no anexo deste Decreto, passam a constar do Regulamento de Uniformes e Insígnias da PMES.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se os disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 23 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 26.03.1998)

DECRETO Nº 4.258-N, de 14.04.1998

Aprova normas que disciplinam procedimentos de sistema de administração de material nos órgãos da Administração Direta

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam aprovadas as normas constantes deste Decreto que disciplina os procedimentos do sistema de administração de material nos órgãos da Administração Direta do poder executivo estadual.

Art. 2º – Os órgãos da administração indireta ficam sujeitos ao disposto no art. 1º até que sejam estabelecidas normas próprias.

Art. 3º – A execução dessas normas terá supervisão e orientação da Coordenação de Administração Geral – CAD da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos.

Art. 4º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário especialmente o Decreto nº 3.091-N, de 27.12.1990.

Palácio Anchieta, em Vitória, 14 de abril de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado.

NORMAS DE ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAL

CAPÍTULO I
Das Disposições Preliminares

Art. 1º – O apoio às Secretarias de Estado da Administração Direta, mediante a prestação de serviço-meio necessário ao seu funcionamento regular, é prestado, de forma centralizada, pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, por intermédio dos Grupos Setoriais.

Art. 2º – A presente norma objetiva propiciar o estabelecimento de uma política de padronização do procedimentos na administração de material e tem por finalidade o planejamento, o controle e a coordenação de todas as atividades ligadas a compra, ao recebimento, à distribuição e ao controle dos estoques de material.
Parágrafo único – Caberá aos Almoxarifados Setoriais as atividades de:
– requisição de compras;
– recebimento;
– conferência;
– registro;
– armazenagem;
– distribuição, e
– inventário.

CAPÍTULO II
Da Requisição de Compra

Art. 3º – O formulário Requisição de Materiais ou Contratação de Serviços – RMCS (Anexo I) é o documento hábil para solicitação de compra de materiais ou contratação de serviços.

Art. 4º – O Almoxarifado verificará a necessidade de reposição de estoque encaminhará a RMCS ao Setor de Compras.
Parágrafo único – No caso de compras de material inexistentes em estoque, o Almoxarifado receberá a Requisição Interna de Materiais – RIM (Anexo II) e encaminhará ao CDS/GORS para as providência junto ao Setor de Compras.

CAPÍTULO III
Do Recebimento do Material

Art. 5º – Todo material adquirido pelo órgão, seja de consumo ou permanente, deverá obrigatoriamente transitar

pelo seu Almoxarifado, que fará conferência e atestará recebimento no verso da Nota Fiscal através de carimbo padronizado (Anexo III).

Art. 6º – Os materiais que, devido a sua natureza, volume ou peso, devem ser entregues nos próprios locais de utilização, em caráter excepcional, serão recebidos na presença de um representante do Almoxarifado, que fará conferência e atestará recebimento no verso da Nota Fiscal através de carimbo padronizado (Anexo III).

Art. 7º – O material adquirido, no ato da entrega, deverá obrigatoriamente estar acompanhado de 02 (duas) vias da Nota Fiscal (1ª e 2ª Via), que deverá ter discriminado o nº da Autorização de Compras (Anexo IV).

Art. 8º – Em se tratando de recebimento de bens patrimoniais, móveis (material permanente), deverá ser providenciada a imediata comunicação ao Setor de Patrimônio do Órgão, através do envio de uma via da Nota Fiscal respectiva ou de sua cópia, objetivando o registro patrimonial e a plaqueta de identificação, após o aceite definitivo.

Art. 9º – Todo e qualquer material só estará em condições de ser recebido quando for entregue em perfeito estado e de acordo com as especificações constante da Autorização de Compras e da Nota Fiscal.

CAPÍTULO IV
Da Conferência do Material

Art. 10 – O responsável pelo recebimento do material deverá proceder à sua conferência quantitativa e de preço, com base nas especificações constantes na 1ª via da Autorização de Compras e da Nota Fiscal.

Art. 11 – Caso o material recebido dependa de vistoria para sua aceitação, o Almoxarifado, no prazo máximo de quarenta e oito horas, solicitará ao setor requisitante as providências necessárias para o aceite definitivo, no prazo máximo de dez dias úteis.

CAPÍTULO V
Do Registro Do Material

Art. 12 – Todo material do Almoxarifado será registrado individualmente e os lançamentos de entrada, saída e saldo de estoque deverão estar sempre atualizados.

CAPÍTULO VI
Da Armazenagem

Art. 13 – Todo material recebido deverá ser armazenado no Almoxarifado em local adequado e etiquetado com o nome, o código do material e sua localização.
Parágrafo único – É proibido a armazenagem de materiais explosivos ou botijões de gás dentro do Almoxarifado. As botijas de gás devem ser armazenadas em local aberto, com uma identificação visível de "Proibido Fumar" e "Inflamável", e os explosivos armazenados de acordo com orientação do Corpo de Bombeiros.

CAPÍTULO VII
Da Distribuição do Material

Art. 14 – O único documento hábil para requisitar materiais nos Almoxarifados é a Requisição Interna de material – RIM (Anexo II).

Art. 15 – Os bens patrimoniais de pequeno valor serão fornecidos, mediante requisição interna de material e de um termo de responsabilidade, assinado pelo servidor que irá utilizá-lo.

CAPÍTULO VIII
Do Inventário

Art. 16 – Anualmente deverá ser feito o inventário geral dos bens do Almoxarifado.

Art. 17 – O inventário de materiais pode ser geral e/ou físico. O inventário geral é o levantamento físico/contábil/técnico com o objetivo de comparar os registros com o estoque físico. O inventário físico e rotineiro o deve ser feito entre período certos.

Art. 18 – O inventário deverá ser executado por uma comissão, composta de no mínimo três membros, por designação superior, e que atuem nas seguintes áreas do órgão inventariado:
a) Setor Administrativo, GDS/GDRS.
b) Setor Financeiro/Planejamento, GFS/GPO.
c) Outro Setor, a critério do titular da Pasta.

PROCEDIMENTOS DO ALMOXARIFADO

1 – RECEBIMENTO
1.1 – Receber (mesmo sem garantir o aceite) todos os materiais que chegarem no Almoxarifado (comprado, doado, cedido, permutado, emprestado ou de qualquer outra maneira), desde que esteja acompanhado de documentação de procedência ou Nota Fiscal e nas condições exigidas nestas normas;
1.2 – Supervisionar a entrega de materiais que, por sua natureza ou motivos justificados, devam ser recebidos no próprio local de uso pelo requisitante;
1.3 – Quando tratar-se de materiais ou equipamentos técnicos específicos, o Almoxarifado solicitará, dentro do prazo de quarenta e oito horas, o pronunciamento de técnico especializado (pode pertencer ao setor requisitante) e só receberá o referido material, após liberação pelo técnico ou pelo setor solicitante, garantindo que o material confere com as especificações;
1.4 – Caso não seja emitido o laudo técnico especializado no prazo máximo de dez dias úteis a partir da data da solicitação, a inspeção deverá ser feita pelo pessoal do Almoxarifado que fará o recebimento do material incorporando-o ao estoque e responsabilizando o setor requisitante por qualquer irregularidade constatada a posterior.

2 – CONFERÊNCIA
2.1 – Desembalar, se necessário e conferir todos os materiais que derem entrada no Almoxarifado ou que são entregues no local do requisitante de acordo com a documentação que o acompanha ou Nota Fiscal;
2.2 – Conferir as condições de quantidade, preço, prazos de entrega, de validade, se possui manual de instruções (no caso de máquinas ou equipamentos) e os dados da Nota Fiscal em duas vias com a Autorização de Compras – AC (Anexo IV), para verificar se o material comprado está sendo entregue conforme as exigências do pedido, inclusive selecionando amostras do material para contagens e vistorias mais apuradas;
2.3 – Caso o material esteja dentro das especificações de Bem Patrimonial Móvel (material permanente), deverá ser providenciada a imediata comunicação ao Setor de Patrimônio do Órgão, através do envio de uma via da nota fiscal respectiva ou de sua cópia, objetivando o registro

patrimonial e a plaqueta de identificação, após o aceite definitivo;
2.4 – Havendo constatação de irregularidades após o recebimento ou durante a conferência do material, comunicar o fato imediatamente à chefia superior;
2.5 – Carimbar e assinar todas as vias da Nota Fiscal, caso o material esteja em condições de ser aceito, responsabilizando-se pelo recebimento através de carimbo padronizado (Anexo III);
2.6 – Encaminhar uma via da Nota Fiscal carimbada e assinada com o aceite ao GDS/GDRS e arquivar a outra em pasta própria;
2.7 – Compras ou entregas parceladas só terão aceite normal se estiverem previstas na Autorização de compras e na Nota Fiscal;
2.8 – O material não aceito, total ou parcialmente, (por qualquer motivo) deve ser devolvido em até quarenta e oito horas ao fornecedor, sendo comunicado imediatamente o setor responsável pelas compras;

3 – REGISTROS
3.1 – Os registros de "Controle de Estoque" deverão Ter as seguintes informações, para entrada do material no Almoxarifado:
3.1.1 – Data de entrada, nº da Nota Fiscal, nome do fornecedor, quantidade adquirida, preço unitário e o preço total;
3.1.2 – Calcular o preço médio ponderado, dividindo-se o total dos valores (valor do estoque + valor da aquisição) pelo quantidade (total do saldo em estoque + o total da quantidade adquirida), fazendo-se constar o novo preço médio apurado na coluna própria DO SALDO DO ESTOQUE.

4 – ARMAZENAGEM
4.1 – Todo material deverá ser armazenado nas seguintes condições:
4.1.1 – Obedecer as Normas Federais de Segurança (NFS) determinadas para as atividades de Almoxarifado;
4.1.2 – Instituir uma codificação própria para cada prateleira, escaninho, estantes e divisórias, anotando nas fichas de prateleiras e de Controle de Estoque.

5 – REQUISIÇÃO DE COMPRAS
5.1 – Sempre que o estoque de materiais estiver na quantidade de "Estoque Mínimo", deverá ser solicitada a Requisição de Compras de materiais ou Contratação de Serviços – RCMS (Anexo I) ao Setor de Compras. O Almoxarifado deve informar ao setor de compras, baseado nos pedidos feitos através das Requisições Internas de Materiais – RIM (Anexo II) quais os itens necessários para recompor o estoque;
5.2 – A programação de compras deve ser feita a partir dos dados obtidos nas Requisições Internas de Materiais – RIM (Anexo II), recebidas pelo Almoxarifado;
5.3 – Na escolha do material para compra devem ser contemplados, sempre que possível os itens padronizados, de uso comum aos vários Órgãos;

6 – CONTROLE DE ESTOQUE
6.1 – Deverá ser feito diariamente o registro, em formulário próprio de toda movimentação de materiais no Almoxarifado, manualmente ou através de sistema informatizado;
6.2 – Mensalmente deverá ser elaborado o registro de consumo interno ou o mapa de entrada e saídas de materiais, discriminando os valores movimentados por setores e por materiais, que será encaminhado até o 5º dia útil do mês subsequente ao setor responsável para atender ao Tribunal de Contas e a Secretaria de Estado da Fazenda;
6.3 – Elaborar tabelas de dados estatísticos com informações sobre consumo por itens, por setores e por períodos;
6.4 – Solicitar aos setores do órgão o envio ao setor de compras a previsão dos eventos, quando houver, que deverão estabelecer as cotas extras de materiais, para que esses eventos entrem na programação de compras;
6.5 – A distribuição dos itens, conforme o consumo, pode ser:
6.5.1 – Distribuição regular – itens que podem ser analisados com os parâmetros matemáticos de previsão automática para reposição;
6.5.2 – Distribuição irregular – itens cuja freqüência de consumo não permite análise estatística, pede um tratamento individual. Planejar a reposição, requer observação do comportamento na distribuição dia a dia;
6.5.3 – Distribuição de não aprovisionável – itens de uso esporádico, não requer estocagem e nem previsão para a reposição.
6.6 – Observar a movimentação dos estoques para elaborar cálculos de estoques mínimo e máximo, utilizando-se a seguinte fórmula:
– Nomenclatura
– Cálculos
– CMM – Consumo Médio Mensal
– Emín – Estoque mínimo;
– Emín = 2 x CMM;
– Emáx – Estoque máximo;
– Emáx = 3 x CMM;
– QA – Quantidade a Adquirir;
– QA = (Emáx – SE) + (Emín – SE);
– SE – Saldo Existente.

7 – DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAIS
7.1 – O Almoxarifado deverá distribuir o material de acordo com a solicitação dos diversos setores do Órgão;
7.2 – O documento hábil para fazer a solicitação de material é a Requisição Interna de Material – RIM (Anexo II), (IOP…) em blocos de duas vias, numeradas em seqüencial e devidamente preenchida com a quantidade solicitada, código, descrição sumária dos itens de acordo com o Catálogo de Materiais e a data do pedido. A numeração do RIM tem como limite o total de 05 (cinco) dígitos;
7.3 – Não podem ser feitas rasuras ou rabiscos na RIM;
7.4 – O material só será entregue ao usuário mediante a apresentação da RIM devidamente preenchida e assinada pelo servidor autorizado para solicitar materiais;
7.5 – Em caso de Unidades Regionais (ou Núcleos) localizados no interior do Estado, o servidor responsável pela solicitação de materiais deve assinar a RIM e trazê-la (ou enviar por um portador com a devida identificação) para que possa receber o material;
7.6 – O Almoxarifado deve estabelecer um calendário de atendimentos por escrito. Informar aos setores do Órgão que só fará entrega nos dias e horários indicados no calendário com exceção ao pessoal do interior e casos de caráter excepcional, previamente autorizado por superiores;
7.7 – Os Bens Patrimoniais Móveis de Pequeno Valor serão entregues mediantes RIM e o Termo de Responsabilidade preenchido e assinado pelo servidor indicado para ser responsável pelo bem;
7.8 – A saída de material do Almoxarifado é caracterizada pela baixa no estoque, isto é, o registro imediato na ficha de Controle de Estoques;

7.9 – Quando os materiais por qualquer motivo, forem inutilizados (desuso, desgaste, extravio, alienação ou outros), deverá ser comunicado o fato ao Departamento de Patrimônio Estadual – DPE/SEAR e solicita a baixa do referido material;
7.10 – O DPE/SEAR possui normas regulamentadoras para orientar todo o processo de baixa, de acordo cada peculiaridade;
7.11 – Se o material a ser entregue pelo Almoxarifado for similar ao solicitado na RIM o setor somente através de sua gerência, deve atestar na RIM se este substitui perfeitamente o outro com a mesma satisfação.

8 – INVENTÁRIO
8.1 – Executar os inventários físico, técnico ou geral, conforme o cronograma elaborado e determinado pela Gerência de Materiais do Órgão;
8.2 – Levantar quantitativamente todo o estoque, observando discrepância quanto a:
8.2.1 – Quantidade física diferente das quantidades nos registros de controle de estoque;
8.2.2 – Material igual com código diferente;
8.2.3 – Material sem identificação (ou com código incorreto);
8.2.4 – Material existente sem registro contábil na ficha de Controle de Estoque;
8.2.5 – Material registrado na ficha de controle de estoque, com saldo de estoques inclusive, porém não existe mais;
8.2.6 – Material cedido por empréstimo e não recuperado;
8.2.7 – Material obsoleto ou com tendência a ficar obsoleto;
8.2.8 – Material deteriorado ou danificado;
8.2.9 – Material sem a devida preservação/conservação ou com embalagens danificadas deteriorando o material;
8.2.10 – Materiais inservíveis ou alienáveis.
(SEPARATA AO BCG Nº 017, de 07.05.1998)

DECRETO Nº 2.532, de 30.03.1998

Dá nova redação ao §1º do art. 28 do Decreto nº 2.222/1997

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição Federal, e tendo em vista o disposto no art. 19 da lei nº 9.437, de 20.02.1997, decreta:

Art. 1º – O §1º do art. 28 do decreto nº 2.222, de 08.03.1997, passa a vigorar com a seguinte redação:
"§1º – Os policiais civis e militares e os bombeiros militares, quando no exercício de suas atividades ou em trânsito, poderão portar arma de fogo em todo o território nacional, desde que expressamente autorizados pela autoridade responsável pela ação policial no âmbito da respectiva unidade federada." (NR)

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Fica revogado o parágrafo único do art. 27 do Decreto nº 2.222, de 08.05.1997.

Brasília, 30 de março de 1998.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

(D.O.U. 31.03.1998)

DECRETO Nº 7.126-E, de 24.04.1998

Institui o grupo de trabalho para propor a regulamentação do Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO DO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Grupo de Trabalho para propor a regulamentação do Sistema Estadual de Conservação do Estado do Espírito Santo, criado através da Lei nº 4.701/1992. com a finalidade de definir uma estrutura institucional, categorias de manejo, mecanismos de criação, implantação e gestão para as áreas naturais protegidas.

Art. 2º – O grupo de trabalho será composto de representantes das seguintes Instituições:
I – Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente – SEAMA;
II – Secretaria de Estado da Agricultura através do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do ESPÍRITO Santo – IDAF;
III – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;
IV – Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente – ANAMMA;
V – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES;
VI- Museu de Biologia Prof. Mello Leitão; e
VII – Companhia de Polícia Ambiental.

Art. 3º – A coordenação do Grupo de Trabalho, objeto deste Decreto, ficará a cargo da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente.

Art. 4º – Cada Instituição deverá indicar dois membros para representá-la no Grupo de Trabalho, sendo um Titular e um Suplente.

Art. 5º – O Grupo de Trabalho tem um prazo de seis meses a partir da publicação deste Decreto para cumprir com os seus objetivos, ficando possibilitado a este convidar outras Instituições no decorrer dos trabalhos, caso necessário.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de abril de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 27.04.1998)

DECRETO Nº 4.270-N, de 30.04.1998

Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Policia Militar do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, e o art. 56 da Lei nº. 3.044, de 31.12.1975 e ainda o que consta no processo nº 1.349.144.490/1998, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Policia Militar do Estado do ESPÍRITO Santo, na forma do anexo deste Decreto.

- *O Anexo será consultado no Diário Oficial ou na PM-1.*

Art. 2º – O Comandante Geral da Polícia Militar baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado por este Decreto.

Art. 3º – Fica inserida no art. 5º**,** §1º, do Decreto nº 3.317-N de 24.02.1992, a letra "u", com a seguinte redação:
"Art. 5º – (…)
§1º – (…)
(…)
u) a Quarta Companhia Independente de Policia Militar (4ª Cia Ind.), com sede no Município de Barra de São Francisco."

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de abril de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 04.05.1998)

DECRETO Nº 4.265-N, de 22.04.1998

Fica instituído o Projeto de Desenvolvimento e Implantação do Sistema Integrado de Administração dos Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo – SIARHES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, II da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Projeto de Desenvolvimento e Implantação do Sistema Integrado de Administração dos Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo – SIARHES no âmbito da Administração Direta e Indireta (Autarquias e Empresas Públicas que recebam recursos do Tesouro) do Poder Executivo, o qual será gerenciado conforme modelo de gestão constante do anexo único.

Art. 2º – O modelo de gestão compõe-se de 2 (dois) comitês: o Comitê Diretivo e o de Usuários.

Art. 3º – O Comitê Diretivo é composto pelo Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos – SEAR e pelo Diretor Presidente da Empresa de Processamento de Dados do Estado do Espírito Santo – PRODEST.
Parágrafo único – Ao Comitê Diretivo compete:
a) estabelecer estratégias de ação;
b) promover articulação política;
c) promover recursos necessários ao projeto;
d) aprovar solução proposta pela gerência do projeto no tocante a tecnologia e sistema de informação;
e) aprovar planos de trabalho (metas e prazos);
f) negociar e assinar contratos.

Art. 4º – O Comitê de Usuários é composto pelos responsáveis da área de recursos humanos indicados pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, Secretaria de Estado da Educação. Secretaria de Estado da Fazenda, Auditoria Geral do Estado, Polícia Militar, Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro e Instituto Estadual de Saúde Pública.
Parágrafo único – Ao Comitê de Usuários compete:
a) estabelecer as características do sistema de recursos humanos almejado;
b) participar do processo de busca de solução. avaliando produtos e propondo adaptações necessárias;
c) participar do estabelecimento da estratégia de implantação do sistema;
d) participar da elaboração dos planos de trabalho.

Art. 5º – A atuação dos Comitês se dará através de reuniões ordinárias bimensalmente com a gerência do projeto e extraordinariamente, quando necessário.

Art. 6º – A gerência do projeto está a cargo da Assessoria de Informática da Secretaria de Administração e dos Recursos Humanos e da Diretoria Técnica e Gerência de Sistema da PRODEST.
§1º – Quando da implantação do projeto em Órgãos da Administração Indireta, no Corpo de Bombeiros e na Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, a gerência do projeto será acrescida de um representante do órgão em questão.
§2º – À gerência do projeto compete:
a) propor solução a ser utilizada no tocante à tecnologia e sistema de informação;
b) propor estratégia de implantação do sistema de informação;
c) promover a comercialização da solução a ser adotada;
d) elaborar os planos de trabalho, prevendo metas, prazos e recursos necessários (humanos e materiais);
e) acompanhar a execução dos planos de trabalho, observando atendimento à qualidade e prazo a estabelecidos e corrigido desvios, caso existentes;
f) prover de informações relativas ao planejamento e andamento do projeto, o Comitê Diretivo e de Usuários.
§3º – A atuação da Gerência do projeto se dará através de reuniões mensais com os grupos de trabalho, de reuniões mensais entre Gerentes e de reuniões extraordinárias, quando necessário.

Art. 7º – Serão constituídos grupos de trabalho, formados por técnicos de informática, técnicos de recursos humanos e administradores que executarão os planos de trabalho estabelecidos pela Gerência do projeto, no tocante ao Sistema Informatizado, à estruturação organizacional, estabelecido de procedimentos, recuperação de dados, estruturação do ambiente computacional e outros que se fizerem necessários.

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 22 de março de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 23.04.1998)

ANEXO ÚNICO AO DECRETO Nº 4.265-N, de 22.04.1998

SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – SIARHES

MODELO DE GESTÃO

COMITÊ DIRETIVO
SEAR – SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
PRODEST – Diretor – presidente
COMITÊ usuário SEAR SEDU SEFA PM AGE IESP IPAJM
Gerência
SEAR
PRODESTE
ASSESSORIA TECNICA DE SISTEMAS INFORMÁTICA
DIRETORIA GERÊNCIA DE

GRUPO DE TRABALHO Estruturação e procedimentos de
GRUPO DE TRABALHO Sistema e recuperação de dados

GRUPO DE TRABALHO Recuperação de Dados Computacional de Arquivos manuais
GRUPO DE TRABALHO Ambiente

(DOE de 23-04-98)

DECRETO Nº 7.132-E. de 07.05.1998

Altera o Decreto nº 1.568-E/1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no processo nº 13.542.734/1998, decreta:

Art. 1º – O §1º, do art. 4º do Decreto nº 1.568-E. de 26.12.1977, modificado pelo decreto nº 4.824-E. de 20.05.1991, passa a viger com a seguinte redação:
"Art. 4º– (…)
§1º – Anualmente, não excederá a 30 (trinta) o número de agraciados, devendo um número de 20 (vinte) pertencer aos Quadros da PMES."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 04.05.1998.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta. em Vitória, 07 de maio de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 08.05.1998)

DECRETO Nº 4.289-N, de 15.06.1998

Provimento de acesso dos órgãos do Poder Executivo Estadual à INTERNET

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso V, da Constituição Estadual, e considerando a necessidade de disciplinar o acesso a INTERNET, bem como a utilização de seus serviços pelo Poder Executivo do Estado, decreta:

Art. 1º – O provimento de acesso dos órgãos do Poder Executivo Estadual à INTERNET será procedido através de recursos disponibilizados pelo Governo do Estado, em convênio com a Rede Nacional de Pesquisa – RNP, utilizando servidor WEB localizado no Palácio Anchieta, conectado por linha privada – LPCD, de 128K, que faz a conexão entre a Sede do Governo e o ponto de presença INTERNET-POP-ES, localizado em Carapina.

Art. 2º – Os Órgãos integrantes e vinculados ao Poder Executivo da Administração Pública Estadual deverão utilizar normas e domínios registrados pelo Governo do Estado, no âmbito do sub-domínio *es.gov.br*, para a veiculação das *Home Pages* – páginas próprias e para o uso de *e-mail* – correio eletrônico e de outros serviços proporcionais pela INTERNET.

Art. 3º – Revogado.

- *Revogado pelo Decreto nº 029-R, de 29.03.2000*

Art. 4º – Todas as *Home Pages* dos órgãos abrangidos pelo art. 2º deste Decreto deverão conter, além dos dados específicos da instituição, as especificações próprias de sua vinculação no âmbito da Administração Pública Estadual, o brasão e as armas do Estado, o endereço eletrônico para sugestões, observações ou críticas, a data da última atualização da página, o dispositivo de registro de visitas – contadores e o botão de acesso (link) à página principal do Governo do Estado.

Art. 5º – Revogado

- *Revogado pelo Decreto nº 029-R, de 29.03.2000*

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 15 de junho de 1998

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 16.06.1998)

DECRETO Nº 4.294-N, de 01.07.1998

Altera o Decreto nº 1.522-E/1977

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da constituição Estadual, o art. 49, §3º da Lei nº 3.044/1975

e ainda o que consta do Processo nº 13.362.720/1998, decreta:

Art. 1º – Fica acrescido ao art. 1º, §1º do Decreto nº 1.522-E, de 06.01.1977, o item IX, com a seguinte redação:
"Art. 1º – (…)
§1º – (…)
(…)
IX – QPMP-0/P – Combatente Peculiar."

Art. 2º – Os Cabos, Terceiros e Segundos Sargentos da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, beneficiados por promoção peculiar, exceto os da QPMP-6 – Auxiliar de Saúde, passarão a integrar o QPMP-0/P – Combatente Peculiar.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 01 de julho de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado.

(D.O.E. 02.07.1998)

DECRETO Nº 4.295-N, de 02.07.1998.(REVOGADO)

Revogado pelo art. 3º do Decreto nº 4.392-N, de 01.1.1999

Revogado pelo art. 3º do Decreto nº7.392, de 01.01.002

Dá nova redação ao art. 2º do Decreto nº 866-N/1976

DECRETO Nº 7.220-E, de 29.07.1998

Dispõe sobre a instituição de Comissão para o fim de promover a integração das ações necessárias ao processo de municipalização do trânsito

O Governador do Estado do Espírito Santo, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituída a Comissão Paritária, de caráter transitório, com participação de 04 (quatro) representante do Estado e de igual número de representantes do Município de Vitória, para o fim de promover a integração das ações necessárias ao processo de municipalização do trânsito

Art. 2º – Constituem a Comissão o Procurador Geral do Estado, o Diretor Geral do Departamento Estadual de Trânsito, o Comandante Geral do Batalhão de Policia de Trânsito da Grande Vitória, o Secretário de Estado da Fazenda e, por indicação do Prefeito Municipal, os representantes do Município de Vitória.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

Art. 4º – Revogam-se as disposições em Contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de julho de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 30.07.1998)

DECRETO Nº 7.238-E, de 11.08.1998

Cria o Programa Estadual de Proteção a Vítimas e Testemunhas de Infrações Penais e aprova seu Regimento interno

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe foi outorgada pelo Art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo nº 14.080.480/1998, decreta:

Art. 1º – Fica criado o Programa Estadual de Proteção a Vítimas e Testemunhas de Infrações Penais – PROVITA-ES, conforme disposto no art. 1º da Lei nº 5.375, de 20.01.1997, e aprovado o seu Regimento Interno que com este Decreto se publica.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua Publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de agosto de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 12.08.1998)

REGIMENTO INTERNO DO PROGRAMA DE APOIO E PROTEÇÃO ÀS TESTEMUNHAS, VITIMAS E FAMILIARES DE VITIMAS DA VIOLENCIA NO ESPÍRITO SANTO

CAPÍTULO I
Denominação, Sede, Duração, Natureza e Objetivos

.**Art. 1º –** O Programa de Apoio e Proteção às Testemunhas. Vítimas e Familiares de Vítimas da Violência no Espírito Santo – PROVITA/ES e resultado da conjunção de esforços de diversos autores sociais e institucionais na busca da defesa e promoção dos direitos humanos, através de soluções efetivas para o combate a impunidade e a violência que atinge a todos os cidadãos capixabas.

Art. 2º – O PROVITA/ES faz parte de uma articulação de nível nacional. envolvendo vários estados da Federação, com a chancela do Ministério da Justiça e a assessoria e o monitoramento do Grupo de Assessoria Jurídica às Organizações Populares – GAJOPIPE.

Art. 3º – O Programa possui como objetivos e metas:
I – contribuir para o combate a impunidade relativa aos inúmeros crimes, destacando-se aqueles que envolvem ação do crime organizado e grupos de extermínio, além, dos excessos cometidos por agentes dos órgãos públicos de Justiça e Segurança;
II – contribuir para a segurança e garantia dos direitos a Testemunhas, Vítimas e Familiares de Vitimas da Violência, relacionadas com a ocorrência de homicídio tentado ou consumado, resultante de ação de grupo de extermínio, crime organizado e de excessos cometidos por agentes dos órgãos de Justiça e Segurança;
III – consumir e ampliar a Rede de Proteção, com locais e voluntários capacitados para prestarem apoio e proteção á Testemunhas, Vítimas e Familiares de Vítimas da Violência;

IV – desenvolver ações educativas para a defesa e promoção dos direitos humanos e da cidadania e superação da cultura do medo, características da população capixaba qualificando agentes sociais como multiplicadores de ações educativas para a defesa e promoção dos direitos humanos e da cidadania;
V– contribuir para a consolidação das Diretrizes da Lei Estadual 5.375/1997, que autorizou a criação do Programa Estadual de Proteção a Vítimas e Testemunhas de Infrações Penais;
VI – consolidar uma estrutura funcional/organizacional capaz de fornecer apoio e proteção aos beneficiários do Programa;
VII – oferecer apoio, acompanhamento, supervisão psicossocial e jurídica e proteção em local seguro e sigiloso aos beneficiários do programa.
§1º – O PROVITA/ES disporá de um local de atendimento/Centro de Referência, constituído de instalações adequadas. linhas telefônicas, fax, computadores e equipamentos necessários para a realização da triagem e atendimento dos casos.
§2º – A duração do Programa á por tempo indeterminado.

CAPÍTULO II
Da Estrutura Organizacional e dos Membros Efetivos

Art. 4º– São participantes responsáveis pelo programa:
I – Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I;
II – O Poder Executivo através da Secretaria de Estado de Justiça e de Cidadania;
III – Ministério Público.

Art. 5º – O PROVITA/ES será constituído pelas seguintes instâncias:
I – Conselho Consultivo (CONSEL);
II- Conselho Deliberativo (CONDEL).

Art. 6º – O Conselho Consultivo do PROVITA/ES será constituído por representante da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, Secretaria de Estado da Segurança Pública, Ministério Público, comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo, Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, Ordem dos Advogados do Brasil – seccional Espírito Santo, Comando Geral da Polícia Militar do Espírito Santo, Chefe Geral da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, Superintendência Regional da Polícia Federal, Comissão de Justiça e Paz da Polícia Federal, Comissão de Justiça e Paz da Arquediocese de Vitória, Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra, Conselho Estadual de Direitos Humanos, Associação Evangélica Brasileira – Seção do Espírito Santo e Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – Regional do Espírito Santo.
§1º – As entidades e órgãos que compõe o CONSEL indicarão 01 (um) representante efetivo e 01 (um) suplente.
§2º – O CONSEL será empossado pelo Senhor Governador do Estado do Espírito Santo.
§3º – Imediatamente à posse do CONSEL, o mesmo se reunirá extraordinariamente para eleger as outras três entidades da sociedade civil organizadora que comporão o Conselho Deliberativo bem como para eleger seu Presidente, Vice-Presidente e Secretário.
§4º – A Diretoria eleita para o CONSEL será a mesma do CONDEL.
§5º – Os cargos de Presidente, Vice-Presidente e Secretário.
§6º – A eleição do Presidente, Vice-Presidente e Secretário do CONSEL/CONDEL será feita por votação em maioria simples, no Conselho Consultivo.
§7º – O CONSEL se reunirá ordinariamente a cada três meses, e extraordinariamente sempre que se fizer necessário.
§8º – As reuniões do CONSEL serão convocadas pelo seu Presidente ou por maioria simples de seus membros.
§9º – O quorum para as reuniões do CONSEL será com a presença de 2/3 dos seus membros.
§10 – Os conselheiros do CONSEL terão um mandato de 02 (dois) anos, podendo ser reconduzido por igual período.
§11 – A substituição dos membros do CONSEL obedecerá o critério de 02 (duas) faltas consecutivas ou 03 (três) intercaladas sem justificativa, durante 01 (um) anos. A justificação da ausência deverá ser feita no prazo mínimo de 24 horas que antecede reunião.
§12– Os representantes designados pelas instituições/entidades participantes do Conselho Consultivo não serão remunerados.
§13 – Os membros do CONSEL não se solidarizam dívidas assumidas pela entidade gestora em favor do PROVITA/ES.
§14 – Terá direito a voz nas reuniões do CONSEL um representante da equipe multidisciplinar.

Art. 7º – Compete ao Conselho Consultivo:
I – avaliar o desempenho e a execução do Programa;
II – apreciar sobre a entrada e exclusão de entidades no Conselho Consultivo;
III – eleger, dentre seus membros, o Conselho Deliberativo;
IV – buscar apoio junto ao Ministério Público e ao Poder Judiciário, a fim de que seja dada a devida atenção aos casos que envolvam beneficiários do Programa;
V – sensibilizar e identificar parceiros realizando contatos com um público amplo e diversificado, no sentido de mostrar-lhes a importância do Programa para o combate a impunidade e conseqüente busca da paz social;
VI – aprovar e encaminhar aos órgãos competentes, propostas de modificações legislativas, em nível municipal, estadual e nacional, destinadas a facilitar o apoio e a proteção do público beneficiário do Programa, em conjunto com o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I;
VII – realizar, em conjunto com o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, a articulação nacional com a intenção de ampliar a discussão sobre a necessidade de criação de um sistema de apoio e proteção à testemunhas, vítimas e familiares de vítimas da violência, além de procurar identificar parceiros nacionais, nas áreas governamental não governamental e empresarial;
VIII – elaborar periodicamente o programa de atividades do CONSEL;
IX – sugerir diretrizes políticas amplas para a Proteção a Testemunhas no Estado do Espírito Santo.

Art. 8º – O Conselho Deliberativo será composto por 07 (sete) membros, sendo um representante do Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, Secretaria de Estado da Segurança Pública e Ministério Público e de três outras entidades da sociedade civil organizada, escolhidas dentre os membros participantes do Conselho Consultivo.
§1º – O Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, bem como a Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania e o Ministério Público são membros natos do Conselho Deliberativo por serem de participantes responsáveis pela execução do Programa.

§2º – Os conselheiros do Conselho Deliberativo terão um mandato de 02 (dois) anos, podendo ser reconduzido por igual período.
§3º – A diretoria do CONDEL será a mesma do CONSEL.
§4º – O Conselho Deliberativo se reunirá a cada 30 (trinta) dias ordinariamente e extraordinariamente sempre que se fizer necessário.
§5º – O quorum para as reuniões do CONDEL, será a presença de 2/3 de seus membros.
§6º – A substituição dos membros do CONDEL obedecerá ao critério de 03 (três) faltas consecutivas e 05 (cinco) faltas intercaladas no período de 01 (um) ano.
§7º– Os representantes designados pelas instituições/entidades participantes do Conselho Deliberativo não serão remunerados.
§8º – Os membros do CONDEL não se solidarizam com dívidas assumidas pela entidade gestora em favor do PROVITA/ES.
§9º – Terá direito à voz no CONDEL, um representante da equipe multidisciplinar.

Art. 9º – São atribuições do Conselho Deliberativo:
I – fiscalizar e supervisionar a execução do Programa;
II – promover a articulação entre os órgãos governamentais e as entidades envolvidas no Programa, a fim de que a testemunha/vítima não seja submetida a riscos desnecessários e para possibilitar uma maior eficácia do Programa, a fim de assegurar a integridade física dos beneficiários;
III – buscar apoio junto ao Ministério Público e ao Poder Judiciário, a fim de que seja dada a devida atenção aos casos que envolvam beneficiários do Programa;
IV – sensibilizar e identificar parceiros, realizando contatos com um público amplo e diversificado, no sentido de mostrar-lhes a importância do Programa para o combate à impunidade e conseqüência busca da paz social;
V – analisar e encaminhar ao CONSEL para apreciação, propostas de modificações legislativas, em nível municipal, estadual e nacional, destinadas a facilitar o apoio e a proteção do público beneficiário do Programa, em conjunto com o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I;
VI – realizar em conjunto com o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, a articulação nacional com a intenção de ampliar a discussão sobre a necessidade de criação de um sistema de apoio e proteção à testemunhas, vítimas e familiares de vítimas da violência, além de procurar identificar parceiros nacionais, nas áreas governamental, não governamental e empresarial;
VII – avaliar periodicamente cm conjunto com os demais órgãos responsáveis pelo Programa, a evolução do atendimento dos casos individuais, com o fim de definir a permanência ou não do beneficiário a permanência ou não do beneficiário no Programa, bem como os ajustes que se façam necessários para uma maior garantia de sua integridade física
VIII – elaborar periodicamente o programa de atividades do Conselho;
IX – aprovar o relatório do presidente do Conselho;
X – resolver todos os demais assuntos que não constam do presente Regimento Interno, de interesse do PROVITA/ES.

Art. 10 – Compete ao Presidente do CONSEL/CONDEL.
I – convocar e presidir as reuniões do Conselho Consultivo e Deliberativo;
II – preparar juntamente com a Secretaria do Conselho, as pautas das reuniões ordinárias e extraordinárias do CONSEL/CONDEL;
III – manter os conselhos informados dos assuntos atinentes ao Programa, resguardando o caráter sigiloso que cada caso requeira;
IV – convocar sessões públicas de interesse do Programa;
V – assinar os documentos do CONSEL/CONDEL, juntamente com o Secretário, quando necessário;
VI – decidir sobre qualquer fato urgente, dando após o conhecimento ao CONSEL/CONDEL.
Parágrafo único – Na sua falta ou impedimento, o presidente será substituído pelo vice-presidente por membro designado pelo CONDEL. Neste caso particular – da substituição do presidente ou vice por membro designado pelo Conselho – o período de tal substituição deverá ser devidamente documentado em ata.

Art. 11 – Compete ao Vice-Presidente do CONSEL/ CONDEL:
I – substituir o presidente em suas ausências ou impedimentos.

Art. 12 – Compete ao Secretário do CONSEL/CONDEL:
I – assessorar em vários níveis a presidência do CONSEL/CONDEL;
II – organizar as pautas e elaborar as atas das reuniões do Conselho Consultivo e Deliberativo, juntamente com o presidente;
III – transmitir à Coordenação do PROVITA/ES as decisões aprovadas nas reuniões do CONSEL/CONDEL.

CAPÍTULO III
Da Execução das Atividades do PROVITA/ES

Art. 13 – O PROVITA/ES em como entidade gerenciadora o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I.

Art. 14 – São atribuições da entidade gerenciadora do PROVITA/ES:
I – cumprir e fazer cumprir o convênio firmado entre SEJUC/MNDH – Regional Leste I para a implantação do PROVITA/ES;
II – coordenar e supervisionar o Programa;
III – administrar e representar ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente o PROVITA/ES;
IV – realizar pronunciamento público relativos ao Programa;
V – realizar, através de equipe multidisciplinar permanente a triagem dos casos encaminhados pelo Ministério Público. A equipe multidisciplinar terá como uma das atribuições, selecionar os casos para encaminhamento/atendimento psicossocial e jurídico aos beneficiários do Programa;
VI – remeter relatório periódico ao Secretário Geral da Anistia Internacional;
VII – comunicar ao empregador do beneficiário do Programa da necessidade de cooperação da vítima/testemunha e que é necessária a sua falta ao trabalho;
VII – promover a articulação entre os órgãos governamentais e as entidades envolvidas no Programa a fim de que a testemunha/vítima não seja submetida a riscos desnecessários para possibilitar uma maior eficácia do Programa, a fim de se assegurar a integridade física dos beneficiários;

IX – manter informado o benefício da tramitação do inquérito ou processo, assim como da situação jurídica daqueles a quem denunciou;
X – comunicar imediatamente ao beneficiário, informações advindas do sistema de justiça e segurança, referentes a eventuais casos de fuga ou liberação por ordem judicial daqueles a quem denunciou;
XI – buscar apoio junto ao Ministério Público e ao Poder Judiciário a fim de que seja dada a devida atenção aos casos que envolverem beneficiários do Programa;
XII – sensibilizar e identificar parceiros realizando contatos com um público amplo e diversificado, no sentido de mostrar-lhes a importância do Programa para o combate à impunidade e conseqüente busca da paz social;
XIII – efetivar convênios específicos para o funcionamento do Programa com os colaboradores e protetores, tendo como pressuposto capacidade bilateral de garantir o sigilo sobre as atividades desenvolvidas pelo Programa, particularmente em relação à identidade dos benefícios e aos locais de atendimento;
XIV – preservar todas as informações referentes a protetores e locais de atendimento, a quem vincula e a quem utiliza no apoio e implementação do Programa;
XV – ampliar a Rede e promover a sua alimentação permanente com novos protetores;
XVI – administrar os recursos financeiros do Programa mantendo o Conselho Deliberativo informado sobre as condições financeiras do Programa;
XVII – indicar, em conjunto com a Secretaria de Estado de Justiça e da Cidadania, um auditor que terá como atribuição verificar a cada final de bimestre, relatório de prestação de contas dos recursos financeiros do Programa para o CONDEL, Governo do Estado e Ministério da Justiça e para os órgãos que se fizerem necessário;
XVIII – elaborar projetos para a obtenção de recursos financeiros, criando e gerenciando o Fundo de Apoio a Testemunha, Vítimas e Familiares de Vítimas da Violência;
XIX – supervisionar o atendimento de todos os casos. O desenvolvimento da supervisão será feita em parceira com o Ministério Público nos casos em que criança ou adolescente seja o beneficiário, assim como os casos de benefícios envolvidos com práticas criminosas;
XX – encaminhar periodicamente ao Conselho Estadual da Criança e Adolescente, para seu conhecimento, boletim informativo com dados estatísticos do atendimento do Programa referente a criança e adolescentes;
XXI – elaborar e encaminhar ao CONDEL propostas de modificações legislativas em nível municipal, estadual e nacional, destinadas a facilitar ao apoio e a proteção ao público beneficiário do Programa;
XII – realizar a articulação nacional intenção de ampliar a discussão sobre a necessidade de criação de um sistema de apoio e proteção a testemunhas, vítimas e familiares de vítimas da violência, além de procurar identificar parceiros nacionais, nas áreas governamental, não governamental e empresarial;
XXIII – avaliar periodicamente, em conjunto com os membros do Conselho Deliberativo, a evolução do atendimento dos casos individuais, com o fim de definir a permanência, ou não do beneficiário no Programa de Proteção, bem como dos ajustes que se façam necessários para uma maior garantia a sua integridade física;
XXIV – avaliar mensalmente, em conjunto com Conselho Deliberativo, o desempenho do Programa e a necessidade de ajustes ou redirecionamento quando for o caso.

Art. 15 – São critérios para que uma pessoal venha a ser incluída como beneficiária do PROVITA/ES:
I – ser testemunha de homicídio, ou vítima de tentativa de homicídio ou, ainda, familiar de vítima de ocorrência desse tipo, possuindo a ocorrência criminal:
a) característica de violência institucional, isto é, quando a autoria for atribuída a pessoa investida de função pública, encarregada da aplicação da lei;
b) característica de grupo de extermínio, isto é, quando a autoria for atribuída a bando articulado para a prática de homicídios;
c) característica de ação de crime organizado, isto é, quando a autoria for atribuída a grupo organizado para a prática habitual de crimes.
II – que haja evidência de ameaça à vida ou à integridade física da testemunha, da vitima, ou de familiar da vítima, com o objetivo de impedi-la de depor ou de falsear a verdade, ou que o candidato a beneficiário do Programa, em face da situação analisada, tenha fundadas razões para temer sofrer dano físico;
III – que o candidato expresse vontade de ser atendido pelo Programa e cumpra integralmente o Termo de Compromisso firmado com a Coordenação do Programa, quando do seu ingresso neste, evitando ao máximo expor-se a riscos e submetendo-se a cumprir todas as normas de segurança, com as quais ele concordará previamente;

IV – que candidato forneça todas as informações possíveis referentes ao crime objeto de investigação ou instrução criminal com o qual esteja relacionado, na qualidade de vítima ou testemunha colaborando, dessa forma, para combater a impunidade.
Parágrafo único – Os demais casos não previstos no presente Regimento serão devidamente analisados pela entidade gestora do Programa e, se necessário, remetidos ao Conselho Deliberativo.

Art. 16 – São atribuições da Rede de Proteção:
I – cumprir integralmente as cláusulas/obrigações contidas no Termo de Compromisso firmado com o PROVITA/ES, referente ao acolhimento, para fins de guarda e proteção dos beneficiários do Programa;
II – acompanhar o beneficiário durante todo o período em que o mesmo esteja participando do Programa, sob sua responsabilidade para apoiar a adaptação do mesmo a sua nova realidade;
III – participar de reuniões periódicas com a Coordenação do Programa para avaliação e ajustes.

CAPÍTULO IV
Da Administração dos Bens Patrimoniais e Recursos

Art. 17 – Os bens patrimoniais e recursos financeiros que estão a serviço do PROVITA/ES, oriundos de campanhas e doações feitas ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos – Regional Leste I, para utilização no Programa, em caso de extinção do mesmo, serão destinados a uma entidade da sociedade civil com a mesma finalidade, de promoção e defesa dos Direitos Humanos.
Parágrafo único – Os bens patrimoniais adquiridos com recursos oriundos do Ministério da Justiça e, em caso de extinção do PROVITA/ES, poderão, a critério do Ministério do Estado, ser doados à SEJUC e/ou parta execução de outros programas governamentais.

Art. 18 – A responsabilidade da administração dos bens e recursos do PROVITA/ES é do Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I.

Art. 19 – Os recursos financeiros serão movimentados pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I.

§1º – Os recursos financeiros do PROVITA/ES estarão disponibilizados em conta corrente do Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I, especificamente destinada para o Programa, sendo que a mesma ficará bloqueada. O desbloqueio da conta corrente será feito mensalmente, de acordo com a previsão orçamentária mensal, pelo Presidente do conselho Deliberativo e pela Coordenação do Programa.
§2º – A prestação de contas será realizada pela entidade gestora do PROVITA/ES, de acordo com os termos do convênio 176/1998, firmado entre o Movimento Nacional de Direitos Humanos – Regional Leste I e a Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 20 – Anualmente a Entidade Gestora do Programa deverá realizar o inventário de bens patrimoniais do PROVITA/ES, e apresentá-lo ao CONDEL.

CAPÍTULO V
Das Disposições Transitórias

Art. 21 – Os casos omissos neste regimento serão resolvidos pelo CONDEL, em conjunto com o CONSEL e o Movimento de Direitos Humanos – Regional Leste I, devendo para tanto haver a presença de 2/3 de seus membros.

DECRETO Nº 4.328-N, de 28.08.1998

Aprova o Quadro de Organização da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO ESPIIRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, o art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.1975, e ainda o que consta no processo nº 14.192.055, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Policia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma dos anexos I e II deste Decreto.

Art. 2º – O Comandante Geral da Policia Militar do Estado do Espírito Santo baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização, aprovado por este Decreto.

Art. 3º –- Os arts. 2º, 3º e 4º e 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 2º – São órgãos de Direção Geral que compõem o Comando Geral da Corporação:
a) o Comandante-Geral (Cmt Geral);
b) o Estado-Maior Geral (EMG);
c) a Ajudância Geral (Aj. Geral);
d) a Corregedoria (Correg);
e) as Comissões (Comis);
t) as Assessorias (Asses); e
g) as Assistências (Assist).
§1º – A Corregedoria é o órgão de direção geral encarregado de planejar, coordenar, executar, fiscalizar e controlar os trabalhos e os processos administrativos na área disciplinar e penal, referentes a atos e fatos envolvendo a participação de policiais militares, visando assegurar a disciplina e a apuração de infrações penais no âmbito da PMES.
§2º – As Assistências destinam-se a assistir à autoridade policial militar à qual estejam subordinadas, analisando e preparando documentos, relatórios e informações nos processos de interesse da autoridade."
"Art. 3º – São órgãos de Direção Setorial:
a) a Diretoria de Pessoal (DP);
b) a Diretoria de Finanças (DF);
c) a Diretoria de Apoio Logístico (DAL);
d) a Diretoria de Saúde (DS);
e) a Diretoria de Ensino (DE);
f) a Diretoria de Promoção Social (DPS); e
g) a Diretoria de Inteligência (DInt)."
"Art. 4º – São órgãos de apoio de Direção Geral e Setorial:
a) de Pessoal – o Grupo Auxiliar Administrativo e de Recursos Humanos (GA/GDRS);
b) de Finanças – o Grupo Auxiliar Financeiro (GAF);
e) de Apoio Logístico – a Central de Apoio Material (CAM);
d) de Saúde – o Centro de Apoio Administrativo (CAA), a Policlínica, o Hospital da Polícia Militar (HPM), O Centro Odontológico e o Centro Fármaco-Bioquímico;
e) de Ensino – o Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA);
f) de Promoção Social – o Centro de Promoção Social (CPS),
g) de Planejamento e Orçamento – o Grupo Auxiliar de Planejamento e Orçamento (GA/GPO); e
h) de Comunicação Social – o Centro de Comunicação Social.
§1º – O órgão de apoio de Direção Setorial de Ensino terá sua sede em Santana, Município de Cariacica.
§2º– Os demais órgãos de apoio de Direção Geral e Setorial previstos neste artigo, terão suas sedes localizadas no Município de Vitória."
"Art. 5º – O Comando de Polícia Ostensiva (CPO) é o escalão intermediário de Comando:
Parágrafo único — São órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva:
a) o Primeiro Batalhão de Polícia Militar (1º BPM), com sede no Município de Vitória;
b) o Segundo Batalhão de Polícia Militar (2º BPM), com sede no Município de Nova Venécia;
c) o Terceiro Batalhão de Polícia Militar (3º BPM), com sede no Município de Alegre;
d) o Quarto Batalhão de Polícia Militar (4º BPM), com sede no Município de Vila Velha;
e) o Quinto Batalhão de Polícia Militar (5º BPM), com sede no Município de Aracruz;
f) o Sexto Batalhão de Polícia Militar (6º BPM), com sede no Município da Serra;
g) o Sétimo Batalhão de Polícia Militar (7º BPM), com sede no Município de Cariacica;
h) o Oitavo Batalhão de Polícia Militar (8º BPM), com sede no Município de Colatina;
i) o Nono Batalhão de Polícia Militar (9º BPM), com sede no Município de Cachoeiro de Itapemirim;
j) o Batalhão de Polícia de Trânsito Urbano (BPTran), com sede no Município de Vitória;
1) o Batalhão de Missões Especiais (BME), com sede no Município de Vitória;
m) o Regimento de Policia Montada (R P Mont), com sede no Município da Serra;
n) a Primeira Companhia Independente de Polícia (1ªCia Ind.) , com sede no Município de Guarapari;
o) a Segunda Companhia Independente de Polícia (2ª Cia Ind.), com sede no Município de Afonso Cláudio;
p) a Terceira Companhia Independente de Polícia (3ª Cia Ind.), com sede no Município de Linhares;
q) a Quarta Companhia Independente de Polícia (4ª Cia Ind.), com sede no Município de Barra de São Francisco;
r) a Quinta Companhia Independente de Polícia (5ª Cia Ind.), com sede no Município de São Mateus;

s) a Companhia de Polícia Ambiental (Cia P Amb), com sede no Município de Cariacica;
t) a Companhia de Polícia Fazendária (Cia P Faz), com sede no Município de Vitória;
u) a Companhia de Polícia Rodoviária (Cia P Rv), com sede no Município de Vitória;
v) a Companhia de Polícia de Guarda (Cia P Gd), com sede no Município de Vitória, tendo a seu cargo as missões de segurança do Governador e guarda do Palácio Anchieta e Residências Oficiais do Governo do Estado."

Art. 4º – Fica revigorado o art. 11 do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.1992, revogado pelo art. 2º do Decreto nº 3.666-N, de 17.03.1994, com nova redação:
"Art. 11 — A Diretoria de Inteligência (DInt), é o órgão de direção setorial do sistema de inteligência da PMES, incumbindo-lhe o planejamento, execução, controle e fiscalização das atividades de inteligência de interesse da Corporação."

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos à data de 07.07.1998.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de agosto de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 31.08.1998)

POLÍCIA MILITAR – QUADRO DE ORGANIZAÇÃO																																												
				OFICIAIS																													PRAÇAS												
QUADROS				QOC					QOM				QOD				QOFB				QOV	QOE	QOA	QOAS	QOAM	QOMUS			QOCPL	SOMA	COMBATENTE					ESPECIALISTA					TOTAL GERAL	OBS.
FUNÇÕES				CEL	TC	MAJ	CAP	TEN	CEL	TC	MAJ	OF	CEL	TC	MAJ	OF	CEL	TC	MAJ	OF	Of	Of	Of	Of	Of	MAJ	CAP	TEN	TEN		ST	SGT	CB	SD	SOMA	ST	SGT	CB	SOMA		
POLÍCIA MILITAR	DIREÇÃO GERAL		Cmt Geral	1																									**1**										**1**	
			Subcmt Geral	(1)																									****											
			Estado Maior Geral	1	1																		1		2	1	1	2		**9**										**9**	a
			Corregedoria	1	1	2	3	5															1							**13**										**13**	
			Ajudância Geral		1	1	1																6							**9**	11	132	68	123	334	12	75	1	88	**431**	b
			Ajudância de Ordens					(1)																																		c
			Assist. do Cmt Geral			1																								**1**										**1**	
		ASSESSORIAS	Trib. de Justiça			1																								**1**										**1**	*
			Assem. Legislativa		1																									**1**										**1**	*
			Ministério Público			1		1																						**2**										**2**	*
			SESP		1																									**1**										**1**	*
			SEJUS			1																								**1**										**1**	*
			P. M. de Vitória		1																									**1**										**1**	*
	DIREÇÃO SETORIAL	DIRETORIAS	Dir. de Pessoal	1	1	5	1	1															6							**15**										**15**	d
			Dir. de Finanças	1	1	1																	1							**4**										**4**	d
			Dir. de A. Logístico	1	1	2																	4							**8**										**8**	d
			Diretoria de Saúde		1	1			3	5	7	49	1	1	3	10	1	1	2	9		41	4	6						**145**	2	19	11	24	56	11	118	142	271	**472**	d
			Dir. de P. Social	1	1	1																	2						1	**6**										**6**	d
			Dir. de Inteligência	1	1	1	3	6															5							**17**										**17**	d
			Dir. de Informática	1	1	1	1	2																						**6**										**6**	d
			Diretoria de Ens. E Instrução	1	2	4	3	10				1				1							3							**25**	2	18	12	28	60	1	1		2	**87**	d
TOTAL				**10**	**15**	**23**	**12**	**25**	**3**	**5**	**7**	**50**	**1**	**1**	**3**	**11**	**1**	**1**	**2**	**9**		**41**	**33**	**6**	**2**	**1**	**1**	**2**	**1**	**266**	**15**	**169**	**91**	**175**	**450**	**24**	**194**	**143**	**361**	**1077**	

(a) O Chefe do EMG acumula o cargo de Subcomandante da PMES ;

(b) O Major AG-1 acumula o cargo de Comandante da CCS/Ajudância Geral;

(c) Um Tenente da Diretoria de Ensino acumula o czrgo de Ajudante de Ordens do Cmt Geral;

d) Oficiais das Diretorias podem acumular cargos no EMG, conforme definir o Detalhamento Interno do QO;

(*)As Praças das Assessorias PM integram o efetivo do 1º BPM.

POLÍCIA MILITAR – QUADRO DE ORGANIZAÇÃO

QUADROS		FUNÇÕES	OFICIAIS																											PRAÇAS									TOTAL GERAL	
			QOC					QOM				QOD				QOFB				QOV	QOE	QOA	QOAS	QOAM	QOMUS			QOCPL		COMBATENTE					ESPECIALISTA					
			CEL	TENCEL	MAJ	CAP	TEN	CEL	TENCEL	MAJ	OFICIAIS	CEL	TENCEL	MAJ	OFICIAIS	CEL	TENCEL	MAJ	OFICIAIS	OFICIAIS	OFICIAIS	OFICIAIS	OFICIAIS	OFICIAIS	MAJ	CAP	TEN	TEN	SOMA	ST	SGT	CB	SD	SOMA	ST	SGT	CB	SOMA	
POLÍCIA MILITAR	OS DE EXECUÇÃO		Transporte	10	15	23	12	25	3	5	7	50	1	1	3	11	1	1	2	9		41	33	6	2	1	1	2	1	**266**	15	169	91	175	**450**	24	194	143	**361**	**1077**	
		CPO METROPOLITANO	Comando	1	1	1	2	2																						**7**		5	2		**7**					**14**	
			Copom			1	8																							**9**	1	62	61	6	**130**	2			**2**	**141**	
			1º BPM		1	2	9	17								1							2							**32**	6	75	58	636	**775**		1	1	**2**	**809**	
			4º BPM		1	2	7	17				1				1							2							**31**	5	69	55	646	**775**		2	1	**3**	**809**	
			6º BPM		1	2	6	15								1							2							**27**	3	44	42	421	**510**		2	1	**3**	**540**	
			7º BPM		1	2	7	17															2							**29**	4	64	52	652	**772**	1	1	1	**3**	**804**	
			10º BPM		1	1	2	7															1							**12**	1	18	12	207	**238**					**250**	
			BPRv		1	2	5	11								1							2							**22**	4	48	30	249	**331**		3		**3**	**356**	
			BME		1	2	4	12															2							**21**	3	34	30	221	**288**		1		**1**	**310**	
			RPMont		1	1	3	6													2		2							**15**	2	17	18	150	**187**	1	2		**3**	**205**	
			Cia P Amb			1	1	4																						**6**	1	23	31	63	**118**					**124**	
			Cia P Gd				1	3																						**4**	1	14	47	65	**127**					**131**	
		Cpon	Comando	1																										**1**									**1**	*
			2º BPM		1	2	4	9				1				1							2							**20**	3	30	24	250	**307**		1		**1**	**328**	
			5º BPM		1	2	4	11				1				1							2							**22**	3	33	27	251	**314**		2	1	**3**	**339**	
			8º BPM		1	2	4	11				1				1							2							**22**	3	31	21	264	**319**		1	1	**2**	**343**	
			3ª Cia Ind			1	1	5															1							**8**	1	19	17	205	**242**					**250**	
			4ª Cia Ind			1	1	3															1							**6**	1	15	10	166	**192**					**198**	
			5ª Cia Ind			1	1	3															2							**7**	1	13	9	145	**168**					**175**	
		Cpos	Comando	1																										**1**									**1**	*
			3º BPM		1	2	4	11				1				1							3							**23**	3	35	27	293	**358**			1	**1**	**382**	
			9º BPM		1	2	4	14				1				1							3							**26**	3	49	30	441	**523**		1		**1**	**550**	
			2ª Cia Ind			1	1	3															1							**6**	1	14	9	103	**127**					**133**	
TOTAL			**13**	**29**	**54**	**91**	**206**	**3**	**5**	**7**	**56**	**1**	**1**	**3**	**20**	**1**	**1**	**2**	**9**	**2**	**41**	**65**	**6**	**2**	**1**	**1**	**2**	**1**	**623**	**65**	**881**	**703**	**5609**	**7258**	**28**	**211**	**150**	**389**	**8270**	

(*) As Praças do CPO-N e CPO-S integram o efetivo do 8º BPM e 9º BPM respectivamente.

Atualizações feitas conforme o Dec. nº 728-R, de 31.5.2001 – DOE de 01.06.01 e Dec. nº 770-S, de 10.07.01(BCG nº 28,de12.07.01)

DECRETO Nº 4.332-N, de 04.09.1999

Institui e regulamenta a Medalha "Mérito Nestor Gomes"" e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta no Processo nº 1.424.196, decreta:

Art. 1º – Fica instituída a Medalha "Mérito Nestor Gomes"" a ser conferida ás autoridades civis, eclesiásticas e militares de outras Forças que tenham se destacado de maneira excepcional para o fortalecimento e desenvolvimento administrativo e operacional do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo (CBMES).

Art. 2º – A medalha terá as seguintes características:
§1º– Apresentará a forma circular com diâmetro de 45 mm, confeccionada em metal dourado.
§2º – No anverso da medalha sobreposta ao centro um disco concêntrico e 25 mm de diâmetro será cunhado perfil do Exmº Sr. Nestor Gomes, Chefe do Poder Executivo no quadriênio de 1920 a 1924. Tangenciando esse disco haverá uma faixa de 10 mm de espessura que conterá na extremidade inferior do diâmetro vertical e sobre o meio do disco exterior uma estrela do mesmo metal, á direita da qual começarão os dizeres. em letras maiúsculas: "Mérito Nestor Gomes", em escritos em toda a extensão do circulo exterior na mesma cor do metal. (Anexo I)
§3º – No verso da medalha sobreposta ao centro num disco concêntrico de 25 mm de diâmetro, será cunhado nas cores padrões o Brasão do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo sobre um fundo nas cores do metal. Tangenciando esse disco haverá uma faixa de 10 mm de espessura que conterá a partir cor do metal, a esquerda da qual iniciará os seguintes dizeres, letras maiúsculas: "Corpo de Bombeiros Militar", escritos em toda a extensão do circulo exterior na mesma cor do metal: após esses dizeres haverá outra estrela com os mesmas características da primeira. Ao centro do parte inferior do disco entre as duas estrelas haverá a seguinte inscrição: "25.08.1997". data da emancipação do Corpo de Bombeiros . (Anexo I)
§4º – Ao centro da parte superior do medalha haverá um suporte de 4 mm de diâmetro, que sustentara uma argola de 8 mm de diâmetro interno, por 10 mm de diâmetro externo, ambos do mesmo metal da medalha.
§5º – A medalha será pendente de uma fita de gorgorão de seda de 30 mm de largura, de 45 mm de comprimento, afinando em forma triangular, sendo que na extremidade se prenderá na argola da medalha. Da direita para a esquerda. a fita apresentara três listras, de 10 mm de largura cada uma, na ordem de cores seguintes: vermelho, branco, vermelho, cores representativas do CBMES. Enlaçando a fita, no alto do passador, do mesmo metal da medalha com 32 mm de largura por 10 mm de altura.
§6º – Preso ao passador de metal, na parte do verso. um alfinete que será utilizado para a sua fixação à roupa.
§7º – O diploma que acompanha a medalha. será em papel apergaminhado, e terá as dimensões do modelo A4.

Art. 3º – A medalha será pendente ao peito esquerdo.

Art. 4º – A concessão da medalha e de competência exclusiva do Comandante Geral do CBMES. por proposta da Comissão de Oficiais Superiores, que constituirá o Conselho da Medalha, o qual emitira seu parecer e votação em conjunto.
§1º – A Comissão de Oficiais será constituída de 04 (quatro) Oficiais Superiores escalados pelo Comandante Geral do CBMES, e terá como Secretário um Oficial Intermediário.
§2º – O Subcomandante Geral e Chefe do Estado Maior será o Presidente e designará o Secretário para a Comissão.
§3º – A Comissão reunir-se-á em data estabelecida pelo Comandante Geral e procedera a escolha das autoridades ou personalidades que estiverem em condições de ser agraciados, examinando o histórico, documentos e informes atinentes a cada candidato, e emitindo em seguida, seu parecer. Constará no Parecer a decisão pela concessão ou não.
§4º – As decisões da Comissão serão tomadas pela maioria de votas, votando o Presidente para o desempate, se for o caso.
§5º – O Secretário da Comissão não tem direito a voto.
§6º – Escolhidos os candidatos ou o candidato, o Chefe de Comissão apresentara a relação ou o indicado ao Comandante Geral para apreciação, homologação ou veto.
§7º – No caso de veto absoluto a todos os nomes ou ao nome apresentado, a Comissão reexaminará nos os nomes para substituição, em prazo estipulado pelo Comandante Geral.

Art. 5º – A concessão do prêmio será acompanhada do diploma assinado pelo Comandante Geral.

Art. 6º – O Comandante Geral, o Chefe do Estado Maior Geral, o Chefe do Centro de Atividades Técnicas e os Comandantes de Batalhões de Bombeiros, poderão propor nomes a Comissão da Medalha.

Art. 7º – A decisão da Comissão de Oficiais Superiores é irrecorrível.
§1º – Os que forem agraciados com a Medalha. de que trata o presente Decreto, caso recusem o recebimento, jamais poderão ser novamente agraciados.

Art. 8º – Compete à Comissão de Oficiais Superiores:
a) aprovar ou recusar a concessão da Medalha;
b) selar pela fiel execução do presente Decreto;
c) propor as medidas que se tornarem indispensáveis ao tom desempenho de suas funções; e
d) solucionar questões não previstas no presente Decreto.

Art. 9º – Compete ao Secretário da Comissão:
a) secretariar as sessões e redigir as atas;
b) organizar, manter em ordem, ter sob sua guardo o arquivo da Comissão;
c) manter em fichário atualizado em ordem alfabética com os nomes dos agraciados;
d) providenciar confecção dos diplomas;
e) registrar no livro próprio o diploma concedido.

Art. 10 – A Comissão de Oficiais Superiores terá um livro de registro, rubricado pelo Secretario, no qual são inscritos por ordem cronológica. o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, o número e nota da publicação da concessão da Medalha.

Art. 11 – Anualmente não excederá a 01 (um) o número de agraciados, por ocasião do Aniversário do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo, 25 de agosto.
§1º – Em caráter excepcional o número de agraciados poderá chegar a dois.
§2º – No primeiro ano da emancipação a data de entrega da Medalha que trata o presente Decreto, poderá ser estipulada pelo Comandante Geral até o dia 3 de dezembro.

Art. 12 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 13 – Revogam-se disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de setembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 09.09.1998)

DECRETO Nº 7.260-E, de 16.09.1998

Representantes dos órgãos que integrarão o Conselho de Gestão da Área de Proteção Ambiental Goiapaba-Açu

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso da atribuição que lhe confere o art. 91. III. da Constituição Estadual, com fulcro nos Arts. 37 a 47, da Lei Estadual nº 4.701, de 01.12.1992, e ainda o que consta do processo nº 14.362.872/1998, decreta:

Art. 1º – O Conselho de Gestão da Área de Proteção Ambiental Goiapaba-Açu será integrado por representantes dos seguintes órgãos:
(…)
IV – um representante da Polícia Militar;
(…)
§1º – Os representantes e seus suplentes respectivamente indicados, serão referendados por Ato próprio do Secretário da SEAMA.
§2º – Os representantes terão mandato de 01 (um) ano permitida sua recondução e, eventualmente, poderão ser substituídos por solicitação da entidade pública ou privada que efetuou a indicação.
§3º – A indicação dos representantes referenciados nos itens X, XI e XII deste artigo. deverá ser precedida de eleição prévia dentre as entidades e comunidades envolvidas.
§4º – O desempenho das funções de representantes do Conselho de Gestão da APA não será remunerado, sendo considerado serviço público relevante.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 16 de setembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O. 17.09.1998)

DECRETO Nº 4.339-N, de 01.10.1998

Regulamenta o art. 54 da Lei Complementar nº 46/1994

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuição legal que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A cessão do servidor público com ônus para o órgão cedente na forma do art. 54 da Lei complementar 46, de 31.01.1994, poderá ser permitida para os Governos da União , de outros Estados, dos Territórios, do Distrito Federal e dos Municípios na seguinte situação:
I – integrar programa de municipalização do Estado do Espírito Santo;
II – atender aos preceitos da Lei nº 5.356, de 22.12.1996;

III – atender à Justiça Eleitoral nos termos da Lei nº 6.999, de 07.06.1982;
IV – Atender situações previstas em legislação específica.

Art. 2º – O servidores afastados na condição prevista no art. 54 e dos cedidos na forma do art. 55, ambos da Lei Complementar nº 46, de 31.01.1994, para atender à condição de "sem ônus para o órgão cedente", serão retirados da folha de pagamento de seu órgão de origem, a partir da data do afastamento.

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº390-R,de 31.10.2000*

Parágrafo único –A disposição contida neste artigo aplica-se também ao pessoal do magistério, cedido na forma do art. 5º, inciso V da Lei nº 5.474, de 06.10.1997, na hipótese de cessão sem ônus para o órgão cedente, à critério da autoridade competente.

Art. 3º – Os órgãos cessionários de servidores afastados na forma do art. 54 deverão proceder mensalmente ao recolhimento das parcelas de contribuição previdenciária de responsabilidade do servidor e do Estado, ao órgão de Previdência Social do Estado, do(s) servidor (es) que estiver (em) à sua disposição afastados na forma deste Decreto.
Parágrafo único – As parcelas deverão ter como referência o cargo de origem do servidor.

Art. 4º – O recolhimento da contribuição previdenciária estadual de que trata o artigo anterior deverá iniciar-se a partir do mês seguinte à publicação do presente Decreto.

Art. 5º – Compete ao Secretário de Estado responsável pela administração de pessoal proceder às autoridades previstas neste Decreto.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições cm contrário, especialmente o Decreto nº 4.095, de 21.03.1997.

Palácio Anchieta, em Vitória, 1º de outubro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 01.10.1999)

DECRETO Nº 4.352-N, de 02.10.1998

Aprova o Regulamento da Lei nº 109/1997, que reestrutura a Seguridade Social dos Servidores Públicos Civis e Militares e seus dependentes do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Este Decreto estabelece o regulamento da Lei nº 109, publicada em 18.12.1997.

DOS SEGURADOS

Art. 2º – As pessoas de que trata o art. 3º, parágrafo único, quando vinculadas a outro sistema de seguridade social, deverão comprovar esta situação apresentando documento fornecido pelo respectivo órgão previdenciário, à sua carteira de pagamento.

DOS DEPENDENTES

Art. 3º – São dependentes do segurando:
I – o cônjuge, companheiro, companheira e o filho menor de vinte e um anos não emancipado ou inválido;
II – as pessoal sem recursos que habitem às expensas do segurado, por lapso de tempo superior a cinco anos consecutivos e, por motivo de menoridade, idade avançada ou invalidez, não possam angariar meios para o próprio sustento.
§1º – A dependência econômica das pessoas de que trata o inciso I é presumida e a das demais deve ser comprovada.
§2º – A idade limite prevista no inciso I, poderá se estender até a data em que o dependente completar vinte e quatro anos, se comprovadamente, estudante universitário, sem atividade remunerada.
§3º – Consideram-se sem recursos, as pessoas cujos rendimentos brutos mensais sejam iguais ou inferiores ao salário do menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo.
§4º – Consideram-se de idade avançada, as pessoas de mais de sessenta anos.
§5º – Equiparam-se aos filhos nas condições do inciso I, desde que comprovada sua dependência econômica, o enteado, o menor que esteja sob sua tutela e, ainda, o menor que, por determinação judicial, se ache sob sua guarda.
§6º – Considera-se companheira ou companheiro, a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por lapso de tempo superior a cinco anos consecutivos, salvo se houver filhos em comum.
§7º – Considera-se união estável e a dependência econômica serão comprovadas através de prova material, admitindo-se a justificação existindo indícios dos fatos, podendo ser promovida pela pessoa interessada, em juízo ou administrativamente, no IPAJM.

Art. 4º – Ocorrerá a perda da qualidade de dependente:
I – para o cônjuge, pela anulação do casamento, separação ou divórcio, sem percepção de alimentos;
II – para a companheira ou companheiro, pela cessação da união estável, sem percepção de alimentos;
III – para os filhos ou equiparados na forma do artigo anterior, §5º, pela emancipação ou na data que completarem vinte e um anos, observado o limite de idade previsto no §2º.
IV – para os inválidos pela cessação da invalidez;
V – para os dependentes em geral pelo falecimento.

DA APOSENTADORIA

Art. 5º – A absorção pelo Fundo de Previdência das aposentadorias custeadas pelo Tesouro Estadual, a que se refere o art. 10, §2º, ocorrerá mediante estudo técnico atuarial, cujo somatório de proventos não ultrapassará o limite estabelecido nesse estudo.

DO AUXÍLIO-NATALIDADE

Art. 6º – O auxílio-natalidade a que se refere o art. 11 será concedido à servidora pública por ocasião do parto ou ao servidor público, pelo parto de sua esposa ou companheira não servidora pública.
§1º – O auxílio-natalidade será requerido no órgão de origem da servidora ou servidor e encaminhado ao IPAJM devidamente informado e instruído com o contracheque, número da conta bancaria, CPF, endereço completo e os registros civis da criança e do requerente.

Art. 7º – No auxilio especial previsto no art. 12, observar-se-á a data da sentença concessiva a da adoção.

ASSISTÊNCIA FINANCEIRA

Art. 8º – A assistência financeira prevista no art. 13, em suas diversas modalidades obedecerá os seguintes critérios:
I – O valor do empréstimo funeral não ultrapassará a cinco vezes o menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo, processando-se sua quitação em parcelas mensais não superiores a dez.
II – O empréstimo saúde, de valor nunca superior a doze vezes o menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo, será concedido observando-se o custo provável do tratamento e sua quitação processar-se-á em parcelas mensais não superiores a dez.
III – O empréstimo imobiliário será concedido para aquisição da moradia própria, em valor nunca superior a duzentos vezes o menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo e realizado mediante garantia hipotecária e prazo de quitação nunca superior a cento e vinte meses.
IV – O empréstimo simples, de valor não superior a duas vezes o salário de contribuição do segurado, terá sua quitação processada em parcelas mensais não superiores a dez.
V – O valor do empréstimo educação não excederá a dez vezes o menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo, processando-se sua quitação em parcelas mensais não superiores a dez.
§1º – O direito ao empréstimo funeral prescreverá em noventa dias a contar do óbito.
§2º – Por aquisição da moradia compreende-se também a aquisição de terreno, material de construção e reforma.
§3º– O financiamento imobiliário será concedido a segurado que não possua imóvel próprio, por uma única vez.
§4º – O empréstimo educação será concedido ao segurado para atender aos custos com a própria educação, em cursos oficialmente reconhecidos, relativos ao ensino fundamental, segundo e terceiro graus, pós graduação, mestrado, doutorado e educação especial para deficientes ou a de seus dependentes até vinte e quatro anos de idade.
§5º – Os valores emprestados, a qualquer título, não poderão comprometer a capacidade de pagamento do segurado, observando-se o disposto nos arts. 13 e 44.

DO PECÚLIO POR MORTE

Art. 9º – O pecúlio garantirá aos dependentes, ou na falta destes aos herdeiros legais do falecido, observada a seguinte ordem: descendentes, ascendestes e colaterais até o terceiro grau civil, uma importância no valor igual ao salário de contribuição do segurado, na data do falecimento, acrescido de dez vezes o valor correspondente ao menor vencimento do Quadro Permanente do Serviço Civil do Poder Executivo
Parágrafo único – Da importância calculada na forma do *caput* deste artigo serão descontados os débitos residuais provenientes do não recolhimento de contribuições devidas ao Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM.

DA PENSÃO POR MORTE

Art. 10 – A pensão por morte consiste numa renda mensal correspondente ao salário de contribuição do segurado que falecer, excetuados o décimo terceiro salário e o adicional de férias.

Art. 11 – A pensão por morte será devida, a contar da data do óbito, ao conjunto de dependentes do segurado que falecer.
Parágrafo único – Quando se tratar de morte presumida, a data de início do benefício será a da decisão judicial.

Art. 12 – Não é permitido o recebimento conjunto de mais de uma pensão deixada por cônjuge ou companheiro distintos, ressalvado o direito de opção pela mais vantajosa.

Art. 13 – A pensão se extingue:
I – aos vinte e um anos para os pensionistas menores válidos não emancipados, ressalvado o disposto no art. 3º, §2º, deste Regulamento;
II- para os pensionistas inválidos cessada a invalidez;
III- por morte do pensionista.

DO AUXÍLIO-FUNERAL

Art. 14 – Entende-se por herdeiro do segurado falecido, para efeito de pagamento do auxílio-funeral, os descendentes, ascendentes e os colaterais, até o terceiro grau civil.
Parágrafo único – Havendo concorrência entre os herdeiros mencionados no *caput* deste artigo, será dada preferência àquele que comprovadamente for o executor do funeral.

DO AUXÍLIO-RECLUSÃO

Art. 15 – O pedido de auxílio-reclusão a que se refere o art. 28, deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, firmada pela autoridade competente, último contracheque, prova da cessação do recebimento de vencimentos, registros civis, CPF e endereço completo da parte interessada.
§1º – O beneficiário deverá apresentar trimestralmente prova do efetivo recolhimento do segurado a prisão, firmada pela autoridade competente.
§2º`– Em caso de fuga, o benefício será suspenso e, se houver recaptura do segurado no prazo de até três meses, será restabelecido a contar da data em que esta ocorrer, ficando a autoridade competente responsável pela comunicação da fuga do preso ao IPAJM, observado o disposto no art. 28, §2º.
§3º – Não havendo a recaptura do preso no prazo de três meses a que alude o parágrafo anterior o benefício será extinto.
§4º – É vedada a concessão do auxílio-reclusão após a soltura do condenado.

DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Art. 16 – A assistência médica prevista no art. 29, inciso I, será prestada por credenciamento, através de convênio, na modalidade de Plano de Saúde oferecido por empresa privada especializada e custeada pelo segurado.

Art. 17 – Convênios de natureza social poderão ser celebrados visando a redução de custos, a cargo do segurado. de serviços prestados no atendimento a sua saúde e a de seus dependentes.

Art. 18 – Havendo capitalização da conta de assistência a saúde, o IPAJM, mediante estudo técnico, poderá oferecer novas modalidades de prestação de serviços.

Art. 19 – A assistência odontológica será custeada pelo IPAJM e pelo segurado, mediante disposições internas fixadas pela administração, ouvido o Conselho Deliberativo, nos seguintes percentuais incidentes sobre o valor total dos serviços e materiais:
I – sessenta por cento de responsabilidade do IPAJM;
II – quarenta por cento de responsabilidade do segurado.

Art. 20 – A assistência psicológica será prestada na conformidade do que dispõe o art. 17 deste Regulamento.

Art. 21 – A assistência farmacêutica será prestada através do convênio, mediante cessão de espaço físico e de pessoal pelo IPAJM, objetivando redução nos custos dos medicamentos.

DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Art. 22 – A prestação de assistência social a que alude o art. 30 será proporcionada com prioridade aos segundos portadores de incapacidade, aos aposentados e pensionistas.

Art. 23 – Para assegurar o efetivo atendimento aos beneficiários será utilizada intervenção técnica, recursos e pesquisa sociais, inclusive mediante a celebração de convênios.

Art. 24 – Cabe ao serviço social a orientação aos beneficiados quanto à habilitação aos benefícios e serviços, elaborando parecer sócio-econômico para subsidiar os processos.

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 25 – Dentre os órgãos autônomos a que se refere o art. 40, estão incluídos os cartórios não oficializados.

Art. 26 – O Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, nas causas em que seja interessado, na condição de autor, réu, assistente ou oponente, gozara das mesmas prerrogativas e privilégios assegurados à Fazenda Pública, inclusive quanto à inalienabilidade e impenhorabilidade de seus bens.
Parágrafo único – O IPAJM é isento do pagamento de custas, traslados, preparos, certidões, registros, averbações e quaisquer outros emolumentos, nas causas em que seja interessado na condição de autor, réu, assistente ou oponente, inclusive nas ações de natureza trabalhista, acidentaria e de benefício.

Art. 27 – A quitação de débitos através de imóveis ou outros ativos prevista no art. 67, §1º, ocorrerá mediante avaliação técnica a critério do IPAIM.

Art. 28 – Os pensionistas que venham a participar dos planos de assistência a saúde e assistência social, somente poderão deixar de prestar contribuição facultativa, a que se refere o art. 69, após quitação dos débitos contraídos em razão da inscrição.

Art. 29 – Aplicam-se aos serventuários da justiça, a que se refere o art. 30, inciso VIII, no que couber, as disposições da Lei ora regulamentada.

Art. 30 – As normas de funcionamento dos Conselhos Deliberativo e Fiscal serão estabelecidas por estes, através da resolução.

Art. 31 – Os servidores integrantes dos Conselhos Deliberativo e Fiscal serão dispensados de suas atividades, quando convocados.

Art. 32 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 33 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 20 de outubro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 03.11.1998)

DECRETO Nº 4.354, de 04.11.1998

Dá nova redação a dispositivo do Decreto nº 481-N/1973

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições conferidas pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual;
Considerando a necessidade de adequar o Conselho Estadual de Trânsito – CETRAN, às normas do novo Código Nacional de Trânsito, decreta:

Art. 1º – Os arts. 3º, 5º e 9º e seus parágrafos, do Decreto nº 481-N, de 21.11.1973, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 3º – O conselho Estadual de Trânsito – CETRAN/ES será composto pelos seguintes membros:
I – Secretário de Estado da Segurança Pública – Presidente;
II – Diretor Geral do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN/ES;
III – Diretor Geral do Departamento de Estradas e Rodagem – DER/ES;
IV – 01 (um) representante da Polícia Militar;
V – 01 (um) representante da Federação de Transportes Rodoviários do Estado do Espírito Santo e Rio de Janeiro – FETRANSPORTES;
VI – Um (01) representante do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes rodoviários do Estado do Espírito Santo – SINDIRODOVIARIOS;
VII – Um (01) representante do Município detentor da maior frota de veículos do Estado.
§1º – O Presidente e os Membros previstos nos incisos II e III serão representados, em seus impedimentos, pelos substitutos legais;
§2º – Os membros previstos nos incisos IV a VII e seus suplentes serão nomeados pelo Governador do Estado, a partir da indicação, em listas tríplices, por cada entidade que representa, para um mandato de 02 (dois), admitida a recondução.
§3º – O representante do Município detentor da maior frota de veículos do Estado deverá ser escolhido dentre técnicos em assuntos de trânsito do "Órgão de Trânsito do Município".
"Art. 5º – O Conselho se reunirá, em princípio quinzenalmente e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros."
"Art. 9º – O Presidente solicitará ao Diretor Geral do DETRAN/ES, os funcionários para auxiliarem ao Conselho."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 04 de novembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado
(D.O.E. 05.11.1998)

DECRETO Nº 7 304-E, de 13.11.1998

Institui, no âmbito da SEJUC, o Programa de Direitos Humanos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, do art. 91, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no Processo nº 14.448.378, decreta:

Art. 1º – Fica instituído, no âmbito da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, o Programa de Direitos Humanos, tendo como objetivo básico captar informações, dar orientações, observar irregularidades, articulando e promovendo ações para conscientização da comunidade, intercâmbios e demais atividades visando a preservação dos direitos humanos e a garantia das liberdades individuais e coletivas

Art. 2º – O Programa de Direitos Humanos terá as seguintes atribuições
I – a promoção de investigações e estudos sobre a eficácia das normas assecuratórias dos direitos humanos;
II – o recebimento de representações que evidenciem a violação dos direitos humanos, a apuração de sua procedência e a doação de medidas para que cesse o constrangimento verificado e sejam reprimidos os atos delituosos praticados;
III – a proposição do Poder Executivo Estadual, das medidas de sua alçada destinadas a preservação dos Direitos Humanos e Sociais e à garantia das liberdades individuais e coletivas;
IV – a proposição aos órgãos competentes, dentro das possibilidades do Estado, da necessária assistência às vitimas de crime contra a pessoa e seus dependentes;
V – promover o inter-relacionamento e a integração com os órgãos comunitários, assistenciais e outras entidades similares, propondo acordos e convênios de cooperação;
VI – promover ações para conscientização da comunidade, através da elaboração e execução de projetos de cursos, palestras e seminários, a fim de que sejam facilitadas as condições necessárias ao cumprimento dos preceitos legais referentes a cidadania, divulgando os meios que asseguram o acesso dos indivíduos aos direitos constitucionais;
VII – a promoção de intercâmbio com outros organismos nacionais e internacionais voltados à defesa dos direitos humanos e à assistência à vítima de crime;
VIII – o assessoramento a órgãos ou instituições na promoção da defesa dos direitos humanos;
IX – o desenvolvimento de atividades para buscar a superação das relações sociais de exclusão, através da articulação do discurso teórico com a realidade vivida;
X – a execução de ações para promover a reflexão sobre os problemas atuais da sociedade, com vistas à capacitação dos participantes com definida preocupação com os direitos humanos;
XI – a execução de ações para a assistência às vitimas de crime ou ação criminosa de ofensa à integridade física, bem como aos familiares da vítima;
XII – a articulação com o Ministério da Justiça visando a implementação do Programa Nacional de Direitos Humanos no Estado;
XIII – encaminhamento ao Ministério da Justiça de relatórios quadrimestrais e anuais sobre a implementação do Programa Nacional no Estado e a situação dos Direitos Humanos no âmbito Estadual;
XIV – o desempenho de outras atividades correlatas.

Art. 3º – Será responsável pelo Programa de Direitos Humanos, um servidor público estadual, indicado pelo titular da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 4º – Os recursos financeiros e materiais de implementação e manutenção do Programa caberão à Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 13 novembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 18.11.1998)

DECRETO Nº 4.360-N, de 17.11.1998

Cria e regulamenta a Medalha Colar do Mérito Militar Feminino da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do processo nº 14.521.679, decreta:

Art. 1º – Fica instituída e incorporada às honrarias já existentes na Polícia Militar e no Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo a Medalha "Colar do Mérito Militar Feminino", que será conferida a Policiais Militares Femininos e Bombeiros Militares Femininos por meritórios serviços ou ações prestadas à Corporação ou à Sociedade de um modo geral.
§1º – Essa medalha se destinará, também, às homenagens que a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo acharem por bem dirigir a Militares Femininos das Forças Armadas, Policiais Militares Femininos e Bombeiros Militares Femininos de outras Corporações, personalidades civis e eclesiásticas que de forma inequívoca, venham a se destacar dentre àquelas que relevantes serviços prestarem às duas Corporações.
§2º – As personalidades civis e eclesiásticas de que trata o parágrafo primeiro serão sempre do sexo feminino.

Art. 2º – A medalha referente ao presente Decreto apresentará as seguintes característicos quanto a sua forma, cor e material de confecção:
§1º – Características da medalha:
a) forma circular, com 40 mm de diâmetro, com um disco interno de 30 mm o qual será dividido em duas metades iguais e sobre a metade direita se aplicará em alto relevo o distintivo do Corpo de Bombeiros e, na metade esquerda, as armas da Polícia Militar (os bucaneiros), e intermediando ao centro das duas metades, se aplicará a efígie de uma mulher de perfil e coberta com o quepe militar feminino, em alto relevo e na cor amarela. As duas metades apresentarão as cores do rosa e azul em esmalte, sendo azul a metade da direita. Circundando a medalha, numa faixa em esmalte branco se escreverá COLAR DO MÉRITO MILITAR FEMININO, e uma estrela amarela de cinco pontos em alto relevo separará, na base da medalha, o início e o fim da frase (anexo I);
b) no verso, um disco interno de 30 mm tendo em suas bordas externas, em posição horizontal, no sentido horário do relógio, no lugar do primeiro quarto se escreverá a palavra MULHER; no segundo quarto o algarismo romano VIII; no terceiro quarto o ano 1983 e no quarto seguinte o algarismo arábico 08. tudo em amarelo e as inscrições em alto relevo (anexo I);
c) a medalha terá como suporte, ao alto, um anel na cor amarela de 4 mm de diâmetro onde se prenderá uma argola de 10 mm interno por 12 mm de diâmetro externo, tudo em cor amarela e do mesmo metal da medalha;
d) a medalha será usada ao pescoço, pendente de uma fita com as cores azul, branco e rosa.
§2º – Acompanharão a medalha, um diploma de papel apergaminhado e terá as dimensões de 45 centímetros de comprimento e 35 centímetros de altura, urna roseta azul, branca e rosa, com diâmetro de 12 mm e uma barreta, nas mesmas cores com 36 mm de comprimento e 12 mm de altura, confeccionada em metal esmaltado.

Art. 3º – Aos Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Carpo de Bombeiros Militar competirá conceder as medalhas indicadas por um Conselho Feminino de Honraria, composto por 04 (quatro) oficiais femininos, sendo um deles, obrigatoriamente, oficial superior, que presidirá o Conselho. A cada ano serão concedidas dez medalhas, de cujo total 50% (cinqüenta por cento) será destinado ao agraciamento de militares, oficiais ou praças e 50% (cinqüenta por cento) para personalidades civis e eclesiásticas. Atuará como secretário dos trabalhos do Conselho, sem direito a voto, um primeiro Tenente feminino.
§1º – O Conselho Feminino de Honraria se reunirá 90 (noventa) dias antes da data de 08 de agosto cada ano, e procederá à escolha das que estiverem em condições de serem agraciadas. sendo que as decisões do Conselho serão tomadas par maioria de votos, após análise de documentos sobre as candidatas, e, havendo empate, votará um dos Comandantes Gerais aludidos no artigo terceiro deste Decreto.
§2º – Conhecidos os nomes das agraciadas, o resultado será transcrito nos Boletins dos Comandos Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, após o que, as Quintas Seções de cada Corporação se encarregarão de comunicar às interessadas.
§3º – Numa solenidade, em ambiente de auditório, na data de 08 de agosto de cada ano, será entregue a medalha às agraciadas, bem como os respectivos diplomas, que levará as assinaturas dos Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar.
§4º – Caso a data de 08 de agosto recair em dia de sábado, domingo ou feriado, o agraciamento será feito, então, na sexta-feira imediatamente anterior a data prevista no parágrafo 30 deste artigo.
§5º – Excepcionalmente, na data de 08.08.1998, data de criação da medalha "Colar do Mérito Militar Feminino", o número de agraciadas será estipulado pela Comissão Organizadora das Comemorações do Aniversário de 15 anos da Mulher Policial Militar e Bombeiro Militar, cujas indicações deverão ser homologadas pelos Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar.

Art. 4º – Para os critérios de exclusão de candidatas do direito do agraciamento com a medalha criada por este Decreto, aplicar-se-ão os dispositivos do art. 5º, do Decreto nº 1.568-E, de 26.06.1977 (criação e concessão da medalha Vasco Fernandes Coutinho).

Art. 5º – Os Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, os Comandantes de Unidades e Subunidades Independentes, os Diretores ou Chefes, deverão propor os nomes de suas subordinadas ao Conselho Feminino de Honrarias, quando as julgarem em condições de receber a medalha "Colar do Mérito Militar Feminino".
Parágrafo único – A indicação de personalidades civis eclesiásticas é da competência exclusiva dos Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar e dos membros do Conselho Feminino de Honrarias.

Art. 6º – Não haverá recurso da decisão do Conselho quando houver recusa à concessão da medalha.
Parágrafo único – No caso de recusa do recebimento da medalha pelo candidato aprovado pelo Conselho, a concessão jamais lhe será deferida.

Art. 7º – A medalha Colar do Mérito Militar Feminino" virá acondicionada em estojo próprio e, além da medalha, conterá uma roseta e uma barreta, aquela para ser usada em trajes civis, e esta, em uniformes militares.

Art. 8º – O uso da medalha da barreta por Policiais Militares Femininos e por Bombeiros Militares Femininos do Espírito Santo obedecerá o disposto no §3º itens I e II do art. 90 do Decreto nº 1.568-E, de 26.12.1977.

Art. 9º – Ao Conselho Feminino de Honrarias, compete:
a) aprovar ou recusar a concessão da medalha;
b) velar pela fiel execução dos dispositivos deste Decreto;
c) propor as medidas que se tornarem indispensáveis ao bom desempenho de suas funções;
d) determinar a restituição da medalha e do diploma pela agraciada que incorrer nos casos previstos no art. **4º** do presente Decreto.
Parágrafo único – Compete ao Secretário do Conselho:
a) convocar as reuniões do Conselho, secretariar as sessões e redigir as atas;
b) organizar. manter em ordem e em dia e ter sob sua guarda o arquivo do Conselho;
e) manter um fichário atualizado, em ordem alfabética, com os nomes dos agraciados;
d) providenciar a confecção das medalhas e diplomas; e
e) apostilar no verso do Diploma o motivo de sua restituição.

Art. 10 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 08.08.1998.

Art. 11– Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de novembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 18.11.1998)

DECRETO Nº 4.370-N, de 26.11.1998

Fixa normas para encerramento do exercício do ano em curso dos órgãos da Administração Direta do Poder Executivo, Entidades Autárquicas e Fundos, que lhe são subordinados

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91 inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista a necessidade de adotar providências que visem a garantir o encerramento do exercício financeiro de 1999, em consonância com a legislação que rege a matéria, permitindo à Coordenação de Contabilidade da Secretaria de Estado da Fazenda o registro, em tempo hábil, de todas as operações de natureza orçamentaria, financeira e patrimonial através do SIAFEM, ocorrida no exercício, decreta:

Art. 1º – Os órgãos da Administração Direta do Poder Executivo, Entidades Autárquicas e Fundos, que lhe são subordinados, regerão suas atividades orçamentaria, financeira e patrimonial de encerramento do exercício em curso, de conformidade com as normas fixadas neste Decreto.

Art. 2º – As licitações à conta de recursos do Orçamento vigente, deverão fixar prazo de entrega do material ou da prestação de serviços limitados ao dia 30.12.1998.
§1º – O prazo estabelecido neste artigo, aplica-se também aos casos de dispensa ou inexigibilidade de licitação;
§2º – Excetuam-se do disposto neste artigo as licitações relativas a gêneros alimentícios, refeições, rações, medicamentos e importações, desde que o prazo das respectivas entregas não ultrapasse à dia 28.02.1999.

Art. 3º – As Notas de Empenho poderão ser emitidas até o dia 11.12.1998.

Art. 4º – As Unidades Gestoras Executoras – UGE's deverão providenciar no prazo de 03 (três) dias úteis, a partir da disponibilização dos dados de pessoal, os documentos relativos à liquidação da despesa em questão, observado o principio da competência.

Art. 5º – As despesas empenhadas e não pagas até 31.12.1998 serão inscritas automaticamente pelo Sistema em Restos a Pagar.

Art. 6º – Serão inscritas em Restos a Pagar processados as notas de empenho liquidadas até 31.12.1998, observado o princípio da competência.
§1º – Constitui despesas do ano financeiro as efetivamente realizadas até 31.12.1998. Nos casos de material, serviços e obras, as que correspondem a materiais recebidos, serviços prestados e obras medidas ou verificadas até a referida data.
§2º – As despesas inscritas em Restos a Pagar Processados, terão validade até 31.12.1999.

Art. 7º – Poderão ser inscritas em Restos a Pagar não Processados os saldos das despesas, mencionadas no §2º, art. 2º, empenhadas e não liquidadas até 31.12.1998.
Parágrafo único – As despesas referentes a Restos a Pagar não Processados terão validade até 31.03.1999, isento os saldos remanescentes cancelados após a mencionada data.

Art. 8º– Excepcionalmente poderão ser inscritos em Restos a Pagar não processados, os valores correspondentes a compras contratadas, cujo empenho ou documento equivalente esteja em poder do fornecedor e o material ou equipamento ainda não entregue à unidade requisitante até o dia 31.12.1998.

Art. 9º – Os saldos existentes de Restos a Pagar referentes a exercícios anteriores a 1998 serão avaliados pelos Ordenadores de Despesas, em conjunto com os Grupos Financeiros Setoriais ou Setores Equivalentes para o correspondente cancelamento e/ou identificação, até o dia 31.12.1998.
§1º – Os restos a pagar não identificados serão cancelados pelos Grupos Financeiros Setoriais ou Setores Equivalentes até o dia 31.12.1998.
§2º – Os Ordenadores de despesas deverão encaminhar, para a Coordenação de Contabilidade da SEFA, relação dos Restos a Pagar mantidos com a devida justificativa, bem como cópias dos cancelamentos.

Art. 10 – Os empenhos de adiantamento não poderão ser inscritos em Restos a pagar, devendo ser anulados em 31.12.1998, ficando vedada a concessão de adiantamentos, cujo direito de uso, ultrapasse a referida data.
§1º – Os saldos de suprimento de fundos deverão ser recolhidos à respectiva Conta "C" do Grupo Financeiro Setorial de cada Secretaria ou Órgão equivalente até o dia 30.12.1998.
§2º – Os suprimentos de fundos pendentes de comprovação, deverão ter suas prestações de contas apresentadas no máximo até o dia 15.01.1999, cabendo aos Grupos Financeiros Setoriais ou Setores Equivalentes, efetuar o respectivo registro contábil até 22.01.1999.
§3º – Os Chefes dos Grupos Financeiros Setoriais ou Setores Equivalentes na Administração Direta e Indireta, deverão remeter à Coordenação de Contabilidade da SEFA relação dos adiantamentos pendentes de prestação de contas, comprovando o devido registro contábil em diversos responsáveis.
§4º – Serão pessoalmente responsabilizados os Chefes dos Grupos Financeiros Setoriais ou Setores Equivalentes na Administração Direta e Indireta, que deixarem de cumprir o disposto nos §2º e §3º deste artigo.

Art. 11 – Os Grupos Administrativos Setoriais ou Setores Equivalentes encaminharão, até o dia 31.01.1999, à Coordenação de Contabilidade da SEFA, relação nominal e respectivos valores dos bens móveis, imóveis e material de consumo existente no Órgão em 31.12.1998.

Art. 12 – As prestações de contas dos ordenadores de despesas acompanhadas das conciliações bancárias das contas "C" e "D" de acordo com a Resolução nº 135/1997, do Tribunal de Contas do Estado, serão encaminhadas para a Auditoria Geral do Estado até o dia 28.02.1999.

Art. 13 – O prazo limite para a publicação no Diário Oficial do Estado, dos Decretos de Abertura de Créditos Adicionais, será o dia 30.11.1998.

Parágrafo único – excetua-se do disposto no *caput* deste artigo, os decretos referentes a leis aprovadas posteriormente pela Assembléia Legislativa.

Art. 14 – O prazo limite para pagamento de despesas no exercício vigente, será o dia 28.12.1998

§1º – Excetuam-se do disposto neste artigo, os pagamento de pessoal e encargos sociais, e outros benefícios assistenciais, bem como os juros e amortizações da divida pública e transferências constitucionais aos municípios e ao FUNDEF.

Art. 15 – Os grupos financeiros setoriais ou equivalentes na administração direta e indireta, deverão encaminhar até 09.01.1999, a coordenação de contabilidade da SEFA a conciliação bancária, das contas "C" e "D", do corrente exercício.

Art. 16 – Os órgão integrantes da administração pública estadual que não estiveram operando o SIAFEM – ES deverão entregar a coordenação de contabilidade da SEFA, até 31.03.1999, o que determina o art. 105 da resolução 135/1997 do tribunal de contas do estado , acompanhado do balaço analítico.

Art. 17 – As empresas em que o estado tem participação majoritária deverão oficiar a coordenação de contabilidade da SEFA, até 15 de janeiro de 1999, comunicando os valores de seus créditos junto ao Tesouro Estadual em 31.12.1998, provenientes de subvenções ou integralização de capital social.

Art. 18 – Os ordenadores de despesas responsáveis pelos Órgãos da Administração Direta do Poder Executivo, entidades Autarquicas e Fundos deverão encaminhar até 28.02.1999, a Coordenaçõ de Contabilidade da SEFA, relatório circunstaciado sobre a execução orçamentária e a situação econômica-financeira, de acordo com o inciso III, art. 105, da Resolução 135/1997 do Tribunal de Contas do Estado.

Art 19 – São pessoalmente responsáveis pelo cunprimento das presentes normas, os Secretários de Estado, os Dirigentes das Entidades autárquicas ou Fundos Especiais e os Dirigentes de Órgãos de nível hierárquico equivalente.

Art. 20 – A Auditoria Geral do Estado, a Coordenação de Finanças da SEFA e a coordenação de Planejamento do Governo deverão encaminhar à Coordenação de Contabilidade da SEFA, até o dia 31.03.1999, os relatórios especificados no item IX do art. 153 da Resolução nº 135/1997 do Tribunal de Contas do Estado.

Art. 21 – A Secretaria de Estado da Fazenda, e a Coordenação de Planejamento do Governo, poderão editar instruções complementares a execução deste Decreto e decidir sobre os casos especiais.

Parágrafo único _ O Cumprimento do disposto no *caput* deste artigo será efetivado por intermédio da Coordenação de Contabilidade da Secretaria de Estado da Fazenda e Coordenação de Orçamento da

Coordenação de Planejamento do Governo, em conjunto com seus respectivos titulares.

Art. 22 – O disposto neste Decreto aplica-se no que couber, aos Poderes Judiciário e Legislativo, na conformidade do que dispõe o art. 206 da Lei nº 2.583/1971.

Art. 23 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se todas as disposições em contrario.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de novembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 27.11.1998)

DECRETO Nº 4.376, de 10.12.1998

Institui o Plano de Prevenção de Acidentes Ambientais com produtos perigosos

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO no uso das atribuições legais, com base no art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, tendo em vista o disposto na Lei nº 3.582/1983 e nº 1.126/1988, e considerando o seu parque industrial, seu complexo portuário e a sua malha viária que serve de escoadouro de produtos perigosos para outros Estados, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Plano Estadual de prevenção e atendimento a acidentes ambientais com produtos perigosos ou que represente risco para saúde de pessoas, para segurança do meio ambiente ou produtos definidos no Decreto nº 1.797, de 25.01.1996.

Art. 2º – O Plano visa uma colaboração efetiva entre todas as instituições capazes de cooperar nos atendimentos a acidentes com produtos perigosos, fornecendo técnicos, equipamentos e *know-how*, minimizando os danos ao meio ambiente e a população.

Art. 3º – Para efeito deste Decreto considera-se acidente ambiental:
I – evento inesperado e indesejado oriundo do desenvolvimento tecnológico que afeta, direta ou indiretamente, a saúde da comunidade ou a segurança da comunidade ou que cause impactos agudos ao meio ambiente.

Art. 4º – Farão parte do plano de atendimento à acidentes as seguintes entidades:
1 – Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente;
2 – Secretaria de Estado da Agricultura;
3 – Secretaria de Estado da Saúde;
4 – Secretaria de Estado de Transporte e Obras Públicas;
5 – Defesa Civil;
6 – Corpo de Bombeiros Militar;
7 – Polícia Militar;
8 – Casa Militar;
9 – Secretaria da Fazenda;
10 – instituições de saneamento hidro-sanitário;
12 – empresas públicas e privadas.
§1º – Exceto a SEAMA e o Corpo de Bombeiros Militar, os órgãos relacionados neste artigo só serão acionados quando necessário.
§2º – A participação e atribuições dos órgãos Federais para o atendimento das ocorrências de acidentes com produtos perigosos far-se-ão mediante convênios específicos.

Art. 5º – As atribuições de cada órgão envolvido no atendimento ao acidente estará contido no Plano de Gerenciamento de Acidentes com Produtos Perigosos – PGAPP, conforme Anexo I.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se todas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de dezembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 11.12.1998)

ANEXO I DO DECRETO Nº 4.376, de 10.12.1998

PLANO DE GERENCIAMENTO DE ACIDENTES COM PRODUTOS PERIGOSOS

INTRODUÇÃO
Meio Ambiente é um bem comum a todos os cidadãos. É obrigação de todos e de do Estado preservá-Io, desenvolvendo ações e políticas que proporcionem sua manutenção e proteção.
Cumprindo sua vocação, o Governo volta sua atenção às atividades relacionadas com a produção, estocagem, comercialização e transporte de produtos perigosos que são por sua natureza susceptíveis a ocorrência de acidentes com riscos a saúde e segurança pública e a integridade do meio ambiente e, procura, através de um Plano de Gerenciamento Para Atendimento a Acidentes com Produtos Perigosos.

OBJETIVO
O objetivo do Plano de Gerenciamento de Acidentes é atender a situações de impactos ambientais ocasionadas por produtos que represente risco à saúde e segurança humana e do meio ambiente no Estado do Espírito Santo, através da colaboração entre instituições.

PRINCÍPIOS BÁSICOS
A cooperação e integração de esforços entre o poder público, as empresas e a sociedade são fatores essenciais para minimizar os custos, ambientais e financeiros decorrentes dos impactos causados por acidentes com produtos que represente risco para súde das pessoas e do meio ambiente.
O Princípio do Poluidor-Pagador é fundamental, considerando que os custos para o atendimento do acidente, da recuperação das áreas atingidas e das indenizações dos prejuízos causados serão atribuídos ao(s) responsável(is) pelo produto.
A avaliação dos riscos é parte integrante do planejamento e preparação para prevenção e controle de acidentes. As empresas são responsáveis por gerir suas atividades sem criar riscos desnecessário e são responsáveis pelos riscos que acarretam.
Todas as ações de prevenção, controle e atendimento aos acidentes deveram ser realizadas de forma a minimizar os riscos à saúde e a segurança humana.

ÁREA DE ABRANGÊNCIA:
Este plano de gerenciamento de Acidentes com Produtos Perigosos visa atender acidentes envolvendo produtos perigosos na área territorial do Estado do Espírito Santo.

ENTIDADES ENVOLVIDAS
1 – Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente;
2 – Corpo de Bombeiros Militar;
3 – Defesa Civil;
4 – Polícia Militar;
5 – Casa Militar;
6 – Secretaria de Estado da Saúde;
7 – Secretaria de Estado da Agricultura;
8 – Secretaria de Estado de Transporte de obras públicas
9 – Secretaria de Estado da Fazenda;
10 – instituições de saneamento;
l1 – empresas públicas e privadas.

TIPOLOGIA
Neste Plano de Gerenciamento serão considerados Produtos Perigosos aqueles “produtos que sejam perigosos ou represente riscos à saúde e segurança humana e do meio ambiente” ou os produtos definidos no Capítulo IV do Decreto Federal nº 1.797, de 25/01/1996.
Fundamentado neste conceito serão atendidos os seguintes acidentes:
1 – vazamento/derramamentos de Produtos Perigosos em Via Pública;
2 – derramamentos/vazamentos de produtos perigosos em pátios controlados;
3 – acidentes com veículos transportando Produtos perigosos sem derramamento, mas com necessidade de transbordo no local do acidente;
4 – acidentes Marítimos com Produtos perigosos; e
5 – ocorrências com resíduos perigosos.

ATRIBUIÇÕES
1 – Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente – SEAMA:
a) na base:
– registrar, assim que for informada, todos os detalhes possíveis do acidente, com maior brevidade;
– acionar, usando os meio, de comunicação disponíveis, órgãos integrantes deste plano, quando necessário
– deslocar equipe técnica para o local, com equipamento adequado para o monitoramento ambiental;

– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente.
b) no local:
– participar do Grupo de Coordenação;
– auxiliar o Corpo de Bombeiros na neutralização dos efeitos do acidente sobre o meio ambiente;
– acionar empresa responsável pelo acidente;
– avaliar os danos ambientais;
– monitorar os ambientes envolvidos após o fim da emergência;
– dar suporte ao Corpo de Bombeiros no que se fizer necessário e possível, a fim de minimizar os danos ao meio ambiente; e
2 – Corpo de Bombeiros Militar:
a) na base:
– registrar, assim que for informado, todos os detalhes possíveis do acidente, com maior brevidade possível;
– acionar, usando os meios de comunicação disponíveis, as entidades integrantes deste plano, quando necessários na operação;
– deslocar equipe de intervenção e controle para o local;
– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente no local;
– participar do Grupo de Coordenação;
– realizar a identificação positiva do produto e seus riscos;
– orientar o isolamento de arca, delimitando as zonas quente, morna e fria;
– realizar o salvamento de vítimas e transporte pré -hospitalar, se necessário,
– proceder a intervenção e controle da emergência;
– realizar a descontaminação emergencial; e
3 – Defesa Civil:
a) na base:
– registrar, assim que for informada, todos os detalhes possíveis do acidente, com maior brevidade;
– acionar, usando os meios de comunicação disponíveis, o Corpo de Bombeiro;
– deslocar Responsável para o local;
– divulgação para a comunidade das atitudes tomadas e motivos;
– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente.
b) no local:
– integrar o grupo de Coordenação;
– cumprir todas as atribuições atinentes a um órgão de Defesa Civil, com acionamento do seu Plano Geral; e
– levantar imediatamente as necessidades para a mais rápida neutralização do acidente.
4 – Polícia Militar:
a) na base:
– registrar, assim que for informado, todos os detalhes possíveis do acidente, principalmente a classe da ONU do produto;
– acionar, usando os meios de comunicação disponíveis, o Corpo de Bombeiros;
– deslocar Guarnição para o local; e
– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente.
b) no local:
– sendo o primeiro a chegar, isolar imediatamente o local, com isolamento de acordo com a ficha do produto;
– após coleta de informações (motorista transportador, ficha de emergência, CBOM, SEAMA etc.) realizar o isolamento e evacuação conforme a necessidade;
– assumir o controle de tráfego no local;
– checar as condições do veículo acidentado, porém sem contrariar as normas de segurança;
– checar condições do veículo que receberá o transbordo;
– dar suporte ao Corpo de Bombeiro no que for necessário e possível.
5 – Casa Militar:
a) na base:
– registrar, assim que for informado, de todos os detalhes possíveis do acidente, com maior brevidade, acionando imediatamente o seu plano de aplicação em acidentes com Produtos Perigosos do GRAER;
– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente.
b) no local:
– será responsável pelo local de pouso e decolagem da aeronave;
– será responsável pelas anotações referentes as operações aéreas, bem como, pelas marcações em cartas e mapas da área do sinistro;
– será responsável pelas comunicações rádio aeronave-solo.
6 – Secretaria Estadual de Saúde:
a) na base:
– registrar, assim que for informada, todos os detalhes possíveis do acidente, com maior brevidade;
– acionar, usando os meios de comunicação disponíveis, o Corpo de Bombeiro;
– providenciar Recursos materiais e humanos de sua competência (Hospitais, postos de emergência, equipe médica, ambulância, etc.) conforme necessidade e solicitação do grupo de coordenação
– orientação a triagem de atendimento às vítimas, informando e viabilizando o fluxo para o pronto atendimento de emergência;
– elaborar relatório minucioso do atendimento ao acidente.
b) no local:
– prestar socorro médico aos acidentados e a qualquer eventualidade médica ocorrida na operação de atendimento ao acidente;
– avaliar em conjunto com o grupo de coordenação os riscos à saúde da população decorrente do acidente e tomar as medidas cabíveis.
7 – Secretaria Estadual de Agricultura:
a) na base:
– disponibilizar recursos material e humano, quando solicitado pelo grupo de coordenação para atendimento à emergências.
8 – Secretaria de Transporte e Obras Públicas:
a) na base:
– disponibilizar recursos material e humano, quando solicitado pelo grupo de coordenação para atendimento à emergências.
9 – Secretaria da Fazenda:
– prover os recursos técnicos e financeiros para a execução do Plano.
10 – Instituições de Saneamento:
a) na base:
– registrar, assim que for informado, todos os detalhes possíveis do acidente com maior brevidade o Corpo de Bombeiros;
– controle do fornecimento de água caso seja verificado a necessidade ou, por solicitação do grupo de coordenação;
– disponibilizar recursos material e humano quando solicitado pelo grupo de coordenação para atendimento a emergências.
b) no local:
– fornecimento de água por meio de carros “pipas” ou, outros métodos, quando solicitados pelo grupo de coordenação.
11 – Empresas Públicas e Privadas:
– disponibilizar apoio técnico e recursos materiais e humanos necessários para o pronto atendimento;
– no local a empresa assumirá a coordenação técnica do atendimento.

PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS
1 – Organograma:
a) na base – Coordenação Geral do Plano – SEAMA;
b) no local – a Coordenação do Gerenciamento do Acidente.
A SEAMA, resguardada a especificidade de cada acidente, designará um coordenador geral no local para o gerenciamento do atendimento do acidente.
1 – Fluxograma:
a) acionamento:
– qualquer instituição informada deverá colher os dados básicos e notificar o Corpo de Bombeiro que manterá plantões de 24 horas, rádio e telefone (193) durante todo o ano e a SEAMA;
– ao tomar conhecimento do acidente, a central de operações do Corpo de Bombeiros, acionará prioritariamente a SEAMA que lhe dará informações adicionais sobre os procedimentos em relação ao produto perigoso;
– serão acionados as instituições necessários ao atendimento do acidente.
b) avaliação:
– a primeira avaliação será realizada pela autoridade presente no local, que deverá repassar as informações para a Central de Operações do Corpo de Bombeiros;
– a avaliação é dinâmica e contínua sendo posteriormente assumida pela coordenação do atendimento;
– Corpo de Bombeiro, Defesa Civil, SEAMA, e outras instituições quando cabíveis assumirão a Coordenação do gerenciamento de atendimento ao acidentes;
– o Corpo de Bombeiro e a SEAMA acionarão as demais instituições que forem necessárias para atendimento ao acidente.
c) intervenção:
– a Coordenação assumirá o comando da equipe no atendimento;
– o atendimento ao acidente deverá seguir o procedimento operacional do Corpo de Bombeiros, tendo como base as informações técnicas;
– a comunicação à comunidade, imprensa e demais entidades envolvidas ficará a cargo da Coordenação.
d) recuperação ambiental:
– a recuperação da área impactada, deverá seguir em conformidade com, as determinações técnicas do Órgão Gestor de Meio Ambiente, segundo Laudo Técnico;
– o monitoramento ambiental da área atingida será analisado pelo Órgão Gestor de Meio Ambiente.
3 – Logística:

I – havendo necessidade de alimentação para o pessoal envolvido na operação, cada órgão deverá providenciar refeição para suas equipes;
II – havendo necessidade de remoção da população, a alimentação e abrigo destas pessoas ficarão sob a responsabilidade da Defesa Civil;
III – caberá à entidade responsável pelo produto acidentado viabilizar os recursos necessários ao atendimento do acidente, em menor prazo possível.
4 – Comunicação:
I – a nível de operação no local, a Coordenação se reportará diretamente aos chefes das equipes dos órgãos que estiverem atuando;
II – meio de comunicação para a difusão do acidente deverá ser o telefone;
III – em seus planos setoriais, cada órgão deverá explicitar as pessoas que deverão ser contatadas para que se possa acionar os procedimentos a cargo daquele órgão, com a maior brevidade.
5 – Análise do procedimento:
I – as instituições, participantes do atendimento ao acidente deverão encaminhar a SEAMA, no prazo de dez dias após o acidente, relatório de atuação, contendo sugestões;
II – após a entrega dos relatórios, no período de 20 dias, a SEAMA articulará reunião entre as instituições envolvidas no atendimento, objetivando avaliar de forma geral as ações produzindo um relatório final;
III – relatório final deverá ter contido as causas e as conseqüências do acidente, avaliação das ações realizadas, avaliação e quantificação dos danos ambientais.

REVISÃO DO PLANO
O relatório final subsidiara a avaliação da eficiência do plano
O Plano de Gerenciamento de Acidente com Produtos Perigosos deverá ser revisado periodicamente, objetivando aprimorar as estratégias de atuação emergencial.
(Ato assinado pelo Governador do Estado em 10.12.1998)

DECRETO Nº 4.392-N, de 01.01.1999

- *Vide Decreto nº 1.018, de 15.05.03*

Dá nova redação ao art. 2º do Decreto nº 866-N/1976

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: no uso das atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O art. 2º do Regulamento da Casa Militar, aprovado pelo Decreto nº 866-N, de 20.07.1976, alterado pelos decretos nº 2.429-N/1987 e nº 4.295-N/1998, passa a vigorar com a seguinte redação .
"Art. 2º – O Secretário-Chefe da Casa Militar, nos termos do art. 16, da Lei nº 3.043/1975, tem status, deveres e prerrogativas de Secretário de Estado e será um oficial superior do Quadro da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar nomeado por livre escolha do Governador do Estado".

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 1º de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.01.1999)

DECRETO Nº 7.338-E, de 05.01.1999.

- *Vide Decreto nº 4.446 –N, de 05.04.1999.*

Susta pagamentos em folha suplementar de pessoal

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e diante das precárias condições em que se encontra o Erário, decreta:

Art. 1º – Ficam sustados pelo prazo de 60 (sessenta) dias todos os pagamentos em folha suplementar de pessoal, a servidores civis e militares, ativos e inativos, inclusive a pensionistas.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 05.01.1999)

DECRETO Nº 7.339-E, de 05.01.1999.

- *Vide Decretos nº 7.373-E, e 4.446, de 05.04.1999*

Suspende autorizações para afastamento de servidor público e militar do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública Estadual,

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam suspensas por 60 (sessenta) dias as autorizações para afastamento de servidor público e militar do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública Estadual, em virtude de:
I – participação em congressos ou certames;
II – freqüência de cursos de quaisquer natureza;
III – participação em competições desportivas.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.01.1999)

DECRETO Nº 7.340-E, de 05.01.1999

Determina prazo para inventário de bens

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os órgãos da administração direta e indireta da Administração Estadual promoverão no prazo de 30 (trinta) dias o inventário de seus bens móveis e imóveis com atualização dos respectivos cadastros de controle inclusive no que se refere a valores patrimoniais.

Art. 2º – O inventário previsto no artigo anterior será encaminhado à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos que , através da PRODEST, providenciará a informatização dos dados oferecidos.

Art. 3º – A baixa de bem patrimonial, por qualquer motivo, deverá ser comunicada à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos para o efeito de manter atualizado o controle cadastral dos bens móveis e imóveis.
Parágrafo único – O descumprimento do disposto no *caput* deste artigo implicará na prática, pelo responsável, de falta administrativa grave.

Art. 4º – O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 05.01.1999)

DECRETO Nº 4.394-N, de 05.01.1999

Ementa: Determina o retorno dos servidores públicos estaduais afastados dos órgãos e repartições de origem

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os Servidores Públicos Estaduais e Militares do Poder Executivo, que se encontram afastados dos órgãos, unidades e repartições de origem, com ônus para o Governo do Estado, deverão retornar ao exercício de suas funções e cargos no prazo máximo de 10 (dez) dias.

Art. 2º – A Secretaria de Estado da Administração examinará todos os afastamentos de Servidores Públicos e Militares decorrentes de atos administrativos de qualquer natureza, opinando quanto à continuidade ou não, do afastamento, em face do interesse público.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.01.1999)

DECRETO Nº 4.395-N, de 05.01.1999

Disciplina normas de execução orçamentária para o exercício financeiro de 1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. no uso da a art. 91, inciso III. da Constituição Estadual, e tendo em vista a necessidade de contenção de despesas, face à grave situação financeira que passa o Governo do Estado, decreta:

Art. 1º – Ficam contingenciadas em 100% de seus valores, as despesas do Poder Executivo Estadual, constantes da Lei Orçamentária para o exercício de 1999.

Parágrafo único – Não se aplica ao *caput* deste artigo:
I – as despesas de Pessoal e Encargos Sociais, Juro: Amortização da Dívida Pública. Transferências Constitucionais aos Municípios e ao FUNDEF, FUNRES e FUNDES;
II – as despesas de custeio que estarão descontingenciadas até o limite das contas financeiras aprovadas por Decreto.

Art. 2º – Os descontingencimentos das despesas de que trata o art. 1º, serão efetuados pela Coordenação de planejamento do Governo, com prévia autorização do Senhor Governador do Estado, baseado nas solicitações apresentadas pelos acompanhadas de justificativas bem fundamentadas e devidamente assinadas pelo Titular da Pasta.

Art. 3º – As disposições deste Decreto aplicam-se a todos os órgãos da Administração Direta do Poder Executivo Estadual. Autarquias e Empresas Públicas.

Art. 4º – A realização de novas despesas fica condicionada a emissão prévia de empenho no SIAFEM, observada a legislação em vigor.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.01.1999)

DECRETO Nº 4.397-N , de 05.01.1999

Determina que o controle, elaboração e o gerenciamento das folhas de pagamento de pessoal deverão ser exercidos pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O controle elaboração e o gerenciamento das folhas de pagamento de pessoal dos órgãos da administração direta, autarquias, empresas públicas, órgãos em regime especial, inclusive a Polícia Militar e a Polícia Civil, serão exercidos pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos.
§1º – O pedido de recursos para liquidação de folhas de pagamento será previamente submetido à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos antes de encaminhado à Secretaria de Estado da Fazenda.
2º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos em articulação com a Auditoria Geral do Estado manterá a fiscalização permanente das folhas de pagamento de pessoal.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.01.1999)

DECRETO Nº 4.398-N. de 05.01.1999

- *Vide Decretos nº 4.446-N, de05.04.1999,4.521-N,de 21.10.1999 , 4577- n , de 30.12.1999, 4.408-N, de 08.02.1999*

Determina a não renovação dos contratos por prazo determinado e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. usando da atribuição legal e
Considerando a profunda crise financeira que atinge o Estado do Espírito Santo, acarretando atraso continuado do pagamento do funcionalismo, sucateamento da máquina administrativa, ausência de repasses indispensáveis ao atendimento das atividades essenciais. especialmente nas áreas de saúde, educação e segurança pública., decreta:

Art. 1º – Não serão renovados ou mantidos, no exercício financeiro de 1999, os contratos relativos:
I – às designações temporárias;
II – ao pessoal celetista da administração direta e indireta contratado por prazo determinado.
Parágrafo único – Qualquer exceção ao disposto no *caput* deste artigo dependerá de prévia autorização do Governador do Estado, mediante proposta da Secretaria de Estado, demonstrando sua necessidade para a preservação do serviço público essencial.

Art. 2º – A Secretaria de Estado da Administração instituirá Comissão Especial. com a incumbência de. no prazo de 60 (sessenta) dias, reavaliar e renegociar todos os contratos administrativos celebrados pela Administração Pública Estadual em vigor, especialmente sobre:
I – serviços de limpeza e vigilância;
II – serviços de informática e suporte técnico;
III – manutenção predial;
IV – manutenção de veículos e aeronaves;
V – suprimentos de quaisquer natureza;
VI – aluguéis de imóveis e equipamentos;
VII – concessões, permissões, ajustes e convênios de interesse da Administração Direta, Autárquica e Empresas Públicas.

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº 44.79, de 17.07.99*

§1º – As Secretarias de Estado e órgãos de mesmo nível hierárquico encaminharão Secretaria de Administração impreterivelmente no

prazo de 15 (quinze) dias, cópias de todos o contratos mencionados nos incisos do *caput* deste artigo.
§2º – A inobservância do disposto no parágrafo anterior acarretará suspensão de repasse financeiros para *o* pagamento de despesas dos contratos omitidos.

Art. 3º – Ficam suspensos, pelo prazo de 90 (noventa) dias:
I – os procedimentos licitatórios de qualquer espécie;
II– a admissão de pessoal;
III – a realização de concursos públicos;
IV – a cessão, doação, empréstimo, comodato ou transferência de bens públicos, mesmo quando autorizados por lei, até posterior deliberação.
Parágrafo único – Em caso de relevante interesse público e após ouvida a Secretaria Estado da Administração, o Chefe do Poder Executivo pode autorizar, em caráter excepcional, as medidas suspensas pelo presente artigo.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.01.1999)

DECRETO Nº 7.342-E, de 11.01.1999

- *Vide Decretos nº 4.521- N, de 21.10.1999, 4.577—N de 30.12.1999 e 4.409, de 08.02.1999*

Institui Comissão Geral de Preços

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere ao art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituída junto à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos a Comissão Geral de Preços (CGP) com a finalidade de:
I – implantar sistema de registro de preços para pagamento a fornecedores;
II – estabelecer cadastro de preços usuais para bens, equipamentos, locações e serviços.

Art. 2º – Uma vez registrado no cadastro de preço usual, que será o preço de mercado para pagamento à vista, nenhum órgão da administração direta ou indireta poderá adquirir bens, mercadorias, ou contratar serviços ou locação por preços superiores.
Parágrafo único – A comissão fixará os critérios para estabelecimento de preços de marcado.

Art. 3º – A Comissão instituída por este Decreto será formada:
a) por um representante da Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, na condição de Presidente;
b) um representante da Casa Civil,
c) um representante da Coordenação de Planejamento do Governo;
d) um representante da Secretaria de Estado da Fazenda.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 12.01.1999)

DECRETO Nº 7.344-E, de 11.01.1999

Dispõe sobre exames médicos para posse em cargo público

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais outorgadas pelo art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os servidores públicos estaduais de qualquer dos poderes constituídos que se encontrem no exercício de seus cargos não necessitarão se submeter a novos exames médicos para fins de posse em outro cargo público.

Art. 2º – Os servidores públicos ao ser nomeado apresentará, para fins de posse, declaração de que está exercendo cargo em qualquer um dos poderes constituídos, expedida pelo respectivo Setor.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 12.01.1999)

DECRETO Nº 4.400-N, de 20.01.1999

Determina que os benefícios decorrentes de direitos retroativos deverão constar em folha suplementar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição legal, e,

Considerando as notórias dificuldades que atravessa o Erário Estadual, carente de recursos até mesmo para quitar folhas de pagamento de pessoal em atraso;

Considerando que é dever indeclinável da Administração Pública adotar todas as medidas indispensáveis ao controle da Folha de Pagamento de Pessoal, desonerando-a de encargos não previstos na legislação em vigor;

Considerando que o art. 1º, alínea "b", da Lei Federal nº 4.348, de 26.06.1964 determina que a medida liminar somente tem eficácia pelo prazo de 90(noventa) dias;

Considerando que, além disso, a aludida crise financeira cria situação de força maior que obriga o Poder Público a privilegiar o pagamento de salários atrasados, impondo-o até mesmo a postergação de outros pagamentos, sem se que isso represente, em tese, a rediscussão em esfera administrativa de matéria afeta ao Poder Judiciário, decreta:

Art. 1º – A partir janeiro de 1999 não serão incluídos nas folhas de pagamento de pessoal os valores relativos a direitos retroativos devidos a servidores, que passarão a constar exclusivamente de folhas suplementares.

Art. 2º – Os órgãos de pessoal incumbidos da elaboração de folhas de pagamentos de pessoal deverão cumprir o disposto no art. 1º, alínea "b", da Lei Federal nº 4.348, de 26.06.1964, sob pena de responsabilidade funcional.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 20 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 21.01.1999)

DECRETO Nº 4.401, de 26.01.1999

- *Vide Decreto nº 4408, de 05.02.1999*

Dispõe sobre o contingenciamento de Folhas de Pagamento

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei nº 5.827, publicada em 18.01.1999, decreta:

Art. 1º – Em face da notória situação emergencial vivida pela Administração Pública Estadual, induvidosamente caracterizando força maior, a partir de janeiro de 1999 as Folhas de Pagamento do Pessoal da Administração Direta, Autárquica e Empresas Públicas, ativos e inativos, inclusive militares, ficam contingenciadas até o limite de 20% (vinte por cento) mensal, na forma do anexo deste Decreto.

Parágrafo único – Excluem-se do disposto neste artigo as despesas decorrentes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério – FUNDEF.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 27.01.1999)

ANEXO AO DECRETO Nº 4.401, de 26.01.1999

APLICAÇÃO DO DISPOSTO NA LEI Nº5.827/1999 NAS FOLHAS DE PAGAMENTO DE PESSOAL	
Até R$ 400,00	Isento
Acima de R$ 400,00	20% de Contingenciamento

DECRETO Nº 4.403-N, de 27.01.1999

Dispõe sobre a Publicidade da Administração Pública Estadual, direta e indireta Sociedades controladas pelo Estado e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta no Processo nº 15.029.808/1999, decreta:

Art. 1º – A produção ou veiculação de qualquer tipo de publicidade qualquer órgão da Administração Direta ou de Entidade da Administração Indireta (Autarquias, Empresas Públicas. Sociedades de Economia Mista), terá por objetivo de atos programas, obras, serviços ou campanhas de responsabilidade dos órgãos referidas neste artigo, limitando-se a mensagem a divulgar os aspectos educativos de orientação social.
§1º – Proibida a publicidade que caracterize promoção pessoal de autoridade ou de servidor público.
§2º – Quando se tratar de campanha de produto competitivo no mercado se adequará às regras mercadológicas próprias.
§3º - Em qualquer circunstância, a publicidade adotará a transparência de procedimentos, o respeito à ética publicitária, em conformidade com as normas do CONAR – Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária.

Art. 2º – A Superintendência Estadual de Comunicação Social é a responsável pelo cumprimento do que dispõe este Decreto, expedindo Normas Complementares que se fizerem necessárias.

Art. 3º – Todas as campanhas e ações isoladas de propaganda, inclusive a publicidade legal, comunicados de emergência ou de utilidade pública, serão submetidos, previamente, a apreciação da Superintendência Estadual de Comunicação Social, que analisará os seus aspectos técnicos-publicitários e a adequação aos conceitos de unidade da Comunicação do Governo do Estado.

Art. 4º – Quando se tratar de despesa a ser paga com recursos do Tesouro tal como planejamento, as peças publicitárias e os custos, inclusive plano de mídia, o pagamento somente poderá ser efetivado após aprovação da despesa pela Superintendência Estadual de Comunicação Social, para apreciação e viabilização orçamentária e financeira junto à Secretaria de Estado da Fazenda.

Art. 5º – As empresas com gestão própria de seus recursos, baixarão normas internas de forma que as despesas com publicidade, somente sejam efetivadas após a aprovação da superintendência Estadual de Comunicação Social.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta em Vitória, 27 de janeiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 29.01.1999)

DECRETO Nº 4.405, de 02.02.1999

- *Vide Decretos nº 4.497, de 27.07.1999, 007-R, de07.02.2000.*

Determina a guarda interna dos estabelecimentos penais vinculados à Secretaria de Estado de Justiça e da Cidadania, o transporte e escoltas em geral, assistência médica, odontológica e jurídica da população carcerária

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição legal e ,
Considerando que este Governo constatou que os presídios do Estado, especialmente os da Grande Vitória, se encontram e péssimo estado de conservação, parcialmente destruídos por predatória, cubículos abertos, sem chave ou cadeado, instalações elétricas e rede de água comprometidas por vandalismo.
Considerando que há estabelecimentos que estão sendo dirigidos de fato pela população carcerária, por suas lideranças que decidem internamente o destino de tudo e de todos, sem submissão a regras administrativas ou a qualquer autoridade do Estado.
Considerando que, pelo aumento do índice de criminalidade verificado no Estado nos últimos anos e conseqüente crescimento da população carcerária, não houve correspondência de ingresso de Agentes Penitenciários;
Considerando que as fugas, tentativas de fugas e destruição dos estabelecimentos penais, tem colocado em risco a ordem pública e a própria incolumidade dos presos e dos agentes públicos que neles operam.
Considerando que este Governo não deve e não vai permiti que dentro do Estado do Espírito Santo, existam setores refratários ou resistentes ao império da lei e da ordem e do pleno e eficaz exercício da autoridade pública que lhe cabe preservar e firmar.
Considerando que tais fatos são indicadores de uma situação de colapso dos serviços penitenciários, sentida com mais agudeza nos estabelecimentos situados na Grande Vitória.
Considerando o dever indeclinável que tem o agente político de promover o interesse público no caso, a preservação da ordem pública, devendo agir com firmeza, no estrito cumprimento do dever legal, decreta:

Art. 1º – O Instituto de Readaptação Social – IRS, Casa de Detenção da Grande Vitória – CADEV, Penitenciária Agrícola do Espírito Santo – PAES e Casa de Custódia de Viana – CASCUVI, em caráter excepcional, ficarão pelo período de 180 (cento e oitenta) dias, prorrogáveis, por duração que não exceda o tempo necessário à satisfação do restabelecimento do sistema, sob a guarda externa da Polícia Militar, ficando também sob sua responsabilidade, o atendimento médico-odontológico, transporte e escoltas dos seus encarcerados.
Parágrafo único – Os Oficiais PM empregados nas ações previstas neste artigo serão colocados à disposição da Casa Militar da Governadoria, atribuindo-se-lhes atividades pertinentes à segurança do sistema penal, definidos em lei sob a responsabilidade da SEJUC, e juntamente com os demais Policiais Militares empregados serão considerados em atividade de natureza policial militar.

Art. 2º – Os Agentes Penitenciários e Agentes de Segurança Penitenciários, serão reciclados profissionalmente e remanejados dentro da programação definida pela SEJUC, ficando localizados na Coordenação do Sistema Penitenciário Estadual – COSIPE.

Art. 3º – A Defensoria Pública Estadual disponibilizará 20 (vinte) Defensores Públicos com a missão de realizar levantamentos acerca da situação jurídica de todos os internos do sistema Penitenciário Estadual, sob a coordenação direta da SEJUC, requerendo as providências e procedimentos por ela determinados e os previstos em lei.

Art. 4º – A Secretaria Estadual de Saúde cederá à Polícia Militar, para uso enquanto as ações determinadas neste Decreto perdurarem um ônibus de atendimento médico-odontológico, para emprego no

atendimento aos internos dos estabelecimentos penais definidos bem como material e medicamentos necessários.

Art. 5º – A movimentação necessária de preso provisório ainda respondendo a inquérito policial e/ou processo criminal, será feita para as Delegacias de Polícia ou Fóruns, oficialmente entre a SEJUC/Coordenação do Sistema Penitenciário e a SESP/Polícia Civil/Superintendência de Polícia Prisional, com o transporte a cargo da Polícia Civil e sob sua responsabilidade.

Art. 6º – Os atendimentos médico, odontológico e jurídico serão prestados nos próprios estabelecimentos penais, em todos os dias úteis da semana, em programação definida pela SUJUC/PMES e Defensoria Pública.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 02 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 03.02.1999)

DECRETO Nº 4.407, de 05.02.1999

- *Este Decreto não se aplica aos Militares Estaduais*

Regulamenta a Lei complementar nº 137/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A licença especial remunerada, de que trata a Lei Complementar nº 137, de 11.01.1999, deverá ser requerida pelo servidor público estável, no seu órgão de origem, em formulário padrão, conforme modelo anexo.

- O Modelo de Formulário poderá ser consultado no DOE de 08.02.1999

Parágrafo único – Requerida a licença a que se refere o *caput* deste artigo, o servidor público aguardará em exercício a decisão.

Art. 2º – A concessão da licença de que trata o artigo anterior será de competência do Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos (SEAR), após concordância da Chefia imediata do servidor requerente.

Art. 3º – O Servidor requerente deverá firmar o compromisso irretratável de que não interromperá a licença antes de esgotado o prazo de 04 (quatro) anos como condição para concessão da mesma, ficando a critério da Administração interrompê-la a qualquer tempo, conforme prevê o §13 do art. 149 da Lei Complementar nº46/1994, com a nova redação que lhe foi dada pelo art. 2º da Lei Complementar nº 137, de 11.01.1999.

Art. 4º – Os casos omissos serão resolvidos pelo Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos.

Art. 5º – Fica estendido aos servidores públicos celetistas da administração direta autárquica e de empresas públicas o direito ao gozo de licença especial instituída pela Lei Complementar nº 137, de 11.01.1999, regulamentada pelo presente Decreto.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 08.02.1999)

DECRETO Nº 4.408, de 05.02.1999

- *Vide Decreto nº 4.462-N , de 31.05.1999*

Dispõe sobre a adequação da jornada semanal de trabalho de seus servidores à disponibilidade financeira existente e às reais necessidades de funcionamento e atendimento ao público

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando as atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto na Lei nº 5.826, de 15.01.1999, decreta:

Art. 1º – Os órgãos da Administração Direta, Autárquicas e Empresas Públicas deverão promover a adequação da jornada semanal de trabalho de seus servidores à disponibilidade financeira existente e às reais necessidades de funcionamento e atendimento ao público.

Art. 2º – Para atender o disposto no artigo anterior, os Órgãos mencionados poderão reduzir a jornada semanal de trabalho em até 30% (trinta por cento), assegurada a manutenção do mesmo valor hora/trabalho.
§1º – Os atos administrativos que consubstanciarão a medida prevista no *caput* deste artigo serão baixadas através de Portarias.
§2º – Em nenhuma hipótese será admitida a cumulação do disposto neste artigo com aplicação do contingenciamento previsto no Decreto nº 4.401-N, de 26.01.1999, em percentuais que , somados, ultrapassem a 30% (trinta por cento).

Art. 3º – A juízo da autoridade que baixar o ato de redução da jornada de trabalho poderão ser excetuados de sua abrangência os servidores de hospitais, plantões e órgãos administrativos considerados essenciais ou indispensáveis à ação governamental, cujas atividades não podem ser reduzidas em prejuízo de atendimento ao público ou cumprimento de suas finalidades.

Art. 4º – Deverá ser reduzida em 30% (trinta por cento), a prestação de serviços extraordinários na Administração Direta Autárquica, Órgãos sob Regime Especial de Administração e Empresas Públicas, inclusive sob a égide da Lei nº 4.846, de 28.02.1993 e Lei Complementar nº 117, de 23.04.1998, a critério do titular da respectiva pasta dos servidores.

Art. 5º – O Governador do Estado, mediante justificativa de Titular de Secretaria de Estado, considerando interesse público relevante e a necessidade de atender a outras atividades essenciais ou emergenciais poderá autorizar a exclusão de servidores repartições, órgãos, servidores ou atividades profissionais da aplicação do disposto neste Decreto.

Art. 6º – Ficam os Secretários de Estado e dirigentes do Órgãos Autárquicos em Regime Especial de Administração autorizados a promover, quando necessário, negociações objetivando incluir a redução de jornada de trabalho em acordos coletivos, respeitados os limites previstos neste Decreto.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 08.02.1999)

DECRETO Nº 4.049, de 08.02.1999

Reduz em até 20% todos os contratos Administrativos celebrados pela Administração Pública Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições legais que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
CONSIDERANDO que a Administração Estadual atravessa crise financeira, acarretando prejuízo para o bom funcionamento de serviços públicos estaduais;
CONSIDERANDO que ao longo dos anos foi adorada na Administração pública uma cultura de não questionamento e comparação de preços oferecidos pelos fornecedores de bens de serviços;

CONSIDERANDO que a Constituição Federal em seu art. 37, *caput*, eregiu a moralidade como uns dos princípios de cumprimento obrigatório pelo Poder Público;
CONSIDERANDO que o exame que está sendo procedido nos contratos administrativos em vigor vem encontrando disparidade absurdas de preços para idênticos produtos, entregues em iguais condições;
CONSIDERANDO que a Comissão Especial de Revisão de Contratos instituída pelo Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999, constatou que a Administração vinha permitindo que um mesmo fornecedor fossem pagos preços diferenciados para a entrega de refeições ao Sistema Penitenciário, com valores unitários de R$6.52 (seis Reais e cinqüenta e dois centavos) no IRS, R$6,22 (seis Reais e vinte e dois centavos) na Casa de Detenção e R$3,84 (três Reais e oitenta e quatro centavos) na Casa de Custódia de Viana;
CONSIDERANDO, mais , que aludida Comissão instituída pelo Decreto nº 4.398-N/1999, e constituída pela Portaria SEAR nº 046-P/1999, com representantes da SEAR, Casa Civil, Auditoria Geral do Estado e Procuradoria Geral do Estado, sugere urgente edição do ato administrativo capaz de coibir tais abusos deflacionando os atuais contratos vigentes em até 20% (vinte por cento) sem que isso acarrete quaisquer desequilíbrio econômico financeiro, decreta:

Art. 1º – Serão reduzidos em até 20% (vinte por cento), todos os contratos Administrativos celebrados pela Administração Pública Estadual, atualmente em vigor, referidos no art. 2º do Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999.
Parágrafo único – Para implementar a redução prevista no *caput* deste artigo o Secretário de Estado ou Dirigente de Órgãos da Administração Direta, autárquica, Empresas Públicas e operações de 0,80 à 0,95 (oitenta centésimos à noventa e cinco centésimos), sobre os custos unitários dos contratos referidos no *caput* deste artigo.

Art. 2º – Serão celebrados novos contratos, em caráter emergencial daqueles Contratos encerrados em 31.12.1998, considerados essenciais e não aditados quanto ao prazo, desde que não tenha ocorrido a interrupção dos serviços prestados, mantendo-se os custos unitários de dezembro de 1998.
Parágrafo único – Na hipótese deste artigo, sobre os custos unitários praticados em dezembro de 1998 aplicar-se-á o redutor variável 0,80 a 0,95 (oitenta centésimos a noventa e cinco centésimos).

Art. 3º – Os contratos que, após aplicação de redutor máximo de 0,80 (oitenta centésimos), ainda forem considerados com preços abusivos, serão reduzidos aos valores de mercado ou rescindidos conforme o interesse da Administração.
§1º – Considera-se preço abusivo aquele cujo valor encontra-se notoriamente numa posição superior ao praticado no mercado.
§2º – A Comissão Geral de Preços, instituída pelo Decreto nº 7.342-E, de 11.01.1999, declarará os casos de abusividade de preço mediante Resolução.
§3º – Deverão também ser rescindidos todos contratos que não tenham boa qualidade na execução de seu objeto contratual.
§4º – Os servidores das Secretarias e de Órgão abrangidos pelas disposições deste Decreto, afetos a área de celebração de Contratos serão capacitados pela Comissão Especial, de que trata o Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999, através da ESESP, para procederem a análise dos Contratos a que se refere o *caput* deste artigo.

Art. 4º – Todos os processos relativos a licitação e dispensa de licitações, deverão ser justificados através de Parecer Técnico do Secretário da Pasta ou Dirigente de Órgãos equivalente, e após remetidos à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos para análise de sua essencialidade através da Comissão prevista no Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999.
Parágrafo único – As despesas contratuais cujos valores não ultrapassarem a R$ 8.000,00 (oito mil Reais), para Compras e Serviços e não precisarão ser encaminhadas à Secretarias de Estado da Administração e de Recursos Humanos para análise.

Art. 5º – Aplicam-se, no que couber, as concessões, permissões e convênios que gerem desembolso para o Estado, as normas estabelecidas neste Decreto.

Art. 6º – Os processos submetidos ao crivo da Corregedoria Geral de Administração – COREG, conforme Decreto nº 4.521-N, de 21.10.1999, após adoção e implementação das medidas determinadas pelo Chefe do Poder Executivo, deverão retornar à Corregedoria a fim de se proceder à análise do equilíbrio financeiro-econômico alcançado.

- *Inserido pelo art. 1º do Decreto nº 4.548-N, de 08.12.1999*

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

- *Renumerado pelo art. 1º do Decreto nº 4.548-N, de 08.12.1999*

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

- *Renumerado pelo art. 1º do Decreto nº 4.548-N, de 08.12.1999.*

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.02.1999)

DECRETO Nº 7.326-E, de 18.02.1999

- *Vide Decreto nº 7.628-E, de 29.12.1999*

Bolsa de complementação educacional

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – Fica fixado, para o exercício de 1999, o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio – Bolsa de Complementação Educacional na Administração Direta e Indireta de acordo com o anexo único deste Decreto que vigorará de 01.01.1999 a 31.12.1999.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 18 de dezembro de 1998.

VITOR BUAIZ

Governador do Estado

(D.O.E. 21.12.1998)

ANEXO I AO DECRETO Nº 7.326-E, de 18.02.1999

QUADRO DE OFERTA DE ESTAGIÁRIOS – 1999

ADMINISTRAÇÃO DIRETA	
PM	100

DECRETO Nº 4.414, de 25.02.1999

Cria o Sistema de Gestão de Recrutamento e Treinamento de Recursos Humanos da Administração Direta, Autárquica, Fundacional e Pessoal das Empresas Públicas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições que lhe conferem os incisos III e V do art. 91, da constituição Estadual, e tendo em vista o disposto no art. 1º, alínea "c", da Lei nº 5.831, de 22.01.1999, combinado com o art. 3º da Lei Complementar nº 140, de 15.01.1999, decreta:

Art. 1º – Fica criado o Sistema de Gestão de Recrutamento e Treinamento de Recursos Humanos da Administração Direta, Autárquica, Fundacional e Pessoal das Empresas Públicas.
§1º – A Escola de Serviço Público do Estado do Espírito Santo – ESESP, criada pelo art. 121, da Lei nº 3.043, de 31.12.1975, transformada em Autarquia pelo art. 1º, da Lei nº 4.921, de 28.06.1994, será o órgão central do SGRT, com a competência de supervisionar, coordenar e articular as atividades referidas no *caput*.
§2º – São competências do órgão do Sistema:
I – aprovar a programação anual de atividades de recrutamento, formação, treinamento e aperfeiçoamento, inclusive dispêndios de todos os órgãos da Administração Direta, Autárquica, Fundacional e Empresas Públicas;
II – definir diretrizes públicas – alvo prioritário e conteúdos comuns dos programas de formação, treinamento e aperfeiçoamento;
III – oferecer atividades voltadas para conteúdos básicos comuns aos diversos programas de treinamento de acordo com as necessidades do serviço público;

IV – promover a otimização da utilização dos recursos materiais disponíveis nos órgãos e entidades, destinados às atividades de treinamento;
V – acompanhar a execução de projetos ações.
§3º – Excetuam-se do disposto neste Artigo a Academia de Polícia Civil – ACADEPOL e o Centro de Aperfeiçoamento da Policia Militar;

Art. 2º – Integram o Sistema de Gestão de Recrutamento e Treinamento de Recursos Humanos:
I – a Divisão de Treinamento da Coordenação de Recursos Humanos do Instituto Estadual de Saúde Publica – IESP, da Secretaria de Estado da Saúde ;
II– a coordenação de desenvolvimento Organizacional e dos Recursos Humanos – CODER, da Secretaria de Estado da Fazenda;
III– o Departamento de Apoio Técnico e Pedagógico – DAT, da Secretaria de Estado da Educação.

Art. 3º – A realização de atividades de formação treinamento ou desenvolvimento profissional, de qualquer natureza, no âmbito da administração Estadual direta, autárquica e fundacional, dependerá de prévio exame e aprovação pela ESESP.

Art. 4º – Para cumprimento do disposto neste Decreto a escola de serviço publico poderá, quando necessário, utilizar pessoal das repartições e órgãos envolvidos no SGTR, que será colocado a sua disposição por ato do Governador do Estado.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 25 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 26.02.19999)

DECRETO Nº 4.415, de 25.02.1999

Altera o Decreto nº 2.145-N/1985

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III do art. 91, da Constituição Estadual de acordo com o §8º do art. 75, da Lei nº 3.196, de 09.01.1978, decreta:

Art. 1º – Fica acrescentado ao art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, o item 3 seguinte:
"3) Outros órgãos da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual, empresas públicas, fundações e autarquias, consideradas pelo Governador do Estado como de interesse estratégico."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 25 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 26.02.1999)

DECRETO Nº 4.416, de 25.02.1999

Áreas de interesse estratégico para os fins previstos no Decreto nº 2.145-N/1985

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, do art. 91 da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no Decreto nº 2.145-N, de 14.09.1985, decreta:

Art. 1º – São consideradas áreas de interesse estratégico para os fins previstos no Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985:
I – processamento de dados;
II – transportes coletivos urbanos;
III – segurança pública.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 25 de fevereiro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 16.04.1999)

DECRETO Nº 4.431, de 26.03.1999

Inclui o valor do vale transporte do servidor no contracheque

- Vide Decreto nº 2.568-N, de 14.12.1987

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de imprimir maior segurança e controle na concessão de vale-transporte aos servidores;
Considerando o custo existente para controle manual da entrega do vale-transporte aos servidores, decreta:

Art. 1º – O valor do vale-transporte será incluído, quando possível, no contracheque do servidor, existindo condições técnicas.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de março de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 29.03.1999)

DECRETO Nº 4.432, de 24.03.1999

Extingue gratificações de presença

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 2º, da Lei Complementar nº 140/1999, decreta:

Art. 1º – Ficam extintas as Gratificações de Presença e vedado o pagamento de jetons pela participação em órgãos colegiados da Administração Direta , funcional, Autárquica e de empresas públicas.
Parágrafo único – Os órgãos da administração direta fundacional e autárquica e as empresas adaptarão os respectivos regimentos/regulamentos de seus órgãos colegiados ao disposto no *caput* deste artigo no prazo de 60 (sessenta) dias.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de março de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 25.03.1999)

DECRETO Nº 4.436, de 26.03.1999

Determina Declaração anual de bens aos servidores públicos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de zelar pela transparência das ações da administração pública e, a par, fiscalizar e reprimir eventuais enriquecimentos ilícitos, decreta:

Art. 1º – Os agentes políticos e os funcionários e servidores em geral da Administração direta Autárquica, fundacional e das Empresas Públicas, em atividade , ficam obrigados a apresentar anualmente

Declaração de Bens, até o dia 31 de maio de cada ano, sob pena de suspensão imediata do pagamento das respectivas remunerações.
§1º – A Declaração de Bens será encaminhada pelo órgão ou repartição de origem do servidor à Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos (SEAR) com a indicação dos bens imóveis, semoventes e direitos financeiros de que seja o Declarante titular, podendo ser substituída por cópia da Declaração de Bens para o Imposto de Renda.
§2º – O não encaminhamento da declaração no prazo estabelecido no *caput* deste artigo aplicará na suspensão de pagamento de vencimentos, subsídios, salários e remuneração, sem prejuízo de outras sanções ou medidas que a Administração, em cada caso, poderá adotar.
§3º – A Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos (SEAR) implementará o disposto no presente Decreto resolvendo quaisquer casos omissos.
§4º – As declarações apresentadas na forma deste Decreto serão colocadas à disposição de quaisquer interessados para consultas ou requerimentos de certidões.
§5º – Verificados acréscimos não justificados de patrimônio, de um exercício para outro a Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos (SEAR) solicitará informações aos interessados por escrito.
§6º – Se os esclarecimentos previstos no parágrafo anterior não ilidirem os questionamentos apresentados e de tudo decorrerem fortes indícios de enriquecimento sem causa, a autoridade administrativa determinará:
a) comunicação dos fatos a Receita Federal, à repartição de origem do servidor, à Auditoria Geral do Estado e ao Ministério Público Estadual;
b) o afastamento do servidor de quaisquer atividades inerentes a ordenador de despesas, responsabilidades por aplicação de recursos públicos, tesouraria ou exercício de fiscalização, até que definitivamente apurados os fatos levantados;
c) a abertura de sindicância administrativa para apuração de eventual enriquecimento ilícito;

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de março de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governado do Estado

(D.O.E. 29.03.1999)

DECRETO Nº 4.437, de 26.03.1999

Concessão de férias aos servidores celetistas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando que um número elevado de servidores celetistas não gozam férias no período concessivo, ou seja, até doze meses após o término do período aquisitivo, onerando cofres públicos desnecessariamente, decreta:

Art. 1º – Os órgãos da Administração Direta e Indireta do Estado deverão conceder férias aos servidores celetistas dentro do período concessivo, ou seja, até doze meses após o término do período aquisitivo, conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Art. 2º – O descumprimento do disposto no artigo anterior implicará na apuração da responsabilidade da chefia imediata, através da sindicância ou processo administrativo disciplinar.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de março de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governado do Estado

(D.O.E. 29.03.1999)

DECRETO Nº 4.438-N, de 26.03.1999

Veda a percepção simultânea de vale-refeição e diárias

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica vedada a percepção simultânea, pelo servidor público ou militar, de vale-refeição e indenização de diárias.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de março de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 29.03.1999)

DECRETO Nº 7.373-E, de 05.04.1999

Prorroga o prazo de vigência do Decreto nº 7.339-E/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica prorrogado, até 31.12.1999 o prazo de vigência do Decreto nº 7.339-E, de 05.01.1999, publicado no Diário Oficial de 06.01.1999, referente à suspensão das autorizações para afastamento do servidor público militar, do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública, em virtude de:
I – participação de um congresso ou certamens;
II – freqüência de cursos de quaisquer natureza;
III – participação em competições desportivas.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo sues efeitos a 06.03.1999.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de abril 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 29.03.1999)

DECRETO Nº 4.445-N, de 05.04.1999

Aprova o Regulamento de Uniformes e Insígniass da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de ssuas atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V, da Constituição Estadual, e tendo ainda o que consta no Processo nº 15.383.130,
DECRETA:

Art. 1º – Fica aprovado o Regulamento de Uniformes e Insígnias da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo (RUIPMES) que com este se publica.

Art. 2º – É expressamente proibido o uso de uniformes, peças deste, distintivos ou insígnias iguais ou semelhantes aos estabelecidos no RUIPMES, por qualquer pessoa ou instituição que não seja integrante da Polícia Militar do Espírito Santo.

Art. 3º – O presente Regulamento não poderá sofrer nenhuma alteração em suas linhas gerais, dentro do prazo de cinco anos, contados da data da publicação.

Art. 4º – O Comandante Geral da PMES terá cento e vinte dias, a partir da data da publicação deste Decreto, para incorporar ao Regulamento de Uniformes e Insígnias da Polícia Militar/ES, o Anexo que tratará da descrição completa de todas as peças principais complementares dos uniformes da Corporação e suas ilustrações.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário e em especial o Regulamento de Uniformes e Insígnias aprovado pelo Decreto nº 3.873-N, de 02 de agosto de 1995, e suas alterações posteriores,

devendo sua implantação se verificar gradualmente conforme instruções a serem baixadas pelo Comandante Geral da Polícia Militar do Espírito Santo.

Palácio Anchieta em Vitória, 05 de abril de 1999.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(D.O.E. 29.04.1999)

REGULAMENTO DE UNIFORMES E INSÍGNIAS DA POLÍCIA MILITAR – RUIPMES

CAPÍTULO I
Normas Gerais

Art. 1º – O presente Regulamento tem por objetivo prescrever os uniformes e insígnias da Polícia Militar, bem como regular o seu uso, posse e confecção.

Art. 2º – O uso correto dos uniformes e insígnias garante a boa apresentação individual e coletiva do efetivo da Polícia Militar, contribuindo para o fortalecimento da disciplina e do conceito da instituição perante a opinião pública.

Art. 3º – Os uniformes estabelecidos neste Regulamento têm por finalidade principal, caracterizar o policial militar, visando a identificação e distinção imediata, não somente dos postos e graduações da Corporação, bem como contribuir para a ostensividade do policiamento realizado pela Polícia Militar

Art. 4º – Constitui obrigação de todo policial militar zelar pelos uniformes, insígnias e correta apresentação em público, seu e de seus subordinados em geral.

Art. 5º – Os uniformes prescritos neste regulamento são de uso exclusivo da Polícia Militar do Espírito Santo, de acordo com a Lei nº 3.196, de 09.01.1978, art. 71 (Estatuto da PMES).

Art. 6º – Não é permitido alterar as características dos uniformes, nem a eles sobrepor peça, artigo, insígnias ou distintivo de qualquer natureza, não prescritos neste Regulamento.

Art. 7º – Os militares que comparecerem fardados em solenidades militares e atos sociais, deverão fazê-lo com uniforme da mesma classificação.

Art. 8º – Para fins deste Regulamento, estendem-se aos Aspirantes a Oficiais e aos Alunos Oficiais as prescrições referentes aos Oficiais, salvo quando se dispuser expressamente em contrário.

Art. 9º – É facultado aos integrantes da Polícia Militar do Espírito Santo, quando em cursos fora ou à disposição de outras coirmãs, o uso de uniformes da Corporação anfitriã.

Art. 10 – Para os integrantes de outras coirmãs, matriculados em cursos de formação na PMES, será obrigatório o uso de uniformes previstos neste Regulamento, facultativo para os demais cursos.

Art. 11 – O Estado fornecerá aos alunos do curso de formação, aos cabos e soldados, todos os uniformes exigidos neste Regulamento, bem como peças básicas de fardamento, necessárias ao desempenho da função policial militar, conforme Normas de Distribuição de Fardamento da PMES.

Parágrafo único – Os fardamentos adquiridos pelo Servidor Militar junto ao Comércio não serão indenizados pelo Estado.

Art. 12 – Cabe ao Comandante Geral da Polícia Militar baixar atos complementares ao presente Regulamento, referente aos seguintes assuntos:
I – descrição das peças dos uniformes e especificação do material usado na sua confecção, no sentido de obter a máxima uniformidade de cores e qualidade;
II – uniformes e peças para as atividades especializadas;
III – distintivos e condecorações;
IV – complementação dos uniformes e designação de peças e equipamentos não previstos neste Regulamento, mas necessários aos policiais militares quando empregados em situações especiais; e,
V – regulamentação do uso de traje civil para os policiais militares, quando no desempenho de função que requeira esse traje.

Parágrafo único – Fica instituída a Comissão Permanente de Uniformes e Insígnias da Polícia Militar, presidida pelo Diretor de Apoio Logístico da Corporação e composta por membros (Oficiais) daquela Diretoria, a serem designados pelo Comandante Geral; cabendo a essa Comissão as funções de estudo e assessoria do Comandante Geral para o cumprimento dos dispositivos deste artigo.

CAPÍTULO II
Classificação, Composição e Regras de Uso dos Uniformes

Art. 13 – É a seguinte a classificação, composição e uso dos uniformes:
A) Uniforme de uso Geral;
b) Uniforme de uso Operacional;
c) Uniforme Especial;

A – UNIFORME DE USO GERAL

A1 – Uniforme de Gala

Composição do masculino:
– Túnica branca;
– Camisa branca de manga comprida;
– Calça cinza;
– Gravata preta vertical;
– Meia preta;
– Sapato preto;
– Quepe cinza;
– Cinto de nylon preto;
– Luvas azul panamá removíveis nas platinas.

Composição do feminino (substituir):
– Meia fumê:
- Saia cinza.

USO: Em solenidades cívico-militares, casamentos (para o noivo) e Formatura do Curso de Oficiais (para formandos e Comandante desse grupamento).

A2 – Uniformes de Cerimônia

Composição do masculino:
– Túnica cinza;
– Camisa branca de manga comprida;
– Calça cinza;
– Gravata preta vertical;
– Meia preta:
– Sapato preto;
– Quepe cinza;
– Cinto de nylon preto;
– Luvas azul panamá removíveis nas platinas.

Composição do feminino (substituir):
– Meia fumê;
– Saia cinza.

USO: Em Solenidades cívico-militares ou em outras ocasiões, quando o traje civil ou correspondente for passeio.

OBS.: Serão utilizados ramos de carvalho em três folhas e três frutos, bordados em ambos os lados da gola da túnica dos uniformes A-1 e A-2 do Comandante Geral. No final das mangas, na dobra, se aplicará um detalhe em tecido, da mesma tonalidade do bordado da gola, de 3 mm de largura.

A3 – Uniformes de Passeio/ Representação

Composição do masculino:
– Camisa cinza, meia manga;
– Calça cinza;
– Sapato preto;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Quepe cinza;
– Luvas removíveis nas platinas - com fios metálicos (para oficial);

Composição do feminino (substituir):
– Saia cinza;
– Meia fina, cor da pele.

OBS.: é facultado o uso da japona ou jaqueta com as respectivas luvs.
USO: em solenidades cívico-militares.

A4 – Uniforme de Trânsito/Expediente

Composição do masculino:
– Camisa cinza, meia manga;
– Calça cinza;
– Sapato preto;
– Meia preta;
– CInto de nylon preto;
– Quepe cinza ou gorro cinza sem pala;
– Luvas removíveis nas platinas – com fios rayon (para oficial);

Composição do feminino (substituir):
– Saia ou calça cinza;
– Meia fina, cor da pele.
OBS.: É facultado o uso da japona ou jaqueta com as respectivas luvas.Em cerimônias e solenidades militares ou civis, os Sargentos, Cabos e Soldados, usarão obrigatoriamente o quepe cinza quando trajando o A-4.
U**SO**: Para trânsito e expediente.

A5 – Uniforme de Expediente (Quadro de Saúde)
Composição do masculino:
– Jaleco branco;
– Calça cinza;
– Sapato preto;
– Meia de nylon preto;
– Cinto de nylon preto;
– Gorro cinza sem pala;
– lLuvas azul panamá removíveis nas platinas - com fios rayon (para oficial).

Composição do feminino (substituir):
– Jaleco branco;
– Saia cinza ou calça;
– Meia fina, cor da pele.

OBS: uniforme permitido apenas para o expediente interno, nos quartéis (OPM) e no HPM.

A6 – Uniforme de Educação Física

Composição do masculino:
– Camiseta branca, meia manga, gola olímpica;
– Calção preto;
– Tênis preto;
– Meia soquete branca.

OBS: O calção preto dos Oficiais, terão duas tarjas ao longo das costuras laterais, dos Subtenentes e Sargentos uma tarja branca e Cabos e Soldados não terão a tarja lateral branca.
Nos alunos oficiais o calção preto terá duas tarjas vermelhas, e dos alunos sargentos uma tarja vermelha.
A camiseta branca deverá constar na parte frontal na altura do peito, em tinta preta, o Posto ou Graduação e o Nome de guerra do Policial Militar.

Composição do feminino (substituir):
– Calção preto, feminino;
– Leotardo preto.

USO: Em educação física e competições.

A7 – Uniforme de Defesa Pessoal

Composição do masculino/feminino:
– Kimono de Judô.

OBS: Para o deslocamento deve utilizar chinelos de duas tiras na cor preta.

USO: Em instrução e competições.

B – UNIFORMES OPERACIONAIS

B1 – Uniforme de Policiamento Ostensivo

Composição do masculino/feminino:
– Calça cinza;
– Gandola cinza, meia manga;
– Coturno preto;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Boné regulável cinza ou branco.

USO: Em serviço de Policiamento a pé, motorizado, instrução, operações PM e guardas em geral.

B2 – Uniforme de motociclista

Composição do masculino/feminino:
– Culote cinza;
– Gandola cinza, meia manga;
– Bota preta para motociclista;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Capacete de motociclista;
– Jaqueta preta de couro (facultativa).

OBS: quando se deslocando a pé, é facultado o uso do boné regulável cinza ou branco.

USO: No policiamento motorizado em motocicleta.

B3 – Uniforme de Policiamento Ambiental

Composição do masculino/feminino:
– Calça camuflado urbano;
– Gandola camuflado urbano, manga comprida;
– Bota preta;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Chapéu tipo selva camuflado urbano, com jugular regulável.

OBS.: Poderá ser usada a gandola com as mangas dobradas até a altura dos cotovelos.

USO: No Policiamento Ambiental.

B4 – Uniforme de Guarda Especial e Desfile

Composição do masculino/feminino:
– Calça cinza;
– Camisa cinza, manga curta;
– Coturno preto/cadarço branco;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão branco com porta-sabre;
– Luvas de suedine, brancas;
– Capacete branco;
– Cachecol branco;
– Punho branco.

USO: Em desfiles e guardas especiais.

B5– Uniforme de Operações de Choque

Composição do masculino//feminino:
– Calça camuflada
– Gandola camuflada, manga comprida
– Camiseta cinza, meia manga, gola olímpica
– Boné camuflado regulável
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto com coldre e acessórios;
– Meia preta;
– Coturno preto.

OBS.: Poderão ser usadas as mangas da gandola dobradas até a altura dos cotovelos.

B6 – Uniforme de Policiamento de Trânsito

Composição do masculino//feminino:
– Calça cinza;
– Gandola cinza, meia manga;
– Coturno preto;
– Meia preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Boné regulável branco:

_ Cordão de apito em nylon preto.

Peça Complementar

- Colete do tipo suspensório em PVC, de cores fluorescentes;
- Capa de chuva com capuz, cor amarela excepcionalmente.

USO: Em serviço de policiamento de trânsito urbano.

B7 – Uniforme de Policiamento de Praia

Composição do masculino/ feminino:
– Bermuda cinza;
– Camiseta branca, meia manga, gola olímpica;
– Tênis preto;
– Meia soquete branca;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Boné cinza regulável.

OBS: A camiseta branca deverá constar na parte frontal na altura do peito, em tinta preta, o Posto ou Graduação e o Nome de guerra do Policial Militar.

USO: No policiamento de praias, rios e lagos.

B8 – Uniforme da Polícia Montada

Composição do masculino/ feminino:
– Gandola cinza de mangas compridas;
– Culote cinza;
– Boné cinza regulável;
– Bota de equitação preta;
– Cinto de nylon preto;
– Cinturão de nylon preto, com acessórios;
– Meia preta;
– Espora branca ou dourada.

OBS.: É facultado o uso das mangas da gandola dobradas até a altura dos cotovelos.

B9 – Uniforme de Operações Aéreas

Composição do masculino/ feminino:
– Macacão cinza;
– Coturno preto;
– Capacete de vôo;
– Luvas de vôo;
– Gorro cinza sem pala (em solo);
– Coldre axilar preto (em couro);
– Jaqueta preta (facultativo).

USO: Em operações aéreas e manutenção de aeronaves policiais militares.

B10 – Uniforme de Policiamento Rodoviário Operacional Estadual

Composição do masculino/ feminino:
- Calça cinza;
- Camisa cinza meia manga;
- Sapato preto;
- Meia preta;
- Cinto de nylon preto;
- Cinturão de nylon preto, com acessórios (NA).
- Boné regulável branco;
- Cordão de apito de nylon preto.

Peça Complementar
- Colete do tipo suspensório em PVC, fundo cor laranja com as inscrições " Polícia Militar" e " Polícia Rodoviária Estadual" na cor azul.
- Capa de chuva com capuz. Cor amarela excepcionalmente.

C – UNIFORMES ESPECIAIS

C1 – Uniforme para Gestante

Composição:
– Bata cinza;
– Camisa cinza, meia manga;
– Sapato preto;
– Meia fina, cor da pele;
– Gorro sem pala cinza.

USO: Substituindo os demais uniformes, no interior dos quartéis, a partir do 3° mês de gestação, não sendo permitido o uso externo.

C2– Uniforme do Pessoal da Manutenção

Composição do masculino/ feminino:
– Macacão cinza;
– Coturno preto;
– Meia preta.

USO: Nas atividades de manutenção de material e serviços especiais, no interior dos quartéis.

C3 - Uniforme de Gala do CFO
Composição do masculino:
– Túnica azul ferrete;
- calça azul ferrete, com listra lateral vermelha;
- Luvas azul panamá removíveis para platina;
– Sapato preto;
– Meia preta;
– Polaina branca;
– Alamar azul;
– Luvas pretas;
– Espadim;
- cinto de nylon preto;
- Cinto especial preto;
– Talim preto;
– Fiador preto;
– Quepe cinza.

Composição do feminino (substituir):
- Saia azul ferrete, com listra lateral vermelha;
- Meia fina fume.

OBS: Em cerimônias de desfile e guarda de honra será usada a barretina preta com penacho cor vermelha para os alunos, e na cor branca para os Oficiais, substituindo-se neste caso, as luvas pretas por luvas brancas de suedine para os alunos, sendo os oficiais com luva branca de pelica, e ainda, o cinto especial preto substituído pelo cinto especial branco tanto para os ofociais quanto para os alunos.

C4 – Uniforme de Cerimônia E Guarda de Honra da Banda de Música:

Composição do masculino/ feminino:
– Túnica azul ferrete;
– Calça azul ferrete, gabardine, com listra lateral vermelha;
– Luvas azul panamá removíveis para platina;
- Sapato preto;
– Meia preta;
– Polaina branca;
- Alamar vermelho;
- Luvas brancas (para o regente) ;
– Espada (para o regente);
– Cinto de nylon preto;
– Cinto especial branco;
– Talim preto;
– Fiador preto;
- Barretina preta com penacho azul..

C5 – Uniforme de Serviço da Casa Militar/ Expediente:

Composição do masculino
- Coturno preto/ cadarço branco;
- Sapato preto;
- Calça cinza;
- Camisa cinza, manga comprida, com bolsos e sem platinas;
- Gravata preta;
- Quepe cinza ou Gorro sem pala;
- Capacete branco;
- Cinto de nylonn preto;
- Meia preta;
- Luvas de suedine brancas;
- Cachecol branco;
- Punho branco;
- Cinturão branco/ preto, sem porta sabre, com cooldre.

Composição do feminino (Substituir):
- Saia cinza;

- Meia fina. Cor da pele;
- Sapato preto.

OBS: 1 – A utilização das Luvas de suedine brancas, do Cachecol branco, Punho branco e do cinturão branco, somente serão utilizados nos dias de solenidade no Palácio Anchieta e Residências Oficiais.
2 – As insígnias serão usadas em miniatura do lado esquerdo da gola da camisa. Os distintivos serão usados conforme estabelecido no Artigo 19.
3 – As Sentinelas deverão usar capacete branco.
4 – No expediente será usado o quepe cinza ou gorro sem pala e sapato preto.

CAPÍTULO III
Classificação e Uso das Insígnias

Art. 14 – Os postos são assinalados de acordo com a descrição seguinte:

1 – Oficiais Superiores:
a. Coronel:
- Três insígnias compostas colocadas sobe as luvas, no sentido longitudinal das platinas;

b. Tenente Coronel:
- Duas insígnias compostas e uma insígnia simples colocadas sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas;

c. Major:
- Uma insígnia composta e duas simples, colocadas sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas.

2 – Oficial Intermediário:
a. Capitão:
- Três insígnias simples, colocadas sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas.

3 – Oficial Subalterno:
a. Primeiro Tenente:
- Duas insígnias simples, colocadas sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas;

b. Segundo Tenente:
- Uma insígnia simples, colocada sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas;

4 – Aspirante a Oficial:
- Uma insígnia base, colocada sobre as luvas, no sentido longitudinal das platinas.

Art. 15 – As graduações são assinaladas de acordo com a descrição seguinte:

1 – Subtenente:
- Triângulo vazado, equilátero, dourado;

2 – Primeiro Sargento:
- Cinco divisas formando dois conjuntos: um superior de 03 e outro inferior de 02 divisas;

3 – Segundo Sargento:
- Quatro divisas formando dois conjuntos: um superior de 03 e outro inferior de 01 divisa;

4 – Terceiro Sargento:
- Três divisas;

5 – Cabo:
- Duas divisas.

Parágrafo único – Os Cursos de Formação possuem as seguintes insígnias:

1) CFO (3º ano):
- Três barras e uma estrela, dourada;

2) CFO (2º ano):
- Duas barras e uma estrela, dourada;

3) CFO (1º ano):
- Uma barra e uma estrela, dourada;

4) CFS:
- Dois losangos com três divisas;

5) CFC:
Dois losangos com duas divisas.

Art. 16 – As insígnias de que trata o art. 14 deste Regulamento, serão usadas:

1 –Nas luvas removíveis das platinas dos uniformes A1, A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B8, B9, C1 e C4;
2 – Nas luvas removíveis das platinas da japona e jaqueta cinza ou jaqueta de couro preta;

Art. 17 – As insígnias de que trata o art. 15, exceto o item I e o parágrafo único deste regulamento, serão usadas bordadas e aplicadas no terço superior de ambas as mangas dos uniformes A1, A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B5, B6, B8, B9, C1 e C4.

Art. 18 – As insígnias de que tratam os art. 14 e 15 serão usadas em miniaturas metálicas, no gorro sem pala e na gola esquerda das camisas dos uniformes A1, A2, e C5.
1 – Os Oficiais utilizarão em ambas as golas da camisa cinza de manga curta, miniaturas metálicas douradas dos seus respectivos quadros.
2 – Os Subtenentes utilizarão em ambas as golas da camisa cinza de manga curta, miniaturas douradas das suas respectivas especialidades.
3 – Os graduados utilizarão em ambas as golas da camisa cinza de manga curta, miniaturas prateadas das suas respectivas especialidades.

CAPÍTULO IV
Classificação e Uso dos Distintivos e Condecorações

Art. 19 – Serão usados os seguintes distintivos:

Categorias:

1 – Distintivo em Geral:

a) Oficiais e Graduados Combatente;
b)Oficiais Médicos;
c) Oficiais Enfermeiros;
d) Graduados técnicos e auxiliares ;
e) Oficiais Dentistas;
f) Oficiais Fármaco-Bioquímicos;
g) Oficiais Capelães;
h) Oficiais e Graduados Músicos;
i) Oficiais de Administração;
j) Oficiais e Graduados da Unidade de Cavalaria..

OBS.: Usados, em miniatura, na gola direita das camisas de manga comprida dos uniformes A1, A2, e C5, sendo dourada para Oficiais Subtenentes e prateadas para Sargentos e Cabos.
Usadas em miniatura em ambas as golas das camisas de meia manga dos respectivos uniformes, sendo douradas para os Oficiais e Subtenentes e prateadas para Sargentos e Cabos.

2 – Brasão da Polícia Militar e Distintivo de Comandante Geral

A) Distintivo de Comandante Geral
Usados com exclusividade pelo Comandante Geral, nas luvas das platinas e gola da camisa dos uniformes A1 e A2 na versão metálica e no A3 versão bordada em fio rayon metálico e no A4 bordada em fio rayon e sendo no uniforme B1 bordado na luva do mesmo tecido do uniforme no modelo regulamentar;
B) Brasão da Polícia Militar
Usado com exclusividade pelo Governador do Estado,, Comandante Geral e Oficiais do último Posto da ativa da Polícia Militar.
O Governador do Estado usará facultativamente na lapela esquerda do paletó o Brasão, na versão metálica, tamanho médio, na sua condição de Comandante-em-Chefe da Corporação.
O Comandante Geral usará o Brasão nos três tamanhos, grande, médio e miniatura, nas seguintes condições:
Tamanho grande nas luvas das platinas, versão metálica nos uniformes A1 e A2, na versão bordada em fio rayon metálico no A3 e sendo no uniforme A4 bordado em fio rayon.
Tamanho médio, na versão metálica, nas golas dos uniformes A1, A2, A3 e A4.
Tamanho miniatura, versão metálica na lapela esquerda do paletó.
Os Oficiais Coronéis da ativa usarão o Brasão tamanho médio na versão metálica a 5 cm acima e ao meio da tampa do bolso direito dos uniformes A1, A2, A3 e A4. Em trajes civis na lapela esquerda do paletó, o Brasão tamanho miniatura.

OBS: Fica estendido o uso facultativo aos Oficiais do último Posto da reserva remunerada, do Brasão no tamanho miniatura, versão metálica na Lapela esquerda do paletó.

3–Distintivos dos Círculos (Florão):

Os círculos dos Oficiais, Subtenentes e Sargentos, e dos Cabos e Soldados serão identificados por distintivos ajustados à parte frontal dos quepes.

4 – Distintivo da Corporação:

Usado no terço superior da manga esquerda das túnicas, camisas de manga curta, camisa manga comprida do uniforme C5, gandolas, macacões, japonas e jaquetas, a 5 cm abaixo da cava da manga.

Usados também na parte frontal dos bonés reguláveis cinza ou branco em todos os círculos em pintura aplicada ou bordada.

5 – Distintivo da Unidade Federativa:

Usado 1 cm acima do distintivo da Corporação na manga das túnicas, camisas meia manga, camisa manga comprida do uniforme C5, gandolas, macacões, jaquetas e japonas.

6 – Distintivo de Unidade de Serviço:

Usado no terço superior da manga direita das túnicas, camisas meia manga, camisa manga comprida do uniforme C5, gandolas, macacões, japonas e jaquetas, a 5 cm abaixo da cava da manga.

7 – Distintivos dos Cursos:

a) Curso Superior da Polícia;
b) Curso de Aperfeiçoamento de Oficial;
c) Curso de Formação de Oficiais;
d) Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos;
e) Curso de Formação de Sargentos.

Usados de modo próprio, para os possuidores respectivos cursos, colocados no centro do bolso superior direito (sobre a prega), sendo utilizado somente o do maior curso, de metal ou tecido dependurado do tipo de uniforme utilizado.

f) Outros cursos de Aperfeiçoamento e/ou de Especialização realizados na Corporação ou em outras Corporações.

Usados de modo próprio, para os possuidores dos respectivos cursos, colocados na parte central acima do bolso superior direito, no máximo, dois distintivos de Cursos confeccionados em metal ou tecido dependurado do tipo de uniforme utilizado.

Somente poderão ser usados distintivos de curso ou estágio quando aprovados pela Diretoria de Ensino e, homologados pelo Comandante Geral da PMES.

Os Militares que freqüentarem cursos ou estágios em outras organizações credenciadas pelo Comando Geral, com direito a uso de distintivos poderão usá-los em seus uniformes, segundo as normas da organizações que as instituíram desde que não contrariem as condições anteriormente estabelecidas neste Regulamento.

Apenas poderá ser usado 01 (um) distintivo de curso Estrangeiro, que será fixado abaixo do Nacional.

8 – Distintivo de Função

a – Comandante de Unidade – Estrela dourada;

b – Comandante de Subunidade Independente – Estrela prateada;

OBS: Usados pelos Oficiais acima da plaqueta de identificação, durante e após a função de Comandante de Batalhão e Companhia Independente.

Art. 20 – Condecorações

As condecorações adotadas na Polícia Militar, serão Nacionais, Estrangeiras, Estaduais ou Municipais de caráter civil ou militar, sob a forma de comendas, medalhas, barretas, diplomas e títulos obedecidas as normas:

1 – Considera-se de caráter militar as outorgadas pelas Forças Armadas, Polícias Militares ou Bombeiros Militares, nacionais ou estrangeiras, quando instituição permanente;

2 – Considera-se de caráter civil as outorgadas no desempenho profissional ou intelectual, à nível nacional, estadual,, municipal ou estrangeira, quando instituída sob a forma de regulamento, portaria, decretos ou leis;

3 – É expressamente proibido o uso de medalhas e dísticos civis recebidas em Simpósios, Congressos, Datas Comemorativas, Instituições Literárias ou Científicas, Competições Esportivas ou qualquer outra espécie que fuja a orientação dos itens I e II deste artigo;

4 – As condecorações na forma de medalhas nacionais ou estrangeiras outorgadas pela União, Estado e Município, serão colocadas nos uniformes de acordo com as Leis e Decretos de sua adoção segundo as normas prescritas em regulamentos militares sendo usadas obrigatoriamente:

a) Nas paradas e desfiles, nas datas de 06 de abril, 23 de maio e 07 de setembro, qualquer que seja o uniforme designado;

b) Por ocasião das Solenidades, quando determinado pela autoridade competente, nos uniformes A1, A2 e A3;

5 – A medalha comemorativa dos 150 anos da PMES será fixada no centro do bolso superior esquerdo sobre a prega nos uniformes A1, A2, A3 e A4.

OBS: As condecorações na forma de medalhas ou barretas serão usadas na parte central acima do bolso superior esquerdo do respectivo fardamento.

Será obrigatória a apresentação da cópia do diploma ou título da referida comenda para a publicação em Boletim próprio.

O uso de medalhas valor Policial Militar ou suas barretas, serão ordenadas de acordo com a respectiva cronologia de concessões.

CAPÍTULO V
Peças Complementares

Art. 21 – São peças complementares dos uniformes:
– Agasalho;
– Alamar;
– Cordão de Apito;
– Etiqueta de Identificação;
- Espada;
– Fiador;
- Talim
– Luvas;
– Jaleco;
– Punho;
– Jugular;
– Esporas;
- Luvas rígidas e Luvas sem intertelas (Galões);
– Platinas;
– Divisas.

1 – Agasalhos:

a) Agasalho de Educação Física:
– Constituído de calça e blusão, usado nas atividades físicas que requeiram sua proteção, bem como melhor apresentação das equipes;
– Usado internamente nas atividades físicas, esportivas, competições oficiais ou a critério do Comandante ou Chefe;
– Usado externamente em competições esportivas de caráter oficial ou quando determinado;
– Facultado durante dispensa médica.

b) Capa de PVC cinza com capuz:
– usada como proteção contra chuva.
OBS: Nos uniformes B6 e B10 será da cor amarela.

c) Jaqueta em tecido na cor cinza:
– usada com os uniformes A3, A4, A5, B1, B6, B8, B10, C1 e C5.

d) Jaqueta de couro preta:

– usada pelos motociclistas e grupamento de operações aéreas da Corporação, como proteção eventual para intempéries.

2 – Alamar:
Alamar é a peça de posse obrigatória para Oficiais, quando o desempenho da função o exigir, devendo ser fixado ao ombro esquerdo, por ambas as extremidades, e ao botão superior das túnicas.

1 – Os Oficiais farão uso do alamar no desempenho das seguintes funções:
a) Chefe do Estado Maior da Polícia Militar ;
b) Subchefe do Estado Maior da Polícia Militar.:
c) Oficiais da Casa Militar do Palácio do Governo;
d) Chefe de Gabinete do Comando Geral da Polícia Militar;
e) Assessor de Comunicação Social da Polícia Militar;
f) Ajudante de Ordens; e

g) Oficial à disposição de autoridade estrangeira, civil ou militar, em caráter de Assessor ou Ajudante de Ordens.

2 - Os alamares serão de cor:
a) Dourado:
Para uso no uniforme A1;
b) Cinza-Bandeirante:
- Normal para uso no A2 ;
- Reduzido no A3, A4 e C5.

OBS: Somente os Oficiais da Casa Militar usarão o alamar preso ao ombro direito.
Excepcionalmente os Alunos Oficiais quando no uso do uniforme C3 o alamar será de cor azul, e a Banda de Música no uso do uniforme C4, o alamar será de cor vermelha.

3 – Cordão de Apito:
– Cordão de nylon preto, usado quando necessário, nos uniformes operacionais, preso à ombreira direita, devendo pender um ramo também para a arma do militar.
4 – Identificação Nominal
- De acrílico: confeccionado segundo características do anexo I desse regulamento em fundo preto em letras brancas, de uso obrigatório e fixada na costura superior da tampa do bolso direito das camisas meia manga dos diversos uniformes e camisa manga comprida do uniforme C5;
– De pano: confeccionada segundo características do anexo I em tecido na cor preta em letras brancas bordadas, com sistema removível "VELCRON", usada em cima da tampa do bolso superior direito das gandolas e macacões dos diversos uniformes, também de uso obrigatório.

5 - Espada
A espada de Oficial é o símbolo da autoridade de que são investidos os Oficiais.
É de posse obrigatória para Oficiais, sendo seu uso,, quando determinado, compondo os uniformes em formaturas, solenidades, desfiles, porta-bandeira e exéquias oficiais e obedece às seguintes regras:
I – É autorizado o seu uso em cerimônias religiosas de casamento;
II – Em desfiles motorizados, o Comandante do desfile e os Oficiais do seu Estado-Maior usarão espada quando assim for determinado;
III – Não poderá ser usada em banquetes e recepções de caráter social;
IV – Será de uso obrigatório pelos agraciados quando em solenidades de recebimento de medalhas.

6 – Fiador de cordão rayon
- Na cor preta:
Como complemento, usado obrigatoriamente com a espada nos uniformes previstos, com exceção do A1.
- Na cor branca:
Como complemento usado obrigatoriamente com a espada somente no uniforme A1.

7 – Tali m de cordão rayon
Na cor preta:
Como complemento usado obrigatoriamente com espada ou espadim nos uniformes previstos, com exceção do A1 (metais prateados);
Na cor branca:
Como complemento usado obrigatoriamente com espada somente no uniforme A1 (metais dourados).

8 – Luvas:
a) de pelica preta, com punho curto, usada obrigatoriamente com a espada;
b) de pelica branca, com punho curto, usada obrigatoriamente com a espada no A1.
c) de suedine branca, usada nos uniformes B4 e C5;
d) de couro, com tratamento contra combustão, na cor cinza. Usada apenas no policiamento aéreo.

9 – Jaleco branco:
Usado pelos militares de saúde, garçons e cozinheiros.

10 – Punho:
De napa branca, usado com os uniformes B4 e C5.

11 – Jugular:
Na cor branca, usada com o capacete branco no uniforme B4 e C5.

12 – Esporas:
Em metal dourado para os oficiais e prateado para as praças.

13 – Luvas rígidas e Luvas sem reforço de intertela (galões):
- Luvas rígidas:
Na cor azul panamá bordadas em fio rayon metálico, usada no A3;
Na cor azul panamá, bordadas com fio rayon A4, A5, B4, B10 e C1.
- Luvas sem reforço de intertela:
Usadas nas cores dos respectivos uniformes operacionais.

14 – Platinas:
Na cor azul panamá, em veludo usadas no A1 eA2;

OBS: Todas as luvas e platinas, quer dos uniformes de cerimônia, de representação, de trânsito ou operacionais, deverão ser confeccionadas em padrões de visual, forma e material idênticos, inclusive na representação heráldica dos galões (insígnias), ressalvando-se, apenas, que a dos uniformes operacionais não levarão reforço de intertela;
As divisas usadas na graduação de Subtenente, triângulo vazado, eqüilátero e dourado será usada em luvas e platinas na versão metálica nos uniformes A1 e A2, e na versão bordada em fio rayon metálico no A3 e bordada em fio rayon nos uniformes A4, A5, B4, B10 e C1.

15 - Divisas
As divisas terão a cor dourada aplicada em fundo azul panamá.

OBS: As divisas usadas pelas graduações de Cabo, 3º Sargento, 2º Sargento e 1º Sargento, serão usadas nas mangas direita e esquerda dos uniformes A1, A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B8, B9, B10, C1, C2 e C4, imediatamente abaixo do distintivo de unidade de serviço na maga direita, e do distintivo da PM na manga esquerda.

Art. 22 – Uniformes de posse obrigatória:

I –Uniformes de Uso Geral:
Oficiais – todos;
Subten e Sgt – exceto o A1;
Cb e Sd – exceto A1, A2, A3, A4.

II – Uniformes Operacionais:
Para todos aqueles que exercem atividades operacionais.

III – Uniformes Especiais:
C1: Para as gestantes (após o 3º mês);
C2: Para o pessoal empenhado em atividades de manutenção;
C5: Para o pessoal que trabalha no Palácio Anchieta e Residências Oficiais.

CAPÍTULO VI
Disposições Finais e Transitórias

Art. 23 – A pala dos quepes e bonés reguláveis dos Oficiais Superiores será revestida no lado superior, de bordado de modelo próprio.
Parágrafo único – A pala do quepe do Comandante Geral seguirá padrão diverso, e no gorro sem pala será usado o distintivo da autoridade no local próprio.

Art. 24 – Será facultado o uso de barreta, exceto correspondente à medalha "Mérito Policial Militar", que é de uso obrigatório.

Art. 25 – O Capelão usará o uniforme A3 quando não estiver participando de Cerimônia Religiosa, ocasião em que usará seus hábitos eclesiásticos.

Art. 26 – O militar em tratamento psiquiátrico ou com defeito físico que prejudique a estética, tal como braço engessado, pé fraturado ou prescrição para chinelo, após parecer médico ficará dispensado do uso de fardamento.

Art. 27 – É permitido o uso de guarda-chuva ou sombrinha para o militar quando fardado, na cor preta, em trânsito, salvo quando se encontrar de serviço.

Art. 28 – Os Alunos Oficiais matriculados na Escola de Formação Oficial, usarão os uniformes, insígnias e distintivos desta Corporação.

Art. 29 – Os militares da reserva remunerada e reformados, poderão usar o uniforme A2, suas insígnias e distintivos, conforme prescrito neste regulamento.

Art. 30 – A Diretoria de Apoio Logístico, através de seu setor competente manterá em amostra as peças dos uniformes previstos neste regulamento, bem como dos tecidos e demais componentes que os compõe, definindo o padrão a ser respeitado.

Parágrafo único – Considerando que a Assessoria de Comunicação Social, foi responsável pela elaboração do RUIPMES e criação estilista das alterações nos uniformes da Corporação, fica autorizado o Chefe daquela Assessoria a se responsabilizar provisoriamente perante este Comando Geral, durante a implantação das novas versões de peças criadas e pelo cumprimento do Art. 4º do Decreto nº 4.445-N, de 05 de abril de 1999.

Art. 31 – Os casos omissos serão solucionados pelo Comandante Geral, de acordo com o previsto no art. 12 deste Regulamento.
(Separata ao BCG nº 017, de 29.04.1999)

DECRETO Nº 4.446-N, de 05.04.1999

- *Vide Decretos nº4.521-N, de 21.10.1999 e 4.577-N, de 30.12.1999*

Prorroga prazos fixados pelos Decretos nº 4.399-E/1999, 7.338-E/1999, nº 7.339-E/1999 e nº 4.398-N/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições que conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica prorrogado até 30 de junho o prazo a que se refere o art. 1º, do Decreto nº 4.399-E, de 11.01.1999.

Art. 2º – Os prazos fixados no art. 1º, do Decreto nº 7.338-E, de 05.01.1999; art. 1º, do Decreto nº 7.339-E, de 05.01.1999; arts. 2º e 3º, do Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999, ficam prorrogados até 31 de dezembro do corrente ano.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 05 de junho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.04.1999)

DECRETO Nº 4.449-N, de 13.04.1999 (REVOGADO)

- *Revogado pelo Decreto nº4.543-N, de 30.11.99.*

Determina a homologação das Escalas de Serviço Extra pela Secretaria de Estado de Segurança Pública

---

DECRETO Nº 4.452-N, de 27.04.1999

Delimita o valor das contas de telefone celular

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais, conferidas pelo art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e considerando os altos custos apresentados na utilização das linhas celulares, a necessidade de estabelecer normas visando a contenção e o controle de gastos das contas mensais de telefone celular, decreta:

Art. 1º – Fica limitado em R$ 300,00 (trezentos reais) o valor a ser pago pelo erário estadual em relação às contas de telefone celular de propriedade do Governo do Estado em uso no serviço público.

- Nova redação dada pelo Decreto º 929-R, de 14.11.01

Art. 2º – Os valores que ultrapassarem o limite previsto no artigo anterior serão ressarcidos pelo servidor usuário do telefone celular.

Art. 3º – Os Grupos de Administração Setorial ou equivalentes de cada Pasta ou Órgão do Estado ficarão responsáveis pelo controle estabelecido neste Decreto.

Parágrafo único – Cópias das faturas mensais de telefones celulares deverão ser remetidas à Superintendência de Administração Geral – SUPAD/SEAR, até o vigésimo dia após o seu vencimento.

Art. 4º – Excluem-se do limite fixado neste Decreto as linhas celulares de uso exclusivo das áreas de Segurança Pública e Comunicações e os da Secretára da Casa Militar.

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº1.201-R, de 21.08.03*

Parágrafo único – Compete aos dirigentes dos órgãos referidos neste artigo quais as linhas deverão ser excluídas da limitação prevista neste Decreto.

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº1.201-R, de 21.08.03*

Art. 5º – REVOGADO

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº 929-R, de 14.11.01*

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de abril de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 28.04.1999)

DECRETO Nº 7.386-E, de 27.04.1999

Altera o Decreto nº 1.569-E/1977

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, incisos III e V da Constituição Estadual e ainda o que consta no Processo nº 15.428.605, decreta:

Art. 1º – Os arts. 2º e 10 do Decreto nº 1.569-E, de 25.12.1977, passam a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 2º – Os Policiais Militares serão agraciados com medalhas correspondentes a 10, 20 e 28 anos de serviço efetivo, prestados à Polícia Militar, desde que preencham as condições estabelecidas neste Decreto.
§1º – (…)
a) (…)
b) (…)
c) cor de ouro para 28 anos.
§2º – (…)
§3º – (…)"
"Art. 10 – (…)
§1º – A Diretoria de Pessoal, no caso dos Oficiais e respectivos Comandantes de Organizações Militares (OPM), no caso das Praças, proporão anualmente, a concessão da medalha aos Militares Estaduais que completarem qualquer dos períodos referidos no art. 2º deste Decreto.
§2º – O Diretor ou comandante de OPM organizará o processo, no qual serão incluídos a fé de ofício do Oficial ou a Certidão de Assentamentos da Praça.
§3º – Todos os processos passarão pela Diretoria de Pessoal para conferência de dados, após o que serão remetidos ao Conselho de Medalha.
§4º – (…)
§5º – (…)
§6º – (…)
§7º – (…)"

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de abril de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 28.04.1999)

DECRETO Nº 4.461-N, de 31.05.1999

Estabelece horário para atendimento ao público nas repartições da administração direta e autárquicas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e
Considerando que o Estado tem vivenciado constantes dificuldades financeiras;
Considerando as diversas ações praticadas objetivando equilíbrio financeiro do Estado;
Considerando que a redução do horário de atendimento ao público propiciará a redução de despesas, decreta:

Art. 1º – Fica estabelecido o horário de 12 às 18 horas para atendimento ao público nas repartições públicas da administração direta e autárquica.
Parágrafo único – O horário estabelecido no *caput* artigo não se aplica aos órgãos que executam serviços considerados essenciais e aqueles que necessitam de atuação em horários específicos.

Art. 2º – Caberá aos dirigentes dos órgãos a adequação do horário de que trata o art. 1º de acordo com as suas necessidades e especificidade.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de maio 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.06.1999)

DECRETO Nº 4.462-N, de 31.05.1999

Reduz a jornada semanal de trabalho dos servidores públicos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuição legais, decreta:

Art. 1º – A partir do dia 01.06.1999 fica reduzido em 20% (vinte por cento) a jornada semanal de trabalho dos servidores públicos estaduais da Administração Direta, autarquias e Empresas Públicas do Poder Executivo.
§1º – Nos termos do §1º do art. 1º da Lei nº 5.826, de 15.01.1999, as folhas de pagamento de pessoal serão adequadas de forma proporcional à redução de jornada de trabalho dos servidores, assegurada a manutenção do mesmo valor hora/trabalho.
§2º– Excetuam-se do disposto no *caput* deste artigo os servidores que prestam serviços em atividades fins de Segurança Pública, Saúde e Educação, e os comissionados indispensáveis ao funcionamento de atividades essenciais ou vinculadas aos Gabinetes dos Dirigentes de Órgãos da Administração Direta, Autarquia e Empresa Pública.
§3º – Incumbe ao Dirigente de órgão da Administração Direta, Autarquia ou de Empresa Pública, mediante ato próprio, determinar outras repartições e serviços que poderão ser excetuados da abrangência deste Decreto, quando considerados indispensáveis a ação governamental e cujas atividades não poderão ser reduzidas em prejuízo de atendimento ao público ou cumprimento de suas finalidades.

Art. 2º – Ficam os Secretários de Estado e os dirigentes de Órgãos Autárquicos, de Regime Especial de Administração e Empresas Públicas autorizadas a promover, quando necessário, negociações objetivando incluir a redução de jornada de trabalho em acordos coletivos, respeitados os limites de 30% (trinta por cento) previstos no Decreto nº 4.408-N, de 05.02.1999.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de maio de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.06.1999)

DECRETO Nº 4.463-N, de 31.05.1999

Confirma os atos praticados pelo Exmº Sr. Comandante Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, decorrentes das liminares concedidas nas Ações Judiciais que versam sobre o "Concurso de Admissão ao Curso de Formação de Soldados Masculinos/1996 – CFSD – QPMP/0", disciplinados nos Editais de números 001/1996, de 05.03.1996; 007/1996, de 25.05.1996, 009/1996, de 07.08.1996 e 013/1996, de 29.10.1996

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e
Considerando que, com a realização do Concurso de Admissão ao Curso de Formação de Soldados Masculino/1996 – CFDS – QPMP/0, disciplinados nos Editais de números 001/1996, de 05.03.1996; 007/1996, de 25.05.1996, 009/1996, de 07.08.1996 e 013/1996, de 29.10.1996, houve a interposição de ações judiciais ensejadoras de diversas decisões concessivas de liminares determinando a inclusão dos autores na continuidade do certame;
Considerando que dos 1.519 (um mil quinhentos e dezenove).beneficiários das medidas liminares concedidas, 472 (quatrocentos e setenta e dois) já concluíram o Curso de Formação de Soldados Masculino/1996 – CFSD – QPMP/0, e outros 213 (duzentos e treze) estão em vias de concluí-lo; consolidando, *in casu*, uma situação fática cuja desconstituição seria de toda desaconselhada;
Considerando que as liminares concedidas foram revogadas, estabelecendo-se os efeitos das normas disciplinadoras dos Editais de número 001/1996, de 05.03.1996; 007/1996, de 25.05.1996; 009/1996, de 07.08.1996 e 013/1996, de 29.10.1996, o que significa o desligamento dos 472 (quatrocentos e setenta e dois) beneficiários das liminares que já concluíram o curso de Formação de Soldados Masculino/1996 – CFSD – QPMP/0, e dos outros 213 (duzentos e treze) que estão em vias de concluí-lo
Considerando que o ingresso por força de decisão concessiva de liminar, dado o longo lapso de tempo decorrido, criou uma situação fática de caráter irreversível, em relação aos 472 (quatrocentos e setenta e dois) candidatos que já concluíram o curso, bem como os 213 (duzentos e treze) que estão em vias de conclusão, que conduz ao seu reconhecimento, sobretudo se considerada a inexistência de prejuízos a terceiros;
Considerando as circunstâncias especiais e excepcionais da situação dos concursados que, via liminares, ingressaram na Polícia Militar, e foram atingidos por desligamento após toda adequação às peculiaridades inerentes ao regime militar, questão relevante de ordem pública;
Considerando que o reconhecimento de uma situação de fato consumado não implicará em abrir precedente indesejável e incompatível com a boa ordem administrativa, mas, tão somente, preservar a segurança das relações jurídicas diante de uma situação consolidada, em que resulte prejuízo a terceiros e ao interesse público;
Considerando que ante a ocorrência do fato consumado, tem se firmado o escólio de que desaconselhável a desconstituição da situação fática e jurídica criada com a decisão judicial proferida em primeiro grau, consoante o entendimento predominante no Supremo Tribunal Federal e Superior Tribunal de Justiça, através de inúmeros julgados já manifestados;
Considerando, finalmente, a necessidade de manter-se a viabilidade das relações jurídicas, decreta:

Art. 1º – Ficam confirmados os Quadros da Corporação da Polícia Militar os 472 (quatrocentos e setenta e dois) autores das ações judiciais propostas que já concluíram o curso de Formação de Soldados Masculino/1996 – CFSD – QPMP/0, bem como mantidos os outros 213 (duzentos e treze) autores até a conclusão do referido Curso, oportunidade em que serão aferidos os respectivos aproveitamentos.

Art. 2º – Em decorrência do disposto no artigo antecedente, o Exmº Sr. Comandante Geral da PMES deverá adotar as medidas cabíveis para o cumprimento deste Decreto.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de maio de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.06.1999)

DECRETO Nº 4.471-N, de 15.06.1999

Instituí o Sistema Estadual Antidrogas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III e V, da Constituição Estadual e tendo em vista o que estabelece o art. 3º, da Lei 6.368, de 21.10.1976, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Sistema Estadual Antidrogas, que integra as atividades de prevenção fiscalização e repressão ao tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinam dependência física e ou psíquica, bem como as atividades de recuperação de dependentes.
§1º – Compõem o Sistema Estadual Antidrogas todos os órgãos e entidades da administração pública e entidades privadas que exerçam as atividades referidas neste artigo.
§2º – À Secretaria de Estado da Justiça compete exercer as funções de Órgão Central do Sistema instituído por este Decreto, através do conselho Estadual Antidrogas.

Art. 2º – São objetivos do Sistema Estadual Antidrogas:
I – formular a política estadual antidrogas, em obediência às diretrizes do Conselho Nacional Antidrogas, compatibilizar planos estaduais com planos nacionais e municipais, bem como fiscalizar a respectiva execução;
II – estabelecer prioridades entre as atividades do Sistema através do critério técnico, econômicos e administrativos fixados pelo Conselho Nacional Antidrogas, tendo em vista as necessidades e peculiaridades regionais próprias;
III – modernizar a estrutura e o procedimento da administração nas áreas de prevenção, fiscalização e repressão, buscando seu constante aperfeiçoamento e eficácia;
IV – estabelecer fluxos contínuos e permanentes de informações entre seus órgãos, bem como entre o Órgão Central do Sistema Estadual, o Conselho Nacional Antidrogas, os Conselhos Municipais e as Entidades Privadas, a fim de facilitar os processos de planejamento e decisão;
V – estimular pesquisas, visando ao aperfeiçoamento do controle e fiscalização do tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica;
VI – promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de ensinamento referente a substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica nos cursos de formação de professores a fim de que possam ser transmitidos com base em princípios científicos;
VII – promover junto aos órgãos competentes a inclusão de itens específicos nos currículos de todos os graus de ensino, com a finalidade de esclarecer os alunos quanto à natureza e efeitos das substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física e/ou psíquica.

Art. 3º – O Sistema Estadual Antidrogas compreende:
I – o Conselho Estadual Antidrogas, como gestor do Órgão Central do Sistema;
II – os órgãos de Vigilância e da Assistência Hospitalar da Secretaria de Estado da Saúde;
III – as Polícias Militar e Civil da Secretaria de Estado da Segurança Pública;
IV – o Conselho Estadual de Educação;
V – os Estabelecimentos Penais e o Instituto Espírito santense do Bem Estar do Menor, da Secretaria de Estado da Justiça; e
VI – a representação de Entidades Privadas que exercem atividades antidrogas e de recuperação de dependentes;
§1º – Os órgãos mencionados nos itens II e seguintes ficam sujeitos a orientação normativa e supervisão técnica do conselho Estadual Antidrogas, no que tange às atividades disciplinadas pelo Sistema sem prejuízo da subordinação administrativa aos órgãos cujas estruturas estiverem integrados.
§2º – Incumbe ao gestor do Órgão Central, mencionado no inciso I deste artigo integrar ao Sistema os Órgãos Federais, Estaduais, Municipais e Entidades Privadas que exerçam atividades concernentes à prevenção, fiscalização e repressão de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física e/ou psíquica, bem como àquelas que se ocupem de tratamento de drogaditos.

Art. 4º – Compete ao Conselho Estadual Antidrogas propor a política estadual antidrogas, elaborar planos, exercer orientação normativa, coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização das atividades relacionadas com o tráfico e uso de entorpecentes e de substâncias que determinem dependência física e/ou psíquica, bem como exercer outras funções, tudo em concordância com os objetivos definidos no art. 2º.

Art. 5º – São Conselheiros natos do Conselho Estadual Antidrogas:
I – Secretário de Estado da Justiça;
II – Secretário de Estado da Segurança Pública;
III – Secretário de Estado da Educação;

- Nova redação dada pelo Decreto nº 1.063-S, de 24.05.2002

IV – Secretário Estadual de Saúde;
V – Procurador Geral da Justiça.
VI - Secretária de Estado do Trabalho e Ação Social.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 455-R, de 11.12.00 e Dcereto nº 1.63-S,d e 24.05.02*

VII - Superintendente Estadual de Comunicação Social.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 455-R, de 11.12.00 e Dcereto nº 1.63-S,d e 24.05.02*

VIII – Secretária de Estado da Cultura e Esportes.

- Acrescentado pelo Decreto nº 1.063-S, de 24.05.02

§ 1º - Também integra, na condição de conselheiro nato, um representante do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo a ser indicado por aquele Poder.

- Acrescentado pelo Decreto nº 1.063-S, de 24.05.02

§ 2º - Participarão, ainda, como Conselheiros, mediante convênio a ser firmado com as entidades as quais se vinculam:
I – um membro do Ministério Público Federal no Estado do Espírito Santo;
II – o Superintendente Regional do Departamento de Polícia Federal/ES;
III – o Chefe da Representação da Agência Brasileira de Inteligência no Estado do Espírito Santo.

- Nova redação dada pelo Decreto nº 1.063-S, de 24.05.02

IV – o Superintendente Regional da Polícia Rodoviária Federal no Estado do Espírito Santo.]

- Acrescentado pelo Decreto nº 1.063-S, de 24.05.02

Art. 6º – O Conselho será presidido pelo Secretário de Estado da Justiça, substituído em suas ausências pelo Secretário de Estado da Segurança Pública.

Art. 7º – Representantes de Entidades Privadas que exercem atividades antidrogas e de recuperação de dependentes, poderão participar de reunião do Conselho Estadual Antidrogas, mediante convite, quando houver deliberação pertinente às suas atividades, participando dos debates e apresentando sugestões e elementos técnicos para deliberação final do Colegiado.
Parágrafo único – Psicólogos e Psiquiatras, da rede pública de saúde, ou de entidades privadas quando convidados, poderão participar de reunião do Conselho Estadual Antidrogas, objetivando subsidiar tecnicamente, decisão do Colegiado.

Art. 8º – Os membros do Conselho Estadual Antidrogas não farão jus a nenhuma remuneração, sendo seus serviços de relevante interesse público.

Art. 9º – O Conselho Estadual Antidrogas contará com um secretário executivo, escolhido entre os subsecretários de Estado das Secretarias de Estado da Justiça e da Segurança Pública, designado por ato do Secretário de Estado da Justiça, com mandato de 02 (dois) anos, permitida a recondução.

Art. 10 – Fica incluído como órgão de deliberação coletiva, na estrutura da Secretaria de Estado a da Justiça, o Conselho Estadual Antidrogas, que terá sua competência desdobrada e suas condições de

funcionamento determinados em Regimento Interno elaborado pelo colegiado e homologado por atos do Secretário Estadual da Justiça.

Art. 11 – As decisões do Conselho Estadual deverão ser cumpridas pelos órgãos da administração estadual integrantes do Sistema, sob pena de responsabilidade de seus dirigentes.
Parágrafo único – Quando o descumprimento for praticado por autoridade municipal, o Conselho comunicará o fato à autoridade competente, para fins previstos neste artigo.

Art. 12 – As despesas com manutenção do Conselho Estadual Antidrogas correrão à conta de dotação orçamentária específica destinada às atividades vinculadas ao orçamento da Secretaria de Estado da Justiça , inclusive os recursos humanos materiais necessários ao seu funcionamento.

Art. 13 – O Conselho Estadual Antidrogas será instalado pelo Governador do Estado, em sessão solene, especialmente convocada.

Art. 14 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 15 de julho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 16.06.1999)

DECRETO Nº 4.479-N, de 17.06.1999

Altera o Decreto nº 4.398-N/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, inciso II, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O inciso VII do art. 2º do Decreto nº 4.398-N, de 05.01.1999, passa a vigorar com a seguinte redação;
"VIII – Concessões, permissões, ajustes e covnênios de interesse da Administração Direta, autárquica e Empresas Públicas".

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de junho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 18.06.1999)

DECRETO Nº 7.437-E, de 25.06.1999

Institui o Sistema de Segurança Escolar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Ar. 1º – Fica instituído no âmbito da Secretaria de Estado da Educação, o Sistema de Segurança Escolar – SISE, órgão de assessoramento normativo, deliberativo e executivo das ações permanentes e emergenciais de segurança nas escolas.

Art. 2º – O Sistema de que trata o artigo anterior tem como jurisdição básica diagnosticar questões pertinentes, programar e implementar, em articulação com órgãos afins, ações para garantir a segurança de alunos profissionais da Escola e do patrimônio público.

Art. 3º – O Sistema de Segurança Escolar será gerenciado por um consórcio composto por representantes das seguintes instituições:
I – Secretaria de Estado da Segurança Pública;
II – Polícia Militar;
III – Polícia Civil;
IV – Ministério Público;
V – Secretaria de Estado da Justiça;
VI – Secretaria de Estado da Ação Social e do Trabalho;
VII – Secretaria de Estado da Educação.

Art. 4º – Integrará o consórcio uma Secretaria Executiva responsável pelas ações de apoio administrativo exercidas por pessoal dos quadros da SEDU.

Art. 5º – O Comando do sistema é de responsabilidade do Secretário de Estado da Educação.

Art. 6º – A SEDU proverá o SISE de recursos humanos, financeiros, físicos e materiais indispensáveis ao seu funcionamento e execução das ações programadas.

Art. 7º – São partícipes permanentes das ações do Consórcio:
I – oficiais e policiais militares, selecionados e indicados pelo comando Geral da Polícia Militar para exercerem o policiamento ostensivo nas escolas e comunidades em que estão inseridas;
II – delegado de polícia, no comando de Delegacia Especializada na Sede do SISE, para diligências, lavratura de ocorrências e encaminhamentos pertinentes;
III – representantes do Ministério Público para as competências cabíveis.
IV – representantes da SEDU para garantir a interface com escolas e setores específicos da Pasta.

Art. 8º – Todos os bens adquiridos para o Sistema de Segurança Escola – SISE constituem-se em patrimônio da SEDU – e a ela incorporados.

Art. 9º – As Secretarias de Estado da Justiça e da ação Social e do Trabalho promoverão a assistência aos menores infratores e suas famílias através de seus serviços e programas específicos.

Art. 10 – A SEDU obrigará os setores do Sistema de Segurança Escola em prédio que lhe permita a instalação de equipamentos básicos para garantia da eficiência do trabalho de seus integrantes e o estacionamento de viaturas utilizadas a serviço da segurança nas escolas.

Art. 11 – A formalização das parcerias será efetivada através de Convênios.

Art. 12 – O Programa de Segurança Escolar será submetido à aprovação do Secretário de Estado da Educação antes de sua implementação.
Parágrafo único – Enquanto não for aprovado o Programa de Segurança Escolar, o consórcio agilizará procedimentos para atender, em caráter emergencial e de urgência, as situações identificadas.

Art. 13 – As despesas decorrentes deste Decreto correrão à conta de dotação consignadas no orçamento da Secretaria de Estado de Educação.

Art. 14 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 25 de junho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 28.06.1999)

DECRETO Nº 7.442-E, de 02.07.1999

Altera o Decreto nº 1.569-E/1977, sobre data de entrega de Medalhas Valor Policial Militar

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, itens III e V, da Constituição Estadual e ainda que consta no Processo nº, decreta:

Art. 1º – O parágrafo único, do art. 13, do Decreto nº 1.569-E, de 25.12.1977, passa a vigorar com a seguinte redação;
"Art. 13 – (…)
parágrafo único – As medalhas serão entregues aos agraciados no dia 06.04.1977, data do aniversário da Polícia Militar, ou excepcionalmente em outra data que for designada pelo Comandante Geral da PMES, e observará o seguinte:
a) (…)
b) (…)"

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário, especial o art. 9º e seus parágrafos, do Decreto nº 1.569-E, de 26.12.1977.

Palácio Anchieta em Vitória, 02 de julho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 05.07.1999)

DECRETO Nº 4.485 – N, de 02.07.99

Altera o Decreto nº 4.100-N, de 24.03.1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de sua atribuição que lhe confere o art. 91, III, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - Ficam incluídas no § 2º, do art. 1º, do Decreto nº 4.100 – N, de 24 de março de 1997, as alíneas "f" e "g", com a seguinte redação:

Art1º - .....;
§ 2º - .....;
f) mensalidades correspondentes a prêmios de seguro de vida, empréstimos pessoais e crédito de capitalização;
g) outras consignações facultativas que, a juízo do Secretário de Estado da Administração, sejam consideradas de interesse dos servidores.

Art. 2º - O art. 2º do Decreto nº 4.100 – N, de 24 de março de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º - Somente poderão ser admitidas como entidades consignatárias para efeito das consignações facultativas:
I – Órgãos da Administração Pública Estadual Direta e Autárquica;
II – Associações, Cooperativas e Clubes constituídos exclusivamente de servidores públicos estaduais;
III – Entidades sindicais representativas de servidores públicos estaduais;
IV – Associações dos Funcionários Públicos do Estado do Espírito Santo;
V – Partidos políticos legalmente constituídos;
VI – Sindicatos, associações, cooperativas e clubes constituídos por servidores públicos que celebrem convênio com empresas de seguro de vida;
VII – Outras entidades que, a juízo do Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos, sejam consideradas de interesse dos servidores.
§ 1º - Fica estabelecido o prazo de 90 (noventa) dias, a partir da data de publicação deste Decreto, para que as entidades já cadastradas nos setores de pagamento dos servidores da administração direta e autárquica ajustem-se às normas no mesmo.
§ 2º - As entidades já consignatárias que se enquadrem no disposto no caput deste artigo, incisos I a VI deverão se recadastrar respeitando o previsto nos parágrafos 1º e 2º do art. 4 – As entidades previstas nos incisos II, III, IV, V e VI obrigam-se a disponibilizar por meio ,magnético, quando solicitado pela Secretaria de Estado da Administração e dos Recursos Humanos e pelos órgãos ou entidades da administração pública estadual , a qualquer tempo, seus cadastros de servidores públicos estaduais associados.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 02 de julho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.486-N, de 08.07.1999

Obriga autorização prévia do Governador nos processos de cessão de bens do Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, fazendo uso da competência privativa que lhe é outorgado pela constituição Estadual em seu art. 91, inciso III, e considerando a necessidade de a Administração Pública Estadual exercer maior controle dos seus bens patrimoniais, decreta:

Art. 1º – É obrigatória a autorização prévia do Governador do Estado nos processos de cessão, a qualquer título, de bens patrimoniais móveis de propriedade do Poder Executivo Estadual.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de julho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.07.1999)

DECRETO Nº 4.497-N, de 27.07.1999

- *Vide Decreto nº 007-R, de 07.02.00*

Determina a prorrogação da guarda interna dos estabelecimentos penais vinculados à Secretaria de Estado da Justiça

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e
Considerando que este governo constatou que as unidades prisionais e unidades penitenciárias do Estado ainda necessitam da Polícia Militar para auxiliar no completo restabelecimento da ordem e disciplina, preservando a incolumidade dos presos e agentes públicos que ali operam;
Considerando que o crescimento da população carcerária e as tentativas de fugas, bem como as fugas, ainda colocam em risco a ordem pública;
Considerando que o tais fatos são fortes indicadores de que a Polícia Militar necessita continuar a sua intervenção nos Estabelecimentos da Grande Vitória, decreta:

Art. 1º – Fica prorrogado por 180 (cento e oitenta) dias, a guarda interna pela Polícia Militar, no Instituto de Readaptação Social (IRS), Casa de Detenção da Grande Vitória (CADEV) e Casa de Custódia de Viana (CASCUVI), em caráter especial, obedecidos os demais termos do Decreto nº 4.405-N, de 02.02.1999.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de julho de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 28.07.1999)

DECRETO Nº 4.501-N, de 20.08 1999

Institui e regulamenta a Medalha de "Honra ao Mérito à Formação Policial Militar"" da PMES e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO no uso das atribuições que conferem o art. 91 inciso III da Constituição Estadual e ainda o que consta no Processo nº 15.914.690, decreta:

Art. 1º – Fica instituída a Medalha "Honra ao Mérito à Formação Policial Militar da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, ou de outras Corporações que galgarem a primeira colocação no Curso de Formação.
Parágrafo único – Os policiais militares da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo que concluírem curso de formação em outros Estados da Federação farão jus à medalha desde que comprovem

mediante documento expedido pela coirmã a condição de primeiro colocado geral dentre os concludentes desta Corporação.

Art. 2º – A medalha instituída por este Decreto terá as seguintes características (figuras 1 e 2 em anexo):
a) material metal de cor dourada;
b) anverso: apresentará a forma de uma cruz de malta com pontas arredondadas medindo 40 mm tanto na altura como na largura com os braços na cor dourada. Sobreposto ao centro da cruz um disco em relevo de 20 mm de diâmetro esmaltado em branco sobre o qual figurarão as letras iniciais identificando o respectivo curso (CFO, CFS, CFC ou CFSd) esmaltado em cor preta com 10 mm de altura e 3 mm de largura circundado por um filete de 2 mm esmaltado na cor azul contendo 27 estrelas na cor preta. Terá entranhado entre a cruz-de-malta e o círculo central uma caneta de pena cruzada por um fuzil esmaltado na cor prata para os cursos: CFS, CFC, CFSd e uma espada substituindo o fuzil na mesma cor para o CFO. No centro da cabeça superior da cruz haverá um suporte com uma argola na qual se prenderá uma fita de gorgorão tendo em sua parte superior uma passadeira medindo 40 mm de comprimento com 10 mm de altura esmaltada em cor branca contornada por um filete de 1 mm na cor dourada com os seguintes dizeres: "HONRA AO MÉRITO À FORMAÇÃO POLICIAL MILITAR" em cor preta. A fita de gorgorão será de seda tendo de largura 36 mm e de altura 55 mm. Da direita para a esquerda a fita enlaçará a argola da medalha pendente da presilha da passadeira.
c)No verso em torno do disco central a inscrição "POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO" no centro do disco em algarismos arábicos os números 1999 (ano de instituição da medalha): nas extremidades das pontas da cruz-de-malta, na parte de cima "HONRA" no lado direito "MÉRITO", em baixo "FORMAÇÃO", À ESQUERDA "PM" (representando o título da medalha) tudo em alto relevo na mesma cor da cruz-de-malta.
Parágrafo único – O diploma que acompanha a medalha terá as seguintes dimensões: 29 cm de comprimento X 21 cm de altura em papel de textura especial (figura 3 em anexo).

Art. 3º – A barreta em metal esmaltado será confeccionada em 36 mm de comprimento e 12 mm de altura dividida em três partes iguais nas cores vermelha, branca e amarela, da direita para a esquerda tendo ao centro na parte branca a inscrição em cor preta referente ao curso de formação pertinente (CFO, CFS, CFC, CFSd).

Art. 4º – A medalha será pendente da parte superior do bolso esquerdo da túnica na forma das disposições do Regulamento de Uniformes
Parágrafo único – Fora de solenidades ou no uniforme de trânsito será usada a barreta.

Art. 5º – A medalha será concedida pelo Comandante Geral da PMES, mediante proposta do Diretor de Ensino da Corporação devendo ao ato de concessão ser publicado em Boletim do Comando Geral.
Parágrafo único – O diploma relativo à medalha concedida conterá as assinaturas do Comandante Geral e do Diretor de Ensino.

Art. 6º – A Diretoria de Ensino ficará responsável pelos trabalhos de secretaria, incluindo-se a expedição dos diplomas relativos às medalhas concedidas.

Art. 7º – A entrega da medalha será feita durante a solenidade de conclusão do curso.
Parágrafo único – Quando se tratar de curso realizado em outro Estado poderá ser designado representante da Corporação para fazer a entrega durante a solenidade de encerramento mediante anuência da coirmã ou ser feita posteriormente a critério do Comandante Geral da PMES.

Art. 8º – As medalhas não distribuídas seus diplomas e barretas constituem patrimônio do Estado ficando sua cunhagem aparelhamento e impressão a cargo da Diretoria de Apoio Logístico mediante solicitação da Diretoria de Ensino da PMES que ficará responsável pela sua guarda.
Parágrafo único – Serão indenizadas pelo interessados as substituições de medalhas diplomas e barretas em casos de extravio destruição ou inutilização

Art. 9º – Os Policiais Militares da PMES que concluíram os cursos de formação nas condições do art. 1º em datas anteriores à publicação deste Decreto, poderão ser agraciados desde que apresentem requerimento ao Comando Geral no prazo improrrogável de 30 (trinta) dias a partir da vigência deste Decreto.
§1º – As despesas decorrentes da concessão da medalha nas condições mencionadas no *caput* deste artigo correrão por conta dos requerentes
§2º– No caso previsto neste artigo existindo agraciados a solenidade de entrega da medalha será realizada em data a ser definida pelo comandante Geral da PMES.

Art. 10 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 11 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 20 de agosto de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 23.08.1999)

DECRETO Nº 4.521-N, de 21.10.1999

- *Vide Decreto nº4.577-N, de 30.12.99*

Determina que a Corregedoria Geral de Administração – COREG absorva as atividades da Comissão Especial de Renegociação de Contratos Administrativos e da Comissão Geral de Preços

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e
Considerando o disposto no art. 31 da Lei Complementar nº 155/1999*;* e ainda
Considerando a necessidade de estabelecer procedimentos que imprimam agilidade na tramitação dos processos administrativos com a finalidade da prestação de melhores serviços públicos, sem no entanto abrir mão do rigoroso exame sobre os referidos processos, decreta:

Art. 1º – Ficam absorvidas pela Corregedoria Geral da Administração – COREG, as atividades da Comissão Especial de Renegociação dos Contratos Administrativos e da Comissão Geral de Preços, previstas nos Decretos nº 4.398-N, nº 4.446-N e nº 7.342-E, respectivamente de 05.01.1999, 05.04.1999 e 11.01.1999.
Parágrafo único — Ficam extintas a Comissão Especial de Renegociação de Contratos Administrativos e a Comissão Geral de Preços, criada pelos dispositivos legais mencionados no *caput* deste artigo.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 21 de outubro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

DECRETO Nº 4.522-N, de 22.10.1999

Dispõe sobre o hasteamento e arriamento das Bandeiras Nacional e Estadual nos Órgãos do Poder Executivo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, do art. 91, da Constituição Estadual, e
Considerando ser dever do Estado fomentar as demonstrações de civismo e patriotismo;
Considerando a necessidade cívica de incorporar os símbolos representados pelas Bandeiras Nacional e Estadual no cotidiano da população, como forma de representação da própria nacionalidade;
Considerando ser dever das autoridades constituídas contribuir para o conhecimento e disseminação destes símbolos, da imagem da Pátria e do Estado do Espírito Santo e
Considerando ainda, ser dever do Governo contribuir para o desenvolvimento da consciência cívica-cidadã dos capixabas;

DECRETA:

Art. 1º - Os Órgãos da Administração Pública Direta e Indireta do Poder Executivo, inclusive postos fiscais de fronteiras e pelotões da PMES e CBMES localizados nas regiões limítrofes e agências

bancárias vinculadas à administração pública estadual, devem proceder, em sua sede, ao hasteamento e arriamento das Bandeiras Nacional e Estadual.
§ 1º - O hasteamento e arriamento da Bandeiras Nacional e Estadual deverá ser providenciado diariamente, na parte frontal dos prédios públicos dos òrgãos e repartições públicas a que se refere o "caput" deste artigo.
§ 2º - O hasteamento e o arriamento das bandeiras, dar-se-á às oito horas e às dezoito horas, respectivamente.
§ 3º - A Bandeira do Estado deverá ser hasteada à direita do Pavilhão nacional, considerando-se lado direito de um dispositivo de bandeiras, para este efeito, a direita de uma pessoa colocada junto a ele e voltada para a rua.
§ 4º - Quando necessária a permanência do hasteamento das Bandeiras Nacional e Estadual a noite, deverão os pavilhões permanecer devidamente iluminados.

Art. 2º - No dia 19 de novembro, Dia da Bandeira, o hasteamento da bandeira deverá ser realizado às 12 horas, com comemoração especial alusiva à data.

Art. 3º - Nos dias em que for decretado Luto Nacional e no dia de Finados, as Bandeiras Nacional e Estadual serão hasteadas a meio-mastro.
§ 1º - A Bandeira Nacional também será hasteada a meio-mastro, nas situações expressamente prevista na legislação federal.
§ 2º - Na hipótese de Luto Estadual, mesmo procedimento deverá ser observado para a Bandeira do Estado, mantendo-se a Bandeira Nacional no tope do mastro.

Art. 4º - As Bandeiras Nacional e Estadual, quando não estiverem em uso, devem ser guardadas em local digno.

Art. 5º - As Bandeiras em mau estado de conservação deverão ser entregues à Unidade Militar mais próxima, para que sejam incineradas no dia da Bandeira, segundo o cerimonial peculiar.

Art.. 6º - Incumbe à Secretaria da Casa Militar, expedir orientações e adotar todas as providências julgadas necessárias ao fiel cumprimento deste Decreto, inclusive quanto à solenidade destinada à comemoração do Dia da Bandeira, posição e normas para hasteamento, guarda e estado de conservação dos pavilhões Nacional e Estadual.
Parágrafo único – No prazo de quarenta dias da publicação deste Decreto, a Secretaria da Casa Militar deverá providenciar o repasse das orientações a que se refere o "caput" deste artigo aos Órgãos e repartições mencionadas no art. 1º deste Decreto.

Art. 7º - Os Órgãos e repartições públicas incumbidos da execução das determinações contidas no presente Decreto, deverão lhe dar fiel cumprimento sob pena de responsabilidade funcional.

Art. 8º - Dentro do prazo máximo de até 60 (sessenta) dias, os órgãos e repartições referidas no art. 1º deste Decreto, deverão adotar as providências necessárias à efetivação destas medidas.

Art. 9º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 22 de outubro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 25.10.99)

DECRETO Nº 4.523-N, de 26.10.1999

Pagamento de despesas decorrentes de decisão judicial

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, III, da Constituição Estadual, e
Considerando que o Governador do Estado, ao tomar posse, assumiu, na forma do artigo 81, "caput", da Constituição Estadual, o compromisso de "promover o bem geral do povo espírito-santense",
Considerando que o atual Governo encontrou o Estado do Espírito Santo engolfado na maior crise financeira e administrativa de sua História, situação que vem sendo combatida combatida com todos os esforços possíveis;
Considerando que tal crise sucateou os serviços essenciais, estagnou a capacidade de investimentos, privou a saúde pública de recursos mínimos para atender a população, reduziu as ações de segurança pública e educação;
Considerando que os esforços que estão sendo promovidos no sentido de obtenção do equilíbrio financeiro das contas públicas, impondo-se, para tanto, a rigorosa observância da legislação constitucional e infra-constitucional;
Considerando o devido respeito que deve ser assegurado às decisões judiciais, nos termos das Constituições do Estado e da República;
Considerando as vedações constantes dos artigos 167, II e 169, § 1º da Constituição Federal, relativas à exigência de dotação orçamentária suficiente para atender as projeções de despesas com pessoal, especialmente aumentos, de quaisquer espécie, a serem concedidos ao funcionalismo público,

DECRETA:

Art. 1º - Ficam acrescentados ao artigo 1º do Decreto nº 2.499-N, de 11 de setembro de 1987, os seguintes parágrafos:
"§ 1º - Sob pena de responsabilidade funcional do Agente Político ou Servidor, de qualquer nível hierárquico, a inclusão em folha de pagamento de quaisquer pagamentos de despesas com pessoal em decorrência de decisão judicial somente poderá ser processada pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência (SEARP) após prévia e expressa autorização do Gabinete do governador do Estado, ouvidas:
a) A Secretaria de Estado do Planejamento, no que pertine à existência de dotação orçamentária suficiente;
b) A Secretaria de Estado da Fazenda, no que se refere à disponibilidade financeira;
c) A Procuradoria Geral do Estado, para orientação dos exatos termos da decisão a ser cumprida.
§ 2º - A elaboração das folhas de pagamento do funcionalismo estadual, de que trata o "caput" deste artigo, inclusive folhas suplementares, deverá obedecer obrigatoriamente ao disposto no parágrafo anterior."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 27.10.99)

DECRETO Nº 7.545-E, de 11.11.1999

Dispõe sobre delegação de competência de manutenção e administração do HPM à Diretoria de Saúde da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO 00 ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe é conferida pelo art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica delegada competência ao Diretor de Saúde, sob a supervisão direta do Comandante Geral da Policia Militar, para manutenção e administração do Hospital da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo – HPM, nos termos das seguintes atribuições:
a) ordenar despesa em seu âmbito como unidade orçamentária, dentro das respectivas dotações, previamente previstas no orçamento da Polida Militar do Estado do Espírito Santo;
b) coordenar a execução e administração financeira e patrimonial da unidade, nos termos legais;
c) adquirir material e contratar serviços até o limite da modalidade de Concorrência;

- *Nova redação dada pelo Decreto n] 347-R-S, de 19.02.02*

d) conceder e aprovar e prestação de contas de suprimento de fundos;
e) administrar os recursos e receitas destinadas a Saúde tais como:
f) auxílios, subvenções, doações e pagamentos a órgãos municipais, estaduais, federais, entidades privadas nos atendimentos hospitalares oriundos de convênios e/ou outras modalidades de Receitas atribuídas a serviços prestados pela Diretoria do Saúde da PMES;
g) administrar o Fundo de Saúde da Polícia Militar do Espírito Santo, instituído nos termos do art. 62 da Lei nº 2.701, de 16.06.1972;
h) propor novo regulamento para o Fundo de Saúde da Policia Militar
i) propor o Orçamento Anual à Diretoria de Saúde da PM/ES;

j) liberar diárias para viagens a serviço no âmbito estadual e nacional;
k) constituir a sua própria Comissão Permanente de Licitação, nos termos legais;
l) autorizar, revogar, anular e homologar os procedimentos licitatórios até a modalidade de Concorrência, bem como dispensar licitação, nos termos legais;

- *Nova Redação dada pelo Decreto nº347-S, de 19.02.02*

m) autorizar horários de trabalho e a execução de serviços extraordinários;
n) zelar pelo controle dos custos operacionais, combatendo o desperdício e evitar a duplicidade das ações;
o) exercer outras tarefas compatíveis no âmbito de sua função.

Art. 2º – Fica o Diretor do Saúde obrigado a prestar contas no prazo e nos termos fixados em lei, bem como a prestar quaisquer informações quando solicitadas pelas demais autoridades.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 12.11.1999)

DECRETO Nº 4.538-N, de 30.11.1999

- *Vide Decreto nº 036-R, de 31.03.2000*

Institui o Programa de Reforma dos Órgãos de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, denominado de "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando o compromisso assumido com o povo do Estado do Espírito Santo de resgatar os valores éticos e administrativos do aparelho estatal;
Considerando que o crime e a insegurança compõem os principais problemas urbanos da atualidade;
Considerando que o Governo tem o dever de criar condições para o estabelecimento de um ambiente social de melhor nível, como elemento determinante de um espaço econômico favorável ao desenvolvimento;
Considerando que, nesse contexto, o Governo deve nortear as políticas públicas de Defesa Social com soluções racionais, voltadas para a redução e o controle da criminalidade, através de ações imediatas, e principalmente ações preventivas, de caráter social, como alternativas à noção geral da intimidação, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Programa de Reforma dos Órgãos de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, denominado de "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social".

Art. 2º – A elaboração, desenvolvimento e controle de todas as fases deste programa, ficará sob a coordenação direta do Gabinete do Governador.

Art. 3º – A especificação dos responsáveis pelo gerenciamento de cada projeto integrante deste Programa será feita através de Decreto.

Parágrafo único – Equipes de técnicos especializados dos próprios Órgãos e de outras Instituições atuarão na elaboração, no desenvolvimento e no acompanhamento dos respectivos projetos.

Art. 4º – O Programa constituir-se-á dos seguintes projetos:
I – Projetos de Ações Impactantes;
II – Projeto de Reestruturação dos Órgãos de Defesa Social;
III – Projeto de Construção de Indicadores de Segurança Pública;
IV – Projeto de Unificação do Ensino e Instrução dos Órgãos de Defesa Social;
V – Projeto de Integração das Comunicações dos Órgãos de Defesa Social;
VI – Projeto de Integração dos Órgãos Corregedores das Polícias Civil, Militar e Corpo de Bombeiros Militar;
VII – Projeto de Interfaces Societais e Institucionais;
VIII – Projeto de Ações Proativas para a Prevenção da Criminalidade.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 4.539-N, de 30.11.1999

Determina que os valores orçamentários descontingenciados trimestralmente para fazer face às despesas de custeio da Polícia Militar e da Polícia Civil serão prioritária e obrigatoriamente destinados a título de suprimento de fundos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e considerando a necessidade de alteração na forma de gerenciamento dos recursos financeiros destinados ao custeio dos Órgãos de Defesa Social do Estado, decreta:

Art. 1º – Dos valores orçamentários descontingenciados trimestralmente para fazer face às despesas de custeio da Polícia Militar e da Polícia Civil serão prioritária e obrigatoriamente destinados a título de suprimento de fundos os valores mensais constantes do Anexo I deste Decreto, objetivando maior rapidez na utilização dos recursos para as despesas emergenciais na área operacional de cada Órgão.

Art. 2º – As despesas a serem efetuadas com recursos provenientes dos suprimentos de fundos deverão corresponder ao elemento orçamentário próprio.

Art. 3º – A concessão, aplicação e comprovação do suprimento de fundos far-se-ão de conformidade com a legislação pertinente, especialmente o Capítulo IV da Lei nº 2.583, de 12.03.1971 e a Resolução nº 142, de 19.08.1997, do Tribunal de Contas do Estado.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

ANEXO I DO DECRETO Nº 4.539-N, de 30.11.1999

NÍVEIS	VALORES
Comando Geral da Polícia Militar Chefia de Polícia	R$ 1.500,00
Comandos Intermediários da PM Superintendências da Polícia Civil	R$ 3.000,00
Batalhões da Polícia Militar Dep. de Polícia Judiciária da Polícia Civil	R$ 4.000,00
Companhias Indep. da Polícia Militar Delegacias da Polícia Civil	R$ 3.000,00
Companhias Destacadas das Unidades da Polícia Militar	R$ 2.000,00
Destacamentos da Polícia Militar	R$ 500,00

DECRETO Nº 4.540-N, de 30.11.99

Designa o Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves – IPES para criar indicadores de segurança pública

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a importância que assume o fenômeno da violência no mundo moderno;
Considerando a inquestionável responsabilidade do Estado no que se refere ao provimento dos meios materiais, humanos e tecnológicos,

necessários a uma participação eficaz de todos os agentes que atuam na área de controle da violência e da criminalidade;
Considerando que, no âmbito da Defesa Social é necessário criar instrumentos eficazes, incluindo indicadores estatísticos, para avaliar o fenômeno da criminalidade em seus complexos elementos constitutivos e, com isso, elaborar políticas públicas de controle da violência com o envolvimento de toda a sociedade;
Considerando a fragilidade das estatísticas disponíveis em sua quase totalidade, insuficientes para nortear o Poder Público na elaboração de políticas voltadas para garantir a segurança e o bem-estar do cidadão, decreta:

Art. 1º – Fica o Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves – IPES designado a executar o Projeto de Construção de Indicadores de Segurança Pública, incluindo índices localizados de criminalidade, mapeamento territorial das ocorrências policiais e indicadores de eficiência operacional dos Órgãos de Defesa Social.

Art. 2º – Os Órgãos de Defesa Social envolvidos no projeto ficam obrigados a prestarem todo o tipo de informação, indicar servidores para realização de tarefas no âmbito de suas áreas de atuação quando solicitado pelo IPES, bem como, facilitar o acesso dos técnicos aos registros das ocorrências.

Art. 3º – A Empresa de Processamento de Dados do Estado do Espírito Santo – PRODEST, juntamente com o IPES, ficará responsável pelas atividades referentes a planejamento de banco de dados e desenvolvimento de softwares necessários à implementação do projeto.

Art. 4º – Compete ao Secretário de Estado da Segurança Pública e ao IPES a divulgação dos indicadores de segurança, ficando vedada a divulgação por parte de qualquer outro Órgão.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 4.541-N, de 30.11.1999

Cria as Zonas de Policiamento Integrado -ZPI

- *Vide Decreto nº 4558-N, de 10.12.1999*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a insegurança caracterizada pelo medo decorrente dos crimes violentos;
Considerando que o Estado tem o dever de criar mecanismos para reduzir tanto o crime, assim como a insegurança, pois ambos afetam a qualidade de vida das pessoas e prejudicam o desenvolvimento social e econômico da sociedade;
Considerando que o controle social mais intenso se faz necessário como medida a ser adotada para reprimir e inibir a prática de crime, principalmente contra a pessoa, cujas taxas de homicídio atingiram elevados índices, decreta:

Art. 1º – A Secretaria de Estado da Segurança Pública deverá criar e implementar Zonas de Policiamento Integrado – ZPI, com responsabilidade compartilhada entre a Polícia Militar e a Polícia Civil, integrando suas atividades operacionais.

Art. 2º – As Zonas de Policiamento Integrado a que se refere este Decreto devem obedecer aos seguintes parâmetros:
I – divisão geográfica, de modo a ser delimitado o espaço territorial adequado a que o policiamento e a investigação sejam efetivos, possibilitando estabelecer metas e avaliar o desempenho dos agentes responsáveis;
II – integração entre a Polícia Ostensiva e a Polícia Judiciária, de modo que a ocorrência de crimes reduzam sistematicamente e o número de delitos investigados, com indicação de autoria e comprovação de sua materialidade, sejam resolvidos com a conclusão dos inquéritos;
III – emprego prioritário da Polícia Civil na investigação e elaboração de inquéritos e da Polícia Militar no policiamento ostensivo velado;
IV – responsabilização dos chefes executivos pelo não atingimento das metas estabelecidas caso ocorra, com registros em seus assentamentos funcionais da incapacidade gerencial, o que deverá ser considerado como fator restritivo ou inabilitação ao acesso em suas carreiras funcionais, em conformidade com a Lei;
V – a busca pelos resultados e a materialização das ações implementadas devem estar rigorosamente dentro dos padrões humanitários, das disposições legais, dos direitos humanos e do cidadão;
VI – otimização do emprego do efetivo, dos recursos materiais e financeiros nas ações operacionais voltadas ao controle e desvendamento do crime.

Art. 3º – O prazo para implementação das Zonas de Policiamento Integrado é de 120 (cento e vinte) dias a contar da publicação deste Decreto.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 4.542-N, de 30.11.1999

Determina que o Comandante Geral da PMES implante os Corredores de Segurança

- *Vide Decreto nº 4558-N, de 10.12.1999*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a insegurança caracterizada pelo medo decorrente dos crimes violentos;
Considerando que o Estado tem como criar mecanismos para aumentar a segurança, através da maximização do Policiamento Ostensivo, decreta:

Art. 1º – O Comandante Geral da Polícia Militar deverá criar e implementar na Região Metropolitana da Grande Vitória os Corredores de Segurança Ostensiva, submetendo a sua aprovação à Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 2º – Para a implementação dos Corredores de Segurança Ostensiva deverão ser obedecidos os seguintes parâmetros:
I – inclusão das principais vias e rotas utilizadas pela população, conforme dados dos órgãos estaduais e municipais de controle de tráfego urbano;
II – em cada Corredor de Segurança Ostensiva deverá ser estabelecidos pontos, definindo onde as viaturas de radiopatrulha ficarão estacionadas;
III – para cada ponto deverão ser destinadas 2 (duas) viaturas, revezando-se alternadamente na permanência e no patrulhamento continuado, de modo que constantemente tenha a presença de uma viatura em cada ponto;
IV – o radiopatrulhamento deverá ser realizado na área geográfica do ponto, obedecendo a critérios estabelecidos para emprego do policiamento, conforme planejamento do órgão operacional da Polícia Militar, o qual deverá ser submetido a aprovação da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 3º – Fica estabelecido o prazo de 60 (sessenta) dias para implementação dos Corredores de Segurança Ostensiva.

Art. 4º – O Comandante Geral da Polícia Militar destinará para o atendimento da prescrição deste Decreto todas as viaturas (automóveis) de transporte de pessoal, hoje utilizadas por oficiais que ocupam cargos de Comandantes, Chefes e Diretores em todas as unidades e subunidades da Polícia Militar.
Parágrafo único – Excetua-se do disposto neste artigo a viatura de representação do Comandante Geral da Polícia Militar e de seu substituto eventual.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 4.543-N, de 30.11.1999

- *Vide Decreto nº 042-R, de 07.04.2000*

Determina percentual de 85% de pessoal para a atividade fim

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a necessidade de racionalizar o emprego de pessoal, objetivando a maximização das atividades fins dos Órgãos de Defesa Social;
Considerando que o emprego dos recursos públicos devem ter por meta a efetividade de seus resultados;
Considerando que os Dirigentes dos Órgãos de Defesa Social devem gerir as respectivas Organizações sob suas responsabilidades, de forma otimizada com o emprego dos recursos humanos tendo em vista a operacionalidade, decreta:

Art. 1º – Na Polícia Militar, no Corpo de Bombeiros e na Polícia Civil deverão ser empregados, no mínimo 85% (oitenta e cinco por cento) do efetivo geral de cada organização na sua atividade fim:
I – na Polícia Militar: exercício do policiamento e da operacionalidade do sistema de inteligência;
II – na Polícia Civil: exercício das atividades operacionais de apuração das infrações penais;
III – no Corpo de Bombeiros: exercício de prevenção e combate a incêndio, busca e salvamento e defesa civil;
IV – na Secretaria da Casa Militar: as atividades de segurança e proteção institucional da Governadoria do Estado, e das Autoridades Estaduais, Federais e Estrangeiros no que couber.

Art. 2º – As escalas de serviço os Órgãos de Defesa Social devem ser padronizadas, dentro dos seguintes parâmetros:
I – escala de 12 (doze) horas de trabalho diurno por 24 (vinte e quatro) horas de descanso e de 12(doze) horas de trabalho noturno por 48 (quarenta e oito) horas de descanso para os processos de policiamento na Polícia Militar e plantões na Polícia Civil;
II – escalas em jornada de 24 (vinte e quatro) horas de trabalho por 48 (quarenta e oito) horas de descanso para os serviços de guardas desenvolvidos pelos Órgãos de Defesa Social e plantões do Corpo de Bombeiros Militar.
§1º – Para desenvolverem as atividades específicas, mediante planejamento, a Polícia Militar e a Polícia Civil poderão adotar: escalas com um máximo de 08 (oito) horas diárias, desde que perfaçam um mínimo de 40 (quarenta) horas semanais.
§2º – Fica expressamente proibido acúmulo de escalas, com o objetivo de ampliar a folga.

Art. 3º – As escalas de serviço extra, que geram gratificações com o mesmo nome deverão:
I – serem exclusivamente utilizadas na atividade fim de cada Órgão, conforme estabelecido no parágrafo único do art. 1º deste Decreto;
II – atender prioritariamente às necessidades de emprego de pessoal de quinta-feira a domingo nos dias e horários de maior incidência de fatos típicos, conforme indicativos e análises de dados estatísticos, sob a responsabilidade de cada segmento das respectivas Organizações;
III – atender as atividades de segurança e proteção institucional da Governadoria do Estado e das autoridades estaduais, federais e estrangeiras no que couber.

Art. 4º – Nas escalas de serviço ordinário, o período excedente a 44 (quarenta e quatro) horas semanais, se no mínimo 06 (seis) horas, será considerado para efeito de recebimento da gratificação de serviço extra.

Art. 5º – Fica vedado o pagamento de Gratificação de Serviço Extra:
I – aos Oficiais Superiores que percebem a Gratificação instituída pela Lei nº 5.950, de 04.11.1999, excetuando-se os Comandantes e Comandos Intermediários, Regionais, Superintendente de Polícia Prisional e Subcomandante Geral da Polícia Militar.

- *Redação dada pelo art. 1º do Decreto nº4589-N, de 26.01.2000*

II – aos Delegados ocupantes de Cargos de Superintendentes e de Chefes de Departamento e Divisões da Polícia Civil;
III – aos integrantes dos Quadros de Oficiais e qualificações de Praças não combatentes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, excetuando-se os oficiais diretamente empregados na execução das atividades fins, como definidas neste Decreto, desde que sejam também habilitados regular e tecnicamente para o exercício dessas atividades, e as praças integrantes de qualificações em extinção na Polícia Militar..

- *Redação dada pelo art. 6º do Decreto nº 4558-N, de10.12.1999*

IV – aos integrantes dos quadros da Polícia Civil que não exerçam as atividades operacionais de apuração das infrações penais.

Art. 6º – Compete ao Secretário de Segurança Pública exercer a fiscalização e o controle para o cumprimento do disposto neste Decreto.

Art. 7º – Até o vigésimo dia do mês que antecede aquele em que será pago a Gratificação de Serviço Extra ao pessoal da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros Militar, da Polícia Civil e da Secretaria da Casa Militar, seus respectivos Comandantes ou Chefe deverão encaminhar à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência – SEARP as escalas previstas nas Leis Complementares nº 112/1998 e nº 117/1998, devidamente totalizadas.
Parágrafo único – Somente com prévia e expressa autorização do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência, será autorizado o crédito bancário relativo ao pagamento da gratificação vinculada às escalas mencionadas neste artigo.

Art. 8º – Compete aos dirigentes dos Órgãos de Defesa Social exigir e fiscalizar o fiel cumprimento do disposto neste Decreto por parte dos seus subordinados, constituindo-se em transgressão da disciplina, considerada de natureza grave, a sua não observância.

Art. 9º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10 – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 4.449-N, de 13.04.1999.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 4.544-N, de 30.11.1999

Proíbe a utilização de veículos para transporte de pessoal

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a criação e implementação dos Corredores de Segurança Ostensiva, objetivando a maximização do policiamento e o conseqüente aumento da segurança da população;
Considerando a necessidade de otimizar o emprego da frota de veículos dos Órgãos de Defesa Social, priorizando as atividades diretamente ligadas às operações de controle da criminalidade, decreta:

Art. 1º – Nenhum veículo pertencente ou disponibilizado para a Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros Militar, poderá ser destinado ao serviço de transporte de pessoal exclusivo de autoridades desses Órgãos.
Parágrafo único – Excluem-se desta vedação um veículo em cada órgão, para representação dos Comandantes Gerais e Chefe de Polícia e de seus substitutos eventuais.

Art. 2º – Cada órgão deverá organizar no seu setor de transporte, um serviço coletivo racionalizado para atender às necessidades da administração, não podendo incluir o transporte rotineiro da residência para o trabalho e vice-versa, inclusive de comandantes, chefes e diretores da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, ou de superintendentes, delegados e outros ocupantes de cargos

administrativos da Polícia Civil, ressalvado os veículos de representação a que se refere o parágrafo único do art. 1º.

Art. 3º – Constituir-se-á em transgressão da disciplina, considerada de natureza grave, a não observância das prescrições contidas neste Decreto.

Art. 4º – Todos os veículos da frota administrativa que forem disponibilizados em decorrência desta racionalização, na Polícia Militar, serão no prazo de 30 (trinta) dias a partir da vigência deste Decreto, adequados para o radiopatrulhamento, nos Corredores de Segurança Ostensiva, e na Polícia Civil para a ação operacional de Polícia Judiciária.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O .E. de 01.12.99)

DECRETO Nº 4.545-N, de 30.11.1999

Proíbe concursos e promoções por 90 dias

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a instituição do Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo";
Considerando que a reestruturação dos Órgãos de Defesa Social acarretará modificações nas suas estruturas orgânicas e funcionais, o que implica em adequar a definição das novas estruturas para processar o acessos nos Órgãos, decreta:

Art. 1º – Fica proibida a realização de concursos e promoções na Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros Militar, pelo prazo de 90 (noventa) dias a contar da vigência deste Decreto.
Parágrafo único – Excluem-se desta vedação os concursos em andamento para admissão ao Curso de Formação de Oficiais e as promoções decorrentes de cursos que já estão em andamento nos respectivos órgãos e os atuais Aspirantes a Oficial da Polícia Militar.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de novembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.12.1999)

DECRETO Nº 7.562-E, de 03.12.1999

Determina a guarda interna na Penitenciária Estadual de Linhares e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e, com fundamento no art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando que este Governo, ao avaliar positivamente a ação da Polícia Militar nas Intervenções em curso em estabelecimentos penais na Região Metropolitana da Grande Vitória e Cachoeiro de Itapemirim;
Considerando que a Penitenciária situada em Linhares apresenta péssimo estado de conservação, parcialmente destruída pela ação predatória, com celas abertas, instalações elétricas deficientes e redes hidro-sanitárias comprometidas pelo vandalismo;
Considerando que o estabelecimento, mesmo a despeito do relativo controle administrativo e disciplinar, ainda padece de uma mais eficiente e ativa fiscalização interna, justamente prejudicada em razão dos desmandos anteriormente praticados;
Considerando que pelo aumento do índice de criminalidade verificado no Estado nos últimos anos e o conseqüente aumento da população carcerária, não ter havido correspondência de ingresso de Agentes Penitenciários;
Considerando que este Governo não deve e não vai permitir que, dentro do Estado do Espírito Santo, existam setores refratários ou resistentes ao império da lei e da ordem e do pleno e eficaz exercício da autoridade pública que lhe cabe preservar e afirmar;
Considerando o dever indeclinável que tem o agente político de promover o interesse público, no caso, a preservação da ordem pública e da incolumidade de pessoas e do patrimônio estatal;
Considerando finalmente que cabe ao Poder Executivo a administração dos estabelecimentos penais, dando cumprimento aos termos da legislação no tocante à custódia, cumprimento da sentença e execução penal, decreta:

Art. 1º – A Penitenciária Estadual "Desembargador José Mathias de Almeida Netto (PEL)", situada em Linhares, neste Estado, em caráter excepcional, ficará pelo período de 06 (seis) meses, prorrogáveis por período de tempo necessário ao estabelecimento das atividades de ressocialização, restauração das instalações físicas e o completo controle da disciplina e segurança, sob a guarda externa e interna da Polícia Militar, ficando também sob sua responsabilidade o controle e fiscalização de todo e qualquer acesso e/ou saída de pessoas, veículos e bens no estabelecimento penal.

Art. 2º – Fica designado como Interventor da Penitenciária referida no art. 1º, o Comandante da 3ª Companhia Independente da Polícia Militar, situada em Linhares, sem qualquer prejuízo para o exercício de seu cargo efetivo.

Art. 3º – Todos os Policiais Militares empregados nas atividades de segurança interna e externa e demais atividades relativamente aos objetivos da presente operação, serão considerados em função de natureza militar.

Art. 4º – As atividades de administração geral, assistência, ressocialização e controle da execução da pena permanecerão sob exercício do corpo de funcionários civis lotados na unidade.

Art. 5º – A Defensoria Pública Estadual disponibilizará Defensores Públicos, com a missão de realizar levantamento acerca da situação jurídica dos internos, requerendo diretamente em juízo as providências e procedimentos previstos em lei; procedendo o seu acompanhamento, providenciando a informação dos resultados diretamente aos interessados com ciência da direção.

Art. 6º – A Secretaria Estadual de Saúde providenciará o atendimento médico-odontológico necessário dos internos, designando os profissionais, liberando os equipamentos e a medicação que for prescrita.
Parágrafo único – O atendimento a que se refere o *caput* deste artigo, incumbe também a designação de um Assistente Social e um Psicólogo, que entre outras funções integrarão a Comissão Técnica de Classificação (CTC) do estabelecimento.

Art. 7º – A movimentação necessária de interno para Delegacias de Polícia e Fóruns, no Estado ou para fora do Estado, mediante requisição da autoridade competente, será feita pela Polícia Civil, e sob sua inteira responsabilidade, obedecidas as cautelas legais.
Parágrafo único – A movimentação e/ou transferência de preso ou interno para atender às reformas das instalações serão levadas a efeito na forma do art. 19, da Lei Complementar nº 167, de 22.11.99, publicada em 23.11.99.

Art. 8º – Os atendimentos médico, odontológico, psicológico, jurídico e Assistência Social serão prestados no próprio estabelecimento penal, em todos os dias úteis da semana, em programação definida entre os Órgãos e a Direção da Penitenciária, exceto as urgências, que serão procedidas quando necessárias.

Art. 9º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 03 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.12.1999)

DECRETO Nº 4.548-N, de 08.12.1999

Altera o Decreto Nº 4.409-N/1999, que dispõe sobre processos submetidos à COREG

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica inserido no Decreto nº 4.409-N, de 08.02.1999, o art. 6º com a redação a seguir, renumerando-se os demais artigos:
"Art. 6º – Os processos submetidos ao crivo da Corregedoria Geral da Administração – COREG, conforme Decreto nº 4.521-N, de 21.10.1999, após adoção e implementação das medidas determinadas pelo Chefe do Poder Executivo, deverão retornar à Corregedoria a fim de se proceder à análise do equilíbrio financeiro-econômico alcançado."

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.549-N, de 08.12.1999

Dispõe sobre a aquisição e utilização de passagens aéreas pelos órgãos e entidades públicas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, decreta:

Art. 1º – A aquisição de passagem para transporte aéreo, nacional e internacional, pelos órgãos e pelas entidades da Administração Pública Estadual direta, autárquica e fundacional fica subordinada às mesmas condições praticadas pelo setor privado, conforme dispõe o inciso III do art. 15 da Lei nº 8.666, de 21.06.1993.

Art. 2º – Para efeito da aplicação do disposto no artigo anterior, os órgãos e as entidades ali mencionados deverão:
I – adquirir a passagem pelo menor preço dentre aqueles oferecidos pelas companhias aéreas, inclusive os decorrentes da aplicação de tarifas promocionais ou reduzidas para horários compatíveis com a programação da viagem;
II – adotar as providências necessárias ao atendimento das condições preestabelecidas para aplicação das tarifas promocionais ou reduzidas.

Art. 3º – Os órgãos e as entidades abrangidos por este Decreto poderão reduzir a taxa de desconto oferecida pelas agências de viagens por eles contratadas para fornecimento de passagens aéreas, quando aplicada sobre o valor dos bilhetes emitidos com tarifas promocionais ou reduzidas.

Art. 4º – Sem prejuízo das demais cláusulas, o instrumento convocatório de licitação, relativo à prestação de serviços de fornecimento de passagens aos órgãos e as entidades de que trata o art. 1º deverá conter, obrigatoriamente, cláusula que:
I – preveja o compromisso de utilização de tarifas promocionais para os serviços prestados, sempre que colocadas à disposição pelas companhias aéreas; e
II – permita o julgamento das propostas com base no maior desconto oferecido pelas agências de viagens sobre o valor de suas comissões.

Art. 5º – Compete às Secretarias de Estado zelar pelo cumprimento do disposto neste Decreto, devendo os casos omissos serem resolvidos pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.550-N, de 08.12.1999

Torna nulos atos de concessão de pensões especiais

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, do art. 91, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – São declarados nulos de pleno direito os atos que concederam pensões especiais com amparo na Lei nº 3.459, de 03.05.1982, e no art. 160 da Lei Complementar nº 3.400, de 14.01.1981, a partir de 03.08.1993, data da publicação da Lei Complementar nº 35, de 30.07.1993, que revogou os aludidos benefícios.

Art. 2º – A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP adotará as medidas cabíveis para reposição ou ressarcimento aos cofres públicos em virtude de pagamentos indevidos após a publicação da Lei Complementar nº 35, de 03.08.1993.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.551-N, de 08.12.1999

- *Vide Decreto nº 4577-N, de30.12.1999*

Estabelece medidas de caráter administrativo visando o combate ao desperdício e práticas abusivas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e
Considerando que apesar dos êxitos já alcançados com as medidas adotadas com o objetivo de obter ajustes financeiro das contas estaduais o processo de reorganização das finanças públicas tem caráter dinâmico, exigindo constantes ações administrativas voltadas contra o desperdício e práticas abusivas;
Considerando que o Governo do Estado executa uma política que busca a eficiência e a eficácia dos servidores públicos;
Considerando o que dispõe a Lei Complementar Federal nº 96, de 31.05.1995, especialmente no seu art. 3º, decreta:

Art. 1º – Fica vedada no âmbito da administração pública direta e autárquica a organização de escala de revezamento de trabalho que estabeleça plantões de serviço seguidos de folgas superiores a 36 (trinta e seis) horas, salvo situações consideradas emergenciais que dependerão de prévia e expressa autorização do Governador do Estado.

Art. 2º – Sob pena de responsabilidade funcional, os chefes e dirigentes das repartições públicas e os responsáveis pelos setores e serviços de pessoal da administração direta e autárquica comunicarão à Gerência de Processo Administrativo Disciplinar (GEPAD-SEARP), no prazo máximo de 5 (cinco) dias:
a) a ausência intencional e injustificada do servidor ao serviço por mais de 30 (trinta) dias consecutivos, caracterizando o abandono de emprego (art. 235 da LC nº 46, de 31.01.1994);
b) a falta do servidor ao serviço, sem causa justificada, por quarenta dias interpoladamente, durante o período de 12 (doze) meses do exercício fiscal, caracterizando inassiduidade habitual (art. 236 da LC nº 46, de 31.01.1994);
c) a prática por servidor de quaisquer dos ilícitos administrativos previstos no art. 234 da LC nº 46, de 31.01.1994, caracterizadores de falta grave.

Art. 3º – Somente com prévia e expressa autorização do Governador do Estado poderá o órgão de representação judicial da Administração Autárquica ou de Empresa Pública:

a) promover acordos em autos judiciais ou extra-judicialmente;
b) deixar de recorrer de decisão, sentença, despacho ou acórdão contrários aos interesses da Administração ou entidade, sendo cabível a interposição de recurso judicial ou regimental.

Art. 4º – No prazo máximo de 60 (sessenta) dias, a Polícia Militar, o Corpo de Bombeiros Militar e a Polícia Civil deverão substituir policiais militares e policiais civis em funções burocráticas e administrativas por pessoal civil a ser remanejado por ato do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, realocando aqueles policiais para suas atividades-fins.

Art. 5º – Fica suspensa até 01.06.2000 a prática de quaisquer atos que importem em promoção e progressão funcional de servidor civil da administração direta e autárquica.

Art. 6º – Ficam vedadas, a partir da vigência deste Decreto, pelo prazo de 180 (cento e oitenta) dias:
I – a aquisição ou locação de veículos, salvo no interesse da segurança pública e para as atividades de bombeiros, ou renovação contratual, ou ainda quando já autorizadas pelo Chefe do Poder Executivo;

- *Redação dada pelo art. 1º do Decreto nº4563-N,, de 17.12.99*

II – a locação de novas máquinas de reprografia ou reprodução;
III – a adoção de bens móveis ou imóveis;
IV – a locação de imóveis;
V – a admissão de pessoal a qualquer título, ressalvado o provimento de cargos comissionados;
VI – a locação de mão-de-obra para atividades de natureza administrativa permanente;
VII – a realização de contratações emergenciais, ressalvadas situações que ponham em risco a segurança pública e a saúde pública;
VIII – a contratação de serviços de informática sem prévia análise técnica da PRODEST, informando a necessidade;
IX – a aquisição de material permanente sem prévia justificativa da inadiável necessidade.

Art. 7º – Todas as aquisições de bens e contratações de serviços deverão ter seus processos obrigatoriamente instruídos com informações relativas:
I – ao preço pago pelo adquirente ou contratante pelos mesmos produtos ou serviços na última aquisição ou contratação; ou
II – ao preço pago por outra repartição ou unidade administrativa do Poder Executivo pelos mesmos produtos ou serviços na última aquisição ou contratação.

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.552-N, de 08.12.1999

Regulamenta o art. 74 da LC nº 46/1994, que trata da consignação em folha de pagamento

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei nº 5.868, de 22.06.1999, decreta:

Art. 1º – As consignações em folha de pagamento de que trata o art. 74 da LC nº 46, de 31.01.1994, dos servidores públicos civis, ativos e inativos do Estado do Espírito Santo, são classificadas em:
I – compulsórias;
II – facultativas.
§1º – Consignações compulsórias são os descontos e recolhimentos efetuados por força de Lei, compreendendo:
a) contribuições para Plano de Seguridade Social;
b) pensões alimentícias;
c) imposto de rendimento do trabalho;
d) restituições e indenizações ao erário;
e) benefícios e auxílios prestados aos servidores da Administração Pública Estadual;
f) mensalidade em favor de entidade sindical, na forma do art. 13 da Constituição Estadual e do art. 184, inciso V da LC 46, de 31.01.1994.
g) outros descontos compulsórios instituídos por Lei.
§2º – Consignações facultativas são os descontos da remuneração do servidor público estadual que, com a interveniência da Administração, se efetuarem entre consignante e consignatário, compreendendo:
a) mensalidade instituída para o custeio de associações e clubes, constituídos exclusivamente por servidores públicos estaduais;
b) mensalidade instituída pela Associação dos Funcionários Públicos do Espírito Santo;
c) empréstimos para atendimento à Saúde concedidos pelo IPAJM e Associação de Funcionários públicos do Espírito Santo;
d) contribuições previstas na Lei nº 3.348/1980;
e) mensalidades correspondentes a prêmio de seguro de vida, empréstimos pessoais e créditos de capitalização;
f) descontos relativos a opção do servidor pela securitização prevista nos arts. 5º e 6º da Lei nº 5.990, de 06.12.1999.
g) outras consignações facultativas que, a juízo do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, sejam consideradas de interesse dos servidores.

Art. 2º – Somente poderão ser admitidas como entidades consignatárias para efeito das consignações facultativas:
I – órgãos da Administração Pública Estadual direta, autárquica, fundacional e empresas públicas;
II – associações, cooperativas e clubes constituídos exclusivamente de servidores públicos estaduais;
III – entidades sindicais representativas de servidores públicos estaduais;
IV – associações dos funcionários públicos do Estado do Espírito Santo;
V – partidos políticos legalmente constituídos;
VI – sindicatos, associações, cooperativas e clubes constituídos por servidores públicos que celebrem convênio com empresas de seguro de vida;
VII – entidades que se dispunham a securitizar créditos dos servidores estaduais;
VIII – outras entidades que, a juízo do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, sejam consideradas de interesse dos servidores.
§1º – Fica estabelecido o prazo de 90 (noventa) dias, contados a partir da data de publicação deste Decreto, para que as entidades já cadastradas nos setores de pagamento dos servidores da administração direta, autarquias, fundações e empresas públicas ajustem-se às normas do mesmo.
§2º – As entidades já consignatárias que se enquadrem no disposto do *caput* deste artigo, incisos I a VI deverão se recadastrar respeitando o previsto nos parágrafos 1º e 2º do art. 4º.
§3º – São exigências para que as entidades previstas nos incisos I a VIII deste artigo sejam aceitas e mantidas como consignatárias, nos termos deste Decreto:
a) estarem quites com os órgãos arrecadadores de contribuições da Seguridade Social;
b) estarem quites com os órgãos arrecadadores de tributos estaduais e com o sistema bancário estadual;
c) encontrarem-se devidamente cadastradas e adimplentes nos respectivos órgãos públicos fiscalizadores de suas atividades finalísticas.
§4º – As entidades previstas nos incisos I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII obrigam-se a disponibilizar, por meio magnético, quando solicitado pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e pelos órgãos ou entidades da Administração Pública Estadual, a qualquer tempo, seus cadastros de servidores públicos estaduais associados.
§5º – Os órgãos públicos que autorizarem consignações facultativas serão ressarcidos pelos serviços prestados em folha de pagamento, excetuando-se desse ressarcimento a Associação dos Funcionários Públicos do Espírito Santo, Sindicatos e Associações de qualquer categoria profissional, representativo do servidor público estadual, na seguinte forma:
I – as entidades e empresas consignatária deverão ressarcir os serviços prestados para operacionalização do desconto em folha de pagamento, na seguinte forma:
a) R$ 1,00 (um real) por linha no contracheque.
II – os valores previstos no item anterior serão deduzidos do crédito a repassar às entidades consignatárias, pela Secretaria de Estado da Fazenda (SEFA).

Art. 3º – As consignações compulsórias terão prioridade sobre as facultativas e em nenhum caso poderá resultar saldo negativo na folha de pagamento do servidor público estadual.
Parágrafo único – A partir da publicação do presente Decreto, fica reduzido para 50% o limite máximo do comprometimento da remuneração do servidor com as consignações compulsórias e facultativas, excetuadas as consignações previstas nas alíneas "b" e "d" do parágrafo 1º do art. 1º deste Decreto e respeitada a situação já existente.

Art. 4º – Os descontos em folha de pagamento ressalvados os compulsórios, somente serão admitidos mediante a concordância expressa do consignante e autorização da autoridade competente, conforme segue:
I – Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, para as consignações em folha dos servidores estatutários civis, ativos e inativos da administração direta;
II – dirigente principal das autarquias, fundações e empresas públicas para as consignações em folha de seus servidores;
III – dirigentes superiores, para os demais poderes.
§1º – A solicitação de cadastramento de rubrica de consignações deverá ser feita ao Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência (SEARP), no caso da administração direta e aos dirigentes das autarquias, fundações e empresas públicas, no caso da administração indireta.
§2º – É condição fundamental para a inclusão dos descontos decorrentes de consignações facultativas, nas folhas de pagamento, apresentação e o arquivamento, nos competentes setores de pagamentos dos órgãos, do termo de autorização do servidor.

Art. 5º – As consignações facultativas poderão ser canceladas:
I – por interesse da Administração;
II – por interesse da consignatária, expresso por meio de solicitação formal, encaminhada aos setores de pagamento dos servidores da administração direta, autárquica, fundacional e empresas públicas.

Art. 6º – A inclusão da consignação facultativa nas folhas de pagamento das administração direta, autarquia, fundações e empresas públicas, efetivar-se-á após a obtenção, pelo consignatário, do código de desconto, junto à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência (SEARP) quando se tratar da administração direta e junto à Direção Geral do órgão quando se tratar de autarquias, fundações e empresas públicas.

Art. 7º – O desconto em folha de pagamento ou sua alteração dar-se-á:
a) no pagamento relativo ao mês de referência, se as inclusões/alterações forem entregues no setor competente até o 5º dia útil;
b) no pagamento relativo ao mês subsequente ao da referência, caso ultrapasse a data prevista no item anterior.

Art. 8º – Os descontos serão autorizados pelo servidor mediante concordância escrita e expressa, com firma reconhecida, indicando o período de sua vigência e as respectivas folhas mensais de pagamento de pessoal, idependentemente do contrato entre o consignante e o consignatário obedecidos os prazos previstos no artigo anterior.

Art. 9º – Não será permitido, a qualquer título a materialização de ressarcimento, compensações, encontros de contas ou acertos financeiros entre entidades consignatárias facultativas e consignados que impliquem quaisquer tipo de crédito aos servidores.

Art. 10 – O consignatário das consignações facultativas que agir em prejuízo do servidor ou da Administração, transgredir as normas estabelecidas, alterar, transferir, ceder, vender ou alugar o código a terceiros, terá, a critério da SEARP as seguintes sanções:
I – advertência escrita;
II – cancelamento da autorização de consignação da entidade, em caso de reincidência de qualquer transgressão prevista.

Art. 11 – Só poderá ser deferido 01 (um) código para cada consignatário, exceto para a Associação dos Servidores Públicos, Instituto de Previdência e Assistência "Jerônimo Monteiro" (IPAJM) aos quais serão deferidos 02 (dois) códigos.
Parágrafo único – Aos sindicatos e associações de servidores públicos estaduais do Estado do Espírito Santo e outras entidades que tiverem convênios com plano de saúde ou com as modalidades de consignações previstas nas alíneas "c" e "f" do parágrafo 2º do art. 1º deste Decreto, será permitida a obtenção de mais de 01 (um) código, para esta finalidade, exclusivamente.

Art. 12 – A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência fiscalizará o cumprimento dos preceitos deste Decreto, podendo expedir normas regulamentares complementares.

Art. 13 – Os casos omissos serão submetidos à decisão do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência (SEARP).

Art. 14 – A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência baixará normas indispensáveis ao cumprimento do disposto nos arts. 5º, 6º e 7º da Lei nº 5.990, de 06.12.1999.
§1º – As entidades que se propuserem a securitizar créditos ou participar dos leilões a que atende o art. 5º da Lei nº 5.990, de 06.12.1999, deverão requerer cadastramento na SEARP para o fim específico.
§2º – O cadastramento previsto no artigo anterior somente será deferido após análise técnica da proposta de securitização e atendidas as exigências previstas no §3º do art. 2º deste Decreto.

Art. 15 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente os Decretos nº 4.100-N, de 24.03.1997, nº 4.120-N, de 06.06.1997, nº 4.151-N, de 05.08.1997, nº 4.485-N, de 02.07.1999 e nº 4.529-N, de 09.11.1999.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.553-N, de 08.12.1999

Institui controle eletrônico de horário de serviço de servidores

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o controle eletrônico de horário de serviço dos servidores públicos da administração direta e autárquica do Poder Executivo.

Art. 2º – Os órgãos deverão adotas as medidas necessárias ao fiel cumprimento do disposto no art. 1º, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias.

Art. 3º – Os órgãos deverão comunicar a cada 30 (trinta) dias à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência as medidas adotadas.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 09.12.1999)

DECRETO Nº 4.555-N, de 09.12.1999

Dispõe sobre obrigatoriedade de declaração atualizada sobre acumulação de cargos a ser feita pelos servidores

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Os servidores estaduais, bem como os militares que se encontrarem acumulando funções, cargos e empregos públicos em regime de acumulação remunerada nas esferas federal, estadual e municipal deverão apresentar à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência (SEARP), no prazo de 30(trinta) dias, a contar da publicação deste Decreto,

declaração atualizada de acumulação remunerada de cargos, funções e empregos públicos.
Parágrafo único – A declaração de acumulação remunerada de que trata o *caput* deste artigo deverá especificar e comprovar compatibilidade de horários e abrangerá empregos e funções em autarquias, fundações, sociedades de economia mista, suas subsidiárias e sociedades controladas, direta ou indiretamente, pelo Poder Público federal, estadual ou municipal.

Art. 2º – A não apresentação pelo servidor da declaração prevista no artigo anterior, quando exigível nos termos deste Decreto, acarretará:
a – responsabilidade funcional, a ser apurada em processo disciplinar;
b – suspensão imediata de pagamento de quaisquer vínculo com o Poder Executivo Estadual até a regularização da situação.
Parágrafo único – A apresentação de declaração incompleta acarretará providência prevista na letra "b" deste artigo, se o fato não decorrer de má fé, hipótese em que também será adotado o procedimento previsto na letra "a" deste artigo.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 09 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 10.12.1999)

DECRETO Nº 4.557-N, de 10.12.1999

Cria estrutura executiva do programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica criada a seguinte estrutura executiva do programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo".
I – Coordenação Geral;
II – Secretaria Executiva;
III – Controladoria Executiva;
IV – Gerências Executivas dos Projetos e Subprojetos.

Art. 2º – A estrutura executiva do programa a que se refere este Decreto fica diretamente subordinada ao Gabinete do Governador do Estado, estando incumbida das atividades para a sua implementação.

Art. 3º – A Coordenação Geral do Programa ficará a cargo da Secretaria de Estado da Segurança Pública, da Secretaria da Casa Militar e da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 4º – Ficam designados como Secretários Executivos os Maj PM Júlio Cézar Costa e João Antônio da Costa Fernandes e como Controladores Executivos os Auditores Estaduais Alcemir dos Santos Pimentel e José Mário Bispo Sant'ana.

Art. 5º – Fica a Coordenação Geral, através da Secretaria de Estado da Segurança Pública, autorizada dentro do que prevê a Lei, a formular contratos e convênios do Estado do Espírito Santo com Técnicos Especializados, Órgãos e Instituições para o desenvolvimento e implementação dos projetos e subprojetos integrantes do programa, submetendo a sua análise e aprovação à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.
Parágrafo único – Com a mesma finalidade a Coordenação Geral, através da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, fica autorizada a requisitar Servidores de quaisquer Órgãos vinculados ao Poder Executivo, permanecendo o Servidor à disposição do programa enquanto for necessário, como se no exercício do cargo estivesse, sem qualquer prejuízo funcional.

Art. 6º – O inciso III do art. 5º do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, passa a viger com a seguinte redação:
"III – aos integrantes dos Quadros de Oficiais e qualificações de Praças não combatentes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, excetuando-se os oficiais diretamente empregados na execução das atividades fins, como definidas neste Decreto, desde que sejam também habilitados regular e tecnicamente para o exercício dessas atividades, e as praças integrantes de qualificações em extinção na Polícia Militar."

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 13.12.1999)

DECRETO Nº 4.558-N, de 10.12.1999

- *Vide Decreto nº 035-R, de 31.03.2000 e nº 042-R, de 07.04.2000*

Designa gerentes executivos do Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e em especial o Decreto nº 4.538-N, de 30.11.1999, decreta:

Art. 1º – Ficam designados como Gerentes Executivos dos Projetos e Subprojetos do Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social do Estado do Espírito Santo", os seguintes Servidores, Órgãos e Instituições:
I – Projeto de Ações Impactantes com Medidas Imediatas: Ten Cel PM Newton Roberson Maia e o Delegado de Polícia Civil Emerson Gonçalves da Rocha.
a – Subprojeto de Irrigação Financeira: Auditor Estadual José Mário Bispo Sant'ana;
b – Subprojetos das Zonas de Policiamento Integrado dos Corredores de Segurança Ostensiva e de Saturação de Área – Maj PM Pedro Delfino;
c – Subprojeto de Reequipamento da Superintendência de Polícia Técnica e Científica: Delegado de Polícia Civil Jorge Paulo Mayer.
II – Projeto de Reestruturação dos Órgãos de Defesa Social: Secretário de Estado da Segurança Pública – Dr. José Rezende de Andrade;
a – Subprojeto de Otimização de Gestão: Prof Justo Corrêa da Silva;
b – Subprojeto de Alteração de Legislação: Osvaldo Hulle da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência; Delegado de Polícia Civil Sérgio do Nascimento Lucas, Ten Cel PM Sebastião Tomé Batista Freire, Cap BM Samuel Rodrigues Barbosa;
c – Subprojeto de Organização Operacional da Inteligência Policial: Cel PM João Carlos Batista, Maj PM José Nivaldo Campos Vieira, Cap BM Rogério Bubach e o Delegado de Polícia Civil Joel Lyrio Júnior.
III – Projeto de Construção de indicadores de Segurança Pública Dr. Guilherme Henrique Pereira do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves – IPES;
IV – Projeto de Unificação do Ensino e Instrução dos Órgãos de Defesa Social: Um representante a ser indicado pela Secretaria de Estado da Educação, Profª Ana Maria Petroneto Serpa, Delegado de Polícia Civil Hélio Moreira de Menezes, Ten Cel PM Edson Ribeiro do Carmo e Cap BM Carlos Marcelo D'isep Costa;
V – Projeto de Integração das Comunicações: Maj PM Antônio Carlos Barbosa Coutinho, 1º Ten BM Herbert de Carvalho e o Delegado de Polícia Civil José Monteiro Júnior;
VI – Projeto de Integração dos Órgãos Corregedores de Polícia: A cargo da Procuradoria Geral do Estado;
VII – Projeto de Interfaces Societais e Institucionais: Dr. Luiz Ferraz Moulin.
a – Subprojeto de Criação do Fórum e Conselho Estadual de Defesa Social: Dr. Luiz Ferraz Moulin;
b – Subprojeto de Integração com Ministério Público: a cargo da Procuradoria Geral de Justiça;
c – Subprojeto de Seminários Temáticos Societais e Institucionais: Maj PM Renato Duaguay Siqueira, Maj BM Fronzio Calheira Motta e a Delegada de Polícia Civil Neuza Glória dos Santos;
d – Subprojeto de Normatização dos Conselhos Interativos de Segurança Pública: Maj PM Ênio Chaves dos Reis;
e – Subprojeto de Implementação da Ouvidoria de Polícia Profª Vanda Valadão Aguiar.

VIII – Projeto de Ações Proativas para Prevenção da Criminalidade Sérgio Lemos – Subsecretário de Trabalho e Ação Social.
a – Subprojeto de Lazer, Esportes e Cultura para as comunidades: Euzi Nunes Caldas;
b – Subprojeto de Educação para prevenção da criminalidade para alunos do ensino fundamental: Cap PM Marcus Konieczna Amaral e o Delegado de Polícia Civil Custódio Serrati Castelani.

Art. 2º – Os Gerentes Executivos dos Projetos e Subprojetos integrantes do programa são os responsáveis pelas equipes a serem constituídas para a sua elaboração, desenvolvimento e acompanhamento, ficando vinculadas às diretrizes emanadas da Coordenação Geral.

Art. 3º – A Coordenação Geral do Programa fica autorizada a compor equipes de trabalho, podendo requisitar justificadamente, através da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, Servidores de quaisquer Órgãos vinculados ao Executivo estadual, os quais devem ser disponibilizados pelas chefias, ficando à disposição enquanto necessário for, como se no exercício do cargo estivessem, sem qualquer prejuízo funcional.

Art. 4º – Os Gerentes Executivos dos projetos definidos nos Decretos nº 4.541-N, 4.542-N, 4.546-N, todos de 30.11.1999, devem obedecer os prazos neles estabelecidos.
Parágrafo único – Nos demais casos, deverá ser obedecido o cronograma de atividades estabelecido pela Coordenação Geral.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 13.12.1999)

DECRETO Nº 4.563-N, de 17.12.1999

- *Vide Decreto nº 4577, de 30.12.99*

Altera o Decreto nº 4.551-N/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Decreto nº 4.551-N, de 09.12.1999, passa a vigorar com a seguinte alteração:
"(…)
Art. 6º – (…)
I – a aquisição ou locação de veículos, salvo no interesse da segurança pública e para as atividades de bombeiros, ou renovação contratual, ou ainda quando já autorizadas pelo Chefe do Poder Executivo;
II – (…)
III – (…)
IV – (…)
V – (…)
VI – (…)
VII – (…)
VIII – (…)
IX – (…)"

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 09.12.1999.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 20.12.1999)

DECRETO FEDERAL Nº 3305, de 23.12.1999

Dá nova redação ao Art. 28 do Decreto nº 2222, de 08 de maio de 1997, que regulamenta a lei nº 9437, de 20 de fevereiro de 1997 – Porte de Arma.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 19 da lei nº 9437, de 20 de fevereiro de 1997,
DECRETA:

Art. 1º - O art. 28 do Decreto nº 2222 , de 08 de maio de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 28 – O porte de arma de fogo é inerente aos militares das Forças Armadas, policiais federais, policiais civis, policiais militares e bombeiros militares. "(NR).

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 23 de dezembro de 1999
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Presidente da República
(DOU, de 24.12.99)

DECRETO Nº 271-R, de 18.08.2000.

Acrescenta parágrafo único ao Art. 1º do Decreto nº 3.882-N, de 25 de agosto de 1995.

O GOVERNADOS DO ESTADO DO ESPIRÍTO SANTO, no uso da sua atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. º Fica acrescido ao Art. 1º do Decreto nº 3.882-N, de 25 de agosto de 1995 um parágrafo único com a seguinte redação:

"Art. 1º.....

Parágrafo Único – Aos servidores com remuneração superior a R$1.000,00 (hum mil reais, poderá ser concedido até 4 (quatro) vales transporte diários caso cumpram jornada de 40 (quarenta) horas semanais de trabalho."

Art. 2º Este Decreto entra em vigor a partir de 1º de agosto de 2000.

Art.3º Revogam-se as disposições em contrario.

Palácio Anchieta, em Vitória , aos 18 dias de agosto de 2000, 179º da Independência, 112º da Republica e 466º do Inicio da Colonização do Solo Espírito Santense.

JOSÉ INACIO FERREIRA
Governador do Estado
EDINALDO LOUREIRO FERRAZ
Secretário de Estado da Administração, dos Recursos da Previdência.

DECRETO Nº 7.628-E, de 29.12.1999

Fixa quantitativo de vagas de Oferta de Estágio para o ano de 2000

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica mantido para o exercício de 2000, o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio – Bolsa de Complementação Educacional na Administração Direta e Indireta, de acordo com os anexos do Decreto nº 7.326-E, de 18.12.1998.

Art. 2º – Fica fixado, para o exercício de 2000, na forma do Anexo único deste Decreto, o quantitativo de vagas de Oferta de Estágio – Bolsa de Complementação Educacional na Administração

Direta e Indireta, dos Órgãos não previstos no Decreto nº 7.326-E, de 18.12.1998.

Art. 3º – Em virtude de relevante interesse administrativo devidamente justificado, o Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência poderá alterar os quantitativos estabelecidos neste Decreto em até 20% (vinte por cento).

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 30.12.1999)

ANEXO AO DECRETO Nº 7.628-E, de 29.12.1999

QUADRO DE OFERTA DE ESTAGIÁRIOS – 2000

ADMINISTRAÇÃO DIRETA	
ÓRGÃO	**QUANTITATIVO**
AGE	08
C.M.	10
C.V.	12
Def. Pública	07
PGE	30
PM	**100**
C BOM	19
SEPLAN	13
SEAG	20
SEAMA	50
SEARP	50
SECES	68
SECOM	10
SEDU	60
SEFA	110
SEJUS	70
SESP	60
SESA	10
SETR	4
SERED	5
SERIN	2
SETAS	50
SETUR	5
TOTAL	**773**
ADMINISTRAÇÃO INDIRETA	
ÓRGÃO	**QUANTITATIVO**
APE	20
DEO	15
DER	20
DETRAN	100
DIO	5
EMCAPER	30
EMES	12
ESESP	10
IDAF	37
IESP	40
IJSN	18
IPAJM	10
RTV/ES	20
SUPPIN	7
PRODEST	20
ICAES	19
TOTAL	**383**

DECRETO Nº 4.577-N, de 30.12.1999

Prorroga por 180 dias restrições impostas por outros decretos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, art. 91, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam prorrogados por 180 (cento e oitenta) dias as restrições impostas pelos Decretos nº 4.398-N, de 05.01.1999, nº 4.446-N, de 05.04.1999, e nº 7.342-N, de 11.01.1999 e cujas atividades foram absorvidas pela Corregedoria Geral da Administração através do Decreto nº 4.521-N, de 21.10.1999.
Parágrafo único – Os processos cujas despesas totais não ultrapassem a R$ 8.000.00 (oito mil reais), ficam dispensadas do crivo da Corregedoria Geral da Administração – COREG da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, desde que não se enquadrem nas vedações instituídas pelo Decreto nº 4.551-N, de 08.12.1999 e alterado pelo Decreto nº 4.563-N de 17.12.1999.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de dezembro de 1999.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 31.12.1999)

DECRETO Nº 4.580-N, de 04.01.2000

Institui Ambiente Tecnológico do SIARHE

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual,
Considerando a necessidade de manter eficiente controle operacional das áreas de Recursos Humanos do Estado, objetivando cobrir desperdícios financeiros;
Considerando que a Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência (SEARP) está implantando em articulação com a PRODEST, moderno Sistema de Gerenciamento Informatizado de Recursos Humanos, denominado SIARHES – Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo;
Considerando a necessidade de normatizar o ambiente tecnológico decorrente do SIARHE, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o ambiente tecnológico do SIARHE – Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo, no âmbito da Administração Direta e Indireta (Autarquia e Empresas Públicas que recebam do Tesouro) do Poder Executivo.
§1º – Fica adotado o modelo cliente-servidor, utilizando-se para isso uma plataforma baixa, onde estações Windows NT/Workstation, ligadas em rede e devidamente configuradas, acessam as informações do SIARHES, contidas em bancos de dados ORACLE instalados em servidores Windows NT/ Server localizados na PRODEST.
§2º – É vedado a qualquer órgão da administração pública a conexão de redes locais ou equipamentos à rede SIARHES, sem a devida análise da PRODEST.
§3º – É terminantemente proibido à qualquer órgão da administração pública a alteração da configuração dos programas de computador, sem a expressa avaliação da PRODEST.
§4º – É de competência e responsabilidade da PRODEST a administração da rede de computadores, bem como a operação e manutenção dos equipamentos, de modo a manter o sistema em funcionamento.
§5º – Ocorrendo a necessidade de conexão de rede locais, instalação de equipamentos ou programas de computador, caberá a PRODEST a análise e decisão.

Art. 2º – O gerenciamento do SIARHES – Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo é de competência da SEARP.

Art. 3º – A alimentação e manutenção das bases de dados do SIARHES – Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos do Estado do Espírito Santo é de competência de todos os órgãos inseridos no contexto do art. 1º.
§1º – De forma centralizada a Subsecretaria de Estado dos Recursos Humanos, através de suas Gerências e Subgerências, ficam responsáveis pela manutenção das bases de dados do SIARHES, nas funções de sua competência.
§2º – De forma descentralizada os órgãos da Governadoria, Secretarias de Estado e de Regime Especial, através de sua unidades de recursos humanos setoriais ficam responsáveis pela manutenção das bases de dados do SIARHES, nas funções de sua responsabilidade.
§3º – A Subsecretaria de Estado dos Recursos Humanos, através da Gerência de Pagamento, fica responsável pelo processamento centralizado da folha de pagamento da Administração Direta.

Art. 4º – As casos omissos neste Decreto serão resolvidos através de ato próprio do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revoga-se as disposições em contrário .

Palácio Anchieta em Vitória, 04 de janeiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 05.01.2000)

DECRETO Nº 4.589-N, de 26.01.2000

Altera o Decreto nº 4.543-N/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O inciso I do art. 5º do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, passa a ter a seguinte redação:
I – aos Oficiais Superiores que percebam a gratificação instituída pela Lei nº 5.950, de 04.11.1999, excetuando-se os Comandantes de Comandos Intermediários Regionais, Superintendentes dos Estabelecimentos Penais e Subcomandante Geral da Polícia Militar.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo os seus efeitos a 01.12.1999.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 26 de janeiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 27.01.2000)

DECRETO Nº 4.590-N, de 28.01.2000

Disciplina a prática dos atos de extinção e declaração de desnecessidade de cargos públicos, colocação em disponibilidade remunerada e de aproveitamento de servidores públicos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelos incisos III, do art. 91, §3º, do art. 42, ambos da Constituição Estadual e alínea "b" do art. 1º, da Lei nº 5.821, de 22.01.1999, decreta:

Art. 1º – Este Decreto disciplina a prática dos atos de extinção e de declaração de desnecessidade de cargos públicos, bem assim a dos atos de colocação em disponibilidade remunerada e de aproveitamento de servidores públicos em decorrência da extinção, reorganização ou redirecionamento dos objetivos dos órgãos da Administração Pública Direta ou Autárquica do Poder Executivo Estadual.

Art. 2º – Respeitados o interesse público e a conveniência da administração, os cargos públicos podem ser declarados desnecessários, nos casos de extinção, reorganização ou redirecionamento dos objetivos e funções dos órgãos.

Art. 3º – Caracterizada a existência de cargos sujeitos à declaração de desnecessidade, a administração deverá adotar, separada ou cumulativamente, os seguintes critérios de análise, pertinentes à situação pessoal dos respectivos ocupantes, para fins de disponibilidade.
I – menor tempo de serviço;
II – maior remuneração;
III – idade menor;
IV – menor número de dependentes.

Art. 4º – A extinção de cargo público ou sua desnecessidade far-se-á mediante ato privativo do Governador do Estado.

Art. 5º – Extinto o cargo ou declarada sua desnecessidade, o servidor estável nele investido será imediatamente posto em disponibilidade, com remuneração proporcional ao respectivo tempo de serviço.

Art. 6º – A remuneração do servidor em disponibilidade será proporcional a seu tempo de serviço, considerando-se, para o respectivo cálculo, um trinta e cinco avos da respectiva remuneração mensal, por ano de serviço, se homem, e um trinta avos, se mulher.
§1º – No caso de servidor cujo trabalho lhe assegure o direito à aposentadoria especial, definida em lei, o valor da remuneração a ele devida, durante a disponibilidade, terá por base a proporção anual correspondente ao respectivo tempo mínimo para a concessão da aposentadoria integral.
§2º – Considerar-se-á como remuneração mensal do servidor, exclusivamente para o cálculo da proporcionalidade, o vencimento básico, acrescido das vantagens pecuniárias permanentes relativas ao cargo público e as vantagens pessoais.

Art. 7º – O servidor em disponibilidade contribuirá para o regime próprio de previdência do servidor público federal, e o tempo de contribuição, correspondente ao período em que permanecer em disponibilidade, será contado para efeito de aposentadoria e nova disponibilidade.

Art. 8º – O servidor em disponibilidade poderá participar de programa de treinamento dirigido para o exercício de novas funções na Administração Pública Estadual, sob a coordenação da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e a Escola de Serviço Público do Espírito Santo.

Art. 9º – Presente a necessidade da administração, o aproveitamento de servidor posto em disponibilidade dar-se-á em cargo de atribuições, vencimentos, nível de escolaridade, especialidade ou habilitação profissional compatíveis com o anteriormente por ele ocupado, por ato do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 10 – Fica delegada competência ao Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência para a prática dos atos necessários para colocar em disponibilidade remunerada os ocupantes de cargos públicos extintos ou declarados desnecessários.
Parágrafo único – A delegação prevista neste artigo não admite subdelegação.

Art. 11 – O ato de colocar em disponibilidade servidor que se encontre regularmente licenciado ou afastado somente produzirá efeitos após o término da licença ou do afastamento.

Art. 12 – A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência fica autorizada a expedir atos complementares para a fiel execução deste Decreto.

Art. 13 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de janeiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 31.01.2000)

DECRETO Nº 4.591-N, de 28.01.2000

Institui Programa de Recadastramento da Frota

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITOS SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o "Programa de Recadastramento e Verificação de Operacionalidade" da Frota de Veículos do Serviço Público Estadual, compreendendo a Administração Direta, Autarquias, Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista.

Art. 2º – O Programa criado pelo artigo anterior será gerenciado pela Subsecretaria de Estado da Administração Geral da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, à qual incumbirá:
a) fixar calendário de apresentação de veículos para recadastramento;
b) verificação de veículos em situação documental irregular;
c) indicação de veículos que devem ser baixados de uso;
d) sugestão de medidas necessárias à racionalização do uso da frota de veículos do Governo do Estado.

Art. 3º – O Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN-ES) deverá prestar todo apoio que se fizer necessário para a execução do presente Programa.

Art. 4º – O Recadastramento previsto neste Decreto deverá estar concluído no prazo de 90 (noventa) dias a contar da publicação deste Decreto.

Art. 5º – Constitui falta grave, sujeito à submissão do infrator a Processo Administrativo Disciplinar:
a) não apresentar veículo para recadastramento;
b) omitir informação que lhe seja solicitada;

Art. 6º – O Recadastramento previsto neste Decreto incluirá quaisquer veículos automotores, inclusive sob regime de locação.

Art. 7º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de janeiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 31.01.2000)

DECRETO Nº 4.593-N, de 28.01.2000

Atualiza as Normas de Expediente do Poder executivo instituídas pelo Decreto Nº 196-N/1971

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição legal que lhe confere o art. 91. inciso III da Constituição Estadual e;
Considerando a necessidade de atualizar a apresentação das correspondências utilizadas;
Considerando a necessidade de apresentar as correspondências oficiais de forma unificada, com aspecto prático e harmônico;
Considerando a necessidade de orientar as unidades administrativas na racionalização e atualização dos serviços prestados;

DECRETA:

TÍTULO I
DOS ATOS ADMINISTRATIVOS

CAPÍTULO I
Conceitos Básicos

Art. 1º – Os atos administrativos na administração pública direta, suas autarquias e fundações serão elaborados com observância das normas e diretrizes constantes do presente Decreto .

Art. 2º – Entende-se como ato administrativo, as decisões baixadas pelos Órgãos do Poder Executivo com finalidade pública, que visam produzir algum efeito jurídico ou disciplinar e que tenha por fim imediato adquirir, resguardar, transferir, modificar ou extinguir direitos.

Art. 3º – Para efeito de incidência destas normas, os atos administrativos são: Decreto, Portaria, Ordem de Serviço, Instrução de Serviço, Resolução, Pronunciamento, Mensagem, Ofício, Aviso, Comunicação Interna, Representação, Parecer, Regulamento, Despacho, Relatório, Certidão, Atestado, Edital, Contrato, Convênio, Requerimento, Telegrama, Fac-símilie, E-mail, Exposição de Motivo Externa e Exposição de Motivo Interna.

SEÇÃO I
Dos Atos Decisórios

Art. 4º – Decretos:
I – Decretos Regulamentares ou de Execução (R) – são atos normativos destinados à execução, total ou parcial, de preceitos constitucionais ou de leis , aprovação de Regulamentos, Estatutos ou Regimentos da Administração Direta e Indireta;
II – Decretos Singulares (S) – são atos relativos a nomeação, exoneração e demissão; abertura de crédito; desapropriação; criação de grupo de trabalho ou comissão; normas referentes a organização ou a execução de serviços do Estado ou sobre seu controle; delegação de competência ou medidas administrativas que envolvem um ou mais servidores.
§1º – Os decretos serão assinados:
I – pelo Governador do Estado e por todos os Secretários, quando se tratar de matéria de interesse geral para a Administração;
II – pelo Governo e pelos Secretários, quando o assunto for específico de cada Secretaria;
III – pelo Governador e pelo Secretário, quando o assunto for restrito à pasta;
IV – os decretos de nomeação para cargos do primeiro escalão e dirigentes de autarquias serão assinados somente pelo governador, as demais nomeações para cargos em comissão, serão assinadas pelo Governador e pelo Secretário da Pasta, ou por quem detenha delegação de competência;
V – os decretos de nomeação para cargos efetivos serão assinados pelo Governo e pelo Secretário de Administração dos Recursos Humanos e de Previdência.
§2º – Os decretos regulamentares receberão numeração dada pela Secretaria da Casa Civil, em ordem crescente e ininterrupta e dos decretos singulares serão reiniciados anualmente.

Art. 5º – Portaria:

I – portarias regulamentares ou de execução (R) - é o ato administrativo por meio do qual os Secretários de Estado e ocupantes de cargo de hierarquia semelhante emitem determinações ou ordens, instruções ou normas, objetivando o eficaz andamento dos serviços de competência da Unidade Administrativa sob seu comando, para cumprimento da Constituição, das Leis e de Decretos, conforme instruções; estabelecem métodos de trabalho ou rotinas de serviço e regulam matéria dos órgãos subordinados; complementam determinação de decreto que implique determinação correspondente a fato administrativo de natureza transitória;
II – portarias singulares (S) – são atos relativos à servidores que estejam lotados nos órgãos subordinados e concernentes a:
a) penas disciplinares;
b) aposentadoria;
c) dispensa e designação de funções gratificada;
d) exoneração;
e) responder por expediente e outros;
Parágrafo único – As portarias receberão numeração do órgão emissor, em série crescente, reiniciada a cada ano.

Art. 6º – Ordem de Serviço – é a determinação emitida pelos Subsecretários, Subprocuradores, pelos Coordenadores e Chefes das Unidades Administrativas quando lhes for outorgada competência.
I – a ordem de serviço tem a finalidade de:
a) regular o cumprimento de atos da autoridade superior ou estabelecer métodos de trabalho ou rotinas de serviço, em repartição subordinada;
b) complementar determinação de decreto e de portaria ou que implique em determinação correspondente a fato administrativo de natureza transitória ou que se extingue, depois de cumprido;
c) determinar medidas que individualizem servidores lotados na repartição, mediante designação, atribuição de encargo específico e de penalidade.
Parágrafo único – As ordens de serviço receberão numeração do órgão emissor, em série crescente reiniciada a cada ano.
Art. 7º – Instrução de Serviço – é a determinação emitida pelos dirigentes de órgãos vinculados e de regime especial de administração.
I – a instrução de serviço tem a finalidade de:
a) regular o cumprimento de atos de autoridade superior ou a estabelecer métodos de trabalhos ou rotinas de serviços, em repartição subordinada;
b) complementar determinação de decreto e de portaria, correspondente a fato administrativo de natureza transitória ou que se extingue depois de cumprido;
c) determinar medidas que individualizem servidores, lotados na repartição, mediante nomeação, exoneração, designação, atribuição de encargo específico, aplicação de penalidade, dentre outros.
Parágrafo único – as instruções de serviço receberão numeração do órgão emissor, em série crescente, reiniciada a cada ano.

Art. 8º - Resolução – é o ato administrativo normativo, expedido por autoridade do Poder Executivo – Secretários de Estado, Presidentes de Conselhos e outros órgãos colegiados, visando disciplinar matéria de sua competência específica.
Parágrafo único – As resoluções receberão numeração do órgão emissor, em série crescente e ininterrupta.

Art. 9º - Pronunciamento - é o ato administrativo expedido por um órgão colegiado, que visa disciplinar matéria submetida à sua apreciação.
Parágrafo único – Os pronunciamentos receberão numeração do órgão emissor, em série crescente e ininterrupta.

SEÇÃO II
Atos Administrativos de Correspondência

Art. 10º – São aqueles de caráter comunicativo, através dos quais as autoridades da Administração Pública expõem, solicitam ou consultam informações sobre fatos ou atos administrativos, tais como:
I – Mensagem – comunicação oficial do Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo, para informar sobre fato da Administração Pública: expor as realizações do seu Governo, propor orçamentos, encaminhar Projetos de Lei ou apresentar as razões do seu veto:
a) será numerada em ordem crescente, reiniciada anualmente e firmada somente pelo Governador do Estado.
II – Exposição de Motivo Externa – comunicação oficial destinada à Presidência da República ou Órgão a ela diretamente subordinado, aos Ministros de Estado e Entidades de âmbito nacional, providos de autonomia decisória:
a) serão numerados em série crescente, reiniciadas anualmente e firmadas somente pelo Governo de Estado.
III – Exposição de Motivo Interna – comunicação oficial destinada ao Governador do Estado em que são expostos os assuntos de administração.
a) serão numeradas em série crescente, reiniciada anualmente e firmadas pelos Secretários de Estado.
IV - Ofício – modalidade de comunicação oficial com autoridades, repartições e entidades públicas internas e externas e pessoas ou uentidades particulares tratando de assunto de interesse de serviço;
a) os ofícios receberão numeração do Órgão Emissor, em série crescente, reiniciada a cada ano.
V – Comunicação Interna – modalidade de comunicação oficial entre as unidades administrativas do mesmo órgão, que podem estar hierarquicamante em mesmo nível ou em nível diferente. É utilizada em caráter meramente administrativo e tem como característica principal a agilidade. É expedida pelos chefes de serviços, gerentes e diretores:
a) a comunicação interna receberá numeração da unidade administrativa,, em série crescente, reiniciada a cada ano.
VI – Representação – meio de comunicação oficial usado pelo servidor público ou chefia, para expor assuntos ou serviços inerentes ao seu cargo e/ou função, destinadas à autoridade superior;
VII – Aviso – forma de comunicação oficial para fins licitatórios, expedida pelo presidente da Comissão Permanente de Licitação – CPL. O aviso deverá ser publicado de acordo com a Lei nº 8.666/93 e suas alterações.
Parágrafo único – Toda correspondência cujo o assunto seja único e de interesse de vários órgãos, terá acrescida em sua denominação a palavra **Circular**.

SEÇÃO III
Outros Atos Administrativos

Art. 11 – Entende- se por:
I – Parecer – manifestação técnica ou jurídica sobre um determinado assunto, visando fundamentar e solucionar matéria que lhe serve de objeto;
II – Regulamento – é o ato normativo que se destina a detalhar ou explicitar a norma legal;
III – Despacho – informação ou decisão sobre qualquer assunto submetido à deliberação de autoridade ou determinação para movimentação de processos e outros documentos;
IV – Relatório – exposição dos fatos da Administração;
V – Certidão – documento emitido por autoridade competente, a pedido do interessado, com finalidade declarada e transcrito de assentamento oficial;
VI – Atestado – documento que afirma a existência de um fato, direito ou estado, em favor de alguém;
VII – Edital – documento que divulga atos deliberativos ou de correspondência não reservada, para comunicar abertura de concursos para provimento de cargos, de cadeira em estabelecimento de ensino e também, a abertura de processo licitatório;
VIII – Contrato – acordo de vontades, firmado pelas partes relativamente à execução ou prestação de serviços, criando obrigações e direitos recíprocos;
IX – Convênio – ato que formaliza acordo entre o Estado, a União, os Municípios ou destes com organizações particulares, para realização de objetivos comuns entre as partes envolvidas;
X – Requerimento – instrumento de caráter particular, pelo qual o requerente solicita o reconhecimento de direito ou a concessão de algo sob amparo legal, a uma autoridade do Serviço Público;
XI – Telegrama – comunicação oficial expedida por meio de telegrafia;
XII – Fac-símile – meio utilizado para transferir mensagens urgentes e para dar conhecimento antecipado de documentos, também denominado Fax;
XIII – E-mail – utilizado para transmitir mensagens, documentos e arquivos executáveis ou não, em caráter imediato;
Parágrafo único – As mensagens recebidas através dos meios de comunicação de que tratam os incisos XII e XIII devem ser transformados em documentos através de xerocópia ou impressão, quando se faça necessário o seu prosseguimento ou arquivamento.

CAPÍTULO II
Da Forma de Apresentação

SEÇÃO I
Das Características

Art. 12 – O Decreto deverá conter as seguintes características:
I – título:
a) epígrafe;
b) ementa.
II – fundamento legal e "considerando" da autoridade;
III – ordem de execução ou mandado de cumprimento "Decreta";
IV – texto ou corpo do ato;
V – cláusula de vigência;
VI – cláusula revogatória;
VII – local e data:
"Palácio Anchieta, em Vitória, data do ato e a indicação em numeração ordinal, do número de anos decorridos da Declaração da Independência, da Proclamação da República e do início da Colonização do Solo Espírito Santense".
VIII – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 13 – A Portaria deverá conter:
I – título:
a) epígrafe:
1. número;
2. data.
a) ementa.
II – autoria ou fundamento legal da autoridade;
III – ordem de execução ou mandado de cumprimento "Resolve";
IV – texto;
V – cláusula de vigência;
VI – clausula revogatória;
VII – local e data;
VIII – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 14 – A Ordem de Serviço deverá conter:
I – título:
a) epígrafe;
1. número;
–2.data.
II –fundamento legal da autoridade;
III – ordem de execução ou mandado de cumprimento "Resolve";
IV – texto;
V – local e data;
VI – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 15 – A Instrução de serviço deverá conter:
I – título;
a) epígrafe;
1. número;
2. data.
II –fundamento legal da autoridade;
III – ordem e execução ou mandado de cumprimento;
IV – texto;
V – local e data;
VI – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 16 – A resolução terá como partes essenciais:
I – denominação dos Órgãos;
II – título e número;
III – ementa;
IV –fundamento legal, seguido da expressão "Resolve";
V – texto;
VI –local e data;
VII – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 17 – O pronunciamento deverá conter:
I – denominação do órgão;;

II – título e número;
III – ementa;
IV – texto;
V – local e data;
VI – nome completo e autoridades signatárias.

Art. 18 – A mensagem deverá conter:
I – local e data;
II – título e número;
III – invocação;
IV – contexto;
V – nome e assinatura do Governador do Estado;

Art. 19 – A exposição de motivo externa deverá conter:
I – tipo e número, sigla do órgão/unidade administrativa;
II – local e data ;
III – vocativo;
IV – texto;
V – nome completo e assinatura do governador;
VI – identificação do destinatário.

Art. 20 – A exposição de motivo interna deverá conter:
I – tipo e número, sigla d órgão/ unidade administração;
II – local e data;
III – vocativo;
IV – texto;
VI – nome completo e assinatura do Secretário.
VI – identificação do destinatário.

Art. 21 – O ofício deverá conter:
I –tipo e número, sigla do órgão/unidade administrativa;
II – local e data;
III – vocativo:
VI – terxto;
V – fecho;
VI – nome completo e cargo da autoridade competente;
VII – identificação do destinatário.
Parágrafo único – Caso a correspondência ocupe mais de uma folha, identifica-se o destinatário no final da primeira folha; o nome, cargo e assinatura do firmatário na última folha.

Art. 22 – A comunicação interna deverá conter:
I – tipo e número, sigla do órgão/unidade administrativa;
II – data;
III – identificação do destinatário (mencionado pelo cargo que ocupa);
IV – assunto
V – texto;
VI - fecho;
VII – nome completo e cargo do signatário.

Art. 23 – A representação deverá conter:
I – tipo, sigla da unidade e número;
II – local e data;
III – vocativo;
IV – texto;
V – fecho;
VI – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 24 – O parecer deverá conter:
I – número;
II – ementa;
III – texto:
a) introdução (histórico);
b) contexto (justificativa);
c) fecho (conclusão).
IV – local e data;
V – nome completo e cargo do firmatário.

Art. 25 – O regulamento deverá conter:
I –denominação do órgão;
II – título;
III – texto;
IV – local e data;
V – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 26 – O despacho deverá conter:
I – deliberação, decisão, informação ou andamento de questões;
II – data;
III – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 27 – O relatório deverá conter:
I – título;
II – apresentação ou abertura;
III – texto (descrição dos fatos);
IV – local e data;
V – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 28 – O Edital deverão conter:
I – denominação do órgão;
II – título e número;
III – texto:
IV – local e data;
V – nome completo e cargo da autoridade competente;

Art. 29 – A certidão deverá conter:
I – título:
a) introdução;
b) contexto;
c) fecho;
II – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 30 – O atestado deverão conter:
I – título;
II – contexto;
III – local e data;
IV – nome completo e cargo da autoridade competente.

Art. 31 – O contrato e o convênio deverão conter:

I – título;
a) epígrafe;
b) ementa.

II – texto:

a)introdução;

b) cláusulas;

c) fecho.

III – local e data;

IV – nome completo e assinatura dos contratantes/convenentes;

V – nome completo e assinatura das testemunhas.

Art. 32 – O requerimento deverá conter:

I – invocação – (composta da expressão de cortesia e cargo ocupado pela pessoa a quem se dirige: Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado);

II – contexto – (no requerimento deverão constar as informações pessoais do requerente, tais como: nome, cargo, lotação, matrícula, nacionalidade, estado civil, profissão e residência);

III – fecho;

IV – local e data;

V – assinatura do requerente.

Art. 33 – O telegrama deverá conter:

I - data de emissão pelo órgão expedidor;

II – visto da autoridade competente;

III – cabeçalho;

IV – número e ordem do telegrama e sigla do órgão expedidor;

V – texto;

a) contexto;

b) fecho.

VI – nome (datilografado).

SEÇÃO II
Dos Conceitos

Art. 34 – Nos Atos Oficiais destacam-se os seguintes conceitos;

I – título – é a designação para o conjunto formado pela epígrafe e pela ementa;
II – epígrafe – é a parte do preâmbulo que qualifica o ato na ordem jurídica e o situa no tempo, através da data, da numeração e da denominação;
III – ementa – síntese do conteúdo a fim de permitir o conhecimento da matéria;

IV – autoria ou fundamento legal da autoridade – é a parte que contém o nome da autoridade, o cargo em que se acha investida e a atribuição constitucional em que se fundamenta a autoridade;
V – ordem de execução ou mandado de cumprimento- é expressa por “Decreta”, “Resolve”, “Faço saber”, etc.;
VI – texto ou corpo do ato – o texto é a descrição dos fatos, composto por artigos, parágrafos, itens ou incisos, alíneas ou letras, que se divide em introdução, desenvolvimento e conclusão:
a) introdução – apresentação do assunto que motiva a comunicação;
b) desenvolvimento – detalhamento do assunto que dever ser exposto em parágrafos distintos, se o texto contiver tópicos diferenciados a respeito do assunto;
c) conclusão – posição recomendada sobre o assunto.
VII – cláusula da vigência – data em que o ato oficial entra em vigor;
VIII –cláusula revogatória – expressa a legislação a ser revogada;
IX – fecho – encerramento do documento;
X – vocativo – identifica o destinatário;
XI – contexto – justificativa;
XII – invocação – invocar à autoridade superior ou de mesma hierarquia.
§1º – As correspondências oficiais devem ser encerradas com os termos “RESPEITOSAMENTE”, quando dirigidos a autoridade superior e “ATENCIOSAMENTE”, quando encaminhadas a destinatário de nível hierárquico igual ou inferior.
§2º – o requerimento deverá ser encerrado por uma das seguintes expressões:
a) “Nestes termos, pede deferimento”;
b) “Termos em que pede e aguarda deferimento”;
c) “Aguarda deferimento”;
d) “Espera deferimento”.

SEÇÃO III
Da Padronização

Art. 35 – Nos atos oficiais deve-se observar;
a) uso de espaço simples (espaço um);
b) o texto deverá ser datilografado ou digitado, com letra tamanho 10 ou 12, quando digitado usar tamanho 18 para títulos, tamanho 16 para subtítulos e itálico tamanho 12 para destacar palavras e citações;
c) os artigos serão designados pela forma abreviada Art, seguidos de algarismos arábicos e do símbolo de número ordinal (º) até o de número “9” (Art. 1º, art. 2º, etc.); a partir do número 10 usa-se número cardinal correspondente, seguindo de ponto (art. 10., art. 11. etc.);
d) o texto de um artigo inicia-se sempre por tetra maiúscula e termina por ponto, exceto nos casos em que contiver incisos, quando deverá terminar por dois pontos;
e) os parágrafos serão representados pelo sinal gráfico §;
f) uso da numeração ordinal até o nono parágrafo (§9º) e número cardinal a partir do décimo, seguido de ponto (§10.);
g) parágrafo único de artigo deve ser designado pela expressão “parágrafo único”, seguida de ponto e o texto iniciado com maiúscula;
h) os incisos serão indicados por algarismos romanos seguidos de hífen e o texto será iniciado por letra minúscula; ao final, são pontuados com ponto-e-vírgula; o último se encerra com ponto ; o que tiver desdobramento em alíneas encerra-se por dois pontos;
i) alínea ou a letra será grafada em minúsculo e seguida de parêntese: a) ; b) ; c) , etc.;
j) o desdobramento das alíneas será feito com números cardinais, seguidos de ponto (1.; 2.; etc.); o texto inicia-se por letra minúscula e termina em ponto e vírgula, exceto o último que se encerra por ponto;
k) os decretos deverão ser elaborados nas Secretarias de origem, em quatro vias originais ou equivalentes e encaminhados à Secretaria da Casa Civil;
l) no texto, deverão ser grafados por extenso quaisquer referências a números e percentuais;
m) os valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$ 1.000,00 (um mil reais); se o valor mencionado tiver localização no final de uma linha, o cifrão deverá ser colocado em uma linha e o numeral a seguinte;
n) as datas deverão ser escritas de seguinte forma:
1. dia – será escrito em numeral, sem utilizar o zero a esquerda, e para o primeiro dia do mês usa-se o numeral ordinal: 1º;
2. mês – será escrito por extenso;
3. ano – será escrito em numeral, sem conter ponto entre a casa do milhar e de centena.
Exemplo: 1º de setembro de 1999.
4 de setembro de 1999.
o) o uso de itálico ou negrito deverá ser empregado somente quando houver necessidade de destacar ou sobressaltar alguma palavra, ou em caso de citação;
p) em oficio usa-se a sigla (ES) quando o documento for encaminhado para outro Estado;
q) diagramação para oficio:
1. margem esquerda: dois centímetros e meio ou dez toques da borda esquerda do papel;
2. margem direita: um centímetro e meio ou seis toques da borda direita do papel;
3. tipo e número de expediente: horizontalmente, a cinco centímetros e meio ou seis espaços duplos da borda superior do papel;
4. local e data: horizontalmente, o término da data deve coincidir com a margem direita e verticalmente deve estar a 6,5 cm ou sete espaços duplos (“espaço dois”) da borda superior do papel;
5. vocativo: a dez centímetros ou a dez espaços duplos da borda superior do papel;
6. texto: um centímetro e meio ou três espaços simples do vocativo;
7. fecho: centrralizado a um centímetro ou um espaço duplo do final do texto;
8. identificação do signatário: dois centímetros e meio ou três espaços duplos (espaço dois) do fecho;
9. na abreviação dos meses do ano, deverão constar as três primeiras letras, em minúsculo, seguida de ponto, com exceção para o mês de maio que é escrito sempre por extenso.
Exemplo: jan, fev, maio:
10. quando se referir a um período de 12 meses diferente do ano civil, indica-se o primeiro e a parte variável, separado por barra (/). Exemplo: 1980/1981;
11. quando se numerar os parágrafos, o primeiro e o fecho não são numerados.
r) a data é uma expressão; deve ter ponto final (.).
Exemplo:
1º. de setembro de 1999.
4 de setembro de 1999.
s) as comunicações oficiais devem ter abaixo da assinatura, o nome completo e cargo, datilografados ou digitados, em maiúsculas, facilitando a identificação da origem.
Parágrafo único – Os atos encaminhados para publicação, além das alíneas descritas neste artigo, deverão ser redigidos em formulário próprio do Diário Oficial do Estado (Gabarito).

Art. 36 – Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 37 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 28 de janeiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

ANEXO I AO DECRETO Nº 4.593-N, de 28.01.2000

DA FORMA DE TRATAMENTO			
FORMA	**ABREV.**	**VOCATIVO**	**AUTORIDADE**
Vossa ou Sua Excelência	Não se usa	Excelentíssimo Senhor Presidente	Presidente e Vice-Presidente da República;
Vossa ou Sua Excelência	V. Exa. S. Exa.	Senhor (+ título)	Presidente da Câmara e do Senado Federal; • Presidente do Congresso Nacional; Presidente de Tribunais; Deputados; Senadores; Governadores; Prefeitos; Embaixadores; Ministros; Oficiais Generais Outros ; Secretários e Subsecretários de Estado

DA FORMA DE TRATAMENTO			
FORMA	**ABREV.**	**VOCATIVO**	**AUTORIDADE**
Vossa ou Sua Magnificência	Não se usa	Magnífico Reitor	Reitor de Universidade
Vossa ou Sua Excelência	V.Exa. / S.Ex.a./ MM.	Meretíssimo Juiz	Juiz de Direito, Juízes do Trabalho; Juízes Eleitorais; Juízes Federais; Auditores da Justiça Eleitoral.
Vossa ou Sua Senhoria	V.As. / S. Sa	Senhor (+ o título)	Comerciante; Funcionário de igual categoria de quem escreve; Chefe de Seção; Oficial de patente equivalente ou superior.
Vossa ou sua Santidade	Não se usa	Santíssimo Padre	Papa
Vossa ou Sua Eminência	V.Ema./ S.Exma.	Eminentíssimo	Cardeal
Vossa ou Sua Excelência	V.Exa. / S.Exa.	Excelentíssimo	Bispo e Arcebispo.
Vossa ou Sua Reverendíssima	V.Rerma. / S.Revma.	Reverendo Padre	Sacerdote em geral, Pastor
Vossa ou Sua Majestade	V.M. / S.M.	Majestade	Rei ou Rainha
Vossa ou Sua Majestade Imperial	V.M.I. / S.M.I.	Majestade Imperial	Imperador
Vossa ou Sua Alteza	V.A. / S.A.	Alteza	Príncipe , Princesa; Duque e Arquiduque.

ANEXO II AO DECRETO Nº 4.593-N, de 28.01.2000

MODELOS DE EXPEDIENTE

DECRETO Nº ___, DE ___ DE _____DE ____.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições legais que lhe são conferidas e tendo em vista o que consta do processo nº ___,

DECRETA:

Art. 1º ……..
§1º ……
§2º ……
I – ……
a) ……..
1 ….....

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Art. 3º Revogam-se …. (se houver)

Palácio Anchieta, em Vitória, aos ___ de _____ de 1999; ___ da Independência; ___ da República; e, ___ do Início da Colonização do Solo Espírito Santense.

NOME COMPLETO
Governador do Estado

PORTARIA Nº ___, DE___ DE _____ DE ____.

O SECRETÁRIO DE ESTADO _____, no uso de sua atribuições legais e tendo em vista o que consta no processo nº _____,

RESOLVE:

Art. 1º ……..

I – ……
II – ……..
a) ……
Art. 2º ……
Parágrafo único . ….....
Art. 3º ….....
Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na date de sua publicação.
Art. 5º Revogam-se as disposições ….....

Vitória, ___ de _____ de ____.

NOME COMPLETO
Secretário de Estado_____

ORDEM DE SERVIÇO Nº ___,DE ___DE _____ DE ____

O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO _____, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

_____
_____
_____.

Vitória, ___ de _____ de ____.

NOME COMPLETO
Subsecretário de Estado _____

INSTRUÇÃO DE SERVIÇO Nº _____, DE____DE___DE____

O DIRETOR PRESIDENTE ....., no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

.....

Vitória,.....de.....de.....

NOME COMPLETO

Diretor Presidente

RESOLUÇÃO Nº ____

_____
_____
_____.

O CONSELHO DA _____

RESOLVE:

_____
_____
_____.

Vitória, ___ de _____ de ____.
NOME COMPLETO
Secretário de Estado _____

PRONUNCIAMENTO Nº _____

_____
_____.

O CONSELHO _____
_____.
_____

Vitória, ___ de _____ de ____.

NOME COMPLETO
Secretário de Estado _____

PRONUNCIAMENTO Nº _____

.....

O
CONSELHO.....
.....

.....
.....

Vitória,___de_____de_____

NOME COMPLETO

Autoridades Signatárias

Vitória ES,___de___de___

MENSAGEM Nº ___

Senhor Presidente
_____
_____
_____.
NOME COMPLETO
Governador do Estado

OF./ Nº _____ / sigla do órgão

Vitória,...de.....de.....de

Senhor Prefeito
_____
_____.

Atencionamente,
NOME COMPLETO
CARGO

Excelentíssimo Senhor
FULANO DE TAL
Prefeito Municipal de Vitória

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

FAX/Nº

DESTINATÁRIO	
Nome: Empresa/órgão Endereço	FAX Nº Telefone Cidade/UF
REMETENTE	
Nome Empresa/órgão Endereço	FAX Nº Telefone Cidade/UF
TEXTO	
_____, __/__/__ (assinatura) (data)	Contém _____folhas Página (s) _____
( ) urgente( ) reservado( ) a pedido( ) Com retorno	

CI/Nº ___/sigla do órgão

Ao Sr.....

Assunto:.....

.....
.....

Atenciosamente
(nome e cargo do signatário)

DECRETO Nº 004-R, de 07.02.2000

Institui a Comissão de Controle de Gastos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando o disposto nas cláusulas décima Quinta, décima Sexta e décima sétima do contrato de confissão, assunção e refinanciamento da dívida pública estadual, firmado entre a União e o Estado do Espírito Santo em março de 1998, no âmbito da Lei nº 9.496/1997 e da Resolução do Senado Federal 38/1998, que prevê o cumprimento do Programa de Reestruturação e Ajuste Fiscal do Estado;
Considerando a necessidade de ajustar a realização de despesas ao efetivo ingresso de receitas, com a finalidade de promover o equilíbrio das contas públicas Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituída no âmbito da Administração Pública Estadual, a comissão de controle de Gastos, com a finalidade de promover as ações necessárias para acompanhar avaliar e controlar os gastos nos Órgão do Poder Executivo.

Art. 2º – Consittuem atribuições da Comissão:
I – analisar propostas, recomendações e sugestões relacionadas com a redução de gastos na Administração Pública, submetendo ao Governador do Estado as decisões sobre aspectos que considerar relevantes;
II – requerer, de qualquer órgão público, setor ou servidor público estadual, dados e informações necessários ao desenvolvimento dos trabalhos, notadamente estudos e levantamentos eventualmente já realizados ou projetados com vistas a redução de custos;
III – expedir determinações e/ou orientações aos Órgãos Públicos relativas a medidas a serem adotadas com vistas a redução de despesas;
IV – analisar solicitações para realização de despesas imprescindíveis aos funcionamento dos Órgão do Poder Executivo e as ações prioritárias do Governo.
Parágrafo único – Somente deverão ser encaminhadas à Comissão de Controle de Gastos, as despesas com valores superiores a oito mil Reais.

- *Nova redação dada pelo art 1º do Decreto nº 108-R, de 17.05.2000*

Art. 3º – A Comissão de controle de Gastos será constituída por 04 (quatro) membros, a saber:
I – Secretário de Estado da Fazenda;
II – Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência;
III – Secretário de Estado e Planejamento, e
IV – Secretário de Estado do Governo.

Art. 4º – A Secretaria de Estado da Fazenda exercerá nas funções de Secretaria Executiva da Comissão de Controle de Gastos, competindo-lhe o cumprimento das decisões emanadas da Comissão.

Art. 5º – A Comissão de Controle de Gastos, por sua iniciativa, poderá convidar para participar de reunião, Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos Públicos, com o objetivo de prestar esclarecimentos inerentes a respectiva pasta.

Art. 6º – Fica determinado a todos os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos Públicos, o cumprimento das decisões emanadas pela Comissão do controle de Gastos.

Art. 7º – A comissão de Controle de Gastos poderá autorizar a realização de despesas de que trata o art. 6º de Decreto 4.551-N de 08.12.1999, desde que justificada sua inadiável necessidade.
§1º – A Comissão de Controle de Gastos reunir-se-á uma vez por semana, no Gabinete do Governador, e deliberará com o quorum presente.

- *Acrescentado pelo art. 1º do Decreto nº 108,17.05.2000*

Art. 8º – As ordens bancárias para pagamentos e liberação de recursos realizados pela Secretaria de Estado da Fazenda, através do SIAFEM, somente poderão ser efetuadas após autorização da Comissão de Controle de Gastos.
§1º – A Secretaria de Estado da Fazenda deverá submeter à comissão de controle de Gastos:

I – proposta de programação de desembolso semanal para pagamento; e
II – relação dos compromissos financeiros registrados na SEFA.
§2º – Excetuam-se da autorização prévias da Comissão, os pagamentos sociais, benefícios assistenciais, transferências constitucionais a municípios e ao FUNDEF, e serviço da dívida.

Art. 9º – Revogam-se as disposições em contrário, em especial o Decreto nº 7.604-E, de 20.12.1999.

Palácio Anchieta, em Vitória, 07 de fevereiro de 2000.

DECRETO Nº 006-R, 07.02. 2000

Extingue a participação do Serviço de Transporte Hidroviário de Passageiros na Câmara de Compensação Tarifária

O GOVERNADOR DO ESTADO DO EPIRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta do processo CETURB-GV Nº 0732/1999 de 29.06.1999, e
Considerando o disposto na Emenda Constitucional nº25, de 09.12.1999, que vedou a inclusão ou manutenção de subsídio, de qualquer natureza, para cobrir déficit de outros serviços de transporte coletivo urbano;
Considerando que, antes mesmo desta emenda constitucional estudos técnicos promovidos pela CETURB-GV já haviam detectado a necessidade de desonerar os custos do Serviço Intermunicipal de transporte seus usuários em subsidio ao Transporte Hidroviário;
Considerando que em função de sua configuração operacional atual, o serviço Hidroviário transporta uma demanda, decrescente a cada ano, desde 1986, que hoje representa menos de 0,3% da demanda total transportada pelo TRANSCOL, representando pouco mais de 700 cidadãos atendidos.
Considerando que a operação de Serviço Hidroviário na Baía de Vitória não deve receber subsídios financeiros com recursos públicos ou provenientes das tarifas pagas por usuários do serviço urbano de ônibus, principalmente porque o sistema de transporte público de passageiros coloca à disposição de todos os usuários da Região Metropolitana da Grande Vitória, outros dois serviços: o Serviço Integrado de Ônibus – TRANSCOL, e o serviço seletivo por Microônibus, com custos por passageiros menores que os incorridos pelo Serviço Hidroviário, decreta:

Art.1º – Fica extinta a participação do serviço de transporte Hidroviário de Passageiros na Câmara de Compensação Tarifária, Câmara esta instituída pelo Decreto Estadual nº 2.751-N, de 10.01.1989.

Art. 2º – Fica extinto dos cálculos das tarifas do serviço de transporte coletivo de passageiros por ônibus, sob gerenciamento da CETURB-GV, qualquer percentual a título de provisão ou fundo de qualquer natureza para cobertura complementar ou total de custos do Serviço Hidroviário instituído pelo decreto nº 2.828-N, de 07.11.1989.

Art. 3º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário, em especial o decreto nº 2.898-N, de 07.11. 1989.

Palácio Anchieta, em Vitória, 07 de fevereiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 08.02.2000)

DECRETO Nº 007-R, de 07.02.2000

Determina nova sistemática de segurança interna para o IRS, prorrogação da guarda interna e externa dos estabelecimentos penais

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando que este Governo, através da Secretaria de Estado da Justiça constatou que a Direção e o corpo administrativo do Instituto de Readaptação Social "Professor Jair Etienne Dessaune" – (IRS), mesmo a despeito das dificuldades e eventuais incidentes, vem cumprindo com competência e denodo toda a política penal ditada pela área técnica da Pasta, já tendo restabelecido a ordem e a disciplina interna e reativado várias frentes de trabalho produtivo e ressoacializador;
Considerando que também foi constatado que as unidades prisionais Casa de Detenção da Grande Vitória (CADEV) e Casa de Custódia de Viana (CASCUVI), pelas suas peculiaridades e acentuado grau de dificuldades que apresentam para um perfeito controle da disciplina dos internos e da segurança dos estabelecimentos (instalações físicas) e das pessoas que ali prestam serviço, necessitam de um maior rigor e um mais aperfeiçoado sistema de vigilância com base na melhor qualificação do pessoal militar;
Considerando que tais fatos são fortes indicadores de que a Polícia Militar necessita continuar a sua intervenção nas unidades prisionais (presos provisórios) supra nominados;
Considerando o dever indeclinável que tem o agente político de promover o interesse público, no caso, a preservação da ordem pública, devendo agir com firmeza, no estrito cumpridor do dever legal;
Considerando que o Governo não deve e não vai permitir que, dentro do Estado do Espírito Santo, existam setores refratários ou resistentes ao império da Lei e da ordem e do pleno e eficaz exercício da autoridade pública que lhe cabe preservar e afirmar;
Considerando finalmente que cabe ao Poder Executivo através da SEJUS, a administração dos estabelecimentos penais, dando cumprimento aos termos da legislação no tocante à custódia, movimentação, cumprimento da sentença e execução penal, decreta:

Art. 1º – Cessar as ações do Interventor que atuava em conjunto com o Diretor Geral do Instituto de Readaptação Social "Professor Jair Etienne Dessaune" (IRS), mantendo-se inobstante, as funções atribuídas à Polícia Militar (PMES), de guarda externa, sendo-lhe atribuída a missão de segurança interna de todo o pessoal administrativo que ali presta serviço, nele incluídos os Agentes Penitenciários, garantindo toda a movimentação de Internos, sob autorização e responsabilidade de Direção Geral.
§1º – A Superintendência dos Estabelecimentos Penais (SEPEN) deve providenciar a lotação ideal de Agentes Penitenciários para atender o disposto no *caput*.
§2º – Fica assim prorrogada a responsabilidade de guarda externa e a segurança interna, nos moldes do *caput*, pelo período de 01 (um) ano.
§3º – O ingresso da segurança interna representada pelos agentes da Polícia Militar às áreas internas será feita sempre que requisitado por servidor da administração, à ordem da Direção ou verbalmente pelo próprio Diretor Geral.
§4º – Nos casos de irrupção da ordem ou nas emergências de qualquer natureza, a Polícia Militar, sob a responsabilidade do comando da guarda adotará as medidas urgentes necessárias independentemente de autorização da Direção.

Art. 2º – Fica prorrogado por 01 (um) ano, as responsabilidades e atribuições cometidas à Polícia Militar, no tocante à guarda interna e externa da Casa de Detenção da Grande Vitória (CADEV) e Casa de Custódia de Viana (CASCUVI), assim bem como, todas as atividades relativas à segurança das instalações físicas e áreas adjacentes, nestas incluídas as vias de acesso próximas aos estabelecimentos penais.

Art. 3º – Fica designado como Interventor junto aos estabelecimentos penais situados em Vila Velha, o Comandante da 4ª Cia do 4º Batalhão da Polícia Militar, sem qualquer prejuízo para o exercício de seu cargo efetivo, obedecida a nova sistemática de segurança interna determinada no art. 1º e seus parágrafos, com vistas à consolidação do modelo de ressocialização em curso.

Art. 4º – Fica designado como Interventor junto aos estabelecimentos penais situados em Viana, o Comandante da 1ª Cia do 7º Batalhão da Polícia Militar, sem prejuízo para o exercício de seu cargo efetivo.

Art. 5º – Todos os Policiais Militares empregados nas atividades de guarda interna, externa, segurança do pessoal administrativo e demais ações correlatas para o bom desempenho das determinações contidas neste Decreto, serão considerados em função de natureza policial militar.

Art. 6º – Determinar a imediata substituição dos integrantes das guardas dos estabelecimentos penais mencionados neste Decreto, que deverão obedecer a um rodízio em caráter permanente, a cada período de 06 (seis) meses.
§1º – Sempre que necessário, no interesse do serviço ou da preservação da segurança, poderão ser procedidas substituições independentemente do período mencionado no *caput*, e ainda, por

indicação da SEJUS, com fundamento em motivo resultante de suas apurações.
§2º – No interesse do serviço, a critério do Interventor, poderão ser mantidos Policiais Militares graduados por mais tempo que o especificado no *caput* deste artigo.
§3º – O disposto no *caput* deste artigo e seus parágrafos, passa a ser aplicado a todos os estabelecimentos penais subordinados a Secretaria de Estado da Justiça.

Art. 7º – Dispensar de suas funções, os Interventores do instituto de Readaptação Social "Professor Jair Etienne Dessaune" (IRS) e da Casa de Detenção da Grande Vitória (CADEV).

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, mantidos os demais termos do Decreto nº 4.405-N, de 02.02.1999.

Art. 9º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 07 de fevereiro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 08.02.2000)

DECRETO Nº 021-R, de 10.03.2000

Determina a continuidade da aplicação do entendimento do Supremo Tribunal Federal, transmitido pelo ofício nº 217/1998, ao Governo do Estado do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando de atribuição que lhe confere o art. 91, incisos III e V, da constituição Estadual, e
Considerando que diversas carreiras e cargos devem ser remunerados através da fixação de subsídios;
Considerando que através do ofício nº217/1998, de 02.07.1998, o Exmº Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal comunicou ao Governo do Estado o posisionamento do Excelso Pretório no sentido de que "o Supremo Tribunal Federal não teve por auto-aplicável o preceito consubstanciado no art. 29 das Emenda Constitucional nº 19/1998, por depender de lei formal a fixação do subsídio mensal a ser pago a Ministro desta Suprema Corte", decreta:

Art. 1º – No âmbito da Administração Estadual continuará a ser aplicado o entendimento do Supremo Tribunal Federal, transmitido pelo Ofício nº 217/1998, de 02.07.1998, ao Governo do Estado do Espírito Santo, até a fixação, por lei formal, do subsídio mensal a ser pago ao Ministro da Suprema Corte, nos termos da Constituição Federal vigente, para os fins exclusivos de concessão de 13º salário e pagamento de diárias quando o afastamento ocorrer para fora do Espírito Santo.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 10 de março de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 13.03.2000)

DECRETO Nº 020-R, de 02.03.2000

Atribui funções ao Administrador Geral de Aviação

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – São atribuições do Administrador Geral de Aviação:
I – coordenar, executar e responder por todas as atividades referentes ao emprego operacional das aeronaves do Estado;
II – supervisionar a manutenção dos aparelhos e equipamentos;
III cumprir e fazer cumprir as normas operacionais emanadas pelo Departamento de Aviação civil do Ministério da Defesa;
IV – pilotar aeronaves, especialmente no transporte do Governador do Estado;
V – estabelecer custo/hora para ressarcimento das despesas com utilização de aeronaves a ser reembolsado por entidades públicas que as utilizem a serviço;
VI – exercer as atribuições e responsabilidades fundamentais previstas no art. 43 e alíneas da Lei nº 3.043/1975;
VII – baixar o regulamento da Administração Geral de Aviação.
Parágrafo único – O cargo de administrador Geral de Aviação será exercido privativamente por piloto de aeronave, legalmente habilitado.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 02 de março de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 03.03.2000)

DECRETO Nº 029-R, de 29.03.2000

Transfere para a PRODEST o provimento de serviços de Internet para a Administração Pública do Poder Executivo Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso V, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – A Empresa de Processamento de Dados do Estado do Espírito Santo – PRODEST, será a provedora dos serviços Internet para a Administração Pública do Poder Executivo Estadual.

Art. 2º – Fica transferida para a PRODEST, a administração dos serviços INTERNET via Rede Nacional de Pesquisa (RNP) que atendem ao Poder Executivo Estadual, bem como das respectivas linhas de acesso que ligam o Governo do Estado à RNP, através do ponto de presença localizado em Carapina – Serra – ES.

Art. 3º – A contratação de serviços de informática de qualquer natureza nos órgãos da Administração Direta, Autarquias, Fundações e Empresas Públicas só poderá ser feita após análise técnica e de viabilidade pela PRODEST.
Parágrafo único: Idêntica análise deverá ser feita no caso de aquisição ou locação de equipamentos de processamento de dados, cujo custo exija licitação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário, em especial, os arts. 3º e 5º do Decreto nº 4.289-N, de 15.06.1998.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de março de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 30.03.2000)

DECRETO Nº 030-R, de 29.03.2000

Institui os Projetos de Desenvolvimento e Implantação do "Sistema Eletrônico de Protocolo (SEP)" e do "Sistema Integrado Administração do Patrimônio Estadual"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam instituídos os Projetos de Desenvolvimento e Implantação do "Sistema Eletrônico de Protocolo (SEP) e do Sistema Integrado Administração do Patrimônio Estadual (SIAPE)" no âmbito da Administração Direta e Indireta, Empresas Públicas, Autarquias e Fundações do Poder Executivo, os quais serão gerenciados conforme modelo de gestão constante do anexo único.

Art. 2º – O modelo de gestão compõem de 02 (dois) Comitês para cada sistema: o Comitê Diretivo e o Comitê de Usuários.

Art. 3º – O Comitê Diretivo é composto pelo Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e da Previdência – SEARP e pelo Diretor Presidente da Empresa de Processamentos de Dados do Estado do Espírito Santo – PRODEST.
Parágrafo único: Ao Comitê Diretivo compete:

a) estabelecer estratégicas de ação;
b) promover articulação política;
c) aprovar solução proposta pela gerência dos projetos no tocante a tecnologia e sistema de informação;
d) prover recursos necessários aos projetos;
e) aprovar planos de trabalho (metas e prazos);
f) negociar e assinar contratos.

Art. 4º – O Comitê de Usuários é composto pelos responsáveis da área de patrimônio e almoxarifado no que se refere ao SIAPE e responsáveis pelo setor de protocolo no que se refere ao SEP, indicados pela: Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, Secretaria de Estado da Educação, Secretaria de Estado da Fazenda, Secretaria de Estado da Saúde, Secretaria de Estado da Justiça e Secretaria de Estado da Segurança Pública.
Parágrafo único – Ao Comitê de Usuários compete:
a) participar do processo de busca de solução, avaliando produtos e propondo adaptações necessárias;
b) participar do estabelecimento da estratégica de implantação dos sistemas;
c) participar da elaboração dos planos de trabalho;

Art. 5º – A gerência dos projetos está a cargo da Assessoria de Informática da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e da Diretoria Técnica e Gerência de Sistemas da PRODEST.
§1º – Quando da implantação em Órgãos da Administração Indireta, a gerência dos projetos será acrescida de um representante do órgão em questão.
§2º – Compete a gerência de projetos:
a) propor solução a ser utilizada no tocante à tecnologia e sistema de informação;
b) propor estratégica de implantação do sistema de informação;
c) promover a comercialização da solução a ser adotada;
d) elaborar os planos de trabalho, provendo metas, prazos e recursos necessários (humanos e materiais);
e) acompanhar a execução dos planos de trabalho, observando atendimento à qualidade e prazos estabelecidos e corrigindo desvios, caso existentes;
f) prover de informações relativas ao planejamento e andamento dos projetos o Comitê Diretivo e de Usuários.

Art. 6º – Serão constituídos grupos de trabalho que executarão os planos de trabalho estabelecidos pela Gerência dos Projetos, no tocante ao Sistema Informatizado, à estruturação organizacional, estabelecimento de procedimentos, recuperação de dados, estruturação do ambiente computacional e outros que se fizerem necessários, compondo-se de técnicos de informática, administradores e,
I – responsáveis pelo setor de protocolo, no que se refere ao Sistema Eletrônico de Protocolo;
II – responsáveis pelo setor de patrimônio, no que se refere ao Sistema Integrado Administração do Patrimônio Estadual.

Art. 7º – O Comitê Diretivo, através da Empresa de Processamento de Dados – PRODEST, implementará o "Sistema Integrado Administração do Patrimônio Estadual (SIAPE)", e o "Sistema Eletrônico de Protocolo (SEP)" de acordo com o cronograma elaborado pela gerência dos projetos e Comitê de Usuários e aprovado pelo próprio Comitê Diretivo.

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 29 de março de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 30.03.2000)

DECRETO Nº 035-R, de 31.03.2000

Institui o Grupo de Trabalho para elaborar o Código de Ética e Disciplina dos Militares Estaduais do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica instituído o Grupo de Trabalho para elaborar o Código de Ética e Disciplina dos Militares Estaduais do Espírito Santo, com a seguinte composição:
I – 01 (um) Oficial Superior da Polícia Militar;
II – 01 (um) Oficial Superior do Corpo de Bombeiros;
III – 01 (um) Oficial Intermediário da Polícia Militar;
IV – 01 (um) Oficial Subalterno da Polícia Militar;
V – 01 (um) Oficial Subalterno do Corpo de Bombeiros;
VI – 02 (dois) representantes da Associação dos Subtenentes e Sargentos;
VII – 02 (dois) representantes da Associação de Cabos e Soldados.

Art. 2º – Os Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros deverão designar os Oficiais para compor o Grupo de Trabalho de que trata este Decreto, devendo primeiro solicitar aos Presidentes das Associações de Subtenentes e Sargentos e de Cabos e Soldados para indicarem os respectivos representantes.

Art. 3º – O Coordenador do Grupo de Trabalho instituído por este Decreto será o Oficial Superior da Polícia Militar que for designado, o qual se incumbirá de organizar as atividades do Grupo e será o responsável pelo desenvolvimento e apresentação final do anteprojeto do Código de Ética e Disciplina dos Militares Estaduais.

Art. 4º – As atividades a serem desenvolvidas por este Grupo de Trabalho ficam subordinadas ao Gerente do Subprojeto de Alteração da Legislação, designado através do Decreto Nº 4.558-N, de 10.12.1999, ficando inserido no PRÓ-PAS (Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública) através do Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social", instituído pelo Decreto nº 4.538-N, de 30.11.1999, vinculando-se às mesmas normas aplicadas para o referido Programa.

Art. 5º – O prazo para conclusão do trabalho com a apresentação do anteprojeto do Código de Ética e Disciplina dos Militares Estaduais é de 180 (cento e oitenta) dias, a contar da data de instalação do Grupo de Trabalho.

Art. 6º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de março de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 03.04.2000)

DECRETO Nº 036-R, de 31.03.2000

Denomina PRÓ-PAS – Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública, o programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social"

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Programa "Nova Arquitetura dos Órgãos de Defesa Social" instituído pelo Decreto Nº 4.538-N, de 30.11.1999, passa a ser denominado de PRÓ-PAS – Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública.

Art. 2º – A coordenação geral, a elaboração, o desenvolvimento e controle de todas as fases do PRO-PAS ficará a cargo do Secretário de Estado de Governo.

Art. 3º – A Estrutura Executiva do PRO-PAS fica diretamente subordinada à Secretaria de Estado de Governo, estando esta incumbida das atividades para implementação dos projetos e subprojetos que o integram.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de março de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 03.04.2000)

DECRETO Nº 041-R, de 06.04.2000

Institui o Projeto "Governo da Gente"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Federal, decreta:

Art. 1º – Fica instituído, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Projeto "GOVERNO DA GENTE", tendo por objetivo levar aos cidadãos as ações de Governo no tocante à justiça, cidadania, ação social e atendimento nas áreas de sua competência institucional, além de promover uma ampla articulação com os outros Poderes constituídos, a sociedade civil organizada e a iniciativa privada, visando implementar atividades conjuntas que garantam o bem estar social.

Art. 2º – O Projeto "GOVERNO DA GENTE" será realizado nos municípios do Estado do Espírito Santo, com a participação dos órgãos da administração pública estadual direta e indireta, das Prefeituras Municipais e dos outros Poderes.

Art. 3º – A Coordenação Geral do Projeto caberá à Secretaria de Estado do Governo, competindo-lhe o planejamento e a organização das atividades que serão realizadas.

Art. 4º – As despesas necessárias à implementação do Projeto correrão à conta de dotações orçamentarias próprias dos respectivos órgãos ou entidades participantes.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 06 de abril de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 06.04.2000)

DECRETO Nº 042-R, de 07.04.2000

Determina a não aplicação do disposto nos Decretos nº 4.558-N/1999 de nº 4.543-N/1999 no Subprojeto "Corredores de Segurança Ostensiva"

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Para fins de implementação do Subprojeto "Corredores de Segurança Ostensiva", conforme disposto no Decreto Nº 4.558-N, de 10.12.1999, não se aplica às disposições contidas no art. 2º do Decreto Nº 4.543-N, de 30.11.1999.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 07 de abril de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 07.04.2000)

DECRETO Nº 097-R, de 09.05.2000

Revoga dispositivos do Decreto nº 4.543-N/1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 9, Inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Ficam revogados os incisos I e II, do art. 5º, do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, publicado no Diário Oficial do Estado em 01.12.1999.

Art. 2º – Esta decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos ao dia 08.04.2000.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 09 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 10.05.2000)

DECRETO Nº 107-R, de 17.05.2000

Altera o Decreto 031-R/2000

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O parágrafo único do art. 7º, do Decreto nº 031-R, de 30.03.2000, publicado no Diário Oficial de 31.03.2000, passa a vigorar com a seguinte redação:
"Art. 7º – (...)
Parágrafo único – As solicitações para descontingenciamento orçamentário para cobertura das despesas de capital deverão ser encaminhadas à SEPLAN, e somente serão submetidas à deliberação da Comissão de Controle de Gastos, quando superiores a oito mil reais".

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de maio de 2000.

JOSE IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 18.05.2000)

DECRETO Nº 108-R, de 17.05.2000

Dá nova redação ao Decreto nº 004-R/2000

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O Decreto nº 004-R, de 07.02.2000, publicado no Diário Oficial do Estado em 10.02.2000, passa a vigorar com a seguinte redação:
"(…)
Art. 2º – (…)
I- (…)
II- (…)
III- (…)
IV- (…)
Parágrafo único- Somente deverão ser encaminhadas à Comissão de Controle de Gastos, as despesas com valores superiores a oito mil reais.
(…)
Art. 7º – (…)
§1º – A Comissão de Controle de Gastos, reunir-se-á uma vez por semana, no Gabinete do Governador, e deliberará com o quórum presente".

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua Publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 17 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 18.05.2000)

DECRETO Nº 109-R, de 18.05.2000

Determina a prorrogação da guarda interna na Penitenciária Estadual "Carlos Fernando Monteiro Lindenberg" (PECI), localizada em Cachoeiro de Itapemirim e subordinada à Secretaria de Estado da Justiça, e dá outras providências

O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual,
Considerando que este Governo constatou que este estabelecimento penal ainda necessita da Polícia Militar para auxiliar no completo restabelecimento da ordem e disciplina, preservando a incolumidade dos presos e agentes públicos que ali operam;
Considerando que o crescimento da população carcerária e as tentativas de fuga bem como as fugas, ainda colocam em risco à ordem pública;
Considerando que tais fatos são fortes indicadores de que a Polícia Militar deve continuar a sua intervenção nos Estabelecimentos Penais do Estado, onde já se constatou tal necessidade;
Considerando finalmente que o estabelecimento supra referido estará passando por uma reestruturação física de grandes proporções, decreta:

Art. 1º – Fica prorrogado por mais um ano, a guarda interna e externa pela Polícia Militar, na Penitenciária Estadual "Carlos Fernando Monteiro Lindenberg" (PECI), em caráter especial, obedecidos os demais termos do Decreto nº 4.405-N, de 02.02.1999 e Decreto nº 7.525-E, de 26.10.1999, publicado em 27.10.1999, no Diário Oficial do Estado.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 18 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 19.05.2000)

DECRETO Nº 120-R, de 30.05.2000

Encaminhamento ao Ministério Público das sindicâncias e processos e/ou procedimentos administrativos disciplinares concluídos e julgados

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual; e
Considerando o que dispõe o art. 127 e os incisos I, II, III, VI, VII, VIII, IX do art. 129, todos da Constituição Federal;
Considerando o que dispõe os incisos III, IV letras "a" e "b" do art. 25 e incisos I, letras "a", "b" e "c", III, IV, do art. 26, todos da Lei Complementar Federal nº 8.625, de 12.02.1993;
Considerando o que dispõe os arts. 7º, 9º, 10, 11, 16 e 22 da Lei Federal nº 8.429, de 02.06.1992;
Considerando o que dispõe os incisos IV, V, letras "a" e "b", IX, XV do art. 27, IV do art. 28 e inciso IV do art. 29, todos da Lei Complementar Estadual 95, de 28.01.1997, decreta:

Art. 1º – Fica determinado ao Conselho de Polícia Civil do Estado do Espírito Santo e ao Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo que encaminhe ao Ministério Público do Espírito Santo, para análise, todas as Sindicâncias e processos e/ou procedimentos administrativos disciplinares concluídos e julgados, qualquer que seja a decisão neles proferida, no prazo de 30 (trinta) dias, a partir da data da publicação do presente.

Art. 2º – A determinação do art. 1º tem efeito retroativo ao dia 01.01.2000.

Art. 3º – Ficam excluídos do presente Decreto os procedimentos administrativos de ordem interna tais como férias policiais, escada de serviço, promoção, designação, distribuição de veículos armas e equipamentos, reforma de instalação físicas, dentre outros.

Art. 4º – Os procedimentos objetos deste Decreto que vierem a ser instaurados a partir desta data, deverão ser imediatamente comunicados ao Ministério Público Estadual, para as providências devidas.

Art. 5º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º – Revogam-se as disposições em contrário

Palácio Anchieta, em Vitória, 30 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 31.05.2000)

DECRETO Nº 121-R, de 30.05.2000

Prorroga até 31.12.2000 a suspensão de promoção e progressão funcional de servidor civil da administração direta e autárquica

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual; e, decreta:

Art. 1º – Prorrogar até 31.12.2000, a suspensão da prática de quaisquer atos que importem em promoção e progressão funcional de servidor civil da administração direta e autárquica.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta em Vitória, 30 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 31.05.2000)

DECRETO Nº 127-R, de 31.05.2000

Altera o Decreto nº 4.092-N/1997

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – O modelo do DUA a que se refere o art. 1º do Decreto nº 4.092-N, de 27.02.1997, publicado no Diário Oficial do Estado em 28.02.1997, passa a ser o constante do Anexo I deste Decreto.

- *O Anexo I poderá ser consultado no DOE, 01.06.200*

Art. 2º – O §3º do art. 1º do Decreto nº 4.092-N, de 27.02.1997, publicado no Diário Oficial do Estado em 28.02.1997, passa a vigorar com a seguinte redação:
"§3º – Para efeito do recolhimento do IPVA, Seguro Obrigatório, Taxa de Serviços e Multa de Trânsito, será utilizada, exclusivamente, a versão personalizada "Documento Único de Arrecadação – DUA/DETRAN", a qual conterá campos para informações de interesse do DETRAN/ES, além de gerar dados específicos do DUA."

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor a partir de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de maio de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 01.06.2000)

DECRETO Nº 145-R, de 09.06.2000

Decreta situação de emergência na área de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso XX, da Constituição Estadual e
Considerando a crise nacional na área de Segurança Pública e, em nosso Estado, o caos aqui instalado nos últimos 10 anos, culminando com o crescimento alarmante de 572% no índice de ocorrência do tipo

homicídio na Região Metropolitana da Grande Vitória, no período compreendido entre os anos de 1988/1998, como vem noticiando a mídia local e nacional;
Considerando que o governo do Estado, diante desta realidade, tem adotado medidas para manter a Segurança Pública, como os investimentos que faz no setor, a intervenção no9s presídios e implantação de um amplo programa com a finalidade de restaurar a Paz Social e oferecer tranqüilidade pública;
Considerando a importância da continuidade das medidas que vêm sendo adotadas pelo Governo, objetivando promover o estancamento da escalada da criminalidade, o que passou a partir de 1999, com a redução perceptível nos indicadores respectivos;
Considerando a manifestação expressa do Ministério Público Estadual, através de expediente firmado pelo Excelentíssimo Sr. Procurador Geral da Justiça, no sentido de serem adotadas em caráter de emergência novas medidas de controle de criminalidade;
Considerando a necessidade de serem antecipadas etapas de implantação do Programa de Planejamento de segurança Pública – PRO-PAS, cujos primeiros resultados demonstraram o acerto das medidas adotadas a partir de 1999.
Considerando que, em complementação às medidas já adotadas, o Governo do Estado está fazendo investimento e buscando recursos junto ao Governo Federal para novos investimentos emergenciais na área de Segurança Pública;
Considerando finalmente, estar caracterizada a urgência de atendimento de situação que potencializa o comprometimento da segurança de pessoas e bens, decreta:

Art. 1º – Fica decretada Situação de Emergência na Área de Segurança Pública, do Estado do Espírito Santo.

Art. 2º – O Secretário de Estado de Segurança Pública, o Secretário de Estado da Justiça, o Secretário de Estado de Governo, o Secretário de Estado da Educação, o Diretor Presidente da Empresa de Processamento de Dados do Estado do Espírito Santo e o Diretor Presidente da Empresa de Processamento de dados do Estado do Espírito Santo e o Diretor Presidente do Instituto de Apoio e Pesquisa e ao Desenvolvimento "Jones dos Santos Neves" deverão adotar as medidas necessárias à implementação dos Projetos constantes do Decreto nº4.538-N, de 30-11-1999 e do Sistema de Segurança Escolar – SISE, e demais providências cabíveis e concretas voltadas para a continuidade das medidas de redução da viol6encia e controle da criminalidade.

Art. 3º – Na execução do disposto no presente Decreto, o Secretário de Estado da Segurança Pública, através da Secretaria de Estado de Governo, poderá requisitar pessoal, veículos, equipamentos, móveis, imóveis de órgãos e repartições da Administração Direta e Autárquica, e prover os meios indispensáveis a instalação ou ampliação de serviços necessários às ações de Segurança Pública.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 08 de junho de 2000.

JOSE IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 12.06.2000)

DECRETO LEGISLATIVO Nº 04, de 28.06.2000

Susta os efeitos do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, que veda o pagamento de serviços extras aos policiais militares do quadro da Banda de Música da Polícia Militar e Auxiliares de Saúde do HPM.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, faço saber que a Assembléia Legislativa aprovou e a Mesa promulga o seguinte Decreto Legislativo:

Art. 1º – Ficam sustados os efeitos do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.1999, que veda o pagamento de serviços extras aos Policiais Militares do quadro da Banda de Música da Polícia Militar e auxiliares de Saúde do Hospital da Polícia Militar – HPM.

Art. 2º – Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Domingos Martins, em Vitória, 28 de junho de 2000.

JOSE CARLOS GRATZ

Presidente da Assembléia Legislativa

(D.O.E. 03.07.2000)

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO

CONSULTA em Relação ao Decreto Legislativo nº 04/00

Através do Ofício nº 321 – Ajudância Geral, de 27.07.2000, este Comando formulou consulta à Procuradoria Geral do Estado, sobre o procedimento a ser adotado com relação ao Decreto Legislativo nº 04/00, de 28.06.2000, que determina a sustação dos efeitos do Decreto nº 4.543-N, de 30.11.99, referente ao pagamento de escala extra para as Praças Auxiliares de Saúde e da Banda de Música.

Após análise, foi emitido o Parecer que segue transcrito:

"Proc. 18515274/2000.

Interessado: Polícia Militar do Espírito Santo – PMES.

Assunto: Consulta a respeito da aplicabilidade do Decreto Legislativo nº 004, de 28 de junho de 2000.

Parecer nº 1.165/2000.

Sr. Procurador Chefe:

No presente, o Comandante Geral da PMES consulta esta Procuradoria a respeito da aplicabilidade do Decreto Legislativo nº 004, de 28 de junho de 2000, que sustou os efeitos do Decreto nº 4.543-N, editado pelo Chefe do Poder Executivo.

O ato sustado cuidou, em seu artigo 5º, de vedar o pagamento da gratificação de serviço extra, dentre outros, aos integrantes dos quadros de oficiais e qualificações de praças não combatentes, tanto da Polícia Militar quanto do Corpo de Bombeiros Militar.

A gratificação de Serviço Extra é regulada pela Lei Complementar nº 112, de 12 de janeiro de 1998, e pressupõe a atuação temporária do servidor militar em eventos que exijam reforço às escalas ordinárias de serviços operacionais, sendo tal procedimento adotado segundo conveniência da administração, como se deflui do § 3º de seu art. 4º. abaixo transcrito:

"Art.4º -
.....

§ 3º - Compete ao Comandante Geral da respectiva Corporação a suspensão temporária das escalas de serviço extra, como também a diminuição das escalas a serem cumpridas, desde que a situação assim o exigir".

A norma legal concessiva deixou, assim, no âmbito da decisão do administrador a adoção das medidas por ela determinadas, posto que a necessidade de reforço das escalas ordinárias, quando necessário ao regular funcionamento dos serviços públicos, encontra-se, à toda evidência, sujeito à análise de conveniência.

É de responsabilidade do administrador, portanto, o juízo de conveniência no que respeita à adoção de qualquer procedimento ou à prática de qualquer ato que importe em organização dos serviços operacionais da Polícia Militar, posto que a ele exclusivamente cabe determinar se é necessário o reforço, onde tal reforço é exigido e quem deve nele atuar.

Desta forma, mais não fez o Decreto Governamental senão exteriorizar a competência do Chefe do poder Executivo na administração e organização dos serviços, prevista em diversos incisos que integram o Art. 91 da Carta Constitucional Estadual.

Ao Chefe do poder Executivo compete exercer a direção superior da administração estadual, com auxílio dos Secretários de Estado, razão pela qual a competência deferida a qualquer dos auxiliares da administração, como no caso das decisões relativas `a atribuição dos serviços extras que se estuda nestes autos, de responsabilidade do Comando Geral da Corporação, pode também ser exercida, como o foi, pelo Governador do Estado.

Por outro lado, a competência conferida à Assembléia Legislativa pelo inciso IX do art. 56 da Constituição Estadual, para sustação de atos do Poder Executivo, dirige-se apenas

aos que exorbitem o poder regulamentar, e desta forma, restringe-se aos atos praticados pelo Chefe do Executivo que se dissociem das atribuições estabelecidas pela norma constitucional.

O ato normativo que se pretendeu sustar em nada extrapola o poder regulamentar, vez que seus dispositivos contém normas de organização e funcionamento de órgãos do Poder Executivo, adstritos, portanto, à esfera de competência reservada ao Governador do Estado pela Carta Constitucional Estadual.

O princípio de independência e harmonia entre os Poderes Constituídos, previsto no Art. 2º da Constituição Federal, não permite a interferência do Poder Legislativo em questões sujeitas à competência exclusiva do Poder Executivo, qual seja a de dispor sobre a organização e o funcionamento da administração estadual, onde certamente encontra-se inserida a autorização para inclusão de servidores em escala especial, na forma definida na legislação vigente.

A pretensa sustação do ato governamental, que se pretendeu efetivar através do Decreto Legislativo é **manifestamente inconstitucional**, razão pela qual, facultado ao Chefe do Poder Executivo negar-se a dar cumprimento ao que nele se estabelece.

Estas as considerações que julgamos pertinentes, e que submetemos à apreciação de V.Sª.

Vitória (ES), 11 de agosto de 2000

ANA MARIA CARVALHO LAUFF
Procuradora do Estado

- Aprovado pelo Exmº Procurador Geral do Estado, DR. Antonio Carlos Pimentel Mello, e remetido a este Comando, o presente Parecer será a base para as decisões a respeito.

(BCG nº 034, de 24.08.2000.)

DECRETO Nº 229-R, de 24.07.2000

Regulamenta a Lei nº 5.794/1998 que trata da venda de uniformes

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto no art. 6º da Lei nº 5.794, de 22.12.1998 e ainda o que consta no processo nº 16.789.660, decreta:

Art. 1º – As lojas de confecções e estabelecimentos congêneres, para comercializarem uniformes utilizados pela Polícia Militar e pelo Corpo de Bombeiros Militar, deverão se cadastrar junto a estas Corporações.

§1º – O cadastro será controlado na Polícia Militar pela Diretoria de Apoio Logístico – DAL e no Corpo de Bombeiros Militar pela 4ª Seção – BM/4.

§2º – Para a realização do cadastro a que se refere este artigo, a empresa deverá apresentar distintamente às Corporações, cópia autenticada de documentos que comprovem a sua regularidade fiscal perante as Fazendas Públicas Federal, Estadual e Municipal.

§3º – As empresas cadastradas se comprometerão a comercializar uniformes de acordo com as especificações e padrões estabelecidos nos Regulamentos de Uniformes e Insígnias da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, e para tal será expedido um certificado, credenciando-as, a comercializar uniformes com exclusividade para os integrantes daquelas organizações militares, após devidamente identificado o comprador.

§4º – As empresas deverão manter para cada Corporação, sistema de registro dos uniformes vendidos, onde constarão, obrigatoriamente, os seguintes dados:

I – nome completo, registro geral e Corporação a que pertence;

II – data da venda; e

III – tipo e quantidade de peças vendidas.

§5º – O sistema de registro a que se refere o parágrafo anterior se constituirá de:

I – bloco ou similar em duas vias, contendo os dados do §4º desde artigo, bem como a assinatura do comprador, sendo a primeira via remetida à Diretoria de Apoio Logístico da PMES ou à 4ª Seção – BM/4 do CBMES, conforme se tratar de policial militar ou bombeiro militar;

II – livros de registros ou sistema informatizado, cujos dados sejam mantidos permanentemente atualizados e à disposição das fiscalização.

§6º – Para os efeitos deste Decreto consideram-se uniformes, além da indumentária própria, as peças complementares destes, tais como: quepes, gorros, emblemas, distintivos, insígnias, braçais e outras.

§7º – A fiscalização das empresas será feita em conjunto pela Polícia Militar através da Diretoria de Apoio Logístico e pelo Corpo de Bombeiros Militar através da 4ª Seção – BM/4, respeitando-se a respectiva área de competência.

Art. 2º – A multa prevista no art. 5º da Lei nº 5.794, de 22.12.1998, no valor de 30 (trinta) Unidades de Padrão Fiscal do Estado do Espírito Santo – UPFES, será aplicada pelo Diretor de Apoio Logístico da PMES ou pelo Chefe da 4ª Seção – BM/4 do CBMES, conforme a peculiaridade da infração, aos estabelecimentos comerciais que não atenderem ou infringirem as normas contidas neste Decreto.

§1º – Além da aplicação da multa deste artigo, no caso de reincidência poderá ser suspenso o credenciamento da empresa para a comercialização de uniformes militares.

§2º – Da multa e da suspensão de credenciamento caberá recurso em instância única ao Comandante Geral da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar, conforme o caso, no prazo máximo de 15 (quinze) dias contados da notificação, devendo a autoridade decidir em até 08 (oito) dias úteis.

§3º – Os valores das multas previstas neste artigo serão recolhidos à conta do fundo de Reequipamento da Polícia Militar – FUNREPOM ou à conta do Fundo Especial de Reequipamento do Corpo de Bombeiros Militar – FUNREBOM, conforme a tipicidade da infração.

Art. 3º – A Diretoria de Apoio Logístico e a 4ª Seção – BM/4, deverão velar para que:

I – todo o uniforme adquirido pela Corporação, bem como aquele comercializado nas lojas e estabelecimentos congêneres credenciados, obedeça rigorosamente às especificações e padrões estabelecidos no Regulamento de Uniformes e Insígnias da Polícia Militar – RUIPM e do Corpo de Bombeiros Militar – RUICBMES;

II – os integrantes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar só adquiram uniformes em empresas credenciadas;

III – os policiais militares e bombeiros militares só usem uniformes dentro dos padrões especificados em seus Regulamentos;

IV – os uniformes sejam objeto de fiscalização por ocasião das supervisões bem como das visitas e inspeções de todos os comandos nos diversos níveis hierárquicos.

Art. 4º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 24 de julho de 2000.

JOSE IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(D.O.E. 25.07.2000)

DECRETO Nº 254-R, DE 11.08.2000

Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o art. 91, incisos III e V, da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º – Fica aprovado o Regulamento Disciplinar dos Militares Estaduais do Estado do Espírito Santo (RDME) que com este baixa.

Art. 2º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 1.315-N, de 11.06.1979.

Palácio Anchieta, em Vitória, 11 de agosto de 2000.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(D.O.E. 14.08.2000)

REGULAMENTO DISCIPLINAR DOS MILITARES ESTADUAIS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

PARTE GERAL

TÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS
CAPÍTULO I
Generalidades

Previsão Estatutária

Art. 1º – O presente Regulamento é baixado em obediência ao estabelecido em norma estatutária, para regular os assuntos relacionados à disciplina nas instituições militares estaduais.

Finalidade

Art. 2º – O Regulamento Disciplinar dos Militares Estaduais do Estado do Espírito Santo (RDME) tem por finalidade instituir o regime disciplinar, tipificar, classificar e mensurar as transgressões disciplinares, estabelecer normas relativas à amplitude e à aplicação das sanções disciplinares, à classificação do comportamento do militar estadual, à interposição de recursos contra a aplicação das sanções e à concessão de recompensas.

Camaradagem e companheirismo

Art. 3º – A camaradagem e o companheirismo tornam-se indispensáveis à formação e ao convívio da família militar estadual, cumprindo existir as melhores relações sociais entre os militares.

Harmonia
Parágrafo único – Incumbe aos superiores incentivar e manter a harmonia, a solidariedade e a amizade entre seus subordinados.

Civilidade e respeito mútuo

Art. 4º – A civilidade é parte da educação militar e, como tal, de interesse vital para a disciplina consciente, e por isso é necessário que o militar estadual demonstre consideração e respeito para com seus superiores, iguais ou subordinados, em conformidade com as normas legais e regulamentares, devendo o superior hierárquico tratar os subordinados com educação e justiça, interessando-se pelos seus problemas, encaminhando-os a quem de direito de acordo com cada área específica.

Respeito a outros militares e civis
Parágrafo único – As demonstrações de camaradagem, cortesia e consideração, existentes entre os militares estaduais, devem ser dispensadas aos militares das Forças Armadas, aos policiais de outras instituições e aos cidadãos em geral.

Organização Militar Estadual – OME

Art. 5º – Para efeito deste Regulamento, "Organização Militar Estadual" (OME) é a denominação genérica dada a corpo de tropa, repartição, estabelecimento ou a qualquer outra unidade administrativa ou operacional da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) e do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo (CBMES).

Comandante
§1º – Para efeito deste Regulamento, o termo "Comandante" é a denominação genérica dada ao militar estadual investido de cargo de comando, direção ou chefia de OME.

Militar Estadual
§2º – Para efeito deste Regulamento, a denominação "militar estadual" é equiparada a policial militar e a bombeiro militar.

CAPÍTULO II
Princípios Gerais da Hierarquia e da Disciplina

Hierarquia

Art. 6º – A hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura da PMES e do CBMES, por postos e graduações.

Previsão legal da hierarquia
§1º – A ordenação dos postos e graduações é a definida estatutariamente.

Respeito à Hierarquia
§2º– O respeito à hierarquia é consubstanciado no espírito de acatamento à seqüência de autoridade.

Disciplina
Art. 7º – A disciplina militar estadual é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes da PMES e do CBMES.

Manifestações de Disciplina
§1º –São manifestações essenciais de disciplina:
I – a correção de atitudes;
II – a rigorosa observância das prescrições legais e regulamentares.
III – a obediência pronta às ordens legais;
IV – a dedicação integral ao serviço;
V – a colaboração espontânea à disciplina coletiva e à eficiência da instituição;
VI – a consciência das responsabilidades;
VII – o zelo para a preservação dos padrões de qualidade profissional, objetivando a melhoria e a credibilidade perante a opinião pública;
VIII – as manifestações espontâneas de acatamento dos valores e deveres morais e éticos.

Abrangência interpessoal dos institutos
§2º – A disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos, permanentemente, pelos militares estaduais da ativa e da inatividade.

Vedação de divulgação de assuntos
§3º– É vedado ao militar estadual, na ativa ou na inatividade, tratar, no meio civil, pela imprensa ou por outro meio de divulgação, de assuntos de natureza militar, de caráter sigiloso ou funcional, ou que atente contra os princípios da hierarquia, da disciplina, do respeito e do decoro militar, ou ainda, qualquer outro que atinja negativamente o conceito ou a base institucional das Organizações Militares.

Responsabilidade pelas ordens e atos

Art. 8º – Cabe ao militar estadual a inteira responsabilidade pelo cumprimento das ordens que der, pelos atos que praticar e pelas conseqüências que deles advierem.

Esclarecimento de Ordens
§1º – Cabe ao subordinado, ao receber uma ordem, solicitar os esclarecimentos necessários ao seu total entendimento e compreensão, podendo, em casos de maior complexidade, solicitar que a ordem seja escrita.

Excesso no cumprimento de ordem
§2º – Cabe ao executante que exorbitar no cumprimento de ordem recebida a responsabilidade pelos excessos e abusos que cometer.

CAPÍTULO III
Esfera de Ação do Regulamento Disciplinar e Competência para sua Aplicação

Sujeição ao Regulamento Disciplinar

Art. 9º – Estão sujeitos a este Regulamento os militares estaduais da ativa e da inatividade.

Sujeição
§1º – O militar estadual passa a estar sujeito ao regime disciplinar deste Regulamento a partir da data em que, oficialmente, se der a sua admissão na PMES ou no CBMES, assim permanecendo independentemente de estar afastado da atividade, agregado ou não.

Alunos
§2º – Os alunos militares estaduais em atividade pedagógica de formação, adaptação, aperfeiçoamento e especialização, além de ficarem sujeitos às normas específicas das Organizações Militares de Ensino onde estejam matriculados, ficam sujeitos também a este Regulamento.

Autoridades competentes

Art. 10 – A competência para aplicar as prescrições contidas neste Regulamento é conferida ao cargo e não ao grau hierárquico, sendo competentes para aplicá-las:
I – o Governador do Estado, o Secretário de Estado da Segurança Pública e o Comandante Geral, a todos que estiverem sujeitos a este Regulamento;
II – o Subcomandante Geral, a todos os militares estaduais que estiverem sob sua subordinação funcional e aos inativos;
III – o Secretário ou Chefe de Casa ou Gabinete Militar, aos que servirem sob a sua chefia;
IV – o Corregedor, a todos os militares estaduais da ativa, exceto aos ocupantes dos cargos dos incisos anteriores e oficiais do posto de Coronel;
V – os Comandantes Intermediários, os Diretores, e demais ocupantes de função privativa do cargo de Coronel, aos que servirem sob suas ordens;

VI – os demais oficiais ocupantes de cargos militares, aos que estiverem sob sua subordinação funcional.

Sanção aos inativos
§1º – Aos militares estaduais da inatividade da PMES e do CBMES, a aplicação da sanção disciplinar cabe, exclusivamente, às autoridades especificadas nos incisos I e II, deste artigo.

Garantia de instância administrativa
§2° – Será assegurada a competência da autoridade de menor nível hierárquico que tiver ascendência sobre o(s) envolvido(s) para a apuração de infração disciplinar, a fim de evitar a supressão de instância administrativa, ressalvada a hipótese da unidade processual (art. 12, §1º) e nos casos abaixo, por avocação da Corregedoria/PMES ou órgão equivalente do CBMES:

- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

I – Quando houver solicitação da autoridade com ascendência funcional sobre o (s) envolvido (s);
II – Por determinação do Comandante Geral da respectiva Corporação.

Dever de comunicação de ato contra a disciplina

Art. 11 – Todo militar estadual que presenciar ou tiver conhecimento de um fato que, em tese, seja contrário à disciplina, praticado por subordinado, deverá, desde que não seja autoridade competente para tomar as providências imediatas, participá-lo ao seu Comandante imediato, por escrito, no prazo máximo de cinco (05) dias úteis.

Formalização da comunicação
§1º – A comunicação da infração disciplinar deverá ser clara, concisa e precisa, devendo conter os dados capazes de identificar as pessoas ou coisas envolvidas, bem como as testemunhas, o local, a data e a hora da ocorrência e caracterizar as circunstâncias que a envolverem, sem tecer comentários ou opiniões pessoais.

Providência imediata em caso de flagrante disciplinar: pronta intervenção
§2º – Quando, para preservação da disciplina e do decoro institucional e da ordem pública, a ocorrência exigir uma pronta intervenção, mesmo sem possuir ascendência funcional sobre o transgressor, a autoridade militar de maior antigüidade, que presenciar ou tiver conhecimento do fato, deverá tomar imediatas e enérgicas providências, podendo recolher provisoriamente o infrator à OME mais próxima, comunicando, de imediato, o fato ao Comandante daquela OME ou ao seu preposto, que tomará as providências junto ao comandante do transgressor.

Garantias
§3º – Ao militar estadual recolhido nas circunstâncias do parágrafo anterior, são garantidos os seguintes direitos:
I – a identificação do(s) responsável(eis) pelo seu recolhimento provisório;
II – a comunicação imediata do local onde se encontre, à sua família ou à pessoa por ele indicada, podendo ser feita pelo próprio militar;
III – o recolhimento em instalação adequada.

Apuração de comunicação disciplinar
§4º – A autoridade, a quem a comunicação disciplinar é dirigida, deve de imediato instaurar ou determinar a instauração do competente processo administrativo disciplinar.

Autoridade incompetente
§5º – No caso do parágrafo anterior, se a autoridade não tiver competência para instaurar o processo, deve encaminhar a comunicação disciplinar ao seu superior imediato, ou àquela que seja competente.

Militares de OME distintas

Art. 12 – No caso de ocorrência disciplinar, envolvendo militares de mais de uma OME caberá ao comandante imediatamente superior, da linha de comando, ou à Corregedoria por avocação, apurar os fatos, procedendo a seguir de conformidade com o art. 11 e seus parágrafos.

Unidade de processo
§1º – Todos os militares estaduais envolvidos na transgressão disciplinar deverão ter seu (s) processo (s) solucionado (s) por uma só autoridade que tenha ascendência funcional sobre todos.

Militares Estaduais de outras Corporações
§2º – Nos casos de ocorrência disciplinar envolvendo militares estaduais de outras Corporações, o fato será comunicado aos respectivos Comandantes Gerais.

Envolvimento com militares das Forças Armadas
§3º – Nos casos de ocorrência disciplinar envolvendo militares das Forças Armadas e militares estaduais, a autoridade militar competente deverá tomar as medidas disciplinares referentes aos seus subordinados, informando ao escalão superior sobre a ocorrência, das medidas tomadas e o que foi por ela apurado, dando ciência do fato, também ao Comandante Militar interessado.

TÍTULO II
TRANSGRESSÕES E SANÇÕES DISCIPLINARES

CAPÍTULO I
Conceituação e Classificação das Transgressões Disciplinares

Conceito de transgressão disciplinar

Art. 13 – Transgressão disciplinar é toda ação ou omissão, praticada por militar estadual, que viole os preceitos da ética e os valores militares ou que contrarie os deveres e obrigações a que está submetido, ou ação contrária aos preceitos estatuídos em leis, regulamentos ou normas internas da PMES e do CBMES.

Classificação das transgressões

Art. 14 – A transgressão disciplinar será classificada, desde que não haja causa de justificação, em:
I – Leve (L);
II – Média (M);
III – Grave (G);
IV – Gravíssima (GG).

CAPÍTULO II
Sanções Disciplinares

Espécies de sanção disciplinar

Art. 15 – As sanções disciplinares a que estão sujeitos os militares estaduais da PMES e do CBMES, são as seguintes:
I – advertência;
II – repreensão;
III – detenção;
IV – reforma disciplinar;
V – licenciamento a bem da disciplina;
VI – exclusão a bem da disciplina;
VII – demissão.

Sanções acessórias
Parágrafo único – Poderão ser aplicadas cumulativamente com as sanções disciplinares deste artigo, as seguintes medidas administrativas acessórias:

- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

I – multa;
II – cancelamento de matrícula em curso ou estágio;
III – afastamento do cargo, função, encargo ou comissão;
IV – movimentação da OME;
V – suspensão da folga, para prestação compulsória de serviço administrativo ou operacional à OME.

Advertência

Art. 16 – Advertência é a forma mais branda de punir, consistindo numa admoestação verbal feita ao transgressor, como forma de incentivo à não reiteração da prática de transgressão disciplinar.

Registro
Parágrafo único – A advertência deverá ser registrada pelo prazo de dois anos, não sendo avaliada para fins de classificação do comportamento, mas apenas como referência para aplicação de sanções posteriores, inclusive como circunstância agravante.

Repreensão

Art. 17 – Repreensão é uma censura enérgica ao transgressor, publicada em Boletim Interno e devidamente registrada, influenciando diretamente no comportamento do militar estadual.

Detenção

Art. 18 – A detenção consiste no cerceamento da liberdade do transgressor, o qual deve permanecer no local que lhe for determinado, normalmente o quartel, sem que fique, no entanto, isolado e circunscrito a determinado compartimento.

Comparecimento ao serviço
§1º – O transgressor punido com detenção, comparece, obrigatoriamente, a todos os atos de instrução e serviço, objetivando sua reeducação e recuperação.

Compartimento específico
§2º – Em casos excepcionais e devidamente motivados, a detenção poderá ser cumprida em compartimento específico, com ou sem sentinela, quando a liberdade do punido puder causar dano à ordem e/ou à disciplina, bem como oferecer perigo à integridade física própria ou de outrem.

Comunicação de recolhimento
§3º – No caso do parágrafo anterior, se o militar que determinou ou recolheu o transgressor, não tiver competência funcional para puni-lo, deverá comunicar o ocorrido, em vinte e quatro horas, à autoridade competente, para que mantenha ou relaxe a medida.

Militares de círculos diferentes
§4º – Os militares estaduais dos diferentes círculos de oficiais e praças não poderão ficar recolhidos no mesmo compartimento.

Falta de instalações
§5º – Na hipótese do §2º, quando não for possível o recolhimento do transgressor na OME a que pertencer, a autoridade responsável pela aplicação da sanção deverá solicitar a outra OME, a cessão de instalação apropriada para o cumprimento da punição.

Local das refeições
§6º – O punido com pena de detenção fará suas refeições na OME, exceto quando determinado em contrário pela autoridade detentora do poder disciplinar.

Reforma disciplinar

Art. 19 – A reforma disciplinar poderá ser aplicada ao oficial submetido a Conselho de Justificação e à praça submetida a Conselho de Disciplina, conforme disposto na legislação que rege aqueles Conselhos.

Licenciamento a bem da disciplina

Art. 20 – O Licenciamento a bem da disciplina, consiste no afastamento *ex-officio,* por ordem das autoridades elencadas no inciso I do art. 10, deste Regulamento, do militar estadual sem estabilidade assegurada, após concluído processo administrativo disciplinar, assegurando-se ao acusado o direito ao contraditório e à ampla defesa.

Exclusão a bem da disciplina

Art. 21 – A exclusão a bem da disciplina consiste no afastamento, *ex-officio,* do Aspirante a Oficial e da praça com estabilidade assegurada, por meio de processo administrativo disciplinar, mediante apuração feita por Conselho de Disciplina, conforme a legislação vigente.

Demissão

Art. 22 – A demissão consiste no afastamento, *ex-offício*, do oficial, por meio de processo administrativo disciplinar, mediante apuração feita por Conselho de Justificação, conforme a legislação vigente.

Multa

Art. 23 – A título de multa o militar estadual perderá a remuneração do(s) dia(s) em que faltar ao serviço sem motivo justificado, e da folga subseqüente, sem prejuízo de outras sanções disciplinares a que se sujeite.

Falta justificada

§ 1º - Será considerada prática de transgressão disciplinar (Art. 135 – II – " a") quando o militar estadual faltar justificadamente ao serviço, e gozar a folga a que tem direito se tivesse trabalhado, sem estar para isso devidamente dispensado.

- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

Apresentação obrigatória

§ 2º - No caso do parágrafo anterior, a apresentação do militar estadual dar-se-á obrigatoriamente no dia seguinte, no mesmo local e horário estabelecidos para o início do serviço para o qual faltou, podendo ser empregado a critério da OME a que pertencer.

- *Nova redação dada pelo art. 1º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

Parágrafo único – Sendo a falta ao serviço justificada, se o militar estadual gozar a folga a que teria direito se tivesse trabalhado, perderá a remuneração referente a esse período.

CAPÍTULO III
Aplicação e Cumprimento das Sanções Disciplinares

Objetivo

Art. 24 – A sanção disciplinar objetiva assegurar a regularidade e o aperfeiçoamento do serviço realizado pela PMES e CBMES, bem como a reeducação do infrator, servindo como meio de prevenção geral, buscando o fortalecimento da disciplina.

Exclusão de transgressão disciplinar

Art. 25 – Não há transgressão disciplinar quando o militar estadual praticar o ato e for reconhecida qualquer uma das seguintes causas de justificação:
I – ter sido cometida a transgressão na prática de ação meritória, no interesse do serviço ou da ordem pública;
II – ter sido cometida a transgressão em legítima defesa, própria ou de outrem, ou no exercício regular de direito;
III – ter sido cometida a transgressão sob coação irresistível ou em estrita obediência a ordem legal de superior hierárquico;
IV – ter sido cometida a transgressão pelo uso imperativo da força a fim de compelir o subordinado a cumprir rigorosamente o seu dever, no caso de perigo, necessidade urgente, calamidade pública, manutenção da ordem ou da disciplina;
V – ter sido cometida a transgressão em decorrência de caso fortuito ou motivo de força maior, plenamente comprovado e justificado.

Publicidade da causa de justificação
Parágrafo único – Quando ocorrer causa de justificação, em relação às transgressões graves ou gravíssimas, esta circunstância poderá ser publicada em substituição à sanção que deveria ser aplicada.

Circunstâncias agravantes

Art. 26 – São circunstâncias agravantes:
I – a existência de registro de sanção disciplinar nos assentamentos do transgressor;
II – a reincidência específica da transgressão;
III – mau ou insuficiente comportamento;
IV – a prática simultânea ou conexão de duas ou mais transgressões;
V – o conluio de duas ou mais pessoas;
VI – ser praticada a transgressão durante a execução do serviço ou em razão dele;
VII – ser cometida a transgressão na presença de subordinado;
VIII – ter abusado o transgressor de sua autoridade hierárquica e/ou funcional;
IX – ser praticada a transgressão com premeditação;
X – ter sido praticada a transgressão em presença de tropa e/ou público;
XI – ter sido cometida a transgressão, estando o militar fardado e de folga.

Prática simultânea ou conexão
Parágrafo único – No caso previsto no inciso IV, na aplicação da sanção será considerada a transgressão de maior gravidade, ficando as demais como agravantes.

Circunstâncias atenuantes

Art. 27 – São circunstâncias atenuantes:
I – a existência de registro de recompensa nos assentamentos do transgressor;
II – ótimo ou excepcional comportamento;
III – relevância de serviços prestados;
IV – ter sido cometida a transgressão para evitar mal maior;
V – nunca ter sofrido sanção disciplinar;
VI – ter o transgressor confessado espontaneamente a transgressão;
VII – a falta de prática do serviço;
VIII – ter se reabilitado de sanção(ões) anterior(es);
IX – nunca ter sofrido sanção pela prática de transgressão disciplinar classificada como gravíssima.

Falta de prática do serviço
Parágrafo único – Caracteriza falta de prática do serviço:
I – estar o militar estadual há menos de um ano nas fileiras da PMES ou do CBMES;
II – estar freqüentando curso de formação em qualquer nível;
III – estar o militar estadual há menos de seis meses na atividade funcional específica, quando do cometimento da infração disciplinar referente ao serviço.

Fixação da sanção disciplinar

Art. 28 – Para fixação das sanções disciplinares de advertência, repreensão e detenção, serão observadas as seguintes regras:
I – Para a transgressão disciplinar Leve:
a) havendo equilíbrio ou prevalência de circunstâncias atenuantes, aplicar-se-á a sanção de ADVERTÊNCIA;
b) havendo prevalência de circunstâncias agravantes, aplicar-se-á a sanção de REPREENSÃO;
II – Para a transgressão disciplinar Média, a sanção base será de 04 (quatro) dias de DETENÇÃO, sendo a sanção mínima de 01 (um) dia e a máxima de 06 (seis) dias;
III – Para a transgressão disciplinar Grave, a sanção base será de 10 (dez) dias de DETENÇÃO, sendo a sanção mínima de 07 (sete) dias e a máxima de 13 (treze) dias;
IV – Para a transgressão disciplinar Gravíssima, a sanção base será de 17 (dezessete) dias de DETENÇÃO, sendo a sanção mínima de 14 (quatorze) dias e a máxima de 20 (vinte) dias;

Cálculo da Sanção
§1º – A fixação das sanções previstas nos incisos II a IV deste artigo será feita, adicionando-se ou subtraindo-se da sanção base a diferença resultante entre o número de circunstâncias atenuantes e agravantes, respeitados os limites mínimos e máximos previstos;

Eqüivalência
§2º – Para efeito da fixação da sanção a que se refere o parágrafo anterior, cada circunstância atenuante ou agravante eqüivalerá a 01 (um) dia.

Sanção mínima
§3º – Quando se tratar de transgressor que nunca tenha sofrido sanção disciplinar, poderá ser aplicada a sanção mínima prevista, independente do número de circunstâncias agravantes e atenuantes, ou até mesmo ser a transgressão desclassificada para a imediatamente anterior.

Desclassificação
§4º – Havendo a desclassificação prevista no parágrafo anterior, será aplicada a sanção estabelecida para a nova classificação de acordo com o previsto no §1º.

Conversão em prestação de serviço extraordinário

Art. 29 – No caso da transgressão disciplinar classificada como leve ou média, a pedido do transgressor que esteja no comportamento militar excepcional, a autoridade poderá converter a sanção disciplinar em prestação de até três (03) escalas de serviço extraordinário, não remuneradas como serviço extra.

Registro
Parágrafo único – O registro da conversão prevista no parágrafo anterior obedecerá aos critérios previstos no parágrafo único do art. 16.

Aplicação do licenciamento a bem da disciplina

Art. 30 – O licenciamento a bem da disciplina poderá ser aplicado, quando:
I – a transgressão afetar o sentimento do dever, a honra pessoal, o pundonor militar ou o decoro, considerando-se:
a) sentimento do dever, o envolvimento em uma tomada de consciência perante o caso concreto e a realidade, implicando no reconhecimento da obrigatoriedade de um comportamento coerente, justo e equânime;
b) honra pessoal, a qualidade íntima do militar estadual que se conduz com integridade, honestidade, honradez e justiça, observando com rigor os deveres morais que deve ter consigo e com seus semelhantes;
c) pundonor militar, o sentimento de dignidade própria com que ilustra e dignifica a Corporação, conduzindo-se com honestidade, decência e retidão moral;
d) decoro, a qualidade baseada no respeito próprio, dos companheiros e da comunidade a que serve, baseado no mais digno desempenho da profissão militar;
II – o militar, estando no comportamento "mau", praticar uma transgressão disciplinar gravíssima ou grave, duas médias ou três leves, no período de 01 (um) ano;

Publicação

Art. 31 – A publicação das sanções disciplinares será feita em Boletim Interno, na esfera da autoridade detentora do poder disciplinar, em conformidade com o art. 10.

Oficial e Aspirante a Oficial
§1º – A publicação da punição imposta a Oficial ou Aspirante a Oficial deverá ser feita em Boletim Reservado, salvo se as circunstâncias ou a natureza da transgressão recomendarem o contrário, no interesse da disciplina.

Autoridade sem Boletim
§2º – Quando a autoridade que aplicar a punição não dispuser de boletim, a publicação desta deverá ser feita, mediante solicitação escrita, no da autoridade a que estiver subordinado.

Constituição do ato disciplinar

Art. 32 – A aplicação da sanção disciplinar consiste numa decisão administrativa disciplinar, a qual contém uma descrição sumária, clara e precisa dos fatos e circunstâncias que determinaram a transgressão, seu enquadramento, sua motivação e a conseqüente publicação.

Enquadramento

Art. 33 – Enquadramento é a caracterização da transgressão, em conformidade com a parte especial deste Regulamento.

Nota de punição

Art. 34 – Na nota de punição serão, necessariamente, mencionadas:
I – a transgressão cometida e sua classificação, em termos precisos, sintéticos e a sua tipificação;
II – as circunstâncias agravantes e as atenuantes;
III – a sanção imposta;
IV – a classificação do comportamento;
V – a solicitação para fazer cumprir a sanção disciplinar, se o punido estiver à disposição temporária de outra autoridade;
VI – o local do cumprimento da sanção disciplinar.

Notificação

Art. 35 – Notificação é o aviso formalizado por instrumento legal, que dá ciência oficialmente de ato punitivo ao infrator, ou, na hipótese de recurso, da ratificação ou retificação do ato anterior.

Início do prazo recursal

Art. 36 – O prazo recursal passa a correr da data da publicação do ato ou da notificação, nos casos em que ela for expressamente prevista.

Motivação

Art. 37 – Motivação é a razão pela qual está sendo aplicada a sanção disciplinar.

Conscientização da autoridade e do transgressor

Art. 38 – A aplicação da sanção disciplinar, por maior que tenha sido a falta cometida, deve ser feita com justiça, serenidade e imparcialidade, a fim de que o transgressor punido fique consciente e convicto de que a autoridade competente agiu no estrito cumprimento do dever legal e que a sanção visa o benefício educativo do transgressor e da coletividade.

Independência da sanção disciplinar

Art. 39 – A sanção disciplinar independe de processo civil ou criminal a que se sujeite também o militar estadual, relacionado ao mesmo fato.

Concurso de crime e transgressão disciplinar

Art. 40 – As instâncias criminal e administrativa são independentes e podem ser concomitantes, na ocorrência de transgressão disciplinar residual ou subjacente ao fato.

Início do cumprimento

Art. 41 – O início do cumprimento da sanção disciplinar, dar-se-á após a publicação do ato, conforme for nele estabelecido, ressalvada a hipótese do §2º do Art. 11.

Contagem do tempo

Art. 42 – A contagem do tempo de cumprimento de sanção disciplinar vai do momento em que o punido for recolhido até aquele em que for posto em liberdade, computado hora a hora.

Transgressor à disposição ou a serviço de outra autoridade

Art. 43 – A autoridade especificada em um dos incisos do Art. 10, que punir seu subordinado com detenção, estando este à disposição ou a serviço temporário de outra autoridade, solicitará a esta que adote as providências para o cumprimento da sanção.

Militar Estadual afastado do serviço

Art. 44 – O cumprimento de punição disciplinar, por militar estadual afastado do serviço, deverá ocorrer após a sua apresentação pronto na OME, salvo nos casos do §2°, do art. 11.

Interrupção de afastamento

Art. 45 – A interrupção da licença especial, licença para tratar de assuntos particulares, licença para tratamento de saúde de pessoa da família, férias ou outros afastamentos temporários, para fim de cumprimento de sanção disciplinar, somente ocorrerá quando autorizada pelas autoridades referidas nos incisos I e II, do art. 10.

Cumprimento de sanção por militar estadual inativo

Art. 46 – O militar estadual da inatividade cumprirá suas sanções disciplinares na OME mais próxima de sua residência.

Ininterrupção do cumprimento de sanção disciplinar

Art. 47 – Não será interrompido o cumprimento de sanção disciplinar, exceto na superveniência de afastamentos de caráter obrigatório previstos em lei.

Baixa hospitalar ou em locais similares
§1º – Hospitais, enfermarias ou clínicas, poderão servir como locais para cumprimento de sanção disciplinar, desde que haja determinação médica expressa.

Parecer médico com permanência em residência
§2º – O militar estadual, que estiver em cumprimento de sanção disciplinar e obtiver parecer médico para que permaneça em residência, não terá seu cumprimento suspenso.

CAPÍTULO IV
Revisão do Processo Disciplinar

Revisão do Processo

Art. 48 – O processo disciplinar poderá ser revisto, a pedido, no prazo de 120 (cento e vinte) dias, ou *ex-officio*, no prazo de 02 (dois) anos, desde que sejam apresentados indícios de que:
I – o ato disciplinar tenha sido contrário ao texto expresso deste Regulamento ou à evidência dos autos;
II – o ato disciplinar tenha se baseado em depoimentos, exames ou documentos comprovadamente falsos;
III – após o ato disciplinar, foram descobertas novas provas de inocência do militar estadual ou de circunstância que determine ou autorize diminuição especial da sanção disciplinar.

Reiteração do pedido
Parágrafo único – Não será admissível a reiteração do pedido, salvo se fundado em provas novas.

Competência para o pedido de revisão

Art. 49 – A revisão poderá ser pedida pelo próprio militar ou por procurador legalmente habilitado.

Modificação

Art. 50 – A modificação da aplicação de sanção disciplinar pode ser realizada pela autoridade que a aplicou ou por outra, superior e competente, discriminada no Art. 10, desde que devidamente motivada, quando a sanção disciplinar aplicada estiver além ou aquém do limite máximo e mínimo legal, ou ainda quando houver injustiça ou ilegalidade na sua aplicação.

Avocação

Art. 51 – A autoridade superior àquela que aplicou a sanção disciplinar, ao concluir que a mesma deve ser agravada ou atenuada, poderá avocar para si a solução e agravá-la ou atenuá-la, dentro dos limites legais, desde que devidamente motivada.

Formas de modificação

Art. 52 – As modificações da aplicação da sanção disciplinar são:
I – a anulação;
II – a atenuação;
III – a agravação.

Anulação

Art. 53 – A anulação da sanção disciplinar consiste na declaração de invalidade do ato punitivo ilegítimo ou ilegal, retroagindo seus efeitos à sua origem, invalidando as conseqüências passadas, presentes e futuras do ato anulado.

Eliminação de registro
§1º – A anulação da sanção disciplinar deve eliminar todo e qualquer registro referente àquele ato nas alterações do militar estadual.

Concessão durante o cumprimento de detenção
§2º – A anulação, sendo concedida ainda durante o tempo de cumprimento da detenção, importa na colocação imediata do militar estadual em liberdade.

Reversão em folga
§3º – Havendo a anulação de detenção, o período já cumprido será revertido em dobro, em folga.

Atenuação

Art. 54 – A atenuação de sanção disciplinar consiste na transformação da punição proposta ou aplicada em uma menos rigorosa, se assim o exigir o interesse da disciplina e da ação educativa do punido, respeitados os limites previstos para a falta neste Regulamento.

Agravação

Art. 55 – A agravação de punição disciplinar consiste na transformação da punição proposta ou aplicada em uma mais rigorosa, se assim exigir o interesse da disciplina e da ação educativa do punido, respeitados os limites previstos para a falta neste Regulamento.

Prazo para agravação

Art. 56 – Findo o prazo de quinze (15) dias, após a data da publicação da sanção aplicada, ela não mais poderá ser agravada.

TÍTULO III
COMPORTAMENTO MILITAR ESTADUAL

CAPÍTULO ÚNICO
Classificação do Comportamento

Comportamento

Art. 57 – O comportamento militar espelha o procedimento civil e funcional da praça, sob o ponto de vista disciplinar.

Competência
§1º – A classificação de comportamento é da competência das autoridades elencadas no art. 10, obedecido o disposto neste Capítulo.

Comportamento inicial
§2º – Ao ingressar na Instituição Militar Estadual, a praça será classificada no comportamento militar “bom”.
Espécies de comportamento

Art. 58 – O comportamento da praça deve ser classificado em:
I – Excepcional – quando no período de seis anos de efetivo serviço não tenha sofrido qualquer sanção disciplinar;
II – Ótimo – quando no período de quatro anos de efetivo serviço tenha sido punida, no máximo, em decorrência da prática do eqüivalente a uma transgressão classificada como média;
III – Bom – quando no período de dois anos de efetivo serviço, tenha sido punida em decorrência da prática do eqüivalente a menos de uma transgressão classificada como gravíssima;
IV – Insuficiente – quando no período de um ano de efetivo serviço, tenha sido punida em decorrência da prática do eqüivalente a até uma transgressão classificada como gravíssima;
V – Mau – quando no período de um ano de efetivo serviço, tenha sido punida em decorrência da prática do eqüivalente a mais de uma transgressão classificada como gravíssima.

Equivalência das transgressões
§1º – Apenas para efeito do que trata este artigo, deve-se fazer a seguinte correlação:
I – duas transgressões leves eqüivalem a uma média;
II – duas transgressões médias eqüivalem a uma grave;
III – duas transgressões graves eqüivalem a uma gravíssima.

Casos de condenação
§2º – Para efeito do que trata este artigo:
I – a condenação transitada em julgado por prática de crime implicará na classificação no comportamento militar "mau", mesmo nos casos de prescrição da pena imposta;
II – a condenação transitada em julgado por prática de contravenção penal eqüivalerá a uma transgressão gravíssima.

Classificação do comportamento

Art. 59 – A classificação do comportamento das praças será feita *ex-officio*, de acordo com os prazos e critérios estabelecidos no artigo

anterior, tendo como base a data de publicação da sanção disciplinar imposta.

Caso de condenação por crime
§1º – Quando se tratar de condenação por crime, o prazo para a modificação da classificação do comportamento terá como base a data do encerramento do cumprimento da pena, devendo ser observado o seguinte:
I – concedida a suspensão condicional por tempo superior ao da pena, após o seu término considerar-se-á também a data em que se daria o encerramento da pena concreta, como se ela tivesse sido cumprida,;
II – declarada a prescrição da pena imposta, a base será a data da sentença.

Modificação da classificação do comportamento
§2º – A modificação da classificação do comportamento só ocorrerá quando atingidos os índices previstos para comportamento inferior ou superior, permanecendo a praça naquele em que estiver classificada enquanto isso não ocorrer.

Publicidade da modificação de classificação

Art. 60 – A modificação da classificação de comportamento será formalizada com a publicação em boletim interno da OME, por meio de uma "Nota de Classificação de Comportamento".

TÍTULO IV
DIREITOS E RECOMPENSAS

CAPÍTULO I
Recursos

Interposição de recurso – objetivo

Art. 61 – Todo militar estadual que se julgue, ou julgue subordinado seu, prejudicado ou injustiçado por superior hierárquico, na esfera disciplinar, tem o direito de interpor recurso disciplinar objetivando reverter a situação.

Tipos de recursos
Parágrafo único. São recursos disciplinares:
I – o Pedido de Reconsideração de Ato;
II – a Representação.

Reconsideração de ato

Art. 62 – Reconsideração de ato é o recurso interposto, mediante requerimento, por meio do qual o militar estadual, que se julgue, ou julgue subordinado seu, prejudicado ou injustiçado, solicita à autoridade que praticou o ato o reexame de sua decisão.

Encaminhamento
§1º – O pedido de reconsideração de ato poderá ser encaminhado diretamente à autoridade que praticou o ato.
Prazo para apresentação
§2º – O pedido de reconsideração de ato deve ser apresentado no prazo de 15 (quinze) dias, a contar da data de publicação da sanção imposta.

Prazo para decisão
§3º – A autoridade competente a quem é dirigido o pedido de reconsideração de ato deverá decidir no prazo de 08 (oito) dias úteis, contados da data de entrada do recurso.

Representação

Art. 63 – Representação é o recurso disciplinar interposto, mediante requerimento do próprio ofendido, ou por autoridade que julgue subordinado seu estar sendo vítima de ofensa, injustiça, ilegalidade ou prejudicado em seus direitos, por ato de autoridade superior, dirigido diretamente ao superior imediato desta autoridade.

Afastamento da subordinação
§1º – A critério da autoridade superior o ofendido poderá ser afastado da subordinação direta da autoridade contra quem foi formulado o recurso, até que o mesmo seja julgado.

Prazos da representação
§2º – Aplicam-se à representação os prazos estabelecidos nos §§ 2º e 3º do artigo anterior.

Efeito suspensivo

Art. 64 – A autoridade competente para apreciar o recurso poderá, vendo razões para isso, recebê-lo com efeito suspensivo, quando então o início do cumprimento da sanção ficará condicionado à publicação da solução do recurso.

Apresentação de recurso

Art. 65 – A apresentação de recurso disciplinar deve ser feita individualmente, tratar de caso específico, cingir-se aos fatos que o motivaram e sem utilizar comentários ofensivos à autoridade.

Situação Excepcional
§1º – O início da contagem do prazo para apresentação de recurso disciplinar pelo militar estadual será:
I – da data em que cessar a situação impeditiva, quando estiver executando serviço ou ordem que o impeça de apresentá-lo;
II – da data de sua apresentação ou da notificação, quando estiver afastado temporariamente do serviço.

Recurso prejudicado
§2º – O recurso disciplinar que contrarie o prescrito neste Capítulo é considerado prejudicado pela autoridade a quem foi destinado, cabendo a esta mandar arquivá-lo e publicar sua decisão em boletim, dando ciência, por notificação, ao interessado.

CAPÍTULO II
Reabilitação

Reabilitação

Art. 66 – Reabilitação é o direito concedido ao militar estadual de ser reabilitado, tendo apagadas a averbação de sanções disciplinares e outras notas a elas relacionadas, em seu cadastro, assegurando-lhe o sigilo dos registros sobre seu processo e sanção disciplinar.

Prazos da reabilitação

Art. 67 – A reabilitação ocorrerá, *ex-officio*, decorridos os seguintes prazos, tendo como base a data da publicação da sanção disciplinar imposta, sem que o militar estadual tenha sofrido qualquer punição disciplinar:
I – 05 (cinco) anos, quando a sanção for pela prática de transgressão classificada como gravíssima;
II – 04 (quatro) anos, quando a sanção for pela prática de transgressão classificada como grave;
III – 03 (três) anos, quando a sanção for pela prática de transgressão classificada como média;
IV – 02 (dois) ano, quando a sanção for pela prática de transgressão classificada como leve;

Forma de publicidade da reabilitação
§1° – A "Nota de Reabilitação" será publicada em boletim competente.

Eliminação das anotações
§2° – A eliminação das anotações nas fichas disciplinares será com o tingimento de todas as anotações de modo que não seja possível a sua leitura, registrando-se apenas o número e a data do boletim que publicou o ato administrativo que formalizou a reabilitação, procedendo-se de forma análoga em outros sistemas de registro existentes.

CAPÍTULO III
Recompensas

Recompensas

Art. 68 – Recompensas constituem reconhecimento por bons serviços prestados por militar estadual.

Tipos de recompensas

Art. 69 – Além de outras previstas em leis e regulamentos especiais, são recompensas aos militares estaduais:
I – o elogio individual;
II – as dispensas do serviço.

Elogio individual

Art. 70 – O elogio individual, que coloca em relevo as qualidades morais e profissionais, somente poderá ser formulado a militar estadual que se haja destacado do resto da coletividade, no desempenho de ato de serviço, ação meritória ou ato de bravura, pelas autoridades especificadas no art. 10.

Publicidade e registro de elogios
§1º – Todos os elogios individuais, publicados em boletim, serão registrados nos assentamentos do militar estadual, devendo ser divulgados aos integrantes da OME onde servir o militar estadual elogiado.

Publicação em boletim

§2º – Quando a autoridade que conceder elogio não dispuser de boletim para sua publicação, esta deve ser feita, mediante solicitação por escrito, no da autoridade imediatamente superior.

Dispensa do serviço

Art. 71 – A dispensa do serviço como recompensa pode ser concedida pelas autoridades constantes do art. 10.

Período máximo de dispensa

Art. 72 – A dispensa do serviço, como recompensa, poderá ser concedida por até 08 (oito) dias, ininterruptos, não podendo ultrapassar o total de 16 (dezesseis) dias no decorrer de um ano civil, não invalidando o direito a férias.

Autoridade competente para anular, restringir ou ampliar

Art. 73 – São competentes para anular, restringir ou ampliar as recompensas concedidas por si ou seus subordinados, as autoridades especificadas no art. 10, devendo esta decisão ser motivada em boletim, dentro do prazo de 05 (cinco) dias úteis contados da data de sua concessão.

Limite de restrição da dispensa do serviço
Parágrafo único – A dispensa do serviço como recompensa poderá ser restringida até no máximo a metade.

TÍTULO V
PROCESSO E PROCEDIMENTO

CAPÍTULO I
Disposições Preliminares

Processo Administrativo Disciplinar

Art. 74 – O Processo Administrativo Disciplinar (PAD) é o conjunto de atos, executados cronologicamente, para investigar fato definido neste Regulamento ou em outra legislação como transgressão disciplinar, garantindo-se ao acusado o direito de ampla defesa e do contraditório, a fim de que a autoridade competente obtenha elementos suficientes para sua convicção e decisão sobre a aplicação de sanção disciplinar.

Ritos

Art. 75 – O PAD rege-se pelo rito ordinário e pelo rito sumário.

Rito Ordinário
§1º – O PAD terá rito ordinário para apuração de transgressões disciplinares e julgamento do acusado, nas hipóteses previstas no artigo 30, Incisos I e II, ou em outros casos, a critério da autoridade competente.

Rito sumário
§2º – O PAD terá rito sumário para apuração de transgressões disciplinares e julgamento do acusado, exceto nas situações do parágrafo anterior.

Conselho de Disciplina e Conselho de Justificação

Art. 76 – Os processos disciplinares relativos ao Conselho de Disciplina e ao Conselho de Justificação fundamentar-se-ão na legislação específica que os instituiu.

Normas próprias
Parágrafo único – As causas determinantes que levam o militar estadual a ser submetido a um destes Conselhos, *ex-officio* ou a pedido, e as condições para sua instauração, funcionamento e providências decorrentes, estão estabelecidas na legislação que dispõe sobre os citados Conselhos.

CAPÍTULO II
Competência

Competência

Art. 77 – A competência processual disciplinar na PMES e no CBMES será exercida pelas autoridades militares estaduais enumeradas no art. 10, respeitadas as normas deste Regulamento e o poder de avocação das autoridades superiores e da Corregedoria.

Delegação
§1º – Obedecidas as normas regulamentares de circunscrição, hierarquia e comando, as atribuições para instaurar processo disciplinar poderão ser delegadas a militar estadual para fins especificados e por tempo limitado, vedada a delegação de competência para julgamento do processo.

Restrição à autoridade disciplinar e processante
§2º – Quando a autoridade competente para determinar a instauração do processo disciplinar e aplicar sanção disciplinar ao infrator exercer, por iniciativa própria, a função de Encarregado, ficará, automaticamente, impedida de emitir decisão final no processo e punir o infrator, repassando-se esta competência à autoridade hierarquicamente superior e competente.

Conflito de atribuições entre autoridades
§3º – Quando duas autoridades de níveis hierárquicos diferentes, ambas com competência para determinar a instauração de processo disciplinar e aplicar sanção disciplinar ao infrator, tomarem conhecimento da prática de transgressão disciplinar cabe às de nível hierárquico inferior determinar a instauração do processo disciplinar, a fim de evitar a supressão de instância administrativa da autoridade de menor nível.

Obrigatoriedade de instauração do PAD

Art. 78 – A autoridade militar estadual que tiver ciência de irregularidades no âmbito de sua subordinação é obrigada a promover a apuração imediata, mediante processo administrativo disciplinar, assegurando ao acusado o contraditório e a ampla defesa.

Justa causa para a instauração de PAD

Art. 79 – A determinação para instauração de processo administrativo disciplinar, com designação de Encarregado, somente ocorrerá se houver prova de fato que, em tese, constitua infração disciplinar e indícios suficientes de autoria.

CAPÍTULO III
Denúncia e Comunicação de Infração Disciplinar

Denúncia

Art. 80 – As denúncias sobre infrações disciplinares serão objeto de apuração, desde que contenham a identificação, assinatura e o endereço do denunciante e sejam formuladas por escrito, confirmada a autenticidade.

Comunicação
§1º – As comunicações de irregularidades feitas por militar estadual obedecerão as normas internas de correspondência, com tramitação regular através dos canais de comando.

Anonimato
§2º – Os fatos denunciados de forma anônima serão objeto de levantamento pelos setores competentes da PMES e do CBMES, cujo resultado, quando procedente, será comunicado na forma do §1º.

Proibição de juntada
§3º – A denúncia anônima não caracteriza prova documental, não podendo ser juntada em comunicação, sindicância ou processo administrativo disciplinar.

Prova impertinente
§4º – O documento da denúncia que não contiver assinatura, identificação e o endereço do denunciante será caracterizado como prova impertinente.

Arquivamento da denúncia
§5° – Quando o fato não constituir infração disciplinar ou ilícito penal, a denúncia será arquivada, por falta de objeto.

CAPÍTULO IV
Sindicância

Instauração de sindicância

Art. 81 – A autoridade competente para aplicar sanção disciplinar, nos termos deste Regulamento, não havendo elementos suficientes para instauração de processo disciplinar, por falta de indícios da autoria ou não estar caracterizada adequadamente, em tese, a infração disciplinar, poderá determinar, preliminarmente, a instauração de sindicância, designando autoridade sindicante, com o prazo máximo de 15 (quinze) dias, prorrogável por até igual período, para sua conclusão.

Resultado da sindicância

Art. 82 – Da sindicância poderá resultar:
I – o arquivamento dos autos;
II – a adoção de medidas administrativas;
III – a instauração de processo administrativo disciplinar;
IV – a instauração de Inquérito Policial Militar ou encaminhamento à autoridade competente, se concluído haver indício de crime.
§1º – Sendo a sindicância procedimento inquisitório de apuração, onde não há contraditório, quando resultar em imputação de

responsabilidade disciplinar, a aplicação da sanção disciplinar dependerá da instauração de processo administrativo disciplinar de rito ordinário ou sumário.
§2º – Quando a imputação de responsabilidade disciplinar resultar de Inquérito o procedimento será análogo ao previsto no parágrafo anterior.

CAPÍTULO V
Processo Administrativo Disciplinar De Rito Ordinário

SEÇÃO I
Generalidades

Prazo para conclusão

Art. 83 – O prazo para conclusão do Processo Administrativo Disciplinar – PAD de rito ordinário será de trinta dias, contados a partir do primeiro dia útil após aquele em que a autoridade processante receber a portaria delegatória.

Prorrogação de prazo
§1º – O prazo previsto no *caput* poderá ser prorrogado por até 20 (vinte) dias, a critério da autoridade delegante, quando não estejam concluídos exames ou perícias já iniciados, ou haja necessidade de novas diligências, indispensáveis à elucidação do fato.

Pedido de prorrogação
§2º – O pedido de prorrogação deve ser feito até cinco dias antes da conclusão do prazo preestabelecido.

Necessidades de exames, perícias, precatórias e outras diligências
§3º – A autoridade delegante poderá determinar o sobrestamento do processo disciplinar, permanecendo este em mãos do Encarregado, por prazo determinado, enquanto aguarda a realização de perícias, exames, precatórias e outras diligências imprescindíveis ao esclarecimento do fato investigado.

Forma

Art. 84 – As peças do processo serão datilografadas ou produzidas por qualquer outro meio de impressão, em espaço dois e reunidas por ordem cronológica, sendo numeradas e rubricadas pelo secretário.

Competência processual delegada

Art. 85 – A competência processual tem início após a publicação da respectiva portaria delegatória em boletim e se efetiva com a entrega ao Encarregado, juntamente com a documentação que motivou a instauração do processo disciplinar.

Início do processo

Art. 86 – O Encarregado do PAD deverá iniciar o processo imediatamente após tomar conhecimento oficial da designação, com o recebimento da portaria delegatória.

SEÇÃO II
Encarregado do Processo

Encarregado do Processo

Art. 87 – O PAD ordinário terá como Encarregado oficial hierarquicamente superior ao acusado, designado mediante portaria delegatória, podendo ainda o processo ser avocado pela Corregedoria.

Encarregado de mesmo posto
§1º – Em casos excepcionais, poderá ser designado como Encarregado, oficial do mesmo posto que o acusado, desde que mais antigo.

Infração disciplinar diversa
§2º – Se, no decorrer do processo, o Encarregado averiguar a existência de outra infração disciplinar, diversa daquela que lhe foi determinado apurar, imputável ao acusado, deverá informar, obrigatoriamente, este fato, à autoridade delegante, que poderá tomar uma das seguintes providências:
I – Aditar a portaria delegatória inicial, atribuindo competência ao Encarregado para investigar igualmente esta outra infração disciplinar imputada ao acusado;
II – Editar nova portaria, designando outro Encarregado para apurar esta outra infração disciplinar imputada ao acusado.

Dedicação integral

Art. 88 – Se necessário, o Encarregado poderá ser dispensada de suas funções normais, para que possa dedicar-se, com exclusividade, aos trabalhos do processo, até a entrega do relatório final.

Polícia das sessões

Art. 89 – O Encarregado proverá a regularidade do processo e a execução da lei e manterá a ordem no curso dos respectivos atos, podendo determinar o que for conveniente à manutenção da ordem.

Independência e imparcialidade da autoridade processante
Parágrafo único – O Encarregado exercerá suas atividades com absoluta independência e imparcialidade.

Competências do Encarregado

Art. 90 – Compete ao Encarregado do Processo colher todas as provas que sirvam para o esclarecimento do fato e suas circunstâncias, adotando, se necessário, as seguintes providências:
I – ouvir denunciantes, ofendido, testemunhas e acusados;
II – proceder reconhecimento de pessoas ou coisas;
III – proceder acareações;
IV – determinar a realização de provas e exames periciais que julgar necessários ou quando solicitados;
V – proceder buscas e apreensões, na forma legal;
VI – determinar a avaliação e identificação de coisa subtraída, desviada, destruída ou danificada, ou da qual houve indébita apropriação;
VII – tomar medidas necessárias destinadas à proteção de testemunhas, peritos ou do ofendido, quando coatos ou ameaçados de coação que lhes tolha a liberdade de depor, ou a independência para a realização de perícias ou exames.

Sigilo

Art. 91 – O Encarregado do Processo assegurará o sigilo necessário à elucidação do fato ou exigido para defesa da intimidade ou do interesse social, respeitando, todavia, o direito do defensor ter vista do processo em repartição.

Suspeição

Art. 92 – A autoridade delegante poderá declarar a suspeição do Encarregado do Processo, a seu critério, ou a pedido do Acusado, ou do próprio Encarregado, quando este:
I – for amigo íntimo ou inimigo do acusado;
II – for cônjuge, companheiro ou parente, consangüíneo ou afim, até terceiro grau inclusive, do acusado;
III – tiver comunicado a irregularidade;

Revogação de delegação
Parágrafo Único – No caso do Encarregado ser declarado suspeito ou, por motivo de força maior, não puder mais funcionar no processo, a autoridade delegante, por meio de outra portaria, revogará a delegação anterior e delegará poderes a outro Encarregado, mantendo-se todos os atos legalmente praticados até então.

Nomeação de secretário

Art. 93 – A nomeação do militar estadual para atuar como secretário no processo administrativo disciplinar de rito ordinário poderá ser feita pela autoridade delegante ou pelo seu Encarregado.

Atribuições do secretário
Parágrafo único – Além das atribuições típicas de escrivão e de oficial de justiça nos processos, ao secretário incumbirá outras tarefas que lhe forem ordenadas pelo Encarregado do Processo.

SEÇÃO III
Defensor

Defensor

Art. 94 – No PAD de rito ordinário, o acusado, ainda que ausente, não poderá ser processado ou julgado administrativamente sem defensor.

Defensor “ad-hoc”
§1º – Se o acusado não tiver constituído, ser-lhe-á nomeado defensor pelo Encarregado do Processo, ressalvado o seu direito de, a todo tempo, nomear outro de sua confiança.

Do defensor nomeado
§2º – O defensor nomeado pelo Encarregado do Processo será militar estadual, de posto ou graduação superior ao acusado, ou mais antigo, se de mesmo posto.

Defesa própria

§3º– O acusado poderá manifestar seu interesse, por escrito, para promover a sua própria defesa.

Intimação do defensor
§4º – O defensor poderá participar de todos os atos do processo, ficando o acusado responsável pela sua notificação.

Nomeação provisória de defensor
§5º – A falta de comparecimento do defensor, ainda que motivada, não determinará o adiamento de qualquer ato do processo, devendo o Encarregado do Processo nomear substituto, ainda que provisoriamente, ou só para efeito daquele ato.

Constituição de defensor
§6º – A constituição de defensor pelo acusado será feita, por meio de procuração quando se tratar de advogado, e por indicação nos autos do processo, quando for outro militar estadual.

SEÇÃO IV
Fases do Rito Ordinário

Fases do rito ordinário

Art. 95 – O processo administrativo disciplinar com rito ordinário desenvolver-se-á nas seguintes fases, assegurando-se ao acusado o contraditório e a ampla defesa:
I – instauração;
II – defesa prévia, no prazo de 03 (três) dias;

- *Nova redação dada pelo art. 2º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

III – instrução;
IV – alegações finais, no prazo de 03(três) dias;

- *Nova redação dada pelo art. 2º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

V – relatório, contendo o julgamento do Encarregado do Processo sobre a culpabilidade do acusado.

Roteiro do PAD de rito ordinário
Parágrafo único – O roteiro do processo administrativo disciplinar com rito ordinário é o constante do Anexo I.

Dispensa de fases do processo

Art. 96 – Se o acusado, no momento de apresentar a defesa prévia, confessar, por escrito ou mediante declaração reduzida a termo, em presença de pelo menos duas testemunhas e/ou seu defensor, a autoria e a prática da transgressão que lhe é imputada, o Encarregado do Processo produzirá o relatório dos autos, dispensando as demais fases processuais, encaminhando o processo à autoridade delegante, para decisão sobre a aplicação de sanção disciplinar.

Inocência
§1º – Quando o Encarregado do Processo concluir, ante a defesa prévia, pela inocência do acusado, produzirá o relatório dos autos, dispensando as demais fases processuais, e encaminhará o processo à autoridade delegante que, concordando, o solucionará determinando o seu arquivamento, ou, discordando, o devolverá para que sejam cumpridas todas as suas fases, descontando-se dos prazos o tempo dessa tramitação.

Proibição
§2º – Para a aplicação do licenciamento a bem da disciplina, o processo deverá concluir todas as suas fases, ainda que tenha ocorrido a confissão do acusado.

SEÇÃO V
Instauração

Instauração

Art. 97 – A instauração é formalizada pela autuação da portaria, à qual deverão estar juntadas cópias da denúncia ou comunicação, do libelo acusatório e da ficha funcional do acusado, e se efetiva com a citação válida.

Libelo acusatório

Art. 98 – O Encarregado do Processo formulará o libelo acusatório, por escrito, expondo o fato, com suficiente especificidade, de modo a delimitar o objeto da controvérsia e a permitir a plenitude da defesa.

Conteúdo do Libelo Acusatório
§1º – O Libelo Acusatório conterá:
I – o nome do acusado;
II – a exposição, deduzida por artigo(s), da(s) transgressão(ões) disciplinar(es) imputada(s) ao acusado;
III – a indicação das circunstâncias agravantes e de todos os fatos que devam influir na aplicação da sanção disciplinar;
IV – o rol de testemunhas, se houver;
V – o nome e a assinatura do Encarregado do Processo.

Mais de um acusado
§2º – Havendo mais de um acusado, o Libelo deverá especificar a forma de participação de cada infrator na(s) transgressão(ões) disciplinar(es) a ser(em) apurada(s).

Citação

Art. 99 – O Encarregado do Processo citará ou mandará citar o acusado, para apresentar sua defesa prévia, e se ver processar até o julgamento final, bem como para acompanhar todos os demais atos do processo.

Mandado de citação
§1º – O mandado de citação será, obrigatoriamente, acompanhado de cópia do Libelo Acusatório e demais documentos que motivaram a instauração do processo disciplinar, a fim de que o acusado saiba efetivamente o que lhe está sendo imputado.

Meio para citação
§2º – A citação far-se-á pelo Secretário:
I – mediante mandado, quando o acusado estiver servindo na mesma OME do Encarregado do Processo;
II – mediante precatória ou requisição ao comandante do acusado, quando ele estiver servindo em OME distinta da OME do Encarregado do Processo;
III – por edital:
a) quando o acusado se ocultar ou opuser obstáculo para não ser citado;
b) quando não for encontrado;
c) quando estiver em lugar incerto ou não sabido.

Certificação
§3º – Nos casos das letras a, b e c do inciso III do parágrafo anterior, o secretário, depois de procurar o acusado por duas vezes, em dias diferentes, certificará, cada vez, a impossibilidade da citação pessoal e o motivo.

Requisito da citação
§4º – A citação conterá cópia do Libelo Acusatório, dia e hora para o comparecimento e advertência de que não comparecendo o acusado, salvo provas convincentes em contrário, considerar-se-ão verdadeiras as acusações contidas no Libelo, se não forem contestadas na defesa prévia.

Comparecimento espontâneo
§5º – O comparecimento espontâneo do acusado suprirá a falta ou nulidade da citação.

Suspensão de prazos
§6º – Caso o acusado encontre-se em situação, atestada por Junta Militar de Saúde, impeditiva de responder ao processo, ou internado, mesmo que em residência, todos os prazos serão suspensos, mediante registro nos autos.

Acusado preso
§7º – Estando o acusado preso, será requisitada à autoridade responsável a sua apresentação perante o Encarregado do Processo em dia e hora designados.

SEÇÃO VI
Defesa Prévia

Prazo para defesa prévia

Art. 100 – Citado do Libelo Acusatório e demais documentos do processo disciplinar, o acusado terá prazo de 03 (três) dias para apresentar defesa escrita, por si só ou por seu defensor, assegurando-se-lhe vistas do processo na repartição.

- *Nova redação dada pelo art. 2º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

Recusa do acusado
§1º – A recusa do acusado em apor o ciente na cópia da citação será certificada pelo secretário, ou pessoa encarregada de efetuar a citação, que relacionará duas (02) testemunhas.

Contagem de prazo para defesa

§2º – Na hipótese do parágrafo anterior, o prazo para defesa contar-se-á do primeiro dia útil após a juntada da certidão nos autos.

Defesa prévia

Art. 101 – Na defesa prévia, o acusado poderá arrolar testemunhas, juntar documentos e requerer as diligências que julgue necessárias para o esclarecimento dos fatos e sua defesa.

Fatos não contestados ou ausência de contestação

Art. 102 – A defesa prévia, que será escrita, deverá conter toda matéria de defesa, reputando-se verdadeiros os fatos, constantes do Libelo Acusatório, não contestados pelo acusado, desde que não sejam contrários às provas dos autos.

SEÇÃO VII
Instrução

Citação válida

Art. 103 – Estabelecida a relação processual, com a citação válida, o Encarregado do Processo, na fase da instrução, promoverá a tomada de depoimentos, acareações, investigações e diligências cabíveis, objetivando a coleta de prova, recorrendo, quando necessário, a técnicos e peritos, de modo a permitir a completa elucidação dos fatos.

Contraditório e ampla defesa

Art. 104 – A instrução assegurará ao acusado o contraditório e a ampla defesa, com a utilização dos meios e recursos admitidos em direito.

Juntada de documentos
§1º – Em qualquer fase do processo será admitida a juntada de documentos.

Meios de prova
§2º – Todos os meios de prova moralmente legítimos, ainda que não especificados em lei, são cabíveis para provar a veracidade dos fatos alegados no processo.

Denegação de pedidos
§3º – O Encarregado do Processo poderá denegar pedidos considerados impertinentes, meramente protelatórios, ou de nenhum interesse para o esclarecimento dos fatos.

Prova pericial
§4º – Será indeferido o pedido de prova pericial, quando a comprovação do fato independer de conhecimento especial de perito.

Período para inquirições

Art. 105 – As testemunhas, ofendido e acusado, exceto em caso de urgência, serão ouvidos no período compreendido entre 07:00h e 18:00h.

Notícia de transgressão disciplinar

Art. 106 – Cópias de autos de sindicância e de inquérito policial, policial-militar ou técnico, que noticiarem transgressão disciplinar praticada por militar estadual, poderão integrar o processo disciplinar, como peça informativa da instrução.

Inquirição do ofendido e denunciante

Art. 107 – Sempre que possível, o ofendido e o denunciante ou comunicante serão qualificados e perguntados sobre as circunstâncias da transgressão disciplinar, quem seja ou presuma ser seu autor, as provas que possam indicar, tomando-se por termos as suas declarações, não lhes sendo exigido o compromisso.

Declarações – Contradita pelo acusado/defensor

Art. 108 – As declarações do ofendido ou do denunciante ou comunicante e das testemunhas serão feitas na presença do acusado/defensor, que poderá contraditá-las, no todo ou em parte, após a sua conclusão, bem como requerer ao Encarregado do Processo que esclareçam ou tornem mais precisas quaisquer das suas declarações, podendo, inclusive fazer perguntas, por intermédio do Encarregado do Processo.

Intimação de testemunhas

Art. 109 – As testemunhas serão notificadas a depor em dia e hora previamente designados, mediante notificação expedida pelo Encarregado do Processo, devendo a segunda via, com o recibo da contrafé, ser anexada aos autos.

Comparecimento de testemunha
§1º – As testemunhas poderão comparecer à audiência independentemente de notificação, ou mediante esta, se assim for requerido no prazo de 05 (cinco) dias antes da audiência marcada.

Testemunha servidor público
§2º – Se a testemunha for servidor público, a expedição do mandado será imediatamente comunicada ao chefe da repartição onde estiver lotado, com a indicação do dia e hora marcados para inquirição

Militares
§3º – Os militares serão requisitados à autoridade a que estiverem subordinados.

Inquirição de testemunha
§4º – As testemunhas serão inquiridas cada uma de per si, separadamente, de modo que uma não possa ouvir o depoimento da outra.

Ordem de inquirição
§5º – Primeiramente serão inquiridas as testemunhas da acusação e depois as da defesa.

Número de testemunhas
§6º – Para cada fato serão arroladas, no máximo, três testemunhas de acusação, facultando-se, igualmente, a cada acusado a indicação de até três testemunhas de defesa, por fato apurado, podendo o Encarregado do Processo ouvir outras, se entender necessário para melhor elucidar os fatos.

Não comparecimento de testemunha
§7º– Se notificada para esse fim deixar de comparecer, sem justo motivo:
I – sendo integrante da Corporação, além de ser conduzida coercitivamente à presença do Encarregado do Processo por requisição deste, será responsabilizada pelo ato;
II – não sendo integrante da Corporação, e sendo testemunha da defesa ou da acusação, cabe à respectiva parte apresentá-la, em nova data a ser definida pelo Encarregado do Processo, e havendo reiteração da ausência, não mais será ouvida, salvo motivo de força maior, devidamente comprovado.

Oralidade

Art. 110 – O depoimento será prestado oralmente e reduzido a termo, não sendo lícito à testemunha trazê-lo por escrito.

Notificação do depoimento das testemunhas

Art. 111 – O acusado será notificado do dia e hora dos depoimentos das testemunhas.

Inquirição pelo defensor
§1º – Será facultado ao defensor a reinquirição das testemunhas, por intermédio do Encarregado do Processo, durante o respectivo depoimento.

Perguntas impertinentes ou ofensivas
§2º – O Encarregado do Processo poderá indeferir as perguntas impertinentes, ofensivas ou que não tenham relação com os fatos a serem apurados.

Ausência das partes
§3º – O não comparecimento do acusado ou seu defensor não impedem a oitiva das testemunhas, devendo o Encarregado do Processo nomear defensor "*ad hoc*" para esse ato específico.

Constrangimento da testemunha

Art. 112 – Verificando o Encarregado do Processo que a presença do acusado, pela sua atitude, possa influir no ânimo da testemunha, deverá adverti-lo formalmente, fazendo o registro nos autos, e, em persistindo na conduta, deverá retirá-lo do recinto, permanecendo seu defensor.

Constrangimento pelo acusado-defensor
§1° – Estando o acusado fazendo a sua própria defesa, será este alertado que poderá ser retirado do recinto, sendo-lhe, neste caso, nomeado defensor *ad hoc*.

Registro
§2° – Em qualquer hipótese deste artigo, será reduzida a termo a ocorrência, constando os motivos que ensejaram a providência tomada.

Intimação dos atos em audiência

Art. 113 – Após regularmente citado dos atos praticados em audiência considerar-se-á o acusado ciente, desde logo, para o próximo ato processual.

Interrogatório do acusado

Art. 114 – Somente após o interrogatório do acusado o Encarregado do Processo fará a inquirição das testemunhas, exceto se for inadiável a oitiva anterior, por motivo de força maior, ou na hipótese de revelia.

Registro nos autos
§1° – Em qualquer das hipóteses do *caput*, o motivo da oitiva anterior será registrado no termo de inquirição.

Intervenção
§2º – O interrogatório será feito pelo Encarregado do Processo, não sendo permitida a intervenção de qualquer outra pessoa.

Questões de ordem
§3º – Findo o interrogatório, poderão ser levantadas questões de ordem, que o Encarregado do Processo fará consignar no auto, se assim lhe for requerido.

Mais de um acusado
§4º – Havendo mais de um acusado, será cada um deles interrogado separadamente, de modo que um não possa ouvir o depoimento do outro.

Perguntas não respondidas
§5º – Consignar-se-ão as perguntas que o acusado deixar de responder e as razões que invocar para não fazê-lo.

Estado de embriaguez ou efeito de psicotrópico
§6° – Nenhum militar estadual deverá ser interrogado em estado de embriaguez ou sob efeito de substância psicotrópica.

Atos sem a presença do acusado

Art. 115 – O acusado deve ser intimado para o interrogatório, bem como para qualquer ato que não possa ser realizado sem a sua presença.

Não comparecimento do acusado
§1º – Em caso de não comparecimento do acusado não, o Encarregado do Processo deverá mandar conduzi-lo ou requisitar a sua presença.

Observação obrigatória ao acusado
§2º – Antes de iniciar o interrogatório, o Encarregado do Processo observará ao acusado que, embora não seja obrigado a responder as perguntas que lhe forem formuladas, este constitui um meio de defesa.

Não intervenção do defensor
§3º – O interrogatório é um ato pessoal, não podendo o defensor do acusado intervir ou influir, de qualquer modo, nas perguntas e nas respostas.

Reinquirição
§4º – O Encarregado do Processo poderá reinquirir o acusado, a qualquer tempo, se assim achar conveniente.

Acareação

Art. 116 – Em caso de mais de um acusado, sempre que houver divergência em declarações, entre seus depoimentos, sobre fatos ou circunstâncias relevantes, será admitida a acareação entre eles.

Acompanhamento do processo administrativo

Art. 117 – É assegurado ao acusado o direito de acompanhar o processo pessoalmente ou por intermédio de defensor, arrolar e reinquirir testemunhas, produzir provas e contraprovas e formular quesitos, quando se tratar de prova pericial, nos termos deste Regulamento.

Revelia

Art. 118 – Considerar-se-á revel o acusado que, regularmente citado para qualquer ato do processo administrativo disciplinar, deixar de comparecer ou não apresentar defesa no prazo previsto neste Regulamento, sem motivo justificado.

Decretação da revelia
§1º – A revelia será decretada, por termo, nos autos do processo e devolverá o prazo para defesa.

Não apresentação de defesa prévia
§2º – Não comparecendo o acusado regularmente citado para apresentar defesa prévia, os fatos constantes do Libelo Acusatório serão reputados verdadeiros, salvo se o contrário resultar da convicção do Encarregado do Processo, com fundamento em outras provas do processo.

Defensor "*ad hoc*"
§3º – Para defender o acusado revel, caso seu defensor constituído não compareça, o Encarregado do Processo designará defensor "*ad hoc*", prosseguindo no feito.

Exame de sanidade mental

Art. 119 – Quando houver dúvida sobre a sanidade mental do acusado, o Encarregado do Processo proporá à autoridade competente que o acusado seja submetido a exame por junta militar de saúde, da qual participe pelo menos um médico psiquiatra, suspendendo-se os prazos processuais, mediante registro nos autos.

Incidente de sanidade mental
Parágrafo único – O laudo pericial expedido pela junta militar de saúde que atestar a insanidade mental do acusado será juntado aos autos, acarretando a suspensão do prazo para prescrição da ação disciplinar.

SEÇÃO VIII
Alegações Finais

Prazo para alegações finais

Art. 120 – Terminada a instrução, o Encarregado do Processo promoverá a intimação do acusado e de seu defensor para vistas ao processo, na repartição, e apresentação da defesa escrita, em alegações finais, no prazo de 03 (três) dias.

- *Nova redação dada pelo art. 2º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

SEÇÃO IX
Relatório/Julgamento

Relatório/julgamento

Art. 121 – Concluída a defesa, cabe ao Encarregado do Processo elaborar relatório circunstanciado de tudo o que foi apurado nos autos, emitindo julgamento sobre a culpabilidade do acusado, encaminhando-os, a seguir, à autoridade delegante, para a decisão sobre a aplicação de sanção ou encaminhamento à autoridade superior competente.

Intimação do acusado e do defensor
Parágrafo único – O Encarregado do Processo deverá intimar o acusado e seu defensor a tomarem conhecimento do Relatório do Processo, juntando comprovação aos autos, antes de sua remessa à autoridade delegante.

Requisitos do Relatório

Art. 122 – No relatório, o Encarregado do Processo mencionará as diligências feitas, as pessoas ouvidas e os resultados obtidos, com indicação do dia, hora e lugar onde ocorreu a transgressão disciplinar, concluindo sobre a culpa do acusado, sendo vedado sugerir a punição a ser aplicada, a fim de não induzir a decisão da autoridade competente para solucionar o processo.

SEÇÃO X
Solução

Competência para a solução

Art. 123 – O processo será solucionado, em princípio, pela autoridade que delegou a competência processual.

Diferentes autoridades hierárquicas
§1º – Havendo mais de um acusado, subordinados a diferentes autoridades hierárquicas, a solução caberá à autoridade de menor nível hierárquico, com ascendência funcional sobre todos.

Licenciamento a bem da disciplina
§2º – Sendo o licenciamento a bem da disciplina a sanção a ser aplicada, a solução caberá às autoridades a que se refere o art. 20, deste Regulamento.

Conselho de Disciplina ou de Justificação
§3º – Caso autoridade a quem for encaminhado o processo para solução entenda ser caso de instauração de Conselho de Justificação ou de Disciplina, encaminhará os autos ao Comandante-Geral que, concordando, determinará a instauração do Conselho, ou, discordando, devolverá os autos à autoridade competente para solucioná-lo.

Reconhecimento de responsabilidade

Art. 124 – Reconhecida a responsabilidade do militar estadual, a autoridade competente solucionará o processo, indicando o dispositivo legal transgredido, bem como as circunstâncias agravantes e atenuantes.

Reconhecimento de causa de justificação
Parágrafo único – Reconhecida qualquer causa de justificação a autoridade competente solucionará o processo, inocentando o acusado.

Prazo para solução

Art. 125 – No prazo de 15 (quinze) dias, contados do recebimento do processo administrativo disciplinar concluso, a autoridade competente deverá solucioná-lo, proferindo a sua decisão.

Solução diferente da apresentada na conclusão

Art. 126 – A autoridade competente poderá dar ao processo solução diferente da apresentada na conclusão do Encarregado do Processo, desde que motivada e fundamentada nas provas dos autos.

Relatório contrário às provas dos autos
§1º – Quando o relatório do Encarregado do Processo contrariar as provas dos autos, a autoridade competente poderá responsabilizar ou isentar o militar da responsabilidade.

Motivação da decisão
§2º – Em qualquer hipótese, concordando ou discordando da conclusão do Encarregado do Processo, as decisões da autoridade competente serão motivadas e fundamentadas, sob pena de nulidade.

Vício insanável

Art. 127 – Verificada a existência de ilegalidade, a autoridade competente deverá declarar a nulidade total ou parcial do processo.

Nulidade total
§1° – Na hipótese de nulidade total, a autoridade determinará a instauração de um novo processo, designando outro Encarregado.

Nulidade Parcial
§2º – Na hipótese de nulidade parcial, a autoridade competente determinará ao Encarregado do Processo o desentranhamento dos atos nulos e a sua repetição dentro dos princípios da legalidade, aproveitando-se as peças que não contenham vício.

Solução fora do prazo
§3° – A solução fora do prazo legal não implica em nulidade do processo, mas importa em responsabilidade da autoridade, salvo motivo de força maior, plenamente justificado.

CAPÍTULO VI
Processo Administrativo Disciplinar de Rito Sumário

Rito sumário

Art. 128 – As transgressões disciplinares, a princípio, serão apuradas em processo administrativo disciplinar de rito sumário, tendo como Encarregado militar estadual mais antigo que o acusado, assegurando-se, contudo, ao acusado, o contraditório e a ampla defesa.

Fases

Art. 129 – O processo administrativo disciplinar com rito sumário, terá prazo de até 08 (oito) dias, prorrogável, se necessário, por até 05 (cinco) dias, desenvolvendo-se nas seguintes fases:

- *Nova redação da pelo art. 4º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*

I – instauração;
II – defesa prévia, no prazo de 02 (dois) dias;

- *Nova redação da pelo art. 3º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*

III – investigação sumária, se necessária;
IV – defesa do acusado, se for o caso, no prazo de 02 (dois) dias;

- *Nova redação da pelo art. 3º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*

V – relatório/julgamento.

Roteiro
§1º – O roteiro do processo disciplinar com rito sumário é o constante do Anexo II.

Instauração
§2º – A instauração do processo administrativo disciplinar com rito sumário poderá ser feita por despacho da autoridade delegante à autoridade delegada, que atuará diretamente sem auxílio de secretário.

Libelo Acusatório
§3º – O Encarregado do Processo expedirá o Libelo Acusatório, citando o acusado para apresentar sua defesa prévia, no prazo de 02 (dois) dias.

- *Nova redação da pelo art.34º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*

Dispensa de fases/investigação sumária
§4º – Apresentada a defesa prévia, que poderá ser feita pelo próprio acusado, o Encarregado do Processo:
I – entendendo-a suficiente, produzirá o relatório dos autos, dispensando as demais fases, e o encaminhará à autoridade delegante, para solução; ou
II – fará investigações, de forma sumária, para melhor elucidação dos fatos.

Não obrigatoriedade de defensor
§5º – No processo administrativo disciplinar de rito sumário não é obrigatória a presença de defensor.

Defesa do acusado
§6º – No caso do inciso II do parágrafo anterior, após as investigações sumárias, o acusado deverá ser notificado do seu resultado, com prazo de 02 (dois) dias para apresentação de razões de defesa, após o que o Encarregado do Processo produzirá o relatório dos autos e o encaminhará à autoridade delegante, para solução.

- *Nova redação dada pelo art. 3º do Decreto nº 634-R, de 02.04.01*

Intimação do acusado
§7º – O Encarregado do Processo deverá intimar o acusado a tomar conhecimento do Relatório do Processo, juntando comprovação aos autos, antes de sua remessa à autoridade delegante.

Aplicação subsidiária de normas ao rito ordinário

Art. 130 – Aplicam-se subsidiariamente ao processo disciplinar com rito sumário as disposições compatíveis previstas para o processo disciplinar com rito ordinário.

CAPÍTULO VII
Disposições Finais

Validade dos atos processuais

Art. 131 – Os atos processuais serão válidos sempre que preencherem as finalidades para as quais forem realizados, desde que não contenham vícios insanáveis.

Nulidade sem prejuízo
§1º – Não será pronunciada qualquer nulidade sem que tenha havido prejuízo para a defesa.

Atos processuais em outras localidades
§2º – A prática de atos processuais em outros municípios ou circunscrições poderá ser solicitada por qualquer meio idôneo de comunicação.

Transporte e diárias
Art. 132 – A concessão de transporte e diárias por motivo de realização de processo disciplinar será feita de acordo com as normas em vigor no Estado e na Corporação.

PARTE ESPECIAL

TÍTULO ÚNICO
Transgressões Disciplinares

CAPÍTULO I
Transgressões Relacionadas às Regras Gerais de Conduta Social e Ética

Art. 133 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras gerais de conduta social e ética, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:

I – gravíssimas:
a) fazer diretamente, ou por intermédio de outrem, transações pecuniárias envolvendo assunto de serviço, bens da Administração Pública ou material proibido;
b) ser conivente, por ação ou omissão, com autoridade militar, policial ou civil que praticar atos ilegais ou de corrupção;
c) empregar subordinado ou servidor civil, ou desviar qualquer meio material ou financeiro sob sua responsabilidade ou não, para a execução de atividades diversas daquelas para as quais foram destinadas, em proveito próprio ou de outrem;
d) fazer diretamente ou por intermédio de outrem, agiotagem ou transação pecuniária envolvendo assunto de serviço, bens da administração pública ou material cuja comercialização seja proibida;
e) provocar desfalques;
f) dar, receber ou pedir gratificação ou presente com a finalidade de retardar, apressar ou obter solução favorável em qualquer ato de serviço;
g) procurar a parte interessada no caso de furto, roubo, objeto achado ou qualquer outro tipo de ocorrência, mantendo com ela entendimento para obtenção de vantagem indevida;
h) ameaçar, induzir, ou instigar alguém a que preste declarações falsas em procedimento administrativo, civil ou penal;
i) receber ou permitir que seu subordinado receba, em razão da função pública, qualquer objeto ou valor, mesmo quando oferecido pelo proprietário ou responsável;
j) manter relações de amizade com pessoas de comprovada má reputação ou de conduta social reprovável ou irregular, ou apresentar-se publicamente com elas, salvo por motivo de serviço;
l) promover escândalo ou nele envolver-se, comprometendo o prestígio da Corporação;
m) manter relacionamento íntimo não recomendável ou socialmente reprovável, com superiores, pares, subordinados ou civis, trazendo prejuízos à disciplina e à hierarquia, à imagem ou à administração da Corporação;
n) praticar violência ou qualquer outro ato que denigra a imagem da Corporação;
o) exigir vantagem material ou pecuniária para proveito próprio ou de outrem, ou a prática de ações em seu favor ou de terceiros, em troca da prestação de serviço ou da omissão do cumprimento de obrigações legais.
II – graves:
a) faltar à verdade, exceto na condição de acusado nos inquéritos e processos penais;
b) utilizar-se do anonimato;
c) assumir compromisso pela Corporação ou pela OME em que serve, sem estar autorizado;
d) freqüentar, uniformizado, lugares incompatíveis com o decoro;
e) espalhar boatos ou notícias tendenciosas, em prejuízo da boa ordem civil ou militar, ou do nome da Corporação;
f) manter em seu poder, indevidamente, bens de particulares ou da Fazenda Pública;
g) envolver, indevidamente, o nome de outrem para esquivar-se de responsabilidades;
h) aceitar, ainda que por empréstimo, dinheiro ou quaisquer valores de pessoa que trate de interesse ou que os tenha na repartição onde o militar exerce sua atividade, ou esteja sujeita à sua fiscalização;
i) fazer uso do posto ou da graduação para obter facilidades ou satisfazer interesses pessoais, de qualquer natureza, ou para encaminhar negócios ou resolver problemas particulares seus ou de terceiros;
j) desrespeitar regras de trânsito, de tráfego aéreo ou de navegação marítima, lacustre ou fluvial, em área sob administração militar ou com viatura, aeronave ou embarcação militar;
l) autorizar, promover ou executar manobras perigosas com viaturas aeronaves, embarcações ou animais, mesmo que a título de exibição ou instrução, fora das áreas para tal estabelecidas, ou sem autorização da autoridade competente;
m) andar a cavalo, a trote ou galope, sem necessidade, pelas ruas da cidade ou castigar inutilmente a montada;
n) portar-se de modo inconveniente e sem compostura, faltando aos preceitos da boa educação e moral;
o) dirigir, quando uniformizado e de serviço, gracejos a alguém;
p) demonstrar intimidade com outrem, mediante atos ou gestos comprometedores, estando uniformizado e de serviço;
q) ter conduta incompatível com os princípios da hierarquia, ética e valores militares;
III – médias:
a) representar a OME e mesmo a Corporação, em qualquer ato, sem estar devidamente autorizado;
b) tratar, o militar inativo, quando convocado para o serviço ativo, nas repartições públicas, civis ou militares, de interesses de indústria ou comércio a que esteja ou não associado;
c) não atender à obrigação de alimentar a família;
d) desrespeitar medidas gerais de ordem policial, administrativa ou judicial;
e) dirigir, quando uniformizado e de folga, gracejos a alguém;
f) demonstrar intimidade com outrem, mediante atos ou gestos comprometedores, estando uniformizado e de folga;
IV – leves:
a) freqüentar lugares incompatíveis com o decoro;
b) desrespeitar em público as convenções sociais;
c) fumar em lugar ou ocasião onde isso seja vedado;
d) desrespeitar regras de trânsito, de tráfego aéreo ou de navegação marítima, lacustre ou fluvial, em via pública, com veículo particular;
e) deixar de portar ou ter ao seu alcance, em qualquer situação, o seu documento de identidade militar, estando ou não uniformizado; ou de exibi-lo quando solicitado;
f) contrair dívida ou assumir compromisso superior às suas possibilidades, deixando de saudá-los, expondo assim o nome da Corporação;
g) esquivar-se de satisfazer compromisso de ordem pecuniária que houver assumido.
h) não atender a advertência de superior a fim de satisfazer débito já reclamado.

CAPÍTULO II
Transgressões Relacionadas ao Cumprimento do Dever Funcional

Art. 134 – As transgressões disciplinares relacionadas ao cumprimento do dever funcional, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssimas:
a) investir-se de atribuições, missões, cargos, encargos ou funções para as quais não tenha competência ou não tenha sido autorizado, causando danos a terceiros ou ao patrimônio público;
b) evadir-se ou tentar evadir-se de escolta, bem como resistir a ela;
c) dar, por escrito ou verbalmente, ordem ilegal ou claramente inexeqüível, que possa acarretar ao subordinado responsabilidade, ainda que não chegue a ser cumprida.
II – graves:
a) retardar ou prejudicar medidas ou ações de ordem judicial ou policial de que esteja investido ou que deva promover;
b) retardar ou prejudicar o serviço de polícia judiciária militar que deva promover ou em que esteja investido
c) não cumprir ordem legal recebida;
d) simular doença ou fato impeditivo para esquivar-se ao cumprimento de qualquer dever;
e) esquivar-se de providenciar a respeito de ocorrência no âmbito de sua atribuição, salvo o caso de suspeição ou impedimento declarado a tempo pelo meio próprio;
f) investir-se de atribuições, missões, cargos, encargos ou funções para as quais não tenha competência ou não tenha sido autorizado;
g) confiar a pessoas estranhas à Corporação, fora dos casos previstos em lei, o desempenho de cargo, encargo ou função que lhe competir, ou a seus subordinados;
h) deixar de punir o transgressor da disciplina;
i) efetuar desconto em vencimento sem estar autorizado por autoridade competente, ou determiná-lo fora dos casos legalmente previstos;
j) deixar de providenciar a tempo, na esfera de suas atribuições, para que não se venha a verificar desfalques e alcance pecuniário por parte de detentores de dinheiro ou valores pertencentes à Fazenda Pública ou terceiros;
l) deixar de assumir a responsabilidade de seus atos ou dos praticados por subordinados que agirem em cumprimento de sua ordem;
m) deixar de acatar ordem legal de militar de serviço.
III – médias:
a) deixar de cumprir ou fazer cumprir normas regulamentares na esfera de suas atribuições;
b) deixar de informar processo que lhe for encaminhado, exceto nos casos de suspeição ou impedimento ou absoluta falta de elementos, hipótese em que estas circunstâncias serão fundamentadas;
c) retardar a execução de qualquer ordem;
d) aconselhar ou concorrer para não ser cumprida qualquer ordem de autoridade competente, ou para retardar a sua execução;
e) alegar, sem fundamento clínico, impossibilidade de trabalhar;
f) deixar ou negar-se a receber equipamento ou material que lhe seja destinado ou deva ficar em seu poder ou sob sua responsabilidade;

g) invocar circunstâncias de matrimônio, de encargo de família ou de crença religiosa, para eximir-se de obrigações funcionais;
h) não ter o devido zelo pelo preparo próprio ou pelo de seus comandados, instruendos ou educandos;
i) não levar falta ou irregularidade que presenciar, ou de que tiver ciência e não lhe couber reprimir, ao conhecimento de autoridade competente, no prazo legal;
j) fazer uso ou autorizar o uso de veículos oficiais para fins não previstos nas normas legais;
l) deixar de fiscalizar o subordinado que apresentar sinais exteriores de riqueza incompatíveis com a remuneração do cargo;
m) recusar-se a exibir à sentinela ou ao superior hierárquico, quando por ele solicitado, objeto ou volume, ao entrar ou sair de qualquer OME;
n) conduzir veículo, pilotar aeronave ou embarcação oficial, sem autorização do órgão competente;
o) praticar, quando em gozo de licença ou dispensa por problemas de saúde, atividade incompatível com o quadro clínico apresentado;
p) deixar de prestar auxílio, quando necessário ou solicitado, para atuação policial ou de socorro, mesmo estando de folga;
q) deixar de adotar a tempo, na esfera de suas atribuições, por negligência ou incúria, medidas contra qualquer irregularidade da qual venha a tomar conhecimento;
r) utilizar ou autorizar a utilização de subordinados para serviços não previstos em regulamento, salvo com permissão da autoridade competente.
IV – leves:
a) deixar de comunicar ao superior a execução de ordem recebida;
b) deixar de comunicar ao órgão competente de sua OME, o seu endereço domiciliar, ou de atualizá-lo, em caso de mudança;
c) conversar com a sentinela, em seu posto, salvo sobre objeto de serviço.

CAPÍTULO III
Transgressões Relacionadas à Pontualidade e ao Cumprimento de Prazos nas Apresentações e Permanências

Art. 135 – As transgressões disciplinares relacionadas à pontualidade e ao cumprimento de prazos nas apresentações e permanências, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssima: passar a situação de ausente;
II – graves:
a) faltar a qualquer ato de serviço.
b) deixar de recolher-se imediatamente à OME, quando souber que é procurado para o serviço ou por motivo de estado de prontidão;
c) não se apresentar ao fim de qualquer afastamento do serviço ou, ainda, logo que souber que ele foi interrompido ou cassado;
d) abandonar local de serviço.
III – médias:
a) afastar-se de qualquer lugar em que deva estar por força de disposição legal, ordem ou serviço;
b) deixar de se apresentar, no prazo determinado, à OME para a qual tenha sido transferido ou classificado e às autoridades competentes, nos casos de comissão ou serviço extraordinário para os quais tenha sido designado;
c) deixar de comunicar, no prazo legal, ao superior imediato, ocorrência no âmbito de suas atribuições quando se julgar suspeito ou impedido de providenciar a respeito;
d) deixar de comunicar, no prazo legal, ao superior imediato ou na ausência deste, a qualquer autoridade superior, toda informação que tiver sobre iminente perturbação da ordem pública ou grave alteração do serviço;
e) deixar de analisar ou encaminhar à autoridade competente, na linha de subordinação, no prazo legal, recurso ou documento que receber, desde que elaborado de acordo com os preceitos regulamentares, se não estiver na sua alçada dar solução;
f) deixar de participar a tempo, à autoridade imediatamente superior, impossibilidade de comparecer à OME, ou a qualquer ato de serviço;
g) chegar atrasado a qualquer ato de serviço em que deva tomar parte ou assistir.

CAPÍTULO IV
Transgressões Relacionadas às Regras de Boa Prestação de Serviço

Art. 136 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de boa prestação de serviço, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssimas:
a) deixar que presos conservem em seu poder armas ou instrumentos que possam ser utilizados como arma, bem como tóxicos ou entorpecentes;
b) agredir física ou psicologicamente preso sob sua guarda ou permitir que outros o façam.
II – graves:
a) retardar a execução do serviço a que deva promover ou que lhe esteja afeto;
b) trabalhar mal, intencionalmente, em qualquer serviço ou instrução;
c) conversar ou entender-se com preso de forma velada ou deixar que alguém o faça, sem para isso estar autorizado por sua função ou por autoridade competente;
d) deixar que presos conservem em seu poder instrumentos ou objetos não permitidos;
e) prestar informações a superior induzindo-o a erro, deliberada ou intencionalmente;
f) omitir, deliberadamente, em nota de ocorrência, relatório ou qualquer outro documento, dados indispensáveis ao esclarecimento de fatos;
g) liberar preso sem ordem da autoridade competente, ou dispensar parte de ocorrência sem competência legal para tanto;
h) não cumprir as normas legais no ato de efetuar prisão;
i) deixar de assumir, orientar ou auxiliar o atendimento de ocorrência, quando esta por sua natureza ou amplitude assim o exigir;
j) usar de força além da necessária no atendimento de ocorrência ou no ato de efetuar prisão;
l) deixar de providenciar para que seja garantida a integridade física das pessoas que prender ou deter;
m) reter o preso, a vítima, as testemunhas ou partes não definidas por mais tempo que o necessário para a solução do procedimento policial, administrativo ou penal;
n) desrespeitar os direitos constitucionais da pessoa no ato de sua prisão;
o) desrespeitar, desconsiderar ou ofender o cidadão por palavras, atos ou gestos, no atendimento de ocorrência policial ou em outras situações de serviço;
p) dormir em serviço de policiamento, vigilância ou segurança de pessoas ou instalações, salvo quando autorizado;
q) pagar a outrem para cumprir o serviço que lhe esteja afeto;
r) deixar de encaminhar material apreendido em ocorrência policial.
III – médias:
a) permutar serviço mediante paga;
b) trabalhar mal, mesmo que por falta de atenção, em qualquer serviço ou instrução;
c) disparar alarme sem motivo justificável.;
d) conversar, sentar-se ou fumar, onde isso não seja permitido, a sentinela da hora ou plantão da hora, ou ainda consentir na formação ou permanência de grupo ou de pessoas junto a seu posto de serviço;
e) violar ou deixar de preservar local de crime;
f) mostrar-se desatento e desinteressado, no serviço;
g) permitir a sentinela que desconhecidos, fardados ou não, penetrem na OME ou outro local que esteja guarnecendo, sem a necessária identificação;
h) interferir na administração de serviço ou na execução de ordem ou missão sem ter a devida competência para isso;
i) afastar-se, quando em atividade de polícia ou de bombeiro, qualquer que seja o meio de locomoção, da área em que deveria permanecer, ou não cumprir o roteiro predeterminado;
j) permitir que pessoa não autorizada adentre a prédio ou local interditado.
IV – leves:
a) causar ou contribuir para a ocorrência de acidente de serviço ou instrução;
b) permutar serviço sem permissão de autoridade competente.

CAPÍTULO V
Transgressões Relacionadas aos Símbolos, Uniformes, Insígnias, Distintivos, Medalhas, Toques e Apresentação Pessoal

Art. 137 – As transgressões disciplinares relacionadas aos símbolos, uniformes, insígnias, distintivos, medalhas, toques e apresentação pessoal, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – grave: faltar com o respeito aos símbolos nacionais, estaduais, municipais ou que representem a Corporação e/ou sua OME;
II – médias:
a) apresentar-se, em qualquer situação, sem uniforme, mal uniformizado, com uniforme alterado, desabotoado, faltando peças,

sem cobertura, sujo, desalinhado ou diferente do previsto, contrariando ordem ou norma em vigor;
b) içar ou arriar bandeira ou insígnia, sem ordem para tal;
c) ter pouco cuidado com o asseio próprio, quando uniformizado;
d) recusar ou devolver insígnia, medalha ou condecoração que lhe tenha sido outorgada;
e) comparecer, uniformizado, em manifestações ou reuniões de caráter político partidário, salvo se por motivo de serviço;
III – leves:
a) deixar o superior de determinar a saída imediata, de solenidade militar ou civil, de subordinado que a ela compareça em uniforme diferente do marcado;
b) sobrepor ao uniforme insígnia ou medalha não regulamentar, bem como, indevidamente, distintivo ou condecoração;
c) transitar com uniforme inadequado contrariando normas a respeito;
d) usar o uniforme, quando de folga, se isso contrariar norma, regulamento ou ordem de autoridade competente;
e) apresentação pessoal fora dos padrões estabelecidos pela Corporação;
f) usar, o militar estadual em inatividade, uniforme fora dos casos previstos em leis ou regulamentos;
g) dar toques militares ou fazer sinais regulamentares sem permissão;
h) usar, em serviço, armamento ou equipamento que não seja regulamentar, salvo em caso de ordem ou autorização escrita do Comandante da Unidade ou chefe direto.

CAPÍTULO VI
Transgressões Relacionadas às Regras de Zelo com Documentos, Materiais e Animais

Art. 138 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de zelo com documentos, materiais e animais, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssima: não ter o devido zelo, danificar, extraviar ou inutilizar, dolosamente, documento, armamento ou outros bens ou animais pertencentes ao patrimônio público ou particular, que estejam ou não sob sua responsabilidade;
II – graves:
a) não ter o devido zelo, danificar, extraviar ou inutilizar, por ação ou omissão, documentos, armamento e outros bens ou animais pertencentes ao patrimônio público ou particular, que estejam ou não sob sua responsabilidade;
b) apresentar documentos em termos desrespeitosos ou com argumentos falsos ou de má-fé;
c) rasurar livros de ocorrências, fichas disciplinares, folhas de alterações, folhas de conceitos ou outros documentos, bem como lançar quaisquer outras matérias estranhas às finalidades destes documentos;
d) não ter o devido zelo na apresentação ou elaboração de documentos para os quais tenha sido designado, tais como: Processos Administrativos Disciplinares, Inquéritos Policiais Militares, relatórios, trabalhos individuais ou em comissão e outros congêneres;
e) subtrair, extraviar, danificar ou inutilizar documentos de interesse da administração pública ou de terceiros;
f) maltratar ou não ter o devido cuidado no trato com animais da corporação, bem como outros animais, em decorrência de ato de serviço.
III – leves:
a) extraviar a Carteira de Identidade;
b) apresentar ou encaminhar documentos sem seguir as normas e preceitos regulamentares.

CAPÍTULO VII
Transgressões Relacionadas às Regras de Entrada, Permanência, Saída e Comportamento em Organização Militar

Art. 139 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de entrada, permanência, saída e comportamento em Organização Militar, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssima: retirar ou tentar retirar de qualquer lugar sob administração militar, armamento, material, viatura ou animal, ou mesmo deles servir-se, sem ordem do responsável ou proprietário;
II – graves:
a) abrir ou tentar abrir qualquer dependência da OME fora das horas de expediente, desde que não seja o respectivo chefe ou sem sua ordem escrita com a expressa declaração de motivo, salvo situações de emergência;
b) promover ou tomar parte em jogos proibidos, ou jogar a dinheiro os permitidos, em área militar ou sob a administração militar;
c) adentrar, sem permissão ou ordem, em área sob a administração militar cuja entrada lhe seja vedada;
d) realizar exercícios profissionais, que envolvam risco a integridade física de seus executantes, sem as devidas cautelas;
e) transportar em viatura ou equivalente, pessoal ou material sem autorização de autoridade competente;
f) servir-se sem autorização ou ordem superior de objetos que não estejam sob a sua responsabilidade ou pertençam a outrem;
III – leves:
a) permanecer em dependência de Organização Militar, desde que seja estranho ao serviço, sem permissão de autoridade competente;
b) conversar ou fazer ruídos em ocasiões, lugares ou horas impróprias;
c) adentrar o militar estadual sem permissão ou ordem, em lugar onde a entrada seja vedada;
d) entrar ou sair de Organização Militar com tropa armada, sem prévio conhecimento ou ordem da autoridade competente;
e) deixar o Oficial ou Aspirante a Oficial, ao entrar em Organização Militar onde não sirva, de dar ciência da sua presença ao Oficial de Dia, e, em seguida, de procurar o Comandante da mesma ou o seu substituto legal, para cumprimentá-lo;
f) deixar a Praça, ao entrar em Organização Militar onde não sirva, de apresentar-se ao Oficial de Dia ou ao seu substituto legal;
g) deixar o Comandante da Guarda ou agente de segurança correspondente, de cumprir as prescrições regulamentares com respeito à entrada ou permanência na OME de civis ou militares estranhos à mesma;
h) permanecer, em trajes civis, desuniformizado, ou deitado, no interior de aquartelamento, em horário de expediente, sem estar para isso autorizado;
i) entrar na OME ou dela sair em trajes civis ou por lugares que não sejam para isso destinados, salvo os oficiais e os devidamente autorizados;
j) penetrar ou tentar penetrar em alojamento de outra unidade ou subunidade depois da revista do recolher ou término do expediente, sem licença do respectivo comandante, salvo por motivo de serviço.

CAPÍTULO VIII
Transgressões Relacionadas às Regras de Uso e/ou Porte de Arma

Art. 140 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de uso e/ou porte de arma, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – graves:
a) disparar arma por imprudência, negligência ou imperícia;
b) não ter os devidos cuidados com arma que estiver sob sua responsabilidade, deixando que terceiros possam utilizá-la;
c) portar ou possuir arma em desacordo com as normas vigentes.
II – leves:
a) portar arma da Corporação sem estar de serviço ou sem autorização;
b) deixar de devolver ao setor responsável da OME, armamento, equipamento ou outro material, ao término do serviço.

CAPÍTULO IX
Transgressões Relacionadas às Regras Sobre Discussões, Manifestações, Divulgações e Publicações de Matérias

Art. 141 – As transgressões relacionadas às regras sobre discussões, manifestações, divulgações e publicações de matérias, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssimas:
a) aceitar manifestação coletiva de seus subordinados, exceto nas demonstrações de boa e sã camaradagem;
b) publicar ou contribuir para que sejam publicados fatos, documentos ou assuntos militares que possam concorrer para o desprestígio da Corporação ou firam a disciplina ou a segurança;
c) autorizar, promover ou tomar parte em qualquer manifestação coletiva, de caráter reivindicatório, de crítica ou de apoio a ato de superior, exceto nas demonstrações de boa e sã camaradagem.
II – graves:
a) participar, quando fardado, de manifestações de cunho político, salvo quando reconhecidamente em ato de serviço;
b) autorizar, promover ou assinar petições coletivas dirigidas a qualquer autoridade militar ou civil, que possa gerar comprometimento à Corporação ou à segurança pública.
c) dirigir memoriais ou petições, a qualquer autoridade, sobre assuntos da alçada do Comando Geral da Corporação, salvo em grau de recurso;
d) ter em seu poder, introduzir ou distribuir, em área militar ou sob a administração militar, publicações, estampas ou jornais que atentem contra a disciplina ou a moral;

e) publicar ou contribuir para que sejam publicados, por qualquer meio, fatos, documentos ou assuntos técnicos militares, sem autorização para tal;
f) publicar, sem permissão ou ordem da autoridade competente, documentos oficiais, ainda que não sigilosos, ou fornecer dados para sua publicação;
g) fazer o militar inativo uso das designações hierárquicas quando em atividades político-partidárias, comerciais ou industriais, para discutir ou provocar discussão pela imprensa, a respeito de assuntos de segurança pública, excetuando-se os de natureza exclusivamente técnica e no exercício de função de natureza não militar, mesmo em órgãos oficiais.
III – médias:
a) manifestar-se publicamente a respeito de assuntos políticos, sem autorização e em prejuízo da Corporação;
b) ser indiscreto em relação a assuntos de caráter oficial cuja divulgação possa ser prejudicial à disciplina ou à boa ordem do serviço;
c) dar conhecimento de fatos, ocorrências, documentos ou assuntos militares estaduais a quem não deva ter conhecimento e não tenha atribuições para neles intervir;
d) discutir ou provocar discussões, por qualquer veículo de comunicação, sobre assuntos de segurança pública, excetuando-se os de natureza exclusivamente técnica, quando devidamente autorizados;
IV – leve: promover ou tomar parte, em área militar ou sob a administração militar, em discussões a respeito de política ou religião, desde que em prejuízo à Corporação ou ao serviço, respeitadas as situações que dependam de autorização.

CAPÍTULO X
Transgressões Relacionadas às Regras de Respeito a Superior, Igual ou Subordinado e Civis

Art. 142 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de respeito a superior, igual ou subordinado e civis, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssimas:
a) desrespeitar superior hierárquico;
b) ofender, provocar ou desafiar superior, igual ou subordinado;
c) travar discussão, rixa ou luta corporal com seu superior, igual ou subordinado;
II – graves:
a) desrespeitar militar de mesmo posto ou graduação ou de posto ou graduação inferior;
b) dirigir-se, referir-se ou responder de maneira desatenciosa a superior;
c) censurar ato de superior ou procurar desconsiderá-lo;
d) procurar desacreditar seu igual ou subordinado;
e) concorrer para a discórdia ou desarmonia ou cultivar inimizade entre companheiros;
f) induzir outrem à pratica de transgressão disciplinar;
g) desconsiderar ou desrespeitar autoridade civil;
h) desrespeitar qualquer dos membros dos poderes constituídos, bem como criticar, em público ou pela imprensa, seus atos ou decisões;
III – média: Dificultar ao subordinado a apresentação de recursos.
IV – leves:
a) deixar deliberadamente de corresponder a cumprimento de subordinado;
b) negar ao subordinado, sem motivo justificável, licença para se dirigir a autoridade superior, a fim de tratar de assuntos de seu interesse;
c) não se apresentar a superior hierárquico ou retirar-se de sua presença, sem obediência às normas regulamentares;
d) deixar o subordinado, quer uniformizado, quer em traje civil, de cumprimentar superior, uniformizado ou não, neste caso desde que o conheça, ou prestar-lhe as homenagens e sinais regulamentares de consideração e respeito;
e) deixar o militar estadual, presente a solenidades internas ou externas onde se encontrar superior hierárquico, de saudá-lo de acordo com as normas regulamentares;
f) deixar o militar estadual, no início do expediente, de apresentar-se ao seu Comandante ou Chefe imediato, para cumprimentá-lo, salvo ordem ou instrução a respeito;
g) não cumprir as normas de apresentação, procedimentos, formas de tratamento e precedência, previstos nos regulamentos militares;
h) dirigir-se a superior, quando no quartel ou em serviço, tratando-o ou a ele se referindo, sem designar o grau hierárquico;
i) dirigir-se ao Comandante da OME onde serve, sem autorização do Comandante ou Chefe imediato sob cujas ordens servir;
j) deixar o Comandante de OME ou seu substituto imediato, de dirigir-se a superior hierárquico que adentrar na respectiva OME, quando disso tiver ciência;
l) dirigir-se ao Comandante Geral, Subcomandante, Chefe do Estado Maior Geral, Comandantes Intermediários ou Diretores, sem autorização do seu Comandante, Diretor ou Chefe;
m) recorrer a órgãos, pessoas ou instituições, exceto ao Poder Judiciário, para resolver assuntos de interesse pessoal relacionados com a Corporação;
n) recorrer ao Poder Judiciário sem prévia comunicação ao Comandante Geral;
o) deixar, quando estiver sentado, de oferecer seu lugar a superior, em locais sob a administração militar ou no interior de viaturas militares.

CAPÍTULO XI
Transgressões Relacionadas às Regras Sobre Circulação e Uso de Produtos Tóxicos ou entorpecentes, Explosivos, Inflamáveis e Bebidas Alcoólicas

Art. 143 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras sobre circulação e uso de produtos tóxicos ou entorpecentes, explosivos, inflamáveis e bebidas alcoólicas, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – gravíssimas:
a) ter em seu poder ou introduzir, em área militar ou sob a administração militar, material inflamável ou explosivo, tóxicos ou entorpecentes, ou bebida alcoólica, sem estar devidamente autorizado ou mediante prescrição de autoridade competente;
b) introduzir bebida alcoólica em qualquer local sob administração militar ou em presídios ou hospitais;
c) fazer uso, estar sob ação ou induzir outrem ao uso de tóxicos, entorpecentes ou qualquer outro produto alucinógeno, salvo prescrição médica.;
d) fazer uso de bebidas alcoólicas em local sob administração militar, ou comparecer a qualquer ato de serviço apresentando sintoma de embriaguez, embriagar-se ou induzir outrem à embriaguez durante o serviço.
II – graves:
a) em público, induzir ou concorrer para que alguém se embriague;
b) embriagar-se ou apresentar-se em estado de embriaguez em público, independente de constatação médica, desde que visível o estado.

CAPÍTULO XII
Transgressões Relacionadas às Regras de Exclusividade do Serviço Militar

Art. 144 – As transgressões disciplinares relacionadas às regras de exclusividade do serviço militar, de acordo com a classificação abaixo, são as seguintes:
I – graves:
a) freqüentar ou fazer parte de sindicatos, associações profissionais com caráter de sindicato, ou de associações cujos estatutos não estejam em conformidade com a lei;
b) exercer função ou emprego remunerado não autorizado pela legislação.
II – médias:
a) exercer, o militar estadual da ativa, atividade de segurança particular ou comercial ou tomar parte na administração ou gerência de sociedade com fins lucrativos ou nela ser sócio, exceto como acionista ou cotista;
b) enquanto em serviço ativo, filiar-se ou permanecer filiado a partido político;
c) exercer outras atividades laborativas, remuneradas, estando dispensado ou licenciado para tratamento de saúde própria ou de pessoa da família.

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS
Prescrição

Art.145 – A ação disciplinar prescreverá em 02 (dois) anos.

Início do prazo prescricional
§1º – O prazo de prescrição começa a correr da data da ocorrência do fato ou da prática do ato.

Interrupção da prescrição
§2º – A abertura de sindicância ou a instauração de processo disciplinar interrompe a prescrição, até a decisão final proferida por autoridade competente.

Reinício do prazo prescricional

§3º – Interrompido o curso da prescrição, o prazo começará a correr a partir do dia em que cessar a interrupção.

Cômputo dos prazos

Art. 146 – Os prazos previstos neste Regulamento serão computados excluindo o dia do começo e incluindo o do vencimento.

Início e término dos prazos
§1º – Todo prazo terá seu inicio ou seu término nos dias úteis.

Prorrogação de prazo
§2º – Os prazos serão encerrados no último minuto do expediente do dia de seu término, sendo que se por qualquer motivo o expediente acabar antes do horário normal, será prorrogado até o término do expediente do primeiro dia útil subseqüente, independentemente de sua conclusão antes do horário normal.

Prazos não definidos
§3º – Os prazos, quando não expressamente definidos neste Regulamento, serão de 05 (cinco) dias.

Prazos de recurso
§4º – Os prazos para recorrer de sanções disciplinares, obedecidas as normas prescritas neste Regulamento, são contínuos e peremptórios.

Legislação subsidiária

Art. 147 – A este Regulamento, aplicam-se, subsidiariamente, as disposições do Código de Processo Penal Militar.

Instruções complementares

Art. 148 – Os Comandantes Gerais da PMES e do CBMES poderão baixar Instruções Complementares necessárias à interpretação, orientação e aplicação deste Regulamento Disciplinar, nas respectivas Corporações.

Vigência

Art. 149 – Este Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação, aplicando-se as suas normas inclusive aos processos pendentes, sem prejuízo da validade dos atos já realizados, bem como aos fatos ocorridos antes da sua publicação, cuja apuração ainda não tiver sido iniciada ou concluída.

Revogação

Art. 150 – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Regulamento Disciplinar aprovado pelo Decreto nº 1.315-N, de 11.06.1979.

ANEXO I ANEXO II AO DECRETO Nº 254-R, de 11.08.2000

ROTEIRO DO PROCESSO ADMINISTRATIVO DISCIPLINAR COM RITO ORDINÁRIO

FASES	**PROVIDÊNCIAS**
1. Instauração	1. Autuação da Portaria da autoridade delegante e documentação que a acompanha; 2. Elaboração da Portaria do Encarregado do Processo; 3. Confecção do libelo acusatório; 4. Citação do acusado, contendo cópia anexa do libelo acusatório, advertindo-o para apresentação de defesa prévia, por escrito, no prazo de dois dias. • *Nova redação da pelo art.3º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*
2. Defesa Prévia	1. Apresentação da defesa escrita, pelo acusado ou seu defensor.
3. Instrução	1. Tomada de depoimentos; 2. Interrogatório do acusado; 3. Realização de perícias e diligências se necessário; 4. Realização de acareações, se necessário; 5. Juntada de documentos.
4. Alegações finais • *Nova redação da pelo art. 3º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*	1. Intimação do acusado e/ou seu defensor para vistas ao processo e apresentação de defesa, por escrito, em alegações finais, no prazo de dois dias; 2. Recebimento e análise da defesa.
5. Relatório / Julgamento	1. Elaboração do Relatório do processo, com a conclusão do Encarregado do Processo sobre a culpabilidade do acusado; 2. Intimação do acusado e/ou seu defensor para ciência da decisão proferida; 3. Remessa dos autos à autoridade delegante.
Solução	1. Análise dos autos pela autoridade competente; 2. Decisão da autoridade competente; 3. Publicação da decisão em Boletim Interno;

ANEXO II AO DECRETO Nº 254-R, de 11.08.2000

ROTEIRO DO PROCESSO ADMINISTRATIVO DISCIPLINAR COM RITO SUMÁRIO

FASES	**PROVIDÊNCIAS**
1. Instauração	1. Autuação da documentação encaminhada pela autoridade delegante; 2. Citação do acusado, contendo cópia anexa do libelo acusatório, advertindo-o para apresentação de defesa prévia, por escrito, no prazo de três dias;
2. Defesa Prévia • *Nova redação da pelo art.2º do Decreto nº634-R, de 02.04.01*	1. Apresentação da defesa escrita, pelo acusado ou seu defensor.
3. Investigação Sumária (se necessária)	1. Tomada de depoimentos; 2. Interrogatório do acusado; 3. Realização de perícias e diligências, se necessário; 4. Realização de acareações, se necessário; 5. Juntada de documentos.
4. Defesa (se for o caso)	1. Intimação do acusado e/ou seu defensor para vistas ao processo e apresentação de defesa, por escrito, no prazo de três dias; 2. Recebimento e análise da defesa;
5. Relatório/Julgamento	1. Descrição circunstanciada do que foi apurado na investigação sumária, com a conclusão do Encarregado do Processo sobre a culpabilidade do acusado; 2. Intimação do acusado para tomar ciência da decisão proferida; 3. Remessa à autoridade delegante.
Solução	1. Análise dos autos pela autoridade competente; 2. Decisão da autoridade competente; 3. Publicação da decisão em Boletim;

DECRETO nº 284-R, de 23.08.00

Dispõe sobre afastamento de servidor público civil e militar do Poder Executivo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91 , inciso III, da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - Ficam suspensas até 31 de dezembro de 2000, autorizações para afstamento de servidor público e mililtar do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública Estadual, em virtude de:
I – participação em congressos e certames;
II – frequência de cursos de quaisquer natureza;
III – participação em competições desportivas.

Parágrafo único – Por excepcional necessidade da Administração Pública, o Governador do Estado poderá autorizar os afastamentos suspensos pelo "caput" deste artigo.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeiitos a 1º de julho de 2000.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 23 de agosto de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 24.08.2000)

7ª ZPI	7ª Cia/1º BPM 7º DP(9º DP)	Bairros, São Pedro I, São Pedro II, SãoPedro III, São PedroIV,Comdusa, Conquista, Floresta da Ilha, Ilha das Caieiras,NovaPalestina, Resistência, Redenção, Stº André, Santos Reis, São José
8ª ZPI	8ª Cia/1º BPM 8º DP(4º DP)	Bairros Goiabeiras, Jardim da Penha, Mata da Praia, Morada de Camburi, Morro Boa Vista, Bairro República, Antonio Honório, Sólon Borges, Maria Ortiz, Jabour

DECRETO Nº 298 –R, de 29.08.2000

Cria Zonas de Polciamento Integrado (ZPI), estabelece rotinas de trabalho entre as Polícias Civil e Militar do Estado do Espírito Santo e determina outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III da Cosntituição Estadual e;

Considerando que o artigo 144 da Constituição da República Federativa do Brasil estabelece que a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, no âmbito estadual, através das Polícias Civil e Militar;

Considerando que o Estado tem o dever de criar mecanismos para reduzir o crime, assim como a insegurança, pois ambos afetam a qualidade de vida das pessoas e prejudicam o desenvolvimento social e econômico da sociedade;

Considerando que o controle social mais intenso se faz necessário como medida a ser adotada para reprimir e incluir a prática do crime, principalmente contra a pessoa, cujas taxas de homicídio atingiram elevados índices;

Considerando que a Medida Provisória nº 2029, de 29 de Junho de 2000, que instituiu o Fundo Nacional de Segurança Pública – FNSP, em seu artigo 4º, § 2º, estabelece que o Consselho Gestor priorizará, dentre outros aspectos, o desenvolvimento de ações integradas das Polícias Civil e Militar;

Considerando o estabelecido pelo Decreto nº 4.541 – N de 30 de novembro de 1999,

DECRETA:

Artigo 1º - Criar as Zonas de Policiamento Integrado (ZPI) no município de Vitória, a saber:

IDENTIFICAÇÃO	UNIDADES PM/PC	CIRCUNSCRIÇAO
1ª ZPI	1ª Cia/1º BPM	Bairros Centro, Fonte Grande, Morro da Piedade, Morro do Moscoso, Parque Moscoso, Vila Rubim
2ª ZPI	2ªCia/1º BPM/ 2ºDP (10 ºDP)	Bairros Stº Antonio, Alagoano,Ariovaldo Favalessa, Bela Vista, Caratoira, Estrelinha, Grande Vitória, Inhanguetá, Mário Cipreste, Morro do Cabral, Morro do Quadro, Santa Tereza, Nossa Srª Aparecida, Universitário, Ilha do Príncipe
3ª ZPI	3ª Cia/1ºBPM 3º DP	Bairros Jucutuquara, Bento Ferreia, Bairro de Lourdes, Constantino, Consolação, Cruzamento, Forte de São João, Fradinhos, Gurigica, Horto, Ilha da Fumaça, Ilha de Stª Maria Jaburu, Monte Belo, Morro Rio Branco Morro São Benedito, Nazaré, Romão, Morro Jesus de Nazareth
4ª ZPI	4ª Cia/1º BPM 4º DP(11º DP)	Bairros Maruípe, Bairro da Penha, Bonfim, Engenharia, Eucalipto, Itararé, Joana D'Arc, Stª Cecília, Stª martha, Stºs Dumont, São Cristóvão, Tabuazeiro, Vila Maria, Andorinhas
5ª ZPI	5ª Cia/1º BPM 5º DP(1º DP)	Bairros Praia do Canto, Praia do Suá, Praia de Stª Helena, Stª Lúcia, Ilha do Boi, Ilha do Frade, Enseada do Suá, Barro Vermelho, Bomba, Stª Luiza, Morro São José
6ª ZPI	6ª Cia/1BPM 6º DP(4º DP)	Bairros Jardim Camburi, Pontal de Camburi, Tubarão

Art. 2º - Incumbir o Cel Comandante Geral da Polícia Militar e o Delegado Chefe da Polícia Civil para elaborar em conjunto e apresentar à SESP, propostas para criação das seguintes ZPI:

I – Nos demais municípios que integram a RMV, no prazo de 30 dias;

II – Nos municípios do interior do Estado no prazo de 60 dias;

Art. 3º - O Cel PM Comandante Geral da Polícia Militar e o Delegado- Chefe Policiais articulando-as em consonância com as ZPI criadas por da Polícia Civil deverão adequar as circunscrições das Unidades este Decreto e as serem criadas conforme o Artigo 2º.

Art. 4º - Estabelecer a retina de trabalho integrada entre as Polícias Civil e Militar para efeito do Projeto Zonas de Policiamento Integrado (ZPI), visando a permeabilização das onstituições policiais, o desenvolvimento de uma cultura de cooperação, a otimização dos recursos humanos e materiais, com as seguintes diretrizes:

I – intercâmbio permanente de informações e dados estatísticos;

II – planejamento conjunto das ações policiais;

III – envolvimento dos níveis diretivos e operacionais com as metas propostas;

IV – estabelecimento de metas e avaliação constante de resultados pela Secretaria de Estado de Segurança Pública.

Art.5º - Para a execução da rotina de trabalho integrado, elaboração dos diagnósticos e planejamento das ações serão realizadas reuniões periódicos com a paticipação obrigatória dos níveis operacionais, gerenciais e diretivos das Polícias Civil e Militar, obedecendo a seguinte estrutura básica:

a) Delegados Titulares de Distritos/Delegacias e Comandantes de Companhias ou Pelotões destacados da PM com seus respectivos subordinados;

b) Delegado Titular do Distrito/Delegacia com o Comandante da Companhia ou Pelotão da ZPI correspondente;

c) Delegados-Chefes de Departamentos de Polícia Judiciária e Comandantes de Batalhões ou Compnahias Independentes com os

Delegados Distritais/Municipais e Comandantes de Companhias ou Pelotões, respectivamente;
d) Delegado-Chefe do Departamento de Polícia Judiciária com o Comandante de Batalhão ou Companhia Independente da área correspondente;
e) Delegado Superintendente de Polícia Metropolitana, Delegado Superintendentede Polícia do Interior e Cel Comandante de Polícia Ostensiva com os Delegados-Chefes de Departamento de Polícia Judiciária subordinados, Comandantes de Batalhões e Companhias Independentes, respectivamente;
f) Delegados Superintendentes de Polícia metropolitana e de Polícia do Interior com o Comandante de Polícia Ostensiva.
§ 1º -As datas das reuniõesdeverão ser agendadas previamente por um período não inferior a seis meses e comunicadas à Secretaria de Estado da Segurança Pública, pela via hierárquica.
§ 2º - O Cel Comandante Geral da Polícia Militar e o Delegado-Chefe da Polícia Civil no prazo de 15 (quinze) dias deverão baixar "Potaria Conjunta" especificando entre outros procedimentos necessários, a periodicidade das reuniões e a padronização das reuniões e a padronização dos planos e relatórios.

Art. 6º - A análise das ações realizadas, a avaliação dos resultados e o estabelecimento de metas ocorrerão em reuniões periódicas Secretário de Estado de Segurança Pública, Comandante Geral da Polícia Militar e Delegado-Chefe da Polícia Civil com:

a) Capital : Superintendente de Polícia Metropolitana , Comandante de Polícia Ostensiva , Delegados-Chefes de Departamentos de Polícia Judiciária e Comandantes de Batalhões e Companhias Independentes com circunscrição na Região Metropolitana de Vitória;

b) Interior: Superintendente de Polícia do Interior, Comandante de Polícia Ostensiva, Delegados-Chefes de Departamentos de Polícia Judiciária e Comandantes de Batalhões e Companhias Independentes do Interior do Estado.

Art. 7º - Os Delegados Titulares e os Comandantes das Unidades Policiais e responsáveis pelas Zonas de Policiamento Integrado (ZPI), nas suas respectivas circunscrições, deverão ainda:

I – Compartilhar responsabilidades em busca de resultados positivos, também nos Subprojetos Corredores de Segurança Ostensiva e Saturação de Área, já devidamente construídos e implementados na Região Metropolitana de Vitória;

II – Integrar as polícias com as comunidades e as agências públicas e civis prestadoras de serviços essenciais à população, através dos Conselhos Interativos (Comunitários) de Segurança.

III – Providenciar para a formação dos Conselhos Interativos (Comunitários) de segurança nas Zonas de Policiamento Integrado (ZPI), onde não existirem e, para reativação e fortalecimento daqueles já criados e que se encontram paralisadas.

Art. 8º - As Delegacias de Crime Contra a Vida ficarão integradas aos Departamentos de Polícia Judiciária correspondentes.

Art. 9º - O Corpo de Bombeiros Militar será incorporado às Zonas de Policiamenrto Integrado (ZPI), a partir de planejamento próprio, em conformidade com as suas especificidades e disponibilidades de recursos humanos e materiais.

Art. 10º - O Secretário de Estado da Segurança Pública nos prazos estabelecidos no cronograma do Subprojeto, deverá emitir PORTARIA, criando as Zonas de Policiamento Integrado (ZPI) nos demais municípios da Região Metropolitana de Vitória e no Interior do Estado.

Art. 11º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Vitória, 29 de Agosto de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado do Espírito Santo

LUIZ CARLOS NUNES

Secretário de Estado de Segurança Pública

(DOE de 30.08.00)

DECRETO Nº 379-R, de 26.10.00

Composição do Conselho Estadual de trânsito - CETRAN/ES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições da Constituição Estadual, e,

Cconsiderando a necessidade de adequar o Conselho Estadual de trândito - CIRETRAN/ES, às normas de Código Nacional de Trânsito e ao que estabelece a Resolução/CONTRAN/Nº 64, de 23.09.98,

RESOLVE:

Art. 1º - O art. 3º e seus parágrafos do Decreto nº 431-N, de 21.11.73, alterado pelo decreto nº 4.354-N, de 05.11.96, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 3º - O Conselho Estadual de Trânsito - CIRETRAN/ES será composto pelos seguintes menbros:
I - .....
II - .....
III - .....
IV - .....
V - .....
VI - .....
VII - .....
VIII - Um (01) representante do nmunicípio detentor da 2ª maior frota de veículos do Estado;
IX - Um (01) representante do município detentor da 3ª maior frota de veículos do Estado;

§1º - .....
§2º - Os membros previstos nos incisos IV a IX e seus suplentes serão nomeados pelo Governador do Estado, a partir da indicação, em listas tríplices, por cada entidade que representa, para um mandato de 02 (dois) anos, admitida a recondução.
§3º - Os representantes dos municípios detentores da s três amiores frotas de veículos do Estado, deverá ser recolhido dentre técnicos em assuntos de trândito do Órgão do município".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, 26 de Outubro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

LUIZ CARLOS NUNES

Secretário de Esatado de Segurança Pública

(DOE de 27.10.2000)

DECRETO Nº 390-R, de 31.10.00

Altera o Art. 2º do Dec. nº 4.339, de 01.10.98

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - O Artigo 2º do Decreto nº 4.339-N, de 1º de outubro de 1998, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º - Os servidores afastados na condição prevista no Art 54 e dos cedidos na forma do Art. 55, ambos da Lei Complementar nº 46, de 31 de janeiro de 1994, para atender a condição de "sem ônus para o órgão cedente", serão retirados da folha de pagamento de seu órgão de origem, a partir da data do afastamento".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de outubro de 2000
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

EDINALDO LOUREIRO FERRAZ

Secretário de Estado da Administração e dos Recursos Humanos e de Previdência

(D.O. E. de 01.11.2000)

DECRETO Nº 450-R, de 08.12.00

Dispõe sobre indenizações de Diárias

- *Revogado pelo Decreto nº1282-R, de 12.02.04*

DECRETO Nº 432-R, de 06.12.2000

Estabelece o gerenciamento centralizado da frota de veículos automotores de uso da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, inciso III da constituição Estadual,

DECRETA :

Art. 1º - Fica a Secretaria de Estado da Administração, dos Recurusos Humanos e de Previdência - SEARP , autorizada a contratar, centralizadamente, para os órgãos integrantes do Poder Executivo Estadual e para as entidades da Administração Indireta que são mantidas pelo Tesouro, empresa prestadora de serviços para gerir a frota de veículos automotores que servem às unidades da adminstração, compreendendo abastecimento de combustíveis, lubrificantes, peças e serviços de manutenção.
Parágrafo Único - A gestão mencionada neste artigo visa a otimização das operações dos veículos automotores do serviço público estadual, automatizando as informações e transaç/ões financeiras de abastecimento e manutenção dos veículos com agilidade, tecnologia e segurança.

Art. 2º - Os órgãos e as Entidades citadas neste Decreto não renovarão os contratos em vigor nem farão novas contratações para os produtos e serviços aqui mencionados, após a contrratação pela SEARP dos serviços mencionados no art. 1º deste Decreto.[2]
§1º - Cada órgão ou Entidade deverá comunicaar à SEARP, num prazo máximo de dez dias a contar da publicação deste Decreto, a data do término das contas em vigor.
§2º - Na hipótese do vencimento do contrato ocorrer antes da formalização da contratação objeto do presente Decreto, o Órgão ou Entidade interessada deverá articular-se com a SEARP para o equacionamento do assunto.
§3º - Se houver consenso entre as partes, os contratos em vigor poderão ser rescindidos, passando os abastecimentos a serem feitos pela empresa prestadora de serviços, a que se refere este Decreto.
§4º - Os abastecimentos e/ou demais serviços de abastecimento do posto de abastecimento abrangido pelo contrato em vigor poderão ser feitos através da empresa a que se refere este artigo.

Art. 3º - Os órgãos ou entidades que mantém postos de abastecimento de combustíveis articularão com a SEARP para verificação do custo/benefício da sua manutenção.

Art. 4º - A SEARP gerenciará as informações que lhe serão repassadas pela empresa prestadora de serviços contratados sobre a performance dos veículos, fazendo a cada unidade da administração as observações que forem necessárias.
Parágrafo Único - Os documentos de cobrança pelos serviços utilizados serão encaminhados para cada Órgão ou Entidade de forma individualizada, para que cada unidade proceda a liquidação e o pagamento da despesa.

Art. 5º - Fica a SEARP responsável pela normatização dos demais procedimentos para a execução do presente Decreto.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

[2] Nova redação dada pelo art. 1º , do Dec. Nº 525-R, de 28.12.00

Palácio Anchieta, em Vitória, em 06.12.00

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 17.12.00)

DECRETO Nº 455-R, de 11.12.00

Dá nova redação ao Art. 5º do Decreto Nº 4471-N, de 15.06.99

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, III e V da Constituição Estadual e tendo em vista o que estabelece p art. 3º da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976 e o que consta do processo nº 19228589,
DECRETA:

Art. 1º - O artigo 5º do Decreto nº 4.471-N, de 15.06.1999, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 5º - São conselheiros natos do Conselho Estadual Antidrogas:
I - .....
II - .....
III - .....
IV - .....
V - .....
VI - Secretária de Estado do Trabalho e Ação Social
VII - Superintendente Estadual de Comunicação Social

Parágrafo Único - .....".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, 11 de dezembro de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 12.12.00)

DECRETO Nº 516-R, de 27.12.2000

Dispõe sobre a política de recursos humanos das Organizações Policiais e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, inciso III da constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de realização de estudos que redundem na construção de uma matriz de indicadores para planejamento, definição e dimensionamento da política de recursos humanos das Organizações Policiais e do Corpo de Bombeiros militar do Estado.
DECRETA:

Art. 1º - O Comandante Geral da Polícia Militar, o Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar e a Chefe da Polícia Civil deverão elaborar estudo dimensionado dos Recursos Humanos das respectivas organizações.
§1º - O estudo determinado neste artigo deve conter planilhas de emprego de efetivo, com discriminação pormenorizada, abrangendo os seguintes dados:
a) cargo/função;
b) grau/nível hierárquico;
c) lotação;
d) atividade empregado (fim/meio);
e) projeção mensal de percentuais do efetivo em férias, licenças e afastamentos temporários diversos;
f) projeção de percentuais anuais de aposentadorias/transferências para a ainatividade por níveis hierárquicos, para os próximos dez anos;
g) projeção de percentuais anuais de demissões/desligamentos para os próximos dez anos.
§. 2º - O estudo deverá contemplar também as informações sobre defasagem ou excessos existentes no quantitativo do efetivo previsto em Lei, da necessidade de complemento, diminuição ou aumento, projetados na perspectiva do desenvolvimento econômico e social do Estado do Espírito Santo e na conformidade das limitações impostas pela Lei de Responsabilidade Fiscal (Lei Complementar Nº 101, de 04 de maio de 2000).

Art.2º - O dimensionamento da distribuição espacial dos recursos humanos contemplados neste estudo deve obedecer o detalhamento por municípios.
Parágrafo único - No caso de municípios com população superior a cem mil habitantes, o detalhamento deve contemplar também os bairros do município.

Art. 3º - O estudo deve ser apresentado ao Secretário de Estado de Segurança Pública no prazo de 60 dias.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, 27 de dezembro de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 28.12.00)

DECRETO Nº 478-R, de 14.12.2000

Altera o Decreto nº 421-R, de 28.11.2000

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, Inciso III da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - O Decreto nº 421-R, de 28.11.2000, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"...

Art. 3º - ...
Parágrafo Único – Excetuam-se do disposto no caput deste artigo as Notas de Empenho referentes às Leis publicadas após 1º de dezembro de 2000.

...Art. 23 – O Governador do Estado autorizará, em caráter de excepcionalidade, a emissão de empenhos após adata estabelecida no artigo 3º deste Decreto.

"..

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 14 de dezembro de 2000.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 15.12.2000)

DECRETO Nº 517-R, de 27.12.00

Instalação de Zonas de Policiamento Integrado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, inciso III da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de alocar espaço físico para sediar a 1ª e 5ª Zonas de Policiamento Integrado de Vitória,

DECRETA:

1ª Art. 1º - A Zona de Policiamento Integrado de Vitória será instalada no Edifício Público onde será sediado também o Batalhão de Trânsito da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, e a 5ª Zona de Policiamento Integrado de vitória será instalada no Edifício Público onde está sediada também a Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa da Polícia Civil.

Art. 2º - O Comandante Geral da Polícia Militar e a Delegada Chefe da Polícia Civil deverão disponibilizar o espaço físico, bem como as reformas ou modificações necessárias para a instalação da 1ª e 5ª zonas de Policiamento Integrado de Vitória, respectivamente, conforme previsto no projeto específico.

Art. 3º - A Secretaria de Estado da Segurança Pública fica incumbida da gestão orçamentária e financeira dos recursos necessários à execução ds obras de engenharia, equipamentos, mobiliários, bem como dos procedimentos para alocação dos recursos, através do Fundo Nacional de Segurança Pública.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 27 de dezembro de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 28.12.00)

DECRETO Nº 518-R, de 27.12.00

Aplicação de Recursos de Suprimento de fundos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de regulamentar a utilização dos recursos para as despesas emergenciais na área operacional da Polícia Militar e Polícia civil, a título de suprimentos de fundos, conforme instituído pelo Decreto nº 4.539-N, de 30 de novembro de 1999, bem como aos princípios norteadores do Programa de Planejamento de ações de Segurança Pública,

DECRETA:

Art. 1º - A execução das atividades que envolvam a liberação de recursos financeiros para fazer face às despesas emergenciais na área operacional de cada unidade receptora de suprimentos de fundos na Polícia Militar e Polícia Civil obedecerão aos procedimentos previstos na legislação pertinentes e neste Decreto.
Parágrafo Único – Para fins deste Decreto, considera-se:
I –Suprimento de Fundos, a entrega de numerário a servidor, sempre procedido da emissão de nota de empenho, à conta de dotação própria, para cobertura das despesas emergenciais e urgentes na área operacional visando a manutenção das atividades das unidades receptoras dos recursos.
II –Favorecido, o servidor designado pelo comandante geral ou chefe de polícia que será o responsável pelo suprimento de fundos.

Art.2º - A concessão, aplicação e comprovação do suprimento de fundos far-se-ão de conformidade coma Lei nº 2.583/71, devendo a despesa corresponder ao elemento orçamentário próprio.

Art. 3º - cabe ao gestor financeiro da Polícia Militar e da Polícia Civil:
I – Autorizar junto`a Secretaria de Estado da Fazenda, abertura e qualquer alteração de conta bancária no Banco do Estado do Espírito Santo, em nome do responsável pelo suprimento de fundos.
II – Autorizar a despesa, emissão de empenho e pagamento.
III – Aprovar a prestação de contas de cada unidade após análise e parecer do setor de contabilidade.

Art. 4º - Cabe ao favorecido:
I – Receber, aplicar e prestar conta do suprimento de fundos sob sua responsabilidade, na forma das disposições legais e normas internas das organizações a que estão vinculados, utilizando formulários conforme modelo específico constantes nos anexos I, II e III.
II – Assinar todos os cheques que forem emitidos para pagamento de despesas realizadas na unidade, bem como as requisições e as prestações de contas.
III – Informar, por ofício, imediatamente ao gestor financeiro da sua organização sobre a substituição do responsável pelo suprimento de fundos.
IV – Encaminhar cópias das notas ao almoxarifado geral ou setor específico do órgão ao qual está vinculado, juntamente com ao mapa demonstrativo, conforme modelo constante do anexo III.

Art. 5º - É vedado adquirir material permanente e efetivar o pagamento de diárias com recursos do suprimento de fundos.

Art. 6º - O valor das notas fiscais deve ser, no máximo, vinte por cento do valor total do suprimento de fundos, devendo haver um prazo mínimo de dez dias entre uma compra e outra numa mesma empresa.

Parágrafo Único – Esta disposição não se aplica quando a despesa referir-se à manutenção e reparo de veículos.

Art. 7º - Somente em casos excepcionais poderá ser adquirido combustível com recursos do suprimento de fundos, devendo a despesa ser comprovada por nota fiscal emitida pelo fornecedor.

Art. 8º - O Suprimento de fundos deve ser movimentado por meio de cheques nominativos, devendo o número do cheque constar nas notas fiscais.

Art. 9º - O saldo não utilizado do suprimento de fundos deve ser recolhido à conta específica destinada à organização, até o último dia de sua aplicação, devendo a guia de depósito ser anexada à prestação de contas.

Art. 10º - O extrato bancário deve ser anexado à prestação de contas, devendo conter a relação de todos os cheques emitidos.
Parágrafo Único – em caso de haver cheques não compensados, os mesmos devem ser relacionados como cheques em trânsito, conforme modelo de lista constante ao anexo IV.

Art. 11º - É vedado utilizar recursos liberados para um elemento de despesa com outro elemento de despesa.

Art. 12º - Em caso de mudança de responsável pelo suprimento de fundos,a prestação de contas deverá ser realizada antes da mudança pelo responsável que será substituído.

Art. 13º - As notas fiscais devem ser expedidas em nome do órgão que conta como unidade orçamentária com seu respectivo cadastro nacional de pessoa jurídica.

Art. 14º - O fornecimento do material e a execução do serviço devem ser atestadas por servidor outro que não o responsável pelo suprimento.

Art. 15º - O prazo para utilização dos recursos do suprimento de fundos é de até trinta dias corridos após a data do seu recebimento.

Art. 16º - O prazo para prestação de contas do suprimento de fundos é de até 30 [trinta] dias corridos após o prazo de utilização dos recursos.

Art. 17º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 18 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 27 de dezembro de 2000

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 28.12.00)

ANEXO I

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
(NOME DA INSTITUIÇÃO)

Local e data
Do
Ao
Assunto: PRESTAÇÃO DE CONTAS
(Encaminha)
Ref. : RSF N º

Encaminho a V. As, para os devidos fins, e tendo em vista o disposto no Art. 121 da Lei 2.583, de 13 de março de 1971, a presente Prestação de Contas, cuja importância de R$_____ _____ (_____), foi por mim recebida do Estado através das Notas de Empenho nº s_____ _____ datadas de __/__/__, elementos de despesa 3.4.90.30 e 3.4.90.39, respectivamente, e da Ordem Bancária nº ____, de __/__/__.
A presente Prestação de Contas contém todos os comprovantes das despesas realizadas, com prova de recebimento por quem de direito.

ANEXO II

DEMONSTRATIVO DE DESPESAS REALIZADAS

EXERCÍCIO:
UNIDADE/SUBUNIDADE:
RESPONSÁVEL: CARGO:
Nº E DATA DA REQUISIÇÃO:
VALOR DO SUPRIMENTO: R$
APLICAÇÃO: R$
DEVOLUÇÃO: R$

Comprovantes	Empenho	Elemento	Recebido	Aplicado	Devolvido
(nº das NFs e data)		3.490.30			
		P/ material			
		3.4390.39			
		P/ serviço			
TOTAL					

Local e data:
Assinatura:
NOME:
NOME/CARGO:

ANEXO III

MAPA DEMONSTRATIVO DO AMTERIAL ADQUIRIDO
REQUISIÇÃO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS Nº____

Item	Discriminação do material (item por item)	Unidade (Kg, m, etc.)	Quantidade	Preço Unitário (R$)	Preço Total (R$)
	TOTAL				0,00

ANEXO IV

RELAÇÃO DE CHEQUES EM TRÂNSITO
REQUISIÇÃO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS Nº _____

Nº do Cheque	Data	Favorecido	Valor (R$)
TOTAL			

DECRETO Nº 519-R, de 27.12.00

Estrutura Executiva do PRO-PAS

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III da Constituição Estadual, decreta:

Art. 1º - O PRO-PAS (Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública) instituído através do Decreto nº 4.538-N, de 30 de novembro de 1999. modificado pelo Decreto nº 4.557-N, de 10 de dezembro de 1999, passa a ter a seguinte estrutura executiva, com as correspondentes designações:

I – Coordenadoria Geral
a) Coordenador: Secretário de Estado de Segurança Pública;
b) Coordenador Adjunto: Ten Cel PM Pedro Delfino

II – Coordenadoria Institucional:
Comandante Geral da Polícia Militar
Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar
Chefe de Polícia Civil

III – Coordenadoria de Ensino, Instrução e Cursos de Extensão:
Diretor de Ensino da Polícia Militar
Chefe do Centro de Ensino e Instrução do Corpo de Bombeiros Militar
Diretor da ACADEPOL

Cap PM Josette Baptista;
IV – Coordenadoria de Telecomunicações:
Maj PM Antonio Carlos Barbosa Coutinho;
V – Coordenadoria de Eventos e Informática:
Dr. Luiz Ferraz Moulin
Cap PM Marcus Antônio Konieczna Amaral;
VI – Coordenadoria dos Indicadores de Segurança Pública:
Nildete Virgínia Turra Ferreira;
VII – Coordenadoria das Ações Proativas para Prevenção da Criminalidade:
Dr. Gilson Giuberti Filho;
a) Subcoordenadoria de esportes cultura e lazer:
Euzi Nunes Caldas
b) Subcoordenadoria de educação em segurança pública
Maj PM Leonardo Marchesi dos Reis
VIII – Coordenadoria das Zonas de Policiamento Integrado:
Ten Cel PM Jones da Silva de Freitas Mattos
Delegado de Polícia – Classe Especial – PC-DP.5 – Almerinda Capelli Saué;[3]
IX – Coordenadoria dos Corredores de Segurança Ostensiva:
Maj PM Renato Duglay Siqueira;
Subcoordenadoria dos Corredores de Segurança Ostensiva:
Cap PM Douglas Alves Zucoloto
Cap PM Arilson Marcelo Martinelli
Cap PM Mauro Marcelino Gegenheimer;
X – Coordenadoria de Planejamento e Projetos:
Ten Cel PM José Nivaldo Campos Vieira
Ten Cel Pedro Delfino
Maj PM Júlioo Cezar Costa
Subcoordenadoria de Análise Prospectiva:
Cap PM Andrey Carlos Rodrigues
Cap PM Jailson Miranda
1º Ten PM Sandro Roberto Campos
XI – Coordenadoria de Integração com Sistema Prisional:
Superintendente dos Estabelecimentos Penais
Superintendente de Polícia Prisional da Polícia Civil
Cap PM Cássio Clay Basseti
XII – Coordenadoria de Engenharia Civil:
Maj PM Eliazer Costa Vieira;
XIII – Secretaria Executiva:
Maj PM Júlio Cezar Costa
Maj PM João Antonio da Costa Fernandes
Maj BM Edmilton Ribeiro Aguiar Júnior ;

XIV – Secretaria de Expediente Administrativo
1º Sgt PM Lourdes Miranda Pereira.

Art. 2º - Os responsáveis pelas Coordenadorias ficam incumbidos de apresentarem relatórios circunstanciados das atividades a cada bimestre e prospecção das atividades ou ações programadas para serem desenvolvidas ou implementadas nas respectivas coordenadorias.

Art. 3º - A coordenação geral do PRO-PAS poderá requisitar, através da SEARP, servidores de quaisquer órgãos vinculados ao Poder Executivo estadual para exercer funções inerentes à estrutura organizacional e aos serviços instituídos pelo PRO-PAS, permanecendo o servidor à disposição do programa enquanto for necessário, como se no exercício do cargo estivesse, sem qualquer prejuízo funcioanal.

Art. 4º -Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - revogam-se as disposições em contrário

Palácio Anchieta, aos 27.12.00

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 08.02.01)

[3] Alterado pelo Art. 1º do Dec. nº 996-R, de 04.02.02

DECRETO Nº 525-R, de 28.12.00

Frota de Veículos Automotores do Estado – Gerenciamento Centralizado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, III, da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - O art. 2º do Decreto nº 432-R, publicado em 07 de dezembro de 2000, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 2º - Os Órgãos e as entidades citadas neste Decreto não renovarão os contratos em vigor nem farão novas contratações para os produtos e serviços aqui mencionados, após a contratação pela SEARP dos serviços mencionados no art. 1º deste Decreto."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 29.12.00)

DECRETO Nº 548-R, de 02.01.2001

Quadro de Organização da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, o Art. 56 da Lei nº 3.044 de 31.12.1975, e ainda o que consta no Processo nº 194127703,

DECRETA:

Art. 1º - Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma do anexo deste decreto.

Art. 2º - O Comandante Geral da PM baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado por este decreto.

Art. 3º - O Art. 3º do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992, passa a vigorar acrescido de uma alínea "h" e de um parágrafo único, passando a ter a seguinte redação:

"Art. 3º -.....
h) Diretoria de Informática (D Info).
Parágrafo Ùnico – A Diretoria de Informática (D Info) é o órgão de direção setorial do sistema de informática da PMES, incumbindo-lhe o planejamento, execução, coordenação, controle e fiscalização das atividades de informática de interesse da Corporação."

Art. 4º - A Alínea "j" do parágrafo único do artigo 5º e o artigo 7º, do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992, passam a viger com a seguinte redação:

"Art. 5º - .....
Parágrafo único - .....
J) Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv), com sede no município de Vitória...."

" Art. 7º - É da competência do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv) a polícia ostensiva de trânsito rodoviário e urbano nos municípios que compõem a Grande Vitória e nas rodovias administradas pelo Estado.
Parágrafo Único – Nas localidades em que não houver efetiva implantação de fração do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv), o policiamento de trânsito rodoviário nas rodovias administradas pelo Estado será efetuada pelas Unidades e Subunidades Independentes da Polícia Militar com circunscrição sobre a área"

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário, especialmente as alíneas "s" e "t" do parágrafo único do Art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992.

Palácio Anchieta, aos 02 de janeiro de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 03.01.01)

DECRETO Nº 549-R, de 03.01.01

Normas para Concessão de Diárias

- Revogado pelo Decreto nº 1282-R, de 12.02.04

DECRETO Nº 551-R, de 10.01.01

Estabelece normas de padronização para a publicação do Quadro de Detalhamento de Despesa dos Órgãos do Poder Executivo Estadual

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, item III da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - Fica cada Órgão do Poder Executivo por ato próprio do Secretário da Pasta , responsável pela publicação do Quadro de Detalhamento de Despesa de sua própria unidade orçamentária e de suas unidades vinculadas, aprovado pela Lei Orçamentária Anual n167 6.487, de 14 de dezembro de 2000, conforme estabelecido no art. 36 da Lei de Diretrizes Orçamentárias nº 6.343, de 12 de setembro de 2000.

Art. 2º - As alterações dos Quadros de Detalhamento de Despesas dos Órgãos do Poder Executivo, de acordo com o estabelecido no parágrafo Único do Art. 9º da Lei de Diretrizes orçamentárias nº 6.343, de 12 de setembro de 2000 e Lei Orçamentária Anual nº 6.487, de 14 de dezembro de 2000, passam a ser regidas pelas disposições deste Decreto.
§ 1º - A alteração de que trata o caput deste artigo poderá ser efetuada observados os limites fixados para cada grupo de despesa, considerando a mesma fonte de recursos, valor e categoria econômica e mesmos Projetos/Atividades/Operações Especiais.
§ 2º - As alterações serão aprovadas através de atos administrativos do Poder Executivo e publicados no Diário Oficial do Estado, observando-se:
I – Portaria, no caso de recursos do tesouro, pelos Secretários de Estado;
II – Instrução de Serviço, no caso de recursos próprios, pelos dirigentes das Autarquias.

Art. 3º - As alterações dos Quadros de Detalhamento de Despesa deverão conter obrigatoriamente o formulário de "Quadro de Detalhamento de Despesa" em anexo, devidamente preenchido de acordo com as limitações que o acompanha.

Art. 4º - Fica o Secretário de Estado do Planejamento, através da Coordenação de Orçamento, responsável por instruir, acompanhar e lançar as alterações no SIAFEM.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 10 de janeiro de 2001.

CELSO JOSÉ VASCONCELOS

Governador do Estado – Em Exercício

(DOE de 11.01.01)

DECRETO Nº 584-R, de 16.02.01

Concessão de horário especial de trabalho ao Servidor Estudante

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e

Considerando que o art. 22 da Lei Complementar nº 46, de 31 de janeiro de 1994, dispõe sobre a concessão de horário especial de trabalho ao servidor estudante;
Considerando a necessidade de se definir critérios uniformes para a concessão de horário especial de trabalho para o servidor estudante, em observância ao princípio da impessoalidade e do interesse público:

DECRETA:

Art. 1º - O horário especial de trabalho para estudante, previsto no art. 22 da Lei Complementar nº 46, de 31 de janeiro de 1994, no âmbito do Poder Executivo será concedido ao servidor que apresentar, no momento do requerimento, programa de compensação da jornada normal.
§ 1º - O programa de compensação da jornada normal mencionado no "caput" deverá conter:
I – horário normal de trabalho;
II – horário especial que o estudante necessita;
III – carga horária a compensar no ano;
IV – forma de compensação da jornada de trabalho normal:
§ 2º- A compensação da jornada de trabalho de trabalho mencionada no "caput" necessitará ser realizada até o início das aulas do ano seguinte ao horário requerido.
§ 3º - O horário especial de estudante será requerido por meio do modelo que integra este decreto.

Art. 2º - O horário especial de trabalho será requerido e concedido anualmente.

Parágrafo Único – A renovação do horário especial de estudante para o ano seguinte ficará condicionada ao cumprimento do programa de compensação do ano anterior.

Art. 3º - O horário especial para estudante no âmbito da Administração Direta será concedido pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e, na Administração Indireta, pelas Autarquias em que o servidor estiver vinculado.

Art. 4º - Os servidores que já estão com horário especial deverão adaptar-se às regras deste decreto.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 16 de fevereiro de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 19.02.01)

ANEXO ÚNICO

MODELO DE REQUERIMENTO PARA HORÁRIO ESPECIAL PARA SERVIDOR ESTUDANTE
Exmº Sr.(a)
Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência (ou) Diretor Presidente.....
.....(nome da autarquia).
.....ocupante do cargo,.....número funcional.....lotado (a) nesta (e) ....., vem requerer a V. Exª , horário especial de trabalho, com base no art. 22 da Lei Complementar nº 46, de 31/01/94, em virtude de ....., conforme demonstrado:
a) horário normal: de .....às ..... horas, com .....horas para refeição, perfazendo ..... horas mensal e .....horas anual, não incluindo o mês de férias;
b) horário especial para estudante requerido: de .....às ....., com .....horas para refeição, no período de ...../...../..... a ...../...../..... e de ...../...../.....;
c) horário a compensar de .....às .....horas, no período de ...../...../..... a ...../...../..... e de ...../...../.....a ...../...../..... perfazendo .....horas anual;
d) carga horária total a compensar .....horas por ano;
e) forma de compensação:
e.1) antecipação do horário: de ..... às ....., no período de ...../...../..... a ...../...../..... e no período de ...../...../..... a ...../...../..... perfazendo .....horas anual;

e.2) prorrogação do horário: de .....às ....., no período de ...../...../..... a ...../...../..... e no período de ...../...../....., perfazendo ..... horas anual;
e.3) durante o período de férias anual ...../...../....., perfazendo .....horas;
e.4) outras ..... perfazendo .....horas.

Pede deferimento.
Vitória, de de

Assinatura do (a) Funcionário (a)

(DOE de 19.2.01)

DECRETO Nº 554-R, de 15.01.01

Emprego de Efetivo Administrativo na Operacionalidade

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 91,, inciso IV, da Constituição Estadual, e
Considerando a atual implementação dos diversos projetos governamentais que objetivam modernizar as ações dos Órgãos de Segurança Pública e de Defesa Social;
Considerando a necessidade de elevar o nível operacional da atividade de Segurança Pública, com o emprego do maior número de servidores militares e policiais civis, visando o reforço do policiamento ostensivo, o incremento das ações de investigação policial e de buscas e salvamentos;
Considerando a necessidade de prosseguir a integração das Forças de Segurança Estaduais e destas com a Comunidade de forma a otimizar resultados operacionais,

DECRETA:

Art. 1º - Fica instituída no âmbito do Poder Executivo Estadual a "OPERAÇÃO PRÓ-VIDA", cuja execução é atribuída especialmente à Secretaria de Estado da Segurança Pública através das Polícias Civil e Militar e do Corpo de Bombeiros Militar.
Parágrafo único – A OPERAÇÃO PRÓ-VIDA, consistirá:
I – No incremento das atribuições permanentes dos Órgãos de Segurança Pública e de Defesa Social com a Sociedade Civil e o Poder Público Municipal e as Autoridades Federais de Segurança Pública;
II – No controle, fiscalização e interceptação de veículos nas estradas, rodovias e perímetro urbano, objetivando a preservação da ordem pública;
III – A orientação dos migrantes e das populações flutuantes em relação às vias, acessos e normas de segurança individual;
IV – No estímulo à participação popular nas atividades auxiliares na área de segurança pública, através do incremento do voluntariado civil, especialmente nas ações de prevenção, defesa social, busca e salvamento, com vista à redução da violência psico-social ou expectativa de violência.

Art. 2º – A partir da publicação deste Decreto, ressalvado motivo de força maior, a juízo dos respectivos gestores das Corporações da área de segurança pública e Defesa Social:
I – Fica suspenso o gozo de férias regulamentares de todos os servidores militares e policiais civis até 05 de março de 2001;
II – Ficam vedados os afastamentos de servidores militares e policiais civis, a qualquer título, exceto quando em gozo de licença para tratamento de saúde, nojo, núpcias, paternidade ou maternidade e encargos definidos em legislação federal, até 05 de março de 2001.
Parágrafo único – As férias, concessões e benefícios não gozadas em decorrência da aplicação deste Decreto serão concedidos pela Autoridade competente de acordo com o interesse da administração pública e obedecida a legislação em vigor.

Art. 3º - o horário do expediente interno e administrativo dos órgãos de Defesa Social no período previsto neste Decreto fica reduzido a um único turno, com emprego de todos os efetivos disponíveis para as atividades de policiamento, investigação, busca e salvamento.

Art. 4º - O disposto neste Decreto não implicará em redução ou alteração de horários dos plantões pré-existentes das Polícias Civil e Militar, do Corpo de Bombeiros Militar, funcionamento do Hospital da Polícia Militar e do Departamento Médico Legal.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, vigorando suas disposições até 05 de março de 2001.
Palácio Anchieta, em 15 de janeiro de 2001
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 16.1.01)

DECRETO Nº 573-R, de 07.02 2001

Critérios para Admissão de Estagiários

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de racionalizar o emprego de pessoal , objetivando a maximização das atividades fins dos órgãos de defesa social;
Considerando que as organizações responsáveis pela provisão da ordem pública de vem otimizar o emprego dos seus recursos humanos com qualificação específica nas suas atividades fins, tendo em vista a operacionalidade,

DECRETA:

Art. 1º - Fica instituído na Polícia Civil, na Polícia Militar e no Corpo de Bombeiros Militar o estágio de complementação do ensino para alunos de cursos de ensino médio e superior, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano.

Parágrafo Único – O estagiário não pode ser empregado em atividades consideradas de natureza estratégica e cujo grau de segurança ou sigilo contra-indique o seu emprego.

Art. 2º - Para atender à finalidade deste Decreto, é fixado os seguintes quantitativos de vagas e respectivas qualificações pra cada órgão:
I – Na Polícia Civil: 120 (cento e vinte) vagas assim distribuídas:

- *Alterado pelo Decreto nº 1.011-R, de 05.03.02*

a) Para estudantes de ensino superior:
Direito – 42 (quarenta e duas) vagas;
Administração – 10 (dez) vagas;
Serviço Social – 08 [oito] vagas;
Ciências Contábeis – 05 [cinco] vagas;

b) Para estudantes de ensino médio:
55 [cinquenta e cinco] vagas.

II – Na Polícia Militar: 280 [duzentos e oitenta] vagas assim distribuídas:

- *Alterado pelo Decreto nº 1.011-R, de 05.03.02*

a) Para estudantes de ensino superior:
Serviço Social – 03 [três] vagas;
Pedagogia – 05 [cinco] vagas;
Comunicação Social – 02 [duas] vagas;
Ciência da Computação – 02 [duas] vagas;
Direito – 05 [cinco] vagas;
b)Para estudantes de ensino médio:
263 [duzentos e sessenta e três] vagas.

III – No Corpo de bombeiros: 20 [vinte] vagas:
a) Para estudantes de ensino superior:
Ciência da computação – 02 [duas] vagas;
Odontologia – (4º ano) – 02 [duas] vagas;

b) Para estudantes de ensino médio:
16 [dezesseis] vagas.

Parágrafo Único – Em cada órgão e para cada qualificação, a metade das vagas são destinadas ao turno da manhã e a outra metade ao turno da tarde.

Art. 3º - Para ser admitido como estagiário o candidato deve preencher os seguintes requisitos ou exigências:
I – Estar regularmente matriculado no curso correspondente à vaga pleiteada, em estabelecimento de ensino reconhecido pelo Sistema Oficial de Ensino, com freqüência mínima, comprovada de 85% da carga horária;

II – Ter capacitação em informática, com conteúdo mínimo de Windows, Word, Excel, Correio eletrônico e Internet, comprovado através da submissão a exame prático de suficiência em informática, no conteúdo especificado neste inciso,através da PRODEST – Empresa de Processamento de dados do Espírito Santo;

III – Estar disponível para exercer suas atividades em um dos seguintes turnos, conforme conveniência da administração:

a) vagas de nível superior: de 08:00 horas às 12:00 horas e de 14:00 horas às 18:00 horas;
b) vagas de nível médio: de 07:00 horas às 12:00 e de 13:00 horas às 18:00 horas.

IV – Não estar condenado ou respondendo a qualquer processo de natureza penal;

V - Ser submetido a entrevista de admissão, a ser aplicada por Comissão Multidisciplinar designada pelo Secretário de Estado da Segurança Pública.

Art. 4º - As vagas oferecidas serão ocupadas conforme indicação da Comissão Multidisciplinar dos candidatos que preencherem os requisitos exigidos e que foram convocados para realização do exame prático de suficiência em informática com aprovação, sendo o resultado final homologado pelo Sr. Secretário de Estado da Segurança Pública, de acordo com a quantidade ofertada em cada qualificação, órgão e turno..

Art. 5º - O Secretário de Estado da Segurança Pública deverá nomear Comissão Multidisciplinar que se incumbirá de todo o processo seletivo, conforme disposições deste Decreto, a qual deverá apresentar lista classificatória dos candidatos selecionados de acordo com os critérios estabelecidos de seleção.

Art. 6º - Concluído o processo seletivo, os candidatos selecionados deverão ser encaminhados aos órgãos para os quais foram selecionados.

Parágrafo Único – A contratação do estagiário encaminhado pela comissão de seleção, ficará a cargo do setor específico de cada órgão, que se incumbirá da formalização da admissão.

Art. 7º - Antes de ser admitido, o candidato deverá assistir a uma palestra sobre a organização a qual ficará vinculado, sob responsabilidade da SESP.

Art. 8º - As inscrições deverão ser feitas na Secretaria de Estado da Segurança Pública, no período de 15 a 30 de março de 2001.

Art. 9º - Os candidatos selecionados serão admitidos por doze meses, podendo ter seus contratos renovados por igual período, pela conveniência da administração, ficando sujeitos ao regime disciplinar do órgão a que estiverem vinculados, condicionando-se a renovação de contrato, a preservação das exigências para a admissão.

Art. 10º - A remuneração, direitos e obrigações dos estagiários admitidos na forma deste Decreto será de conformidade as disposições contidas na Lei Federal nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, Lei Estadual nº 4.657, de 13 de junho de 1992 e Decreto nº 1.812-N, de 31 de outubro de 1983 e demais disposições em vigor.

Art. 11 – Os atuais estagiários com contratos vigentes nos órgãos especificados neste Decreto, devem ser computados no quantitativo fixado respectivamente para cada órgão.

Art. 12 – À medida que os contratos dos atuais estagiários forem encerrando, a renovação dos mesmos fica condicionada ao atendimento das exigências e requisitos estabelecidos neste Decreto para as novas contratações.

Art. 13 – Os candidatos classificados que não forem aproveitados em razão do limite de vagas ofertadas, deverão ter os seus nomes constantes em lista, devendo ser convocados à medida que for surgindo vaga, conforme a ordem de classificação, sendo considerado desistente o candidato convocado que não se apresentar em dois dias úteis.

Art. 14 – Em caso de esgotamento da lista de classificados e surgindo vaga, a Secretaria de Estado da Segurança Pública deverá realizar novo processo seletivo, divulgando editais com prazo para novas inscrições.

Art. 15 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 16 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 17 de fevereiro de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 25.4..01)

DECRETO Nº 615-R, de 14.03.01

Padroniza a Caracterização da frota de Viaturas Operacionais

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91,inciso III da constituição Estadual e;

Considerando a necessidade de padronizar a caracterização das frotas de viaturas das POLÍCIAS MILITAR e CIVIL, com estilo moderno, logomarcas atualizadas e em conformidade com as diretrizes do Plano Nacional de Segurança Pública – PNSP e do Programa estadual de Planejamento de Ações de Segurança Pública – PRO-PAS;

DECRETA:

Art. 1º - Fica adotado para as frotas de viaturas operacionais das POLÍCIAS MILITAR e CIVIL, a caracterização conforme estabelecido neste Decreto.

Art. 2º - Para as viaturas operacionais da POLÍCIA MILTAR, serão utilizados os seguintes materiais, cores, logomarcas e emblemas:

I – vinil reflexivo, flexível e adesivo nas cores azul, vermelha e branca;

II – vinil flexível e adesivo nas cores preto e cinza ;

III – logomarca do governo do Estado do Espírito Santo em silk-screen e policromia;

IV – logomarca do Plano Nacional de Segurança Pública – PNSP, em silk-screen e policromia; quando se tratar de veículos adquiridos em convênio com a União Federal;

V – logomarca da Secretaria de Estado de Segurança Pública, em silk-screen e policromia;

VI – logomarca do Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública – PRO-PAS, em silk-screen e policromia;

VII – emblema da Polícia Militar, em silk-screen e policromia.

Art. 3º - Para as viaturas operacionais da POLÍCIA CIVIL, serão utilizados os seguintes materiais, cores, logomarcas e emblemas:

I – vinil reflexivo, flexível e adesivo nas cores azul , vermelha, branca e preta;

II – vinil flexível e adesivo a cor preta;

III – logomarca do governo do Estado do Espírito Santo em silk-screen e policromia;

IV – logomarca do Plano Nacional de Segurança Pública – PNSP, em silk-screen e policromia, quando se tratar de veículos adquiridos em convênio com a União Federal;

V – logomarca da Secretaria de Estado da Segurança Pública, em silk-screen e policromia;

VI – logomarca do Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pùblica –PRO-PÁS, em silk-screen e policromia;

VII – emblema da Polícia Civil , em silk-screen e policromia.

Art. 4º - Os materiais, logomarcas e emblemas serão aplicados nos veículos conforme modelo aprovado para a frota adquirida por força do convênio número 085, datado de 21 de novembro de 2000, firmado entre a União Federal e o Estado do Espírito Santo, com a localização e as dimensões constantes nos anexos I e II.

Art. 5º - A partir desta data as viaturas que forem reformadas ou adquiridas, deverão ser caracterizadas com os materiais, as logomarcas, os emblemas e as cores estabelecidas neste decreto.

Art. 6º - Para a caracterização de qualquer veículo marca/modelo diferente das constantes nos anexos deste Decreto, o Cel PM Comandante Geral da Polícia Militar e o Delegado-Chefe da Polícia Civil, deverão elaborar propostas, tomando por base e respeitando o estilo, cores e dimensões estabelecidos neste Decreto e submeter à aprovação do Secretário de Estado da Segurança Pública, através da Secretaria Executiva do PRO-PAS.

Art. 7º - A Polícia Civil deverá manter descaracterizada, no mínimo vinte por cento da sua frota, para as atividades de investigação policial.

Palácio Anchieta, aos 14 de março de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 15.3.01)

(Anexos no BCG nº 12, de 22.3.01)

DECRETO Nº 634-R, de 02.04.01

Altera o Regulamento Disciplinar dos Militares Estaduais, aprovado pelo Dec. Nº 254-R, de 11.08.00

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III e V, da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - O § 2º do Art. 10, o Parágrafo único do Art. 15 e o Art. 23 do Regulamento Disciplinar dos Militares Estaduais (RDME), aprovado pelo Decreto nº 254-R, de 11.08.2000, passam a avigorar com a seguinte redação:

"Art. 10º - .....
§ 1º - .....
§ 2º - Será assegurada a competência da autoridade de menor nível hierárquico que tiver ascendência sobre o (s) envolvido(s), para a apuração de infração disciplinar, a fim de evitar a supressão de instância administrativa, ressalvada a hipótese da unidade processual (Art. 12, § 1º) e nos casos abaixo, por avocação da Corregedoria/PMES ou órgão equivalente do CBMES:
I – Quando houver solicitação da autoridade com ascendência funcional sobre o (s) envolvido(s);
II - Por determinação do Comandante Geral da respectiva Corporação" .
" Art. 15º - .....
I – (.....)
II – (.....)
III – (.....…)
IV – (……)
V – (……)
VI – (……)
VII – (.....)
Parágrafo único - Poderão ser aplicadas cumulativamente com as sanções disciplinares deste artigo, as seguintes medidas administrativas acessórias:
I – (.....)
II – (.....)
III – (.....)
IV – (.....)
V – (.....) "

Art. 23 - .....
Falta Justificada
§ 1º - será considerada prática de transgressão disciplinar (Art. 135 – II – "a") quando o militar estadual faltar justificadamente ao serviço, e gozar a folga a que tem direito se tivesse trabalhado, sem estar para isso devidamente dispensado.
Apresentação Obrigatória
§ 2º - No caso do parágrafo anterior, a apresentação do militar dar-se-á obrigatoriamente no dia seguinte, no mesmo local e horário estabelecidos para o início do serviço para o qual faltou, podendo ser empregado a critério da OME a que pertencer. "

Art. 2º - Os prazos previstos nos Art. 95, incisos II e IV, Art. 100 e Art. 120, bem como no anexo II do Regulamento Disciplinar, relativos à defesa prévia e às alegações finais, passam a ser de 03 (três) dias.

Art. 3º - Os prazos previstos nos Art. 129, incisos II e IV, § 3º e 6º, bem como no Anexo I do Regulamento Disciplinar, relativos à defesa prévia e à defesa final do acusado, passam a ser de 02 (dois) dias.

Art. 4º - O prazo para conclusão do processo de rito sumário, previsto no Art. 129 do Regulamento Disciplinar, passa a ser de até 08 (oito) dias, prorrogável , se necessário, por até 05 (cinco) dias.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, sos 02 de abril de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 3.4.01)

DECRETO Nº 675-R, de 24.04.01

Ações de controle da violência e da Criminalidade

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO ANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, III, da Constituição Estadual, e,

Considerando que a política pública definida par a área da segurança, em curso através do PRO-PAS, visa garantir o êxito das ações de controle da violência e da criminalidade;

Considerando que a implementação de sucessivas e indispensáveis etapas do processo de reforma das polícias implicam em grandes investimentos direcionados ao setor e em ações planejadas de curto , médio e longo prazos;

Considerando que, se no curso do estabelecimento da nova configuração do sistema de defesa social, os indicadores de criminalidade mostrarem a necessidade de adoção de medidas que sirvam como eficaz para a preservação dos resultados positivos alcançados, elas devem ser adotadas a todo e a qualquer tempo;

DECRETA:

Art. 1º - Fica o efetivo de praças das Unidades Especializadas reduzido, no setor atual, na mesma proporção em que se aumentar o policiamento ostensivo nos bairros de alta criminalidade dos municípios da Região Metropolitana de Vitória, com mais de 120 (cento e vinte) Policiais Militares.
Parágrafo único – Fica o Comandante Geral da Polícia Militar incumbido de promover a modificação no Quadro de Organização da Polícia Militar e apresentar em 15 (quinze) dias úteis a proposta ao Chefe do Executivo Estadual para decretação, através da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 2º - O Regimento de Polícia Montada (RPMont) passa a atuar única e exclusivamente nos bairros dos municípios de Serra, Vila Velha e Cariacica, que forem identificados como áreas de risco pelo Secretário de Estado da Segurança Pública.
Parágrafo único – Somente em eventos com prioridade especiais poderá o Secretário de Segurança , por solicitação do Comandante Geral, autorizar o emprego do RPMont em outras áreas.

Art. 3º - O Comandante Geral da Polícia Militar recorrerá, e decorrência da atual situação, ao emprego de oficiais superiores, em escalas ordinárias de supervisão do Policiamento Ostensivo, de forma a assegurar o controle e a preservação das diretrizes,dos princípios e conceitos desse relevante serviço.

Art. 4º - Fica o Secretário da Segurança Pública incumbido de, no prazo de quinze dias úteis, apresentar as seguintes propostas para a decretação pelo Executivo:
I - Criação das coordenadorias Integradas de Segurança nas Regiões Metropolitana de Vitória, Sul e Norte do Estado, com responsabilidade compartilhada entre as Polícias Militar e Civil, sob a coordenação de Delegados Classe Especial e coronéis PM, a serem localizados no mesmo imóvel.
II – Fusão de unidades especializadas da Polícia Civil, com destinação de seus efetivos e dos Delegados de Polícia recém nomeados à Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa, às Delegacias de Crimes contra a Vida e de Entorpecentes da Região Metropolitana de Vitória.

Art. 5º - A Chefia da Polícia Civil, através da Corregedoria de Polícia, fica incumbida de fazer publicar, mensalmente, no Diário Oficial a quantidade de inquéritos instaurados, solucionados com a elucidação da infração penal e autoria, remetidos e recebidos da justiça, por unidade policial,a partir do mês de abril de 2001, inclusive.

Art. 6º - O não cumprimento das disposições deste Decreto consistirá em transgressão disciplinar devendo acarretar sanções administrativas, de acordo com a regulamentação vigente.

Art. 7º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo os seus efeitos a partir de 20 de abril de 2001.

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário, e em especial o Decreto nº 4. 5 6 9-N, de 22 de dezembro de 2000.

Palácio Anchieta, aos 24 de abril de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 25.4.01)

DECRETO Nº 690-R, de 17.05.01

Dispõe sobre medidas de redução no consumo de energia elétrica, no âmbito de Poder Executivo Estadual e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, III, da Constituição Estadual,
Considerando a necessidade do Governo do Estado contribuir para a redução do consumo de energia elétrica, aderindo, assim, aos esforços que vem sendo desenvolvidos para minimizar os efeitos do racionamento já proclamado pelas autoridades responsáveis pela gestão do sistema elétrico nacional; e
Considerando, também, a necessidade de ampliar as medidas de redução de despesas já determinadas através do Decreto nº 571-R, de 1º de fevereiro de 2001,

DECRETA:

Art. 1º - Os órgãos e entidades da Administração Pública Estadual, direta e indireta, deverão reduzir o respectivo consumo de energia elétrica, tendo como referência o mesmo mês do exercício anterior,, no mínimo:

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 735-R, de 05.06.01*

I – Em 25 % (vinte cinco por cento), a partir de 1º de junho de 2001;
II – em 35% (trinta e cinco por cento), a partir de 1º de julho de 200;
§1º - Os estabelecimentos de ensino deverão reduzir,a partir de junho de 2001, o consumo mensal de energia elétrica e, 20% (vinte por cento), tomando-se por base a média do consumo mensal verificado nos meses de maio , junho e julho de 2000.
§2º - As unidades hospitalares e as atividades em que haja necessidade de fornecimento de energia para motores e máquinas essenciais à operação de serviços públicos de água, esgoto e saneamento deverão reduzir, a partir de junho de 2001, o consumo mensal de energia elétrica em 10% (dez por cento), tomando-se por base a média de consumo mensal verificado nos meses de maio, junho e julho de 2000.
§3º - Nas instalações a que se refere o parágrafo anterior deverão ser preservadas as condições mínimas de funcionamento das áreas operacionais, centros ou unidades de terapia intensiva e cirúrgicas, ,podendo, para tanto, ser ampliado o percentual de redução do consumo das áreas administrativas.
§4º - As metas mensais de redução de consumo de que tratam este artigo poderão ser alteradas por ato do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, conforme as orientações e diretrizes que vierem a ser fixadas pela Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica – GCE, do Governo Federal.
§5º - Para a consecução das metas definidas neste artigo, deverão ser adotadas, dentre outras, as seguintes medidas:
I – Redução do uso de máquinas e equipamentos elétricos e 1eletrônicos, racionalizando-se a utilização de energia aos casos estritamente necessários e inadiáveis.
II – restringir a utilização de aparelhos ou sistemas de ar condicionado ao período de 12:00 até as 16:00 horas em cada unidade administrativa ou operacional do Estado,salvo aqueles cujo funcionamento seja à garantia da manutenção e operação de equipamentos sensíveis à alta temperatura; no caso da unidade funcionar, por imperiosa necessidade do serviço em dois ou mais expedientes, a utilização dos aparelhos ficará restrita ao horário de 10:00 às 16:00 horas.
III – Redução da iluminação noturna nos pátios externos dos órgãos e entidades, com desligamento de, no mínimo, 50% das lâmpadas;
IV – Desligamento de iluminação externas dos prédios e monumentos públicos;
V – Restringir a iluminação noturna dos prédios públicos ao saguão e a outros locais estritamente necessários à segurança patrimonial;
VI – Desligamento de lâmpadas dos ambientes (salas, corredores, escadas, etc.) pelo período em que a luminosidade dos locais permita a execução normal de trabalho e o livre e seguro trânsito de pessoas. No caso em que essa providência não seja possível, deve ser intercalado o acendimento das lâmpadas nos respectivos locais;
VII – Utilizar, preferencialmente, lâmpadas fluorescentes, observando, entretanto, o uso de lâmpadas incandescentes em locais em que aquelas não sejam tecnicamente aconselháveis, a exemplo dos ambientes em que haja freqüente necessidade de ligar e desligar tais lâmpadas;
VIII – Redimensionar a distribuição de interruptores de forma que possa haver a utilização parcial da iluminação dos ambientes, evitando, assim, que um interruptor acenda simultânea e desnecessariamente vários pontos de luz. Este redimensionamento deverá ser executado principalmente em locais cujo circuito elétrico é controlado exclusivamente através de uma única chave geral;
IX – Promover, sempre que possível, a revisão dos locais de instalação dos aparelhos de ar condicionado, realocando-os em locais que permitam melhor rendimento térmico (exemplo: parte superior dos ambientes);
X – Proibição de uso de equipamentos e aparelhos elétricos para atendimento de interesses particulares dos servidores.
Parágrafo único – Outras medidas poderão ser adotadas pelos órgãos e entidades, respeitando-se as peculiaridades de cada um, visando sempre a obtenção de maior redução do consumo.
§ 6º - Outras medidas poderão ser adotadas pelos órgãos ou entidades, respeitando-se as peculiaridades de cada um, visando sempre a obtenção de maior redução de consumo.

- *Acrescido pelo Decreto nº 735-R, de 05.06.01*

Art. 2º - Fica estabelecido que o horário de funcionamento, para as funções administrativas do Estado, será das 11:30 às 17:30 horas, em caráter excepcional, salvo nas unidades em que seja imprescindível a operação em mais de dois turnos ou nos casos de extrema necessidade.
§1º - Os Secretários e Dirigentes dos órgãos e entidades referidas no ‘caput” artigo anterior poderão, respeitando as peculiaridades das unidades sob a sua jurisdição administrativa, determinar outros horários de funcionamento, observado em qualquer hipótese a meta de redução do consumo mensal de energia elétrica de que trata este Decreto.

- *Acrescido pelo art. 2º do Decreto nº 735-R, de 05.06.01*

§2º - – Os órgãos e entidades deverão providenciar junto à Espírito Santo Centrais Elétricas S/A – ESCELSA a alteração dos seus contratos de fornecimento de energia para adequá-los ao grupo tarifário menos oneroso.

- *Revogado pelo art. 2º do Decreto nº 735-R, de 05.06.01*

Art. 3º - O Secretário de Estado, autoridade equivalente ou dirigente máximo de cada unidade designará um Gestor de Controle de Energia Elétrica, que ficará responsável pela estrita observância das obrigações decorrentes deste Decreto, coordenando, acompanhando, controlando e fiscalizando o uso de energia no âmbito de sua respectiva entidade.

Art. 4º - Os Gestores a que se refere o artigo anterior comporão um Comitê estadual encarregado do acompanhamento das medidas determinadas por este Decreto, sob a coordenação da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e Previdência – SEARP.

Art. 5º - As autoridades referidas no art. 3º , atendendo à peculiaridades de cada órgão ou entidade que dirige, poderão, mediante edição de norma interna, ajustar as medidas e procedimentos estabelecidos no art. 1º , bem como descentralizar a gestão de energia elétrica, desde que seja atendido o pré-requisito básico de redução pelo menos 20% (vinte por cento), no consumo mensal de energia elétrica.

Art. 6º - Após o prazo de que trata o caput do art. 1º , o Poder Executivo avaliará os resultados decorrentes da aplicação deste Decreto com vistas a manter o controle nele estabelecido ou propor os ajustes que entender necessários.

Art. 7º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, 17 de maio de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 18.5.01)

Em conseqüência, os Diretores, Comandantes e Chefes, deverão adotar as providências necessárias para o fiel cumprimento das determinações estabelecidas no presente Decreto.
O Diretor de Saúde e O Comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, deverão adequar o horário de expediente administrativo, de acordo com as peculiaridades da Unidade.
(BCG nº 21, de 22.5.01)

DECRETO Nº 691-R, de 17.5.01

Cria e Redimensiona Circunscrição dos Distritos Policiais subordinados aos DPJ's de Cariacica, Viana, Vila Velha e Serra

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições conferidas pelo art. 91, Inciso III, da Constituição Estadual e, considerando o contido no Processo nº 19985029;
Considerando o contido no Programa de Governo – PRO-PAS e a implementação da 1ª fase da Zona de Policiamento Integrado (ZPI);
Considerando a necessidade de adequar a estrutura dos Distritos Policiais à atual densidade demográfica dos Bairros que integram os Municípios de Cariacica, Viana, Vila Velha e Serra;
Considerando que a expansão territorial exige a localização de organismos policiais sediados nas regiões de maior concentração urbana, a fim de serem acionados, consoantes à demanda;
Considerando ainda, a necessidade de um melhor entrosamento entre a administração das Unidades Policiais e a Municipalidade, os Distritos Policiais serão, dentro do possível, divididos de acordo com as regiões de maior densidade demográfica,

DECRETA:

Art. 1º - Ficam criados os Distritos Policiais Nova Rosa da Penha, Castelo Branco e Flexal, e extinto o Distrito Policial de Porto de Santana, integrando o departamento de Polícia Judiciária de Cariacica, subordinados à Superintendência de Polícia Metropolitana.

Art. 2º - Os Distritos Policiais do Município de Cariacica passam a ter as determinações e circunscrições constantes no ANEXO I.

Art. 3º - O Distrito Policial do Município de Viana passa a ter a denominação de circunscrição constante no ANEXO II.

Art. 4º - Ficam criados os Distritos Policiais de Parque das Gaivotas e Terra Vermelha e extintos os Distritos Policiais de Jardim Itapoá, Ibes e Vila Garrido, integrando o Departamento de Polícia Judiciária de Vila Velha, subordinados à Superintendência de Polícia Metropolitana.

Art. 5º - Os Distritos Policiais do Município de Vila Velha passam a ter as denominações e circunscrições constantes no ANEXO III.

Art. 6º - Ficam criados os Distritos Policiais de André Carloni, Laranjeiras, José de Anchieta, Barcelona e Nova Almeida, e extinto o Distrito Policial de Carapina, integrando o Departamento de Polícia Judiciária de Serra, subordinados à Superintendência de Polícia Metropolitana.

Art. 7º - Os Distritos Policiais do Município de Serra passam a ter as denominações e circunscrições constantes no ANEXO IV.

Art. 8º - O Quadro Organizacional dos Distritos Policiais dos Municípios de Cariacica, Viana, Vila Velha e Serra será fixado pelo constante no ANEXO V.

Art. 9º - O efetivo para suprimento dos Distritos Policiais do Departamento de Polícia Judiciária de Cariacica, Viana, Vila Velha e Serra será remanejado de outras Unidades Policiais até que se atualiza todo o Quadro Organizacional da Polícia Civil.

Art. 10º - A Polícia Militar deverá adequar o número de Companhias dos Batalhões dos Municípios de Cariacica e Vila Velha, de acordo com a área circunscricional dos Distritos Policiais.

Art. 11º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 12º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, 17 de maio de 2001
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 18.5.01)

ANEXO I

CARIACICA
9º DISTRITO POLICIAL – CAMPO GRANDE
Área Circunscricional

CAMPO GRANDE		
Campo Belo I	Loteamento Carapina Grande	Santo André
Campo Belo II	Loteamento Flor do Campo	São Benedito
Campo Grande	Loteamento Parque da Colina	São Conrado I
Campo Novo I	Loteamento Parque Gramado	São Conrado II
Campo Novo II	Maracanã	São Francisco
Colina	Morada de Campo Grande I	São Geraldo
Conjunto Cristo Rei	Morada de Campo Grande II	São Vicente I
Cruzeiro do Sul	Piovesan	São Vicente II
Estrela Dalva	Rosa da Penha	Vila Izabel
Itapemirim	Santa Bárbara	Vila Nova
Jardim Campo Grande	Santa Fé	Vila Palestina
Loteamento Barbados	Santa Luzia	Vila Rica

10º DISTRITO POLICIAL – ITACIBÁ
Área Circunscricional

ITACIBÁ		
Dom Bosco	Flórida	Tucum
Flórida	Oriente	Valverde
Itanguá	Rio Branco	Vila Bandeirantes
Mata da Praia	Santa Cecília	Vila Capixaba
Nova Brasília	Santana	
Nova Valverde	Tabajara	

11º DISTRITO POLICIAL – JARDIM AMÉRICA
Área Circunscricional

JARDIM AMÉIRCA		
Bandeirantes	Loteamento Marinho	Vasco da Gama
Bela Aurora	Loteamento São Rafael	Vera Cruz
Bela Vista	São Bernardo	Vila Feliz
Boa Sorte	Sotelândia	Vista Mar I
Caramuru	Vale Esperança	Vista Mar II
Loteamento Cordovil	Valparaíso	

12º DISTRITO POLICIAL – CASTELO BRANCO
Área Circunscricional

NOVA ROSA DA PENHA

Nova Esperança	Nova Rosa da Penha II	Vila Cajueiro
Nova Rosa da Penha I	Pica-Pau	Vila Progresso

13º DISTRITO POLICIAL – CASTELO BRANCO
Área Circunscricional

CASTELO BRANCO		
Alzira Ramos	Jardim dos Palmares	Padre Gabriel
Caçaroca	Juscelino kubitchek	Rio Marinho
Campina Verde	Liberdade	Santa Catarina
Coqueiral	Loteamento Cachoeirinha	Santa Paula I
Jardim Botânico I	Loteamento Nelson Ramos	Santa Paula II
Jardim Botânico II	Loteamento Rio Mar	União
Jardim Alah I	Loteamento Vila Regis	Vila Campo Grande
Jardim de Alah II	Metalpen	Vila Linda

14º DISTRITO POLICIAL – FLEXAL
Área Circunscricional

FLEXAL		
Bairro Aparecida	Nova Jardim Vila Graúna	Porto Novo
Del Porto	Modelo	Presidente Médici
Flexal I	Morro do Meio	Retiro Saudoso
Flexal II	Morro do SESI	Vila Graúna
Graúna	Nova Canaã	Vila Oásis
Loteamento Santa Rosa	Porto de Santana	Vila Prudêncio

15 º DISTRITO POLICIAL – CARIACICA
Área Circunscricional

CARIACICA		
Alto Mucuri	Morro Santo	Porto Engenho
Antonio Ferreira Borges	Mucuri	Prolar I
Areinha	Nova Campo Grande	Prolar II
Beira Rio	Nova Piranema	Rio Bonito
Bubu	Nova Brasil	Roda D'Água
Campo Verde	Novo Horizonte	Santo Antonio
Cangaiba	Operário	São Gonçalo
Cariacica-Sede	Parque Nacional I	São João Batista
Duas Bocas	Parque Nacional II	Sertão Velho
Flor de Piranema	Piranema	Taquaruçu
Ibiapaba	Planeta	Vale dos Reis
Limão	Porto Belo I	Vila Independência
Maricará	Porto Belo II	Vila Merlo
Morrinhos	Porto de Cariacica	Vista Dourada

ANEXO II

16º DISTRITO POLICIAL – VIANA
Área Circunscricional

VIANA		
Antártica	Industrial	Santa Rita
Araçatiba	Industrial II	Santa Terezinha
Areinha	Ipanema	Santo Agostinho
Areinha A	Jucu	São Paulo
Areinha B	Ladeira Grande	Seminário
Areinha C	Mamoeiro	Seringal
Areinha D	Marcílio de Noronha I	Soteco
Bom Pastor	Marcílio de Noronha II	Taquara
Buiaiaras	Morada de Vila Bethânia	Tanque
Cabral	Nova Belém	Treze de Maio
Caixa D'Água	Viana	Universal
Calabouço	Nova Vila Bethânia	Vale do Sol A
Campo Verde	Parque do Flamengo	Vale do Sol B
Canaã	Pedra da Mu	Vale do Sol C
Cariacica	Pedra Negra	Vale do Sol D
Caxias do Sul	Peixe Verde	Viana Sede
Contenda	Piapitangui	Vila Bethânia
El Dourado	Primavera	Vila Rubim
Formate	Ribeira	Vilage Belém

ANEXO III

17º DISTRITO POLICIAL – SÃO TORQUATO
Área Ccircunscricional

SÃO TORQUATO		
1º de Maio	Cobi de Baixo	Planalto
Alecrim	Cobi de Cima	Sagrada Família
Alvorada	Ilha da Conceição	Santa Rita
Argolas	Ilha das Flores	São Torquato
Bosque	Ipessa	Vila Batista
Capuaba	Paul	Vila Garrido
Chácara do Conde	Pedra dos Búzios	Zumbi dos Palmares

18º DISTRITO POLCIAL – COBILÂNDIA
Área Circunscricional

COBILÂNDIA		
Cobilândia	Nova América	Vale Encantado
Jardim Marilândia	Rio Marinho	

19º DISTRITO POLICIAL – NOVO MÉXICO
Área Circunscricional

NOVO MÉXICO		
Araçás	Jardim Asteca	Nova Itaparica
Darly Santos	Jardim Colorado	Nova Rosa da Penha
Guadalajara	Jardim Guaranhuns	Novo México
Guaranhuns	Jardim São Paulo	Santos Dumont
Ilha dos Bentos	Jockey Clube	Vila Nova

20º DISTRITO POLICIAL – VILA VELHA
Área Circunscricional

VILA VELHA		
Aribiric	Conj. Plácido Barcelos	Praia da Costa
Ataíde	Glória	Vila D. João Batista
Cavalieri	Ilha dos Aires	
Centro	Jaburuna	

21º DISTRITO POLICIAL – PARQUE DAS GAIVOTAS
Área Circunscricional

PARQUE DAS GAIVOTAS		
Bela Vista I	Cristóvão Colombo	Santa Inês
Bela Vsita II	Divino Esp. Santo	Santa Mônica
Brisamar	Ibes	Soteco
Cocal	Jardim itapoá	
Coqueiral de Itaparica	Parque das Gaivotas	

22º DISTRITO POLICIAL – TERRA VERMELHA
Área Circunscricional

TERRA VERMELHA		
23 de Maio	Morro da Lagoa	São Conrado
Barra do Jucu	Normilia	Terra Vermelha I
Brunela	Parque da Vela Branca	Terra Vermelha II
Ilha da Jussara	Ponta da Fruta	Ulisses Guimarães
Interlagos	Praia da Concha	Vale do Amanhecer
João Goulart	Praia do Sol	Xuri
Morada da Barra	Riviera da Barra	
Morada do Sol	Santa Paula	

ANEXO IV

23º DISTRITO POLICIAL – SERRA – Sede

- *Modificado pelo Decreto nº 1.043-R,de 13.06.2002*

Área Circunscricional

SERRA – Sede		
Aruaba	Divinópolis	Santiago da Serra
Belvedere	Jardim Bela Vista	Serra-Sede
Caçaroca	Jardim da Serra	Vila Maria Niobe
Campinho da Serra I	Jardim Guanabara	Vista da Serra I
Campinho da Serra II	Jardim Primavera	Vista da Serra II
Calugi	Nossa Senhora da Conceição	Vista da Serra III
Cascata	Planalto Serrano	
Cavada	Santo Antonio	
Centro	São Domingos	
Cidade Nova da Serra	São Lourenço	
Colina da Serra	São Marcos	

24 º DISTRITO POLICIAL – NOVO HORIZONTE
Área Circunscricional

NOVO HORIZONTE		
Balneário de Carapebus	Cidade Continental	Novo Horizonte
Bicanga	Jardim Limoeiro	Santa Luzia
Câmara	Loteamento Lagoa de Carapebus	São Diogo I
Carapebus	Manguinhos	São Diogo II

25º DISTRITO POLICIAL – ANDRÉ CARLONI
Área Circuncricional

ANDRÉ CARLONI		
Hélio Ferraz	André Carloni	Manoel Plaza
Bairro de Fátima	Carapina	São Geraldo
Jardim Carapina	Carapina Grande	Rosário de Fátima

26º DISTRITO POLICIAL – LARANJEIRAS
Área Circunscricional

LARANJEIRAS		
Alterosa	Guaraciaba	Portal de Jacaraípe
Chácara Parreiral	Laranjeiras	Valparaíso
Civit II	Morada de Laranjeiras	Vila Nova de Colares
Cond. Ecol.Parque da Lagoa	Nova Zelândia	
Feu Rosa	Parque Resid. Laranjeiras	

27º DISTRITO POLICIAL – JOSÉ DE ANCHIETA
Área Circunscricional

JOSÉ DE ANCHIETA		
Bairro Diamantina	José de Anchieta I	Solar de Anchieta I
Cantinho do Céu	José de Anchieta II	Solar de Anchieta II
Central Carapina	José de Anchieta III	Solar de Anchieta III
Jardim Tropical	Planalto de carapina	

28º DISTRITO POLICIAL – BARCELONA

- *Modificado pelo Decreto nº 1.043-R,de 13.06.2002*

Área Circunscricional

BARCELONA		
Barcelona	Muribeca	Residencial Novo Porto Canoa
Barro Branco	Nova Carapina I	Serra Dourada I
Cidade Polar	Nova Carapina II	Serra Dourada II
Civit I	Parque Res. Mestre Álvaro	Serra Dourada III
El Dourado	Parque Residencial Tubarão	Taquara I
Maringá		Taquara II
Macafé	Pitanga	
Mata de Serra	Porto canoa	

29º DISTRITO POLICIAL – JACARAÍPE
Área Circunscricional

JACARAÍPE		
Castelândia	Lagoa de Jacaraípe	São Francisco
Conj. Jacaraípe	Ourimar	São Patrício
Costa Bela	Parque Jacaraípe	São Pedro
Costa Dourada	Pontal de Jacaraípe	Sítio do Irema
Enseada de Jacaraípe	Praia de Capuba	
Estância Monazítica	Res. Jacaraípe	

30º DISTRITO POLICIAL – NOVA ALMEIDA
Área Circunscricional

NOVA ALMEIDA		
Barro Novo	Nova Almeida	Praia Mar
Bela Vista	Nova Zelândia	Putiri
Mar Bela	Parque Res. Nova Almeida	Serramar I
Morro São João	Parque Santa Fé	Serramar II

ANEXO V

Quadro Organizacional dos Distritos Policiais:
- Delegado Titular – 3ª Categoria – 01
  - Delegado Adjunto/Substituto – 01
  - Escrivães de Polícia – 06
  - Investigadores de Polícia – 16
  - Agentes de Polícia Civil – 06

(DOE de 18.5.01)

DECRETO Nº 722-R, de 29.5.01

Programação Financeira da SEFA

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - A programação financeira da Secretaria de Estado da Fazenda para pagamento das despesas realizadas com recursos do Tesouro, obedecerá as seguintes prioridades:

1. Pagamento de pessoal;
2. Repasse do duodécimo aos outros Poderes;
3. Pagamento da dívida pública;

4. Restos a pagar.

Art. 2º - O Secretário de Estado da Fazenda comunicará, na primeira semana de cada mês, os valores disponíveis em cada Órgão, para pagamento de suas despesas mensais. A programação será de responsabilidade do Secretário e/ou Dirigente do Órgão.
Parágrafo único – Para atender o previsto no artigo 1º , a Subsecretaria de Orçamento e Finanças da Secretaria de Estado da Fazenda – SEFAZ, encaminhará ao Secretário de Estado da Fazenda até o dia 25 de cada mês, a programação de compromissos financeiros para o mês subseqüente, discriminada por Órgão.

Art. 3º - O pagamento das despesas de custeio e investimento será realizado utilizando os recursos financeiros disponibilizados ao Órgão, calculados conforme o percentual de participação de cada um na cota financeira de acordo com a Programação Financeira estabelecida por Decreto.
Parágrafo único – A cota apurada na forma do "caput" do artigo e não utilizada no mês, será acumulada para ser utilizada nos meses seguintes pelo mesmo Órgão.

Art. 4º - Cada Secretário e /ou Dirigente de Órgão deverá estabelecer suas prioridades para pagamento das despesas de custeio e investimento de acordo com o montante dos recursos disponibilizados para o Órgão, informando à SEFAZ a relação das PD's, às segundas-feiras de cada semana, através de comunicação no SIAFEM (COMUNICA).

Art. 5º - A Secretaria de Estado da Fazenda, através da Subsecretaria de Orçamento e Finanças terá a liberação dos recursos financeiros às terças e quintas-feiras de cada semana, de acordo com a disponibilidade de caixa do Tesouro, executando-se as PD's indicadas pelo Órgão. Caso não existam recursos disponíveis, a SEFAZ informará nova data para liberação aos Órgãos através de comunicação no SIAFEM (COMUNICA).

Art. 6º - A SEFAZ deixará uma reserva de caixa para fazer face a pagamentos excepcionais e isolados que poderão surgir durante o mês, cuja utilização dependerá de expressa autorização do Secretário de Estado da Fazenda.

Art. 7º - Os casos omissos ou exceções não previstas na programação diária serão decididos pelo Secretário de Estado da Fazenda, após parecer técnico da Subsecretaria de Orçamento e Finanças.

Art. 8º - Os recursos financeiros devem ser aplicados dentro da programação prevista, sob pena de responsabilidade de cada Secretário e/ou Dirigente de Órgão.

Art. 9º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 29 de maio de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 30.5.01)

DECRETO Nº 728-R, de 31.5.01

Aprova o Quadro de Organização da Polícia Militar do Espírito Santo.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, item III, da Constituição Estadual, o Art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.75, e ainda o que consta no Processo nº 20346921,

DECRETA:

Art. 1º - Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma do anexo deste Decreto.

Art. 2º - O Comandante Geral da Polícia Militar do Espírito Santo, baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado na forma do presente Decreto.

Art. 3º - O art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 5º - Os Comandos de Polícia Ostensiva são os escalões intermediários de comando e compreendem:
I – O Comando de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM), com sede no Município de Vitória;
II – O Comando de Polícia Ostensiva Norte (CPON), com sede no Município de Colatina;
III – O Comando de Polícia Ostensiva Sul (CPOS), com sede no Município de Cachoeiro de Itapemirim.
§1º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM):
O Primeiro Batalhão de Polícia Militar (1º BPM), com sede no Município de Vitória;
O Quarto Batalhão de Polícia Militar (4º BPM), com sede no Município de Vila Velha;
O Sexto Batalhão de Polícia Militar (6º BPM), com sede no Município de Serra;
O Sétimo Batalhão de Polícia Militar (7º BPM), com sede no Município de Cariacica;
O Décimo Batalhão de Polícia Militar (10º BPM), com sede no Município de Guarapari;
O Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRv), com sede no Município de Vitória;
O Batalhão de Missões Especiais (BME), com sede no Município de Vitória;
O Regimento de Polícia Montada (RPMont), com sede no Município da Serra;
A Companhia de Polícia Ambiental (Cia P Amb), com sede no Município de Cariacica;
A Companhia de Polícia de Guarda (Cia P Gd), com sede no Município de Vitória, tendo a seu cargo as missões de segurança do Governador e guarda do Palácio Anchieta e Residências Oficiais do Governo do Estado.
§2º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Norte (CPON):
O Segundo Batalhão de Polícia Militar (2º BPM), com sede no Município de Nova Venécia;
O Quinto Batalhão de Polícia Militar (5º BPM), com sede no Município de Aracruz;
O Oitavo Batalhão de Polícia Militar (8º BPM), com sede no Município de Colatina;
A Terceira Companhia Independente de Polícia Militar (3ª Cia Ind), com sede no Município de Linhares;
A Quarta Companhia Independente de Polícia Militar (4ª Cia Ind), com sede no Município de Barra de São Francisco;
A Quinta Companhia Independente de Polícia Militar (5ª Cia Ind), co sede no Município de São Mateus;
§3º - São Órgãos de execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Sul (CPOS):
O Terceiro Batalhão de Polícia Militar (3º BPM), com sede no Município de Alegre;
O Nono Batalhão de Polícia Militar (9º BPM), com sede no Município de Cachoeiro de Itapemirim;
A Segunda Companhia Independente de Polícia Militar (2ª Cia Ind), com sede no Município de Afonso Cláudio;"

Art. 4º - O Art. 9º do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 9º - Os Comandos de Polícia Ostensiva Metropolitano (CPOM), Norte (CPON) e Sul (CPOS), são os órgãos responsáveis, perante o Comandante Geral,, no que compete a Polícia Militar, pela polícia ostensiva e pela preservação da ordem pública, dentro de suas respectivas áreas de circunscrição, competindo-lhes o planejamento, comando, coordenação, fiscalização e controle operacional dos órgãos e unidades subordinadas."

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 31 de maio de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 01.6.01)

DECRETO Nº 735-R, de 5.6.01

Consumo de Energia Elétrica nas Repartições Públicas do Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, III, da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º - O art. 1º do Decreto nº 690-R, de 17 de maio de 2001, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º - Os órgãos e entidades da Administração Pública Estadual, direta e indireta, deverão reduzir o respectivo consumo de energia elétrica, tendo como referência o mesmo mês do exercício anterior, no mínimo:
I – Em 25% (vinte e cinco por cento), a partir de 1º de junho de 2001;
II – Em 35 % (trinta e cinco por cento), a partir de 1º de julho de 2001;
§1º - Os estabelecimentos de ensino deverão reduzir, a partir de junho de 2001, o consumo mensal de energia elétrica em 20% (vinte por cento), tomando-se por base a média do consumo mensal verificado nos meses de maio, junho e julho de 2000.
§2º - As unidades hospitalares e as atividades em que haja necessidade de fornecimento de energia para motores e máquinas essenciais à operação de serviços públicos de água, esgoto e saneamento deverão reduzir, a partir de junho de 2001, o consumo mensal de energia elétrica em 10% (dez por cento), tomando-se por base a média de consumo mensal verificado nos meses de maio, junho e julho de 2000.
§3º - Nas instalações a que se refere o parágrafo anterior deverão ser preservadas as condições mínimas de funcionamento das áreas operacionais, centros ou unidades de terapia intensiva e cirúrgicas, ,podendo, para tanto, ser ampliado o percentual de redução do consumo das áreas administrativas.
§4º - As metas mensais de redução de consumo de que tratam este artigo poderão ser alteradas por ato do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, conforme as orientações e diretrizes que vierem a ser fixadas pela Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica – GCE, do Governo Federal.
§5º - Para a consecução das metas definidas neste artigo, deverão ser adotadas, dentre outras, as seguintes medidas:
I – redução do uso de máquinas e equipamentos elétricos e eletrônicos, racionalizando-se a utilização de energia aos casos estritamente necessários e inadiáveis;
II – restringir a utilização de aparelhos ou sistemas de ar condicionado ao período de 12:00 às 16:00 horas em cada unidade administrativa ou operacional do Estado, salvo aqueles cujo funcionamento seja essencial à garantia da manutenção e operação de equipamentos sensíveis à alta temperatura. No caso da unidade funcionar, por imperiosa necessidade do serviço em dois ou mais expedientes, a utilização dos aparelhos ficará restrita ao horário de 10:00 às 16:00 horas;
III – redução da iluminação noturna nos pátios externos dos órgãos e entidades, com desligamento de, no mínimo, 50% das lâmpadas;
IV – desligamento de iluminação de fachadas externas dos prédios e monumentos públicos;
V – restringir a iluminação noturna dos prédios públicos ao saguão e a outros estritamente necessários à segurança patrimonial;
VI – desligamento de lâmpadas dos ambientes (salas, corredores, escadas, etc.) pelo período em que a luminosidade dos locais permita a execução normal de trabalho e o livre e seguro trânsito de pessoas. No caso em que essa providência não seja possível, deve ser intercalado o acendimento de lâmpadas nos respectivos locais;
VII – utilizar, preferencialmente, lâmpadas fluorescentes, observando, entretanto, o uso de lâmpadas incandescentes em locais em que aquelas não sejam tecnicamente aconselháveis, a exemplo dos ambientes em que haja freqüente necessidade de ligar e desligar tais lâmpadas;
VIII – redimensionar a distribuição de interruptores de forma que possa haver a utilização parcial da iluminação dos ambientes, evitando, assim, que um interruptor acenda simultânea e desnecessariamente vários pontos de luz. Este redimensionamento deverá ser executado principalmente em locais cujo circuito elétrico é controlado exclusivamente através de uma única chave geral.
IX – promover, sempre que possível, a revisão dos locais de instalação dos aparelhos de ar condicionado, recolocando-os em locais que permitam melhor rendimento térmico (exemplo: parte superior dos ambientes);
X – proibição do uso de equipamentos e aparelhos elétricos para atendimento de interesses particulares dos servidores;
§6º - Outras medidas poderão ser adotadas pelos órgãos e entidades, respeitando-se as peculiaridades de cada um, visando sempre a obtenção de maior redução de consumo."
Art. 2º - Acresça-se ao art. 2º , do Decreto nº 690-R, de 17 de maio de 2001, o §1º , com a redação seguinte, renomeando o atual parágrafo para §2º :
"Art. 2º - .....
§1º - Os Secretários e Dirigentes dos órgãos e entidades referidos no "caput" artigo anterior poderão, respeitadas as peculiaridades das unidades sob a sua jurisdição administrativa, determinar outros horários de funcionamento, observado em qualquer hipótese a meta de redução do consumo mensal de energia elétrica de que trata este Decreto.
§2º - .....".

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, 05 de junho de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 6.6.01)

Em conseqüência, os Diretores, Comandantes e Chefes, e o Gestor de Energia Elétrica da PMES, tomem conhecimento e providências a respeito.

(BCG nº 23 de 7.6.01)

DECRETO Nº 747-R, de 11.6.01

Projeto "A GENTE DA PAZ'

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e considerando o disposto no art. 9º do Decreto nº 1.112-N, de 09 de fevereiro de 1978 e suas alterações;
Regulamenta o Projeto "A Gente da Paz", Ações Proativas para a Prevenção da Criminalidade e as medidas de apoio do Governo Estadual à ação dos cidadãos contra a violência e a favor da vida.

Art. 1º - O Projeto " A Gente da Paz" para a Prevenção da Criminalidade, integrante do ProPas (Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública), destina-se a desenvolver ações objetivando atender principalmente a parcela da população em situação de risco social, primordialmente dos bairros periféricos dos municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, onde são registrados elevados índices de criminalidade.

Art. 2º - A Coordenadoria do projeto "A Gente da Paz", Ações Proativas para a Prevenção da Criminalidade deverá elaborar subprojetos específicos de ações culturais, de esportes, sócio-econômicas, de educação, de saúde e de dependência química para serem implantadas conforme destinação e objetivos do projeto.

Art. 3º - Fica instituído o Projeto "A Gente da Paz", como parte integrante do Pro-Pas, Ações Proativas para a Prevenção da Criminalidade, o qual se dese4nvolverá juntamente com o apoio do Governo Estadual à ação dos cidadãos contra a violência e a favor da vida.

Art. 4º - O cronograma das ações do Projeto "A Gente da Paz" deverá observar o calendário do Projeto "Governo da Gente", de modo que não coincidam as datas dos eventos programados para ambos.

Art. 5º - São os seguintes os órgãos participantes do projeto "A Gente da Paz":

I – Polícia Militar:
a – Batalhão e/ou Companhia da área circunscricionada;

b – Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano;
c – Diretoria de Promoção Social;
d – Banda de Música;
e – Regimento de Polícia Montada;
f – Diretoria de Saúde.

II – Polícia Civil:
a – Departamento de Polícia Judiciária e/ou Distrito Policial da área circunscricionada ;
b – Delegacia Interestadual de Vigilância e Captura – Polinter-ES;
c – Superintendência de Polícia Técnico Científica;
d – Núcleo de Pessoas Desaparecidas;
e – Delegacia Especializada de Defesa da Mulher.

III – Corpo de Bombeiros:
a - Batalhão e/ou Companhia da área circunscricionada;
b – Coordenadoria Estadual de Defesa Civil;
c – Centro de Atividades Técnicas.

IV - Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social.
V – Secretaria de Estado de Transporte e Cultura.
VI – Secretaria de Estado da Saúde.
VII – Secretaria de Estado da Educação.
VIII – Bandes.
§1º - As Prefeituras Municipais das áreas em que serão desenvolvidas as diversas ações deste Subprojeto terão importante participação, devendo ser convidadas para a solução de problemas demandados pela população atendida, sendo efetivadas as suas participações voluntárias, por adesão, através de convênio do ente municipal com o Governo do Estado.
§2º - As Organizações não Governamentais deverão ser convidadas a participar da parceria, podendo atuar com suas atividades peculiares, visando o atendimento dos anseios da população, podendo associar-se ao projeto através da Secretaria Executiva do Pro-Pas.
Art. 6º - São as seguintes as atribuições de cada Órgão envolvido:
I – Secretaria Executiva do Pro-Pas:
a – Distribuição de Informativos, folders e cartazes sobre as questões de Segurança Pública;
b - Divulgação das Cartas respostas à população.

II – Batalhão e/ou Companhia de Área Circunscricionada:
a – Realização do policiamento a pé e motorizado.

III – Departamento de Polícia Judiciária e/ou Distrito Policial Circunscricionado:
a – Recepção das demandas policiais da população local;
b – Orientação e procedimentos referentes à vitimização, violência doméstica e sexual.

IV – Batalhão de Polícia de Trânsito Urbano:
a – Atuar em caráter informativo à população através de questões de segurança no trânsito e distribuição de folders aos condutores de veículos, ciclistas e pedestres.

V – Regimento de Polícia Montada:
a – Realizar o policiamento montado nas comunidades durante a realização do Projeto “A Gente da Paz”.

VI – Diretoria de Promoção Social:
a – Apresentação de peças teatrais temáticas, utilizando o Grupo de Teatro.

VII – Banda de Música:
a – Realização de tocatas ou concertos.

VIII – Corpo de Bombeiros Militar:
a – Palestras a serem desenvolvidas junto às comunidades no âmbito da prevenção de incêndio, manejo de extintores, ,noções de primeiros socorros, cuidados com o manuseio de botijas de gás liquefeito de petróleo – GLP, e outras modalidades de prevenção doméstica.
b - Vistorias em estabelecimentos comerciais para verificar as condições de regularização nos aspectos de segurança contra incêndio e pânico, oferecendo orientações aos responsáveis;
c – Demonstração de remediação de acidentes e distribuição de folders.

IX - Delegacia Interestadual de Vigilância e Captura – POLINTER:
a – Disponibilizar banco de dados, incluindo fotografia, com pessoas foragidas da Justiça Criminal.
X – Núcleo de Pessoas Desaparecidas:
a - Disponibilizar banco de dados, incluindo fotografia, de pessoas desaparecidas.
XI – Superintendência de Polícia Técnico Científica:
a - Promover a emissão de carteiras de identidade civil através de stand específico para esse fim.

Art. 7º - Para cada Órgão participante fica designado o seguinte coordenador, que terá a incumbência de funcionar como facilitador e intermediador da sua organização com a Secretaria Executiva do Pro-Pas:
I - Secretaria de Estado de Trabalho e Ação Social – Setas;
II – Polícia Militar: Cap PM Marisa Fornazier Volpine Thomé;
III – Polícia Civil: Delegada de Polícia Civil Fabiana Maioral Foresto;
IV – Corpo de Bombeiros Militar: 1º Tem BM Rodrigo Nascimento Ribeiro.

Art. 8º - A Coordenação Geral do Projeto “A Gente de Paz”, Ações Proativas, ficará a cargo de uma Coordenação geral indicada pela Direção do Pro-Pas e que juntamente com um representante da SETAS se incumbirão da sua organização, implementação, acompanhamento e supervisão.

Art. 9º - O Planejamento das atividades atinentes ao projeto ficará a cargo da Coordenação Geral, através da Secretaria Executiva do Pro-Pas, juntamente com representantes da Secretaria de Estado de Trabalho e Ação Social, Secretaria de Comunicação e o Gabinete do Governador do Estado.

Art. 10º - A identificação das áreas a serem atendidas pelo projeto devem ter como fatores determinantes:
I - índice de registro de crimes contra a vida;
II – índice elevado de registro de crimes contra o patrimônio;
III – índice elevado de registros de tráfico e uso de entorpecentes.
Parágrafo único – Os fatores determinantes serão definidos pelos indicadores de Segurança Pública elaborados pelo Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves – IPES, e por dados fornecidos pela Chefia da Polícia Civil e da Diretoria de Inteligência da Polícia Militar.

Art. 11 – As ações relativas ao projeto objeto deste decreto devem ser realizados, uma vez a cada quinzena, aos sábados, no horáio de 09 às 18 horas, em um dos bairros dos municípios da Região Metropolitana.

Art. 12 – Fica revogado o decreto nº 4.568-N, de 21 de dezembro de 1999.

Art. 13 – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 14 – revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 11 de junho de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 12.6.01)

DECRETO Nº 770-R, de 10.7.01

Aprova o Quadro de Organização da Polícia Militar do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, item III, da Constituição Estadual, o Art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.75, e ainda o que consta no Processo nº 20494289,

DECRETA:

Art. 1º - Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma deste Decreto.

Art. 2º - O Comandante Geral da Polícia Militar do Espírito Santo, baixará o Detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado na forma deste Decreto.

Art. 3º - Os Art. 3º e Art. 10º do Decreto nº 3.317-N, de 24 de fevereiro de 1992, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 3º - São os Órgãos de Direção Setorial:

a) .....
b) .....
c) .....
d).....
e) Diretoria de Ensino e Instrução;
f).....
g).....”

“Art. 10º - A Diretoria de Ensino e Instrução é o órgão responsável, perante o Comandante Geral pelo planejamento, coordenação, fiscalização e controle das atividades do sistema de ensino e instrução da Polícia Militar.”

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 10 de julho de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 11.7.01)

DECRETO Nº - 798-R, de 01.08.01

Abertura de Contas Bancárias

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, da Constituição Estadual, e
Considerando o disposto no art. 11, § 5º , do Decreto n] 4.063-N, publicado no diário Oficial de 17 de dezembro de 1996, onde decreta que as aberturas de contas deverão ser solicitadas à Coordenação de Finanças da SEFA, só poderão ser assinadas pelo responsável da pasta, de acordo com o seguinte critério:

Art. 1º - As solicitações para abertura de conta corrente e conta de poupança encaminhadas a Coordenação de Finanças da SEFA, só poderão ser assinadas pelo responsável da pasta, de acordo com o seguinte critério:

a) os Órgãos da Administração Direta – pelo Secretário de Estado, Secretário Chefe, Auditor Geral, Procurador Geral, Defensor Público Geral, Comandante Geral, Delegado Chefe e Superintendente Estadual:

b) os Órgãos da Administração Indireta, as Autarquias e Fundos Públicos – pelo Diretor Presidente, Diretor Geral e Superintendente.

Art. 2º - As solicitações para substituição, inclusão e exclusão de assinaturas para movimentação das contas, também obedecerão ao critério estipulado no art. 1º deste decreto.

Art. 3º - As movimentações bancárias deverão ser assinadas pelos ocupantes dos cargos descritos no art. 1º, em conjunto com o responsável pelo Grupo e/ou Departamento Financeiro de cada Órgão.
Parágrafo único – Em caso de ausência de qualquer uma das pessoas citadas no caput deste artigo, uma terceira pessoa previamente autorizada, poderá assinar as movimentações bancárias para qualquer um dos ausentes. No caso de o ausente ser ocupante do cargo descrito no art 1º, este deverá ser informado, logo após seu retorno, das movimentações ocorridas no período.

Art. 4º - As movimentações bancárias realizadas pela Coordenação de Finanças da SEFA deverão ser assinadas pelos ocupantes dos cargos de Secretário de Estado da Fazenda ou Subsecretário de Orçamento e Finanças em conjunto com o ocupante do cargo de Coordenador de Finanças.
Parágrafo único – Em caso de ausência de qualquer uma das pessoas citadas no caput deste artigo, uma terceira pessoa previamente autorizada poderá assinar as movimentações bancárias para qualquer um dos ausentes.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em 01 de agosto de 2001
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 02.08.01)

DECRETO Nº 883-S, de 24.10.01

Dá nova redação ao Art. 15 do Decreto nº 3.410-N, de 14.09.92

O OGOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, ítens III e V, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta no processo nº 21160171,
DECRETA:

Art. 1º - O Art. 15 do Decreto nº 3.410-N, de 14.09.92, passa a vigorar com a sguinte redação:

“Art. 15 – Fica constituída uma Comissão Permanente de Remonta (C.P.R.) da PMES, composta de um Oficial Superior do RPMont e dois Oficiais do Quadro Veterinário (QOV).”

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 24 de outubro de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 25.10.01)

DECRETO Nº 1.173-S, de 08.11.2001

Projeto de Desenvolvimento e Implantação do sistema da Intranet da Segurança Pública

O GEVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, ,no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, inciso V da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - Fica instituída o Projeto de Desenvolvimento e Implantação do sistema da Intranet da Segurança Pública no âmbito da Administração Direta e Indireta, Empresas Públicas, Autarquias e Fundações, gerenciadas conforme modela de gestão.

Art. 2º - O modelo de gestão compõe-se de 2 (dois) Comitês : o Comitê Diretivo e o Comitê de Usuários.

Art. 3º - O Comitê Diretivo será composto pelo Secretário de Estado da Segurança Pública, pelo Diretor Presidente da PRODEST, pelo Diretor Presidente do IPES e por um Secretário Executivo do PRO-PAS.
Parágrafo Único - Ao Comitê Diretivo compete:
estabelecer estratégias de ação;
Promover articulação política;
Prover recursos necessários ao projeto;
Aprovar solução proposta pela gerência do projeto no tocante à tecnologia e sistema de informação;
Aprovar planos de trabalhos (metas e prazos).

Art. 4º - O Comitê de Usuários é composto pelos representantes dos seguintes órgãos:
Polícia Civil – Delegado de Polícia Paulo Cezar Ferreira
Investigador de Polícia Artur Emílio de Abreu
Polícia Militar – Cel PM José Orlando Vieira do Nascimento
Cap PM Sérgio Pereira Ferreira
PRODEST – José Luiz Dolsan de Almeida
Reinaldo Barboza Martins
PRO-PAS – Maj PM Antonio Carlos Barboza Coutinho
IPES - Dr. Guilherme Henrique Pereira
SEJUS – Ten Cel PM José Nivaldo Campos Vieira
Defensoria Pública – Dr. Marcelo Paes Barreto
Poder Judiciário – A ser indicado pelo Tribunal de Justiça do ES
Ministério Público – A ser indicado pela Procuradoria Geral de Justiça.

§ 1º - O Poder Judiciário e o Ministério Público Estadual ficam convidados a indicar representantes para acompanhar e integrar o desenvolvimento do projeto.
§ 2º - Ao Comitê de Usuários compete:
participar do processo de busca de soluções, avaliando produtos e propondo adaptações necessárias;
participar do estabelecimento da estratégia de implantação do sistema;
participar da elaboração dos planos de trabalhos, definindo tarefas e prazos de conclusão.
Art. 5º - A gerência técnica do projeto fica a cargo do Maj PM Antonio Carlos Barboza Coutinho.
Parágrafo Único – Compete à gerência técnica do projeto:
propor solução a ser utilizada no tocante à tecnologia e sistema de informação;
propor estratégia de implantação do sistema de informação;
elaborar os planos de trabalhos promovendo metas e prazos;
acompanhar a execução dos planos de trabalhos, observando atendimento à qualidade e prazos estabelecidos, corrigindo desvios casos existentes.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 08 de novembro de 2001.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 09.11.01)

DECRETO Nº 929-R, de 14.11.01

Modifica a redação do Decreto nº 4.452-N, de 27.04.1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, conferidas pelo Artigo 91, Inciso III, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - Os Artigos 1º e 4º do Decreto nº 4.452-N, de 27 de abril de 1999, passam a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 1º - Fica limitado em R$ 300,00 (trezentos reais) o valor a ser pago pelo erário estadual em relação às contas de telefone celular de propriedade do Governo do Estado em uso no serviço público."

" Art. 4º - Excluem-se do limite fixado neste Decreto as linhas celulares de uso exclusivo das áreas de Segurança Pública e Comunicações.
Parágrafo único – Os dirigentes dos órgãos vinculados às áreas referidas no "caput" deste artigo definirão quais as linhas de celulares excluídas do limite estabelecido no artigo 1º, deste Decreto."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 1º de novembro de 2001 e revogando o artigo 5º do Decreto nº 4.452-N.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 14 de novembro de 2001

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA

Governador do Estado

(DOE de 19.11.01)

DECRETO Nº 936-R, de 26.11.2001

Participação da sociedade civil na formulação e controle das ações de Segurança Pública

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando as disposições contidas no Art. 124, Parágrafo único da Constituição Estadual e no Art. 3º da Lei Complementar nº 4, que asseguram a participação da sociedade civil na formulação e no controle das ações de segurança pública;
Considerando os princípios da comunitarização e da integração que norteiam os Planos Nacional Estadual de Segurança Pública e que as ZPI's – Zonas de Policiamento Integrado e o CSO – Corredor de Segurança Ostensiva devem ser os principais instrumentos e a base do processo que incorporam esses princípios;
Considerando a legítima pretensão da sociedade civil organizada em ver adotadas as providências que permitam efetivamente a sua participação na formulação e no controle das ações de segurança pública;
Considerando a existência de alguns desvios na execução de projetos em desenvolvimento, principalmente no que tange às Zonas de policiamento Integrado e ao Corredor de Segurança Ostensiva;
Considerando a necessidade de adotar providências que reordenem as ações operacionais do PRO-PAS, pois cabe ao Poder Executivo ordenar ações corretivas para o melhor aproveitamento de todos os investimentos atuais na Segurança Pública, visando o controle da criminalidade; e
Considerando, finalmente, o aumento significativo dos recursos materiais e tecnológicos disponibilizados pelo atual governo para a otimização da operacionalidade das unidades policiais e para a produção de indicadores de violência e criminalidade, que sejam confiáveis e ganhem respeito público;
DECRETA:

Art. 1º - Fica determinado à Secretaria de Estado da Fazenda a priorização dos repasses mensais de recursos orçamentários e financeiros destinados ao suprimento de fundos dos órgãos da Polícia Militar e Polícia Civil, conforme estabelecido no Projeto de Irrigação Financeira do PRO-PAS.

Art. 2º - A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, em conjunto com a Secretaria de Estado da Segurança Pública e com os Órgãos de Segurança Pública, deverá, no prazo de vinte dias, adotar medidas visando a abertura de concurso público para os órgãos de segurança pública, obedecidas as limitações impostas pela Lei de Responsabilidade Fiscal e outras pertinentes, visando o recompletamento dos quadros institucionais.

Art. 3º - Por iniciativa da Secretaria de Estado da Segurança Pública deverão ser promovidas reuniões de levantamento e diagnóstico pelos órgãos de segurança pública, em parceria com os setores municipais específicos, objetivando a adoção de providências que permitam o planejamento das ações policiais a serem executados durante o período de verão nas áreas turísticas do estado, principalmente na região litorânea, garantindo, entretanto, o policiamento de rotina nos bairros.
Parágrafo único – Caso haja necessidade de recompletamento de efetivos nas áreas de maior fluxo turístico, fica a Secretaria de Estado da Segurança Pública autorizada, através dos Órgãos de Segurança Pública, observados os parâmetros orçamentários, a promover o deslocamento de servidores policiais civis e militares para atuação operacional, no período compreendido de 17 de dezembro até 17 de março de 2002.

Art. 4º - A Secretaria Executiva do PRO-PAS fica incumbida de disponibilizar em seu jornal Eletrônico no endereço www.propas.es.gov.br as informações que facilitem a integração com a comunidade, tornando ainda mais transparentes as ações na área de segurança pública.

Art. 5º - Os Delegados Titulares de Distritos e Delegacias e os Comandantes de Companhias e Pelotões das ZPI's implantadas no Estado devem, obrigatoriamente, participar das atividades dos Conselhos e Células Interativas de Segurança (CIS) instituídos em suas circunscrições.
Parágrafo único – Por participação as autoridades referidas no caput deste artigo entende-se:
a – Auxiliar efetivamente para a mobilização dos membros dos Conselhos e Células Interativas de Segurança e de representantes de outros setores governamentais e não-governamentais;
b – Estar presentes nas reuniões para as quais forem convidados;
c – Atender as prioridades formalizadas pelos (as) CIS;
d – Disponibilizar informações sobre recursos sobre humanos e materiais a seu cargo, dados demográficos, mapeamento de locais de risco;
e – Implantar urnas interativas;
f – Verificar periodicamente as informações, críticas, sugestões denúncias e adotar providências decorrentes, bem como prestar contas em relação a todas as questões de interesse local que envolvam a segurança pública, a cargo das unidades policiais civis e militares na circunscrição;

g – Elaborar documento com a relação atualizada de situações favoráveis à ocorrência de crimes e acidentes na área do Conselho ou Célula Interativa, com sugestões de encaminhamento para redução dos riscos, a serem apresentados e discutidos na âmbito do (a) CIS;
h – Disponibilizar informações e documentos referentes às políticas públicas local, regional, estadual e nacional para a segurança pública, com ampla discussão com a comunidade local sobre a participação do segmento institucional a seu serviço e os resultados alcançados mensalmente, e
i - Instituir planejamento estratégico integrado entre as policias Civil e Militar incluindo o Plano de emprego tático-operacional das unidades locais, no âmbito das ZPI's.

Art. 6º – A Portaria Conjunta PM / PC – 01/2000 de 29 de agosto de 2000 deve ser integralmente cumprida pelas autoridades nela referenciadas e às quais se destinam, sob o controle da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Art. 7º - A Secretaria de Estado da Segurança Pública, através da coordenação do planejamento conjunto dos Comandos de Polícia Ostensiva da Polícia Militar e das Superintendências da Polícia Civil, adotará obrigatoriamente e de imediato as seguintes providências:
I – proceder a semi-ocupação integrada por efetivos das polícias Civil e Militar nas áreas de alto risco criminal indicadas pela SESP, com base nos relatórios sobre criminalidade violenta no Espírito Santo 1998-2000 e mortes violentas no Espírito Santo 1997-2001, produzidos pelo IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves e Diagnóstico detalhado, pelas Unidades Policiais do Sistema de Segurança Pública Estadual, em revezamento por bairros, não inferior a seis horas diárias nos períodos vespertino e noturno e no mínimo duas vezes por semana.
II – Retornar imediatamente as ações de Polícia Interativa, através da interlocução com os Conselhos Interativos de Segurança Pública e de medidas destinadas à formação desses conselhos nos bairros ainda não organizados dessa forma, com a participação dos Delegados de Polícia e Comandantes de frações policiais militares com circunscrição nas respectivas áreas do Conselho, em reuniões mensais, que devem ser registradas em atas a serem remetidas ao Gabinete do Secretário de Segurança Pública, para fins de controle e acompanhamento, até o décimo segundo dia útil de cada mês, impreterivelmente.
III – Realizar diariamente no mínimo uma operação de grande porte, através dos Corredores de Segurança Ostensiva da Polícia Militar para a intensificação de abordagens, averiguações e fiscalização em táxis na Região Metropolitana da Grande Vitória e nas principais cidades do interior.
IV – Empregar prioritariamente os efetivos das polícias Militar e Civil, disponíveis através da escala especial, nas operações descritas neste artigo e também nos bairros nas atividades de policiamento ostensivo de proximidade "Cosme e Damião" pelas Unidades da PM.

Art. 8º - O Comandante Geral da Polícia Militar deverá instituir com oficiais, escala exclusiva de supervisão permanente para o Corredor de Segurança Ostensiva a cargo das Unidades operacionais, sob a coordenação do Comando de Policiamento Ostensivo Metropolitano de forma que na área de cada unidade seja destinado um supervisor para esse serviço na respectiva área, sem acumular encargos de supervisão ou comandamento das demais atividades operacionais da unidade.

Art. 9º - Compete à Supervisão Diária do serviço do Corredor de Segurança Ostensiva impor a todos os setores envolvidos a permanência de uma viatura em cada abrigo, sendo autorizado o seu deslocamento, sob conhecimento do Centro de Operações da Polícia Militar, para intervenções urgentes de socorro e proteção.
§ 1º - O período de permanência e patrulhamento, feito através do sistema de revezamento entre as viaturas em serviço no Corredor de Segurança Ostensiva na RMGV, poderá em algumas ilhas ser flexibilizado de zero horas às cinco horas, pelas Unidades, após autorização expressa do Comandante de Policiamento Ostensivo Metropolitano, visando otimizar o policiamento motorizado nos locais mais críticos.
§2º - O estabelecimento do roteiro das viaturas em patrulhamento dever ser objeto de ampla discussão com a comunidade local, a qual participará ativamente na definição do cartão-programa, conforme suas necessidades e expectativas, por ocasião das reuniões mensais do (a) Conselho/Célula Interativo (a) de Segurança Pública.

Art. 10 – É responsabilidade da Supervisão diária do serviço do Corredor de Segurança Ostensiva cuidar para que as viaturas destinadas ao serviço a princípio sejam sempre do padrão estabelecido assim como a uniformização do pessoal empregado, inclusive a obrigatoriedade de uso dos coletes reflexivos sobre o uniforme, que o distingua.

Art. 11 – A natureza do Serviço no Corredor de Segurança Ostensiva implica em estar o policial em permanente atitude de observação e vigilância tudo que se passa no seu entorno,, não podendo o mesmo estar cochilando ou dormindo em seu posto de serviço.

Art. 12 – Em hipótese alguma será permitido que o abrigo destinado à permanência da viatura na ilha de policiamento do Corredor de Segurança Ostensiva esteja fora do padrão estabelecido no projeto original, a fim de não descaracterizá-lo.
Parágrafo único - Fica estabelecido o prazo de quinze dias, a contar da publicação deste decreto, para que os Comandantes de Unidades promovam as adequações necessárias à padronização na Região Metropolitana da Grande Vitória e no Interior.

Art. 13 - Fica proibida a divulgação de outro número ou serviço de telefone pelas unidades das Polícias Militar e Civil sediadas na Região Metropolitana da Grande Vitória para o recebimento de denúncias anônimas que não seja o do serviço Disque-Denúncia, implantado em parceria entre o Movimento Rio de Combate ao Crime e a Secretaria de Segurança Pública, através do número 3222-8144.

Art. 14 – O descumprimento de quaisquer disposições deste Decreto consiste em transgressão disciplinar para fins de aplicação das normas disciplinares em vigor nas Polícias Civil e Militar e no Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo.

Art. 15 – Caberá à Superintendência Estadual de Comunicação Social a promoção de campanha de divulgação objetivando dar conhecimento à população das medidas contidas neste Decreto.

Art. 16 – Ficam dispensadas, respectivamente, das funções organogramáticas da Coordenação Geral do PRO-PAS as seguintes pessoas:

- Coordenador de Eventos e Informática e do Projeto A Gente de Paz – Dr. Luiz Ferraz Moulin;
- Coordenadoria dos Indicadores de Segurança Pública do IPES – Nildete Virgínia Turra Ferreira.

Art. 17 – Ficam designadas, respectivamente, para o exercício das funções organogramáticas da estrutura da Coordenação Geral do PRO-PAS, sem prejuízo das atuais funções e atribuições, as seguintes pessoas:

- Coordenador de Eventos e Informática e do Projeto A Gente de Paz – Cap PM Marcus Antonio Konieczna Amaral;
- Coordenadoria dos Indicadores de Segurança Pública do IPES – Guilherme Henrique Pereira;
- Coordenador Geral do Projeto A Gente de Paz – Gilson Giuberti Filho, e
- Subcoordenadora das ZPI's – PC- DP/4 – Arminda Rosa da Silva Rodrigues.

Art. 18 – A Secretaria de Estado da Segurança Pública, através da Polícia Militar, fica autorizada a disponibilizar o uso de canal de rádio do Centro de Operações Policiais para a ativação pelos municípios das Centrais de Ambulância na RMGV.

Art. 19 – A Secretaria de Estado da Segurança Pública, apoiada pelas Polícias Civil e Militar, fará realizar o Congresso das Comunidades no dia 27 de janeiro de 2002, objetivando ampliar o debate com a sociedade civil organizada das questões afetas ao Programa de Planejamento de Ações de Segurança Pública.

Art. 20 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 21 – Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em 26 de novembro de 2001.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 27.11.01)

DECRETO Nº 947-R, de 03.12.01

Dispõe sobre Concurso Público no Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, ,incisos III e V, da Constituição Estadual, combinado com a Lei Complementar nº 140, de 15 de janeiro de 1999 e a Lei Complementar nº 175, de 9 de fevereiro de 2000,
DECRETA:

Capítulo I
Das Disposições Preliminares

Art. 1º - A investidura em cargo ou emprego público, nos órgãos da Administração Direta e Indireta do Estado, dependerá de prévia aprovação em concurso público de provas ou de provas e títulos, complementados, quando exigido, por frequência em curso específico.
Parágrafo único – Excetua-se do disposto neste artigo a admissão de pessoal para provimento de cargo em comissão, para funções gratificadas e para a admissão de pessoal em caráter temporário.

Art. 2º - Os concursos públicos no âmbito da Administração Direta e Indireta do Estado ficarão sob a gestão da Secretaria de Estado da Administração dos Recursos humanos e de Previdência – SEARP, a quem caberá o planejamento e a coordenação das ações relacionadas ao recrutamento e seleção de pessoal.
§ 1º - À Escola de Serviço Público do Espírito Santo – ESESP, autarquia vinculada à Secretaria de Estado da Administração dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, caberá a fiscalização, o acompanhamento e a execução dos concursos públicos.
§ 2º - A execução dos concursos públicos, poderá ser transferida a entidade pública ou privada, a critério da SEARP, observada a legislação vigente, mantidos o acompanhamento e a fiscalização pela ESESP.
§ 3º - Na hipótese do parágrafo anterior, a celebração de acordos, contratos e convênios necessários à realização de concurso público, ,poderá ficar a cargo da SEARP ou do Órgão ou Entidade Requisitante que observará, para este fim, as diretrizes estabelecidas pela SEARP.
§ 4º - Sempre que se fizer necessário, os acordos, contratos ou convênios com entidades públicas ou privadas poderão ser celebrados diretamente pela ESESP.

Art. 3º - Para fins de planejamento e execução, o órgão ou entidade que requisitar a realização de concurso público, além de outros esclarecimentos, deverá prestar as seguintes informações:
I – nome do cargo, requisitos para o seu provimento, carreira, se houver, classe, área de atividade e outras especificidades.
II – jornada de trabalho;
III – valor do vencimento e vantagens previstas;
IV – descrição sumária das atribuições do cargo;
V – número de vagas e fixação do percentual reservado aos portadores de deficiência;
VI – indicação da legislação pertinente à criação do cargo;
VII – indicação dos servidores que auxiliarão no planejamento e acompanhamento do concurso público;
VIII – exigência ou não de comprovação de experiência profissional em cargos específicos.

Capítulo II
Dos Editais ou Instruções Especiais

Art. 4º - A realização dos concursos públicos será precedida da publicação de Edital, destinado a conferir publicidade, disciplinar e regulamentar as regras do concurso público.

Parágrafo único – O Edital, deverá ser elaborado em estreita parceria com o órgão ou entidade requisitante e deverá conter, obrigatoriamente, as seguintes informações:
o objeto do concurso;
as condições para inscrição;
o número de vagas;
as datas de início e encerramento das inscrições;
o local e o horário das inscrições;
o valor da taxa de inscrição e o local do respectivo recolhimento;
o limite mínimo de idade para a inscrição
a relação de títulos que serão considerados;
a documentação exigida;
os recursos que serão admitidos;
o prazo de validade do Concurso Público;
o vencimento dos cargos e suas atribuições;
as disciplinas das provas, os programas e bibliografias;
os critérios de pontuação para as notas das provas de conhecimento;
a tabela de pontos atribuíveis a cada título;
os tipos de provas e os critérios a serem adotados nas respectivas correções;
os critérios para determinação da nota final e para a classificação dos candidatos;
os critérios para desempate na classificação dos candidatos;
as datas, os locais e horários das provas;
a) a homologação do concurso Público;;
b) as formas de divulgação dos resultados;
outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Capítulo III
Das Inscrições

Art. 5º - A inscrições poderá ser requerida pelo próprio candidato ou por procurador legalmente constituído.

§ 1º - O pedido de inscrição implicará na aceitação, por parte do candidato, das condições constantes deste decreto, dos Editais e das Instruções Especiais que forem baixadas para o respectivo concurso.
§ 2º - O candidato que fizer ou apresentar declarações falsas ou inexatas terá sua inscrição cancelada, sendo anulados todos os atos dela decorrentes, sem prejuízo das sanções penais cabíveis.
§ 3º - Não será aceita, sob qualquer pretexto, inscrição condicional.

Art. 6º - O portador de deficiência de qualquer natureza, além da obrigatoriedade de atendimento aos requisitos exigidos para a inscrição, deverá declarar expressamente no requerimento de inscrição, essa condição e sua capacidade para o desempenho das atribuições do cargo a que se propõe.

Art. 7º - Outras provas a que o candidato portador de deficiência deva submeter-se a fim de que se verifique a compatibilidade de sua deficiência com o desempenho do cargo, fazem parte do processo seletivo, conforme previsto na Lei nº 4.531, de 26 de junho de 1991 e Lei Complementar nº 46, de 31 de janeiro de 1994.

Art. 8º - Encerradas e analisadas as inscrições, a relação daquelas que houverem sido indeferidas serão publicadas através de Edital.

Art. 9º - A relação dos candidatos cujas inscrições foram deferidas, será afixada na Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência –SEARP e em outros locais definidos em Edital ou Instruções Especiais.

Capítulo IV
Das Provas e dos Títulos

Art. 10 – Nos Concursos Públicos haverá uma prova escrita para cada disciplina ou grupos de disciplinas previstas, facultada, ainda , a aplicação de testes físicos ou psicológicos.

Art. 11 – O conhecimento do candidato poderá ser aferido, também, por avaliação de títulos relacionados com as atividades do cargo para o qual concorre.

Art. 12 – Somente será admitida a prestação de prova pelo candidato que apresentar o Cartão de Inscrição e o Documento de Identidade .

Art 13 – Não haverá, sob qualquer pretexto, segunda chamada em nenhuma das provas, importando a ausência do candidato,, em qualquer delas, na sua exclusão definitiva e imediata do Concurso Público.
Parágrafo Único – As demais condições de exclusão do candidato serão estabelecidas em Editais ou Instruções Especiais.

Art. 14 – A avaliação dos títulos apresentados pelo candidato terá apenas caráter classificatório não implicando sua eliminação no processo seletivo.

Capítulo V
Das Comissões e das Bancas Examinadoras

Art. 15 – Para os Concursos Públicos de que trata este Decreto, o Secretário da SEARP e o dirigente da ESESP e, quando, for o caso, o titular do órgão ou dirigente da entidade requisitante, por atos conjuntos, designarão pessoas de reconhecida idoneidade moral e competência para comporem:
a comissão organizadora responsável por todo o processo seletivo, desde o seu planejamento até o relatório final;
a banca ou bancas examinadoras;
a comissão julgadora de títulos, se for o caso.

§ 1º - Os componentes da banca, ou das bancas examinadoras e das comissões julgadoras de títulos poderão ser indicados pelo órgão ou entidade responsável pela execução do concurso público.
§ 2º - A comissão organizadora do concurso público será composta de representantes da SEARP, da ESESP, do órgão ou entidade requisitante e do sindicato representatório da categoria, ficando a definição do quantitativo da representação, a cargo do Secretário da SEARP.

Art. 16 – Não poderão fazer parte de quaisquer atividades do concurso público parentes consanguíneos ou afins, até o terceiro grau dos candidatos.

Capítulo VI
Do Julgamento, da Classificação Final e da Homologação

Art. 17 – Para aprovação no concurso público, o candidato deverá comparecer a todas as provas e obter o mínimo de pontos estabelecidos nos Editais ou Instruções Especiais, para cada prova.

Art. 18 – A classificação final abrangerá os candidatos aprovados nas provas de conhecimentos e de títulos e será feita pela ordem decrescente do número de pontos obtidos.
§ 1º - A classificação final dos candidatos portadores de deficiência, independe da classificação geral, prevalecendo, ,para o direito à nomeação destes candidatos o quantitativo de vagas reservadas aos mesmos no edital.
§ 2º - Não preenchidas as vagas reservadas pelos portadores de deficiência, ,poderão ser as mesmas preenchidas pelos demais habilitados, com estrita observância da ordem de classificação.

Art. 19 – Os critérios de desempate serão definidos no Edital do concurso.

Art. 20 – O resultado final do concurso público, com a classificação dos candidatos aprovados, será homologado no âmbito da Administração Direta Estadual do Poder Executivo pelo Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP e na Administração Indireta Estadual pelo dirigente do órgão e publicado no Diário Oficial do Estado.

Art. 21 – A aprovação e a classificação no Concurso Público,, ainda que no limite das vagas existentes assegura ao candidato apenas a expectativa de direito de nomeação, que ficará, no entanto, condicionada ao interesse e à conveniência da administração.

CAPÍTULO VIII
Das Disposições Finais

Art. 22- A não apresentação dos documentos exigidos para a posse implicará na insubsistência da inscrição, nulidade da aprovação e da nomeação e perda dos direitos dela decorrentes.
Parágrafo único - Nos termos da legislação vigente, o candidato nomeado só será empossado após comprovada, através de inspeção médica oficial, a sua sanidade física e mental.

Art. 23 – Após a homologação do resultado do concurso, toda a documentação a ele referente será encaminhada ao Órgão ou Entidade requisitante.

Art. 24 – As disposições deste Decreto não serão aplicadas aos concursos a serem realizados para provimento dos cargos que possuem legislação específica.

Art. 25 – Os casos omissos serão resolvidos pelo Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e Previdência – SEARP.

Art. 26 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 27 – Revogam-se as disposições em contrário e especialmente o Decreto nº 4252, , publicado em 30 de março de 1998.
Palácio Anchieta, em 03 de dezembro de 2001.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 04.12.01)

DECRETO Nº 996-R, de 04.02.02

Altera Inciso VIII do art. 1º do Decreto nº 519-R, de 27.12.00

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, item III da Constituição Estadual,

RESOLVE:

Art. 1º - O inciso VIII, do art. 1º do Decreto nº 519-R, de 27.12.00, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 1º - .....
VIII – Coordenadoria das Zonas de Policiamento Integrado:
Ten Cel JONES DA SILVA DE FREITAS MATTOS;
Delegado de Polícia Classe Especial – PC-DP.5 – ALMERINDA CAPELLI SAUÉ."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a partir de 27.11.01.

Art 3º - Revogam-se as disposições em contrário.
Vitória, em 04 de fevereiro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 05.02.02)

DECRETO Nº 990-R, de 29.01.02

Sobre Afastamento de Servidor Público Civil e Militar com ônus para o Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, incisos III e V, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - Fica prorrogado até 31 de dezembro de 2002 os efeitos do Decreto nº 632-R, publicado em 02 de abril de 2001, que suspendeu as autorizações para afastamento de servidor público civil e militar, do Poder Executivo, com ônus para a Administração Pública Estadual.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em 29 de janeiro de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 30.01.02)

DECRETO Nº 998-R, de 05.02.02

Fixa prazo para manifestação em processos distribuídos aos servidores públicos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual, e,

Considerando a necessidade de celeridade nos processos administrativos em andamento na esfera do Poder Executivo Estadual;
Considerando que a omissão de manifestação nos processos administrativos poderá importar em prejuízo para a Fazenda Pública Estadual ou para terceiros,
DECRETA:

Art. 1º - Os processos distribuídos aos servidores públicos não poderão permanecer em seu poder por prazo superior a 30 (trinta) dias sem que haja manifestação, ressalvados os casos de justificativa fundamentada, sob pena do responsável incorrer na infração disciplinar prevista no inciso VI do artigo 221, da Lei Complementar nº 46/94.
Parágrafo único – Excetuam-se do disposto neste artigo as hipóteses cujos prazos estejam determinados em lei.

Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em 05 de fevereiro de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 06.02.02)

DECRETO Nº 347-S, de 19.2.02

Altera o artigo 1º do Decreto nº 7.545-E, de11.11.99, que trata da competência do Diretor de Saúde da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, incisos III, da Constituição Estadual,
DECRETA:

Art. 1º - As alíneas "c" e "l" do artigo 1º do Decreto nº 7.545-E, de 11.11.99, passam a vigorar com a seguinte redação:

"c) adquirir material e contratar serviços até o limite da modalidade de Concorrência;"
"l) autorizar, revogar, anular e homologar os procedimentos licitatórios até a modalidade de Concorrência, bem como dispensar licitação, nos termos legais."

Art. 2º - Os Editais para as modalidades de licitação de que tratam este Decreto deverão seguir os modelos padronizados pela PGE/SEARP/AGE.

Art. 3º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 19 de fevereiro de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 20.2.02)

DECRETO Nº 356-S, de 21.02.02

Concede Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg".

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, Item III, da Constituição Estadual,
RESOLVE:

Art. 1º - CONCEDER à 2ª Companhia do 1º Batalhão da Polícia Militar, a Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg".

Art. 2º - Os Policiais Militares que em 22 de fevereiro de 2002, integrarem a 2ª Companhia do 1º Batalhão da Polícia Militar, ficam autorizados a usar a barreta referente à Medalha outorgada à Companhia.

Palácio Anchieta, em 21 de fevereiro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 03.06.02)

DECRETO Nº 1.011-R, de 05.3.02

Altera o Decreto nº 573-R, de 07.02.01, que trata de vagas para estágio nos Órgãos de Segurança Pública

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta no processo nº 2142020,
Considerando a necessidade de adequar o emprego de recursos humanos nas atividades fins dos órgãos de segurança pública, de acordo com a respectiva demanda,
DECRETA:

Art. 1º - Os incisos I e II do Art. 2º do Decreto nº 573-R, de 07.02.01, publicado no Diário Oficial de 25.04.01, passam a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 2º - .....
I – Na Polícia Civil:
120 (cento e vinte) vagas, assim distribuídas:
Para estudantes de ensino superior:
Direito – 42 (quarenta e duas) vagas;
Administração – 10 (dez) vagas;
Ciências Contábeis – 05 (cinco) vagas;
Serviço Social – 08 (oito) vagas.
Para estudantes de ensino médio:
55 (cinquenta e cinco) vagas.

II – Na Polícia Militar:
280 (duzentas e oitenta) vagas, assim distribuídas:
Para estudantes de ensino superior:
Serviço Social – 03 (três) vagas;
Pedagogia – 05 (cinco) vagas;
Comunicação Social – 02 (duas) vagas;
Ciência da Computação – 02 (duas) vagas;
Direito – 05 (cinco) vagas.
Para estudantes de ensino médio:
263 (duzentas e sessenta e três) vagas".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em 05 de março de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 06.03.02)

DECRETO Nº 1.024-R, de 11.04.02

Modifica o inciso 2 do Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985 e dá outras providências.- Função de Natureza PM ou de interesse PM

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pelo parágrafo único do art. 8º da Constituição Federal e Art 71 da Emenda Constitucional nº 1, de 13.01.1971, e de acordo com o § 8º do Art. 75 da Lei nº 3.196, de 14.01.1978,
DECRETA:

Art. 1º - O inciso 2 do Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 3º - São considerados no exercício de função de natureza policial militar ou de interesse policial militar, os policiais militares da ativa colocados à disposição, nomeados ou designados para:
1) .....;
2) Secretaria de Estado da Justiça e deus órgãos vinculados;
.3).....;"

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 11 de abril de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 12.4.02)

DECRETO Nº 1.025-R, de 17.04.02

Cria o "Prêmio Qualidade Espírito Santo – QUALES" e dá outras providências

O GOVERNANDOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso XIV da Constituição Estadual,

Considerando que a disseminação dos conceitos da gestão pela qualidade e da cultura da busca pela excelência junto às organizações públicas e privadas é uma das metas prioritárias do Governo Estadual,
Considerando que o Governo do Estado , deve incentivar, reconhecer e premiar as organizações públicas ou privadas, que atuam no território do Espírito Santo, pela permanente busca da qualidade de gestão, já que os reflexos dessa melhoria irão incidir diretamente na modernização das estruturas sociais e econômicas de nosso Estado,

DECRETA:

Art. 1º - Fica criado o Prêmio " Qualidade Espírito Santo – QUALES", a ser conferido, anualmente pelo Governo do Estado, às organizações e empresas públicas e privadas localizadas no Estado do Espírito Santo, como forma de reconhecer e premiar o seu desempenho e estimular os esforços na busca pela melhoria contínua do seu sistema de gestão e de competitividade.
Parágrafo único - O Prêmio "Qualidade Espírito Santo – QUALES" será representado por troféus e medalhas, nas categorias bronze, prata e ouro,, cujas especificações serão descritas em Regulamento próprio.

Art. 2º - O QUALES será conferido, no ano de 2002, em seu primeiro ciclo, às organizações públicas localizadas no Estado do Espírito Santo, que venham a participar do Processo de Reconhecimento, regulamentado na forma do Anexo Único deste Decreto, apresentando resultados significativos com a implementação da Gestão pela Qualidade.
Parágrafo único – O reconhecimento e a premiação, na primeira etapa, serão outorgados às organizações que obtenham o quantitativo de pontos que as enquadrem nos níveis de gestão definidos pelo regulamento constante do Anexo Único deste Decreto.

Art. 3º - A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, deverá articular-se com representantes das organizações e empresas privadas para, em conjunto com o setor público, definir e implantar o Programa de Qualidade do Espírito Santo.
§ 1º - A outorga do Prêmio "Qualidade Espírito Santo – QUALES" às organizações e empresas públicas, nas etapas posteriores àquela definida no art. 2º , observará o processo de reconhecimento que será instituído por uma comissão formada por representantes do setor público e privado, observando-se as orientações técnicas inseridas no Programa de Qualidade Espírito Santo.
§ 2º - A comissão referida no parágrafo anterior definirá os critérios e requisitos para a outorga dos prêmios e reconhecimentos às organizações ou empresas que, no período de avaliação, tenham obtido resultados que as enquadrem em nível destacado de qualidade de gestão.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 17 de abril de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 18.04.02)

DECRETO Nº 1.037-R, de 29.05.02

Dá nova redação aos Art. 5º e 6º do Decreto nº 666, de 28 de julho de 1964

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando da atribuição que lhe confere o Art. 91, incisos III e V, da Constituição Estadual,,
DECRETA:

Art. 1º - Os Art. 5º e 6º do Decreto nº 666, de 28 de julho de 1964, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 5º - .....
§ 1º - A caracterização da bravura dependerá de apuração em Sindicância, cuja instauração "ex-offício" ou a requerimento do interessado, não poderá ultrapassar o prazo de 90 (noventa) dias da ocorrência do fato.
§ 2º - A avaliação do apurado na Sindicância prevista no parágrafo anterior caberá a uma Comissão Especial de Promoção designada pelo Comandante Geral.

Art. 6º - Caracterizada a bravura, nas condições do artigo anterior, poderá o Comandante Geral promover a praça, ainda que do ato resulte sua invalidez.
Parágrafo único - ..... ."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 29 de maio de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 03.06.02)

DECRETO Nº 1.063-S, de 24.05.02

Dá nova redação ao Art. 5º do Decreto nº 4.471-N, de 15.06.1999

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91, incisos III e V, e tendo em vista o que estabelece o artigo 3, da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976 e o que consta no processo Nº 22231684,
RESOLVE:

Art. 1º - O Artigo 5º do Decreto nº 4.471-N, de 15 de junho de 1999, ,passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art.5º - São Conselheikros natos do Conselho Estadual Antidrogas:
I - .....;
II - .....;
III – Secretário de Estado da Educação;
IV - .....;
V - .....;
VI – Secretária de Estado do Trabalho e Ação Social;
VII – Superintendente Estadual de Comunicação Social;
VIII – Secretária de Estado da Cultura e Esportes.

§ 1º - Também integra, na condição de conselheiro nato, um representante do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo a ser indicado por aquele Poder.

§ 2º - Participarão ainda, como Conselheiros mediante convênio a ser firmado com as entidades as quais se vinculam:
I – um membro do Ministério Público Federal no Estado do Espírito Santo;
II – o Superintendente Regional do Departamento de Pplícia Federal/ES;
III – o Chefe da Representação da Agência Brasileira de Inteligência no Estado do Espírito Santo;
IV – o Superintendente Regional da Polícia Rodoviária Federal no Estado do Espírito Santo."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 24 de maio de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 27.05.02)

DECRETO Nº 1.066-S, de 27.05.02

Define ações da Secretaria de Segurança Pública no controle da criminalidade no Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 91 da Constituição Estadual, e

Considerando a necessidade de tornar ainda mais crescente a sensação de segurança, através do incremento do policiamento ostensivo e da investigação criminal, principalmente em apoio ao Ministério Público;
Considerando que para manter a contenção da escalada da violência e o controle da criminalidade são necessárias outras medidas legais que causem um **choque no quadro da ordem pública estabelecida ou percebida pela população;**
Considerando que agências policiais estão subordinadas ao Governo do Estado, cabendo ao Governador, conforme mandamento constitucional, a responsabilidade de nortear o emprego dessas agências de forma a atender aos anseios, necessidades e expectativas da sociedade;
Considerando finalmente que o Governo do Estado já vem empreendendo várias ações exitosas, visando o controle da criminalidade e a repressão a comportamentos inadequados e ilegais de integrantes das Agências Policiais.

Decreta:

Art. 1º - A Secretaria de Estado da Segurança Pública adotará outras medidas legais, incluindo as de caráter excepcional, necessárias à manutenção do controle da criminalidade, entre as quais as seguintes:
1 – Instituir o Grupo de Combate à impunidade, designando para o comporem a Delegada da Polícia Civil Selma Cristina Sampaio Pereira Couto – PC/DP/5, e também o Ten Cel PM José Carlos Alves Carneiro, ambos em missão especial, que terá por incumbência única a apuração do envolvimento de policiais civis e militares suspeitos ou acusados de práticas criminosas de chacinas, de sequestros, de execuções sumárias ou extrajudiciais, de grupos de extermínio, de narcotráfico e outros crimes em apoio às Corregedorias das polícias e ainda parceria com o Grupo de Trabalho de Repressão e Combate ao Crime Organizado (GRCO), instituído pelo Ministério Público do Espírito Santo;
2 – Estabelecer bloqueio total e obrigatório, no período noturno, pelas Polícias Civil e Militar, respectivamente através da Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos e do Batalhão de Polícia Rodoviária e Urbana, e em parceria com a Polícia Rodoviária Federal, nos postos das Polícias Rodoviária Estadual e Federal e em pontos a serem estabelecidos pelo Comando de Policiamento Ostensivo Metropolitano, Superintendências de Polícia Especializada e Metropolitana e Polícia Rodoviária Federal, fechando, semanalmente, com prioridade de quinta-feira a domingo, as principais vias de acesso à Região Metropolitana da Grande Vitória, com atividades dirigidas de abordagem e fiscalização a pessoas e veículos;
3 – Proceder ações dirigidas de abordagens policiais militares simultâneas na RMGV e nas cidades pólos de Colatina, Cachoeiro do Itapemirim, Linhares e São Mateus, utilizando, inclusive, as ilhas do CSO – Corredores de Segurança Ostensiva – como ponto referencial de **policiamento ativo continuado**, realizando bloqueios obrigatórios, com abordagens e revistas duas vezes ao dia e duas vezes à noite – pelo período mínimo de 60 (sessenta) dias, cujos segmentos alvo (táxis, ônibus, motos, bicicletas e outros veículos) e horários das operações serão definidos pelo Comando Geral da PMES;
4 – Autorizar ao Comandante Geral da Polícia Militar o emprego, na condição de adidos às Organizações Militares Estaduais, de oficiais superiores, do posto de major, para a função de comandante especial nas áreas de risco, por período de no mínimo 120 (cento e vinte) dias, renovável por igual período, baseando-os nas subunidades das regiões de alta criminalidade (Grande Terra Vermelha, Grande Nova Rosa da Penha, Planalto Serrano, etc.) definidas através dos indicadores de criminalidade produzidos pelo Instituto de Pesquisa e Apoio ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves;
5 – Determinar que a estrutura da Diretoria de Inteligência da Polícia Militar canalize seus recursos de investigação interna, em apoio à Corregedoria PM, para apurar o possível envolvimento de servidores militares com o crime, especialmente na Região Metropolitana da Grande Vitória, recomendando ao Comandante Geral da PMES o afastamento e o remanejamento imediato de policiais contra-indicados para as atividades do policiamento ostensivo, independente do grau hierárquico que ocupem;
6 – Determinar a designação, no prazo de 96 horas, pelo Chefe de Polícia de mais de 40 (quarenta) investigadores para reforçarem a Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa – DHPP, e de mais de 15 (quinze) investigadores para a Delegacia de Entorpecentes, reiterando a prioridade máxima na apuração de homicídios e tráfico de entorpecentes;
7 – Para reforço imediato do policiamento ostensivo à pé e motorizado na RMGV, e a critério do Secretário de Estado da Segurança Pública, poderão ser suspensos por até 60 (sessenta) dias, todos os cursos para policiais civis e militares em andamento, inclusive os que são realizados em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo, exceto os de extensão;
8 – Determinar que os efetivos das polícias Civil e Militar, disponibilizados em razão da otimização do emprego do pessoal seja utilizado como reforço para as ações concentradas de bloqueio e abordagem e revistas em áreas críticas, conforme prescrito neste Decreto;
9 – Autorizar o Comandante Geral da Polícia Militar, o emprego de todo o pessoal da Polícia Militar matriculado nos cursos de cabo e sargento peculiares, em apoio às ações emergenciais na Região Metropolitana da Grande Vitória, em reforço ao policiamento ostensivo;
10 – Manter as ocupações policiais nas regiões de alta criminalidade, conjugando-as com outras ações de policiamento ostensivo prescritas neste Decreto;
11 – Autorizar através da Diretoria de Inteligência da Polícia Militar, obedecida a legislação pertinente, a infiltração de agentes do serviço de inteligência em outras corporações congêneres no País, visando promover maior dinâmica na integração interestadual e na troca de informações para o combate ao tráfico de drogas e armas.

Art. 2º - Determinar ao Comandante Geral da Polícia Militar e ao Chefe da Polícia Civil, que apresentem no prazo máximo de 20 (vinte) dias, 45 servidores militares e 15 policiais civis, atualmente na atividade meio das instituições, ,para emprego nas ações operacionais preconizadas neste decreto, nos municípios de Serra e Cariacica, pelo período mínimo de 60 dias.

Art. 3º - Se necessária para maior alocação de efetivos, fica autorizada a suspensão do gozo de férias regulamentares de todos os servidores militares e policiais civis por 60 (sessenta) dias, renovável por igual período, a critério do Secretário de Estado da Segurança Pública.
§ 1º - Os Comandantes Gerais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar poderão excluir do alcance desta medida os servidores militares que forem totalmente inabilitados para a atividade ostensiva, conforme previsto nos quadros de organização das Corporações.
§ 2º - Poderão ser vedados pelo mesmo período os afastamentos de servidores militares e policiais civis, a qualquer título, exceto quando em gozo de licença para tratamento de saúde, ,luto, núpcias, paternidade e ou maternidade e outros encargos definidos em legislação federal.
§ 3º - As férias, concessões e benefícios, não gozados em decorrência da aplicação deste Decreto, serão concedidos pela Autoridade

competente de acordo com o interesse da administração pública e obedecida a legislação em vigor.

Art. 4º - Autorizar a realização pelas Secretarias de Estado da Educação e da Segurança Pública, bem como pela Superintendência de Comunicação Social, de campanhas de distribuição de materiais informativos e divulgação dos projetos e serviços em desenvolvimento na área de segurança pública, visando diminuir a onda psicológica de insegurança.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 27 de maio de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 28.05.02)

DECRETO Nº 1.043-R, de 13.06.02

Modifica os Distritos Policiais – 23º DP/Serra e 28º DP/Barcelona, do Município da Serra, constantes do ANEXO IV do Art. 7º do Dec. nº 691-R, de 17.05.01

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, item III da Constituição Estadual, e o que consta do Processo nº 22252339,

RESOLVE:

Art. 1º - Os Distritos Policiais 23º DP/Serra e 28º DP/Barcelona, do Município da Serra, constantes do ANEXO IV, do art. 7º do Decreto nº 691-R, de 17.05.01, publicado no Diário Oficial de 18.05.01, passam a ter as seguintes áreas circunscricionais:

“ ANEXO IV
SERRA

23º DISTRITO POLICIAL – SERRA (Sede)
ÁREA CIRCUNSCRICIONAL

SERRA - SEDE		
ARUABA	DIVINÓPOLIS	SANTIAGO DA SERRA
BELVEDERE	JARDIM BELA VISTA	SERRA - SEDE
CAÇAROCA	JARDIM DA SERRA	VILA MARIA NIOBE
CAMPINHO DA SERRA I	JARDIM GUANABARA	VISTA DA SERRA I
CAMPINHO DA SERRA II	JARDIM PRIMAVERA	VISTA DA SERRA II
CALUGI	NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	VISTA DA SERRA III
CASCATA	PLANALTO SERRANO	
CAVADA	SANTO ANTONIO	
CENTRO	SÃO DOMINGOS	
CIDADE NOVA DA SERRA	SÃO LOURENÇO	
COLINA DA SERRA	SÃO MARCOS	

BARCELONA		
BARCELONA	MURIBECA	RES. NOVO PORTO CANOA
BARRO BRANCO	NOVA CARAPINA I	SERRA DOURADA I
CIDADE POLAR	NOVA CARAPINA II	SERRA DOURADA II
CIVIT I	PARQUE RESIDENCIAL MESTRE ÁLVARO	SERRA DOURADA III
EL DOURADO	PARQUE RESIDENCIAL TUBARÃO	TAQUARA I
MARINGÁ		TAQUARA II
MACAFÉ	PITANGA	
MATA DA SERRA	PORTO CANOA	

“

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, em 13 de junho de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 14.06.02)

DECRETO Nº 1.135-S, de 18.06.02

Concede Medalha de Mérito “Governador Carlos Fernando Monteriro Lindenberg”.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, Item III, da Constituição Estadual,
RESOLVE:

Art. Único – CONCEDER a Medalha de Mérito “Governador Carlos Fernando Monteiro Lindenberg” à DIRETORIA DE INTELIGÊNCIA DA POLÍCIA MILITAR DO ESPÍRITO SANTO.

Palácio Anchieta, em 18 de julho de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 19.06.02)

DECRETO nº 1.044-R, de 19.06.02

Aprova o Regimento Interno da Junta Administrativa de Recursos de Infração do Departamento de Edificações, Rodovias, e Transportes do Estado do Espírito Santo.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, Inciso III, da Constituição Estadual,
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica aprovado o Regimento Interno da Junta Administrativa de Recursos de Infração -JARI, do Departamento de Edificações, Rodovias e Transportes do Estado do Espírito Santo - DERTES.

Art. 2º - As despesas decorrentes da aplicação deste Decreto correrão à conta das dotações orçamentárias do Departamento de Edificações, Rodovias e Transportes do Estado do Espírito Santo - DERTES, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Fica o Presidente da JARI do DERTES responsável pela implantação, acompanhamento e controle da execução do Regimento aprovado por este Decreto.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.
Palácio Anchieta, em Vitória, aos 19 de junho de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE, de 20.06.02)

JUNTA ADMINISTRATIVA DE RECURSOS DE INFRAÇÕES

REGIMENTO INTERNO

CAPÍTULO I

Da Finalidade

Art. 1º - A Junta Administrativa de Recursos de Infrações - JARI, do Departamento de Estradas de Rodagem do Espírito Santo, prevista no artigo 16, da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, órgão colegiado responsável pelo julgamento dos recursos interpostos contra penalidades impostas pela Polícia Rodoviária Estadual (BPRv) e pelos Agentes credenciados do DER-ES, por inobservância dos preceitos contidos no Código de Trânsito Brasileiro, nas Resoluções do CONTRAN (Conselho Nacional de Trânsito) e legislação complementar ou supletiva;

I - A criação e instalação da JARI será proposta pelo Diretor Geral do DER-ES ao Chefe do Poder Executivo.

II - Quando for necessário poderá ser criada, através de Decreto Governamental, mais Juntas (JARIs).

Parágrafo Único - As JARIs terão apoio administrativo e financeiro do DER-ES.

SESSÃO I

Da Composição

Art. 2º - Cada JARI será composta de 03 (três) membros, com reconhecida experiência na área de trânsito, sendo:

I - um representante da Polícia Militar do Espírito Santo, indicado pelo Comandante do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano;

II - um representante do Departamento de Estradas de Rodagem do Espírito Santo, Órgão que impôs a penalidade;

III - um representante da entidade máxima local representativa dos condutores de veículos.

§ 1º - O presidente será de livre escolha do Governador do Estado, dentre os membros com reconhecida experiência na área de trânsito, portadores de diploma de curso de nível superior (3º Grau ou equivalente).

§ 2º - Os Membros da Junta Administrativa de Recursos de Infrações, e seus respectivos suplentes serão nomeados pelo Governador do Estado, com mandato de 02 (dois) anos, admitida a recondução.

§ 3º - Cada membro da JARI, será substituído em seus impedimentos, pelos respectivos suplentes, cuja designação obedecerá ao exigido para todos os membros titulares.

§ 4º - No caso de vacância ou renúncia do titular, o suplente completará o período estabelecido no parágrafo 2º, sendo convocado oportunamente, um novo membro para a suplência, obedecida a formação indicada pelo "caput" deste artigo.

§ 5º - Não poderá ser nomeado membro ou suplente da JARI, quem integrar a qualquer Conselho de Trânsito.

§ 6º - São impedidos de compor a JARI, parentes consangüíneos até o terceiro grau.

§ 7º - Acha-se impedida de compor a JARI, a pessoa que esteja ligada, formal ou informalmente, tendo vínculo empregatício ou não, com qualquer instituição, empresa ou entidade, seja pessoa jurídica ou pessoa física, que tenha interesse financeiro no deferimento dos recursos impetrados à qualquer Órgão recursante na esfera de trânsito.

SESSÃO II

Da Competência

Art. 3º - À JARI compete:

I - julgar em primeira instância recursos interpostos contra aplicação de infrações de trânsito, dentro da circunscrição estadual;

II - solicitar aos Órgãos e Entidades executivos de trânsito e executivos rodoviários, informações complementares relativas aos recursos, objetivando a melhor análise da situação recorrida;

III - requisitar laudos, perícias, exames, provas documentais e testemunhais para instrução e julgamento dos recursos;

IV - encaminhar aos Órgãos e Entidades executivos de trânsito e executivos rodoviários, informações sobre problemas observados nas autuações e apontados em recursos, e que se repitam sistematicamente;

V - receber, instruir e encaminhar ao Conselho Estadual de Trânsito - CETRAN/ES, os recursos contra suas decisões.

SESSÃO III

Das atribuições dos membros da JARI

À JARI cabe, especialmente:

I - convocar, presidir, suspender e encerrar as reuniões;

II - convocar os suplentes para eventuais substituições dos titulares;

III - resolver questões de ordem, apurar votos e consignar, por escrito, no processo, o resultado do julgamento;

IV - comunicar à autoridade de trânsito os julgamentos proferidos nos recursos;

V - fazer constar nas atas a justificação das suas ausências às reuniões, bem como as dos demais membros;

VI - supervisionar todos os serviços, zelando pela sua boa ordem e regularidade;

VII - ter sob sua inspeção direta os livros de atas e de distribuição de processos;

VIII - propor ao CETRAN/ES, medidas de aperfeiçoamento;

IX - instruir e encaminhar ao CETRAN/ES, os recursos interpostos por decisão da JARI;

X - propor o afastamento e substituição de membro, cuja conduta contrarie o estabelecido neste regime.

XI - cumprir e fazer cumprir as cláusulas deste regimento;

XII - atuar como relator, havendo necessidade.

Art. 5º - Aos membros competem:

I - comparecer às sessões de julgamento quando convocado;

II - relatar por escrito, matéria que lhe foi distribuída, fundamentando o voto;

III - pedir vistas de qualquer processo em julgamento, devolvendo-o ao respectivo relator, no prazo máximo de 72 (setenta e duas) horas, com parecer fundamentado;

IV - solicitar reunião extraordinária da JARI para apreciação de assuntos relevantes, bem como apresentar sugestões objetivando a boa ordem dos julgamentos e o correto procedimento dos recursos;

V - comunicar ao presidente, com a devida antecedência, o seu período de férias ou seus impedimentos, ensejando a convocação do seu suplente;

VI - cumprir o presente Regimento Interno;

VII - propor o afastamento e substituição de membro cuja conduta contrarie o estabelecido neste regimento;

CAPÍTULO II

Do suporte administrativo

Art. 6º - Cada JARI, terá um secretário, designado pelo Diretor Geral do DER-ES, através de Portaria, por indicação do Presidente da Junta.

Art. 7º - Compete ao Secretário:

I - secretariar as reuniões da JARI;

II - preparar os processos para distribuição aos membros relatores, pelo presidente;

III - manter atualizado o arquivo, inclusive das decisões, para coerência dos julgamentos, estatísticas e relatórios;

IV - lavrar atas das reuniões e subscrever os atos e termos do processo;

V - assessorar o presidente e membros em assuntos administrativos;

VI - solicitar dos membros os processos cujo prazo de entrega esteja esgotado;

VII - elaborar e expedir certidões;

VIII - providenciar a convocação dos membros para as sessões extraordinárias.

Art. 8º - Cabe ao Órgão rodoviário em cuja jurisdição atua a JARI, propiciar os recursos humanos e materiais que necessitar para seu pleno funcionamento.

CAPÍTULO III

Da distribuição dos processos

Art. 9º - Os recursos apresentados à JARI, serão distribuídos alternadamente e em ordem cronológica de entrada, aos 03 (três) membros, que funcionarão como relatores.

Parágrafo único - Caberá ao secretário da JARI efetuar a distribuição dos recursos em prazo não superior a 48 (quarenta e oito) horas da entrada no protocolo da Junta.

Art. 10 - Recebido o processo pelo relator, terá um prazo de 48 (quarenta e oito) horas para o estudo e a devolução ao secretário para a inclusão na pauta de julgamento.

§ 1º - Se entender necessário ou essencial ao julgamento do processo, poderá o relator ou o plenário solicitar diligência.

§ 2º - No caso do parágrafo anterior, caberá ao secretário as providências necessárias para o rápido atendimento das diligências solicitadas.

§ 3º - Atendidas as diligências, o processo retornará a quem as solicitou, procedendo este na forma do "caput" do presente artigo.

§ 4º - Devolvido o processo pelo relator ao secretário, deverá este providenciar em 24 (vinte e quatro) horas a sua inclusão na pauta de julgamento.

§ 5º - Terão preferência para o julgamento, os recursos contra a cassação ou apreensão de Carteira Nacional de Habilitação ou em casos considerados de urgência pelo relator.

Art. 11 - Os processos instruídos deverão ser julgados no prazo de 30 (trinta) dias consecutivos, contados da data de entrada na Secretaria da JARI.

Parágrafo Único - Se por motivo de força maior, o recurso não for julgado dentro do prazo previsto neste artigo, o Presidente da JARI poderá solicitar a suspensão do feito.

CAPÍTULO IV
Das sessões

Art. 12 - A JARI reunir-se-á ordinariamente 02 (duas) vezes por semana, em dia e hora previamente fixada pelo seu presidente, e, extraordinariamente, sempre que por ele convocada ou a pedido dos outros dois membros.

Parágrafo Único - Os membros suplentes da JARI, poderão ser convocados para as reuniões, conforme o número de processos que estejam acumulados, bem como compor uma outra turma de julgamento, à critério do Presidente da Junta.

Art. 13 - Fica estabelecida a duração de 60 (sessenta) minutos para cada sessão realizada, desde que cumpram a pauta pré estabelecida para a sessão.

Art. 14 - As sessões só serão realizadas com a presença de todos os membros da Junta, efetivos e suplentes.

Art. 15 - No dia e hora indicados no ato da convocação e atendido o "quorum" fixado no artigo 14, o Presidente abrirá a sessão e fará observar a seguinte ordem do dia:

I - leitura, discussão e aprovação da ata da sessão anterior;

II - expediente;

III - discussão e julgamento dos recursos em pauta.

Art. 16 - Das sessões realizadas serão lavradas atas, assinadas por todos os membros presentes e pelo secretário.

Art. 17 - Anunciando o julgamento de cada processo, o Presidente dará a palavra ao respectivo relator que de forma escrita, apresentará o seu relatório e conclusão, debatidos à seguir.

§ 1º - Qualquer preliminar ou prejudicial será apreciada antes do mérito.

§ 2º - Encerrados os debates, o Presidente colherá os votos do relator e do outro membro, e se ocorrer empate, o seu próprio voto.

§ 3º - Se o voto do relator for vencido, o presidente poderá designar outro relator.

Art. 18 - Não será admitida sustentação oral das partes, nos julgamentos dos processos.

Art. 19 - Os processos constantes em pauta e não julgados, serão automaticamente incluídos na pauta da sessão seguinte.

CAPÍTULO V
Das decisões

Art. 20 - As decisões da JARI serão tomadas por maioria simples, cabendo ao Presidente anunciá-las após anotação na pauta de julgamento.

§ 1º - As decisões serão transcritas no processo correspondente e na ata da sessão, com simplicidade e clareza.

§ 2º - O interessado ou procurador legalmente habilitado, poderá tomar ciência da decisão no respectivo processo, no núcleo de protocolo.

Art. 21 - O Presidente e os membros serão substituídos nas faltas, pelos respectivos suplentes.

Art. 22 - Os membros deverão declarar seu impedimento de estudar, funcionar, discutir e votar em processos de seu interesse, sob pena de nulidade do julgamento.

§ 1º - Declarado o impedimento, este será devolvido à Secretaria, para nova distribuição, sendo que o suplente do Membro impedido deverá ser convocado.

§ 2º - Caso o suplente convocado na forma do parágrafo anterior, também se julgue impedido, o processo será enviado ao CETRAN para julgamento.

Art. 23 - Os membros da JARI, bem como o secretário, farão jus a uma gratificação de 40 (quarenta) Valor de Referência do Tesouro - VRT-ES, por participação às reuniões convocadas.

Parágrafo Único - A gratificação prevista no "caput" deste artigo será paga até o limite de 320 (trezentos e vinte) Valor de Referência do Tesouro - VRT-ES, por mês para cada um dos membros titulares, ou suplentes quando convocados e do secretário.

Art. 24 - Serão excluídos por deliberação do plenário a JARI, o membro que faltar a 03 (três) reuniões ordinárias consecutivas de forma injustificada ou a 06 (seis) alternadas no período de 01 (um) ano.

§ 1º - Serão ainda excluídos os membros que faltarem a 03 (três) reuniões extraordinárias, no período de 01 (um) ano.

§ 2º - Os casos de improbidade administrativa atribuídas a membros da JARI, a solução de afastamento, prevista no artigo 4º, inciso XI e artigo 5º, inciso VII, deste Regimento, serão formuladas ao Diretor Geral do Órgão Executivo ao qual está vinculada a Junta.

Art. 25 - Os casos omissos neste Regimento, serão dirimidos pelo Presidente da JARI "ad referendum" de colegiado.

(DOE, de 20.06.02)

DECRETO Nº 1.049-R, de 02.07.02

Aprova o Quadro de organização da Polícia Militar do Espírito Santo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o artigo 91, item III, da Constituição Estadual e o Art. 56 da Lei nº 3.044, de 31.12.75,

DECRETA:

Art. 1º - Fica aprovado o Quadro de Organização (QO) da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, na forma deste Decreto.

Art. 2º - O Comandante Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo baixará o detalhamento Interno do Quadro de Organização aprovado na forma deste Decreto.

Art. 3º - O § 2º do Art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.92, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 5º - .....

§ 2º - São órgãos de Execução subordinados operacionalmente ao Comando de Polícia Ostensiva Norte (CPON):

a) O Segundo Batalhão de Polícia Militar (2º BPM), com sede no Município de Nova Venécia;
b) O Quinto Batalhão de Polícia Militar (5º BPM), com sede no Município de Aracruz;
c) O Oitavo Batalhão de Polícia Militar (8º BPM), com sede no Município de Colatina;
d) O Décimo Primeiro Batalhão de Polícia Militar (11º BPM), com sede no Município de Barra de São Francisco;
e) A Terceira Companhia Independente de Polícia Militar (3ª Cia Ind), com sede no Município de Linhares;
f) A Quinta Companhia Independente de Polícia Militar (5ª Cia Ind), com sede no Município de São Mateus.
g) A Oitava Companhia Independente de Polícia Militar (8ª Cia Ind), com sede no Município de Santa Tereza."

Art. 4º - Ficam inseridas no § 3º do Art. 5º do Decreto nº 3.317-N, de 24.02.92, as letras "d" e "e", com a seguinte redação:

"Art. 5º - .....

§ 3º - .....

c) A Sexta Companhia Independente da Polícia Militar (6ª Cia Ind), com sede no Município de Domingos Martins.
d) A Sétima Companhia Independente da Polícia Militar (7ª Cia Ind), com sede no Município de Iúna."

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 05 de julho de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 03.07.02)

DECRETO Nº 1.528-S, de 07.08.02

Concede Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg" ao BME/PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, Item III, da Constituição Estadual, RESOLVE:

Art. 1º - CONCEDER ao Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar, a Medalha de Mérito "Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg".

Art. 2º - Os Militares Estaduais que nesta data integrarem o Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar, ficam autorizados a usar de forma facultativa, a barreta referente à Medalha outorgada à Unidade.

Palácio Anchieta, em 07 de agosto de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 08.08.02)

DECRETO Nº 1.579-S, de 15.08.02

Delega competência ao Cmt Geral da PMES para movimentação de recursos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, III, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 92, Parágrafo Único da Lei nº 2.583, de 13.03.71 e o que consta do processo nº 23224096,
DECRETA:

Art.. 1º - Fica investido na competência para autorizar despesas referentes ao Fundo Especial de Reequipamento da Polícia Militar – FUNREPOM, o Sr. Comandante Geral da Polícia Militar do Espírito Santo.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vitória, 15 de agosto de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 16.08.02)

DECRETO Nº 1.062-R, de 15.08.02

Institui Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 91, inciso III e IV da Constituição Estadual, e

CONSIDERANDO a limitação dos recursos necessários e indispensáveis à execução dos Programas e Ações Governamentais, condição esta que obriga o administrador público a buscar níveis mais elevados de eficiência na utilização dos recursos/insumos colocados à sua disposição;
CONSIDERANDO a imperiosa necessidade de serem implantados e difundidos hábitos e práticas eficazes no combate ao desperdício e otimização dos gastos no âmbito da Administração Pública Estadual e os seus órgãos vinculados e cumprimento ao disposto nos Decretos nº 571-R, de 01/02/2001 e nº 1.027-R, de 18/04/2002;
CONSIDERANDO ainda, a exigência de disseminar em cada unidade a importância da redução dos custos administrativos e a operacionalização dessas medidas.
DECRETA:

Art. 1º - Fica criada uma Comissão Interna de Controle de Custos Administrativos – CICA, em cada órgão e entidade da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual.

Art. 2º - As Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos tem por objetivo a proposição e operacionalização de medidas de contenção de custos e divulgação dos resultados no âmbito de suas unidades administrativas.
§ 1º - Integram as Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos, os chefes de GDS/GDRS, os chefes das unidades responsáveis pelas atividades de administração geral no âmbito das autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista, bem como os responsáveis pelos setores de compras, almoxarifado, zeladoria, transportes e serviços gerais ou equivalentes desses órgãos e entidades.
§ 2º - As Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos serão compostas de, no mínimo, 04 (quatro) membros, sendo que os Chefes de GDS/GDRS na Administração Direta e os Chefes das unidades responsáveis pelas atividades de administração geral, na Administração Indireta, atuarão como seus Coordenadores.
§ 3º - A Secretaria de Estado d Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, gerenciará o relacionamento entre as Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos, através de Subgerência de Controle de Custos Administrativos – SUCAD, que promoverá reuniões periódicas com os seus Coordenadores.

Art. 3º - Os dirigentes dos órgãos e entidades da administração direta e indireta deverão encaminhar à SEARP, no prazo máximo de 05 (cinco) dias após a publicação deste Decreto, os nomes dos membros designados para comporem as Comissões Internas de Controle de Custos Administrativos.

Art. 4º - São atribuições básicas da CICA:
I – Encaminhar à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, através de seus Coordenadores, até o último dia de cada mês, informações das despesas de custeio realizadas no mês anterior, com notas explicativas sobre as alterações verificadas;
II – Participar de reuniões, palestras e treinamentos promovidos pela SEARP;
III – Empreender ações visando conscientizar e envolver todos os servidores no Programa de Controle de Contenção de Custos.
IV – Reunir-se mensalmente no âmbito de suas unidades para avaliação de procedimentos adotados e divulgação dos resultados alcançados.
V – Buscar dentre os fornecedores de bens e serviços, preços vantajosos para a administração pública estadual, bem como agilidade e clareza na emissão de faturas, notas fiscais, recibos e outros.

VI – Adotar e recomendar medidas de contenção e redução de despesas públicas.
VII – Exercer outras atividades voltadas ao combate do desperdício e à contenção, redução e controle dos gastos públicos.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 15 de agosto de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 15.08.02)

DECRETO Nº 1.063-R, de 15.08.02

Dispõe sobre o cadastramento previdenciário dos Servidores Públicos Civis e Militares, ativos e inativos da Administração Direta e Indireta, do Estado do Espírito Santo, bem como, dos pensionistas do Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro, e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais outorgados pelo artigo 91, inciso III da Constituição Estadual e,
CONSIDERANDO o convênio assinado entre o Estado do Espírito Santo e o Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS, em razão das exigências da Lei nº 9.717, de 27/11/1998, visando a implementação do Programa de Apoio à Reforma dos Sistemas Estaduais de Previdência – PARSEP, no Estado do Espírito Santo;
CONSIDERANDO que o Programa de Apoio à Reforma dos Sistemas Estaduais de Previdência – PARSEP, CONTEMPLA A CRIAÇÃO DE UM Sistema Integrado de Informações Previdenciárias – SIPPREV, cujo objetivo é a padronização das bases de dados, avaliação e acompanhamento dos sistemas de previdência estaduais, através da centralização das suas informações relevantes, atualizações cadastrais, bem como levantamento de dados ainda inexistentes;
CONSIDERANDO que com o advento da lei nº 9.796, de 05/05/1999, ampliou-se as necessidades de informação das administrações estaduais com o intuito de preencher os requisitos para a compensação financeira entre os Regimes Próprios de Previdência social e o Regime Geral de Previdência Social;
CONSIDERANDO, ainda, a necessidade de obtenção de novas informações acerca dos servidores estaduais segurados do Regime Próprio de Previdência Social, bem como a necessidade de permanente análise da viabilidade financeira e atuarial do sistema de previdência.

DECRETA:

Art. 1º - O Estado do Espírito Santo promoverá, em data a ser divulgada, o Cadastramento Previdenciário dos servidores civis e militares, ativos e inativos, da administração direta e autárquica, bem como dos pensionistas do Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM.
§ 1º - O Cadastramento Previdenciário abrangerá os servidores ocupantes de cargos em comissão.
§ 2º - Estão dispensados do Cadastramento Previdenciário os servidores celetistas e os designados temporariamente.
§ 3º - O Cadastramento Previdenciário será realizado pelo Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, com a colaboração da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, assim como de todos os órgãos da administração direta e das autarquias, do Poder Executivo Estadual.
§ 4º - O Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro – IPAJM, articulação com os Poderes Legislativo, Judiciário e com o Ministério Público Estadual e Tribunal de Contas, objetivando o cadastramento previdenciário previsto neste Decreto, no âmbito de seus respectivos órgãos.

Art. 2º - O plano logístico e a metodologia do cadastramento serão divulgados oportunamente.

Art. 3º - No âmbito do Poder Executivo, o não Cadastramento Previdenciário por parte dos servidores implicará na suspensão do pagamento da remuneração, provento ou pensão, até que seja regularizada a situação.

Art. 4º - Fica a Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, responsável pela edição de atos complementares necessários ao efetivo desenvolvimento do Cadastramento Previdenciário.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta,em 15 de agosto de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 16.08.02)

DECRETO Nº 1.079-R, de 04.10.02

Cria o Brasão de Armas da Polícia Interativa da PMES

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, incisos III e V da Constituição Estadual e o que consta do processo nº

DECRETA:

Art. 1º - Fica criado o Brasão de Armas da Polícia Interativa da Polícia Militar do Espírito Santo, conforme estipulado no Anexo I deste Decreto.

Art. 2º - O Brasão de que trata o artigo anterior, representação da Polícia Interativa, será usado por todos os instrutores e alunos que tenham participado do Curso de Formação de Multiplicadores em Polícia Comunitário-Interativa, a partir de 1995, e será confeccionado de acordo com as normas heráldicas e obedece as seguintes características:
I – Escudo português com três campos, medindo 5cm de alto e 4 cm de largo, com o conjunto medindo 8 cm de alto e 7 cm de largo;
II – O primeiro campo, com 25 % da área, sobre fundo sinople (verde), dois bucaneiros cruzados, prata, símbolo internacional de polícia militar, medindo 1.4 x 1 cm;
III – O segundo também com 25 % da área, sobre fundo blau (azul), columbo em vôo, prata, símbolo cristão do Espírito Santo, medindo 1x 1.8 cm;
IV – O terceiro campo, com 50 % da área, sobre fundo goles (vermelho), cor representativa da justiça, rosa dos ventos com as extremidades distando 0.4 mm das bordas do escudo, tendo as oito flechas ouro os pontos do azimuth, prata simbolizando a atuação da polícia interagindo com toda a comunidade;
V – Em toda a base, listel em blau na metade superior e goles na inferiior, medindo 1 cm de alto x 7 cm de largo, as datas 1535 a destro – Colonização do Solo, no centro ESPÍRITO SANTO em sable, na metade superior e POLÍCIA INTERATIVA, em ouro, em oposição e a sinistro, 1835 as datas em sable – Criação da Polícia Militar do Espírito Santo, com os caracteres medindo 0.4 de alto x 0.1 mm de largo;
VI – No entorno destro, cana de açúcar em ouro, com as folhas sinople, em oposição, ramo de café em sinople com os frutos goles, medindo 3 x 1.3 cm, representando os ciclos de riqueza da província;
VII – Encimando o conjunto, em ouro a coroa imperial de D. Pedro II, medindo 2 x 1.8 cm – representando o período de criação da Guarda de Polícia Provincial, embrião da Polícia Militar.
VIII – As dimensões apresentadas poderão aumentar ou diminuir na mesma escala.

Art. 3º - Será de incumbência da Secretaria da Casa Militar a aquisição dos distintivos, em quantidade suficiente para distribuição a todos os policiais civis e militares, bem como aos líderes comunitários, que tenham participado do curso de Formação de Multiplicadores em Polícia Comunitário-Interativa.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 04 de outubro de 2002
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado

(DOE de 07.10.02)

ANEXO I

DECRETO nº 1.089-R, de 25.10. 02

Institui o Subsistema de inteligência de Segurança Pública do Estado Espírito Santo e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 91, incisos I, III e V, e o art. 98 da Constituição Estadual, e,

Considerando o disposto nos arts. 35, 43 e 46 da Lei Estadual nº 3.043, de 31 de dezembro de 1975;

Considerando o Decreto nº 915-N, de 16 de novembro de 1976;

Considerando o disposto na Lei Federal nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999, que instituiu o Sistema Brasileiro de Inteligência de Segurança Pública; e, ainda,

Considerando o disposto no Decreto Federal nº 3.695, de 21 de dezembro de 2000, que criou o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública em âmbito nacional,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituído o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo – SISPES.

Art. 2º - A atividade de Inteligência de Segurança Pública no Espírito Santo passa a ser regulamentada em conformidade com as disposições contidas no Anexo I, que integra este Decreto.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 25 de outubro de 2002.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado

ANEXO I

REGULAMENTA O SUBSISTEMA DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

TÍTULO I
DO SUBSISTEMA DE INTELIGÊNCIA

CAPÍTULO I
FINALIDADE

Art. 1º - O Subsistema de Inteligência de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo – SISPES, tem a finalidade de promover a sistematização e a integração das atividades de inteligência desenvolvidas pelas agências de inteligência existentes nos órgãos de Segurança Pública do Estado, com atribuições afins que favoreçam às ações de Segurança Pública, bem como nos demais órgãos estaduais e municipais que venham a aderir ao subsistema.

Art. 2º - A atividade de Inteligência de Segurança Pública no Espírito Santo, dentre outras finalidade, institui normas gerais sobre a atuação estratégica da Inteligência de Segurança Pública sobre constituição, atribuições, organização e ligações funcionais e institucionais do SISPES e das atividades desenvolvidas por seus integrantes, tendo como princípios basilares a defesa do Estado Democrático de Direito e a dignidade da pessoa humana, devendo, ainda, cumprir e preservar os direitos e as garantias individuais dos cidadãos, bem como dos demais preceitos constitucionais vigentes.

CAPÍTULO II
DISPOSIÇÕES GERAIS SOBRE SUA CONSTITUIÇÃO

Art. 3º - Constituem o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública as agências de Inteligência dos órgãos da Secretaria de Estado da Segurança Pública, tendo o Núcleo Estadual de Gerenciamento do Subsistema de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo – NGSISPES como agência central; as agências centrais de inteligência da PMES, da PCES e do CBOMES, como agências executivas; das Secretarias de Estado da Justiça, da Fazenda e da Casa Militar, denominadas de agências institucionais; e a agência de inteligência do detran, a ser criada, e de outros órgãos estaduais e municipais que venham aderir ao subsistema estadual que serão denominadas de agência especiais.

§ 1º - As agências de inteligência dos órgãos mencionados no caput deste artigo continuarão a dirigir e coordenar seu sistema interno de inteligência, composto por agências ou subagências, conforme dispuser seus regimentos, devendo, todavia, promover, no prazo máximo de 60 dias, a contar da publicação deste decreto, as devidas alterações que se adeqüem as normas gerais previstas neste regulamento.

§ 2º - Na forma dos incisos VII e XII do art. 2º do Decreto nº 3.497-N, de 22 de março de 1993, o NGSISPES terá como Chefe o Subsecretário de Estado da Segurança Pública para Integração Administrativa da SESP, cargo de provimento em comissão, mas de recrutamento específico e limitado às condições exigidas no § 1º do art. 6º deste decreto, passando a acumular essa função, além das já previstas no art. 2º do Decreto nº 3.497-N, de 22 de março de 1993.

§ 3º - Cabe aos integrantes do Subsistema, no âmbito de suas atribuições, identificar, acompanhar e avaliar ameaças reais ou potenciais à segurança pública e produzir conhecimentos que subsidiem ações para neutralizar, coibir e reprimir atos criminosos de qualquer natureza.

§ 4º - o Secretário de Estado da Segurança Pública, enquanto não forem criados por lei os quadros funcionais de bombeiros e policiais civis e militares no NGSISPES, poderá convocar tais servidores, extraordinariamente, para atuarem em missão especial junto ao Núcleo, sem qualquer prejuízo de seus direitos, garantias, prerrogativas, vencimentos e vantagens previstos em lei.ç

§ 5º - Fica vedado no âmbito do SISPES:

I – o exercício de cargos, funções, encargos ou missões por servidores públicos efetivos, por policiais civis ou policiais militares, ou por bombeiros militares, sem que sejam submetidos a procedimento de credenciamento realizado por agência central dos órgãos integrantes do SISPES e à ulterior aprovação da autoridade competente, na forma de seus respectivos regimentos internos;

II - O exercício de cargos, funções, encargos ou missões por servidores públicos estaduais ou municipais que não sejam exercentes de cargos efetivos, salvo o cargo de Chefe do NGSISPES;

III – a divulgação nos meios de comunicação de métodos ou procedimentos de inteligência, de instalações de agências de inteligência ou de pessoal integrante do SISPES;

IV – à agência central, realizar investigações, ações ou operações típicas de polícia, devendo o conhecimento, depois de obtido, quando requerer intervenção policial, ser repassado aos órgãos policiais competentes, na conformidade da legislação constitucional e infraconstitucional vigente;

V – às demais agências de inteligência, executarem atividades ostensivas, sobretudo as que identifiquem seus órgãos ou seus agentes; atividades investigativas e cartorárias de cunho disciplinar que sejam típicas das Corregedorias dos órgãos;

executarem ações de operações de inteligência em superposição as ações que já estejam sendo desenvolvidas por outra agência do SISPES,s alvo os casos de ações de inteligência integradas e previamente planejadas pelo NGSISPES ou de ações interventoras autorizadas pelo Secretário de Estado da Segurança Pública;

§ 6º - O Governador do Estado, ou o Secretário de Estado da Segurança Pública, dependendo do cargo do agente público, determinará o imediato afastamento das funções do responsável pela inobservância das determinações previstas nos parágrafos anteriores, acarretando na exclusão do SISPES, daquele e do executor da medida irregular, sem prejuízo da instauração de procedimento administrativo disciplinar pela autoridade competente para adoção das medidas punitivas previstas em lei, regulamentos e na legislação penal brasileira.

CAPÍTULO III
DA AGÊNCIA CENTRAL
SEÇÃO I
FINALIDADE E ATRIBUIÇÕES

Art. 4º - O Núcleo Estadual de Gerenciamento do Sistema de Inteligência de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo – NGSISPES, como agência central, tem a finalidade de planejar, coordenar, supervisionar e controlar a produção e proteção de conhecimentos a partir da atividades de inteligência desenvolvida pelos órgãos que compõem o SISPES, com vistas a assessorar os gestores responsáveis pela implementação da política de Segurança Pública, suprindo os governos federal, estadual e municipais com informações que subsidiem a tomada de decisões neste campo.

Parágrafo único – Além do disposto no caput deste artigo, cabe ao NGSISPES:

I – servir como órgão técnico integrador e normatizador da atividade de inteligência de Segurança Pública no âmbito do Estado do Espírito Santo, acompanhando e avaliando o desempenho dos órgãos que compõem o Subsistema;

II – promover a interação das atividades de Inteligência de Segurança Pública do SISPES com a Rede Nacional de Inteligência de Segurança Pública, articulando intercâmbios de experiências técnicas e operacionais, recebendo e difundindo conheci9mentos de segurança pública, respeitando as normas legais e regulamentares atinentes aos canais técnicos de comunicação do Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência – SISBIN;

III – integrar o SISPES ao Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência – SISBIN, na forma da Lei Federal nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999, com vistas a permitir um fluxo de informações sistematizado para o órgão central nacional, respeitando as deliberações do Conselho Especial desse Subsistema, propiciando cenários para a atuação das instituições integrantes do Sistema, favorecendo no País as ações de prevenção e repressão da criminalidade, de preservação da ordem pública e de Defesa Civil;

IV – propor a celebração de convênios com órgãos federais, estaduais e municipais para firmar parcerias que possibilitem acessar dados ou conhecimentos úteis ao desempenho da atividade de inteligência do SISPES, ou que propiciem a aquisição ou uso de aparato tecnológico para tal fim ou que permitam realizar treinamentos e cursos para o pessoal integrante do SISPES;

V – supervisionar e coordenar a atualização dos registros estaduais que compõem o Sistema Nacional de Informações de Justiça e Segurança Pública – INFOSEG, bem como a sua utilização pelos órgãos de Segurança Pública;

VI – coordenar a identificação, o acompanhamento e avaliação das ameaças reais ou potenciais de segurança pública e produzir conhecimentos, pesquisas e estudos que subsidiem ações para neutralizar, coibir e reprimir infrações penais de qualquer natureza, principalmente sobre as infrações penais realizadas por organizações criminosas organizadas ou semi-organizadas;

VII – promover, no âmbito do SISPES, reuniões mensais periódicas com os chefes das agências de inteligência executivas e institucionais, e reuniões extraordinárias com os chefes das agências de inteligência que não sejam do SISPES, desde que façam parte da comunidade local de inteligência;

VIII – promover a difusão da Doutrina e orientar as Atividades de Ensino de Inteligência de Segurança Pública, no âmbito do Sistema Estadual de Segurança Pública;

IX – aprovar ou desaprovar a indicação dos Chefes das Agências Executivas, Institucionais e Especiais que integram o SISPES.

SEÇÃO II
DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Art. 5º - O NGSISPES tem a seguinte estrutura organizacional:

I – Chefia Geral (CHG);
II – Departamento de Apoio Tecnológico (DTA);
III – Departamento de Análise (DA);
IV – Departamento de Busca e pesquisa Eletrônica (DBPE).

Subseção I
Da atribuições da Chefia Geral – CHG

Art. 6º - A Chefia Geral (CHG) é responsável pela direção e pelo planejamento do NGSISPES, subordinado diretamente ao Secretário de Estado da Segurança Pública, sendo atribuída ao cargo mencionado no § 2º do art. 3º.

§ 1º - A função será exercida por um Oficial Superior da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar da ativa e do último posto da hierarquia da Corporação, ou por Delegado de Polícia Civil da ativa e da última classe funcional, previamente credenciado pelo Núcleo Central do Subsistema Nacional de Inteligência de Segurança Pública do Ministério da Justiça, com formação ou experiência comprovada na área de inteligência, competindo-lhes, além das atribuições definidas em lei e previstas neste decreto, as seguintes:

I – responder pelo Subsistema, dirigindo, supervisionando, coordenando e planejando as atividades desenvolvidas pelo órgão central e pelos demais órgãos integrantes do SISPES;

II – assessorar o Secretário de Estado da Segurança Pública nos assuntos de inteligência no âmbito do SISPES, com conhecimentos produzidos pelas áreas de Inteligência e Contra-Inteligência de Segurança Pública, com pareceres em assuntos sigilosos de decisões a serem tomadas pelo Secretário que acarretem relevantes repercussões na área de Segurança Pública;

III – informar, mediante determinação formal do Secretário de Estado da Segurança Pública, em documento classificado como confidencial, sobre a honorabilidade e probidade de nomes de autoridades policiais que estiverem sendo nomeadas para os cargos de Comandantes Gerais e Diretores, Comandantes de Unidade e Subunidade Independente da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar; Delegado-Chefe, Chefes de Departamentos de Polícia Judiciária e Superintendentes da Polícia Civil; Diretor –Geral e SubDiretor, além dos Chefes de Departamentos e de Ciretrans do Departamento Estadual de Trânsito;

IV – informar, ex-officio, ao Secretário de Estado da Segurança Pública sobre a aprovação ou desaprovação da indicação de Chefes das Agências Executivas, Institucionais e Especiais que integram o SISPES;

V – elaborar e acompanhar a aplicação do Regimento interno do NGSISPES;

VI – planejar, coordenar supervisionar, controlar e normatizar o SISPES;

VII – propor Política Estadual de Inteligência no que tange às atividades mencionados no caput deste artigo;

VIII – promover a execução da Política Estadual de Inteligência de Segurança Pública, velando por sua fiel execução e sua integração com a Política Nacional de Inteligência de Segurança Pública;

IX – elaborar o Plano Estadual de Inteligência para alcançar as metas propostas na Política Estadual de Inteligência da Segurança e na Política nacional de Inteligência de Segurança Pública e acompanhar a execução do plano na sua esfera de atribuição;

X – fiscalizar o cumprimento deste regulamento;

XI – acompanhar e avaliar a eficácia das atividades de operações integradas, conduzidas no âmbito do Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, visando ao aperfeiçoamento do planejamento e da execução;

XII – sugerir medidas de modernização do aparelho policial;

XIII – presidir, no âmbito do SISPES, as reuniões periódicas com os chefes das agências de inteligência executivas e institucionais e as reuniões extraordinárias com os chefes das agências de inteligência especiais;

XIV – implementar, gerir e coordenar a doutrina de inteligência de Segurança Pública no Espírito Santo, planejando e realizando cursos e treinamentos na área de inteligência para o pessoal integrante do SISPES e participar da elaboração de manuais de instrução e ensino para a perfeita padronização da atividade de inteligência desenvolvida pelas agência integrantes do Subsistema;

XV – acompanhar e assessorar o Secretário de Estado da Segurança Pública nas reuniões periódicas do Conselho Regional de Segurança Pública do Sudeste – CONDEST e nas reuniões extraordinárias do Conselho Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça – CONASP;

XVI – participar das reuniões do Conselho Estadual de Gestão de Segurança Pública – CONGESP;

XVII – coordenar a segurança pessoal do Secretário de Estado da Segurança Pública;

XVIII – controlar e fiscalizar o fluxo e a segurança dos conhecimentos sigilosos difundidos pela rede intranet estadual, promovendo auditorias inopinadas e melhorias no sistema.

§ 2º - Ao Chefe do Núcleo cabe autenticar todos os documentos difundidos às agências que compõem o SISPES e aos órgãos federais de Inteligência no Estado, assim como ao Núcleo Central do Subsistema Nacional de Inteligência de Segurança Pública e aos Núcleos de Gerenciamento dos demais Estados que integram o Subsistema, cabendo-lhe, ainda, comunicar-se com essas mesmas agências por meio de transmissão de dados e de telecomunicações segura.

Subseção I
Das atribuições dos Departamentos

Art. 7º - Os Departamentos, subordinados à Chefia Geral, executam as diretrizes do Núcleo e são responsáveis pela produção, coleta, busca, proteção de dados e/ou conhecimentos de interesse do SISPES e pela doutrina de inteligência, tendo como atribuições comuns:

I – assessorar a Chefia Geral nos assuntos de sua respectiva atribuição;

II – propor, à Chefia Geral, soluções e/ou projetos de melhoria dos serviços prestados;

III – apresentar relatório anual, à Chefia Geral, sobre as atividades desenvolvidas, circunstanciando sobre metas alcançadas e sobre as razões por eventuais descumprimentos;

IV – implementar ações que visem a capacitação e o aprimoramento de seus integrantes;

V – velar pelo fiel cumprimento de normas regimentais internas, principalmente as atinentes à segurança;

VI – cumprir as determinações da Chefia Geral que não estejam prevista neste decreto.

Do Departamento de Apoio Técnico-Administrativo - DTA

Art. 8º - São atribuições do Departamento de Apoio Técnico-Administrativo:

I – Planejar e executar todas as atividades administrativas do Núcleo e:

às referentes ao acompanhamento e à gestão dos recursos humanos, identificando necessidades de treinamento, capacitação e especialização profissional, e elaborar o Plano Anual de Desenvolvimento de Recursos Humanos no âmbito do NGSISPES;
às referentes à requisição, controle e distribuição de materiais de expediente e reprografia;
c) às referentes à difusão, ao recebimento, ao protocolo, ao registro e controle, ao arquivo de documentos administrativos e sigilosos do NGSISPES, bem como de todos os outros materiais sigilosos como fitas, campact disk – cd, mocrofilmes, fotografias, mapas, fichas, livros e manuais etc.;

d) às referentes ao controle, à recuperação e à reposição do material carga, identificando necessidades, propondo aquisições e controlando toda a movimentação de bens patrimoniais do Núcleo;

e) ao apoio de transporte, telefonia, radiofonia, de materiais administrativos e suprimentos de informática ao conjunto do Núcleo;

f) à administração e supervisão das atividades de conservação, limpeza e obras nas dependências e instalações do Núcleo;

g) aos recursos oriundos da dotação destinada pelo ordenador de despesas da Secretaria de Estado da Segurança Pública e outros recursos colocados à disposição do Núcleo;

h) à atuação, perante aos setores orçamentários e financeiros da Secretaria de Estado da Segurança Pública, na obtenção de informações e acompanhamento de processos licitatórios ou de procedimentos de compra e aquisição de materiais, equipamentos e serviços que sejam destinados ao Núcleo;

i) à elaboração do planejamento orçamentário e financeiro do Núcleo, coordenando e fiscalizando a execução;

j) à elaboração de estudos e pareceres técnicos sobre questões relativas às atividades desenvolvidas em sua área de competência.

l) Outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

Do Departamento de Análise - DA

Art. 9º - O Departamento de Análise é responsável pela coordenação e controle da junção e interpretação de dados, objetivando a produção do conhecimento, em seus diversos níveis e finalidades; pela identificação, acompanhamento e avaliação das ameaças reais ou potenciais a respeito de assuntos de seus campos de atuação, conforme suas respectivas divisões:

I – Divisão de Análise de Segurança Institucional – DASI:

II – Divisão de Análise de Ordem Pública e Defesa Social – DODS;

III – Divisão de Análise Macro-Conjuntural – CAMC;

IV – Divisão de Análise de Denúncias – DAD.

§ 1º - São atribuições da DASI:

I – planejar, implementar, coordenar e executar atividades de proteção do Núcleo e do SISPES, prevenindo, obstruindo, detectando ou neutralizando ações adversas de qualquer natureza que possam comprometer a segurança de pessoal, da documentação, das instalações, do material, das comunicações e da transmissão informatizada de dados ou à Política de Segurança Pública no seu conjunto;

II – colaborar no planejamento e elaboração de normas referentes às medidas de proteção do Núcleo e do SISPES;

III – planejar e sistematizar as ações de inspeção de proteção do NGSISPES;

IV – controlar a emissão de documentos de inteligência classificados sigilosamente, de placas de veículos automotores no NGSISPES;

VI – controlar o ingresso e a saída das instalações do NGSISPES;

VII – executar o regular procedimento para o credenciamento para atuação de pessoal integrante do NGSISPES, bem como realizar o recrutamento de pessoas não integrantes do Núcleo que atuem na

colaboração geral e especial das ações de busca e coleta, mantendo e controlando banco de dados específico para tal finalidade;

VIII – supervisionar e controlar todos os credenciamentos realizados pelas agências no âmbito do SISPES;

IX – controlar e acompanhar a conduta ética do pessoal integrante do NGSISPES;

X – organizar, manter e atualizar bancos de dados sobre fatos e situações, assuntos relevantes, por área de análise;

XI – promover a integração das agências de inteligência dos SISPES com órgãos privados, visando obter dados relacionados com a respectiva área de atuação;

XII – controlar e supervisionar a segurança dos prcedimentos legais de quebra de sigilo bancário, fiscal telefônico, de informática, telemática, de captação e interceptação de sinais eletromagnéticos, óticos ou acústicos, bem como de seus registros e análises;

XIII – acompanhar as atividades desenvolvidas pelos órgãos estaduais de segurança pública e pelos Conselhos Regionais de Segurança Pública;

XIV – solicitar ao seu Departamento o acionamento do Departamento de Busca e Pesquisa Eletrônica,a través de documento adequado, para realização de ações de busca e pesquisa de dados de interesse ao seu campo de análise;

XV – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

§ 2º - São atribuições da DODS:

I – solicitar conhecimentos às agências do SISPES, exclusivamente ligados à Ordem Pública, em suas vertentes Segurança Pública, Salubridade Pública e Paz Pública;

II – produzir conhecimentos de Segurança Pública que subsidiem decisões na esfera da Secretaria de Estado da Segurança Pública, dos governos federal, estadual e municipal;

III – manter e atualizar bancos de dados sobre fatos e situações, assuntos relevantes, por área de análise;

IV – elaborar mapeamento dos logradouros públicos com índices elevados de crimes, especialmente os dolosos contra a vida, contra o patrimônio e os delitos de tráfico de tóxicos e entorpecentes;

V – produzir conhecimentos, manter e atualizar dados, sobre a criminalidade organizada e semi-organizada porventura atuando no Estado, em todos os seus níveis e ramificações de atividades ilícitas;

VI – fazer ligações sistemáticas com agências de inteligência do SISPES e, eventualmente, com órgãos públicos não integrantes do SISPES e entidades privadas, com vistas a reunir dados e conhecimentos úteis ao seu campo de análise;

VII – solicitar ao seu Departamento o acionamento do Departamento de Busca e Pesquisa Eletrônica, através de documento adequado, para realização de ações de busca e pesquisa de dados de interesse ao seu campo de análise;

VIII – coletar e buscar dados junto às agências de inteligência do SISPES, bem como produzir conhecimento a respeito do trânsito de estrangeiros no Estado, particularmente sobre aqueles envolvidos em práticas criminosas;

IX – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

§ 3º - São atribuições da Divisão de Análise Macro-Conjuntural – DAMC:

I – produzir conhecimentos, manter e atualizar bancos de dados sobre aspectos macro-conjunturais do Estado do Espírito Santo, tais como: fatos ou situações psicossomáticas locais e regionais, fatos ou situações relevantes de ordem econômico-social, cultural, religiosa e moral, com a finalidade de atender a planejamentos, tomada de decisões ou de acompanhamento de ações planejadas que objetivem a adoção de medidas amplas de prevenção à criminalidade e defesa da sociedade;

II – realizar estudos e levantamentos estratégicos sobre fatos e situações de alta complexidade no tocante à promoção de políticas de Segurança Pública e de Defesa Social, elaborando projetos, estudos estatísticos geofísicos e geopolíticos sobre macro-regiões do Estado;

III – solicitar a sua Divisão o acionamento da Divisão de Busca e Pesquisa Eletrônica, através de documento adequado, para realização de ações de busca e pesquisa de dados de interesse ao seu campo de análise;

IV – fazer ligações sistemáticas com agências de inteligência do SISPES e, eventualmente com órgãos públicos não integrantes do SISPES e entidades privadas, com vistas a reunir dados e conhecimentos úteis ao seu campo de análise;

V – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

§ 4º - São atribuições da Divisão de Análise de Denúncias – DAD:

I – coordenar e executar o recebimento, processamento e difusão das denúncias geradas pelo sistema disque-denúncia da Secretaria de Estado da Segurança Pública;

II – centralizar, no âmbito dos órgãos de Segurança Pública, toda a participação da sociedade com o intuito de contribuir para o sucesso da segurança pública, canalizando, via sistema disque-denúncia, todos os fatos e ou situações que possam contribuir para minimizar as ações delituosas;

III – fazer ligações e contatos sistemáticos com agências de inteligência do SISPES e com órgãos públicos e entidades privadas, com vistas a difundir dados não confirmados e materializados em denúncias escritas, cobrando respostas e resultados;

IV – realizar estudos e levantamentos estatísticos sobre registros, respostas e resultados das denúncias geradas pelo sistema, bem como detalhar sobre o desempenho dos órgãos e entidades na resolução dos fatos e situações denunciadas pela sociedade;

V – manter, gerir, controlar e atualizar o banco de dados das denúncias recebidas pela Secretaria de Estado da Segurança Pública;

VI – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

Do Departamento de Busca e Pesquisa Eletrônica – DBPE

Art. 10 – O Departamento de Busca e Pesquisa Eletrônica é responsável pelo emprego de técnicas e meios eletrônicos em proveito da busca e da pesquisa a dados inicialmente inacessíveis ou de limitado acesso que sirvam de suporte para o processo de análise e suas atribuições são divididas entre as seguintes divisões:

§ 1º - Cabe à Divisão de Busca – DB:

I – planejar e executar, quando solicitado por documento adequado, a coleta e/ou busca de dados por intermédio de recursos humanos e técnicas operacionais;

II – planejar e coordenar, quando determinado pelo Chefe do NGSISPES, as ações de busca e pesquisa eletrônica desenvolvidas conjuntamente pelas agências de inteligência do SISPES;

III – realizar o recrutamento, o acompanhamento e o emprego de fontes humanas na colaboração geral e especial das ações de busca e coleta, observando os critérios de segurança e controle da Divisão de Segurança Institucional;

IV – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

§ 2º - Cabe à Divisão de Pesquisa de Informática e de TELECOMUNICAÇÕES – DPINTEL:

I – planejar e executar, quando solicitado por documento adequado, a coleta e/ou busca de dados por intermédio de recursos eletrônicos, de telecomunicações e de informática de uma forma geral;

II – mediante autorização judicial, executar procedimentos de quebra de sigilo bancário, postal e telefônico, captar e interceptar sinais eletromagnéticos, óticos ou acústicos, bem como proceder a seus registros e análises;

III – planejar, implantar, executar, coordenar e supervisionar toda a área de informática e de telecomunicações do NGSISPES;

IV – acompanhar a execução das atividades na área de tecnologia da informação e da comunicação, conforme a política de segurança da informação e da legislação vigente, observando a evolução tecnológica dos materiais e equipamentos a serem utilizados em atividades de inteligência;

V – propor à Chefia Geral a aquisição, compra, substituição, reparo, manutenção, troca de material permanente e/ou equipamentos eletrônicos, de informática (programas e equipamentos) ou de telecomunicações, articulando-se com empresas da área e prestadores de serviços para o desenvolvimento de programas e sistemas de rede;

VI – planejar e coordenar as ações de busca através de informática, telemática e de telecomunicações executadas conjuntamente pelas agências de inteligência integrantes do SISPES;

VII – desenvolver, gerir e manutenir os bancos de dados do NGSISPES, promovendo auditorias e procedimentos de segurança nos sistemas de dados informatizados sob o controle da Divisão de Segurança Institucional;

VIII – gerenciar a rede de informática interna e externa do NGSISPES, planejando e executando medidas de segurança da Divisão de Segurança Institucional;

IX – realizar o treinamento dos usuários nos programas e aplicativos implantados;

X – treinar e assessorar os usuários da rede do NGSISPES na utilização da rede de informática;

XI – outras atribuições previstas em regimento ou emanadas pela Chefia Geral.

CAPÍTULO IV
DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA EXECUTIVAS

Art. 11 – As agências de inteligência executivas serão as centrais de inteligência da Polícia Militar, da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros Militar que deverão estruturar-se em segmento central do sistema de inteligência de seus respectivos órgãos.

§ 1º - No âmbito do SISPES, as agências de inteligência executivas atuarão:

I – seguindo a doutrina de Inteligência firmada pelo NGSISPES;

II – cumprindo as metas e diretrizes do Plano de Inteligência de Segurança Pública;

III – observando as normas previstas neste regulamento e em diretrizes e resoluções baixadas pelo Secretário de Segurança.

§ 2º - No âmbito de seus órgãos, as agências de inteligência executivas atuarão:

I – assessorando seus comandos, chefias e direções, mantendo-os informados sobre fatos e situações relevantes da conjuntura de Segurança Pública Estadual;

II – observando e fazendo respeitar seus regimentos e diretrizes internas em consonância com as normas gerais baixadas pelo NGSISPES;

III – coordenando e supervisionando as atividades de inteligência desenvolvidas pelo sistema de inteligência de seus respectivos órgãos, fazendo cumprir as normas vigentes;

IV – recebendo, protocolando e difundindo a documentação sigilosa de seus respectivos órgãos;

V – acionando suas agências e subagências, para obtenção de dados ou conhecimentos;

VI – promovendo e difundindo o intercâmbio de conhecimentos dentro do SISPES.

CAPÍTULO V
DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA INSTITUCIONAIS

Art. 12 – Respeitando-se a legislação em vigor, as agências de inteligência institucionais poderão ser criadas:

I – na Secretaria de Estado da Justiça para produção de conhecimentos relativos ao sistema penitenciário e carcerário do Espírito Santo;

II – na Secretaria de Estado da Fazenda para produção de conhecimentos relativos a ilícitos de ordem financeira e tributária do Espírito Santo;

III – na Secretaria de Estado da Casa Militar para produção de conhecimentos relativos a fatos e situações que comprometam a defesa das instituições democráticas do Espírito Santo.

CAPÍTULO VI
DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA ESPECIAIS

Art. 13 – Fica criada, no Departamento Estadual de Trânsito, a agência de inteligência do órgão, cuja chefia será acumulada pelo Subdiretor do DETRAN, ficando diretamente subordinado ao Diretor-Geral.

§ 1º - A agência de inteligência do DETRAN atuará assessorando a Direção do órgão e o SISPES na produção de conhecimentos específicos concernentes às políticas de trânsito urbano no âmbito do Estado do Espírito Santo e terá sua estrutura, composição e atribuições fixadas em regimento interno baixado por ato normativo do Diretor-Geral, respeitando as diretrizes gerais deste regulamento, no prazo de 45 dias, a contar da publicação deste Decreto.

§ 2º - Fica vedado à agência de inteligência do DETRAN, bem como às suas eventuais subagências, a execução de atividades de operações de inteligência.

Art. 14 – O Governador do Estado poderá criar, em outros órgãos da Administração Pública Estadual, agências especiais de inteligência, destinadas, exclusivamente, à atividade de análise em proveito de assuntos comuns à Segurança Pública, cuja estrutura e composição serão definidas, especificamente, observadas a regras gerais previstas neste regulamento.

Parágrafo único – A requerimento de prefeitos municipais, mediante celebração de convênio, o Governador do Estado poderá autorizar a adesão de agências de órgãos municipais ao SISPES, como agências especiais, desde que as atividades desenvolvidas nestas sejam exclusivamente voltadas à Segurança Pública e à Defesa Social, ficando vedado o exercício de atividades de operações de inteligência.

CAPÍTULO VII
LIGAÇÕES

Art. 15 – Cabe, exclusivamente, à Chefia do NGSISPES ligar-se formalmente com os órgãos federais de Inteligência no Estado, assim como ao Núcleo Central do Subsistema Nacional de Inteligência de Segurança Pública e aos Núcleos de Gerenciamento dos demais Estados que integrem o Subsistema.

Art. 16 – A comunicação poderá ocorrer as agências executivas, institucionais e especiais de inteligência do SISPES, mas deverá, obrigatoriamente, também ser feita para o NGSISPES, simultaneamente.

Art. 17 – Os conhecimentos produzidos serão materializados em forma específica de documentos de inteligência, conforme a padronização prevista na Doutrina e manuais produzidos no âmbito do SISPES, e difundidos, observando-se formas, ligações e canais apropriados, sendo que quando seu conteúdo requerer proteção contra acesso indesejado, deverá ser classificado sigilosamente, com base na legislação vigente, e o acesso a ele ocorrerá a partir da necessidade de conhecer, verificada a credencial de segurança adequada.

§ 1º - A recepção e a difusão de dados e conhecimentos sigilosos também poderão ser feitos através de rede informatizada de dados segura e protegida com sistemas criptográficos.

§ 2º - É vedada a transmissão de dados e/ou conhecimentos sigilosos por meio de comunicação não-segura, especialmente por meio telefônico.

TÍTULO II
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 18 – O Secretário de Estado da Segurança Pública baixará, em 45 dias, a contar da publicação deste regulamento, o Regimento Interno do NGSISPES, detalhando sobre atribuições específicas e funcionamento dos seus respectivos departamentos e divisões bem como sobre as missões dos seus dirigentes e demais integrantes.

Parágrafo único – A critério do Secretário de Estado da Segurança Pública serão também expedidas normas gerais de ação, instruções ou resoluções complementares que detalharão os procedimentos necessários à plena execução do Regimento.

Art. 19 – O Secretário de Estado da Segurança Pública baixará resoluções e diretrizes disciplinando as condições de adesão e acesso ao SISPES, bem como sobre as condições de credenciamento de pessoal para ingresso nas agências SISPES.

Art. 20 – As agências de inteligência do SISPES deverão ser informatizadas e interligadas através de rede protegida, sendo que aspectos de interesse geral, relacionados à criminalidade, serão compartilhados pelas agências, respeitadas as condições e níveis de acesso que serão detalhadas por ato do Secretário de Estado da Segurança Pública, sob o controle e coordenação do NGSISPES.

Art. 21 – Fica facultado aos órgãos estaduais que contém agências de inteligência do SISPES, dentro de sua dotação orçamentária prevista em lei, distribuir recursos para destinar verbas específicas aos segmentos de inteligência para aquisição de materiais e equipamentos e para indenização aos agentes pelo uso de vestuário e meio de transporte particulares durante a realização de atividade de inteligência.

Art. 22 - A Assistência Técnica de Informações e Contra-Informações da Secretaria de Estado da Segurança Pública (ATICI-SESP), como órgão de Assessoria Especial da SESP, previsto nos arts 18 e 19 do Decreto 915-N, de 16 de novembro de 1976, passa a compor a estrutura do NGSISPES, ficando diretamente vinculado ao

Subsecretário de Estado da Segurança Pública para Integração Administrativa.

Art. 23 – Respeitando as diretrizes fixadas na Lei nº 6.640, de 16 de abril de 2001 e o disposto no art. 13 do Decreto nº 936-R, de 27 de novembro de 2001, o sistema disque-denúncia, implementado na Divisão de Análise de Denúncias, poderá ser operacionalizado em parceria com entidade civil sem fins lucrativos e instituída, especialmente, para esse fim, sendo que os critérios para descentralização, fiscalização e controle do serviço para a administração de seus recursos humanos, de softwares, de hardwares, para o recebimento, processamento, análise e difusão das denúncias serão fixados em prévio convênio a ser firmado com a Secretaria de Estado da Segurança Pública e as normas de funcionamento do serviço serão baixadas por resolução do Secretário de Estado da Segurança Pública.

(D.O .E. de 28.10.02)

DECRETO Nº 1.093-R, de 06.11.02

Juros do Crédito Rotativo

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, item III da Constituição Estadual, e considerando o disposto na lei nº 5.783, de 21.12.98 e Decreto nº 4.319-N, de 23.12.98,
DECRETA:

Art. 1º - Fica a Secretaria de Estado da Fazenda autorizada a arcar com os juros "adicionais" do crédito rotativo, dos servidores civis e militares estaduais, decorrentes do atraso do pagamento das parcelas dos meses de outubro, novembro e dezembro de 1998, junto ao Banco do Estado do Espírito Santo – Banestes S.A.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em 06 de novembro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 07.11.02)

DECRETO nº 1.094-R, de 07.11.02

Gratificação de Serviço Extra

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, item III da Constituição Estadual e,

Considerando os claros existentes nos efetivos das Polícias Civil, Militar e Corpo de Bombeiros Militar, aumentado pelas aposentadorias, transferências para a inatividade, demissões, exclusões, licenciamentos e falecimentos;

Considerando os eventos culturais, recreativos, de lazer e esportivos programados para a temporada de verão que se aproxima, bem como as festividades e movimentação decorrente do Natal e do ano que se finda;

Considerando o aumento do fluxo turístico e a necessidade de prover maior segurança para o expressivo número de pessoas que movimentam as atividades decorrentes da indústria do turismo em toda a extensão do território do Estado do Espírito Santo;

Considerando a necessidade de aumentar a quantidade diária de policiais civis e militares nos turnos de serviço, maximizando a oferta da prestação de segurança pública, e

Considerando a responsabilidade da administração em adotar medidas para suprir necessidades no tocante à segurança das pessoas.

D E C R E T A:

Art. 1º - A concessão de escalas de serviço extra, previstas em lei e de responsabilidade dos Comandantes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, bem como do Chefe de Polícia Civil do Estado, obedecerão as previsões orçamentárias próprias, sendo concedidas na forma de Gratificação de Serviço Extra, regulada em lei, com a regulamentação deste Decreto.

Art. 2º - O pagamento da Gratificação de Serviço Extra só poderá ser efetivado se o servidor (a) cumprir os seguintes requisitos:

I – Ter carga horária semanal no mínimo de quarenta horas;

II – Efetivamente necessite suplementar as escalas de policiamento ostensivo, supervisão policial, investigações policiais, plantões em delegacias, na SPTC, operações policiais e de Bombeiros;

III – For empregado exclusivamente na atividade fim, conforme discriminado no inciso II, no período compreendido entre a quinta-feira e o domingo, exceto quando houver justificada necessidade, autorizada pelo escalação operacional superior, e

IV – Atender as atividades de segurança e proteção institucional da Governadoria do Estado e das Autoridades Estaduais, Federais e Estrangeiras no que couber.

Art. 3º - O turno em escala de serviço extra será de no mínimo seis horas semanais e de no máximo 12 horas, a critério da administração e da necessidade do serviço, não podendo ultrapassar vinte e quatro horas mensais.

- *Modificado pelo Decreto nº 1.005-R,de 28.11.2002*

Parágrafo único – Na Polícia Civil a aplicação da escala de serviço extra, obedecida a Lei, ocorrerá somente no período de expediente operacional, visando reforçar os trabalhos de investigação policial nas delegacias, conforme inciso II, Art. 2º deste Decreto.

Art. 4º - Nas escalas de serviço ordinário da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, o período excedente a 44 (quarenta e quatro) horas semanais, se no mínimo de 06 (seis) horas, será considerado para efeito de recebimento da Gratificação de Serviço Extra.

Art. 5º - Não poderão concorrer à escala de serviço extra e em conseqüência não será pago Gratificação de Serviço Extra aos policiais civis e aos militares, que estiverem em gozo de férias, cumprindo punição disciplinar que implique em restrição da liberdade ou afastamento das atividades, enquanto durar a medida.

Art. 6º - O servidor interessado em concorrer à escala de serviço extra, desde que preenchidos os requisitos constantes neste Decreto, deverá encaminhar requerimento individual a seu chefe ou comandante imediato, o qual submeterá ao Comandante Geral ou Chefe de Polícia, para análise e deferimento.

Art. 7º - Os militares especialistas da Diretoria de Saúde da PMES, a princípio cumprirão suas escalas de serviço extra, em atividades inerentes a assistência de saúde nas áreas de medicina, enfermagem, odontologia e fármaco-bioquímica, desde que perfaçam a carga horária estipulada no inciso I, Art. 2º, deste Decreto.

Parágrafo único – Fica o Diretor de Saúde da PMES incumbido de remeter ao Comando Geral, até o dia 28 de cada mês, o plano de emprego mensal do efetivo da DS/PMES, inclusive com ações itinerantes.

Art. 8º - O Delegado-Chefe da Polícia Civil encaminhará ao Órgão de Pagamento de Pessoal, através da SEARP, a relação dos servidores policiais civis que efetivamente tenham ocorrido à escala de serviço extra para fins de percepção da gratificação, até o dia 5 (cinco) do m~es posterior ao trabalho.

Art. 9º - O expediente administrativo das Polícias Civil, Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, será de 08 horas diárias, cabendo aos respectivos responsáveis estabelecer o horário de funcionamento, entre o período de 08 às 18 horas, de segunda a sexta-feira.

Art. 10 – Desde que perfaçam 40 horas semanais, os representantes eleitos das entidades sindicais (associações, sindicatos, federações e confederações) representantes das categorias da Polícia Civil e das Associações da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, que estejam legalmente à disposição de tais entidades, poderão concorrer à escala de serviço extra, exclusivamente em atividade operacional, conforme prescrito neste Decreto.

Art. 11 – A Auditoria Geral do Estado promoverá, semestralmente, auditagem nas escalas de serviço extra, para fiel cumprimento deste Decreto.

Art. 12 – Este Decreto entra em vigor no dia 1º de novembro de 2002.

Art. 13º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 07 de novembro de 2002.

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(D.O.E., de 08.11.02)

DECRETO nº 1.104-R, de 27.11.02

Delega competência ao Conselho Deliberativo Fiscal da Caixa Beneficente da Polícia Militar (CDF) para proceder as atualizações que se fizerem necessárias, no Regulamento da Instituição.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, item II, da Constituição Estadual; e

Considerando a criação da Polícia Feminina na PMES no ano de 1983;
Considerando a mudança da sede própria da Caixa Beneficente da Polícia Militar, da Avenida Alberto Torres para a Avenida Leitão da Silva, no Bairro Santa Luzia;
Considerando o desmembramento do Corpo de Bombeiros Militar da Polícia Militar, ocorrido em virtude da Emenda Constitucional nº 12, de 25 de agosto de 1997, que importará em nova designação da Caixa Beneficente da Polícia Militar;
Considerando a vigência do novo Código Civil Brasileiro em 1º de janeiro de 2003, que estabelece regras de união estável e da maioridade civil,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica delegada competência ao Conselho Deliberativo Fiscal da Caixa Beneficente da Polícia Militar (CDF) para proceder as atualizações que se fizerem necessárias, no Regulamento da Instituição, a fim de adequá-lo à legislação vigente.

Art. 2º - As atualizações que se fizerem necessárias serão inseridas nos artigos próprios, após aprovadas em sessão plena daquele colegiado e registradas no livro de atas para que possam produzir os efeitos legais.

Art. 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário, especialmente aquelas que contrariem as normas legais vigentes.

Palácio Anchieta, em Vitória, 27 de novembro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 28.11.2002)

DECRETO Nº 1.105-R, de 28.11.02

Escala de Serviço Extra

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - O artigo 3º do Decreto nº 1.094-R, de 07.11.02, publicado no Diário Oficial de 08.11.02, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 3º - O turno em escala de serviço extra será de no mínimo seis horas semanais e de no máximo 12 horas, a critério da administração e da necessidade do serviço, não podendo ultrapassar vinte e quatro horas mensais".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 08.11.02.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.
Vitória, 28 de novembro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE. de 29.11.02)

DECRETO nº 1110-R, de 12.12.02

Aprova Normas do Sistema de Administração Patrimonial do Estado, regulamentando a Lei nº 2.583, de 12 de março de 1971.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o item III do artigo 91 da Constituição Estadual,
Considerando a importância de dotar o Sistema de Administração patrimonial de uma estrutura organizacional calcada em técnicas administrativas e que possibilite o desenvolvimento das diretrizes básicas nas atividades de registro, cadastro, tombamento, fiscalização, conservação, avaliação, programação de uso e controle dos bens patrimoniais do Estado;
Considerando que o controle dos bens patrimoniais, embora visto como atividade essencialmente de apoio, se devidamente estruturado, constitui-se em ponderável fonte de economia de recursos;
Considerando, finalmente, a necessidade de padronizar as rotinas de trabalho ligadas à área de bens patrimoniais,

D E C R E T A:

Art. 1º - Ficam aprovadas as Normas do Sistema de Administração Patrimonial, que faze parte integrante deste Decreto, referentes aos bens patrimoniais de propriedade do Governo do Estado do Espírito Santo.
Art. 2º - A adoção dessas normas será obrigatória e se estenderá a todos os Órgãos da Administração Direta do Estado.
Art. 3º - Fica a Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência (SEARP) responsável pela normatização dos demais procedimentos para a execução do presente decreto.
Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário, especificamente as constantes do Decreto nº 2014-N, de 1º de abril de 1985, publicado em 12 de abril de 1985.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 12 dias de dezembro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado

TITULO I
NORMAS DO SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO PATRIMONIAL

Art. 1º - O Sistema de Administração Patrimonial do Estado, constituído por todos os órgãos da Administração Direta do Poder Executivo Estadual, abrange as funções: planejamento, programação, execução centralizada, orientação normativa, controle técnico, fiscalização e acompanhamento das atividades setoriais do sistema, bem como a proposição, elaboração e expedição de normas.
Parágrafo único - A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência - SEARP é o órgão central do sistema e exercerá esta função através da sua Gerência de Patrimônio Estadual.

Art. 2º - A Gerência de Patrimônio Estadual - GEMID é o órgão central da Administração Patrimonial diretamente subordinada à Subsecretaria de Administração Geral - SUBAD, da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência - SEARP.

Art. 3º - O Sistema de Administração Patrimonial do Estado tem por objetivo propiciar o estabelecimento de uma política de padronização de procedimentos na Administração Patrimonial, além de:
I – promover a uniformização e a descentralização das atividades relativas à área de patrimônio;
II – permitir à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, a supervisão, o controle efetivo, a atualização constante e a agilidade nas informações concernentes aos bens patrimoniais do Estado.

Art. 4º - Para a consecução de seus objetivos o Sistema de Administração Patrimonial do Estado estabelece três níveis de operacionalização,
I - Administração Central – exercida pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID, da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, como órgão central

normativo e fiscalizador da Administração Patrimonial, com as funções de:
a) planejamento global;
b) orientação normativa;
c) controle de funcionamento;
d) avaliação geral dos resultados; e
e) gerência dos bens patrimoniais do Estado.
II – Administração Setorial – de responsabilidade dos órgãos da Administração Direta do Estado, através dos seus GDRS/GDS ou setores equivalentes, com as funções de:
a) planejamento setorial;
b) supervisão de funcionamento; e
c) controle, guarda e conservação dos vens móveis adquiridos ou sobre os quais tenha posse.
III – Execução Patrimonial – a cargo dos setores responsáveis pelas atividades de patrimônio em cada órgão da Administração Direta.

CAPÍTULO II
DAS ATIVIDADES PATRIMONIAIS
Seção I
Das Diretrizes Gerais

Art. 5º - O servidor público é responsável pelo dano que causar, ou para o qual concorrer, a qualquer bem de propriedade do Estado que esteja ou não sob sua guarda.
Parágrafo único – O servidor público poderá ser responsabilizado pelo desaparecimento de material que lhe tenha sido confiado para guarda ou uso, bem como pelo dano que, dolosa ou culposamente, causar a qualquer material, esteja ou não sob sua guarda.
Art. 6º - É vedada a utilização de qualquer bem patrimonial do Estado para uso particular.
Parágrafo único – Nenhum servidor poderá autorizar o uso ou ocupação de bens patrimoniais do Estado, fora das hipóteses previstas neste Decreto.

Art. 7º - É vedada a emissão de qualquer documento relacionado a movimentação de bens patrimoniais sem a indicação do número do registro patrimonial.

Art. 8º - É vedado o reaproveitamento do número de registro patrimonial dado a um bem, ainda que tenha sido baixado o mesmo do acervo patrimonial.

Art. 9º - As substituições de peças de qualquer componente de um bem patrimonial, capaz de alterar a sua identificação, serão obrigatoriamente comunicadas à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

Art. 10 – É vedada a movimentação ou o deslocamento de qualquer bem patrimonial desacompanhado da documentação legal.

Art. 11 – Em caso de reparo de bens, o número de registro patrimonial deve ser mantido, anotando-se, quando necessário, as alterações verificadas, para fins de pronta identificação do bem.

Seção II
Dos Conceitos Básicos

Art. 12 – para fins deste Decreto, considera-se:

I – ADJUDICAÇÃO – forma compulsória de transmissão da propriedade, em que se transfere ou concede ao Estado todos os direitos de domínio e posse de determinado bem, por decisão judicial.
II – ALIENAÇÃO – toda transferência de propriedade do bem patrimonial, remunerada ou gratuita, sob a forma de venda, permuta, doação, dação em pagamento, investidura, legitimação de posse ou concessão de domínio, desde que satisfaça às exigências administrativas e atenda aos requisitos do instituto específico.
III – BAIXA PATRIMONIAL – a operação em que o bem patrimonial obsoleto, inutilizado, extraviado, de utilização ou recuperação antieconômica, destruído, em desuso ou alienado é excluído do estoque ou do cadastro patrimonial e, contabilmente, gera registro de diminuição do saldo da conta patrimonial.
IV – CESSÃO - é a transferência gratuita de posse de um bem patrimonial de uma entidade ou órgão para outro da Administração Pública com troca de responsabilidade, por tempo determinado.
V – CONCESSÃO DE USO – é a disponibilização de um bem patrimonial através de contrato administrativo, oneroso ou gratuito, com prazo determinado, pelo qual o órgão público atribui utilização exclusiva de um bem do seu domínio a particular, com finalidade pública definida.
VI – CONCESSÃO DE DIREITO REAL DE USO – é a disponibilização de um bem patrimonial através de contrato, oneroso ou gratuito, por tempo certo ou indeterminado, pelo qual o órgão público transfere o uso do bem público a outro órgão, entidade da Administração Pública ou a particular, para utilização com finalidade social.
VII – DAÇÃO EM PAGAMENTO – é a entrega de um bem, de qualquer espécie e natureza, que não seja dinheiro, destinado a substituir a obrigação devida com o objetivo de solver dívida anterior, condicionada ao consentimento do credor.
VIII – DISPONIBILIZAÇÃO – é a entrega do bem patrimonial do Estado para utilização por terceiros, com finalidade definida e condicional, em caráter não definitivo, permanecendo o bem no patrimônio do Estado.
IX – DOAÇÃO – é o contrato civil pelo qual a Administração Pública, por liberalidade, com ou sem encargos, transfere um bem do seu patrimônio para o de outro órgão público ou entidade, na forma definida neste Decreto, condicionada à aceitação pelo donatário.
X – INVENTÁRIO – é o documento descrito com individuação e clareza de todos os bens patrimoniais dos órgãos da Administração Estadual, servindo o relatório para conferência do acervo patrimonial e emitido, conforme necessidade, na amplitude que se desejar, desde aquele restrito ao acervo de uma única unidade administrativa até aquele que abrange todo o acervo do Órgão, devendo ocorrer pelo menos uma vez a cada ano.
XI – LOCAÇÃO – é o contrato bilateral perfeito, oneroso, cumulativo e consensual pelo qual a Administração Pública cede, por tempo determinado, mediante certa retribuição, o uso e o gozo de um bem patrimonial do domínio público a outrem.
XII – PERMUTA – é o contrato pelo qual as partes transferem e recebem um bem, uma da outra.
XIII – PERMISSÃO DE USO – é a disponibilização do bem para utilização a título precário, para realização de eventos de curta duração, de natureza recreativa, esportiva, cultural, religiosa ou educacional.
XIV – REDISTRIBUIÇÃO – é a forma de suprir as necessidades dos órgãos através de utilização de bens patrimoniais que estejam ociosos em seu Órgão de origem ou baixado nos Depósitos de bens Inservíveis da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, sendo realizada mediante solicitação por escrito do Órgão Interessado, após consulta à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.
XV – RESUMO DE MOVIMENTO é o documento emitido mensalmente pelos Órgãos Setoriais, informando sobre os ingressos, transferências, baixas ou outro movimento que altere o acervo de bens patrimoniais do Órgão, devendo estar disponível até o quinto dia útil do mês subseqüente ao de referência.
XVI – TERMO DE TRANSFERÊNCIA – é o documento que acompanha todas as movimentações de bens patrimoniais, cabendo á Administração Setorial do Órgão cedente a emissão do mesmo.

Art. 13 – Quanto à utilização, os bens patrimoniais em relação à repartição, órgão ou entidade que detém sua posse ou propriedade ou propriedade, serão classificados como:
I – operacional – quando o bem pode ser utilizado normalmente, de acordo com a finalidade para o qual foi adquirido, considerando-se:
a) em condições normais de uso, quando seu rendimento é pleno ou próximo do especificado/esperado para o bem: e
b) recuperável – quando estiver danificado e sua reforma ou recuperação for possível e atinja, no máximo, 50% (cinqüenta por cento) de seu valor de mercado.
II – inservíveis – quando o bem não tem mais utilização para a repartição, órgão ou entidade que detém a sua posse, em decorrência de ter sido considerado:
a) ocioso – quando, embora em perfeitas condições de uso, não estiver sendo aproveitado;
b) obsoleto – quando tornar-se antiquado, caindo em desuso, sendo a sua operação considerada onerosa;
c) antieconômico – quando sua manutenção for onerosa ou seu rendimento precário, em virtude do uso prolongado, desgaste prematuro, obsoletismo ou em razão da inviabilidade econômica de sua recuperação; e
d) irrecuperável – quando não mais puder ser utilizado para o fim a que se destina devido à perda de suas características.

§ 1º - O bem patrimonial será classificado como antieconômico ou irrecuperável com base em laudo que diagnostique as suas condições e avalie a inviabilidade de sua recuperação e/ou reintegração ao uso.
§ 2º - A reforma ou recuperação dos bens patrimoniais somente será considerada viável se a despesa for de, no máximo, 50% (cinqüenta por cento) do valor do bem no mercado, salvo na hipótese em que a análise do custo/benefício seja plenamente justificável.
§ 3º - Se o parecer favorável da análise custo/benefício referido no parágrafo anterior aconselhar a reforma ou recuperação, esta somente poderá ser realizada mediante autorização expressa do Secretário de Estado ou autoridade equivalente.
§ 4º - Se considerado inservível para o órgão que detém a sua posse, o bem patrimonial será transferido para os Depósitos de Bens Inservíveis da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP.

Seção III
Da Valorização do Patrimônio

Art. 14 – Todos os Bens serão cadastrados por seu valor real.

§ 1º - Em se tratando de Bem Patrimonial Móvel seu valor será o indicado na Nota Fiscal se o ingresso se der através de compra ou convênio, ou por avaliação se o bem ingressar por outros meios de aquisição.
§ 2º - No caso de bem Patrimonial Imóvel, será considerado o valor constante da escritura pública, salvo se houver Laudo de Avaliação mais recente, emitido pela Comissão de Avaliação Imobiliária e Mobiliária – CAIM.

Art. 15 – Visando à manutenção de informações realistas, tanto do ponto de vista administrativo quanto contábil, passa a ser adotada a atualização dos valores dos bens nos critérios utilizados por empresas públicas, conforme métodos estabelecidos pela Receita Federal.

Art. 16 – Como todos os bens sofrem desgastes pelo uso, e com o objetivo de se manter informações condizentes com a realidade, passa a ser adotada a depreciação de seus valores conforme métodos estabelecidos pela Receita Federal.

Seção IV
Da Codificação dos Órgãos

Art. 17 – Os códigos atribuídos aos Órgãos Estaduais para referência do Sistema de Administração Patrimonial são os constantes no Anexo I deste Decreto.
§ 1º - Os Códigos atribuídos aos Órgãos Estaduais para referência do Sistema de Administração Patrimonial são os constantes no Anexo I deste Decreto.
§1º - Os Códigos atualmente atribuídos às Autarquias permanecerão os mesmos para fins de controle patrimonial.
§ 2º - A Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, através da Gerência de Patrimônio Estadual, é responsável por modificações e/ou introduções na codificação dos órgãos.

Seção V
Do Controle e da Fiscalização

Art. 18 – Caberá à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP o controle global dos bens patrimoniais do Estado.

Art. 19 – Os Órgãos da Administração Estadual, através de seus setores competentes, manterão um controle atualizado dos bens, evidenciando, de forma clara e objetiva, a especificação correta do bem, sua localização física, o número de registro patrimonial, o valor atualizado, o nome do responsável e outros dados necessários à identificação do bem.
Parágrafo único – O controle de que trata o presente artigo deverá ser assinado pelo gestor da unidade e feito através do inventário mais recente, seja o inicial, o anual ou o de passagem de responsabilidade, bem como os documentos referentes aos bens recebidos deverão ser transferidos e baixados após sua emissão.

Art. 20 – Nenhum contrato de concessão de uso de veículos ou bens imóveis do Estado poderá ser celebrado sem prévia audiência da gerência de Patrimônio Estadual – GEMID.

Art. 21 – A Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, independente de qualquer solicitação e/ou comunicação, poderá efetuar inspeções e promover a verificação física dos bens patrimoniais do Estado.

Seção VI
Do Inventário

Art. 22 – O inventário é o instrumento de controle que tem por finalidade confirmar a existência física e a verificação dos imóveis, dos equipamentos e materiais permanentes em uso no Órgão ou entidade, de forma a possibilitar:
I – o levantamento do valor dos bens patrimoniais em uso;
II – a listagem atualizada da carga patrimonial do órgão;
III – as condições físicas/funcionais do acervo;
IV – as necessidades de manutenção, reparos ou reposições;
V – as condições de ocupação, em se tratando de bens imóveis.

Art. 23 – A elaboração dos Inventários é de exclusiva responsabilidade de cada Órgão da Administração Estadual, através de sua Administração Setorial e podem ter as seguintes características:
I – inventário inicial – realizado quando da criação de uma unidade gestora, para identificação e registro dos bens que ficarão sob sua responsabilidade;
II – inventário de passagem de responsabilidade – será emitido sempre que ocorrer mudança do dirigente da unidade gestora;
III – inventário anual – destinado a verificar a quantidade e o valor dos bens patrimoniais do acervo de cada unidade gestora;
IV – inventário de encerramento – será emitido em caso de extinção de um Órgão e conferido juntamente com a Administração Central;
V – inventário eventual – realizado em qualquer época, por iniciativa do dirigente da unidade gestora da Administração Setorial ou da Administração Central.
§ 1º - Os Bens de Pequeno Valor (BPV), conforme definido no artigo 49, serão controlados através do simples relacionamento material.
§ 2º - A assinatura pelo gestor do Termo de Responsabilidade constante no Inventário implicará na aceitação tácita e considerar-se-á como correta a relação de bens patrimoniais assinada, assumindo o signatário toda responsabilidade pelo bens ali descritos.

Art. 24 – No Inventário, para a perfeita caracterização dos bens patrimoniais, figurarão:
I – no cabeçalho:
a) nome o órgão;
b) tipo de inventário;
c) data da emissão do inventário.
II – no corpo do relatório:
a) número de Registro Patrimonial;
b) data da aquisição;
c) centro de responsabilidade;
d) valor de aquisição atualizado, custo de produção, valor de reavaliação;
e) descrição padronizada;
f) estado físico/funcional do bem.
§ 1º - O Número de Registro Patrimonial é composto do Código do órgão, conforme Anexo I, seguido do número de inscrição no Patrimônio, seqüencial para cada Órgão.
§ 2º - A descrição padronizada contemplará apenas um bem patrimonial por registro e será composto, no mínimo, de:
a) nome do objeto;
b) característica principal;
c) material de que é feito;
d) modelo;
f) número de Registro;
g) nome da empresa vendedora;
h) número da Nota Fiscal;

Art. 25 – O inventário será emitido considerando-se a hierarquia dos setores dentro de cada secretaria ou órgão equivalente, relacionados em ordem numérica, agrupados segundo a Classificação Contábil vigente na Contabilidade Estadual, conforme artigo 56 deste Decreto.

Art. 26 – A conferência dos inventários far-se-á através de comissão que terá, entre outras, as seguintes atribuições:
I – conferir os bens patrimoniais existentes no Órgão, à vista dos dados cadastrais;

II – promover ao exame físico dos bens quanto à especificação, quantidade, estado de conservação e valor;
III – completar, retificar, avaliar e regularizar o registro e as especificações e proceder a qualquer outra anotação relacionada aos bens patrimoniais, sempre que preciso; e
IV – apresentar, quando necessário, relatório circunstanciado dos fatos apurados nos levantamentos realizados.

Art. 27 – A Comissão de Inventário de cada Órgão será constituída, no mínimo, de 03 (três) servidores, conhecedores da área de patrimônio, dos quais um, obrigatoriamente, pertencerá ao setor de patrimônio do próprio Órgão.
Parágrafo único – As Comissões de Inventário poderão ser designadas em caráter permanente ou temporário, a critério da direção de cada Órgão.

Art. 28 – Os bens patrimoniais transferidos de um para outro Órgão serão inventariados onde se encontram localizados fisicamente.

Art. 29 – Os bens patrimoniais não localizados no dia da verificação física, sem justificativa do seu responsável, ou com justificativa não aceita pela Comissão de Inventário, serão considerados extraviados e, nessa condição, serão tomadas as providências cabíveis.

Art. 30 – Ao ser detectada, pela Comissão de Inventário, a existência física de bens patrimoniais julgados desnecessários, supérfluos, obsoletos, ociosos ou antieconômicos, será relatado, imediatamente, o fato ao dirigente do Órgão para ciência e providências cabíveis.

Art. 31 – O inventário anual de cada Órgão será encaminhado ao Órgão de Contabilidade do Estado, ao Egrégio Tribunal de Contas do Estado, e à Auditoria Geral do Estado, nas datas por eles estipuladas.

CAPÍTULO III
DAS DIFERENTES CLASSES DE BENS
Seção I
Dos Bens Patrimoniais Imóveis
Subseção I
Do Conceito e Diretrizes Gerais

Art. 32 – São considerados como bem patrimonial imóvel aqueles de natureza permanente que não possam ser transportados de um lugar para outro sem alteração de sua individualidade, tais como terrenos, edifícios, construções e benfeitorias a eles incorporadas, de modo permanente, cuja remoção é impraticável ou provoca destruição, desmembramento, fratura, modificação ou dano em sua estrutura básica.

Art. 33 – Somente serão contabilizados os imóveis regulares quanto a título de propriedade devidamente Registrados nos Cartórios de Registro Geral de Imóveis.

Art. 34 – Conforme sua destinação, os bens patrimoniais imóveis do domínio estadual para efeito de controle de existência, são classificados em:

I – bens de uso comum do povo – são todos aqueles que se destinarem à coletividade em geral, sem descriminação de usuários ou ordem especial para a sua fruição;

II – bens de uso especial – são os que se destinam especialmente à execução dos serviços públicos, sendo considerados instrumentos desses serviços e constituindo o aparelhamento administrativo;

III – bens de uso dominais – são aqueles do domínio público, integrantes do Patrimônio Estadual, como objeto de direito real, sem destinação pública determinada nem um fim administrativo específico;

Art. 35 – Os bens patrimoniais imóveis do Estado serão administrados pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, sem prejuízo da competência que, para esse fim, vier a ser transferida às autoridades responsáveis por sua utilização.

Art. 36 – A utilização de bem imóvel, por órgão da Administração Direta ou Indireta, será autorizada pelo Governador do Estado, em processo instruído pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer favorável do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, ouvida a Procuradoria Geral do Estado.

§ 1º - A entrega do bem imóvel do Estado, para utilização no Serviço Público, será feita pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, mediante termo de Entrega e Recebimento.

§ 2º - O bem imóvel entregue não poderá ter utilização diversa daquela para a qual foi destinado, sob pena de responsabilidade do chefe da repartição que o permitir, exceto em caso de necessidade premente, justificada em processo instruído pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer favorável do Secretário de Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP e autorizado pelo Governador do Estado.

§ 3º - No ato de investidura ou de devolução do bem imóvel deverá ser emitido o Termo de Entrega e Recebimento, assinado pelas partes envolvidas, onde devem constar o estado de conservação, eventuais anomalias, defeitos aparentes, restrições operacionais e outras particularidades consideradas relevantes.

§ 4º - Cessada a utilização, os bens patrimoniais imóveis reverterão, automaticamente, à plena administração da Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

§ 5º - O responsável pelo imóvel deverá zelar pela integridade de seus limites e coibir ou informar possíveis tentativas de invasão, mesmo a título provisório.

Art. 37 – Aos Órgãos da Administração Indireta do Estado que, por lei, tenham patrimônio imobiliário próprio, compete a administração dos imóveis de sua propriedade, sem prejuízo da competência que, para esse fim, vier a ser transferida às autoridades responsáveis por sua utilização.

Art. 38 – O ingresso de bens imóveis no Patrimônio do Estado dependerá de sua transcrição no Registro Imobiliário competente.

Art. 39 – Somente poderá ser autorizada a construção de edificações, qualquer que seja sua natureza, em terrenos devidamente escriturados e registrados nos competentes Cartórios.

Art. 40 – Os bens patrimoniais imóveis do domínio estadual serão rigorosamente demarcados, medidos e descritos, sem essa responsabilidade da Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, em cujos assentamentos se registrará, sempre, a destinação fixada na forma do artigo 34 deste Decreto.

Parágrafo único – A Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP poderá solicitar os serviços de outros Órgãos da Administração Estadual, para obter os dados técnicos e legais necessários ao atendimento do presente artigo, especialmente:

I – ao Instituto de Defesa Agro-Florestal – IDAF – a produção de levantamentos topográficos, objetivando a obtenção de plantas, croquis e memoriais descritivos de imóveis rurais e de grandes áreas urbanas.

II – ao Departamento de Edificações, Rodovias e Transportes – DERTES – a produção de plantas arquitetônicas, de plantas de instalações, croquis, laudos técnicos de conservação e estabilidade das edificações e imóveis urbanos.

III – à Procuradoria Geral do Estado – PGE – o fornecimento de dados, análises jurídicas, informações e consultorias através das Procuradoria de Patrimônio Imobiliário e da Procuradoria Fiscal.

Art. 41 – Salvo os casos expressos neste Decreto ou em Lei especial, não se constituirão direitos reais sobre os bens patrimoniais imóveis do Estado.

Art. 42 – A Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, e outros órgãos que, de algum modo, administrarem bens patrimoniais imóveis de propriedade do Estado, ficam obrigados a comunicar à Secretaria de Estado da Fazenda – SEFAZ, dentro do prazo de 30 (trinta) dias da sua ocorrência, toda e qualquer alteração verificada nos bens confiados à sua guarda e responsabilidade, que implique em modificação de seu valor patrimonial.

Parágrafo único – A comunicação de que trata este diretamente pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, será feita obrigatoriamente através desta.

Art. 43 – Ressalvadas as peculiaridades de ordem institucional ou legal porventura existentes, todas as demais disposições relativas aos bens patrimoniais imóveis constantes do presente Decreto aplicam-se integralmente aos órgãos da Administração Indireta.

Subseção II
Do Ingresso

Art. 44 – O ingresso de bens patrimoniais imóveis far-se-á:

I – compra;
II – doação;
III – dação e pagamento;
IV – adjudicação em execução de sentença;
V – permuta;
VI – construção;
VII – usucapião;
VIII – desapropriação;
IX – convênios ou contratos.

Parágrafo único – Os bens imóveis adquiridos pelo Estado com recurso de convênios ou contratos que, por disposição destes, tenham um período determinado de carência, antes de ser incorporados ao patrimônio do Estado, serão cadastrados e terão um controle especial, sendo que encerrando-se o prazo de carência esses bens receberão o registro patrimonial do Estado, como se adquiridos nessa data.

Art. 45 – Qualquer ingresso de bem imóvel no patrimônio Estadual somente se processará após realizada avaliação do mesmo pela Comissão de Avaliação Imobiliária e Mobiliária – CAIM, constituída e coordenada pela SEARP, em conformidade com a legislação própria do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura – CREA.

Subseção III
Do Registro Documental

Art. 46 – O cadastro de bens patrimoniais imóveis será centralizado na Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

§ 1º - Todo bem patrimonial imóvel terá o seu número de registro patrimonial, devendo ser utilizado como código do órgão ou da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP.

§ 2º - A implantação e o gerenciamento do número de registro patrimonial será de responsabilidade da Subgerência de Patrimônio Imobiliário e Liquidações – SULAD/SEARP.

Art. 47 – Compete à Subgerência de Patrimônio Imobiliário e Liquidações – SULAD/SEARP organizar e manter atualizados os processos referentes a cada bem imóvel estadual, constando destes:

I – plantas, desenhos, croquis, carta, memoriais descritivos ou outros documentos que forneçam as dimensões e localização do imóvel;

II – escritura de compra e venda, doação, permuta, dação em pagamento, averbação e outros, e demais documentos que interessem à formação de títulos;

III – registro nos Cartórios de Registro Geral de Imóveis;

IV – documentos referentes à situação ocupacional do imóvel, e o termo de entrega e recebimento de bens patrimoniais imóveis, conforme definido no artigo 36 e seus parágrafos do presente Decreto.

Seção II
Dos Bens Patrimoniais Móveis
Subseção I
Do Conceito e Diretrizes Gerais

Art. 48 – É considerado como bem patrimonial móvel ou material permanente todo artigo, equipamento, pela, gênero, item ou conjunto passível de controle individual, de movimento próprio, ou de remoção por força alheia que, em razão do uso, não pe3rde sua identidade física e autonomia de funcionamento e que não se consome, não se altera substancialmente pelo uso, e tenha durabilidade prevista superior a 2 (dois) anos.

Parágrafo único – Todo bem patrimonial móvel deverá ter controle individual no Sistema de Administração Patrimonial.

Art. 49 – É considerado como bem patrimonial de pequeno valor todo bem autônomo que, embora possuindo vida útil superior a 2 (dois) anos, tenha valor econômico na época de sua aquisição, inferior a 80 (oitenta) VRTE's – Valores de Referência do Tesouro Estadual, sendo classificado como bem de consumo durável e apropriado como despesa de custeio.

Parágrafo único – Os bens de pequeno valor terão controle simplificado, sem especificação de valor unitário, para efeito de conferência e levantamento do inventário periódico.

Art. 50 – É considerado como material de consumo todo artigo, peça, item ou gênero que, em razão de uso, perde sua identidade física, suas características individuais e operacionais e tenham durabilidade prevista limitada a 2 (dois) anos.

Parágrafo único – Considera-se como material de consumo aquele que, mesmo incluído nos parâmetros dos artigos 48 e 49 deste Decreto sejam considerado:

I – frágil – quando é passível de modificação, quebra ou deformação, caracterizando-se pela irrecuperabilidade ou perda de sua utilidade ou identidade;

II – perecível – quando está sujeito à dissolução, deteriorização, extinção ou modificação química, perdendo sua identidade ou característica de uso;

III – descartável – quando, após a sua utilização, se pode descartar.

IV – incorporável – quando destinado à incorporação a outro bem, não podendo ser retirado sem que haja prejuízo das condições e características de funcionamento do bem principal; e

V – transformável – quando destina à transformação, composição ou fabricação de um outro material ou produto.

Subseção II
Do Ingresso

Art. 51 – O ingresso de bens patrimoniais far-se-á por:

I – adjudicação;
II – apreensão;
III – cessão;
IV – compra;
V – convênio ou contrato;
VI – dação em pagamento;
VII – doação;
VII – permuta; e
IX – redistribuição.

§ 1º - O Órgão recebedor deverá conferir, examinar qualitativa e quantitativamente o bem patrimonial, à vista da descrição constante do documento de origem.

§ 2º - Os bens patrimoniais deverão ser identificados e tombados com base nos documentos emitidos na origem, onde constará o seu valor e suas especificações, indicando nos registros a modalidade do ingresso.

§ 3º - Os documentos – Nota Fiscal, Fatura, Carta de Adjudicação, Escritura Pública, Contrato ou Termo de Transferência – deverão trazer a descrição detalhada do bem, de forma a permitir sua caracterização e identificação.

Art. 52 – Os bens que ingressarem por adjudicação, apreensão ou dação em pagamento serão disponibilizados à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, que definirá sua destinação nas modalidades previstas neste Decreto, conforme procedimento para os bens a serem redistribuídos.

Art. 53 – Os bens que ingressarem por cessão serão cadastrados mas não receberão um novo registro patrimonial, permanecendo com o registro original, pois não serão incorporados ao Patrimônio, devendo ter um controle especial, até a sua devolução ao órgão cedente.

Art. 54 – Os bens adquiridos pelo Estado com recursos de Convênios ou Contratos que, por disposição destes, tenham um período determinado de carência, antes de ser incorporados ao patrimônio Estadual, serão cadastrados e mantidos sob controle especial, sendo que, encerrando-se o prazo de carência, esses bens receberão o registro patrimonial do Estado como se adquiridos nesta data.

Art. 55 – Cabe aos Órgãos da Administração Estadual, por intermédio dos setores competentes encaminharem trimestralmente á Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP a relação dos bens patrimoniais ingressados no período, até o quinto dia útil do mês subseqüente ao trimestre.

Parágrafo único – A comunicação de que trata este artigo conterá as seguintes informações:

I – modalidade do ingresso;
II – código do bem;
III – especificação completa do bem;
IV – quantidade;
V – número de Registro Patrimonial; e
VI – valores unitário e total.

Subseção III
Da Classificação de Bens Móveis

Art. 56 – Para efeito de classificação patrimonial os bens móveis serão agrupados considerando-se suas características e peculiaridades, atribuindo-se-lhes um código específico para cada grupo, de conformidade com o Plano de Contas para contabilização do Ativo Imobilizado – Bens Móveis, vigente na Contabilidade Estadual da Secretaria de Estado da Fazenda, conforme Anexo II.

Subseção IV
Da Identificação de Bens Móveis

Art. 57 – Todo bem patrimonial móvel considerado como material permanente deverá ser identificado com o número de registro patrimonial gravado em plaquetas de alumínio anodizado ou similar, por meio de gravação mecânica ou pirográfica, adesivo, carimbo ou pintura, desde que de modo permanente.

§ 1º - O número de registro patrimonial será composto pelo código do Órgão, conforme o artigo 17, seguido do número de inscrição no patrimônio, que deverá ser seqüencial para cada Órgão.

§ 2º - Cabe aos Órgãos da Administração Estadual as providências quanto aos meios de identificação.

§ 3º - Cabe aos gestores das Administrações Setoriais de cada órgão zelar para que as plaquetas e adesivos se mantenham fixas no bem patrimonial, em local apropriado, providenciando sua imediata reposição sempre que venham a se desprender.

Art. 58 – Qualquer que seja o meio de identificação utilizado, determinado de forma a ser compatível com o formato, dimensões e utilização do bem, deverão constar do mesmo, com clareza, no mínimo, as seguintes informações:

I – Estado do Espírito Santo;

II – sigla do órgão detentor do bem;

III – número de registro patrimonial, próprio de cada Órgão.

§ 1º - As dimensões mínimas para qualquer meio de identificação deverá ser de 13mm x 45mm.

§ 2º - Poderão ser incluídos na forma de identificação dos bens, alguns mecanismos que visem a facilitar o controle, a leitura ou a identificação do bem, tais como sistemas de leitura ótica, magnética ou mecânica.

Art. 59 – O meio de identificação deverá ser afixado por meio de rebites ou parafusos, ou ainda colocadas de modo a evitar, tanto quanto possível, a sua perda e/ou retirada.

§ 1º - Os meios de identificação serão apostos sempre na parte fixa do bem patrimonial e nunca em partes removíveis, preferencialmente do lado superior direito, em lugar visível e de forma a não prejudicar sua perfeita utilização.

§ 2º - Para o material bibliográfico de utilização intensiva e de fácil substituição ou passíveis de obsolescência a curto prazo, serão registrados em livro próprio e controlados por fichas bibliográficas ou controle informatizado, próprios da biblioteca, não sendo necessário ter número de registro patrimonial.

§ 3º - Como material bibliográfico, passível de cadastramento patrimonial serão entendidos os livros de coleções, obras de arte, obras raras ou similares de uso restrito. Estes, além dos procedimentos descritos no parágrafo anterior, receberão registro patrimonial, constando assim dos inventários, juntamente com os demais bens patrimoniais do órgão.

§ 4º - Os veículos deverão ter sua plaqueta de identificação afixada no painel, de forma visível.

§ 5º - Quando se tratar de equipamentos sensíveis, principalmente os eletro-eletrônicos, as plaquetas deverão ser afixadas após consulta à assistência técnica do equipamento, que indicará a melhor maneira de fazê-lo, o que evitará danos por perfuração em local indevido ou afixação com colas que contenham compostos químicos corrosivos à superfície o que, além de trazer danos, impedirá a perfeita fixação da plaqueta no objeto.

§ 6º - Na impossibilidade de fixação da plaqueta no bem patrimonial, por risco de inutilização, danos ou desvalorização, danos ou desvalorização do bem patrimonial, poderá ser usado outro meio de identificação conforme artigo 57 deste Decreto, cuidando-se de que este tenha o mesmo conteúdo da plaqueta.

Subseção V
Do Cadastramento

Art. 60 – Os bens patrimoniais móveis de propriedade do Estado serão tombados antes de ser utilizados ou distribuídos.

Parágrafo único – O registro patrimonial merecerá prioridade, a fim de não retardar a liberação do bem para uso.

Art. 61 – Por ocasião do seu ingresso os bens patrimoniais móveis mantidos em estoque deverão ser tombados e emplaquetados pelo Setor de patrimônio do Órgão.

Art. 62 – Os bens patrimoniais móveis serão identificados mediante número de registro patrimonial, conforme definido no artigo 57.

§ 1º - É vedado o reaproveitamento de um número de registro patrimonial dado a um bem, ainda que o mesmo tenha sido baixado do acervo patrimonial.

§ 2º - As movimentações dos bens entre os Órgãos Públicos que tenham conotação de transferência definitiva, provocarão a troca do número de patrimônio, devendo ser dada a baixo no órgão cedente e ingresso no órgão cessionário, com registro patrimonial próprio.

Art. 63 – Todos os bens deverão ter seus registros lançados em ficha própria, contendo todas as características do bem, código, número, registro, valor, localização, nome do responsável, bem como outras informações exigidas.

Parágrafo único – Esse registro deverá ser feito na ficha de “Cadastro de Bens Móveis”, podendo ser informatizado desde que nele constem todas as informações constantes da ficha.

Art. 64 – As susbstituições de peças ou de qualquer componente de um bem patrimonial, capaz de alterar a sua identificação, serão obrigatoriamente comunicadas à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

Parágrafo único – Em caso de reparo de bens, o número de registro patrimonial deve ser mantido, anotando-se, quando necessário, as alterações verificadas, para fins de pronta identificação do bem.

CAPÍTULO IV
DA ADMINISTRAÇÃO PATRIMONIAL
Seção I
Da Movimentação Patrimonial

Art. 65 – Os Bens patrimoniais do Estado, receberão conceituação, classificação e destinação legal para sua correta administração, utilização e alienação, estando sujeitos a movimentação no interior dos órgãos públicos e entre órgãos e instituições de direito público fora do âmbito do Estado, neste último caso apenas quando houver previsão legal.

Art. 66 – Os Órgãos Públicos, através das Administrações Setoriais, informarão à Administração Central sobre a existência de bens inservíveis, que serão classificados segundo as condições do artigo 13, Inciso II do presente Decreto.

§ 1º - Quando classificado como inservível, o bem será considerado disponível e transferido aos depósitos de inservíveis da SEARP, sendo por ela incluído num banco de dados de materiais em disponibilidade que estará acessível a todos os Órgãos Públicos e disponibilizado para redistribuição, segundo critérios da SEARP.

§ 2º - Todo bem disponível não requisitado num prazo de 90 (noventa) dias após sua inclusão no banco de dados de materiais em disponibilidade, poderá ser incluído na primeira ocorrência de alienação posterior ao vencimento desse prazo.

§ 3º - O bem que for classificado como antieconômico ou irrecuperável, com base em Laudo que diagnostique suas condições e o avalie como inaproveitável será destinado à alienação.

Art. 67 – Todas as movimentações de bens patrimoniais móveis deverão ser realizadas com pleno conhecimento e sob orientação das Administrações Setoriais.

§ 1º - O Órgão possuidor dos bens emitirá o Termo de Transferência e incluirá essa informação no Relatório de Movimento Mensal, além de providenciar a atualização do Cadastro de Patrimônio.

§ 2º - O Órgão recebedor dos bens, assinando o Termo de Responsabilidade, aceitará a transferência, incluindo essas informações no Relatório de Movimentação Mensal, além de providenciar a atualização do Cadastro de Patrimônio.

Seção II
Da Administração

Art. 68 – Na Adjudicação os bens somente estarão disponíveis para uso ou alienação após a sentença judicial em favor do Estado e confirmada pela carta ou Termo de Adjudicação.

Art. 69 – Os bens que ingressarem no patrimônio do Estado através de adjudicação serão disponibilizados à gerência de Patrimônio Estadual GEMID/SEARP e incluídos no banco de dados de materiais em disponibilidade. A GEMID definirá sua melhor destinação e a submeterá à aprovação do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP.

Seção III
Da Alienação

Art. 70 – A alienação de bens patrimoniais do Estado será permitida para aqueles considerados inservíveis e estará condicionada à inexistência de interesse público, devidamente justificado em processo instruído pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

§ 1º - Para alienação de qualquer bem patrimonial é necessária a confirmação da condição de inservível pelo gestor do Órgão detentor do bem.

§ 2º - Todo bem patrimonial a ser alienado deverá ser previamente avaliado pela Comissão de Avaliação Imobiliária e Mobiliária – CAIM, da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP.

§ 3º - Os bens patrimoniais móveis, incluindo veículos, somente poderão ser alienados se estiverem disponibilizados nos depósitos de inservíveis da SEARP.

Art. 71 – As alienações poderão ser realizadas através de dação em pagamento, doação, permuta ou venda ou quaisquer outras modalidades previstas em Lei, estando condicionados à avaliação prévia e procedimento licitatório, este último excetuando apenas nas hipóteses previstas em lei.

Art. 72 – A alienação de bens imóveis, subordinada á existência de interesse público devidamente justificado, dependerá de autorização prévia do Governador do Estado em processo instruído pelo Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, com parecer favorável da procuradoria Geral do Estado e precedida de autorização legislativa.

Parágrafo único – Após a alienação dos bens imóveis, a Gerência de patrimônio Estadual – GEMID/SEARP submeterá o processo ao titular da SEARP, encaminhando-o à SEFAZ para registro contábil e baixa definitiva.

Art. 73 – As alienações de bens móveis dependerá de autorização prévia do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, em processo regularmente constituído e será sempre precedido de avaliação e de parecer da Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

Seção IV
Da Baixa Patrimonial

Art. 74 – Os bens patrimoniais estão sujeitos á baixa pelo próprio órgão que detém a sua titularidade em decorrência da destruição por uso, acidente ou extravio, e pela SEARP no caso de doação ou alienação de bens transferidos aos depósitos de inservíveis.

Art. 75 – Constatada em qualquer Órgão da Administração Pública a existência de bens a serem baixados patrimonialmente, deverá ser a Gerência de patrimônio Estadual – GEMID informada para que, havendo disponibilidade nos depósitos de inservíveis, aceitar a Transferência do bem patrimonial para os mesmos.

Art. 76 – A Gerência de patrimônio Estadual – GEMID/SEARP adotará as providências cabíveis no sentido de que seja procedida a identificação dos bens, sua conferência, avaliação e tudo mais que se fizer necessário ao recebimento dos bens transferidos para os depósitos inservíveis.

Art. 77 – A baixa de um bem patrimonial, por qualquer razão, exceto por extravio ou destruição, será providenciada pela GEMID/SEARP e se verificará após a conclusão do processo de alienação ou doação.

Art. 78 – A solicitação de baixa, nos casos de destruição ou de extravio, só se verificará após a conclusão final do processo de sindicância ou inquérito que, obrigatoriamente, será instaurado para averiguação das causas e apuração de responsabilidade.

Art. 79 – A baixa de qualquer bem patrimonial, por extravio, será autorizada pelo respectivo Secretário de Estado ou autoridade equivalente.

Art. 80 – Autorizada a baixa, pelo motivo de extravio ou destruição, o setor responsável pelo patrimônio providenciará as anotações e o Termo de Baixa, encaminhando-o à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP.

Parágrafo único – No caso de baixa por destruição, deverá o material resultante ser encaminhado aos depósitos de inservíveis da SEARP, transferido como sucata, de acordo com o disposto no Artigo 75.

Art. 81 – Os bens deverão ser baixados pelos valor inscrito na Contabilidade do Estado.

Seção V
Da Cessão

Art. 82 – A cessão de bens processar-se-á no âmbito da Administração Direta e/ou Indireta, sem ser remunerada, por tempo determinado, e só será autorizada quando atender a conveniência e interesse imediatos dos Órgãos envolvidos.

Art. 83 – A cessão de bens imóveis será autorizada pelo Secretário de Estado ou autoridade equivalente do órgão cedente, em processo especialmente constituído, devendo ser comunicada à Gerência de patrimônio Estadual – GEMID/SEARP por ocasião do inventário anual.

Art. 84 – Em caso de bens imóveis e veículos a cessão deverá ser autorizada previamente pelo Governador do Estado, em processo instruído pela Gerência de patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer favorável do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 85 – Autorizada a cessão, o órgão cedente providenciará a entrega do bem, mediante Termo de Responsabilidade, anotações e comunicações devidas, ficando o bem com carga no órgão cedente, conservado seu registro original.

§ 1º - O órgão cedente é o responsável pelo controle dos prazos e outras condições estabelecidas, bem como pela guarda dos processos de cessão.

§ 2º - Por ocasião da restituição, o órgão responsável só deverá firmar recibo se o bem restituído estiver nas condições previamente estabelecidas no Termo de Responsabilidade.

§ 3º - Caso o bem não seja restituído nas condições em que foi cedido, o órgão cessionário deverá se responsabilizar pelo custo da sua reforma ou recuperação, salvo quando tais condições sejam provenientes de desgaste natural pelo uso e tempo de utilização.

Seção VI
Da Dação em Pagamento

Art. 86 – Os bens que ingressarem nos Órgãos Estaduais por dação em pagamento serão disponibilizados à Gerência de patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, que definirá sua destinação, conforme procedimento adotado com os bens a serem redistribuídos, vendidos ou doados, após autorização do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Parágrafo único – Os bens móveis ou imóveis oferecidos ao Estado em Dação de Pagamento somente serão aceitos após prévia avaliação e manifestação da SEARP.

Seção VII
Da Doação

Art. 87 – A doação de bens patrimoniais pressupõe a existência desses bens em disponibilidade no acervo patrimonial do Estado e dependerá de autorização prévia do Governador do Estado, em processo regularmente constituído, com parecer favorável do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e da Procuradoria Geral do Estado.

§ 1º - A doação de bens patrimoniais imóveis será sempre precedida de autorização legislativa, observando-se a conveniência e interesse do órgão doador.

§ 2º - A doação de quaisquer bens patrimoniais que estejam recolhidos aos Depósitos de Inservíveis da SEARP será processada após autorização do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 88 – Somente poderá ocorrer a doação de bens patrimoniais quando for suficientemente especificada a finalidade da utilização pretendida, atendido o interesse público.

Parágrafo único – Cessadas as razões que justificaram a doação ou ocorrendo inadimplemento das obrigações assumidas pelo donatário, os bens patrimoniais reverterão ao patrimônio da entidade doadora, devendo esta condição constar obrigatoriamente na documentação de doação.

Art. 89 – O processo de doação de bens patrimoniais do Estado será constituído, também, de Laudo ou documento equivalente que avalie e ateste as condições de utilização do bem e sua disponibilidade, constando obrigatoriamente a sua especificação completa, estado de conservação e valor.

Parágrafo único – No prazo de 60 (sessenta) dias contados do recebimento do bem doado, o donatário deverá entregar à SEARP os documentos necessários à comprovação do cumprimento das obrigações previstas neste artigo, sob pena de reversão da doação.

Art. 90 – Cabe ao donatário a adoção de medidas para a regularização da documentação, no prazo acima estipulado, bem como quaisquer ônus financeiro decorrente da doação.

Parágrafo único – No caso de imóveis a doação só se efetivará mediante registro no Cartório de Registro Geral de Imóveis, ficando o donatário com a obrigação de no prazo de 60 (sessenta) dias, apresentar os respectivos documentos comprobatórios da doação, sob pena de reversão do processo.

Art. 91 – A doação de bens patrimoniais do Estado somente poderá se efetivar em benefício de entidades filantrópicas ou educativas, sem fins lucrativos, consideradas de utilidade pública e das Administrações Públicas Federais e Municipais, sendo vedada a sua alienação pelo beneficiário.

Parágrafo único – É vedada a doação de bens a entidades ou instituições que não tenham sede e foro no Estado do Espírito Santo.

Art. 92 – Os bens móveis sob uso e guarda dos estabelecimentos de ensino da rede pública estadual, considerados inservíveis, poderão ser doados para entidades que desenvolvam atividades de caráter educacional, sem finalidade lucrativa e em condições regulares de funcionamento.

Parágrafo único – Esta doação será autorizada pelo Secretário de Estado da Educação, em processo regularmente constituído, devendo ser providenciada a respectiva baixa do Patrimônio Estadual e comunicada à Gerência de Patrimônio Estadual GEMID/SEARP, por ocasião do Inventário Anual.

Art. 93 – Os bens recebidos por doação, com destino definido, serão cadastrados no Órgão beneficiado, devendo ser incorporados ao patrimônio e cadastrados pelo valor de avaliação no estado em que foram doados, constando na descrição o modo e a data efetiva de sua aquisição**.**

§ 1º - Os bens móveis que não tiverem destino pré-determinado serão disponibilizados à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP que definirá sua destinação conforme procedimento com os bens a serem distribuídos, cedidos, doados ou vendidos, após autorização do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

§ 2º - Em caso de bens imóveis a Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP tomará as providências no sentido de ser elaborada a escritura e respectivo registro, bem como, sua inscrição no Patrimônio do Estado, ficando as despesas decorrentes por conta do Órgão beneficiado.

Seção VIII
Da Disponibilidade de Bem Patrimonial

Art. 94 – A disponibilização de bem patrimonial se dará através dos seguintes instrumentos:

I – concessão de Uso;
II – concessão do Direito Real de uso;
III – locação; e
IV – permissão de Uso.

Art. 95 – A utilização gratuita de bens patrimoniais do Estado somente será permitida na forma de Concessão ou Permissão de Uso, através de contrato por tempo determinado e com destinação específica, mediante autorização do Governador do Estado, em processo instruído pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer favorável do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, podendo ser realizada para entidades:

I – públicas federal ou municipal, bem como suas entidades da administração indireta ou fundacional;
II – filantrópicas;
III – educacionais;
IV – representativas de classe rural ou urbana.

§ 1º - As concessões para os órgãos ou entidades referidas nos incisos “II”, “III” e “IV”, deverão ainda ter a sua destinação social relevante, confirmada em processo instruído pela Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social – SETAS.

§ 2º - O acompanhamento e a responsabilidade pela concessão é do órgão da Administração Pública Estadual detentor da posse do imóvel, devendo constar em cláusula do contrato a finalidade e a reversão nos casos de não cumprimento das cláusulas contratuais.

§ 3º - Deverá ser encaminhada à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP toda a documentação referente a concessão, podendo esta Gerência realizar vistorias a qualquer tempo que considerar necessário.

Art. 96 – A utilização de bens patrimoniais do Estado por outras entidades que não as citadas no artigo 95 somente será permitida na forma de locação, de acordo com o disposto na Lei Federal nº 8666/93, através de contrato por tempo determinado, mediante autorização do Governador do Estado, em processo instruído pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer favorável do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Parágrafo único – De acordo com a conveniência do Estado, a disponibilização de bens patrimoniais pelos órgãos ou entidades referidas no Artigo 95 poderá ser feita mediante locação.

Art. 97 – A Concessão do Direito Real de Uso somente será permitida para os bens patrimoniais imóveis, mediante contrato com destinação específica para urbanização industrialização, edificação, cultivo da terra ou outra utilização de interesse social, podendo ser gratuita ou remunerada.

§ 1º - Nos casos de assentamento de trabalhador rural, se aplicar-se-á o disposto na Lei 6.557, de 08.01.01, notadamente no Art. 24 da Lei 7.169, de 06.05.02.

§ 2º - A Concessão do Direito Real de Uso pressupõe a existência do bem em disponibilidade no acervo patrimonial do Estado e dependerá de autorização prévia do Governador em processo regularmente constituído, com parecer favorável do Secretário da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência e será sempre precedida de Autorização Legislativa.

Art. 98 – A Permissão de Uso será autorizada pelo Secretário da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, em processo devidamente instruído e com parecer favorável do Secretário de Estado ou cargo equivalente do órgão responsável pelo bem e só será permitida para a realização de eventos de curta duração, estando restrita aos de natureza recreativa, esportiva, cultural, religiosa ou educacional, mediante contrato com destinação específica e com prazo máximo de 90 (noventa) dias.

Art. 99 – No ato da investidura ou da devolução do bem patrimonial, nos contratos de concessão, permissão ou locação, deverá ser emitido o Termo de Entrega/Recebimento, assinado pelas partes envolvidas, onde devem constar o estado de conservação, anomalias, defeitos aparentes, restrições operacionais e outras particularidades consideradas relevantes.

Parágrafo único – A assinatura do contrato de concessão, permissão ou locação será precedida de avaliação pela Comissão de Avaliação Imobiliária e Mobiliária – CAIM, servindo o valor desta avaliação como parâmetro para qualquer eventual procedimento indenizatório.

Seção IX
Da Permuta

Art. 100 – A permuta de bens patrimoniais processar-se-á entre órgãos da Administração Direta, ou entre estes e particulares, e será sempre condicionada à conveniência e ao interesse dos órgãos da administração pública estadual envolvidos.

Art. 101 – Os bens patrimoniais provenientes de permuta deverão ser baixados do patrimônio do órgão cedente e ingressados no órgão recebedor, obtendo novo registro patrimonial.

Art.102 – A permuta de bens imóveis somente poderá ser efetivada entre órgãos da Administração Pública e será autorizada pelos dirigentes dos Órgãos envolvidos, de comum acordo, e comunicação à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, por ocasião do primeiro inventário que ocorrer.

Art. 103 – A permuta dos bens imóveis poderá ser efetivada também entre órgãos da Administração Pública Estadual e pessoas físicas ou entidades particulares, desde que seja conveniente aos interesses do Estado, mediante autorização do Governador do Estado, em processo instruído e avaliado pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, com parecer do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Seção X
Da Redistribuição

Art. 104 – Compete à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID, mediante autorização do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, a adoção das providências de redistribuição para outros Órgãos da Administração Estadual dos bens patrimoniais que tenham sido recolhidos ao Almoxarifado de bens inservíveis.

§ 1º - A redistribuição dos bens será realizada mediante solicitação por escrito do Órgão interessado.

§ 2º - Havendo interesse de mais de um Órgão em um mesmo bem disponibilizado para redistribuição, a preferência será do Órgão da Administração Direta e, em caso de idêntica classificação, a decisão será do Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência.

Art. 105 – Deverá o Órgão recebedor cadastrar o bem em seu patrimônio, com base no Termo de Transferência emitido pela Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, onde constará o seu valor e suas especificações, indicando nos seus registros a modalidade da transferência.

Seção XI
Da Transferência

Art. 106 – A transferência de bens patrimoniais móveis tem caráter permanente e somente poderá se processar no âmbito da Administração Direta.

Art. 107 – A transferência de bens móveis será proveniente de entendimento prévio entre os órgãos interessados, mediante a existência de bens disponíveis, e far-se-á através de processo especialmente constituído e devidamente autorizado pelo Secretário de Estado ou autoridade equivalente do órgão cedente.

Art. 108 – A transferência será acompanhada do Termo de Responsabilidade, documento base para a carga do bem do órgão recebedor.

Art. 109 – Os bens transferidos serão incorporados ao acervo do órgão a que se destinam, com baixa no cedente.

Parágrafo único – Os bens inservíveis transferidos para os almoxarifados da SEARP serão controlados em contas específicas, de forma a não onerar o patrimônio próprio da SEARP.

Art. 110 – A transferência de bens deverá ser comunicada à Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP, por ocasião do inventário anual.

Seção XII
Da Venda

Art. 111 – A venda de bens patrimoniais, móveis ou imóveis, pressupõe a existência desses bens em disponibilidade no acervo patrimonial do Estado, e se processará de acordo com o estipulado neste Decreto para Alienação de Bens Patrimoniais, conforme previsto nos artigos 70 a 73.

Art. 112 – Em caso de venda a entidades não pertencentes à Administração Pública a alienação operar-se-á por concorrência pública ou leilão, sendo aberta a pessoas físicas ou jurídicas.

Parágrafo único – É dispensável de licitação a venda a outro Órgão ou entidade da Administração Pública de qualquer esfera de governo.

Art. 113 – Qualquer processo de venda será sempre precedido de avaliação da Comissão de Avaliação Imobiliária e Mobiliária – CAIM, da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e Previdência – SEARP.

CAPÍTULO V
DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 114 – Todo uso, movimentação, ocupação ou investidura ao patrimônio do Estado somente poderá ocorrer em estrita observância às normas deste Decreto.

Art. 115 – Com o objetivo de minimizar os custos com a reposição de bens do acervo, compete aos Órgãos setoriais planejar, organizar e operacionalizar um plano integrado de manutenção e recuperação para todos os imóveis, equipamentos e materiais permanentes em uso, objetivando o seu melhor desempenho e sua maior longevidade.

Parágrafo único – A manutenção periódica deve considerar as exigências constantes dos manuais técnicos de cada equipamento, de forma mais racional e econômica possível, de se evitar o mau funcionamento e o sucateamento precoce do equipamento.

Art. 116 – Os bens deverão ser mantidos em bom estado de conservação e as solicitações para substituição deverão ser precedidas de criteriosa avaliação de seu estado de funcionamento e conservação pelo Administrador do Órgão.

Parágrafo único – É obrigação de todos a quem tenha sido confiado material para a guarda ou uso, zelar pela sua boa conservação e diligenciar no sentido da recuperação daquele que se avariar.

Art. 117 – É de responsabilidade do Órgão que tiver posse, responsabilidade ou investidura de terrenos, glebas e áreas urbanas ou rurais o controle de seus limites, preservando-os de forma a evitar invasões.

Parágrafo único – Em caso de violação desses limites, a Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID/SEARP deverá ser imediatamente comunicada e deverá instruir processo e encaminhar para a Procuradoria Geral do Estado – PGE, onde serão adotadas as medidas judiciais cabíveis.

Art. 118 – O desaparecimento de bens patrimoniais com evidência de roubo ou furto, ao ser constatado, deverá ser informado ao gestor da unidade que, imediatamente registrará o fato na Delegacia de Polícia de sua jurisdição e comunicará ao Órgão de patrimônio de sua Secretaria para as providências necessárias à apuração das irregularidades à apuração das irregularidades, mediante sindicância ou processo administrativo disciplinar.

Parágrafo único – A forma de ressarcimento, quando for o caso, será a reposição do bem.

Art. 119 – Qualquer prejuízo ao Patrimônio do Estado, decorrente de dolo do servidor, importará, além da reposição do bem, se for o caso, a aplicação de penalidades disciplinares, conforme disposto na legislação vigente.

Art. 120 – Os Órgãos da Administração Direta, através dos seus setores competentes são responsáveis pela aplicação, cumprimento e observância rigorosa das normas estabelecidas neste Decreto.

Art. 121 – Quaisquer dificuldades surgidas no cumprimento destas normas, bem como os casos omissos, serão dirimidos pela Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, através da Gerência de Patrimônio Estadual – GEMID.

Art. 122 – Fica a Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP autorizada a expedir normas e instruções complementares para o perfeito cumprimento do aqui determinado, sendo obrigatória a utilização por todos os Órgãos da Administração Estadual dos modelos de fichas e formulários que vierem a ser por ela elaboradas ou modificados.

ANEXO I
CODIFICAÇÃO DOS ÓRGÃOS

01-SEARP Secretária de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência;

02-SEFAZ Secretaria de Estado da Fazenda;
03-COPLAN Coordenação Estadual do Planejamento; (extinta)
04-SETAS Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social; (código extinto)
05-SEAG Secretaria de Estado da Agricultura;
06-AGE Auditoria Geral do Estado;
07-SEDU Secretaria de Estado da Educação;
08-SEICT Secretaria de Estado da Indústria e Comércio e Tecnologia; (extinta)
09-SETR Secretaria de Estado dos Transportes e obras Públicas;
10-SEJU Secretaria de Estado da Justiça; (extinta)
11-SESA Secretaria de Estado da Saúde;
12-SESP Secretaria de Estado da Segurança Pública;
13-CV Casa Civil;
14-CM Casa Militar;
15-MP Ministério Público;
16-PGE Procuradoria Geral do Estado;
17-SETB Secretaria de Estado do Trabalho; (extinta)
18-SEIN Secretaria de Estado do Interior; (extinta)
19-SEORG Secretaria Extraordinária para Organização e Desburocratização Administrativa; (extinta)
20-SEAMA Secretaria de Estado de Assuntos de Meio Ambiente;
21-SEDES Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico; (extinta)
22-SEJUC Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania;
23-SECOM Superintendência Estadual de Comunicação Social;
24-PC Polícia Civil;
25-DEE Departamento Estadual de Estatística; (extinto)
26-ESESP Escola de Serviço Público do Espírito Santo;
27-APE Arquivo Público Estadual;
28-ACADEPOL Academia de Polícia do Espírito Santo;
29-IRS Instituto de Readaptação Social;
30-MJ Manicômio Judiciário;
31-PAES Penitenciária Agrícola do Espírito Santo;
32-COPLAG Coordenação de Planejamento do Governo;
33-VG Vice-Governadoria;
34-DER Departamento de Estradas e Rodagem; (extinto)
35-DEO Departamento de Edificações e Obras; (extinto)
36-DIO Departamento de Imprensa Oficial;
37-SUPPIN Superintendência de Projetos de Polarização Industrial;
38-EMES Escola de Música do Espírito Santo;
39-FAFABES Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo;
40-DEARES Departamento de Educação Física, Desporto Amador e Recreação do ES; (extinto)
41-SECES Secretaria Estadual de Cultura;
42-RTV-ES Rádio e Televisão Espírito Santo;
43-IESP Instituto Estadual de Saúde Pública;
44-IESBEM Instituto Espírito-Santense do Bem-Estar do Menor;
45-DPF Defensoria Pública Estadual;
46-IJSN Instituto de Apoio a Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves;
47-IDAF Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal;
48-IPAJM Instituto de Previdência Assistência Jerônimo Monteiro;
49-JUCEES Junta Comercial do Estado do Espírito Santo;
50-DETRAN Departamento Estadual de Trânsito do E. Santo;
51-PM Polícia Militar do Espírito Santo;
52-SERIN Secretaria de Estado Extraordinária de Representação Institucional em Brasília;
53-CBMES Corpo de Bombeiros Militar;
54-SETAS Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social;
55-SEG Secretaria de Estado de Governo;
56-HPM Hospital da Polícia Militar;
57-IEMA Instituto Estadual do Meio Ambiente.

ANEXO II
PLANO DE CONTAS PARA CONTABILIZAÇÃO DO ATIVO IMOBILIÁRIO

BENS MÓVEIS 1.4.2.1.2.01.00 – Animais e equipamentos de montaria, tração e reprodução
1.4.2.1.2.02.00 – Armamento
1.4.2.1.2.03.00 – Aparelhos e instrumentos técnicos para medição, teste e controle
1.4.2.1.2.04.00 – Aparelhos e utensílios do tipo doméstico
1.4.2.1.2.05.00 – Equipamentos para combate e prevenção de sinistros
1.4.2.1.2.06.00 – Equipamentos para escritório
1.4.2.1.2.07.00 – Equipamentos para processamento de dados e microfilmagem
1.4.2.1.2.08.00 – Bandeiras
1.4.2.1.2.09.00 – Instrumentos musicais
1.4.2.1.2.10.00 – Instrumentos para desenho
1.4.2.1.2.11.00 – Livros e publicações técnicas
1.4.2.1.2.12.00 – Máquinas, ferramentas e utensílios de longa duração para oficinas
1.4.2.1.2.13.00 – Material desportivo de recreação e de campanha
1.4.2.1.2.14.00 – Máquinas, motores e aparelhos para indústria, comércio e transporte
1.4.2.1.2.15.00 – Material desportivo de recreação e de campanha
1.4.2.1.2.16.00 – Aparelhos e utensílios para comunicação, sinalização e fotocinematrografia
1.4.2.1.2.17.00 – Material para decoração, objetos de arte e para coleção
1.4.2.1.2.18.00 – Mobiliário em geral
1.4.2.1.2.19.00 – Móveis, aparelhos, instrumentos e utensílios para clínicas odontológicas, hospitais e laboratórios
1.4.2.1.2.20.00 – Utensílios para escritório
1.4.2.1.2.21.00 – Veículos automotores e equipamentos
1.4.2.1.2.22.00 – Veículos de tração pessoal e animal
1.4.2.1.2.23.00 – Equipamentos e utensílios para acondicionamento e embalagem

(D.O .E. de 13.12.2002)

DECRETO nº 1.111-R, de 12.12. 02

Confirmação de atos praticados pelo Comando Geral da PMES, decorrentes de Ações Judiciais dos Concursos QPMP/6 de 1995

Confirma os atos praticados pelo Exmº Sr. Comandante Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, decorrentes das liminares concedidas nas Ações Judiciais que versam sobre o "Concurso de Admissão ao Curso de Adaptação de Sargentos/95 - QPMP/6" e "Concurso de Admissão ao Curso de Adaptação de Cabos/95 - QPMP/6", disciplinados nos Editais de números 002/95 e 003/95, de 11 de abril de 1995.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, conferidas pelo Artigo 91, Inciso III, da Constituição Estadual, e,

Considerando que com a realização do "Concurso de Admissão ao Curso de Adaptação de Sargentos/95 - QPMP/6" e Concurso de Admissão ao Curso de Adaptação de Cabos/95 - QPMP-6", disciplinados nos Editais de números 002/95 e 003/95, de 11 de abril de 1995, houve a interposição de ações judiciais ensejadoras de diversas decisões concessivas de liminares determinando a inclusão dos autores na continuidade do certame;

Considerando que dos 112 (cento e doze) beneficiários das medidas liminares concedidas, todos já concluíram o Curso de Adaptação de Cabos e Sargentos/95 - QPMP/6, consolidando, in casu, uma situação fática cuja desconstituição seria de todo desaconselhada;

Considerando que as liminares concedidas estão sendo revogadas, restabelecendo-se os efeitos das normas disciplinadas nos Editais números 002/95 e 003/95, de 11 de abril de 1995, o que significa o desligamento dos 112 (cento e doze) beneficiários das liminares;

Considerando que o ingresso por força de decisão concessiva de liminar, dado o longo lapso de tempo decorrido, criou uma situação fática de caráter irreversível, em relação aos 112 (cento e doze) candidatos que já concluíram o curso que conduz ao seu reconhecimento, sobretudo se considerada a inexistência de prejuízos a terceiros;

Considerando as circunstâncias especiais e excepcionais da situação dos concursados que, via liminares, ingressaram na Polícia Militar e foram atingidos por desligamento após toda adequação às peculiaridades inerentes ao regime militar, questão relevante de ordem pública;

Considerando que o reconhecimento de uma situação de fato consumado não implicará em abrir precedente indesejável e incompatível com a boa ordem administrativa, mas, tão somente, preservar a segurança das relações jurídicas diante de uma situação consolidada, sem que resulte prejuízo a terceiros e ao interesse público;

Considerando que, ante a ocorrência de fato consumado, tem se firmado o entendimento de que é desaconselhável a desconstituição da situação fática e jurídica criada com decisão proferida em primeiro grau, consoante o entendimento predominante no Superior Tribunal de Justiça, através de inúmeros julgados já manifestados;

Considerando a excepcionalidade das circunstâncias decorrentes da ocorrência do fato consumado, diante da excelente prestação de serviços públicos de irretocável relevância;

Considerando que todos os requerentes foram aprovados em todas as etapas a que foram submetidos, nesta incluída a freqüência no Curso de Formação, logrando exitosa aprovação;

Considerando que a situação gerada com a indefinição resultante da concessão de liminares sem o julgamento do mérito por cerca de 07 (sete) anos, estando, portanto, a ocorrer uma permissão estatal (aí incluídas as esferas do Executivo e Judiciário) ensejando o ingresso na força pública;

Considerando a segurança de caráter sócio-familiares e econômico-pessoais já firmados ao longo de 07 (sete) anos de dedicação exclusiva às lides no Hospital da Polícia Militar;

Considerando que os requerentes respondem por trinta e três por cento da força de trabalho do HPM, em especial, como técnicos e auxiliares de enfermagem, e na ocorrência de seus afastamentos das unidades de terapia intensiva, banco de sangue, banco de leite e as enfermarias, trazendo irreparável prejuízo aos militares e seus familiares e à população em geral que é atendida naquele hospital;

Considerando que todos vêm desempenhando suas atribuições sem qualquer mácula, tendo aberto mão de outras carreiras promissoras em favor da Polícia Militar;

Considerando-se, que dentre os requerentes já existem fatos consolidados de acidentes em serviço com trágicas conseqüências para o restante de suas vidas, dentre eles passagem para a reserva por doença grave, paraplegia e outros;

Considerando, que cabe à administração o exame da conveniência e da oportunidade, em situações quetais, inexistindo qualquer acréscimo salarial, posto que, já integrantes da folha de pessoal da Polícia Militar, incorrendo, destarte, qualquer repercussão financeira em face do já exposto;

Considerando, finalmente, a necessidade de manter-se a viabilidade das relações jurídicas exclusivamente no que diz respeito aos requerentes, únicos titulares de direito amparativo, pela busca, pela busca em tempo hábil do socorro legal,

D E C R E T A:

Art. 1º - Ficam confirmados nos quadros da Corporação da Polícia Militar os 112 (cento e doze) autores das ações judiciais propostas que já concluíram os "Cursos de Adaptação de Sargentos/95 - QPMP/6" e Curso de Adaptação de Cabo/95 - QPMP-6", disciplinados nos Editais de números 002/95 e 003/95, de 11 de abril de 1995.

Art. 2º - Em decorrência do disposto no artigo antecedente, o Exmº Sr. Comandante Geral da PMES deverá adotar as medidas cabíveis para o cumprimento deste Decreto.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, aos 12 de dezembro de 2002.
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA
Governador do Estado
(DOE de 13.12.02)

DECRETO nº 1115-R, de 08.01.03 (REVOGADO)

- *Revogado pelo Decreto nº1.018, de 15.05.03*

Dá nova redação ao artigo 2º do Decreto nº 866-N, de 20 de julho de 1976 – Regulamento da Casa Militar

---

DECRETO Nº 250-S, de 27.01.03

- Vide Decreto nº 1.611-S, de 04.08.03

Dispõe sobre medidas administrativas no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição,

Considerando que é do interesse imediato do Estado do Espírito Santo o controle e o redimensionamento dos gastos públicos, neles incluídos os originários da manutenção de recursos humanos suficientes para a boa e eficiente prestação dos serviços públicos;

Considerando que esse controle e redimensionamento de gastos deve permear toda a administração pública, inclusive alcançar as empresas públicas, sociedades de economia mista e suas subsidiárias pelo que é recomendada a sua adoção por estes órgãos,

D E C R E T A:

Art. 1º - Ficam suspensas nos órgãos da Administração Direta e Autárquica do Poder Executivo, pelo prazo de 180 (cento e oitenta) dias:

I - as autorizações para afastamento de servidor público civil e militar para participar de cursos, inclusive de aperfeiçoamento, atualização ou especialização, seminários, certames culturais, técnicos, científicos ou desportivos e outros que gerem despesas para a administração pública estadual;

II - as concessões de horas extras.

Parágrafo único - Em caráter excepcional, observado o interesse público, o Governador do Estado poderá autorizar afastamento e a concessão de horas extras a que se refere o inciso I e II.

- *Modificado pelo Decreto nº 504-S, de 12.05.04*

Art. 2º - Este Decreta entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 27 de janeiro de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 28.01.03)

DECRETO Nº 251-S, de 27 .01.03

Dispõe sobre controle de cessão de servidores do Poder Executivo e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - Os Órgãos da Administração Direta e Autárquica do Poder Executivo devem encaminhar à Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência – SEARP, no prazo de 30 (trinta) dias a contar da publicação deste decreto, as seguintes informações sobre servidores cedidos a órgãos estranhos á administração pública estadual:

I) órgão de origem;
II) nome;
III) matrícula;
IV) cargo;
V) ato que autoriza a cessão;
VI) data da cessão e do afastamento;
VII) data prevista para o término da cessão;
VIII) cessão com ou sem ônus para o órgão de origem;
IX) cessão com ressarcimento da remuneração do cedido e, neste caso, se o cessionário está rigorosamente em dia;
X) entre federativo, órgão ou local para o qual o servidor está cedido;
XI) outras informações relevantes.

Art. 2º - Ficam revogadas, a partir do trigésimo dia a contar da publicação deste decreto, todas as autorizações para afastamento de servidor público com ônus para o Estado.

Parágrafo único - São mantidas as autorizações para afastamento, com ônus para o Estado, de servidor colocado à disposição de Município para atender as atividades de educação e saúde em processo de municipalização.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 27 de janeiro de 2003
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 28.01.03)

DECRETO Nº 252-S, de 27 .01.03

Cria o Grupo Especial de Trabalho para avaliar os contratos e convênios no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual,

Considerando a necessidade de um diagnóstico das contratações firmadas pela administração pública estadual visando a redução e seus custos garantindo a prestação eficiente dos serviços públicos essenciais;

Considerando que na administração pública estadual estão sendo praticados preços diferenciados para o mesmo tipo de contratação;

Considerando a necessidade de auditar, verificar a legalidade e ainda, de controlar os contratos celebrados pela administração pública estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica criado um Grupo Especial de Trabalho, sob a coordenação da Secretaria de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência - SEARP, com o objetivo de avaliar os contratos e convênios em vigor na administração pública estadual, especialmente os de:

I - serviços de limpeza e vigilância;
II - serviços de informática e suporte técnico;
III - locação de mão-de-obra de qualquer natureza;
IV - fornecimento de alimentação;
V - manutenção de veículos e aeronaves;
VI - outros fornecimentos de quaisquer natureza;
VII - aluguéis de equipamentos;
VIII - concessões, permissões e convênios que gerem desembolso para o Estado;
IX - prestação de serviços na área de saúde;
X - contratações emergenciais de quaisquer natureza;
XI - serviços de transporte escolar.

Art. 2º - O Grupo Especial de Trabalho tem a seguinte composição:

I - 01 (um representante da SEARP, seu coordenador;
II - 01 (um) representante da PGE;
III - 01 (um) representante da AGE;

Parágrafo único - Os integrantes do Grupo Especial de Trabalho devem ser indicados pelos respectivos dirigentes dos órgãos no prazo de 03 (três) dias, a contar da data da publicação deste Decreto.

Art. 3º - O Grupo Especial de Trabalho, a cada 15 (quinze) dias, deve encaminhar:

I - ao Secretário de Estado da Administração, dos Recursos Humanos e de Previdência, relatório da avaliação dos resultados de seus trabalhos;

II - aos Secretários de Estado e dirigentes de órgãos, a avaliação dos Seus contratos ou convênios e, se couber, sugestões para suas regularizações.

Parágrafo único - Recebida a avaliação a que se refere o inciso II deste artigo, os Secretários de Estado e Dirigentes de Órgãos, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, devem comunicar ao Grupo Especial de Trabalho as medidas adotadas para a regularização dos contratos ou convênios.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 27.01.03
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 28.01.03)

DECRETO nº 1131-R, de 10.02.03

Dispõe sobre a requisição de servidor de outros entes da federação para ocupar cargo em comissão e dá outras providências.

Art. 1º - A requisição de servidor da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios para ocupar Cargo em Comissão, no âmbito do Poder Executivo, que implicar em reembolso da remuneração percebida pelo requisitado no ente de origem, dependerá de disponibilidade orçamentária e financeira e da autorização do Chefe do Poder Executivo.

Art. 2º - O reembolso corresponderá às parcelas de natureza permanente da remuneração que o requisitado percebe do ente de origem, com base na legislação específica aplicável.

Art. 3º - O órgão requisitante será responsável pelo empenho, liquidação e pagamento do reembolso.

§ 1º - O valor a ser reembolsado será apresentado mensalmente ao requisitante pelo ente de origem, discriminando as parcelas remuneratórias e os encargos sociais.

§ 2º - O servidor requisitado deverá juntar, mensalmente, ao processo de requisição e desembolso, uma cópia do contracheque ou de outro documento utilizado pelo ente de origem, como comprovante de pagamento de pessoal.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 1º de janeiro de 2003.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em 10 de fevereiro de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES

Governador do Estado
(D.O.E. de 11.02.03)

DECRETO nº 1.018, de 15.05.03

Dá nova redação ao artigo 2º do Decreto nº 866-N, de 20 de julho de 1976.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, conferidas pelo Artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - O artigo 2º do regulamento da Casa Militar, aprovado pelo Decreto nº 866-N, de 20 de julho de 1976, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º - O Secretário-Chefe da Casa Militar, nos termos do artigo 16, da Lei nº 3043/75, tem status, deveres e prerrogativas de Secretário de Estado e será um Oficial Superior da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo, nomeado por livre escolha do Governador do Estado."

Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Fica revogado o Decreto nº 1115, de 03 de janeiro de 2003.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 15 de maio de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 16.05.2003)

DECRETO Nº 1.153-R, de 03.06.03

Suspensão de Efeitos de Lei

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, usando das atribuições legais que lhe são conferidas, visando a assegurar o fiel cumprimento dos princípios constitucionais que regem a administração pública estadual;

Considerando, estar obrigado a pautar sua conduta pela estrita legalidade, observando, primeiramente, como primado do Estado de Direito Democrático, as normas constitucionais, fato que exime o chefe do Poder Executivo do cumprimento de uma lei ou ato normativo que entenda flagrantemente inconstitucional;

Considerando que a Lei Complementar nº 242 disciplina a equiparação de remuneração de servidores públicos, em desrespeito ao art. 37, XIII, da CF/88;

Considerando, ainda, que a mesma norma torna perpétua uma gratificação concedida pelo exercício de função de confiança, em flagrante contradição com o disposto nos arts. 37, XIV, 40, § 12, da Constituição da República de 1988, além de ofensa explicita á reserva de competência da União para legislar sobre normas gerais em matéria de previdência social (art. 24, XII e § 1.0 e 4º, da CF), eis que, a Lei Complementar ora impugnada contraria as normas gerais constantes da Lei Nacional nº 9.717/98;

Considerando ter submetido a matéria ao exame do Poder Judiciário, argüindo a inconstitucionalidade da lei Complementar nº 242, de 27 de junho de 2002, junto ao Supremo Tribunal Federal, por meio de Ação Direta de Inconstitucionalidade – ADI nº 2821, sob o exame do eminente Relator, Ministro Ilmar Galvão;

Considerando o parecer do Douto Procurador-Geral da República, concluindo pela procedência da Ação;

Tendo em vista o Pronunciamento nº 370 da douta Procuradoria Geral do Estado, de 28.08.1997, publicado no D.O.E. em 17.10.1997, que autoriza a presente medida do Chefe do Poder Executivo nas postas hipóteses e considerações;

Considerando, a gravidade dos fatos e, visando a preservar as relações entre os Poderes e assegurar a uniformidade da ação administrativa,

D E C R E T A:

Art. 1º - É negado o cumprimento da Lei Complementar nº 242, de 27 de junho de 2002, no âmbito da Administração do Estado do Espírito Santo.

Art. 2º - Abstenham-se todos os órgãos da administração direta e indireta, alcançáveis pela referida norma, de lhe dar aplicação concreta.

Art. 3º - Informem os órgãos de pessoal, no prazo de cinco dias úteis, à Procuradoria Geral do Estado as situações em que se tenham gerados efeitos concretos, baseados na referida Lei Complementar, desde a sua publicação.

§ 1º - Sejam cessados, por inconstitucionalidade, os efeitos concretos, eventualmente gerados desde a publicação da referida norma.

§ 2º - Sejam convalidados os atos administrativos que, desde a publicação da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2821, tenham negado aplicação da norma impugnada.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 03 dias do mês de junho de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 04.06.2003)

DECRETO nº 1165-R, de 18.06.03

Prisão Especial para Militares

Destina a servir de prisão especial para militares, todas as celas da Galeria H do Presídio de Segurança Máxima, situado na Cidade de Viana, Grande Vitória (ES), dá-lhes nova afetação administrativa, e disciplina seu fundamento.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO no uso de suas atribuições legais e de acordo com o art. 91, incisos III e V da Constituição Estadual, com os artigos 102, 103 e 104 da Lei de Execuções Penais e com o art. 295 do Código de Processo Penal e,

Considerando o interesse público na plena realização da justiça, de molde a assegurar aos acusados em geral as garantias e direitos constitucionais e legais, próprias do Estado de Direito, notadamente quando se reafirma a retomada da luta contra a impunidade mediante o exercício regular de atribuições de todas as instituições públicas estaduais, destinadas à Administração da Justiça e à garantia da ordem pública, em benefício da sociedade;

Considerando as condições precárias em que se encontram as unidades de detenção dos mesmos e oficiais da Polícia Militar, as quais não oferecem a segurança adequada aos detentos e não dão cumprimento ao disposto na alínea "c" do parágrafo único do art. 68 da Lei nº 3.196, de 09 de setembro de 1978;

Considerando que após o exame acurado de todas as instalações prisionais no Estado do Espírito Santo, seja quanto à qualidade das instalações, seja quanto ao sistema de tratamento especial aos presos, seja quanto ao regime de carceragem, conclui-se pela necessidade de instituir-se, no Estado do Espírito Santo, estabelecimento destinado a servir de prisão especial exigida em lei para aqueles que se encontrem em condições pessoais que lhe garantam esta prerrogativa,

R E S O L V E:

Art. 1º - Afetar como próprio militar para efeitos do que dispõe o art. 68, alínea "c" da Lei Estadual 3.196, de 09.01.78, todas as celas da Galeria H do Presídio de Segurança Máxima, situado na Cidade de Viana, Grande Vitória (ES), vinculada diretamente ao Comando Geral da Polícia Militar.

Parágrafo único – As Secretarias de Segurança e Justiça, ouvido o Comandante Geral da Polícia Militar, deverão adequar os estatutos do Presídio de Segurança Máxima para o que dispõe a Lei nº 3.196, de 09

de setembro de 1978, submetendo à aprovação do Governador do Estado, que os fará publicar.

Art. 2º - A cadeia pública especial militar será denominada Casa de Prisão Especial Militar do Estado do Espírito Santo.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 18 de junho de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 20.06.2003

DECRETO nº 1.178-R, de 03.07.03

Normas para Realização de Licitação na modalidade Pregão.

Regulamenta, no âmbito do Estado do Espírito Santo, o art. 2º, § 1º da Lei Federal nº 10520, de 17 de julho de 2002, que trata do pregão por meio da utilização de recursos de tecnologia da informação e dispõe sobre a realização de licitações na modalidade pregão para aquisições de bens, inclusive os de pequeno valor e serviços comuns, e dá outras providências.
O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de promover a transparência fiscal, o interesse público, a racionalização e a agilidade dos processos administrativos para a aquisição de bens e serviços comuns pela administração pública;
Considerando a necessidade de proporcionar a facilitação do controle, a ampliação da disputa entre fornecedores, a redução de custos e a celeridade na tramitação burocrática e, ainda, implementar uma moderna administração governamental, com os recursos da tecnologia da informação;
Considerando a necessidade de adotar medidas que venham desempenhar relevante função no processo de aperfeiçoamento da questão pública, resguardados os requisitos de segurança e eficiência;
Considerando a necessidade de adotar medidas que contribuam para a redução do déficit público,

D E C R E T A:

Art. 1º - Este regulamento estabelece normas e procedimentos para realização de licitações na modalidade pregão, por meio de utilização de recursos de tecnologia da informação, denominado eS-Compras, destinado a aquisição de bens e serviços comuns, no âmbito da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual.
Parágrafo único – Consideram-se bens e serviços comuns, para fins deste artigo, aqueles cujos padrões de desempenho e qualidade possam ser objetivamente definidos pelo edital, por meio de especificações usuais praticadas no mercado, de acordo com o disposto no anexo único deste Decreto.

Art. 2º - Os órgão e entidades da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual, deverão, obrigatoriamente, realizar licitações na modalidade pregão para aquisições de bens, inclusive os de pequeno valor e serviços comuns, listados no anexo único, por meio de utilização de recursos de tecnologia da informação, denominado eS-Compras.
§ 1º - Caracterizam-se como bens de pequeno valor aqueles cujo montante seja superior a 50% (cinqüenta por cento) do limite previsto no inciso II e no parágrafo único do art. 24 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e alterações posteriores, desde que não se refiram a parcelas de uma mesma compra de maior vulto que possa ser realizada de uma só vez.

Art. 3º - Na licitações, na modalidade convite, serão obrigatórias a publicação de forma sucinta no Diário Oficial do Estado, com antecedência mínima de 5 (cinco) dias úteis, possibilitando a participação de qualquer interessado.

Art. 4º - Para efeito deste Decreto, os termos abaixo são definidos:
I – métodos de autenticação de acesso: recursos de tecnologia da informação que visam a garantir a autenticidade da identificação de quem está acessando as informações do sistema e das informações que estão sendo disponibilizadas;
II – recursos de criptografia: recursos de tecnologia da informação e dados em cifra ou em código, mediante o uso de uma palavra chave secreta, de forma a permitir que apenas quem tem acesso a ela possa decifrar ou compreender esses dados e informações;
III- sistema eletrônico: conjunto de programas de computador utilizando recursos de tecnologia de informação para autorizar rotinas e processos;
IV – provedor: uma organização pública ou privada que proveja serviços de armazenamento de dados, de desenvolvimento, de manutenção, de hospedagem, de acesso ao sistema eletrônico e à Internet e a garantia de segurança e integridade de informações, dentre outros serviços;
V – chave de identificação: conjunto de caracteres que identificam, individualmente, o usuário do sistema eletrônico;
VI – credenciamento: situação na qual os envolvidos com o sistema eletrônico possuem ou passem a possuir chave de identificação e senha para acesso ao mesmo.

Art. 5º - O pregão eletrônico será realizado em sessão pública, por meio de sistema eletrônico que promova a comunicação pela Internet.
§ 1º - O sistema referido no caput utilizará recursos de criptografia e de autenticação que assegurem condições adequadas de segurança em todas as etapas do certame.
§ 2º - O pregão eletrônico realizado no Poder Executivo Estadual, pela Administração Direta e Indireta, será conduzido pelo Órgão promotor da licitação, com o apoio técnico da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão – SEPLOG, que atuará como coordenadora do sistema eletrônico, denominado eS-Compras, por meio de utilização de recursos de tecnologia de informação próprios ou por acordos de cooperação técnica com outros órgãos ou entidades.
§ 3º - A SEPLOG poderá realizar o pregão eletrônico para outros órgãos da Administração Pública Estadual quando solicitado pelos eu dirigente.

Art. 6º - Serão previamente credenciados perante o provedor do sistema eletrônico a autoridade competente do órgão promotor da licitação, o pregoeiro, os membros da equipe de apoio, os operadores do sistema e os licitantes que participarão do pregão eletrônico.

§ 2º - A chave de identificação e a senha poderão ser utilizadas em qualquer pregão eletrônico, salvo quando canceladas por solicitado do credenciado ou em virtude de sua inabilitação perante o cadastro de fornecedores.
§ 3º - A perda da senha ou a quebra do sigilo deverão ser comunicadas imediatamente ao provedor do sistema, para imediato bloqueio de acesso.
§ 4º - O uso da senha de acesso pelo licitante é de sua responsabilidade exclusiva, incluindo qualquer transação efetuada diretamente ou por seu representante, não cabendo ao provedor do sistema ou ao órgão promotor da licitação, responsabilidade por eventuais danos decorrentes de uso indevido da senha, ainda que por terceiros.

Art. 5º - O credenciamento junto ao provedor do sistema implica a responsabilidade legal do licitante ou de seu representante legal e a presunção de sua capacidade técnica para realização das transações inerentes ao pregão eletrônico.

Art. 7º - Caberá à autoridade competente do órgão promotor do pregão eletrônico, providenciar o credenciamento do pregoeiro e da respectiva equipe de apoio designados para condução do pregão.

Art. 8º - Caberá ao pregoeiro a abertura e exame das propostas iniciais de preços apresentadas por meio eletrônico, assumindo como firmes e verdadeiras suas propostas e lances.
Parágrafo único – Incumbirá ao licitante acompanhar as operações no sistema eletrônico durante a sessão pública do pregão, ficando responsável pelo ônus decorrente da perda de negócios diante da inobservância de quaisquer mensagens emitidas pelo sistema ou de sua desconexão.

Art. 9º - A fase preparatória do pregão observará o seguinte:
I – a autoridade competente justificará a necessidade de contratação e definirá o objeto do certame, as exigências de habilitação, os critérios de aceitação das propostas, as sanções por inadimplemento e as cláusulas do contrato, inclusive com fixação dos prazos para fornecimento;
II – a definição do objeto deverá ser precisa, suficiente e clara, vedadas especificações que, por excessivas, irrelevantes ou desnecessárias, limitem a competição;

III – dos autos do procedimento constarão a justificativa das definições referidas no inciso I deste artigo e os indispensáveis elementos técnicos sobre os quais estiverem apoiados, bem como o orçamento, elaborado pelo órgão ou entidade promotora da licitação, dos bens ou serviços a serem licitados;
IV – a autoridade competente designará, dentre os servidores do órgão ou entidade promotora da licitação, o pregoeiro e respectiva equipe de apoio, cuja atribuição inclui, dentre outras, o recebimento das propostas e lances, a análise de sua aceitabilidade e sua classificação, bem como a habilitação e a adjudicação do objeto do certame ao licitante vencedor.
§ 1º - A equipe de apoio deverá ser integrada, em sua maioria, por servidores ocupantes de cargo efetivo ou emprego da administração, preferencialmente por membros da CPL.
§ 2º - Nos órgãos militares ou de natureza militar as funções de pregoeiro e de membros da equipe de apoio poderão ser desempenhadas por militares.

Art. 10 – A fase externa do pregão será iniciada com a convocação dos interessados e observará as seguintes regras:
I – a convocação dos interessados será efetuada por meio de publicação de aviso em função dos seguintes limites:
para bens e serviços de valores estimados em até R$ 80.000,00 (oitenta mil reais):
1. Diário Oficial do Estado; e
2. meio eletrônico, na Internet.
para bens e serviços de valores estimados acima de R$ 80.000,00 (oitenta mil reais):
Diário oficial do Estado;
meio eletrônico, na Internet, e jornal de grande circulação.
II – o prazo ficado para a apresentação das propostas, contados a partir da publicação do aviso, não será inferior a 08 (oito) dias úteis;
III – do aviso do edital deverão constar o endereço eletrônico onde ocorrerá a sessão pública, a data e hora de sua realização e a indicação de que o pregão será realizado por meio de sistema eletrônico;
IV – todas as referências de tempo de edital, no aviso e durante a sessão pública observarão, obrigatoriamente, o horário de Brasília-DF e, dessa forma, serão registradas no sistema eletrônico e na documentação relativa ao certame;
V – os licitantes ou seus representantes legais deverão estar previamente credenciados junto ao órgão provedor, no prazo mínimo de 24 (vinte e quatro) horas antes da data de realização do pregão;
VI – a participação no pregão dar-se-á por meio da digitação da senha privativa do representante do licitante e subseqüentemente encaminhamento da proposta de preço em data e horário previsto no edital, exclusivamente por meio do sistema eletrônico;
VII – como requisito para participação no pregão, o licitante deverá manifestar, em campo próprio do sistema eletrônico, o pleno conhecimento e atendimento às exigências de habilitação prevista no edital;
VIII – no caso de contratação de serviços comuns, as planilhas de custos previstas no edital deverão ser encaminhadas em formulário eletrônico específico, juntamente com a proposta de preço;
IX – a partir do horário previsto no edital, terá início a sessão pública do pregão eletrônico, com a divulgação das propostas de preços recebidas e em perfeita consonância com as especificações e condições de fornecimento detalhadas pelo edital;
X – aberta a etapa competitiva, será considerado como primeiro lance a proposta inicial de menor valor apresentada. Em seguida os licitantes poderão encaminhar lances exclusivamente por meio do sistema eletrônico, sendo o licitante imediatamente informado do seu recebimento e respectivo horário de registro e valor;
XI – não serão aceitos dois ou mais lances de mesmo valor, prevalecendo aquele que for recebido e registrado em primeiro lugar;
XII – durante o transcurso da sessão pública, os licitantes serão informados, em tempo real, do valor do menor lance registrado que tenha sido apresentado pelos demais licitantes, vedada a identificação do detentor do lance;
XIII – a etapa de lances da sessão pública, prevista em edital, será encerrada mediante aviso de fechamento iminente dos lances, emitido pelo sistema eletrônico aos licitantes após o que transcorrerá período de tempo de até trinta minutos, aleatoriamente determinado também pelo sistema eletrônico, findo o qual será automaticamente encerrada a recepção de lances;
XIV – alternativamente ao disposto no inciso anterior, poderá ser previsto em edital o encerramento da sessão pública por decisão do pregoeiro, mediante encaminhamento de aviso de fechamento iminente dos lances e subseqüente transcurso do prazo de trinta minutos, findo o qual será encerrada a recepção de lances;
XV – para julgamento e classificação das propostas será adotado o critério de menor preço, observados os prazos máximos para fornecimento, as especificações técnicas e parâmetros mínimos de desempenho e qualidade definidos no edital;
XVI – examinada a proposta classificada em primeiro lugar, quanto ao objeto e valor, caberá ao pregoeiro decidir motivadamente a respeito da sua aceitabilidade;
XVII – o pregoeiro anunciará o licitante vencedor imediatamente após o encerramento da etapa de lances da sessão pública ou, quando for o caso, após negociação e decisão pelo pregoeiro acerca da aceitação do lance de menor valor;
XVIII – no caso de contratação de serviços comuns, ao final da sessão, o licitante vencedor deverá encaminhar a planilha de custos referida neste artigo, inciso VIII, com os respectivos valores readequados ao valor total representado pelo lance vencedor;
XIX – como requisito para celebração do contrato, o vencedor deverá apresentar o documento original ou cópia autenticada;
XX – declarado o vencedor, qualquer licitante poderá manifestar imediata e motivadamente a intenção de recorrer, quando lhe será concedido o prazo de 03 (três) dias úteis para apresentação das razões do recurso, ficando os demais licitantes, desde logo, intimados para apresentar contra-razões em igual número de dias, que começarão a correr do término do prazo do recorrente, sendo-lhe assegurada vista dos autos;
XXI – o acolhimento de recurso importará a invalidação apenas dos atos insuscetíveis de aproveitamento;
XXII – a falta de manifestação imediata e motivada do licitante importará a decadência do direito de recurso e a adjudicação do objeto da licitação ao licitante vencedor;
XXIII – encerrada a etapa competitiva e ordenadas as ofertas, e após a fase recursal, se houver, o pregoeiro fixará um prazo de 24 (vinte e quatro) horas, para que o licitante detentor da melhor oferta apresente a documentação regular perante a Fazenda Nacional, a Seguridade Social e o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – FGTS, e as Fazendas Estaduais e Municipais, quando for o caso, e a comprovação de que atende às exigências do edital quanto à habilitação jurídica e qualificação técnica e econômico-financeira;
XXIV – os licitantes poderão deixar de apresentar os documentos de habilitação que já constem do Sistema de Cadastramento Unificado de Fornecedores do Estado do Espírito Santo – SICAF, controlado pela Subgerência de Controle de Prestadores de Serviço – SUPRE/SEPLOG;
XXV – a indicação do lance vencedor, a classificação dos lances apresentados e demais informações relativas à sessão pública do pregão constarão de ata divulgada no sistema eletrônico, sem prejuízo das demais formas de publicidade previstas na Lei 8.666/93;
XXVI – se a proposta ou o lance de menor valor não for aceitável, ou se o licitante desatender às exigências habilitatória, o pregoeiro examinará a proposta ou o lance subseqüente, verificando a sua aceitabilidade e procedendo a sua habilitação, na ordem de classificação e assim sucessivamente, até a apuração de uma proposta ou lance que atenda o edital, sendo o respectivo licitante declarado vencedor;
XXVII – verificado o atendimento das exigências fixadas no edital, o licitante será declarado vencedor;
XXVIII – na situação a que se refere os incisos XVII e XXVIII deste artigo, o pregoeiro poderá negociar diretamente com o proponente para que seja obtido preço melhor;
XXIX – decididos os recursos, a autoridade competente fará a adjudicação do objeto da licitação ao licitante vencedor;
XXX – homologada a licitação pela autoridade competente, o adjudicatário será convocado para assinar o contrato, quando for o caso, no prazo definido em edital;
XXXI – se o licitante vencedor, convocado dentro do prazo de validade da sua proposta, não celebrar o contrato aplicar-se-á o disposto no inciso XXVI deste artigo.
§ 1º - Até que seja implantado o sistema eletrônico de cadastramento unificado de fornecedores do Estado do Espírito Santo, o Certificado de Registro Cadastral – CRC, não substitui as Certidões referidas no inciso XXIII.
§ 2º - O disposto no parágrafo anterior não se aplica aos fornecedores cadastrados no SICAF do Governo Federal ou de outros Estados e Municípios que já se encontram disponibilizados por meios eletrônicos, ficando o licitante obrigado a fornecer essa situação ao órgão.

Art. 11 – É vedada a exigência de:

I – garantia de proposta;
II – aquisição de edital pelos licitantes, como condição para participação no certame; e
III – pagamento de taxas e emolumentos, salvo os referentes a fornecimento do edital, que não serão superiores aos custos de utilização de recursos de tecnologia da informação;

Art. 12 – O prazo de validade das propostas será de 60 (sessenta) dias, se outro não estiver fixado no edital.

Art. 13 – Quem, convocado dentro do prazo de validade da sua proposta, não celebrar o contrato, deixar de entregar ou apresentar documentação falsa exigida para o certame, ensejar o retardamento da execução de seu objeto, não mantiver a proposta, falhar ou fraudar na execução do contrato, comportar-se de modo inidôneo ou cometer fraude fiscal, ficará impedido de licitar e contratar no âmbito da Administração Pública Estadual e será descredenciado no SICAF, a que ser refere o inciso XXIV, do art. 10, deste Decreto pelo prazo de até (05) cinco anos, sem prejuízo das multas previstas em edital e no contrato e das demais penalidades previstas na Lei 8.666/93.

Art. 14 – Os atos essenciais do pregão, decorrentes deste Decreto serão documentados no processo respectivo, cada qual oportunamente, com vistas à aferição de sua regularidade pelos agentes de controle, compreendendo, sem prejuízos de outros, o seguinte:
I – justificativa da aquisição ou contração;
II – termo de referência, contendo descrição detalhada do objeto, orçamento estimativo de custos e cronograma físico-financeiro de desembolso, se for o caso;
III – planilhas de custo, quando for o caso;
IV – garantia de reserva orçamentária, com a indicação das respectivas rubricas;
V – autorização de abertura da licitação;
VI – designação do pregoeiro e equipe de apoio;
VII – edital e respectivos anexos, quando for o caso;
VIII – minuta do termo de contrato ou instrumento equivalente, conforme o caso;
IX – ato da sessão do pregão, proposta do licitante de melhor oferta, a documentação exigida para habilitação e dos recursos interpostos, se houverem;
X – comprovantes da publicação do aviso do edital, do resultado da licitação, do extrato do contrato e dos demais atos relativos à publicação do certame, conforme o caso.

Art. 15 – As minutas padrão de editais de licitação e de contratos, elaboradas pela SEPLOG, serão analisadas previamente pela Procuradoria Geral do Estado – PGE, conforme dispõe o art. 3º, inciso VI da Lei Complementar nº 88 e, após aprovadas, serão adotadas como modelo padrão pelos órgãos da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual.
§ 1º - As minutas dos editais e dos contratos de que trata o caput deste artigo somente serão submetidas novamente à PGE na hipótese de alterações que se apresentarem necessárias e deverão conter destaque mecânico (negrito), para que a Procuradoria somente se manifeste sobre as mesmas.
§ 2º - A SEPLOG providenciará a publicação no Diário Oficial do Estado das minutas dos editais e dos contratos adotados como modelo padrão.

Art. 16 – As compras e contratações de bens e serviços comuns, no âmbito da Administração Pública Estadual quando efetuadas pelo sistema de registro de preços previsto no art. 15 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, instituído pela Lei nº 6.063, de 28/12/99, regulamentado pelo Decreto nº 270-R, de 18/08/2000, poderão adotar a modalidade pregão.

Art. 17 – A Administração Pública Estadual poderá dotar, nas licitações de registro de preços destinadas á aquisição de bens e serviços comuns da área da saúde, a modalidade pregão, inclusive por meio eletrônico, observando-se o seguinte:
I – são considerados bens e serviços comuns da área da saúde, aqueles necessários ao atendimento dos órgãos que integram o sistema único de Saúde, cujos padrões de desempenho e qualidade possam ser objetivamente definidos no edital, por meio de especificações usuais do mercado;
II – quando o quantitativo total estimado para a contratação ou fornecimento não puder ser atendido pelo licitante vencedor, admitir-se-á a convocação de tantos licitantes quantos forem necessários para o atingimento da totalidade do quantitativo, respeitada a ordem de classificação, desde que os referidos licitantes aceitem praticar o mesmo preço da proposta vencedora;
III – na impossibilidade do atendimento ao disposto no inciso II, excepcionalmente, poderão ser registrados outros preços diferentes da proposta vencedora, desde que se trate de objetos de qualidade ou desempenho superior, devidamente justificada e comprovada a vantagem e que as ofertas sejam em valor inferior ao limite máximo admitido.

Art. 18 – No caso de desconexão com o pregoeiro no decorrer da etapa competitiva do pregão, o sistema eletrônico poderá permanecer acessível aos licitantes para recepção dos lances, retomando o pregoeiro, quando possível, sua atuação no certame, sem prejuízo dos atos realizados.
Parágrafo único – Quando a desconexão persistir por tempo superior a dez minutos, a sessão do pregão será suspensa e terá reinício somente após comunicação expressa aos participantes.

Art. 19 – As informações adicionais pertinentes aos processos de compras poderão ser obtidas no órgão competente onde realizar-se-á o pregão, a partir da divulgação do instrumento convocatório, sendo efetuados os casos omissos, pela sua unidade competente de compras e/ou pelo pregoeiro.

Art. 20 – Caberá à entidade ou órgão requisitante da compra eletrônica:
I – providenciar a alocação de recursos orçamentários para o pagamento das obrigações decorrentes da compra eletrônica;
II – elaborar o instrumento convocatório para a compra eletrônica submetendo à análise prévia da Procuradoria Geral do Estado;
III – efetuar o registro do instrumento convocatório, no sistema eletrônico de compras, para divulgar e realizar a respectiva compra, informando a data e horário limite para recepção das propostas de preços e apresentação de lances;
IV – promover todas as etapas do processo eletrônico de compra, conforme prazos estabelecidos no instrumento convocatório e procedimentos estabelecidos pelo provedor do sistema;
V – providenciar o arquivamento da documentação relativa a todos os processos de compra eletrônica por eles promovidos, para fins, inclusive de fiscalização e auditoria interna e externa;
VI – verificar o atendimento das especificações do objeto e, atendendo ao trâmite previsto neste Decreto, adjudicar o contrato em favor do vencedor, de acordo com o critério do menor preço;
VII – formalizar o recebimento do objeto da contratação nas condições estipuladas no instrumento convocatório;
VIII – capacitar os servidores designados para compor a equipe de compras eletrônicas, através de treinamento específico.

Art. 21 – O edital da licitação será previamente analisado pela Auditoria Geral do Estado – AGE no caso de bens e serviços com valores estimados acima de R$ 80.000,00 (oitenta mil reais).

Parágrafo único – O Auditor Geral do Estado baixará, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, as instruções que se fizerem necessárias ao cumprimento do presente artigo, disciplinando a remessa de informações, podendo estabelecer procedimentos peculiares para determinados tipos de aquisição de bens, equipamentos e materiais ou prestação de serviços, visando a eficácia e eficiência de controle e agilização dos fluxos processuais, bem como valores máximos nos editais de licitação.

Art. 22 – Caberá ao fornecedor:

I – credenciar-se, previamente, junto ao provedor do sistema, para obtenção da senha de acesso ao sistema eletrônico de compras;
II – submeter-se às presentes exigências, assim como aos termos de participação e condições de contratação constantes no instrumento convocatório;
III – acompanhar as operações no Sistema durante a sessão pública virtual, responsabilizando-se pelos ônus decorrentes da perda de negócios diante da inobservância de quaisquer mensagens emitidas ou de sua desconexão com o sistema;
IV – responsabilizar-se pelas transações que forem efetuadas em seu nome, no sistema, assumindo como firmes e verdadeiras suas propostas e lances, assumindo, inclusive, os riscos inerentes ao uso indevido de sua senha de acesso.

Art. 23 – Objetivando a correta aplicação deste Decreto, a SEPLOG promoverá treinamento às Comissões de Licitação e demais

responsáveis pelas unidades de compras dos Órgãos da Administração Direta e Indireta do Poder Executivo Estadual.

Art. 24 – Os órgãos da Administração Direta e Indireta terão para cumprirem ao disposto neste Decreto os seguintes prazos:

I – de 60 (sessenta) dias para os órgãos situados na Grande Vitória;
II – de 120 (cento e vinte) dias para os órgãos situados nos demais municípios;

Art. 25 – Aplicam-se subsidiariamente, no que couber, para a modalidade pregão, as normas da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 26 – A SEPLOG poderá expedir normas complementares à exceção do presente Decreto.

Art. 27 – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 28 – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente os Decretos nºs 204-R, de 13/07/2000, 324-R, de 18/09/2000 e 1.081-R, de 14/10/2002.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 03 de julho de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado

ANEXO ÚNICO

CLASSIFICAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS COMUNS
BENS COMUNS

Bens de Consumo
Água Mineral
Combustível e lubrificante
Gás
Material de expediente
Material hospitalar, médico e de laboratório
Medicamentos, drogas e insumos farmacêuticos
Material de limpeza e conservação
Oxigênio
Uniforme
Bens Permanentes

2.1 Mobiliário
Equipamentos em geral, inclusive bens de informática
Utensílios de uso geral, inclusive bens de informática
Veículos automotivos em geral
Microcomputador de mesa ou portátil (“notebbok”), monitor de vídeo e impressora

SERVIÇOS COMUNS
Serviços de Apoio Administrativo
Serviços de Apoio à Atividade de Informática
Digitação
Manutenção
Serviços de Assinaturas
Jornal
Periódico
Revistas
Televisão via satélite
Televisão de cabo
Serviços de Assistência
Hospitalar
Médica
Odontológica
Serviços de Atividades Auxiliares
Ascensorista
Auxiliar de escritório
Copeiro
Garçom
Jardineiro
Mensageiro
Motorista
Secretária
Telefonista
Serviços de Confecção de Uniformes
Serviços de Copeiragem
Serviços de Eventos
Serviços de Filmagem
Serviços de Fotografia
Serviços de Gás Natural
Serviços de Gás Liquefeito de Petróleo
Serviços Gráficos
Serviços de Hotelaria
Serviços de Jardinagem
Serviços de Lavanderia
Serviços de Limpeza e Conservação
Serviços de Locação de Bens Móveis
Serviços de Manutenção de Bens Imóveis
Serviços de Manutenção de Bens Móveis
Serviços de Remoção de Bens Móveis
Serviços de Microfilmagem
Serviços de Reprografia
Serviços de Seguro Saúde
Serviços de Degravação
Serviços de Tradução
Serviços de Telecomunicações de Dados
Serviços de Telecomunicações de Imagem
Serviços de Telecomunicações de Voz
Serviços de Telefonia Fixa
Serviços de Telefonia Móvel
Serviços de Transporte
Serviços de Vale Refeição
Serviços de Vigilância e Segurança Ostensiva
Serviços de Fornecimento de Energia Elétrica
Serviços Apoio Marítimo
Serviço de Aperfeiçoamento, Capacitação e Treinamento
Serviços de Fornecimento de Alimentação (marmitex)

(D.O.E. de 04.07.2003)

DECRETO Nº 1464-S, de 08.07.03

Altera o Decreto nº 1.568-E, de 26.12.1977.

O GOVERNADOR DO ESTADO DOE SPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, itens III e V, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta no processo nº 25306316,

D E C R E T A:

Art. 1º - O § 1º do Art. 3º do Decreto nº 1.568-E, de 26.12.1977, passa a vigorar com a seguinte redação:

“§ 1º - O Conselho da Medalha constituído de 05 (cinco) oficiais da ativa, escolhidos, livremente, pelo Comandante Geral da PMES, dentre os Oficiais Superiores da Corporação, já agraciados com a Medalha “VASCO FERNANDES COUTINHO”, será presidido pelo mais antigo, e terá como Secretário o Ajudante Geral do Comando Geral da PMES”.

Art. 2º - Anualmente, não excederá a 30 (trinta) o número de agraciados, devendo um número mínimo de 20 (vinte) pertencer aos quadros da PMES”.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 08 de julho de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 09.07.2003)

DECRETO nº 1632-S, de 05.08.03

Dá nova redação aos dispositivos do Decreto nº 1.569-E, de 26.12.77.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, item III e V da Constituição Estadual

.

D E C R E T A:

Art. 1º - O Art. 10 – caput e seus §§ 5º, 6º e 7º, o Art. 11, o Art. 12, o Art. 19 – caput e § 2º e o Art. 20 do Decreto nº 1569-E, de 26 de dezembro de 1977, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 10 – Para a concessão da medalha "Valor Policial Militar", cuja competência é exclusiva do Comandante Geral da Polícia Militar do Espírito Santo, mediante proposta do Chefe do Estado Maior Geral da Polícia Militar, será obedecido o disposto nos parágrafos constantes deste artigo.

§ 5º - Caberá ao Comandante Geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, após o recebimento dos processos expedir o ato de concessão de medalhas, e a assinatura do diploma.
§ 6º - No caso de negativa, o processo será arquivado na Secretaria do Conselho de Medalha.
§ 7º - Ao receber os processos, o Comandante geral da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo baixará Portaria no Boletim do Comando Geral, concedendo a medalha nos termos do diploma.

Art. 11 – Quando se tratar da concessão das medalhas cor de prata e cor de ouro, a fé de ofício ou a certidão de assentamentos de que trata o § 2º do artigo anterior, conterá somente as alterações registradas a partir da data da concessão da medalha anterior, inclusive a citação do Decreto e do Diário Oficial e/ou Portaria e Boletim do Comando Geral e suas datas, até a atualidade.

Art. 12 – A decisão do Chefe do Estado Maior geral de que trata o § 4º do Art. 10 deste Decreto é irrecorrível.

Art. 19 – Compõem o Conselho de Medalha "Valor Policial Militar":

a) o Chefe do Estado Maior Geral da Polícia Militar;
b) o Diretor de Pessoal;
c) os Comandantes de Polícia Ostensiva (CPO);
d) o Secretário da Comissão de Promoção de Oficiais (CPO), como Secretário do Conselho.

§ 1º (...)
§ 2º - Ao Chefe do Estado Maior Geral da Polícia Militar compete:
a) ...

Art. 20 – O Conselho de Medalha terá um livro de registro rubricado pelo Secretário, para cada tipo de medalha, no qual serão transcritos, por ordem cronológica, o nome de cada um dos agraciados, dados biográficos, números e data do Boletim do Comando Geral que concedeu a medalha".

Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 05 de agosto de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
(D.O.E. de 06.08.03)

DECRETO nº 1.201-R, de 21.08.03

Modifica a reação do Decreto nº 4.452-N, de 27 de abril de 1999.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, item III e V da Constituição Estadual, e ainda o que conta no processo nº 25369059,

D E C R E T A:

Art. 1º - O artigo 4º do Decreto nº 4.452-N, de 27 de abril de 1999, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 4º - Excluem-se do limite fixado neste Decreto as linhas celulares de uso exclusivo das áreas de Segurança Pública, de Comunicações e os da Secretaria da Casa Militar.

Parágrafo único – Compete aos dirigentes dos órgãos referidos neste artigo definir quais as linhas deverão ser excluídas da limitação prevista neste Decreto."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo os seus efeitos a 1º de janeiro de 2003**.**

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 21 de agosto de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O .E. de 22.08.2003

DECRETO nº 1611-S, de 04.08.03[4]

Prorroga os efeitos do Decreto nº 250-S, de 27.01.03

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica prorrogado por mais 180 (cento e oitenta) dias os efeitos do Decreto nº 250-S, de 27 de janeiro de 2003 e publicado no Diário Oficial de 28 de janeiro de 2003.

Art. 2º - Este Decreta entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 04 dias do mês de agosto de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 05.08.2003

DECRETO nº 1815-S, de 09.09.03

Cria COGESPAP – Comitê de Gerenciamento da Segurança Publica, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional.

O Governador de Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições legais, conferidas pelo artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando a necessidade de planejar, acompanhar e analisar as ações da Administração Estadual a nível estratégico, no tocante à Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional;

[4] Prorogado por 120 dias pelo Dec. nº 2.399-S, de 23.12.03

Considerando a necessidade de viabilizar a implementação das diretrizes traçadas no processo de Planejamento Estratégico, garantindo a integração das atividades das diversas áreas do Governo;
Considerando a necessidade de articular internamente discussões estratégicas que formulem as políticas e os projetos prioritários do Governo, bem como a imprescindível avaliação periódica dos resultados.
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituído, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional – COGESPAP.

Art. 2º - O Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional – COGESPAP, têm como objetivo:

a) Definir prioridades para formulação de planos, programas, projetos e ações nas áreas de segurança pública, direitos humanos, cidadania e administração prisional em consonância com o Plano de Ação do Governo Estadual;
b) Discutir e estabelecer ações estratégicas e/ou táticas no âmbito interno do Governo, buscando a integração e compartilhamento do conhecimento/recurso disponível junto aos órgãos do Governo.

Art. 3º - Integram o Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional – COGESPAP:

I - Chefe de Gabinete do Governador, na Coordenação;
II - O Secretário de Estado de Segurança Pública;
III - O Secretário de Estado da Justiça;
IV - O Comandante Geral da Polícia Militar;
V - O Chefe da Polícia Civil;
VI - O Comandante Geral do Corpo de Bombeiros;
VII - O Diretor Geral do Departamento Estadual de Trânsito;
VIII - O Diretor Presidente do ICAES;
IX - O Diretor Geral dos Estabelecimentos Prisionais.

Art. 4º - O Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional – COGESPAP, reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente, por convocação do Coordenador

§ 1º - O COGESPAP poderá construir Grupos de Trabalho Específicos.
§ 2º - Poderão ser convidados para participar dos Grupos de Trabalho representantes de órgãos públicos, federais, estaduais, municipais, assim como da sociedade civil organizada.

Art. 5º - O Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional – COGESPAP manterá o Governador informado de suas decisões.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 09.09.03.

PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado do Espírito Santo
D.O.E. de 10.09.2003

DECRETO nº 1.218-R, de 25.09.03

Regulamenta a Lei Complementar nº 26 5, de 15.09.03.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o Artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual e, considerando as disposições, contidas no Artigo 5º da Lei Complementar nº 265, de 15 de setembro de 2003,

D E C R E T A:

Art. 1º - As Secretarias de Estado e demais órgãos integrantes da administração pública direta e indireta estadual utilizar-se-ão, para efetivação de procedimentos licitatórios, de minutas padronizadas, previamente aprovadas pela Procuradoria Geral do Estado.

Art. 2º - A padronização não prejudica o encaminhamento de consultas relacionadas aos procedimentos licitatórios, sendo obrigatório o exame prévio da Procuradoria Geral do Estado nas situações que demandem a dispensa ou a inexigibilidade do procedimento de licitação.

Art. 3º - Os servidores responsáveis pelas Comissões de Licitação deverão atestar nos autos dos processos licitatórios que o procedimento será realizado com utilização das minutas previamente aprovadas pela Procuradoria Geral do Estado.

Art. 4º - Fica delegada aos Secretários de Estado e aos titulares de órgãos de nível equivalente, a competência para assinatura dos instrumentos contratuais e congêneres, firmados no âmbito de suas respectivas unidades orçamentárias.

Parágrafo Único – A assinatura dos instrumentos de que trata o "caput" deve ser precedida de exame da Procuradoria Geral do Estado, em cumprimento à disposição contida no Art. 21, Parágrafo Único, da Lei Complementar nº 88, de 19 de dezembro de 1996.

Art. 5º - Ficam mantidos, para o cargo de Corregedor Geral, os requisitos e competências definidos na Lei Complementar n º 88, de 19 de dezembro de 1996, e suas posteriores alterações.

Art. 6º - Compete ao Gerente Administrativo:

I – superintender, coordenar e controlar os serviços realizados pelos Chefes de Setorial, na matéria de sua competência;
II – superintender, coordenar e controlar as atividades relativas a protocolo, transporte, arquivo, almoxarifado, controle de material e bens, biblioteca, informática, serviços e encargos gerais;
III – resolver as questões administrativas relativas ao apoio operacional das atividade desenvolvidas pelos Procuradores do Estado;
IV – realizar e desenvolver outras atividade relacionadas com a sua área de atuação.

Art. 7º - Compete ao Chefe de Setorial a assistência ao Procurador Chefe da Setorial no exercício de suas funções, coordenando as atividades de produção e controle de documentos e arquivos, recebimento e expedição de processos e correspondência e demais atividades necessárias ao funcionamento do órgão, em especial:

I – orientar e executar as atividades administrativas próprias da Setorial em que se encontre localizado;
II – programar e executar as atividades de sua responsabilidade, controlar e distribuir os processos e responder pela organização e atualização de arquivos e fichários da unidade;
III – orientar e executar as atividades da Setorial, auxiliar o superior hierárquico em assuntos de sua competência; propor normas e medidas para melhoria dos serviços; cumprir e fazer cumprir as normas e instruções;
IV – encaminhar aos Procuradores as notificações, citações e intimações recebidas, articulando-se com as demais Setoriais, caso seja necessária a redistribuição;
V – desempenhar os encargos relacionados com o transporte dos Procuradores, nos deslocamentos de sede, adotando em tempo hábil as providências necessárias junto aos setores competentes para a execução dos procedimentos cabíveis.

Art. 8º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 25.09.03.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 26.09.2003

DECRETO nº 1226-R, de 10.10.03.

REGIMENTO INTERNO DA CASA MILITAR

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, incisos III e V, da Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no Art. 18 da Lei nº 3.043, de 31.12.1975, o Art. 3º da Lei Complementar nº 140, de 15.01.1999 e Lei Complementar nº 175, de 09.02.2000,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica aprovado, nas formas dos anexos que fazem parte deste Decreto, o Regulamento da Casa Militar, unidade que integra a Governadoria, para apoio direto e assessoramento do Chefe do Poder Executivo no trato e apreciação de assuntos militares.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando estipulado um prazo de 15 (quinze) dias para que as autoridades adotem as providências necessárias para seu fiel cumprimento.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 10.10.03
PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado

ANEXO I ao Decreto nº 1226-R, de 10 de outubro de 2003
REGULAMENTO DA CASA MILITAR

TÍTULO I

DA CARACTERIZAÇÃO E FINALIDADES DA CASA MILITAR

Art. 1º - A Casa Militar como órgão de assessoramento ao Governador do Estado no trato e apreciação de assuntos militares, tem a seu cargo as atividades concernentes:

I – à coordenação das relações do Chefe do Governo com autoridades militares;
II – à segurança e ao transporte do Governador e da sua família; do Palácio, das residências oficiais; do Vice-Governador e de Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado;
III – ao cerimonial militar;
IV – a coordenação dos serviços de telecomunicações do Palácio;
V – à recepção, estudo e triagem dos expedientes militares encaminhados ao Governador e à transmissão e controle da execução das ordens e determinações dele emanadas.

Art. 2º - O Secretário Chefe da Casa Militar, por termos do Art. 16 da Lei nº 3.043/1975, tem status, deveres e prerrogativas de Secretário de Estado.

Parágrafo único – O Secretário e Subsecretário da Casa Militar serão Oficiais Superiores da Polícia Militar, nomeados por livre escolha do Governador do Estado.

- *Nova redação dada pelo Decreto nº 1.343-R, de 30.06.04*

TÍTULO II

DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL BÁSICA DA CASA MILITAR

Art. 3º - A estrutura organizacional básica da Casa Militar, em consonância com suas finalidades estipuladas no Art. 1º, é a seguinte:

I – Nível de Direção Superior: Secretário Chefe da Casa Militar;
II – Nível de Gerência: a Subsecretaria da Casa Militar;
III – Nível de Atuação Instrumental;
a) Grupo Financeiro Setorial – GFS;
b) Grupo de Administração e Recursos Humanos – GARH;
IV – Nível de Execução Programática:
a) Núcleo de Operações Especiais – NOE;
b) Núcleo de Transportes Terrestres e Telecomunicações – NTTT;
c) Núcleo de Operações e Transportes Aéreos – NOTAer.

Art. 4º - A representação gráfica da estrutura básica da Casa Militar é a constante do anexo II que integra este Regulamento.

TÍTULO III

DOS ÓRGÃOS INTEGRANTES DA ESTRUTURA BÁSICA DA CASA MILITAR

CAPÍTULO I

Nível de Gerência

SEÇÃO ÚNICA

Da Subsecretaria da Casa Militar

Art. 5º - A Subsecretaria da Casa Militar tem como âmbito de ação as atividades relativas ao cerimonial militar; a assistência administrativa abrangente ao Secretário Chefe e ao Subsecretário da Casa Militar no desempenho de suas atribuições e compromissos oficiais; a transmissão, às unidades e pessoal, das ordens e decisões emanadas do Secretário Chefe da Casa Militar, bem como o acompanhamento da sua execução; a promoção de estudos, pesquisas, análises, levantamentos, pareceres e diligências de natureza especial determinados pelo Secretário Chefe da casa Militar; a coordenação das atividades relativas aos Ajudantes de Ordens; a coordenação e execução das medidas necessárias às viagens do Governador; a coordenação da atuação dos Grupos Setoriais centralizando as demandas de serviços a eles destinados; a promoção do controle de resultados das atividades desenvolvidas pelas unidades da Casa Militar; outras atividades correlatas.

CAPITÚLO II

Nível de Atuação Instrumental

SEÇÃO ÚNICA

Dos Grupos de Administração e Recursos Humanos e Financeiro

Art. 6º - As atribuições dos Grupos de Administração e Recursos Humanos (GARH) e Financeiro Setorial (GFS) são as contidas nos Art. 39 a 41 da Lei nº 3.043, de 31.12.1975 e nas respectivas regulamentações.

CAPÍTULO III

Nível de Execução Programática

SEÇÃO I

Do Núcleo de Operações Especiais

Art. 7º - O Núcleo de Operações Especiais tem como âmbito de ação o planejamento, a execução dos serviços de segurança do Governador, dos seus familiares, do Vice-Governador, bem como de Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado; o planejamento e execução de esquemas de segurança física do Palácio do Governo, das residências oficiais, dos locais de visitas e área de trânsito do Chefe do Poder Executivo; a articulação com o Governo Federal nas atividades de segurança de autoridades federais ou estrangeiras; a pesquisa e cadastramento de dados relacionados com a segurança; perfeita integração com a Administração do Palácio e residências oficiais e Secretarias de Estado da Segurança e de Governo, de modo a favorecer o alcance dos objetivos e a evitar duplicidade de ação; outras atividades correlatas.

SEÇÃO II

Do Núcleo de Transportes Terrestres e Telecomunicações

Art. 8º - O Núcleo de Transportes Terrestres e Telecomunicações tem como âmbito de ação a coordenação, o controle e a execução das atividades de transportes do Governador, seus familiares; do Vice-Governador e de Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado; a coordenação das atividades referentes à manutenção da frota de veículos em boas condições de operação; a elaboração e execução de esquemas de comunicação no Palácio do Governo, nas residências oficiais e nos demais locais de permanência ou trânsito do Governador; coordenação dos serviços de telecomunicações do Palácio do Governo, residências oficiais e das viaturas; outras atividades correlatas.

SEÇÃO III

Do Núcleo de Operações e Transportes Aéreos

Art. 9º - O Núcleo de Operações e Transportes Aéreo tem como âmbito de aço o planejamento, a coordenação, o controle e a execução das atividades de operações e transportes aéreos do Governador, seus familiares, autoridades em missão no Estado, operações policiais e outras que exijam o emprego de aeronaves; a coordenação das atividades referentes à manutenção das aeronaves; outras atividades correlatas.

TÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES DOS OCUPANTES DE CARGOS DE CHEFIA

CAPÍTULO I

Nível de Direção Superior

SEÇÃO ÚNICA

Do Secretário Chefe da Casa Militar

Art. 10 – Ao Secretário Chefe da Casa Militar compete:

I - as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de chefia, nos termos do Art. 43, da Lei nº 3.043/1975;
II – as atribuições constantes no Art. 45, da Lei nº 3.043/1975;
III – desempenhar as atividades constantes das alíneas “b”, “c”, “d”, “f”, “l”, “m”, “n”, “o”, “p”, “q”, “s”, “t”, do Art. 46 da Lei nº 3.043/1975;

IV – promover a recepção, estudo e triagem dos expedientes militares encaminhados ao Governador e proceder a transmissão e controle da execução das ordens e determinações dele emanadas;

V – promover as atividades relativas ao cerimonial militar;

VI – apreciar, em grau de recurso, quaisquer decisões no âmbito da Casa Militar, ouvido sempre a autoridade cuja decisão enseje recurso;
VII – coordenar medidas necessárias na promoção das relações protocolares do Governador do Estado com autoridades militares;

VIII – organizar e supervisionar os serviços de telecomunicações do Palácio do Governo e das residências oficiais, de forma que os mesmos permaneçam em perfeito estado de funcionamento, possibilitando que sejam transmitidas e recebidas com presteza as informações necessárias aos vários serviços do Governo Estadual;

IX – organizar as viagens do Governador, especialmente ao que se refere a transporte, hospedagem e programação a ser cumprida.

X – promover sindicância relacionadas com assuntos militares ou administrativos, por recomendação do Governador;

XI – promover estudos e medidas relativas à segurança e transporte do Governador, seus familiares, do Vice-Governador, do Palácio do Governo, das Residências Oficiais, bem como de Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado;

XII – promover a perfeita articulação com o Gabinete do Governador, Casa Civil, Secretarias de Estado de Segurança Pública e de Governo, visando facilitar o atingimento dos objetivos do Governo, bem com para evitar paralelismo de ação;

XIII – requisitar à Polícia Militar e à Polícia Civil o pessoal necessário aos serviços de segurança e transporte;

XIV – referendar decretos e leis estaduais;

XV – desempenhar outras tarefas compatíveis com a função, determinadas pelo Governador.

CAPÍTULO II

Nível de Gerência

SEÇÃO ÚNICA

Do Subsecretário da Casa Militar

Art. 11 – Ao Subsecretário da Casa Militar compete:

I – as responsabilidades fundamentais aos ocupantes de cargos de chefia nos termo do Art. 43 da Lei 3.043/1975;

II – assessorar o Secretário Chefe da Casa Militar no desempenho de suas atribuições, substituindo-o nos seus afastamentos, ausências e impedimento;

III – controlar a execução das escalas de serviço a serem cumpridas pelos Ajudantes de Ordens;

IV – coordenar as atividades relativas ao cerimonial militar;

V – manter perfeito entrosamento com a Assessoria para Assuntos do Cerimonial no desempenho de atividades relativas ao cerimonial;

VI – coordenar as medidas de caráter administrativo necessárias na promoção das relações protocolares do Governador do Estado com autoridades militares;

VII – proceder a transmissão às unidades e pessoal das ordens e decisões emanadas do Secretário Chefe da Casa Militar, bem como acompanhar a sua execução;

VIII – realizar estudos, pesquisas, análises, levantamentos, pareceres e diligências de natureza determinados pelo Secretário Chefe da Casa Militar;

IX – coordenar a execução das atividades de assistência administrativa abrangente ao Secretário Chefe da Casa Militar, no desempenho de suas atribuições e compromissos oficiais;

X – coordenar a atuação dos grupos setoriais no âmbito da Casa Militar;

XI – praticar os atos administrativos não relacionados com os sistemas de planejamento, financeiro, de administração geral e de recursos humanos;
XII – submeter à consideração do Secretário Chefe da Casa Militar os assuntos que excedam à sua competência;

XIII – autorizar a expedição de certidões e atestados relativos a assuntos da Casa Militar;

XIV – promover a elaboração da proposta orçamentária da Casa Militar para aprovação do Secretário Chefe da Casa Militar;

XV – manter estreita articulação com o Gabinete do Governador na programação das viagens do Governador;

XVI – promover o controle de acordos, convênios e contratos em que a Casa Militar seja parte;

XVII – promover o controle de resultados das ações das unidades da Casa Militar, em confronto com a programação, expectativa inicial de desempenho e volume de recursos utilizados;

XVIII – desempenhar outras tarefas, compatíveis com a função, determinadas pelo Secretário Chefe da Casa Militar.

CAPÍTULO III

Nível de Execução Programática

SEÇÃO I

Do Chefe do Núcleo de Operações Especiais

Art. 12 – Ao Chefe do Núcleo de Operações Especiais compete:

I – as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de Chefia, nos termos do Art. 43, da Lei nº 3.043/1975;

II – preparar as escalas de serviço a serem cumpridas pelos Ajudantes de Ordens, fiscalizando a sua execução;

III – planejar e executar esquemas de segurança pessoal do Governador, dos seus familiares, Vice-Governador, bem como de Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado;

IV – planejar e executar esquemas de segurança física do Palácio do Governo, das residências oficiais, dos locais de visita ou área de trânsito do Chefe do Poder Executivo;

V – apoiar os órgãos de trânsito no que se refere ao estacionamento de veículos nas adjacências do Palácio do Governo e residências oficiais, ou em outros localidades dentro da programação que compõe os esquemas de segurança;

VI – coletar, analisar e cadastrar dados necessários ao desenvolvimento das atividades de Segurança, de competência da casa Militar;

VII – manter intercâmbio com os órgãos de segurança federais e estaduais;

VIII – organizar e controlar o Corpo da Guarda do Palácio e residências oficiais;

IX – manter estreita articulação com a Administração do Palácio e das residências oficiais, em relação ao controle dos acessos a esses locais, bem como quanto às medidas preventivas contra incêndio e demais atividades de segurança, de modo a facilitar o atingimento dos objetivos das unidades, visando também evitar a duplicidade de ação;

X – desempenhar outras tarefas, compatíveis com a função, determinadas pelos seus superiores.

SEÇÃO II

Do Chefe do Núcleo de Transportes Terrestres e Telecomunicações e Telecomunicações incumbe:

I - as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargos de Chefia, nos termos do Art. 43, da Lei na 3.043/1975;

II – coordenar, controlar e executar as atividades relativas ao fornecimento de transporte ao Governador, seus familiares, Vice-Governador e Chefes de Poderes Executivos de outras Unidades da Federação em visita de caráter oficial ao Estado;

III – coordenar as atividades referentes à manutenção, guarda e abastecimento, da frota de veículos;

IV – organizar a escala de serviço dos motoristas da casa Militar, visando manter permanentemente pessoal disponível para pronto atendimento, as necessidades do serviço;

V – elaborar e executar esquemas de comunicação do Palácio Anchieta, das residências oficiais e nos demais locais de permanência ou trânsito do Governador;

VI – controlar, operar e manter em perfeitas condições de uso, os aparelhos e equipamentos de telecomunicações;

VII – coordenar os serviços de telecomunicações do Palácio Anchieta e Residências Oficiais;

VIII – sugerir medidas ou instalações de equipamentos necessários à maior eficiência ou segurança das comunicações governamentais;

IX – desempenhar outras tarefas, compatíveis com a função, determinadas pelos seus superiores.

SEÇÃO III
Do Chefe do Núcleo de Operações e Transportes Aéreos

Art. 14 – Ao Chefe do Núcleo de Operações e Transportes Aéreos compete:

I – as responsabilidades fundamentais dos ocupantes de cargo de Chefia nos termos do Art. 43, da Lei 3.043/1975;

II – planejar, coordenar, controlar e executar as atividades de operações e transportes aéreos do Governador, seus familiares, e outras autoridades, quando houver determinação do Governador do Estado;

III – apoiar os órgãos vinculados à Secretaria de Segurança Pública nas operações policiais e em outras atividades que exijam o emprego de aeronaves;

IV – coordenar e controlar as atividades relativas à manutenção das aeronaves;

V – desempenhar outras atividades, compatíveis com a função, determinadas pelos seus superiores.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

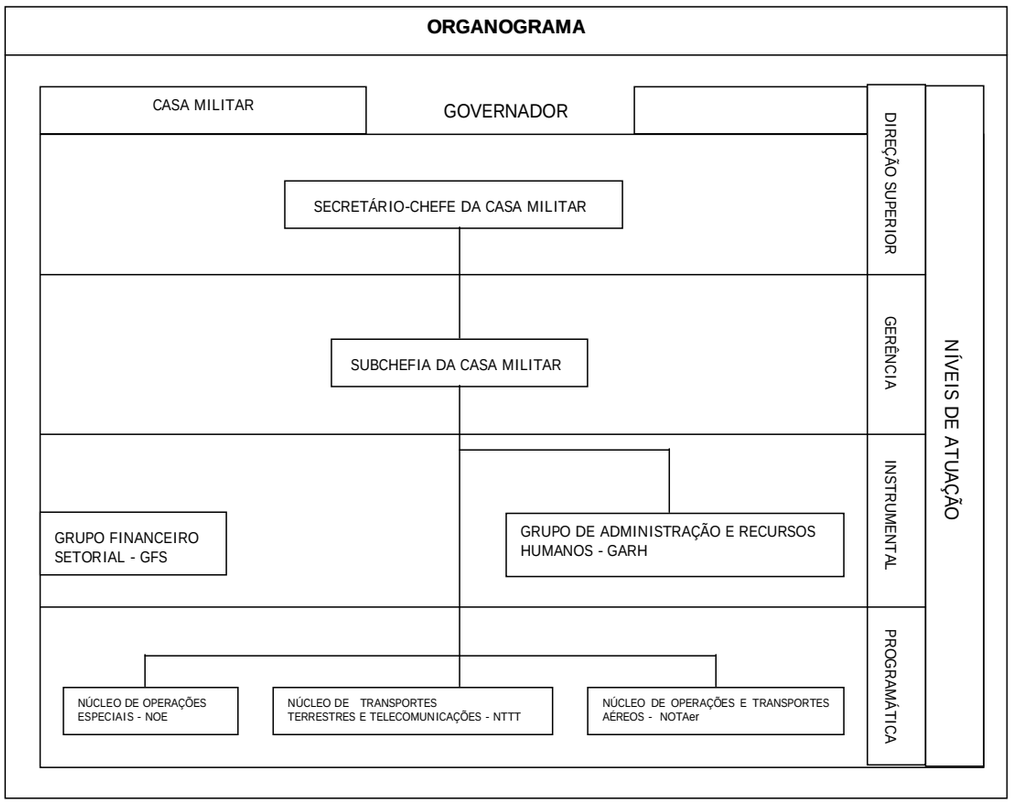
Art. 15 – As atividades meio caracterizadas como administração geral, de recursos humanos, finanças e de planejamento, necessários ao pleno funcionamento da Secretaria, serão executadas e terão orientação normativa dos Grupos Setoriais da SEPLOG e SEFAZ localizados na Casa Militar.

Art. 16 – Ficam unificados os Núcleos de Transportes e de Telecomunicações, passando a nominar-se Núcleo de Transportes Terrestres e Telecomunicações – NTTT.

Art. 17 – O cargo em comissão de Chefe de Núcleo de Telecomunicações passa a nominar-se Adjunto Administrativo “A”, referência QC-06, sem implicar aumento da despesa (Anexo III).

Art. 18 – A tabela de cargos em comissão da Casa Militar é a constante no Anexo IV que integra este Regulamento.

Art. 19 – O Secretário Chefe da Casa Militar resolverá os casos omissos neste Regulamento.



ANEXO III ao Decreto nº 1226-R, de 10.10.2003

Cargo de Provimento em Comissão Renominado							
Situação Anterior				**Situação Atual**			
Nomenclatura	**Quant.**	**Ref.**	**Valor**	**Nomenclatura**	**Quant.**	**Ref.**	**Valor**
Chefe N. Telecomunicações	1	QC-06	302,07	Adjunto Adm. "A"	1	QC-06	302,07
Chefe N. Transportes	1	QC-06	302,07	Chefe do N. Transp. Terrestes e Telecomunicações	1	QC0-6	302.07
Valor total = R$			**604.14**			**Valor total**	**604,14**

ANEXO IV ao Decreto nº 1226-R, de 10.10.2003

RELAÇÃO DOS CARGOS COMISSIONADOS DA SECRETARIA DA CASA MILITAR

CARGO	**QUANT.**	**REFERÊNCIA**
SECRETÁRIO-CHEFE	01	S/R
SUBSECRETÁRIO	01	QCE - 02
ASSESSOR ESPECIAL N.III	01	QCE - 01
SUP. DE MAN. DE HELICÓPTERO N.I	01	QCE - 04
ASSESSOR ESPECIAL N.II	01	QCE - 05
CHEFE DE GRUPO DE REC. HUMANOS	01	QC - 01
ASSESSOR TÉCNICO	02	QC - 02
CH.NÚCLEO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS	01	QC - 06
CH.NÚCLEO DE TRANSPORTES TERRESTRES E TELECOMUNICAÇÕES	01	QC - 06
CH.NÚCLEO OPER. TRANSPORT. AÉREOS	01	QC - 06
ADJUNTO ADMINISTRATIVO - A	01	QC – 06
AUXILIAR DE CHEFIA – A	03	QC – 06
MOTORISTA DO GOVERNADOR	01	QC – 06
MOTORISTA DE GABINETE I	03	QC – 07
AUX. DE OP. ESPECIAIS	02	QC – 07
AJUDANTE DE ORDENS	03	QC – 08
OFICIAL DE GABINETE	02	QC – 08
AUX. DE SECRETARIA	01	QC – 08
TOTAL	**27**	

D.O.E. de 13.10.2003

BCG nº 042

DECRETO nº 1242-R, de 21.11.03

Celebração de convênios de natureza financeira

Disciplina a celebração de convênios de natureza financeira no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, inciso III, Constituição Estadual,
D E C R E T A:

Art. 1º - A realização de convênios ou instrumentos congêneres a serem firmados pelos Órgãos das administrações direta e indireta do Estado obedecerão, o disposto na Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993 e respectivas alterações, na Lei

Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, bem como o disposto neste decreto.

DOS CONVÊNIOS EM QUE O ESTADO É REPASSADOR

Art. 2º - A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos Órgãos ou entidades da Administração Pública Estadual depende de prévia aprovação de competente plano de trabalho proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

I - identificação precisa do objeto;
II - metas a serem atingidas;
III - etapas ou fases de execução;
IV - plano de aplicação dos recursos financeiros;
V - cronograma de desembolso;
VI - previsão de início e fim da execução do objeto, bem assim da conclusão das etapas ou fases programadas;
VII - se o convênio compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Parágrafo único - Assinado o convênio, a entidade ou órgão repassador dará ciência do mesmo à Câmara Municipal respectiva.

Art. 3º - Não poderão ser celebrados convênios com entidades inadimplentes com relação às exigências legais, em especial:
I - a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) em vigor;
II - a Lei Complementar Federal nº 101, de 4 de maio de 2000;
III - da comprovação, por parte do beneficiário, de:
a) que se acha em dia quanto ao pagamento de tributos, empréstimos e financiamentos devidos ao Estado;
b) que não esteja inadimplente na execução de convênio ou instrumento congênere e de que tenha prestado devidamente as contas respectivas;
c) cumprimento dos limites constitucionais relativos à educação e à saúde;
d) observância dos limites das dívidas consolidada e mobiliária, de operações de crédito, inclusive por antecipação de receita, de inscrição em Restos a Pagar e de despesa total com pessoal;
e) previsão orçamentária de contrapartida;
Parágrafo único - os recursos derivados de transferências voluntárias mediante convênios não podem ser aplicados em pagamento de despesa de pessoal ativo, inativo e pensionista, nos termos do Inciso X do art. 167 da Constituição Federal.

Art. 4º - A entidade concedente, após a análise prévia prevista no Art. 2º, encaminhará cópia do pleito para a Secretaria da Casa Civil.

§ 1º - Nos cinco dias úteis seguintes ao da celebração do convênio ou aditivo, a entidade concedente deverá encaminhá-lo à Auditoria Geral do Estado - AGE, para efeito de registro, controle e acompanhamento de execução e providenciará a publicação de seu extrato no Diário Oficial do Estado.

§ 2º - O acompanhamento de execução por parte da AGE não desobriga o órgão repassador das responsabilidades de fiscalização e acompanhamento que lhe são inerentes, cabendo-lhe articular-se com a AGE para efeito de informações e, quando for o caso, orientação técnica.

Art. 5º - Os recursos correspondentes a cada convênio poderão ser liberados de uma só vez, quando assim o recomendarem razões técnicas e de economicidade, mas, em regra, a liberação deve ocorrer em parcelas.

§ 1º - Quando a liberação dos recursos ocorrer em 3 (três) ou mais parcelas, a terceira ficará condicionada à apresentação e aprovação de prestação de contas parcial referente à primeira parcela liberada, e assim sucessivamente. Após a aplicação da última parcela, será apresentada a prestação de contas do total dos recursos recebidos;

§ 2º - Caso a liberação dos recursos seja efetuada em até duas parcelas, a apresentação da Prestação de Contas se fará em até 30 dias após o final da vigência do instrumento, globalizando as parcelas liberadas.

Art. 6º - As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado, exceto nos casos a seguir, em que as mesmas ficarão retidas até o saneamento das impropriedades ocorrentes:

I - quando não tiver havido comprovação da boa e regular aplicação de parcela anteriormente recebida, na forma da legislação aplicável, inclusive mediante procedimentos de fiscalização local, realizados periodicamente pela entidade ou órgão descentralizador dos recursos ou pela Auditoria Geral do Estado - AGE;

II - quando verificado desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas, práticas atentatórias aos princípios fundamentais de Administração Pública nas contratações e demais atos praticados na execução do convênio, ou o inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

III - quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou pela AGE.

Art. 7º - É vedada a realização de despesas em data anterior ou posterior a vigência do convênio ou instrumento congênere.

Art. 8º - O concedente deverá prorrogar “de ofício” a vigência do convênio, quando houver atraso na liberação de recursos, limitada a prorrogação ao exato período do atraso verificado.

Art. 9º - O SIAFEM – Sistema Integrado de Administração Financeira para Estados e Municípios, manterá cadastro e registros de forma a bloquear automaticamente a liberação de recursos financeiros quando houver inobservância por parte do conveniado do disposto no Art. 6º deste decreto.

DOS CONVÊNIOS EM QUE O ESTADO É BENEFICIÁRIO

Art. 10 - Os convênios firmados por entidades governamentais estaduais com órgãos do governo federal, terão sua execução controlada pela Auditoria Geral do Estado, sem prejuízo do disposto na Instalação Normativa nº 001/97, da Secretaria do Tesouro Nacional, inclusive quanto aos prazos para prestação de contas.

§ 1º - Nos cinco dias úteis seguintes ao da celebração do convênio ou de seus aditivos, o órgão ou entidade convenente deverá encaminhá-lo, para registro, à Auditoria Geral do Estado, que o fará no prazo de dois dias úteis.

§ 2º - A execução dos convênios referidos neste artigo só será iniciada após a publicação, pelo convenente, do respectivo extrato no Diário Oficial do Estado, que conterá, além das informações obrigatórias das partes, o número de registro na AGE.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 11 - As disposições deste decreto deverão, obrigatoriamente, constar em cláusulas de todos os convênios a serem firmados pelos órgãos da administração direta e indireta do Estado.

Art. 12 - A entidade beneficiária da transferência de recursos fica obrigada a afixar placa fornecida ou indicada pela entidade transferidora, em local visível, na obra ou no local de execução do serviço objeto do convênio, com indicação da fonte e do valor dos recursos que estão sendo aplicados.

Art. 13 - No prazo de até 60 dias após esta publicação, a Auditoria Geral do Estado e a Secretaria de Estado da Fazenda deverá o instituir, conjuntamente, normas procedimentais e operacionais para a aplicação deste decreto.

Art. 14 - Este decreto entra em vigor a partir de 1º de janeiro de 2004, ficando revogados o Decreto nº 3.180-N, de 18 de julho de 1991, o Decreto nº 3.426-N, de 14 de outubro de 1992, o Decreto nº 3.655-N, de 16 de fevereiro de 1994.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 21.11.03.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado D.O. E. de 24.11.2003
(BCG nº 048, de 27.11.03)

DECRETO nº 2.399-S, de 23.12.2003.

Medidas de Contenção de Despesas

Art. 1º - Prorrogar por mais 120 (cento e vinte dias) os efeitos do Decreto nº 1.611-S, de 04 de agosto de 2003, publicado no Diário Oficial de 05 de agosto de 2003.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 23 de dezembro de 2003.
D.O.E de 29.12.2003

DECRETO nº 1265-R, de 30.12.03

Dispõe sobre os limites de utilização de telefones celulares para os Órgãos da Administração Pública Direta, Autárquica e Empresas Públicas no âmbito do Poder Executivo do Estado do Espírito Santo.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e considerando a necessidade de controle e redução de gastos realizados com utilização de telefonia móvel celular,
D E C R E T A:

Art. 1º Ficam fixados, conforme Anexo único, os limites a serem pagos pelo erário estadual em relação às contas de telefones celulares de propriedade do Governo do Estado em uso no serviço público.

§ 1º - Os valores que ultrapassarem os limites previstos no Anexo único deste Decreto serão ressarcidos aos cofres do Estado, por meio de desconto em folha de pagamento.

§ 2º - Na Administração Direta caberá aos grupos de administração encaminhar à Gerência de Pagamento de Pessoal da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão - SEPLOG, os valores excedentes a serem descontados dos usuários de telefones celulares.

§ 3º - Na Administração Indireta caberá aos setores competentes pela elaboração das folhas de pagamento, proceder os descontos que excederem aos valores previstos no Anexo único que integra o presente Decreto.

Art. 2º - Excluem-se dos limites fixados neste Decreto as linhas celulares de uso exclusivo da área de Segurança Pública, de Comunicação e da Casa Militar, informadas por seus dirigentes à SEPLOG.

Art. 3º - Os casos omissos deverão ser encaminhados à SEPLOG para apreciação.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor a partir de 1º de janeiro de 2004, revogando os Decretos nº 4.452-N, de 27 de abril de 1999, 929-R, de 14 de novembro de 2001 e 1201-R, de 21 de agosto de 2003.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 30 dias de dezembro de 2003.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado

ANEXO ÚNICO

USUÁRIOS DAS LINHAS (CARGOS)	LIMITE (R$)
Secretários de Estado e Dir. Presidentes de órgãos da Adm. Indireta	300,00
Subsecretários de Estado e demais Dir. de Órgãos da Adm. Indireta	200,00
Gerentes e Assessores Especiais	150,00
Demais cargos	70,00

D.O.E. de 31.12.2003

DECRETO nº 1273-R, de 29.01.04

Estabelece os limites para movimentação e empenho da despesa para o exercício financeiro de 2004 e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, Item III da Constituição Estadual, e considerando o disposto no Artigo 8º da Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, bem como a Lei nº 7.500, de 25 de julho de 2003.

D E C R E T A:

Art. 1º - A movimentação e o empenho das dotações orçamentárias para o exercício de 2004, financiadas com Recursos de Caixa do Tesouro, ficam limitadas aos valores constantes nos Anexos I e II deste Decreto.

§ 1º - As despesas de auxílio alimentação pagas junto à folha de pessoal, deverão ser deduzidas da cota financeira de Despesa de Pessoal.

§ 2º - Excluem-se do disposto no caput deste artigo, as dotações orçamentárias relativas a unidade Encargos Gerais da SEFAZ, que estarão limitadas para movimentação e empenho por semestre.

Art. 2º - A distribuição das cotas financeiras para movimentação e empenho de que trata o artigo 1º entre as respectivas unidades gestoras da Administração Direta, Indireta e Fundos, fica a critério de cada Secretaria, observado o respectivo limite.

Parágrafo único - Para fins de aplicação do disposto no caput deste artigo, cada Secretaria deverá encaminhar a distribuição de cotas entre suas unidades gestoras, detalhada por grupo de despesa e fonte, à Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão que é o órgão responsável pelo desbloqueio dos recursos para fins de lançamento no SIAFEM.

Art. 3º - As dotações orçamentárias relativas as despesas financiadas com Receita Vinculada do Tesouro (salário educação, convênios e operações de crédito) e Receita de Outras Fontes (convênios), estarão bloqueadas em sua totalidade e somente serão bloqueadas com base no efetivo ingresso dos respectivos recursos.

Parágrafo único - Excetuam-se do disposto no caput do artigo as dotações orçamentárias relativas as despesas financiadas com Receita de Outras Fontes (recursos arrecadados pelo próprio órgão) que serão desbloqueadas por bimestre, até o limite de dois

doze avos do total da sua receita prevista, que será atualizada bimestralmente.

Art. 4º - A programação financeira anual, será reavaliada bimestralmente de acordo com o comportamento da receita, em observância ao que dispõe o Art. 9º e parágrafos da Lei Complementar nº101, de 04.05.00.

Parágrafo único - O limite para movimentação e empenho para os bimestres subseqüentes serão estabelecidos por Decreto, com base na receita prevista pela SEFAZ, para cada bimestre.

Art. 5º - Para fins deste decreto entende-se como:

§ 1º - Receita de Caixa do Tesouro - o somatório das receitas provenientes de impostos estaduais e taxas, receitas de contribuições, patrimonial, agropecuária, industrial, serviços, cota parte do FPE, transferências do I.R, cota-parte do IPI, transferências aos Estados - Lei Kandir e demais receitas correntes e de capital (inclusive as receitas equivalentes aos limites
constitucionais da Educação e Saúde).
§ 2º - Receita Vinculada do Tesouro - o somatório das receitas de transferências constitucionais para os Municípios e o Fundef, as transferências do salário educação e de convênios, as receitas provenientes de operações de crédito, a transferência ao Fundap.
§ 3º - Receita de Outras Fontes - o somatório das receitas dos Órgãos da administração indireta não relacionadas nos parágrafos 1º e 2º deste artigo.

Art. 6º - Os créditos suplementares e especiais, que vierem a ser abertos no exercício, bem como os créditos especiais reabertos, com Recursos de Caixa do Tesouro, terão sua execução condicionada aos limites fixados neste Decreto.

Art. 7º - Os Ordenadores de Despesa são responsáveis na execução orçamentária e financeira dos valores estabelecidos neste Decreto, do cumprimento de todas as disposições legais contidas na Lei Federal nº 4.320, de 17.03.64, na Lei de Diretrizes Orçamentárias nº 7.500, de 25.07.03, na Lei Orçamentária Anual nº 7.725, de 15.01.04 e na Lei Complementar nº 101, de 04.05.00.

Art. 8º - Ficam deduzidas das cotas estabelecidas nos Anexos I e II deste Decreto, os valores referentes a 1/12 avos já liberados conforme estabelecido no Art. 38 da Lei nº 7.500, de 25.07.03.

Art. 9º - As disposições deste Decreto aplicam-se a todos os Fundos e Órgãos da Administração Direta do Poder Executivo Estadual e Autarquias.

Art. 10 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 29 de janeiro de 2004.
WELINGTON COIMBRA
Governador do Estado – Respondendo
D.O.E. de 30.01.2004

DECRETO nº 1.280-R, de 05.02.04

Horário dos Estagiários da PMES

GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 91, inciso III, da Constituição Estadual e,
Considerando que as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior devem ser estabelecidas pelos sistemas de ensino, conforme prescreve o art. 82 da Lei Federal nº 9.394 de 20.12.96,
Considerando o disposto no art. 3º do Decreto Federal nº 87.497 de18.08.82 que aponta o estágio curricular como procedimento didático pedagógico e atividade de competência da Instituição de ensino;

D E C R E T A:

Art. 1º - A alínea “b” do artigo 11 do Decreto nº 1.812-N, de 31 de outubro de 1983, acrescentado pelo Decreto nº 1.854-N, de 09 de fevereiro de 1984, alterado pelo Decreto nº 4.319-N, de 31 de julho de 1998, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 11 .....
a).....
b) 4 (quatro) horas quando estudante do ensino médio..... .”

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 05.02.04
WELINGTON COIMBRA
Governador do Estado - em exercício -
D.O E. de 06.02.2004

DECRETO nº 1282-R, de 12.02.04

Dispõe sobre a concessão de diária no âmbito do Poder Executivo Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 91, inciso III da Constituição Estadual,
D E C R E T A:

Art. 1º - As indenizações de diárias que o servidor do Poder Executivo Estadual faz jus, por afastamento em interesse do serviço, serão concedidas na forma deste Decreto.

Parágrafo único - Não será devida diária quando o deslocamento de que trata este artigo ocorrer entre os municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, entre limites contínuos ou quando a distância entre as sedes for inferior a 150km (cento e cinqüenta quilômetros), salvo, neste último caso, se ocorrer pernoite ou o afastamento se der por um período superior a 6 (seis) horas.

Art. 2º - A diária destinada a indenizar o servidor pelas despesas extraordinárias de alimentação e pousada será concedida por dia de afastamento da sede do serviço, sempre que houver pernoite.
§ 1º - Quando não houver pernoite e o afastamento ocorrer por um período superior a 6 (seis) horas, o servidor terá direito a 50% (cinqüenta por cento) do valor da diária.
§ 2º - No deslocamento para fora do Estado, o servidor fará jus a uma complementação de diária correspondente a 20% (vinte por cento) de seu valor, destinada a cobrir despesas com transporte urbano.

Art. 3º - Os valores das diárias são os constantes na tabela do Anexo único, que integra este Decreto.

Art. 4º - O servidor público de que trata o Art. 1º, quando convocado a assessorar o Governador, Vice-Governador, Secretários de Estado e titulares de cargos de hierarquia equivalente, em viagens de serviço fora do Estado, fará jus a diária de valor idêntico àquele a eles atribuído.

Art. 5º - A diária também será devida ao servidor público designado a participar de órgão colegiado estadual, quando as sessões forem realizadas fora da sede do exercício do servidor, respeitado o disposto no parágrafo único do Art. 1º do presente Decreto.

Art. 6º - Também poderão ser concedidas diárias aos servidores que só recebem Gratificação de Representação, aos requisitados e aos prestadores de serviços mediante convênio celebrado em órgãos públicos.

Art. 7º - O servidor público que tenha exercício em unidade situada em município do interior do Estado, quando, por

necessidade do serviço, se deslocar à sede (Vitória), fará jus a um acréscimo da ordem de 30% (trinta por cento) no valor da diária atribuída para dentro do Estado, quando for necessário pernoite.

Art. 8º - As diárias serão pagas antecipadamente mediante concessão do dirigente do órgão a que pertence o servidor.

§ 1º - O ato da concessão deverá conter o nome do servidor, o respectivo cargo, emprego ou função, a descrição sintética do serviço a ser executado, a duração provável do afastamento e a importância total a ser paga.
§ 2º - Na hipótese de ser autorizada a prorrogação do prazo de afastamento, o servidor fará jus, também, às diárias correspondentes ao período excedente.
§ 3º - Nenhuma antecipação poderá ser de quantia superior a 15 (quinze) diárias.

Art. 9º - Somente será permitida concessão de diárias nos limites dos recursos orçamentários do exercício em que se der o afastamento.

Art. 10 - É considerado falta grave conceder diárias com objetivo de remunerar serviços ou encargos diferentes.

Parágrafo único - Será promovida a responsabilidade administrativa e, se for o caso, penal, do servidor que autorizar o pagamento das diárias, ou que as receber com violação das presentes normas, bem como daquele que deixar de prestar contas ou restituir as recebidas em excesso, fora dos prazos estabelecidos em Lei e neste Decreto.

Art. 11 - Caberá ao servidor nos casos em que a duração de afastamento for inferior ao número de dias previstos, restituir ao erário estadual o valor das diárias que excederam o total devido, no prazo de 05 (cinco) dias a contar do retorno.

Art. 12 - Aplica-se o disposto neste Decreto aos servidores regidos pela legislação trabalhista.

Art. 13 - A complementação da diária para despesas com transporte urbano prevista no Art. 86, § 2º, da Lei Complementar nº 46, de 31 de janeiro de 1994, modificada pela Lei Complementar nº 80, de 1º de março de 1996, será concedida anteriormente ao deslocamento do servidor, juntamente com o pagamento das diárias, não sendo, porém, devida quando o deslocamento ocorrer em viatura ou em veículo de sua propriedade mediante o fornecimento de combustível às expensas do erário estadual.

Art. 14 - Ocorrendo reajuste no valor da diária durante o afastamento do servidor público, será este reembolsado da diferença.

Art. 15 - Ficam revogados os Decretos nº 450-R, de 08 de dezembro de 2000 e nº 549-R, de 03 de janeiro de 2001.

Art. 16 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 12 de fevereiro de 2004.
WELINGTON COIMBRA
Governador do Estado em exercício

Anexo único a que se refere o art. 3º

CARGOS, EMPREGOS E FUNÇÕES	VALORES R$			VALOR US$
	FORA DO ESTADO		DENTRO DO ESTADO	FORA DO PAÍS
	BRASÍLIA	OUTRAS CAPITAIS		
Vice Governador, Secretários de Estado e cargos de hierarquia equivalente	250,00	208,00	70,00	300,00
Subsecretário e Diretor-Presidente de órgãos da administração indireta que percebem verba de representação	204,00	159,00	70,00	250,00
Demais cargos, empregos e funções	190,00	151,00	60,00	200,00

D.O.E 13.02.04

DECRETO nº 1283-R, de 13.02.04

Dá nova redação ao Art. 31 do RUIPMES, aprovado pelo Decreto nº 4.445-N, de 05 de abril de 1999.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe conferem o Art. 91, inciso III, da Constituição Estadual, e ainda o que consta no Processo nº 26517779,
D E C R E T A:

Art. 1º - O Art. 31 do Regulamento de Uniformes e Insígnias da PMES, aprovado pelo Decreto nº 4.445-N, de 05.04.1999, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 31 - Distintivo de função:
- Será usado pelo Oficial, acima da tarjeta de identificação ou distintivo de curso, se for o caso, durante e após ter exercido as funções de Comandante Geral, Subcomandante Geral, Diretores, Comandantes de Polícia Ostensiva, Corregedor, Comandantes de Unidades e Subunidades Independentes e Comandante da Cia de Comando e Serviço do QCG.
Parágrafo único – Os distintivos de funções terão as seguintes configurações:
I - Comandante Geral - duas estrelas sobrepostas, de cinco pontas singelas na cor dourada;
II - Subcomandante Geral – duas estrelas sobrepostas, de cinco pontas singelas na cor prateada;
III - Diretores e Comandantes de Unidades – uma estrela dourada;
IV - Comandantes de Subunidades Independentes e da CCS/Aj Geral – uma estrela prateada."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 13 de fevereiro de 2004.
WELINGTON COIMBRA
Governador do Estado em Exercício
D.O.E. de 16.02.2004

DECRETO nº 179-S, de 18.02.04.

Institui o Sistema de Gerenciamento por Comitês.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e de acordo com o inciso III, do art. 91 da Constituição Estadual,
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituído no Poder Executivo Estadual o Sistema de Gerenciamento por áreas de Governo, através dos seguintes Comitês:

· Comitê de Gerenciamento da Segurança Pública, Direitos Humanos, Cidadania e Administração Prisional;

· Comitê de Gerenciamento da Área Social;

· Comitê de Desenvolvimento Econômico;

· Comitê de Gestão Administrativa, Fiscal e Orçamentária.

Art. 2º - São objetivos dos Comitês: o Planejamento, o Acompanhamento e a Avaliação das Ações da Administração Estadual em suas respectivas áreas de atuação, visando a implementação das diretrizes traçadas no processo de Planejamento Estratégico, garantindo a integração das atividades das diversas áreas de Governo.

Art. 3º - Os Comitês serão subordinados diretamente ao Gabinete do Governador.

Art. 4º - Cada Comitê reunir-se-á com o Governador do Estado, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente, por convocação do Chefe do Poder Executivo Estadual.

Art. 5º - Os Comitês terão regulamentos próprios, por ato do Governador do Estado.

§ 1º - Cada Comitê terá um Coordenador e integrantes, assim como definirá a periodicidade e o formato de suas reuniões.
§ 2º - Os Comitês poderão constituir grupos técnicos para elaboração de trabalho específico.
§ 3º - As proposições dos Comitês poderão ser transformadas em Resoluções após homologação pelo Governador do Estado.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 18.02.04.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 19.02.2004

DECRETO nº 1294-R, de 10.03.04

Estabelece os limites para movimentação e empenho da despesa no 2º bimestre do exercício financeiro de 2004 e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 91, Item III da Constituição Estadual, e considerando o disposto no Artigo 8º da Lei Complementar Nº 101, de 04 de maio de 2000, a Lei nº 7.500, de 25 de julho de 2003 e o bem como o Decreto nº 1.273-R, de 29 de janeiro de 2004.
D E C R E T A:

Art. 1º - A programação financeira e o limite para movimentação e empenho para o 2º bimestre de 2004 com recursos de caixa do tesouro, é estabelecido no Anexo I deste Decreto.

§ 1º - A programação estabelecida no Anexo I deste Decreto, refere-se à despesas de pessoal e outras despesas correntes.
§ 2º - O órgão deverá priorizar suas despesas fixas dentro do valor estabelecido para Outras Despesas Correntes.

Art. 2º - As despesas de capital financiadas com Recursos de Caixa do Tesouro, só serão desbloqueadas após:

I) análise da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão quanto à compatibilidade com o PPA 2004-2007 e o Orçamento de 2004;

II) análise da Secretaria de Estado da Fazenda quanto à quanto disponibilidade financeira.

Parágrafo único - O órgão deverá encaminhar junto a solicitação de desbloqueio o detalhamento da despesa com seu cronograma físico-financeiro.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 01 de março de 2004.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 10 de Março de 2004.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado

ANEXO I
PROGRAMAÇÃO FINANCEIRA – EXERCÍCIO DE 2004
RECURSOS DE CAIXA DO TESOURO (EM R$ 1,00)

ESPECIFICAÇÃO	PROGRAMAÇÃO FINANCEIRA 2º BIMESTRE
EXECUTIVO	192.948.174
(...)	(...)
POLÍCIA MILITAR	53.674,2007
Pessoal	51.074.207
Outras despesas correntes	2.600.000
(...)	(...)
DIRETORIA DE SAÚDE DA POLÍCIA MILITAR	406.534
Pessoal	6.534
Outras despesas correntes	400.000
(...)	(...)

D.O.E. de 11.03.2004

DECRETO nº 1329-R, de 12.04

Dispõe sobre Documento Único de Arrecadação – DUA.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 91, III, da Constituição Estadual;

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituída a obrigatoriedade de utilização do Documento Único de Arrecadação – DUA-Eletrônico, conforme modelo disponível na internet, no endereço www.sefaz.es.gov.br., para recolhimento das receitas públicas estaduais, através de rede bancária credenciada.

Art. 2º - Fica autorizada a ampliação do número de postos credenciados para o recolhimento de tributos estaduais, através da habilitação de instituições bancárias públicas e privadas, mediante ato do Secretário de Estado da Fazenda.

§ 1º - O Banco do Estado do Espírito Santo será o agente centralizador da arrecadação de tributos estaduais.

§ 2º - Ato do Secretário de Estado da Fazenda definirá os critérios e as condições necessárias ao credenciamento de instituições bancárias.

§ 3º - A Secretaria de Estado da Fazenda poderá descontar do montante a ser repassado aos órgãos que possuem receita própria, o valor cobrado pelas instituições bancárias, em decorrência do recebimento dos documentos de arrecadação, cabendo aos respectivos órgãos a contabilização dos custos da cobrança.

§ 4º - Excepcionalmente, os auditores fiscais da receita estadual poderão recolher as receitas,
provenientes de autos de infração lavrados em decorrência de fiscalização de mercadorias em trânsito, através de DUA impresso em formulário.

§ 5º - O produto da arrecadação de que trata o § 4º deverá ser depositado em estabelecimento bancário credenciado, pelo auditor fiscal que lhe der quitação ou, quando for o caso, pelo chefe de equipe de fiscalização ou chefe de posto fiscal, no primeiro dia útil subseqüente ao do recolhimento, utilizando o DUA Eletrônico.

Art. 3º - Para efeito de recolhimento de Imposto sobre propriedade de Veículos Automotores – IPVA, será utilizada a versão personalizada do DUA –IPVA, emitido pela SEFAZ.

Parágrafo único – A segunda via do documento de que trata o caput será emitida pelas instituições arrecadadoras credenciadas ou através da internet, no endereço www.sefaz.es.gov.br..

Art. 4º - Para efeito de recolhimento de taxas, multas por infração à legislação de trânsito e outras receitas relativos ao DETRAN-ES, poderá ser utilizada versão personalizada do Documento Único de Arrecadação – DUA/DETRAN, que conterá campos para informações de interesses do órgão, além de gerar os dados específicos do DUA.

Art. 5º - As disposições deste decreto não interferem no recolhimento de tributos efetuados através da Guia Nacional de Recolhimentos de Tributos Estaduais – GNRE.

Art. 6º - A obrigatoriedade de utilização do DUA – Eletrônico, ressalvado o disposto nos arts. 3.º e 4.º, passa a vigorar nos seguintes prazos:

I – a partir de 1º de junho de 2004, para o recolhimento do ICMS referente a energia elétrica, telecomunicações, auto de infração, notificação de débito, operações com café e bovinos; de débitos inscritos em dívida ativa e das guias de Imposto de Transmissão Causa Mortis e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos – ITCD;
II – a partir de 1º de julho de 2004, para os demais recolhimentos referentes ao ICMS; e
III – a partir de 1º de janeiro de 2005, para recolhimento das taxas estaduais.
Parágrafo único – Até as datas estabelecidas nos incisos I a III, o DUA poderá ser utilizado, concomitantemente, na versão eletrônica ou em formulário.

Art. 7º - A quitação da obrigação tributária dar-se-á somente através de recolhimento efetuado em documento de arrecadação corretamente preenchido.

Parágrafo único – O valor recolhido através de documento de arrecadação preenchido de forma incorreta, com relação a identificação do contribuinte, código de receita ou outras informações, poderá ser restituído ou utilizado como crédito, nos termos da legislação vigente.

Art. 8º - Em casos excepcionais, o Secretário de Estado da Fazenda, através de ato próprio, poderá autorizar a utilização do DUA impresso em formulários, para recolhimento de tributos.

Art. 9º - O pagamento efetuado por meio de cheque, somente será considerado como efetivo após a sua compensação.

Art. 10 – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 12.de maio de 2004.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 13.05.2004

DECRETO nº 504-S, de 12.05.04

Controle de Gastos Públicos

Altera Decreto 250-S, de 27.01.03.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e com base no inciso III, da Constituição Estadual,
D E C R E T A:

Art. 1º - O parágrafo único do artigo 1º do Decreto nº 250-S, de 27 de janeiro de 2003, publicado no Diário Oficial de 28 de janeiro de 2003, passa a ter a seguinte redação:

"Art. 1º .....
I - .....
II - .....

Parágrafo único - Em caráter excepcional, observado o interesse público, o Governador do Estado poderá autorizar o afastamento e a concessão de horas extras a que se refere os incisos I e II."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 12 dias de maio de 2004.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 13.05.2004

DECRETO nº 1287-R, de 20.02. 04

EXERCÍCIO DE CARGO (AGREGAÇÃO)

Acrescenta o item 4 ao Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III do Art. 91 da Constituição Estadual e de acordo com o § 8º do Art. 75 da Lei nº 3.196, de 09.01.1978, e Considerando que a Constituição Federal, em seu Art. 144, § 8º, previa a criação das Guardas Civis pelo Poder Público Municipal, dentro do capítulo referente à Segurança Pública;

Considerando que a tendência nacional é de que os municípios de grande e médio porte criem as guardas civis, para em conjunto com o Poder Executivo Federal e Estadual colaborar para a redução do índice de criminalidade;

Considerando que, com a vigência do Estatuto do Desarmamento, os agentes municipais poderão trabalhar usando armamento, o que necessariamente obrigará treinamento adequado constante e formação profissional pautada na hierarquia e disciplina;

Considerando que alguns municípios necessitarão de apoio do Governo Estadual, no sentido da cessão de militares para o exercício de cargos e funções de comando, para colocar em funcionamento as guardas civis;

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica acrescentado ao Art. 3º do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, o item 4, com a seguinte redação:

'Art. 3º - (.....)
1) (.....)
2) (.....)
3) (.....)
4) Guardas Municipais."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo os seus efeitos a 20 de dezembro de 2003.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 20 de fevereiro de 2004
PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 26.02.2004

DECRETO nº 556-S, de 25.05.04

Medidas de Contenção de Despesas

Dispõe sobre medidas administrativas no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - Ficam suspensas nos Órgãos da Administração Direta e Autárquica do Poder Executivo, pelo prazo de 120 (cento e vinte) dias:

I - as autorizações para afastamento de servidor público civil e militar para participar de cursos, inclusive de aperfeiçoamento, atualização ou especialização, seminários, certames culturais, técnicos, científicos ou desportivos e outros que gerem despesas para a Administração Pública Estadual;
II – concessões de horas extras.
§ 1º - Em caráter excepcional, observado o interesse público, o Governador do Estado poderá autorizar o afastamento para participação em cursos e a concessão de horas extras a que se referem os incisos I e II;
§ 2º - Fica delegado ao Secretário de Estado do Governo competência, em caráter excepcional, para autorizar os afastamentos dos servidores para a participação em seminários, certames culturais, técnicos, científicos ou desportivos e outros.

Art. 2º - Revogam-se os Decretos n.ºs 250-S, de 27 de janeiro de 2003, publicado no D.O. de 28 de janeiro de 2003; 1611-S, de 04 de agosto de 2003, publicado no D.O de 05 de agosto de 2003; 2399-S de 23 de dezembro de 2003, publicado no D.O de 29 de dezembro de 2003 e 504-S, de 12 de maio de 2004, publicado no D.O de 13 de maio de 2004.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 21 de maio de 2004.
Palácio Anchieta, em Vitória, aos 25 dias de maio de 2004.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O .E. de 26.05.2004

- DECRETO nº 1341-R, de 21.06.2004

Celebração de Contratos

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição legal que lhe confere o artigo 91, inciso III, da Constituição Estadual, visando a assegurar o fiel cumprimento dos princípios constitucionais que regem a administração pública e, em especial, a concretização dos objetivos fundamentais da Constituição Federal e, ainda,
Considerando o artigo 22, inciso XXVII da Lei Maior, segundo o qual é dever da União legislar sobre as normas gerais para licitações e contratações, em todas as modalidades, para as administrações públicas diretas, autárquicas e fundacionais da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, tarefa essa já exercida com a edição da Lei 8.666/93 (e modificações posteriores);
Considerando o artigo 3º, da lei acima mencionada, segundo o qual a licitação destina-se a garantir a observância do princípio constitucional da isonomia e a selecionar a proposta mais vantajosa para a administração;
Considerando que o princípio da isonomia não em simples uniformidade no tratamento, mas pelo tratamento desigual na justa medida das desigualdades, sendo possível, pois, estabelecer distinções desde que estejam a serviço de uma finalidade albergada pela Constituição Federal;
Considerando ser objetivo fundamental da República Federativa do Brasil a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, a erradicação da pobreza e marginalização, bem como a redução das desigualdades sociais e a promoção do bem de todos, nos termos do artigo 3º da Carta Magna;
Considerando que o Programa de Alimentação ao Trabalhador – PAT constitui-se em valioso instrumento da concretização dos objetivos constantes do Artigo 3º da Norma Fundamental,

D E C R E T A:

Art.1º - Deverão ser incluídos os custos unitários, relativos à alimentação dos trabalhadores, no conjunto de fatores indispensáveis à determinação do orçamento das obras civis, ao julgamento das propostas comerciais nas licitações; na celebração e na fiscalização dos contratos, que a Administração Direta e Indireta do Poder Executivo do Estado do Espírito Santo vier a celebrar com empresa de construção civil.

Art. 2º - Visando à uniformização dos critérios de julgamento das propostas comerciais, relativamente à alimentação dos empregados de empresa de construção civil, serão, obrigatoriamente, definidos no instrumento convocatório, dentre parâmetros admitidos pelo Programa de Alimentação do Trabalhador, instituído pela Lei Nacional nº 6.321, de 14 abril de 1976 e regulamentado pelo Decreto nº 5, de 14 de janeiro de 1991, da União:

I – a cobertura entre trabalhadores de renda inferior e superior a cinco salários mínimos;
II – o limite de desconto por participação do trabalhador;
III – o teor calórico das refeições principais (almoço, jantar e ceia) de atividade leve; de atividade pesada; e das refeições menores;
IV – o mínimo percentual proteicocalórico (NdpCal) em todas as refeições.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor quarenta e cinco dias (45) após a data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 21 dias de junho de 2004.
PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 22.06.2004

DECRETO nº 1343-R-R, de 30.06.2004

Dá nova redação ao Parágrafo único, Art. 2º, Anexo I, ao Decreto nº 1226-R, de 10.10.2003.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, item III da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

Art. 1º - O Parágrafo único, Art. 2º, Anexo I, ao Decreto nº 1226-R, de 10.10.2003, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Parágrafo único – O Secretário e Subsecretário da Casa Militar, serão Oficiais Superiores, da Polícia Militar, nomeados por livre escolha do Governador do Estado".

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 18 de junho de 2004.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 30 de junho de 2004.
PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES

Governador do Estado
D.O.E. de 1º.07.2004

DECRETO nº 1.370-R, de 19.08.2004

Acrescenta ao Art. 3º, do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, alterado pelo Decreto nº 1.287-R, de 20.02.2004, o item 5.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso III, Art. 91, da Constituição Estadual, e de acordo com o § 8º, Art. 75, da Lei nº 3.196, de 09.01.1978,
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica acrescentado ao Art. 3º, do Decreto nº 2.145-N, de 24.09.1985, alterado pelo Decreto nº 1.287-R, de 20.02.2004, o item 5, com a seguinte redação:

"Art. 3º (...)
(...)
2) (...)
3) (...)
4) (...)
5) Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Espírito Santo – IPAJM."

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Anchieta, em Vitória, 19 de agosto de 2004.
PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador do Estado
D.O.E. de 20.08.2004

FIM Nº 0000